JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 15 de junho de 1980 — Ano XC — Nº 68 — Preço: Cr$ 15,00

TEMPO

— Nublado, ainda sujeito à instabilidade no período. Temperatura estável. Declinando gradualmente. Ventos Sul fracos a moderados. Máxima de 32,5 em Bangu e mínima de 17,2 em Realengo e Alto da Boa Vista.

O Salvamar informa que o mar está agitado, com águas de Leste para Sul. A temperatura da água é de 21 graus dentro e fora da baía.

* Temperaturas referentes às últimas 24 horas.

(Mapas na página 34)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com dois cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B** e **Cad. de Quadrinhos**, mais **Revista do Domingo.**

PREÇOS, VENDA AVULSA:

Rio de Janeiro
Dias úteis ....Cr$ 15,00
Domingos ....Cr$ 15,00

Minas Gerais
Dias úteis ....Cr$ 15,00
Domingos ....Cr$ 20,00

RS, SC, PR, SP, ES, MS, MT, GO, DF, BA, SE, AL, PE, PB, RN
Dias úteis ....Cr$ 20,00
Domingos ....Cr$ 25,00

Outros Estados e Territórios:
Dias úteis ....Cr$ 25,00
Domingos ....Cr$ 30,00

Barril de óleo pode aumentar só um dólar

O aumento médio do barril de petróleo poderá não ultrapassar um dólar, segundo o representante da Agência Internacional de Energia em Paris, Ulf Lantzke. Ele leva em conta o fato de a Arábia Saudita não se ter comprometido, na conferência que a OPEP encerrou quarta-feira, em Argel, a aumentar de imediato seu preço, que serve de referência para os demais países da Organização.

Segundo o enviado especial do JORNAL DO BRASIL à reunião, William Waack, apesar de a OPEP ter passado o preço mínimo do barril de 28 para 32 dólares, o Ministro saudita do Petróleo, Zaki Yamani, disse que só aumentaria "um dólar ou algo assim", e que, se o acordo for respeitado, "os preços até descerão" (Página 32)

Centralização faz município construir obra desnecessária

O principal meio de transporte do Município de Tapuá (AM) é o fluvial. Porém, como o Prefeito tinha direito a receber recursos do Fundo Rodoviário Nacional e só podia aplicá-los em estradas, construiu uma avenida. No ano seguinte, transformou a avenida num aeroporto — muito mais necessário.

Este é um dos exemplos das distorções e desperdícios provocados pela centralização, que dá aos burocratas de Brasília, administradores de 17 fundos federais, o poder de determinar como cada município deve gastá-los. Como não há prefeito que devolva dinheiro à União e como os recursos dos fundos são vinculados compulsoriamente, Tapuá é apenas um dos 4 mil municípios brasileiros condenados à padronização imposta por Brasília. (Pág. 31)

Líderes do ABC fazem acordo com empresas que demitiram 5 mil

Enquanto estimativas não oficiais revelam que, por causa da greve, cerca de 5 mil metalúrgicos de São Bernardo do Campo e de Santo André foram demitidos "por justa causa", a maioria dos membros da diretoria deposta de São Bernardo fez acordos com suas empresas. Lula, por exemplo, obteve da Villares uma licença remunerada por um ano, pois, segundo a empresa, não há vaga, no momento, para um **contramestre júnior** como ele.

Em geral, os acordos dos ex-diretores prevêem, além de todos os direitos previstos em lei, uma **indenização** de alguns meses de trabalho. Eles explicam que não conseguiriam emprego de metalúrgico na região, como qualquer outro dos 5 mil que constam de uma **lista negra** que a polícia forneceu às empresas. (Página 28)

Célio Borja não admite conceder inviolabilidade

O ex-Presidente da Câmara dos Deputados, Célio Borja (PDS-RJ), disse que o Congresso não pode abrir mão da inviolabilidade, sob pena de se subordinar aos demais Poderes e de ver reduzida sua autoridade. Afirmou ainda que nos Parlamentos "o contraditório é a regra absoluta", e isto faz com que o Legislativo erre menos que o Executivo ou o Judiciário.

Depois de defender a inviolabilidade para opiniões, palavras e votos, Célio Borja rebateu a acusação de que haja um excesso de solidariedade entre os parlamentares. "O Congresso" — disse — "não tem mais **esprit de corps** do que outras instituições. A solidariedade é muito menor do que a que existe entre os sacerdotes, militares, médicos ou advogados." (Página 8)

Empregado lesa Petrobrás 10 anos nos EUA

Durante 10 anos, o encarregado das compras do escritório da Petrobrás em Nova Iorque, Rubens N. de Oliveira, emitiu mensalmente e depositou em sua conta particular cheques da empresa de 1 mil 700 dólares para pagar fornecedores inexistentes. Quando o histórico de sua conta foi apresentado pelo Chemical Bank, verificou-se que a estatal brasileira sofrera um desfalque de 210 mil dólares (Cr$ 10 milhões 500 mil).

Quem descobriu a irregularidade, praticada cerca de 120 meses seguidos num escritório de 33 funcionários, segundo Beatriz Schiller, correspondente do JORNAL DO BRASIL em Nova Iorque, foram dois funcionários recentes no escritório, que começaram a esmiuçar as contas nos mínimos detalhes e viram que havia "uma compra regular de um material muito caro". (Pág. 32)

Foto de Rogério Reis

Voltou o sossego, terminaram os sustos provocados por carros em alta velocidade, agora substituídos principalmente por charretes e cavalos na Estrada União Indústria. Com a inauguração da nova Rio—Juiz de Fora, a maioria das pequenas cidades e vilarejos situados ao longo dos 26km abandonados da União Indústria está alerge. Com exceção de Areal, que vê com pessimismo o futuro: o Município vive da velha estrada, como demonstra a Churrascaria Pampa, que fornecia, em média, 60 refeições por dia e que, no primeiro dia de funcionamento da BR-40, vendeu apenas oito. Acha o gerente da única agência bancária local que "o comércio vai ser atingido e os depósitos bancários vão cair, na primeira semana, 20%". (Pág. 25)

A arma da KGB

Nas mãos da KGB, a desinformação tornou-se uma arma poderosa, garantindo a contribuição dos meios de comunicação do Ocidente em grandes vitórias da União Soviética — esta é a idéia do romance **O Iceberg**, exposta em entrevista com Arnaud de Borchgrave, que divide a autoria com Robert Ross. Num levantamento do **The New York Times**, nos Estados Unidos, cientistas analisam a ciência soviética.

A nucleocracia merece minuciosa crítica em entrevista do físico Rogério Cezar de Cerqueira Leite. O poeta Affonso Romano de Sant'Anna redefine a abertura em termos de criação de um novo espaço. Os economistas Luiz Costa Ribeiro e Antonio Carlos Lemgruber analisam, respectivamente, a questão do preço dos hortigranjeiros no Estado do Rio e os dilemas da política econômica. O jornalista inglês Donald Trelford visita Israel e descobre que não é fácil ser judeu.

Caderno Especial

Foto de Delfim Vieira

As crianças ficaram com os homens, garantindo a participação das mães no Congresso da Mulher (Página 23)

Carter quer Hussein mas rejeita OLP nas conversações de paz

O Presidente Jimmy Carter disse ontem que vai usar todo o seu "poder de persuasão" para convencer o Rei Hussein, da Jordânia, que visitará Washington esta semana, a participar das conversações do Oriente Médio. Carter, entretanto, rejeita a presença da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) no processo de paz, "pelo menos por enquanto".

Falando a jornalistas judeus, na Casa Branca, Carter condenou Israel por sua política de instalação de novas colônias na Cisjordânia: é um "obstáculo à paz". Acrescentou que essa atitude israelense, além de contrariar os acordos de Camp David, "perturba muito os egípcios e outros países que poderiam unir-se a Israel no esforço para alcançar uma paz global". (Página 16)

Afegãos abatem Mig e cercam divisão russa

A maior batalha desde o início da invasão soviética ao Afeganistão ocorreu ontem nas montanhas da Província oriental de Pakhtia, perto da fronteira paquistanesa. Fontes rebeldes indicaram que muitos soldados russos morreram, um Mig foi abatido e vários blindados destruídos, enquanto forças guerrilheiras cercam uma divisão da URSS, com a ajuda de refugiados que voltaram do Paquistão para reforçá-las.

Um funcionário soviético disse a **The New York Times** ter recebido informações sobre a greve na fábrica de automóveis de Togliattigrado e que o movimento foi convocado por lideranças sindicais não oficiais, que, segundo o informante, hoje desfrutam de mais influência em Togliattigrado do que o sindicato oficial. (Página 18)

TV

O telespectador mais exigente e os críticos dizem que as novelas estão em crise. Com o que não concordam os autores, que transformaram seus personagens em garotos-propaganda camuflados e se converteram em subliminares redatores de publicidade. E isso significa faturamento alto, para eles e para a **TV**: os negócios vão de vento em popa.

César Lattes insiste em contestar **Einstein** ("é um débil mental, uma besta"), e o físico **Jayme Tiomno** revela que também contestou a Teoria da Relatividade, até se convencer de que estava errado, e não saiu "às ruas gritando; lugar de se discutir isso é na Academia de Ciência". E as pesquisas de outro cientista brasileiro levam ao descobrimento de uma droga para a cura da hipertensão.

Caderno B

Bairros do Rio

Quem mora há muito tempo no mesmo lugar vê seu bairro com olhos afeiçoados e nele encontra aspectos pessoais que justificam a permanência, através de gerações. Cariocas arraigados — por adoção ou nativos — como Maria Clara Machado, Burle Max e Austregésilo de Athayde exaltam os bairros que escolheram, tão diferentes entre si quanto a cidade e sua gente.

Em artigo enviado duas semanas — e impresso cinco dias — antes da doença e morte do Primeiro-Ministro japonês Masayoshi Ohira, o correspondente Anilde Werneck descreve em Tóquio a recepção com que o Governo celebrou a floração das cerejeiras. Em Inhaúma, uma enorme oficina de artesãos constrói as ilusões do teatro.

Revista do Domingo

Zico volta à Seleção contra URSS renovada

Com Zico de volta, mas dificilmente podendo contar com Zé Sérgio, contundido e dependendo de um teste hoje de manhã, a Seleção Brasileira enfrenta a da União Soviética esta tarde, no Maracanã. Telê envolveu a escalação em mistério até a noite de ontem, confirmando-a apenas às 20 horas, já no Hotel das Paineiras.

A principal novidade está no ataque, com Sócrates na ponta direita, entrando Nunes pelo meio. A equipe: Raul, Nelinho, Amaral, Edinho e Júnior; Batista, Cerezo e Zico; Sócrates, Nunes e Zé Sérgio (Eder). Os soviéticos, com um time renovado, tentarão a façanha de vencer o Brasil pela primeira vez na sua história — empataram uma e perderam quatro. (Páginas 39 e 40)

Coluna do Castello

Civis tidos como presidenciáveis

Brasília — *O núcleo remanescente do processo dito revolucionário, representado pelo aparelho de segurança e a comunidade de informações, parece estar convivendo com a idéia de que o Presidente João Figueiredo encerrará, ao cumprir o seu mandato, o ciclo de Presidentes militares. Isso não importa em resignar ao seu poder de influir na escolha do civil que sucederá, pelo voto indireto, o atual Chefe do Governo. A influência prevalecente, em decisões políticas do regime, tem sido o chamado grupo palaciano, mas deve-se levar em conta que o aparelho e a comunidade estão ali representados nas reuniões diárias de que participam o Chefe do SNI e o chefe do Gabinete Militar.*

O General Medeiros tem sido apontado como um possível candidato, se prevalecesse a tese de reter a Presidência, por mais um período, na posse de militares. Mas o próprio Chefe do SNI tem procurado situar-se politicamente na sua área de convivência com nomes civis que sejam candidatáveis, numa admissão tácita de que ele também aceita a tese do término do ciclo de governantes oriundos das Forças Armadas. Obviamente procura-se alguém que inspire confiança como mantenedor dos princípios que orientaram o processo implantado no país a partir de 1964, mediante novos instrumentos de ação ajustáveis à Constituição e a uma democracia que não abdique da doutrina de segurança nacional.

A colocação é um tanto complexa e contraditória e dificilmente o controle de instituições livres se prolongará no tempo em que desejariam os militares que dominam aquelas corporações, hoje o núcleo militar mais influente do sistema. O desenvolvimento da situação irá depender em grande parte do resultado das eleições de 1982, quando a Oposição elegerá alguns governadores estaduais e aspira a conquistar a Maioria do Congresso. Essa segunda aspiração dificilmente se cumprirá, salvo o malogro total do Governo na luta contra a inflação. Mas semelhante malogro poderia precipitar os acontecimentos e determinar soluções não ortodoxas. Lembra-se apenas que as Forças Armadas dificilmente reivindicariam o retorno à situação anterior, pois o exercício do Poder por 16 anos não as estimularia a retomar uma responsabilidade, já agora desamparada de qualquer tipo de apoio político ou popular.

Segundo fonte palaciana, com um máximo de 10 nomes se esgota no momento a lista de civis presidenciáveis com o endosso do sistema. É natural que cada peça do grupo tenha suas preferências ou suas inclinações e as entidades mais representativas do núcleo militar procuram identificar-se com o Ministro da Justiça, Sr Ibrahim Abi-Ackel, cujo nome começa a ser citado, em substituição ao do Sr Petrônio Portella, naquelas áreas. Ele estaria crescendo rapidamente. No grupo palaciano, conquistou bom conceito mas não há preferência nítida por qualquer dos candidatos que vêm sendo mencionados. De qualquer forma põe-se o Ministro no nível de possibilidades do Sr Delfim Neto ou do Governador Marco Maciel.

Num processo de democratização o eventual candidato civil, mantido o controle do Congresso pelo Governo, não poderá deixar de ter compromisso bastante nítido com a implantação do regime de liberdades públicas. Por isso mesmo os possíveis candidatos estarão atentos à conveniência de se comportarem como agentes da normalização institucional. Nenhum candidato poderá afirmar-se se se submeter a influências hostis à abertura. Certamente os que se inclinam pelo nome do Sr Abi-Ackel não quererão comprometê-lo com política de controles antidemocráticos nem o Ministro, pela sua formação e sua experiência, se deixaria envolver em função de ambições apenas entrevistas. Suas possíveis bases de apoio estão comprometidas com o juramento do General Figueiredo e se dispõem a oportunamente evacuar o Poder que exercem longamente.

Desarmamento

É possível que o Deputado Francisco Pinto não chegue a ser denunciado pelo Procurador-Geral da República e, se o for, que o Supremo recuse a denúncia. O delito que lhe atribuem não está caracterizado e o processo contra ele funcionaria como resposta radicalizante. Quanto ao Deputado João Cunha, em círculos governamentais já se admite conformidade com uma decisão do Supremo que venha a absolvê-lo. O processo contra o Deputado Getúlio Dias, pendente de licença da Câmara, não prosperará.

Roberto Campos

O Embaixador Roberto Campos, findas suas férias, voltará a Londres, onde permanecerá por mais um ano. Antes de viajar, todavia, pretende definir os compromissos de apoio a sua candidatura ao Senado pelo Estado de Mato Grosso. Ele conta com o apoio dos ex-Governadores Correia da Costa e Fragelli. Este último, embora tenha ficado no Mato Grosso do Sul, exerce influência no Norte. Outros políticos do Sul, com prestígio remanescente no Norte, dispõem-se a ajudá-lo.

Sua candidatura não deverá ser a única, pois o ex-Governador Garcia dispõe-se a levar o PP a ter candidato próprio. O Embaixador tentará eliminar essa e outras resistências, pois está convencido de que sua presença no Senado lhe dará um novo ângulo de visão dos problemas, ampliando seu approach *exclusivamente técnico da realidade nacional.*

O Governo estimula o Sr Roberto Campos a candidatar-se, pois ele seria no Senado a voz que falta ao PDS para sustentar o debate econômico-financeiro.

Carlos Castello Branco

Figueiredo encontra líder do PMDB em jantar mas só falam sobre o churrasco

Brasília — O Presidente João Figueiredo manteve um rápido diálogo com o Senador Paulo Brossard (PMDB-RS), durante jantar beneficente realizado no Clube do Exército e coordenado pela barraca do Rio Grande do Sul, na noite da última sexta-feira.

— Veio conferir se a carne é boa — indagou o Presidente Figueiredo ao avistar o Senador oposicionista.

— Se a carne for boa é porque veio de Bagé. Se não for de qualidade deve ter vindo de Santa Maria que é a terra do Marchezan — respondeu o Sr Brossard.

SEM CONVERSAS

O jantar foi organizado pelo líder do Governo na Câmara, Deputado Nelson Marchezan, e contou com a presença de parlamentares do PMDB e do PDS que formam a bancada federal do Rio Grande do Sul. Ao contrário do esperado, não houve as chamadas conversas de "pé de ouvido" entre o Presidente Figueiredo e alguns membros da Oposição que ali compareceram, entre eles os Deputados Aldo Fagundes, Odacyr Klein e Jorge Ueked.

Em uma mesa separada ficou o Presidente Figueiredo e dona Dulce, tendo ao lado o Governador do Distrito Federal, Aimé Lamaison e mulher, o Deputado Nelson Marchezan e D Maria Helena e o Governador do Rio Grande do Sul, Sr Amaral de Souza.

Causou profunda impressão no Presidente Figueiredo o show apresentado pelo repentista gaúcho Jaime Caetano Braun, ex-Deputado estadual pelo PTB. De improviso, ele contou a história do soldado que serviu com Osório e Caxias e conseguiu sobreviver para lutar na Segunda Guerra Mundial e depois participar da Revolução de 1964.

Terminado o espetáculo, o Presidente Figueiredo fez questão de subir ao palco e apertar a mão de Jaime Braun. Em seguida, após ouvir um número de tango, o Presidente da República se retirou em companhia do Deputado Marchezan e do Governador Aimé Lamaison.

Mariz diz que Marchezan blefa ou é ingênuo

Proposta parlamentar agradou o Governo

Caiu do céu, para o líder do Governo na Câmara, Deputado Nélson Marchezan, a proposta de três deputados, apresentada na última reunião da bancada do PDS, para que a nova reunião da bancada governista seja realizada até o final do mês, quando será tomada uma posição definitiva — com força de fechamento de questão — sobre o destino das eleições municipais.

Os Deputados Carlos Alberto Chiarelli (RS), Júlio Campos (MT) e Adhemar de Barros Filho (SP), autores do requerimento, tinham um objetivo definido ao propor que o assunto fosse decidido através de votação secreta: impor ao Governo um confronto com sua bancada que, votando secretamente, fatalmente condenaria a prorrogação.

VIRADA DE POSIÇÃO

Ocorreu, porém, que o Deputado Nélson Marchezan tinha conhecimento da atitude que os seus três liderados tomariam na reunião e habilmente indicou parlamentares de sua confiança, como o Deputado Divaldo Suruagy (AL) para conduzirem o assunto, durante a sua discussão, ao ponto desejado, ou seja, a favor da realização da reunião, mas a que a decisão final sobre a prorrogação fosse tomada através de votação a descoberto. A proposta, com esta **pequena** alteração, foi aprovada por unanimidade.

Isso significou, para o líder, que ele não precisará de nenhum esforço para dobrar a bancada e fazê-la, em peso, adotar a tese da prorrogação, retirando — pela característica de fechamento de questão que a decisão acarretará — os entraves que ainda existiam a uma votação coesa do Partido oficial.

O maior foco de restrições à prorrogação encontra-se na bancada do PDS na Câmara, já que a do Senado está devidamente pacificada e a apóia integralmente. Mas existem dificuldades que só ficarão definitivamente superadas após a decisão a ser tomada na reunião da bancada, marcada para o final do mês.

Até então, como prevê, por exemplo, o Deputado Luiz Vasconcelos (PDS-MG), vários colegas da bancada governista devem-se ausentar da votação da Emenda Anísio de Souza, por não concordarem com a prorrogação. Ele próprio tem dificuldades para votar contra ou a favor da emenda prorrogacionista, porque é sobrinho do Prefeito de Boa Esperança, Sr Laércio Freire (irmão do ex-Deputado Geraldo Freire, ex-líder do Governo na Câmara).

Mas se uma decisão formal for tomada na reunião da bancada, cria-se um argumento de respaldo ao voto a favor: o fechamento da questão.

COINCIDÊNCIA

Apesar dessa onda de boas expectativas que o líder do Governo teve após a reunião do dia 4, ainda lhe falta realizar gestões capazes de dissuadir um grupo grande de sua bancada, disposto a defender a incoincidência das eleições. E esse é assunto tão delicado que ele prefere não comentar abertamente, pois sabe que existem, enquistados no seu próprio colégio de vice-líderes — o Sr Bonifácio de Andrada (MG), por exemplo — os que pretendem manter não coincidentes os mandatos.

Além da idéia de prorrogação por apenas um ano, levantada pelo Sr Bonifácio de Andrada, com resguardo na própria Oposição, representada pelo Deputado Renato Azeredo (PP-MG), outras idéias já surgem em torno do assunto, o que talvez force o líder a antecipar a reunião que definirá os rumos do Partido quanto à prorrogação, como a do Deputado Carlos Alberto Chiarelli. Ele acha que "seria muito interessante que a bancada deliberasse aproveitar os prazos e o curso da emenda Anísio de Souza e a ela agregasse uma subemenda, viabilizando eleições em junho, por exemplo, de 1981, com mandato de três anos, o que significaria uma fórmula intermediária que ensejaria o final da coincidência. Daí em diante teríamos, em 1982, eleições para governadores, e em 1984 a nova eleição municipal, naturalmente já com mandato de quatro anos".

Brasília — "O Marchezan ou está blefando ou dando provas de ingenuidade" — reagiu o 1º vice-líder do PP na Câmara, Deputado Antônio Mariz (PB), à informação de que o líder do Governo está contando com votos oposicionistas para conseguir a aprovação da emenda constitucional prorrogando os mandatos dos atuais prefeitos e vereadores.

Ele lembrou que é da tradição parlamentar a Oposição agir coesa, mesmo com muitos de seus representantes possuindo pontos divergentes da orientação oficial, pois qualquer dissidência "logo levanta suspeição de que teria havido interesses inconfessáveis". Já no Governo — frisou — sempre há cisões e nunca suspeição.

Sem condições

O Sr Antônio Mariz está convencido de que o PDS não terá condições de aprovar a Emenda Anísio de Souza. O vice-líder do PP lembrou que o seu Partido, o PMDB, o PT e o PDT já firmaram posição contra a prorrogação dos mandatos municipais — "o que reflete o espírito democrático da opinião pública".

— E se não for aprovada a Emenda Anísio de Souza, o que acontecerá?

— Vai acontecer simplesmente que o PDS terá de negociar com os Partidos oposicionistas outra data para o pleito, que não implique prorrogar mandatos. Entendemos que só pode haver "acordo" depois de inviabilizada a emenda prorrogacionista.

— E o risco da intervenção nos municípios e recesso das Câmaras de Vereadores?

— Não existe o dilema colocado pelo Ministro da Justiça, de prorrogação ou intervenção. Há a opção entre eleição e prorrogação e o PP, a exemplo dos demais Partidos de Oposição, luta pelo que é democrático — a realização do pleito, combatendo a prorrogação.

Na opinião do Sr Antonio Mariz, confirmada a inviabilidade da prorrogação, com a rejeição da Emenda Anísio de Souza, ou sua não votação, os Partidos teriam de chegar a uma fórmula "democrática", de acordo com as aspirações da opinião pública. Ele defende o adiamento do pleito para janeiro de 1981 — antes, portanto, do término dos atuais mandatos, para que não haja prorrogação de um dia sequer.

Sublegenda

O vice-líder do PP reafirmou que o seu Partido não concorda com a adoção de sublegenda em qualquer nível, "pois é um elemento desagregador, atuando contra a coesão partidária".

— O PP vai combater o voto distrital?

— Evidentemente. O PP é um Partido democrático, aberto e não tem na sua bandeira de lutas nenhuma discriminação ideológica nos demais segmentos. O distrito eleitoral é arma do conservadorismo. O voto distrital é conservador e uma arma contra todas as minorias, ideológicas ou não. Os porta-vozes do Governo já não escondem mais suas intenções: querem o distrital para impedir a eleição de representantes das minorias e ampliar a representação conservadora.

O Sr Antonio Mariz, por outro lado, contesta as opiniões de líderes partidários, que consideram o Partido Popular inviável. "O nosso Partido é prefeitamente viável e já está organizado em quase todos os Estados. O PP e os demais Partidos só se consolidarão, entretanto, com as eleições de 1982.

— Serão diretas as eleições de governadores em 82?

— Sem dúvida nenhuma. Esta é a reivindicação nacional e as oposições consideram impossível que isso não ocorra — concluiu o vice-líder do PP.

Líder do PMDB ironiza o do PDS

"O líder Marchezan, como sempre, está falando demais e brincando" — comentou ontem o líder do PMDB no Senado, Paulo Brossard, ao negar crédito às declarações do Deputado governista, de que contará com votos de parlamentares da Oposição para aprovar a proposta de emenda constitucional do Deputado Anísio de Souza, prorrogando os mandatos dos atuais prefeitos e vereadores.

O Senador Paulo Brossard disse não acreditar na previsão do líder do PDS. "Não é agora que o Marchezan diz isso. Já faz dias que sua previsão inclui votos de deputados oposicionistas. Ele só pode estar brincando" — frisou.

Para o líder do PMDB no Senado, além do fato de o Governo sempre conseguir bons resultados eleitorais nos municípios, a realização do pleito neste ano "seria também uma espécie de terapia, diante de tudo isso que está aí".

Francelino não crê em reforma já

Belo Horizonte — O Governador de Minas, Sr Francelino Pereira, disse, ontem, acreditar que uma reforma constitucional mais ampla só será possível depois de 1982, quando forem eleitos parlamentares representando os novos Partidos em formação, que "expressarão de maneira mais nítida o pensamento político da nação."

Embora reconheça que o Governo federal vem adotando uma série de medidas para conter a inflação, o Governador mineiro acha que medidas mais enérgicas devem ser tomadas e que "toda a sociedade deve participar desta luta pelo sacrifício e pelo trabalho". Descartou a possibilidade de um retrocesso político por causa da crise econômica.

POLÍTICA E ECONOMIA

Reconheceu que o país necessita de instituições estáveis e, por isso, "os Partidos políticos têm um papel fundamental a exercer que é exatamente o de, através de seus representantes no Congresso Nacional, dotar o país de uma Constituição que seja a expressão verdadeira da vontade nacional."

O Governador entende que, antes do pleno funcionamento dos novos Partidos e da realização de novas eleições parlamentares, será difícil promover uma reformulação mais ampla da Constituição brasileira. "Acho, porém, que a nossa Carta vem sendo objeto de emendas e alterações pelo Congresso Nacional e vem sendo aperfeiçoada gradativamente."

Segundo ele, não há o menor risco de um retrocesso político por causa do aumento acelerado da inflação, lembrando os compromissos do Presidente Figueiredo, várias vezes reiterados, de fazer deste país uma democracia.

"Quero ressaltar que a conjuntura econômica que estamos vivendo não prejudicará a evolução política e social do país. Somos uma nação amadurecida que não permite qualquer solução que importe em ruptura do processo de redemocratização."

Para o Governador Francelino Pereira, as medidas tomadas pelo Governo para o combate à inflação surtirão efeito no segundo semestre, mas devem ser apoiadas por toda a sociedade.

"É necessário que toda a sociedade se convença de que não podemos viver num regime de inflação, como ocorre no momento. Todos devem somar esforços. É importante que todos economizem, que não haja desperdícios e nem grandes investimentos em bens supérfluos."

Salvador/Foto de Gildo Lima

Ulysses reafirmou que a Constituinte é a única saída para a crise

PMDB reúne 2 mil na Bahia e acaba comício com forró

Terminou em animado forró com músicas de Dominguinhos, na madrugada de ontem, o comício que o PMDB realizou sexta-feira à noite, no Largo do Campo Grande, no Centro da Capital baiana, para lançamento do Partido no Estado. Compareceram duas mil pessoas, que aplaudiram os discursos dos líderes oposicionistas, tendo à frente o Deputado Ulysses Guimarães.

O Deputado Francisco Pinto foi um dos presentes, motivando o líder do Partido na Câmara, Deputado Freitas Nobre, a criticar os processos movidos atualmente contra oposicionistas. "O respeito à palavra e ao voto de um parlamento é o primeiro ponto de um Parlamento democrático", disse ele.

Ironias

O comício começou pouco depois das 20h com pronunciamentos de representantes dos setores trabalhista, estudantil e feminino do Partido, mas, até então, menos de 1 mil pessoas estavam na praça. Continuou com discursos de vereadores e deputados, acompanhados com certo enfado e somente começou a movimentar a platéia quando um dos locutores anunciou a chegada do ex-Governador Miguel Arraes ao palanque improvisado em um caminhão.

A partir daí, com discursos do Deputado Domingos Leonelli, onde chamou, em meio a gritos de "abaixo a ditadura" o General Golbery de "traidor da pátria", a assistência começou a animar-se e ensaiar coros, aumentando ainda mais quando o Deputado Francisco Pinto recomendou ao Ministro da Saúde que, ao invés de vacinação anti-pólio, fizesse uma campanha contra a raiva, "muito menos onerosa e mais modesta" e onde, "bastaria vacinar seus próprios colegas de Ministério".

Com o Deputado Chico Pinto, começou também no comício discursos com um estilo mesclado de palavras violentas com certa dose de humor. O parlamentar baiano conseguiu arrancar muitos risos quando, ao falar de crises e erros gerais no país, parou e ratificou em tom irônico: "Eu disse crises gerais e erros gerais, olhem bem, e não erro de generais".

Depois do Sr Francisco Pinto falou o líder do PMDB na Câmara Federal, Deputado Freitas Nobre, que, embora usasse linguagem mais discreta, foi também muito aplaudido. Logo depois entrou o presidente da comissão provisória regional, Deputado Elquisson Soares que foi delirantemente aplaudido durante todo o pronunciamento, devido as denúncias que fez contra o Governador Antonio Carlos Magalhães.

Denúncias

Ao acusar o Governador de colocar sua família diante da riqueza da Bahia para dela usufruir, afirmou o Deputado Elquisson Soares que o chefe do Executivo montou a empresa O.A.S "para assumir o comando da construção civil no Estado e monopolizar esse canal da riqueza". Disse o parlamentar que a empresa pertence a um genro do Governador e que a essa altura não sabe se pertence apenas ao genro, "porque ele não colocaria apenas na mão do genro toda essa força econômica."

"É eu creio que ele também está nessa tal de O.A.S., porque está em todas as negociatas do Estado", acrescentou o parlamentar. Segundo o Sr Elquisson Soares, por coincidência ou não, quando o Sr Antonio Carlos Magalhães voltou ao Governo da Bahia prometeu que "quebraria o monopólio de fornecimento de alimentos" no Estado, em poder da rede de supermercado Paes Mendonça, de propriedade do Sr Mamede Paes Mendonça, presidente da associação baiana e sergipana de supermercados.

"Sabe-se que o Sr Mamede Paes Mendonça para não perder o controle, deu uma alta soma, e é preciso saber a quem deu e quanto deu, porque o monopólio permanece", acentuou o parlamentar, acrescentando que "o controle da distribuição de alimentos na Bahia não estaria nas mãos de Paes Mendonça se tivesse havido um entendimento sério, ou melhor se não tivesse havido entendimento sério entre o senhor Antonio Carlos Magalhães e o dono da rede de supermercados."

Multinacionais

Seguiu-se o Senador Pedro Simon, que disse que o PMDB continua a caminhada do MDB "não em torno de nomes, mas de idéias". Logo depois veio o Senador Teotonio Vilela, que manteve o estilo irônico, lembrando uma conversa entre ele e o Senador Jarbas Passarinho sobre a Coca-Cola que arrancou muitos aplausos e risos e, também, não se importou e até agradeceu ao encarregado do som, quando este, distraidamente, deixou uma fita de um forró de Dominguinhos interromper o seu pronunciamento.

Por fim falaram o ex-Governador Miguel Arraes e o presidente do Partido, Ulisses Guimarães. O primeiro foi aplaudido de pé quando chegou até o microfone e teve de esperar alguns minutos para iniciar seu discurso, quase todo voltado, para críticas contra a penetração das multinacionais no país.

Ele lembrou que esteve na Bahia pela última vez há 17 anos para participar das comemorações pela passagem do décimo aniversário da instituição do monopólio estatal do petróleo e destacou que "a Petrobrás, conquista de uma grande campanha nacional, está sendo liquidada aos poucos com o estabelecimento dos contratos de risco e com cerco das multinacionais que controlam a petroquímica".

Em seguida foi apresentado o presidente do PMDB, Deputado Ulisses Guimarães, que criticou o "modelo econômico cruel e perverso que aí está". Disse que só a Constituinte representa a saída para a crise.

Baianos continuam unidos

Salvador — Em nota distribuída no início da noite de ontem, ao final de 10 horas de "exaustiva discussão", os trabalhista da Bahia que seguiam a orientação do Sr Leonel Brizola decidiram manter a unidade do grupo, mas ao mesmo tempo formar uma comissão "com o objetivo de levar às direções nacionais a idéia de criação de uma comissão interpartidária que viabilize o processo de unificação das forças políticas de Oposição" numa só agremiação.

Segundo a nota, este será o caminho capaz de conduzir "o sistema autoritário, ora no Poder, a realizar verdadeira abertura democrática sem casuísmos, nem golpes que assegurem sua permanência no Poder. E, de outro lado, garantir a participação do povo nos órgãos do Estado e na formação das decisões nacionais".

DESDOBRAMENTO

A comissão escolhida na reunião dirigida pelo presidente da comissão provisória, ex-Senador Josafá Marinho, será formada pelo Consultor Geral da República no Governo Goulart, Sr Waldir Pires, pelo economista Rômulo Almeida, pelos Deputados federais Marcelo Cordeiro e Jorge Viana e pelo Deputado Estadual Gutemberg Amazonas.

A nota informa ainda que todos os componentes do grupo firmaram um compromisso de "aguardar unitariamente, até o fim do recesso parlamentar de julho", o que ficar definido, sem tomar decisões políticas pessoais, nem de grupos isolados. Ao final desse prazo voltarão a reunir-se para examinar os efeitos de suas gestões e definir o caminho a seguir.

Ficou também definido na reunião, que a criação de uma comissão, formada pelos ex-Deputados Fernando Santana e Filemon Matos, pelo Vereador Murilo Leite e pelo economista Magno Burgos para redigir um documento fundamentado, "que explique a todos os companheiros os motivos essenciais das decisões tomadas".

TAMBÉM IVETE

Embora não tenha ficado definido na nota quais os Partidos que seriam procurados para contatos pelo grupo baiano, o Sr Waldir Pires esclareceu que "todas as forças políticas que se considerarem de oposição, serão procuradas", inclusive também o PTB da Sra Ivete Vargas, "se ela também se considerar de oposição".

O Sr Waldir Pires disse ter sido a reunião realizada em clima de "absoluta cordialidade" e que, embora houvesse questões discordantes no início quanto a que Partido ir ou se ficavam no PDT, tudo ficou resolvido e houve unanimidade, quando surgiu a proposta de se permanecer unido, mas tentar a fusão das oposições.

O Sr Waldir Pires informou ainda que não existem definições quanto a dia e hora de serem iniciados os contatos, mas, reafirmando as justificativas da nota, disse que essa decisão, diante das "ameaças que representam o voto distrital, o voto vinculado e as sublegendas", é a única forma de se impedir "a mexicanização do poder no Brasil".

Stábile acha que impasse foi superado

Belo Horizonte — O Ministro da Agricultura, Amaury Stábile, afirmou ontem que a demissão do diretor de Reflorestamento do IBDF, Nelson Barbosa Leite, foi a melhor solução para o impasse criado.

Ressalvou que a exoneração do diretor do IBDF, que se recusou a receber o Deputado Jorge Arbarge (PDS-PA), não significa que todo o pedido a ser feito ao órgão por parlamentares implique atendimento". A atenção precisa, entretanto, ser dada, e essa é a instrução que todos do Ministério e de outros recebem".

MAL-ENTENDIDO

O Sr Amaury Stabile insistiu, que tudo não passou de um mal-entendido entre o Deputado Jorge Arbage e o ex-diretor do IBDF, e que o líder do Governo, deputado Nelson Marchezan, tentou também contornar o impasse.

O Ministro da Agricultura não quis anunciar o nome do novo diretor de reflorestamento do IBDF. Adiantou apenas que estão sendo estudados vários nomes, podendo a solução sair dos próprios quadros do órgão. O Sr Amaury Stabile visitou a 11ª Exposição Estadual de Pecuária de Minas Gerais, realizada no Parque Bolívar Andrade, ex-Parque da Gameleira.

Também presente à exposição, o presidente do IBDF, Mauro Reis, disse que a demissão do diretor de reflorestamento deve ser entendida como um fato normal dentro do processo de abertura política e ressaltou: "O Governo perdeu um técnico que não era político. Mas foi um ato de rotina ao qual estão sujeitos todos os que exercem cargos de confiança."

Senador pede mais união

Recife — O Senador Aderbal Jurema (PDS-PE) pediu ontem que os políticos e técnicos "acabem com essa história de um combater o outro", e procurem, juntos, tentar resolver os problemas do povo brasileiro, como a fome e o desemprego, "ao invés de ficarem discutindo assuntos secundários, como a manutenção ou não da sublegenda".

O parlamentar — que é o relator da proposta de emenda do Senador Afonso Camargo (PP-PR), que extingue a sublegenda — preferiu não voltar a falar sobre o assunto, "pois o que precisamos dizer é que não nos interessa o machismo governamental nem o histerismo oposicionista. Precisamos reunir técnicos e políticos, sentados em torno de uma mesma mesa, e sem preocupação com os Partidos, tentarmos exigir e descobrir soluções para o povo brasileiro".

CAMÕES E POVO

Ele lembrou uma frase do poeta português Luís de Camões: "O poder mais alto se alevanta, que é o do povo", e disse que essas iniciativas atualmente em tramitação no Congresso Nacional deveriam ficar para depois:

— Ainda faltam dois anos para termos eleições, e não acredito que elas se processem este ano, pois nenhum Partido está se esforçando para se organizar com rapidez. Ao contrário, ficam no Congresso discutindo o sexo dos anjos, perdendo tempo em saber se se prorrogam mandatos ou não.

Para o Senador Aderbal Jurema, essas discussões são necessárias, "mas não agora, pois o que é muito mais necessário é conter a inflação, debelar a fome e garantir empregos, pois a universidade — pelos contatos que tenho mantido com os meus alunos — está transformada numa grande fábrica de desempregados".

Goiâno divide oposições

Goiânia — O reingresso do Senador Henrique Santillo (PT) no PMDB está dividindo a Oposição em Goiás, sobretudo depois de sua declaração de que "o PMDB de Goiás é o pior do país e está cheio de donos". Até o momento ele não se decidiu a deixar o PT embora seu irmão tenha declarado que voltará ao PMDB por pressão de suas bases no interior do Estado.

O ex-Governador Mauro Borges, presidente da comissão provisória do PMDB, e o ex-prefeito de Goiânia, Íris Resende Machado, candidato ao Governo em 1982, têm evitado comentar publicamente as atitudes do Senador Henrique Santillo.

Montoro critica exclusão do PT no diálogo de empresários e Congresso

São Paulo — "Os empresários estão adotando uma posição marxista, demostrando que não acreditam na solidariedade e sim na luta de classes. Ao assumirem essa postura, eles evidenciam que os trabalhadores são mais cristãos que os empresários", declarou ontem o Senador Franco Montoro (PMDB-SP), ao criticar os empresários paulistas que, dispostos a formar um **lobby** no Congresso Nacional, não manifestaram a disposição de procurar o PT.

Mesmo assim, o Senador elogiou o propósito dos empresários, de constituírem o **lobby** junto aos Partidos políticos no Congresso, para participarem do processo de elaboração de leis e destacou que "o grande mal que ocorre na área de decisões é justamente a falta de participação da sociedade civil".

O Sr Franco Montoro entende que o **lobby** dos empresários" é até necessário dentro do quadro geral de reivindicações exigidas pela sociedade brasileira" e disse acreditar que "o Governo aceitará de bom grado a participação deles no processo legislativo, porque a forma moderna de democracia chama-se participação".

PDT faz reunião em Recife

Recife — Apesar de ter sido anunciado, o Deputado Getúlio Dias (PDT-RS) — que está ameaçado de sofrer processo, sob acusação de ter dirigido ofensas ao TSE — não participará do primeiro encontro estadual do Partido Democrático Trabalhista, que tem início na manhã de hoje, nesta Capital.

A reunião deverá durar 10 horas, com conferências e debates sucessivos, e será na Assembléia Legislativa, tendo como temas principais a serem discutidos, a Constituinte, a formação do PDT, o problema das multinacionais na economia brasileira, a inflação, a descapitalização dos municípios, e ainda as dificuldades sofridas pelas minorias.

O Deputado Alceu Collares (PDT-RS) confirmou ontem a sua presença no encontro, que contará com a participação também do ex-Deputado Francisco Julião e do ex-Ministro Osvaldo Lima Filho. O presidente da Comissão Executiva Regional Provisória do PDT, Deputado Sergio Murilo Santa Cruz, espera que compareça a maioria dos 150 vereadores, que segundo ele, já estão na agremiação trabalhista.

Informe JB

Direitos

Não há notícia de repulsa tão grande, por parte dos autores, a projeto do Governo sobre direitos autorais, como a que está provocando o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, o ECAD, do Conselho Nacional de Direito Autoral. Dramaturgos e comediógrafos de todos os estilos literários e tendências políticas declaram-se plenamente satisfeitos com a SBAT, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Garantem que não precisam do Estado, com poderosos e caríssimos tentáculos, para proteção dos seus direitos.

▪ ▪ ▪

Em futebol o bom senso aconselha não mudar time que está ganhando. Não há sentido, portanto, em modificar esquema que, segundo depoimento de autores, arrecada corretamente. Também não faz sentido a estatização de setor onde a iniciativa particular provou funcionar bem. Mesmo que não funcionasse, não há sentido em estatizar. A não ser que a política do Governo seja estatizante. Também não há sentido em burocratizar algo que funciona com simplicidade. A não ser que a política do Governo seja burocratizante. E o Dr Hélio Beltrão garante exatamente o contrário.

▪ ▪ ▪

O Conselho Nacional do Direito Autoral está dispensado de velar pelo direito autoral dos autores teatrais do país. Há decênios que eles mesmo cuidam dos seus interesses, e vão bem, obrigado.

Roga-se também, ao CNDA, que se retire de cima das obras que estão em domínio público. Elas fazem parte do patrimônio universal, a grande herança de todos, e de cada ser humano, legada pelos maiores.

E não será o CNDA que conseguirá transformar a máquina burocrática de Brasília em pensionista dos imortais de todos os tempos.

Esporte

Há um novo esporte em Brasília: o da caça aos tecnocratas.

Secretário

Na agenda do Sr Carlos Alberto de Andrade Pinto consta longo almoço, na quinta-feira da semana passada, com o Ministro Delfim Neto, no restaurante Ca-'Doro, em São Paulo.

Na tarde do mesmo dia, ele voou para o Rio e fez visita de cortesia ao Governador Chagas Freitas.

▪ ▪ ▪

Perguntado se seria o novo Secretário de Indústria, Comércio e Turismo do Estado do Rio, em substituição ao Sr Julio Coutinho, respondeu:

— Não sei de nada. Só quem sabe é o Governador do meu Estado, o Dr Chagas Freitas.

Co-gestão

Até o fim do mês estará pronto o esquema de co-gestão dos hospitais do Ministério da Saúde, com o Ministério da Previdência Social. O sistema será inicialmente na área de saúde mental e câncer.

Centros médicos, como o Hospital Psiquiátrico Pedro II, Pinel e Juliano Moreira, passarão a ter direção colegiada, com a participação de médicos previdenciários, o que permitirá o aproveitamento de leitos para a internação de segurados do INAMPS.

O Srs Waldyr Arcoverde e Jair Soares julgam que assim poderão resolver problemas de atendimento, na Previdência Social, e economia, no Ministério da Saúde.

"No *show*"

O Congresso Estadual do Arroz, que teve início na quinta-feira, em Bagé, no Rio Grande do Sul, deveria ser inaugurado pelo Sr Carlos Viacava, Secretário-Geral da Secretaria Especial de Abastecimento e Preços. Ele não apareceu nem mandou representante. A primeira palestra seria do Sr Francisco Vilela, diretor-executivo da Comissão de Financiamento da Produção, o qual anunciou que não viria, e não foi. No encerramento do Congresso esperava-se a presença do Ministro Amaury Stábile, mas o Ministro não pôde comparecer.

Em Novo Hamburgo, A Fenac, tradicional feira de calçados gaúcha, deveria ser inaugurada pelo Ministro Camilo Penna, mas o Ministro não apareceu.

▪ ▪ ▪

O Rio Grande do Sul começa a ficar ofendido com o Governo federal.

Plano

Cérebro fértil de idéias, vocação frustrada de romancista, imaginou enredo de ficção em que a CIA organiza plano a médio prazo para desestabilizar país de futuro, com 120 milhões de habitantes. Com o pretexto de acabar com excedentes dos exames vestibulares às escolas superiores, promove-se a abertura de inúmeras universidades. Só que nelas não se ensina nada: professores malpagos e alunos indiferentes passam os dias em greves, passeatas e muita conversa.

No fim de 10 anos o país se transforma em nação de universitários analfabetos, reivindicando empregos para os quais não têm qualificação. O plano atingiu seu objetivo: trata-se de um país desestabilizado.

▪ ▪ ▪

Como ficção pode ser interessante. Mas só grande dose de incompetência coletiva poderia aproximá-la da realidade.

Mudança

A greve de operários na indústria automobilística da União Soviética aconteceu exatamente em Togliattigrado.

Influência do eurocomunismo?

Perda

O artista José Alberto Nemar pinta em cores sombrias o futuro de Ouro Preto, como conjunto arquitetônico barroco e monumento mundial *tombado* pela UNESCO, caso não sejam adotadas providências práticas e definitivas para deter o processo de descaracterização arquitetônica de cidade, submetida a avassaladora pressão de crescimento demográfico.

Diz o pintor mineiro que a cidade está se transformando em caricatura de si mesma. Com isso, exprime o desencanto com que todos os que amam Ouro Preto vêem seus casarões coloniais substituídos, aos poucos, por grotescas construções de concreto e tijolos cerâmicos, um *colonioso* de mau gosto flagrante, até mesmo para cidades modernas.

▪ ▪ ▪

Triste exemplo de irremediável decomposição da antiga Vila Rica é o importante conjunto da Rua São José: com a demolição de sete belíssimo casarões, perdeu para sempre a famosa plasticidade do seu lado avesso, visto do mirante da Ponte dos Contos. Esse trecho, eleito como tema de centenas de pintores de variadas épocas e tendências, transformou-se em amontoado de construções desorganizadas e feias, todas de concreto, plenas de basculantes e inoportunos janelões.

São a autêntica caricatura de país que vai perdendo a sua memória e, o que é pior, a própria identidade.

Esquema

Se sobreviver até 1982, o PDT espera fazer pelo menos 35 deputados federais, com bancadas maiores no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro.

O Sr Leonel Brizola está inclinado a candidatar-se à Câmara pelo Rio de Janeiro, apoiando o candidato do PMDB ao Governo do Estado.

Na mira

O Deputado João Carlos de Carli afirma que o tecnocrata mais próximo da linha de tiro da bateria pedessista é o Sr Hugo de Almeida, presidente do IAA.

O Deputado João Carlos de Carli é filho do ex-Deputado Gileno de Carli, que foi presidente do IAA no Governo Kubitschek.

Doença

A Secretaria de Saúde do Estado do Rio enviou para Niterói 42 mil 500 vacinas contra a pólio, para atender todas as crianças de até cinco anos da cidade.

O cálculo estava errado. A Prefeitura deveria ter atualizado o número fornecido pelo IBGE, mas não o fez.

Ao meio-dia de ontem as 42 mil 500 vacinas haviam sido aplicadas, mas restavam crianças não vacinadas nas escolas.

Niterói pediu mais; a Secretaria de Saúde, no Rio, alegou que não dispunha de vacinas. Depois de alguma discussão concordou em mandar mais 16 mil, que terminaram às 14h.

Foi necessária a intervenção do Ministério da Saúde para a remessa de mais 16 mil 500, indispensáveis para que todas as crianças de Niterói fossem vacinadas.

▪ ▪ ▪

Quando se trata de defender a saúde das crianças, os políticos deveriam tomar uma vacina contra o vírus que não os deixa defender o interesse público.

Lance-livre

● Quando o Papa João Paulo II passar por Fortaleza receberá das mãos de vaqueiro um chapéu de couro com as armas do Vaticano. Os cantadores populares lhe oferecerão pequena viola; dos jangadeiros, receberá a maquete de uma jangada, ao som de baiões compostos por Luiz Gonzaga.

● **Como resultado de seus passeios pelo Centro da cidade, o Prefeito Julio Coutinho estará amanhã, às 20h, na Avenida Rio Branco para dar início a grande operação de limpeza da zona central, da qual participam 180 garis.**

● Somente a partir de julho que a Fiat lançará no mercado o seu novo modelo: o Fiat Fittipaldi.

● **A Embratur está estudando a ampliação nos prazos de financiamento para o turismo interno. Possivelmente passarão de 18 para 36 meses.**

● **Os Novos Partidos e os Problemas Urbanos.** Este é o tema do debate de amanhã no Teatro Casa Grande, numa promoção do IAB e da revista Chão. Estarão presentes representantes de todos os partidos: Célio Borja (PDS), Ivete Vargas (PTB), Saturnino Braga (PMDB), Lysaneas Maciel (PDT), Sidnei Leandro (PT) e Miro Teixeira (PP).

● **Durante esta semana será realizado em Brasília um seminário de estudos de política fiscal promovido pela OEA. O seminário será dirigido pelo professor Angel Roccia, doutor em Economia e graduado pelas Universidades de Cuyo (Argentina), Madri e Chicago.**

● Em setembro será realizado em São Paulo o Simpósio Internacional sobre desenvolvimento de fontes alternativas de energia, juntamente com o Congresso Interamericano sobre a Livre Iniciativa na Mobilização de Fontes Alternativas de Energia. Participarão 10 ministros brasileiros.

● **No ônibus que levou a comitiva do Presidente João Figueiredo na inauguração da nova estrada Rio — Juiz de Fora, o assunto dominante foi a análise de pesquisa indicando a queda de prestígio do Governador Paulo Maluf.**

● No próximo dia 19, a partir das 19h, o Senador José Sarney estará autografando o seu livro Norte das Águas, na Livraria Muro, em Ipanema.

"Chaguista" quer que PP encampe campanha pelo retorno do CEP

A secretária-geral do PP fluminense, Deputada Sandra Salim, encampou a campanha do Centro de Professores do Estado do Rio (CEP), cujas atividades foram suspensas por decreto de intervenção federal considerado constitucional pelo STF, embora componha o bloco de sustentação política do Governador Chagas Freitas.

Arquivo
Sandra Salim

A intervenção, segundo o Ministério da Educação, foi solicitada ao Presidente da República pelo Governador do Estado do Rio durante os movimentos grevistas dos professores, no ano passado. A Sra Sandra Salim, agora, quer que a Executiva Regional do PP encampe o movimento de liberalização do CEP, intercedendo, nesse sentido, junto ao Governo estadual.

JUSTIFICATIVA

Em ofício ao presidente da Executiva Regional do PP, a secretária-geral da agremiação justificou que "o Partido Popular, que ressalta em sua plataforma a liberdade sindical, não pode deixar de reivindicar a liberação e permissão de pleno funcionamento do CEP, neste momento de maturidade da classe trabalhadora".

"Temos, por nossas convicções e programa, o dever de encaminhar as autoridades o pedido de seus líderes, que embora afastados da vida sindical são reconhecidamente porta-vozes do magistério estadual. A consciência nos obriga a lutar, lado a lado, pela liberação do órgão classista, sem radicalismos, sem provocações, sem revanchismos, sem temor e sem descanso."

FORÇA ELEITORAL

O magistério público do Estado do Rio é considerado, em termos de comunidade classista, uma das grandes forças eleitorais, notadamente na Capital. A diretoria do CEP, que liderou com êxito duas greves, tende, em termos de conveniência partidária, pelo PT. Seu presidente, pelo menos, Sr Godofredo da Silva Pinto, integra os quadros dirigentes do Partido dos Trabalhadores no Estado.

A reabertura do CEP — desde a intervenção federal, a sua sede foi lacrada — já levou o Sr Godofredo da Silva Pinto, aproveitando que o PDS no Estado do Rio é oposição, a procurar os principais líderes e dirigentes regionais do Partido oficial. Sua última tentativa, agora na área do PP, decorreu de uma informação que recebeu de Brasília, dando conta de que a suspensão da intervenção só seria possível se partisse do Governador Chagas Freitas.

Canale acusa Governador

Brasília — O Senador Mendes Canale (PP-MS) acusou ontem o Governador Marcelo Miranda, de Mato Grosso do Sul, de ter paralisado o Estado e de incentivar o empreguismo, afirmando que a folha de pagamento do funcionalismo passou de Cr$ 80 milhões para aproximadamente Cr$ 400 milhões.

Em Mato Grosso do Sul, segundo o Senador Mendes Canale, "o Governador oficial, o que assina os decretos, é o Sr Marcelo Miranda. Na prática, o Governador é o Senador Pedro Pedrossian (PDS-MS), que, no entanto, atua como se fosse oposicionista para evitar o desgaste administrativo."

TUTELA

O Sr Miranda quis, "disse o Senador do PP," reagir à tutela do Sr Pedrossian, que lhe exigiu, em carta amplamente divulgada, a demissão de seu chefe do Gabinete Civil, o Deputado federal João Leite Schmidt. O Sr Miranda chegou a afirmar na televisão que não aceitava a exigência, mas teve que ceder por imposição do Plaácio do Planalto, onde o Sr Pedrossian tem amigos. A partir deste momento o Governador Miranda perdeu a credibilidade pública".

Essa brigada política não teria, a seu ver, maior importância se o Governador Marcelo Miranda fosse um bom administrador.

Brasil conclui os entendimentos com Moçambique, Angola e Guiné-Bissau

Luiz Barbosa

Arquivo

Saraiva Guerreiro

Brasília — No espaço de apenas 10 dias, culminando um processo delicado de aproximação que já se desenvolve há pelo menos cinco anos, o Governo brasileiro vai ter a chance de fechar, nessa semana, todo um ciclo de conversações no mais alto nível com as três principais ex-colônias portuguesas na África — Moçambique, Angola e Guiné Bissau.

Esse prazo é contado a partir das primeiras conversas que o Chanceler Saraiva Guerreiro teve com a cúpula do Governo de Moçambique, em Maputo; seguiu-se em Luanda, nos encontros com os membros da alta direção do MPLA e se completa agora, no Itamarati e no Palácio do Planalto; dentro do programa oficial da visita do Presidente da Guiné-Bissau, Luís Cabral, a Brasília.

Natureza das relações

Embora sempre ressalvando que não foi à África para pedir coisas ou impor vontades, o Ministro Saraiva Guerreiro seguramente constatou nas suas escalas em Maputo e Luanda que a natureza das relações entre o Brasil e as antigas províncias portuguesas varia entre respectivas promissoras no campo econômico e um futuro incerto e difícil no plano político.

Se, por um lado, a despeito do entusiasmo marxista-leninista dos Partidos no Poder, Angola e Moçambique e, com maior necessidade ainda, Guiné-Bissau, mostram-se abertas à entrada de empresas privadas brasileiras em seu território, por outro é exatamente a euforia ideológica que torna difícil qualquer outro tipo mais profundo de diálogo, além dos negócios e das finanças.

Com os dirigentes da Frelimo e do MPLA, Guerreiro e seus assessores puderam constatar que as afinidades históricas e até mesmo do idioma podem trabalhar contra o relacionamento fácil do Brasil com essas novas nações independentes da África.

Mais de uma vez, ainda que mescladas com frases amistosas, o Ministro das Relações Exteriores brasileiro ouviu referências ao fato de que as relações entre o Brasil e a África se inauguraram ainda no século XV sob a marca infame do comércio de escravos e que há menos de dez anos atrás mantinha um inflexível apoio ao regime salazarista português na sua luta contra os movimentos de libertação que se constituem hoje nos governos daqueles países.

São lembranças que moçambicanos e angolanos habilmente lançam no diálogo com autoridades brasileiras numa tentativa de neutralizar as invocações de afinidade que poderiam justificar um tratamento especial ao Brasil.

Novela e samba

O mesmo idioma comum que facilita o trabalho dos empresários e técnicos brasileiros dentro de um mercado que é virtualmente fechado à maioria de outros países, também permite que os exaltados ideólogos do MPLA angolano e da Frelimo moçambicana exerçam uma expécie de policiamento sobre tudo o que é publicado pela imprensa e todos os demais meios de divulgação no Brasil.

Dessa forma são pinçados os fatos e manifestações que possam, de qualquer modo, representar conflito com os valores socialistas vigentes, incluindo-se aí um discurso de um ministro militar nas comemorações do fracasso da Intentona Comunista na Praia Vermelha, ou a simples reiteração, por uma autoridade financeira, de que a estatização da economia em prejuízo da empresa privada é algo a ser combatido.

Em contraste, a novela brasileira — especialmente aquela que retratou os vícios da política de interior — é, duas vezes por semana, o centro de todas as atenções em Luanda, reunindo centenas de homens, mulheres, crianças e velhos em torno de cada aparelho de TV. Martinho da Vila e D Ivone Lara, com seus sambas de partido alto, ainda tornam os angolanos eufóricos com a lembrança dos shows de artistas brasileiros que se repetiram em teatros e até em arenas de touros do país, em maio passado. Mesmo levando em conta que o MPLA, como instituição política, não demonstra maior entusiasmo pela penetração cultural brasileira nos seus domínios, é significativo o fato de que foi seu próprio Ministro da Cultura, o **camarada** Antonio Jacinto, quem determinou o desvio de um avião da TAAG — a linha nacional angolana — ao Rio de Janeiro para buscar Chico Buarque e os demais artistas da música popular do Brasil para se exibirem em Angola.

Moçambique, a outra grande ex-colônia de Portugal no lado índico da África, é mais cerrada à penetração cultural brasileira, muito embora seu grande líder revolucionário, o Presidente Samora Machel, faça a apologia da música popular do Brasil, refira-se com freqüência ao baião e ao samba e seja capaz de intercalar um pronunciamento oficial com a entonação de alguns acordes de uma marchinha de carnaval brasileiro.

Talvez por um erro de informação, Machel esteja convencido de que o baião é uma música da Bahia, tal como tentou explicar no começo de suas conversas com o Chanceler Guerreiro, no seu palácio de Ponta Vermelha. Mas isso não invalida a simpatia natural que sente pelas coisas do Brasil e a possível influência que tal atitude venha a ter de fato no comportamento oficial da Frelimo em relação à penetração brasileira em Moçambique no futuro.

Mesmo o Chanceler Joaquim Chissano, um ex-guerrilheiro magro, elegante, de olhos frios e feições orientais, foi capaz de revelar simpatia e bom humor para a delegação brasileira no final da visita de Guerreiro a Maputo. Chissano se encontrava hospedado no mesmo hotel Kilimanjaro, em Dar es Salaam, quando o Chanceler brasileiro passou pela Tanzânia e se empenhou em não trocar mais do que polidos "bons dias" com os membros da delegação de Guerreiro, que com eles cruzava no salão do almoço ou no hall do hotel.

Depois, já em Maputo, recebeu a comitiva do Brasil com um discurso de improviso marcado de observações irônicas e amargas quanto às tradições e hábitos brasileiros e até sobre a importância que seu hóspede dava ao título de Embaixador. No entanto, quando o programa oficial já alcançava seu fim, o Chanceler moçambicano deixou cair suas reservas e chegava a contar anedotas sobre os soldados portugueses capturados ao fim da guerra de libertação que não sabiam encontrar o ferro nas verduras que lhes eram oferecidas e encaravam com descrédito e ar de mofa as referências de que esse elemento integrava as refeições e poderia fortalecê-los.

Impacto

Toda a experiência profissional e o espírito de tolerância dos diplomatas brasileiros não foram suficientes para atenuar o impacto de encontrar Maputo e Luanda repletos de **slogans** revolucionários, em grandes letras vermelhas, em seus muros, paredes, em cada poste ou árvore, como se aquelas cidades vivessem num permanente comício político. "A luta continua", "abaixo o imperialismo", "fim à exploração" e outras frases do gênero se repetiam a cada metro.

Embora também devotados ao socialismo e vivendo clima de guerra, outros três países visitados pelo Chanceler do Brasil, Tanzânia, Zambia e Zimbabwe, tinham suas capitais limpas de **slogans** políticos, resumindo-se, quando muito, a um retrato de seu líder político sobre a marquise do aeroporto. Na antiga Rodésia do Sul, onde a passagem do Embaixador Saraiva Guerreiro constituiu apenas um gesto de simpatia bem reconhecido pelos anfitriões, o Presidente Robert Mungabe ainda vive o dilema de apressar a africanização do Governo, para honrar seus compromissos revolucionários e evitar, ao mesmo tempo, que tal política contribua para demonstrar definitivamente a máquina economico-administrativa que sustenta a relativa prosperidade do país, baseada numa agricultura moderna e na exploração de minérios raros como o cromo.

Em Zâmbia, sob a tutela de Kenneth Kaunda, a mensagem brasileira pode-se resumir à solidariedade na causa contra a África do Sul e nas confabulação econômicas em torno dos contratos de compra do cobre.

Finalmente a Tanzânia — a primeira escala da viagem — conseguiu surpreender a todos pela desproporção existente entre seu peso no quadro político internacional, graças, em grande parte, ao prestígio pessoal do Presidente Julius Nyerere, e a realidade econômica e social do país, que se resume ao binômio "miséria com dignidade". Em meio a Dar Es Salam, como um monumento absurdo a uma parceria exótica, existe a estação terminal da ferrovia transtanzaniana, construída com financiamento e mão-de-obra chineses, e que — por motivos óbvios — guarda as linhas de um imenso pagode amarelo, todo bem-arrumado e impecável na sua limpeza, num contraste berrante com tudo o que existe em sua volta.

Diferenças

Ao contrário do que o Chanceler Mário Gibson Barbosa fez, com imensas limitações políticas, em 1972, percorrendo numa só jornada 10 países da costa Oeste da África, dentre os quais apenas três poderiam ter efetivamente algum peso especifico nas suas relações com o Brasil (Nigéria, Costa do Marfim e Zaire), o Chanceler Saraiva Guerreiro, oito anos mais tarde, dirigiu sua excursão africana para objetivos perfeitamente lógicos, na chamada "linha de frente" do combate à África do Sul, incluindo duas ex-colônias portuguesas que integram as prioridades máximas da política externa nacional.

Ainda assim, aos olhos dos novos líderes socialistas africanos, aquela viagem do Chanceler do Governo Médici, em 1972, é tida como suspeita e negativa. Para o Governador do Banco de Moçambique, assessor a quem o Presidente Machel confia a redação de seus discursos, "aquele Chanceler veio à África para dar o recado dos patrões coloniais".

As referências a Portugal, sob os mais diferentes aspectos, não param aí. Como, em 1972, a excursão organizada pelo Sr Mário Gibson mereceu o combate velado de instituições francesas, muito ciosas de seu domínio sobre meia dúzia dos países incluídos no roteiro oficial (Senegal, Costa do Marfim, Togo, Daomé, Camarões, Gabao), dessa vez uma das preocupações brasileiras foi criar meios junto aos Governos dos países visitados contra intrigas que buscam minar a presença do Brasil naquela área. Graças a elas, por exemplo, o vinho tinto gaúcho exportado para Angola é acusado de possuir preparados químicos destinados a matar os negros que o ingerem.

Na mesma Angola, a presença cubana ainda é um elemento potencialmente capaz de minar os avanços de aproximação brasileira. Na mesma ocasião em que o Chanceler Saraiva Guerreiro visitava Luanda, lá chegava o Ministro da Habitação Popular de Cuba, David Farah, pronto a desenvolver uma investida sobre o setor de construção onde firmas brasileiras, até então, vinham operando com desembaraço e sucesso.

O Chanceler Paulo Jorge assegura que os cubanos sairão do território angolano, quando o próprio Governo de Angola assim o desejar. Admite, porém, que para isso será necessário que Fidel Castro esteja de acordo. Tanto quanto seus parceiros do lado índico, os moçambicanos, Angola ainda vive uma fase de lançamento da culpa sobre "inimigos" (no seu caso, a África do Sul, UNITA e FNLA e ainda os imperialistas) pelos seus erros e deficiências em lugar de dedicar todos os esforços na reconstrução do país.

Numa e noutra parte, a presença de **pontas-de-lança** das empresas de engenharia e consultoria técnica do Brasil é um fator marcante. Seus gerentes, engenheiros, pessoal burocrático e de campo formam uma espécie de time de pioneiros heróicos, vivendo em terras onde tudo tem de ser importado com imensas dificuldades, desde o papel milimetrado, para as plantas, ao sabonete, usado na higiene pessoal, e onde a própria família fica exposta às influências mais estranhas:

— Meu filho de quatro anos — queixa-se um técnico da SISAL lotado em Luanda — já nos chama a todos, incluindo a mãe, de "camaradas" e não vai dormir sem antes erguer o punho para proclamar que "a luta continua."

Brossard culpa Delfim e Golbery

Brasília — O líder da Oposição no Senado, Paulo Brossard (PMDB-RS), disse ontem que o Governo, orientado pelos "perfumadinhos do Dr Delfim Neto, perdeu a cabeça e é incapaz de tirar o país do caos em que se encontra". Ele isenta o Presidente João Figueiredo de culpa porque "ninguém fala nele e o Governo é, na verdade, a dupla Golbery-Delfim".

O Senador Paulo Brossard está preocupado com a irrealidade em que se procura colocar o país. "O Senador Jarbas Passarinho, líder do Governo, dizer que as eleições municipais serão adiadas em conseqüência da inflação é incrível. Não fica bem a um homem da inteligência dele. Podia-se compreender se fosse o Cantídio Sampaio."

Passarinho critica bispos que unem Cristo com Marx

Brasília — O Senador Jarbas Passarinho, líder do Governo no Senado, reafirmou ontem que uma parte da Igreja brasileira pretende compatibilizar Marx com Cristo, preconizando um tipo de socialismo cristão que, no entanto, não foi escolhido por nenhuma das encíclicas papais que estabelecem a doutrina social da Igreja.

Disse que, em sua conferência na Escola Superior de Guerra, "em nenhum momento juntei o vocábulo comunista com a Igreja" e nem a ela atribuiu qualquer projeto com o objetivo de desestabilizar o Governo. Embora acredite que um grupo lute pelo socialismo, acha que este é minoritário.

O Sr Jarbas Passarinho lembrou que teve um debate pela televisão com Dom José Maria Pires, Bispo de João Pessoa, que admitiu haver uma parte do clero favorável ao socialismo cristão, embora ressalvando que essa expressão não havia sido reconhecida por nenhuma encíclica papal.

— Depois — acrescentou — Dom Hélder Câmara, numa entrevista à jornalista italiana Oriana Fallaci, confessou-se socialista e indicou a Tanzânia como modelo de regime que defende.

O líder do PDS no Senado citou como exemplo da linha socialista cristã o documento da CNBB sobre a terra, no qual os bispos admitem como legítima apenas a propriedade rural familiar. Embora o documento aceite a empresa rural desde que promova o bem-estar social, o Sr Jarbas Passarinho disse que isso foi uma concessão dos progressistas à maioria dos bispos, que discordava daquela colocação radical.

No documento de Itaici sobre a terra, os prelados progressistas conseguiram praticamente estigmatizar a empresa rural capitalista, o que para o Senador Jarbas Passarinho revela "uma clara conotação marxista e releva a influência que esse grupo tem sobre a Igreja brasileira".

Célio diz que Congresso não abre mão da inviolabilidade

Cerqueira defende as prerrogativas

O Deputado Marcelo Cerqueira (PMDB-RJ), que integrará a Comissão Mista do Congresso que vai examinar a restauração das prerrogativas do Legislativo, acha curioso o fato de "o regime mais violento e repressivo da História republicana (o instaurado em 64) agora se ponha a questionar os institutos tradicionais do Direito Constitucional", como imunidade parlamentar e inviolabilidade do mandato.

— Desrespeitadas as liberdades democráticas, o Parlamento é logo atingido. É evidente: quem já fechou, e por diversas vezes, o Congresso e cassou seus representantes, não tem condições políticas e morais para questionar o instituto da inviolabilidade — observou o parlamentar fluminense.

Ele considera "grotesco" que se ponha a reclamar comportamento comedido do parlamentar, quando persiste em voltar as liberdades, intervir sem base legal em sindicatos, processar e prender dirigentes sindicais, espancar estudantes e parlamentares.

No caso do Deputado João Cunha, o Sr Marcelo Cerqueira notou que não se trata de crise contra a segurança nacional, "nem mesmo na vigente lei facista".

— Seria quando muito delito de opinião. Mas nem isso é, já que o princípio do artigo do enquadramento — ofensa à honra do Presidente — é manifestante inconstitucional.

Na sua opinião, a alegada ofensa a militares é mero pretexto. "O Deputado João Cunha — frisou — não procurou atingir, nem atingiu a instituição militar, que merece tanto respeito quanto o instituto de inviolabilidade, pedra angular do Parlamento livre".

— Quando o General Geisel demitiu sumariamente o General Ednardo D'Avila Mello do II Exército — porque o DOI-CODI, sob seu comando, assassinou Manoel Fiel Filho — embora atingisse diretamente um chefe militar com a demissão desonrosa, certamente não atingiu a instituição militar como um todo. Ou quando demitiu o General Sílvio Frota do Ministério do Exército, que se insubordinou e pretendeu depô-lo, não atingiu a instituição, embora tivesse sido contundente com nada mais, nada menos, que o Chefe do Exército nacional — acentuou.

Analisando o assunto juridicamente, o Deputado Marcelo Cerqueira afirmou que o instituto da imunidade — criação do Direito inglês — na sua extensão, prevê duas garantias extremamente diferenciadas — a inviolabilidade e as imunidades — Artigo 32 e parágrafos da nossa Constituição.

— Ao receber a Câmara pedido para processar o Deputado, por exemplo, por discurso na tribuna, ela declara, ao negar (necessariamente) o pedido, a vigência plena do dispositivo garantidor da intangibilidade pessoal. Não julga o Deputado. Diz que está em vigor a garantia constitucional. Nega o pedido.

Entrevista a Fernando Cesar Mesquita

Brasília — O ex-Presidente da Câmara, Deputado Célio Borja, afirma que o contraditório é a regra absoluta no Congresso, onde ninguém pode ser constrangido a concordar sem crer com a opinião de quem quer que seja.

Por isso ele não acha que "o simples fato de que na Câmara, como em toda a parte, nos mercados, nas esquinas, nos botequins, onde se fala mal do Governo, se possa gerar um clima tal que leve as instituições à falência, ou leve o povo à revolta, ou leve a nação à subversão, porque aqui se debate, aqui as opiniões se opõem às opiniões".

Para o Sr Célio Borja, a inviolabilidade é a garantia mais importante que um parlamentar pode ter para o exercício correto da sua função e é, também, um privilégio do Poder, do qual ele não pode abrir mão, sob pena de se subordinar aos demais e ter reduzida a sua autoridade.

Arquivo

Ao defender as prerrogativas do Congresso, o Deputado Célio Borja disse que os parlamentares não são mais solidários que os sacerdotes ou militares

A entrevista

— Da maneira como estão colocadas na constituição as figuras da imunidade e da inviolabilidade, o Sr acredita que elas asseguram aos parlamentares as condições de liberdade de opinião, de voto e ação necessárias e inerentes ao exercício da função que eles desempenham?

— Creio que ainda não, mas é preciso distinguir a inviolabilidade da imunidade, vermos o que acontece atualmente na Constituição e o que nós gostaríamos que efetivamente acontecesse com um e outro instituto: inviolabilidade e imunidade.

— E no que consiste a inviolabilidade?

Na impossibilidade de constituir crime aquilo que o deputado diz da tribuna, os votos que ele profere no exercício do seu mandato e as opiniões que ele emite enquanto deputado. Palavras, opiniões e votos exercidos em decorrência da função parlamentar não constituem crime, em hipótese alguma. Mas aí entram dois tipos de consideração: o primeiro é que a inviolabilidade é absoluta por sua própria natureza, enquanto concerne a outro Poder da República, isto é, nenhum outro Poder, nem o Judiciário, nem o Executivo, podem tomar contas a um deputado ou a um senador, pelas palavras, pelas opiniões e pelos votos que ele emitiu no exercício do mandato.

Agora, a inviolabilidade não deve ser um manto para cobrir aquelas coisas que nenhum homem honesto pode praticar, sem uma reprimenda, sem um castigo, sem uma advertência, pelo menos. Por exemplo: nenhum de nós, parlamentares, estamos autorizados a assacar contra a honra alheia, afirmar a mentira da tribuna, com prejuízo do conceito de quem quer que seja, achincalhar a instituição parlamentar ou qualquer outra.

— Mas como é que se põe um cobro a esses abusos da inviolabilidade?

Através do próprio poder. O Regimento, por exemplo, determina que o presidente da sessão, ao verificar que um deputado se afasta dessas normas de bom exercício do mandato e começa a transformar a inviolabilidade em um instrumento para assacar contra a honra alheia, advirta o orador e, se esse insistir, lhe corte a palavra. Isso, o presidente de qualquer Parlamento do mundo faz, e naturalmente é atendido. Muitas vezes, qualquer um de nós, no calor do debate ou debaixo de grande emoção, ou premido pelas circunstâncias, como ser humano, é capaz de usar uma palavra inadequada, imprópria, etc. Mas para isso, existe alguém que dirige a sessão da Câmara e que chama a atenção do orador. Se o orador reincide, corta-lhe a palavra. Se o orador, por outro meio que não pura e simplesmente da tribuna, pratica algum ato que resulta em injustificado prejuízo para a honra ou para o patrimônio de alguém, a própria Câmara pode chamá-lo à responsabilidade, como qualquer Parlamento do mundo faz. O que é essencial é que o exercício desse poder de polícia ou desse poder punitivo sobre a conduta dos deputados, sobretudo quando está em jogo a inviolabilidade, pois esse poder — como eu dizia — é da própria instituição a que pertence o parlamentar — Câmara ou Senado.

Se porventura, as palavras, os votos e as opiniões estiverem sob censura, de um outro poder, quem sofre é o Poder Legislativo, quem sofre é a representação nacional e, em última instância, quem sofre é o povo que nos credencia, a nós, para falarmos em seu nome.

— E quanto à imunidade?

O que me parece que se deve desejar é que nenhum deputado, nenhum senador, esteja sujeito à privação da sua liberdade pessoal, senão com licença da sua própria Câmara. Isso não quer dizer, como ocorre hoje, por exemplo, que o deputado ou o senador não possam ser presos em flagrante delito. Podem perfeitamente. Em alguns países, não existe sequer essa prerrogativa. Nos Estados Unidos, se um deputado ou um senador cometer um homicídio, atropelar alguém na rua, praticar, enfim, um ato ou uma omissão que a lei capitula como crime ou como contravenção, responde sem necessidade de licença da sua Câmara, perante o Poder Judiciário, como qualquer cidadão. Agora, jamais poderá ser preso, a não ser em flagrante delito ou com licença da sua Câmara. Esse é o conteúdo certo da imunidade. Não é nos subtrairmos, da responsabilidade penal que incumbe a todo cidadão, porque, pelo menos, eu pessoalmente não quero esse privilégio. Se amanhã, alguém tiver alguma queixa conta mim, ou o Ministério Público entender que eu quebrei, violei uma lei, pois venha a juízo, me processe, que eu responderei. Responderei, como qualquer cidadão. Não quero privilégios especiais para mim, não quero privilégios de espécie alguma. Mas o que é essencial para o poder, não só de privilégio meu, mas da instituição, é que nem eu, nem nenhum parlamentar possamos ser presos, a não ser com autorização dela, porque muitas vezes na prisão, está a vindita política, está a perseguição de outro poder, está a tentativa de intimidação.

O que se passa na Constituição, hoje, é que ela não assegura a inviolabilidade plena. Ela permite que um deputado, se proferir determinadas palavras da tribuna, possa ser trazido ao Supremo Tribunal Federal para ser processado, sem licença, inclusive, da sua Câmara. E veja bem que aí não se trata de imunidade, mas de inviolabilidade, que é absoluta em relação aos demais poderes, em qualquer regime democrático no mundo, embora sujeita à censura do próprio Poder Legislativo.

Quanto à imunidade, ela como está posta hoje na Constituição, é exatamente o que nós tínhamos em 1946 e que sempre tivemos. E quem restabeleceu a imunidade, tal qual, foi a Emenda Constitucional nº 11, que extinguiu o AI-5 e restabeleceu certas prerro ativas do Legislativo.

Como se entender, então, esse descompasso entre o que assegura a Constituição e a Lei de Segurança Nacional, que pode alcançar um parlamentar pelo que ele diz, pelo que ele expressa da tribuna?

— Pois aí reside, a meu ver, a maior contradição da atual Constituição. É que ela poderia ser, digamos, lenlente em relação à imunidade. Poderia até admitir que deputados e senadores, nos termos comuns, pudessem ser processados pelo Supremo Tribunal Federal sem necessidade de licença da Câmara, porque isto acontece nos melhores regimes democráticos que conhecemos. Mas onde ela não poderia transigir é exatamente na inviolabilidade, com a irresponsabilidade, perante os outros poderes, por opiniões, palavras e votos. Isto é que é fundamental para nós. Eu trocaria, de bom grado, a inviolabilidade absoluta, o restabelecimento dela, que eu desejo como condição fundamental para nós para a atividade parlamentar, pela imunidade quase absoluta que nós temos hoje. Essa não me interessa. A mim interessa que nenhum parlamentar possa sofrer qualquer tipo de constrangimento, sobretudo em suas opiniões, em suas palavras, e só responder por elas perante a sua própria Câmara. Isto é que eu acho fundamental e que está em desacordo com a atual Constituição.

— O país está saindo de um período de exceção e entrando na normalização constitucional. O senhor acha que essa fase de transição permite que se assegure ao parlamentar essa inviolabilidade absoluta, sem riscos à estabilidade do regime?

— Acho que sim, porque geralmente a Câmara e o Senado têm o bom senso de saber distinguir entre pessoas. Há oradores cuja palavra realmente influi, há oradores cujas opiniões são decisivas, são capazes de levar o plenário a votar nesse ou naquele sentido, mas do modo geral, como órgãos colegiados que são, são órgãos de ponderação. Você sabe que geralmente as opiniões são pesadas. Raramente um orador ou um parlamentar consegue arrastar a maioria. Ela tende a ponderar as diferenças de opinião, porque tudo aquilo é sujeito a debate. Quem emite uma opinião, sujeita-se a vê-la contraditada. O contraditório é a nossa regra, é a nossa maneira própria de ser e, daí, o equilíbrio das nossas decisões. É mais fácil errar o Executivo e talvez mais fácil errar o Judiciário, do que errar o Legislativo, sob esse ponto-de-vista da ponderação, porque o contraditório aqui é uma regra absoluta. Aqui, ninguém pode ser constrangido a concordar sem crer, com opinião de quem quer que seja. Esta é a nossa vantagem, esta é a nossa arma, esta é a nossa força porque esta é a nossa regra. A regra aqui é o debate. Então, não vejo por que uma opinião impensada, um insulto atirado no ar, possa comprometer as instituições. Isso é muito difícil. O discurso parlamentar é feito para os parlamentares que são, digamos, os primeiros destinatários. Depois, para o grande público, e imediatamente, tem sempre uma contradita. Uma opinião capaz de invalidar aquela, capaz de levar as pessoas que ouviram o discurso, a pensar, a meditar, a ponderar. Não creio, portanto, que o simples fato de que aqui, como em toda parte, nos mercados, nas esquinas, nos botequins, onde se fala mal do Governo, se possa gerar um clima tal que leve as instituições à falência, ou leve o povo à revolta, ou leve a nação à subversão, porque aqui se discute, aqui se debate, aqui as opiniões se opõem às opiniões.

— O Artigo 32 da Constituição declara que os deputados não podem ser processados sem licença da respectiva Câmara. Entretanto, quando se trata de crime contra a segurança nacional, esta regra não vale. Mas a reforma da Constituição, no capítulo que trata do Legislativo, que se está pretendendo, altera este dispositivo. O senhor acha que esta modificação deve prevalecer?

— Eu sempre me ative à regra do contraditório. Tenho uma opinião, que é aquela que está aí, na proposta de emenda. Mas nunca considerei as minhas opiniões como definitivas e, como parlamentar, estou habituado a ver a minha opinião contraditada por outra. E, para um homem que tem o treino do trabalho científico, do trabalho intelectual, tenho a humildade suficiente para reconhecer uma outra opinião, quando ela é melhor do que a minha. Portanto, estou aberto para sugestões. Agora, se os argumentos forem melhores do que os meus, eu os respeitarei, mas, se não forem, não me curvo.

— Critica-se muito o fato de o Congresso manter uma tradição de não permitir que seus integrantes sejam processados até por acidentes de trânsito. O senhor acha que isto é prejudicial à imagem do Congresso, mesmo sendo uma manifestação de solidariedade de corporação?

— Ele não tem mais esprit de corps do que têm outras instituições nacionais — talvez até tenha menos. A solidariedade entre parlamentares é muito menor do que a solidariedade entre sacerdotes, por exemplo, de militares, de advogados, de médicos. É muito mais comum nós encontrarmos um parlamentar falando mal do outro — e às vezes até de forma injusta — do que um médico criticando o trabalho de um seu colega, ou um advogado, que se sente, geralmente, tolhido por regras éticas, censurando a petição ou um recurso feito por um colega seu. Eu pergunto isto a qualquer pessoa: O que é mais comum? É mais comum vermos um parlamentar censurando outro parlamentar. O esprit de corps, aqui, é muito menos do que entre outras corporações ou categorias profissionais. Agora, um mínimo de solidariedade é necessário para que a própria instituição possa sobreviver.

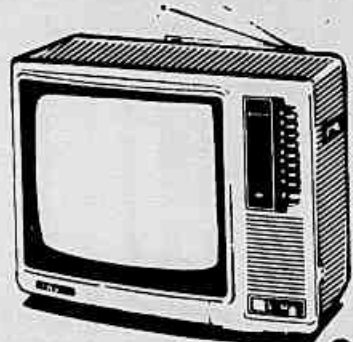
O que nós temos é a consciência de que essa instituição que nós encaramos é essencial para que o regime democrático sobreviva entre nós. Não há regime democrático sem Parlamento, e não há Parlamento digno desse nome, que não tenha independência. Reconheço que em 90 por cento dos casos a crítica é procedente. Há uma tendência, vinda a meu ver, sobretudo, dos períodos de anormalidade que nós vivemos, quando parlamentares tiveram direitos políticos suspensos, mandatos cassados, alguns foram presos etc., que suscitam uma reação igual, mas em sentido contrário.

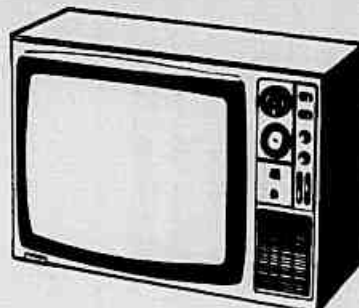
Nas legislaturas que se seguiram a 1946, à reconstitucionalização, a Câmara reagia talvez irracionalmente ao período negro de 37. Em 1968, ela possivelmente reagia a alguns agravos possivelmente feitos à instituição parlamentar, desde 1964. É o longo hábito do respeito à instituição parlamentar que leva deputados e senadores a se despreocuparem com o destino da sua instituição, porque esse é assegurado pela própria História, pela sua permanência histórica. E, aí, passam a ser um pouco mais severos — e eu diria, até, um pouco mais justos — com seus próprios colegas que cometem deslizes e que, por isso, devem ser punidos.

— A lei de Segurança Nacional parece ser agora o instrumento através do qual o Poder Executivo pode alcançar parlamentares no exercício do seu direito constitucional de falar da tribuna. O Sr acha que essa lei deve permanecer?

— Eu creio que fui dos primeiros a declarar publicamente que a Lei de Segurança Nacional, tal como existe hoje, exorbitou de muito aquilo que de fato diz respeito à defesa e aos interesses da segurança e da soberania do país e que, por isso mesmo, poderia ser reformada.

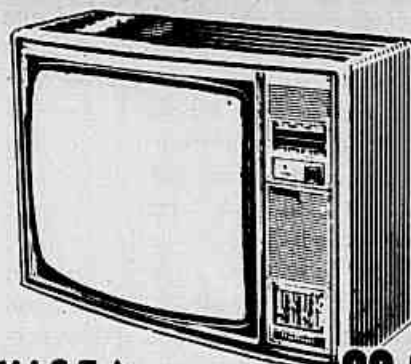
SUPER OFERTAS
PARA SUA ECONOMIA

SANYO À CORES. Mod. 3712. 34 cm-14"

À VISTA............28.330,
OU ENTRADA..........8.500,
10 x 2.776, TOTAL = 36.260,

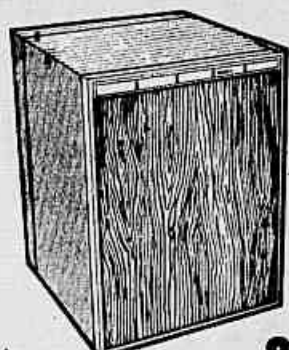
NATIONAL À CORES. 205 - 480mm. 20"

À VISTA............28.630,
OU ENTRADA..........8.590,
10 x 2.805, TOTAL......36.640,

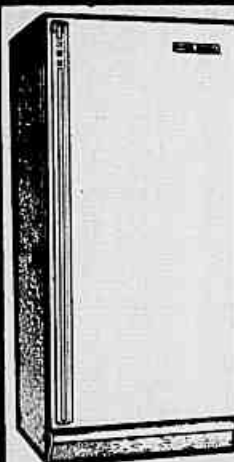
SHARP À CORES. 1602.-A. - 42 cm - 16"

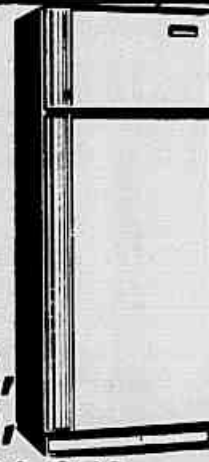
À VISTA............27.970,
OU ENTRADA..........8.390,
10 x 2.741, TOTAL 35.800,

TELEFUNKEN À CORES. 665-X. 66 cm-26"

À VISTA............29.290,
OU ENTRADA..........8.790,
10 x 2.870, TOTAL = 37.490,

GELADEIRA CONSUL MOD. 910.

Junior Hotel.
95 litros.

À VISTA............8.300,
OU ENTRADA..........2.500,
10 x 812, TOTAL = 10.620,

GELADEIRA CONSUL LUXO. Mod. 2827.
285 litros.
Várias cores.

À VISTA.10.350,
OU ENTRADA 3.105,
15 x 746, TOTAL = 14.295,

GELADEIRA BRASTEMP — DUPLEX.
2 Portas. 340 litros.
Várias cores.

À VISTA..21.060,
OU ENTRADA.6.330,
10 x 2.062, TOTAL = 26.950,

GELADEIRA ELECTROLUX
Frigobar
Para escritório

À VISTA...6.985,
OU ENTRADA 2.100,
10 x 684, TOTAL = 8.940,

SEMER RIVIERA. 1020
4 bocas.
Várias cores.

À VISTA..3.795,
OU ENTRADA 1.140,
15 x 274, TOTAL = 5.250,

À VISTA
OFERTAS DA SEMANA

LIQUIDIFICADOR ARNO Tipo E. com 3 velocidades	1.180,
ENCERADEIRA ARNO Uma haste. Esmaltada	2.190,
BATEDEIRA ARNO Dual completa	1.585,
SECADOR MODELADOR Arno. Com escova modeladora	1.185,
SECADOR ARNO JUNIOR Portátil	800,
ASPIRADOR - PO ARNO Junior. Leve e prático.	2.140,
CONJ. GRUNDIG 3001-3x1 Toca-Discos, Tape-Deck e Rádio	16.880,
ELETROFONE GRUNDIG-235 Estereo com caixas	4.280,
BATEDEIRA WALITA Candy Portátil	1.150,
ENCERADEIRA ELECTROLUX B-31. Esmaltada	2.910,
ASPIRADOR ELECTROLUX Z-107. Alta sucção	4.050,
BATERIA MARMICOC 29 Peças polida	3.590,

MÁQUINA OLIVETTI - UNDERWOOD 198 COM REPETIÇÃO

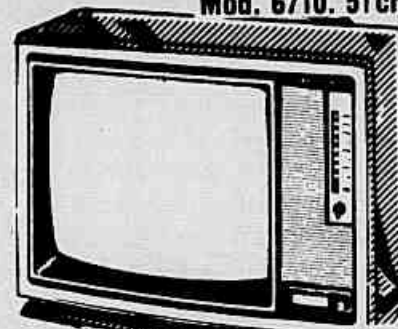
À VISTA............14.400,
OU ENTRADA.........4.320,
10 x 1.411, TOTAL....18.430,

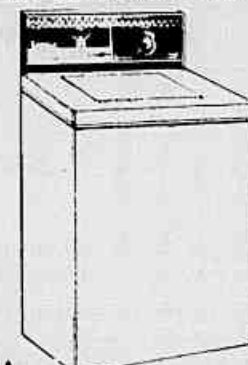
MÁQUINA REMINGTON. Mod. 15. Portátil.

À VISTA............5.990,
OU ENTRADA..........1.790,
10 x 588, TOTAL = 7.670,

CONTINENTAL — 2001
Grand Prix
VT

À VISTA..11.950,
OU ENTRADA. 3.590,
10 x 1.170, TOTAL = 15.290,

SANYO À CORES COM TIMER
Mod. 6710. 51cm — 20"

À VISTA............33.900,
OU ENTRADA..........10.170,
10 x 3.322, TOTAL, = 43.390,

LAVADORA LAVINIA AUTOMATICA

À VISTA............19.300,
OU ENTRADA.........5.790,
10 x 1.891, TOTAL... 24.700,

CONJUNTO SHARP - SG-220. 3 em 1.
Toca-discos, Tape-deck e Rádio

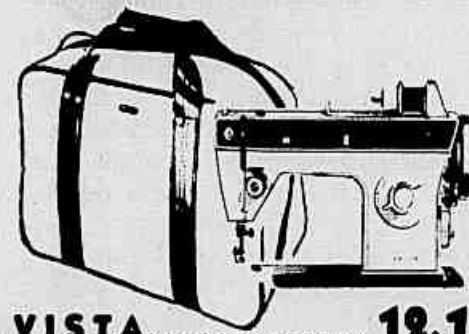
À VISTA............25.850,

NATIONAL À CORES. 182. 423 mm-18"

À VISTA............29.050,
OU ENTRADA..........8.720,
10 x 2.846, TOTAL...= 37.180,

MÁQUINA OLIVETTI. DORA 31

À VISTA............6.490,
OU ENTRADA..........1.960,
12 x 548, TOTAL...... = 8.536,

MÁQUINA SINGER NOVA FACILITA
PORTÁTIL COM MALETA

À VISTA............12.170,
OU ENTRADA..........3.650,
10 x 1.193, TOTAL = 15.580,

CENTRO - RUA URUGUAIANA, 13
CENTRO - RUA URUGUAIANA, 44/48
CENTRO - RUA URUGUAIANA, 114/116
CENTRO - RUA DO ROSARIO, 174
CENTRO - RUA DA ALFANDEGA, 261
CENTRO - RUA BUENOS AIRES, 294
CENTRO - RUA 7 DE SETEMBRO, 183 e 187
CINELANDIA - RUA SEN. DANTAS, 28/36
COPACABANA - RUA SANTA CLARA, 26 A e B
COPACABANA - AV. N.S. COPACABANA, 807
TIJUCA - RUA CONDE DE BONFIM, 597
MEIER - RUA DIAS DA CRUZ, 213
MADUREIRA - RUA CARVALHO DE SOUZA, 263
CAMPO GRANDE - RUA CORONEL AGOSTINHO, 24
BONSUCESSO - PRAÇA DAS NAÇÕES 394-A
NOVA IGUAÇU - AV. AMARAL PEIXOTO, 400-406

NITEROI - RUA VISCONDE DE URUGUAI ESQUINA COM SAO PEDRO
LOJA MATRIZ E ATACADO - ENG. ARTHUR MOURA, 268 BONSUCESSO (PBX) 280-8822
CENTRO E ZONA SUL (PBX) 244-2115

LOJAS TIMES SQUARE

DEPTO. ATACADO ENG. ARTUR MOURA 268 - 3º - TEL. 280-8822 - BONSUCESSO

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 15 de junho de 1980

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito
Editor: Walter Fontoura

Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro

Diretor: Bernard da Costa Campos
Diretor: Lywal Salles

Gradualismo e Ação

O quadro de subversão da ordem legal, que a restauração da liberdade de imprensa permitiu descobrir em toda extensão, não deve desanimar-nos quanto à possibilidade de corrigi-lo, se é este, reconhecidamente, o propósito do sistema governamental remanescente do período de arbítrio absoluto. Mas o voto de confiança que merece o Governo neste particular não deve, por sua vez, impedir que se ponha esse quadro sob visão crítica permanente, ate como contribuição ao esforço sincero dos que se incumbem de sua correção. É preciso iluminá-lo, denunciando-lhe as deformidades, para distinguir entre as que dependem de uma reestruturação formal, inevitavelmente lenta, e as que podem mais rapidamente ser eliminadas pelo comportamento das pessoas.

Tal esforço de distinção — que por vezes se reduz à enumeração de fatos objetivos — é que começa a ser fonte de certo desânimo de parte da nação, ansiosa pelo retorno à sua vida livre e normal. Roma não se fez num dia nem a democracia será reimplantada entre nós no curso de um mandato presidencial. O juramento do General Figueiredo, de fazer deste país "uma verdadeira democracia", há de ser tomado em sentido restrito, quanto ao trabalho de expurgo a ser feito para a normalização do ordenamento jurídico a partir da Constituição. É fundamental, de fato, que se restaure formalmente a ordem constitucional. A reedificação do Estado de Direito — com a submissão de todos ao império da lei e à soberania do Poder Judiciário — não é objetivo alcançável em curto prazo num país em que a vida institucional foi tantas vezes interrompida pelo impacto de golpes, o último dos quais nos levou ao mais longo período de supressão das garantias individuais. É viável, contudo, tornar mais dinâmico o processo restaurador, desde que se tome consciência de certas características da crise atual.

O caminho mais racional para a redemocratização do país era, sem dúvida, o do gradualismo. Não se tome, no entanto, gradualismo como equivalente de estacionamento em certos degraus. Cumpre estabelecer uma gradação para a prática de determinados atos fundamentais, sem esquecer que entre um e outro não há interrupção do processo evolutivo, mas ainda trabalho embora de outra natureza e em outros níveis. Em seu conjunto, esse trabalho não se restringe à edição de normas, seja qual for sua hierarquia, mas se completa com o despertar da consciência jurídica adormecida nos próprios escalões do Governo, habituados a atuar fora da lei, que a tanto vale agir segundo leis de exceção.

Em grande parte, o quadro de descalabro em que se move penosamente a nação decorreu do artifício da convivência de um texto constitucional com um Ato Institucional que por dez anos o marginalizou. Havia uma Constituição, que embora mutilada mantinha o sistema de pesos e contrapesos garantidor do equilíbrio institucional, mas a seu lado ou, mais exatamente, acima dela, um instrumento espúrio sobrepunha os atos do Executivo ao funcionamento normal dos Poderes. A promiscuidade dos dois conjuntos de normas, havidas como de igual hierarquia, conduziu a uma convivência promíscua das instituições jurídicas com seus órgãos representativos e de execução. O Poder Judiciário aviltou-se, decaiu da estima e do respeito da Polícia, que a princípio agiu à margem dele, em vez de auxiliá-lo, e depois entrou francamente a contestá-lo. Com o Judiciário, amesquinhou-se o Ministério Público, de cujo corpo já se destacam procuradores deslembrados de sua função de fiscais da lei e acamaradados com a Polícia e com o crime.

O noticiário dos jornais ilustram diariamente a afirmação de que a autonomia de ação conferida à Polícia — tanto a Civil como a Militar, em todo o país — agravou o problema da segurança pública e suprimiu no espírito de todos o respeito à pessoa humana e às liberdades fundamentais. Homens pessoalmente respeitáveis, no comando desse sistema contaminado pelo banditismo urbano, prestam-se ao papel de acobertá-lo quando denunciado e contribuem para a manutenção de um clima de mistificação, de violência e farsa, em que se opera completa confusão de valores. Ninguém confia mais na Justiça nem tem por que tomar a sério a palavra das autoridades mais altas. Às vias de direito, apagadas pelo tropel dos apedeutas e atrabiliários, passam todos a preferir as vias de fato, inclusive, como se viu há pouco, os magistrados. A ignorância e o arbítrio alagaram aquelas "serenas regiões do Direito", de que falou um dos nossos publicistas. A subversão, em nome de cuja erradicação agiram os governos revolucionários no último decênio, deixou de ser a atividade de grupos extremistas minoritários, para se converter na marca geral de ação de organismos estatais mantidos, portanto, com o dinheiro da nação.

Não seria de estranhar que isto ocorresse, uma vez suprimido o espírito da legalidade. O princípio de que uma lei qualquer, para ser verdadeiramente válida e eficaz, necessita de certa quota de aceitação por parte da comunidade, evaporou-se na vertigem das leis de exceção editadas contra os sentimentos e aspirações do corpo social, que acabou generalizando a consciência de sua ilegitimidade a todo o sistema legal. Descrente do Direito e do poder de aplicá-lo, a juventude universitária deixou-se levar pela sedução dos apelos extremistas maliciosamente desesperados.

A este terrível fenômeno de desestruturação da vida jurídica, podem as autoridades mais altas do Governo acudir com providências destinadas a corrigir a mentalidade e atuação de certos órgãos do Estado, na medida em que se elaboram os textos com os quais, cada qual a seu tempo, se vai promover a restauração formal da ordem. O gradualismo a que está submetido este último trabalho não exclui, mas pressupõe, uma consciência do papel que pode representar, no processo de *abertura*, o simples comportamento dos homens.

Corrida ao Ouro

É recente e, apesar disso, pouco recomendável, a participação sindical na vida política brasileira. O peleguismo é uma tradição que subsiste na praxe fisiológica e nunca se interessou pelo aperfeiçoamento do sindicalismo democrático. Os hábitos da troca de favores começaram no Estado Novo e foram mantidos no regime constitucional. O interesse político mais óbvio é a manutenção dos sindicalizados como reserva eleitoral a ser negociada pela oligarquia dos líderes de classe.

A criação do PT prometia ser o oposto desse costume. Tão oposto que a idéia nasceu sob o equívoco de que possa representar contribuição política um Partido fundado e gerido exclusivamente por dirigentes sindicais. O espírito corporativo nada tem a ver com a democracia. No caso do PT ficou claro que o corporativismo não é consciente. Nem por isso, entretanto, conseguiu ocultar o mesmo vício de manter a massa trabalhadora à disposição dos líderes.

Por tudo isso o PT nasceu radical e se cercou de radicais. Depois de organizado, era natural que os líderes marginalizados na seleção de seus dirigentes procurassem o abrigo de outra legenda. Esta semana uma centena de dirigentes sindicais manifestou sua adesão ao PMDB, porque o coração federativo do Sr Ulisses Guimarães, seu presidente, sempre tem lugar vago para um oposicionista. Tanto bastou para que a direção do PT demonstrasse uma irritação que rotulou de indignação, e passasse a descompor politicamente os optantes.

Estranhável no caso é que só agora o PT se tenha lembrado de acusar nominalmente alguns dos dirigentes sindicais que se refugiaram no PMDB. Enquanto participaram da radicalização da greve dos metalúrgicos, o PT não se lembrou de que o Sr Joaquim dos Santos Andrade foi um "dos interventores em sindicatos em 64"; ou que o Sr Emilson Soares de Moura "se apresenta como dirigente sindical de São Bernardo do Campo sem jamais ter sido eleito para qualquer cargo".

A farta distribuição do título de "pelegos subservientes ao Governo" vai enriquecer o currículo de tantos dirigentes sindicais que o PMDB acolheu de braços abertos federativamente. O agradecimento virá, a seu devido tempo, pelos agraciados. A verdade é que o cheiro de eleição começa a perturbar o sindicalismo brasileiro. Vai começar a corrida ao ouro, mas enquanto o PT comparece de picareta em punho o PMDB está equipado como verdadeira empresa.

A oposição é sempre uma verdadeira mina eleitoral. Quebrado o monopólio partidário, a corrida é livre. Quem chegar primeiro levará vantagem. O PT começou a brigar com o PMDB e, como na crônica do *far-west*, o acampamento oposicionista promete uma galeria de tipos e fartura de armas. Onde não há xerife, vale tudo. Só as eleições vão dizer quem é mocinho e quem é bandido. Por enquanto é um problema entre radicais e pelegos.

Tópico

Mar Difícil

Os mares do Caribe não contêm apenas barcos levando cubanos para Miami. Se o êxodo surpreendente representa, sob todos os aspectos, uma derrota política para o Governo de Havana, este tem como tirar partido, regionalmente, de uma infinidade de situações instáveis.

O Caribe, com efeito, deixa de ser um **Mare Nostrum** norte-americano para incluir-se no cômputo de perdas e ganhos de uma nova guerra-fria. O cálculo que parece estar por trás de uma autêntica ofensiva cubano-soviética é o de que a problematização da região desviaria esforços e atenções dirigidos atualmente por Washington no sentido do Golfo Pérsico.

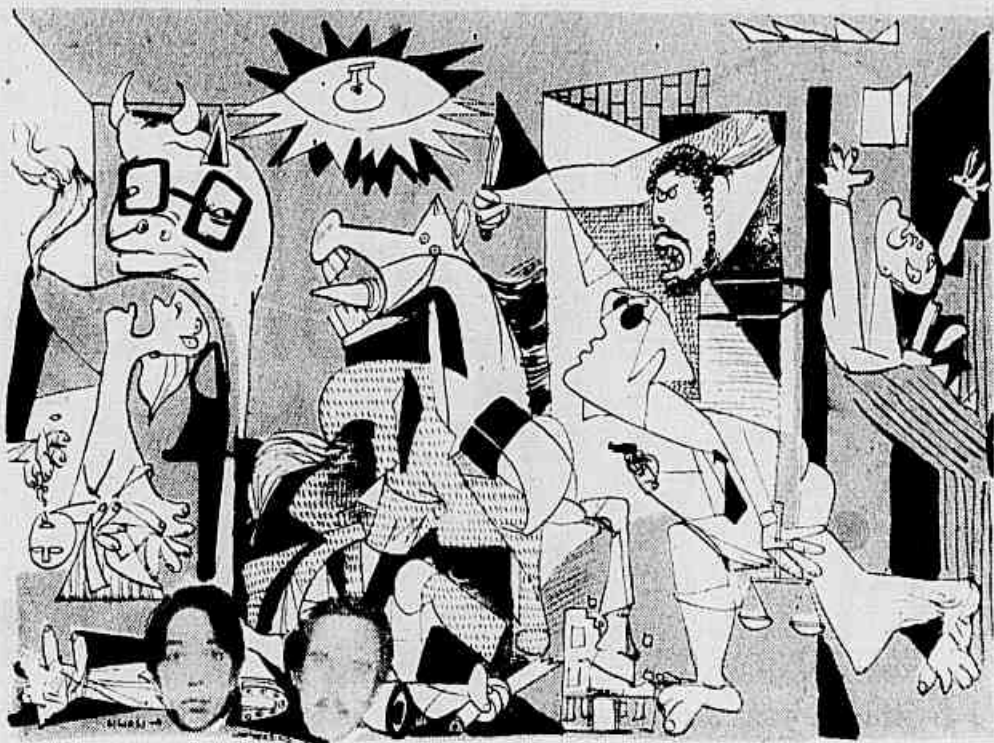
Profundos motivos estruturais — apontados por Tad Szulc em artigo publicado no JORNAL DO BRASIL — facilitam uma estratégia de penetração apoiada na clave do ressentimento. A monocultura, introduzida na região pelos colonizadores como forma mais rápida de geração de riquezas, criou pequenos países pouco aptos a se bastarem a si mesmos. A explosão demográfica intensificou os problemas; e o inconformismo aumentou, entre outros motivos, pela vizinhança da nação mais afluente do mundo, de onde acorrem turistas mais facilmente do que emissários políticos compreensivos e competentes.

Tornou-se proverbial a pouca sutileza da diplomacia norte-americana para a região, consubstanciada, até recentemente, numa impossível tentativa de sustentar um regime como o de Anastasio Somoza.

A promessa de Jimmy Carter de uma nova política do Caribe foi recebida com ceticismo. Ela se centrava num aumento de 10 milhões de dólares anuais numa assistência americana de aproximadamente 80 milhões para todo o Caribe. A quantia parece irrisória quando comparada com os 10 milhões de dólares diários vertidos pela União Soviética para manter a viabilidade econômica de Cuba.

Simples transfusões de dinheiro, evidentemente, não constituem a essência do problema. Tad Szulc cita a frase de um Chefe de Governo moderado da região, segundo a qual, assustados com o comunismo, os norte-americanos recorrem sempre à oferta de dinheiro.

Recursos financeiros — algo semelhante a um Plano Marshall — serão de qualquer modo necessários, como preço que uma grande potência paga pelas suas áreas de influência. Tanto ou mais do que isto, entretanto, pesará a competência com que a administração democrata ou os seus sucessores republicanos souberem lidar com um panorama substancialmente novo — e extraordinariamente explosivo.

Chico

Guaranica (D'après vocês-sabem-quem...)

Cartas

Equilíbrio agropecuário

Li a nota "saudosista" do **Informe JB** de 11/6, e, confesso que o meu pensamento ficou muito "espremido" nas 27 linhas. Como homem do campo, afeito ao bate-papo com a nossa gente do interior, não sei falar sem usar o passado como ponto de referência. É jeito nosso, do caipira de Mococa, que gosta de uma boa prosa. Mas não vai aqui nenhuma crítica ao redator da nota. Só fico triste porque o jornal não tem mais espaço para explicar melhor o meu ponto de vista, que, em resumo menos "espremido" é o seguinte:

1. A libertação da escravidão foi um ato da tecnocracia palaciana, alheia à realidade da época. A escravidão extinguia-se aos poucos, por força das leis anteriores. A Lei Áurea foi obra que truncou um processo gradativo, e jogou na marginalidade urbana milhões de negros despreparados para exercer outra atividade, e deixou a agricultura do Estado do Rio na crise que a levou à falência. Pois, no dia 14 de maio, deveria começar a colheita da maior safra de café da história dessa região. E assim, perderam-se 6 milhões de sacas; um baque do qual a lavoura fluminense jamais se levantou. Ora, se o governo da época tivesse sido melhor assessorado, a Lei Áurea teria sido promulgada após a colheita dessa grande safra, e, sem dúvida, outro teria sido o desfecho econômico-social.

2. O regime de colonato rural, pelo menos no centro-sul do Brasil, foi sempre muito mais um regime de parceria do que colonato. Acabado esse regime e adotada no campo a legislação social urbana, por força de leis feitas por tecnocratas de gabinete, jogou-se fora toda uma conquista avançada, para criarmos a figura triste do **bóia-fria**. Veja, por exemplo, o problema da cafeicultura. Muita gente aprendeu a papaguear que a cafeicultura era monocultura. Tudo errado; o café só pode ser plantado em uma pequena faixa da fazenda — no chamado "alto do baixo" ou no "baixo do alto", conforme o dizer de nosso caboclo, isto é, lugares menos atingidos pelas geadas. Logo, uma grande faixa de terra aproveitável era destinada pelo fazendeiro para o colono fazer a sua roça, a sua criação, a sua horta, em regime de absoluta liberdade. O colono tirava aí a sua comida, vendia o excedente na cidade e ia fazendo o seu pé de meia para um dia comprar o seu primeiro sítio. E muita gente cresceu com esse sistema, em que a livre iniciativa era estimulada e o paternalismo era palavrão. Muito comum a gente ouvir o dono da fazenda dizer para o colono: "Tudo o que você plantar e produzir aqui é seu, quanto mais você produzir, melhor para você." Este era um regime de conquistas, que alimentava o trabalho, o esforço individual, e, claro, marginalizava os vagabundos e aventureiros. Hoje, este regime é impraticável; os encargos que traria ao proprietário rural tornariam inviável o processo agrícola. É mais interessante manter o trabalhador rural morando no barraco da cidade e tê-lo trabalhando esporadicamente como **bóia-fria**! Será que resolvemos o problema só porque não existe mais colono na maioria das propriedades rurais? Eu afirmo que só agravamos o problema, porque nos recusamos a aproveitar a experiência positiva do passado, inclusive a experiência do Patronato Agrícola em São Paulo, criado por Antônio Prado. Será que isto não é para dar saudade na gente?

3. O que eu venho falando em toda parte é que temos necessidade urgente de conscientizar o nosso agricultor da necessidade de praticar o equilíbrio agropecuário. Nenhuma atividade agrícola deve ser praticada sem uma atividade pecuária, e vice-versa. Assim, vamos mantendo o equilíbrio biológico da terra e evitando a predação agrícola que vem sendo feita até agora, quando, apesar da nossa extensão territorial, já atravessamos a fronteira e estamos depredando as terras do Paraguai e Bolívia. Nós temos que devolver à terra a riqueza que ela nos oferece, e isso só será possível com a prática do equilíbrio agropecuário. Contudo, isto é uma outra história, que também o meu pai já falava e pode até parecer saudosismo...

4. Sou, sim, favorável a darmos ao homem oportunidade de trabalhar até o fim da vida, se ele quiser. Não posso admitir que alguém, em plena vitalidade física e intelectual, seja encurralado numa aposentadoria castradora. Acho que nossas crises e problemas só podem ser resolvidos com o trabalho e não consigo entender um país com tanta pobreza como o nosso ter tantos feriados e dias de folga. A Alemanha do pós-guerra levantou-se graças a duas coisas: a) investimentos; b) trabalho. Todo mundo trabalhou todos os dias da semana com o único objetivo de reconstruir o país. O homem que trabalha produz; o homem produtivo que deixa de trabalhar é um consumidor muito caro para a nação.

Finalmente, mais dois esclarecimentos que julgo importantes:
1º) Fui Ministro da Agricultura no Governo parlamentarista e não no Governo do Sr Juscelino Kubitscheck; a este servi, com muito orgulho, ocupando a presidência do Instituto Brasileiro do Café; 2º) prefiro continuar cuidando do equilíbrio agropecuário em minhas propriedades rurais e valorizando os homens que trabalham comigo, do que candidatar-me à Presidência da República. Nunca me passou pela cabeça ser candidato a nada, mas, confesso, estou sempre pronto a falar do passado para aqueles que querem aprender a tirar algumas boas lições para o presente.

Volto a dizer que esta carta não tem o sentido de desmentido. É só prosa de um caipira que percebe que suas idéias podem ter sido bem compreendidas. **Renato da Costa Lima — São Paulo (SP).**

Abuso e discriminação

O Banco do Brasil na Alfândega de Manaus estabeleceu uma autêntica ditadura em detrimento dos demais estabelecimentos bancários do País. Por ocasião da 8ª Conferência Nacional dos Advogados do Brasil, fiz, como todo mundo faz, algumas compras em Manaus para presentear familiares e amigos, excedendo-me no limite previsto por pessoa e conseqüentemente incidindo o imposto na diferença encontrada na lista de mercadorias. De posse do documento de arrecadação dirigi-me ao guichê do Banco do Brasil existente na própria Alfândega para efetuar o pagamento do imposto devido e qual não foi minha surpresa e indignação ao receber a negativa da funcionária, dizendo que não recebia nenhum outro cheque especial que não fosse do Banco do Brasil, ou então, dinheiro de contado.

Naquela oportunidade não tinha dinheiro de contado e estava de posse apenas de cheques especiais do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, do Banco Real S/A e da Caixa Econômica Federal. Nenhum argumento prevaleceu, senão a norma esdrúxula e arbitrária do Banco do Brasil. Não tivesse conseguido com colegas de viagem que possuíam cheque do Banco do Brasil, não teria condições para trazer os objetos excedentes de minha quota.

Essa discriminação do Banco do Brasil em relação aos demais estabelecimentos bancários de nossa pátria é o fim... É o caso de se repetir a frase que marcou o Sr Francelino Pereira "que país é este!..." Urge uma providência dos demais estabelecimentos de crédito para evitar tal abuso e discriminação, a fim de que seus clientes não continuem passando pelo vexame por que passei, e muitos dos meus colegas. Até parece que não estávamos no Brasil!... **Italo Pifano — Governador Valadares (MG).**

Salário e imposto

Por intermédio do JORNAL DO BRASIL, desejo sugerir ao Ministro Delfim Neto que altere a legislação do Imposto de Renda na fonte, para que todas as vezes que forem reajustados os salários, de acordo com a nova lei salarial, também o sejam, e nos mesmos percentuais, as alíquotas para recolhimento na fonte.

E isto porque, mantida a atual situação, quando os salários são reajustados, em alguns casos, o recolhimento do imposto na fonte quadruplica e uma parte respeitável do aumento vai para os cofres do Governo. E a lei salarial, segundo se sabe, foi feita para repor o valor perdido dos salários com a inflação, e não para aumentar os impostos.

A não ser que, ao elaborar a lei da reposição salarial, o Governo tenha pretendido e objetivado a, indiretamente — e tratando-se do Sr Delfim Neto tudo é possível — aumentar sua arrecadação à custa, mais uma vez, dos salários dos trabalhadores. **Abilio Almeida Filho — Rio de Janeiro.**

Metrô

Estive em Washington em meados de 1974 e assisti às obras de construção do metrô naquela cidade; as valas estavam abertas em pleno centro da Capital americana o que também ocorria, naquela época, aqui no Rio, na Cinelândia.

Em março de 1976, foi inaugurado o referido metrô, com 150 quilômetros de extensão, pelo custo de 466 milhões de dólares. O do Rio de Janeiro, paralisado desde a gestão anterior, com apenas 37 quilômetros, até hoje não concluído, apresenta uma dívida de 750 milhões de dólares!! Perguntamos, nós cariocas: O que houve com o nosso metrô? **Auxibio Augusto de Pinho — Rio de Janeiro.**

Loteria Federal

Neste país ocorrem coisas verdadeiramente estranhas, cuja fonte na sua maioria é a própria Administração Pública. A Loteria Federal que passou a constituir monopólio da União desde 1961 no curto governo de Jânio Quadros, resolveu agora extinguir uma tradição que data de muitos anos até pelos antecessores concessionários da velha loteria. — A atual Administração do Serviço da Loteria Federal, sem nenhuma justificativa, deliberou quebrar antiga tradição. Deixou, como vinha fazendo, a partir de sete de maio último da extração nº 1694ª, de divulgar em que Estados da Federação foram vendidos os seus maiores prêmios. (!) Efetivamente, é oportuno indagar-se: — Qual teria sido o inconveniente em aparecer nas listagens os maiores prêmios vendidos e a sua localidade? A divulgação dos prêmios vendidos, sempre constituiu e ainda constitui a melhor propaganda e um excelente atestado da lisura dos sorteios. Então, por que ocultá-los? A sua ocultação (...) traz (...) as cores de algo negativo, atingindo o bom conceito de que goza a loteria em mãos do Governo. A guisa de sugestão, com vistas para o Conselho das Caixas Econômicas, órgão que superintende aquela administração do Serviço da Loteria Federal... **Ernani Olivieri — Rio de Janeiro.**

Identidade

Depois de nove meses de espera, consegui, graças a esse jornal, minha Carteira de Identidade do Instituto Félix Pacheco. Muito obrigado. **Jandir Moisés Paula — Rio de Janeiro.**

Perigo

Na Rua São Francisco Xavier, frente ao nº 605, há uma parada de ônibus. A próxima fica em frente ao 707, esta já na Radial Oeste, local onde a travessia é muito perigosa para pessoas idosas e crianças que se dirigem para a Rua 8 de Dezembro. Sugiro às autoridades que seja providenciado um corte no canteiro (sem uso) que fica em frente ao 671 e ali coloquem outra parada de ônibus. Isso beneficiará os moradores de toda aquela área. **Raul Mendes Cardoso — Rio de Janeiro.**

Prefeito técnico

Já que estão apregoando tanto por aí que o novo Prefeito, Sr Júlio Coutinho, é um técnico e não político, que tal ele ser informado por seus colaboradores diretos, ou então ele próprio, verificando, *in loco*, do precário e vergonhoso estado em que se encontra a Rua Peter Lund, no Caju? Talvez ele ignore que naquele bairro existem dois dos maiores estaleiros do Rio, sem enumerar as demais indústrias, com milhares de trabalhadores e funcionários impossibilitados de usufruir da referida rua pelo péssimo estado de conservação, estado esse que é crônico há anos. **Ivan Vignieri — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

JORNAL DO BRASIL LTDA., Av. Brasil, 500 CEP 20940 Tel. Rede Interna 264-4422 - End. Telegráficos: **JORBRASIL** Telex números 21 23690 e 21 23262

SUCURSAIS

São Paulo — Av. Paulista nº 1 294 — 15º andar — Unidade 15-B — Edifício Eluma. Tel.: 284-8133 PABX

Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º and. Tel.: 225-0150

Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500 7º and. — Tel.: 222-3955

Niterói — Av. Amaral Peixoto, 207, Loja 103. Tele: 722-2030

Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conjuntos 1103/1105 — Edifício Farid Surugi. Tel.: 224-8783

Porto Alegre — Rua Tenente Coronel Correia Lima, 1960 — Morro Santa Tereza — Porto Alegre. Tel. (PABX) 33-3711

Salvador — Rua Conde Pereira Carneiro, s/nº (Barra de Pernambués). Tel.: 244-3133

Recife — Rua Gonçalves Maia, 193 — Boa Vista. Tel.: 222-1144

CORRESPONDENTES

Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Campo Grande, Vitória, Florianópolis, Goiânia, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou, Los Angeles, Tóquio, Buenos Aires, Bonn, Jerusalém e Lisboa.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

UPI, AP, AP-Dow Jones, AFP, ANSA, DPA, Reuters e EFE.

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, L'Express, Times, Le Monde.

ASSINATURAS — DOMICILIAR (Rio e Niterói) tel. 264-6807

Trimestral	Cr$ 1.050,00
Semestral	Cr$ 1.900,00

BH

Trimestral	Cr$ 1.070,00
Semestral	Cr$ 1.960,00

SP, ES

Trimestral	Cr$ 1.170,00
Semestral	Cr$ 2.210,00

ASSINATURAS POSTAL EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

Trimestral	Cr$ 1.470,00
Semestral	Cr$ 2.760,00

CLASSIFICADO POR TELEFONE 284-3737

Coisas da política

Está faltando o espírito de JK

Wilson Figueiredo

A diferença é uma só: no tempo de Juscelino Kubitschek a UDN fazia o papel clássico do vilão e o Governo era o mocinho. A Oposição carregava no pessimismo e o Governo, em compensação, esbanjava confiança. Não que tivesse tanta quanto alardeava, mas vendia a prazo, para entrega futura. E todos compravam futuro. A grande semelhança entre aquele tempo e hoje é a inflação.

O pessimismo oposicionista ajudava a realçar o otimismo de JK. Realçar e moderar. Que teria sido de Kubitschek sem a UDN? Ninguém se propõe a examinar a hipótese, mas ainda é tempo de providenciar uma lição prática. Sem o menor direito de chegar ao poder, a atual Oposição tem de ser profundamente pessimista. Imagine-se o contrário. Ninguém se opõe por gosto ou prazer, mas per contingência. Da mesma forma que é obrigação do Governo demonstrar confiança, mesmo quando não a tenha na quantidade necessária.

A opinião pública está pedindo para ser convencida de que a catástrofe é só uma praga oposicionista. Se ninguém suprir a carência de otimismo nacional, o vácuo político vai acabar gerando um demagogo capaz de tirar partido eleitoral do medo. Sem protagonizar com a intransigência udenista, JK provavelmente sucumbisse de tédio. O pessimismo com que a UDN impregnou a atmosfera acabou se materializando na candidatura Jânio Quadros. E o pior recaiu sobre a própria UDN, que passou de oposição a Governo e renunciou por vontade alheia.

O Governo Figueiredo ainda não se mostrou capaz de capitalizar em seu proveito o pessimismo. Talvez pela superstição de que o pior é pior principalmente para a Oposição. Como todo Governo, este parece acreditar que tem seguro contra incêndio.

Só um exemplo: está aí à vista, embutido na possibilidade nacional, o programa do álcool. É dose para embriagar qualquer governante com vontade de fazer. JK seria capaz de fazer' hoje um discurso e no dia seguinte o país inteiro produziria álcool até no fundo do quintal. O problema seria outro: onde estocar tanto álcool. Claro que a Oposição iria dizer que fazer álcool em casa é um perigo.

Cada quilômetro de estrada construído que a UDN punha em dúvida gerava o quilômetro seguinte. Cada killowat convertido em pessimismo pela UDN iluminava a esperança geral. Dirá o contaminado de pessimismo que 'o país hoje é outro. Tanto melhor. No reino de JK havia mais alegria pela conversão de um pessimista que retribuição aos otimistas natos.

Oposição é maldizente por natureza. O atual Governo incomoda-se com a descompostura dos oradores oposicionistas. A UDN sempre exagerava a dose em relação a Juscelino, mas ele só se queixava na intimidade. Fazia de conta que não era com ele. Homem público, para ser mesmo democrata, tem de ter duas mães. Uma fica isenta. Os oradores da UDN mandavam JK para os piores lugares da língua portuguesa. Ele ia? Não havia hipótese. Dizem que desabafava. Entre seus auxiliares, havia um preferido como pára-raio. JK descarregava nele os nomes feios remetidos pela UDN, dentro e fora do Congresso. No dia em que não desabafou, o auxiliar queixou-se com os companheiros de gabinete: achava que tinha perdido a confiança.

Os brasileiros sabem, nem que seja por ouvir falar, quem foi Juscelino Kubitschek. O país é outro, vá lá. Inflação à parte, onde se encaixaria hoje um comportamento político como o de JK? Qual a centelha que daria a partida? JK não era de frear nas curvas para não derrapar.

A sua conta política ficou lançada a inflação brasileira. É verdade que JK não temia a inflação. Nem temia a Oposição. Com o devido respeito pelas duas, convivia democraticamente com ambas. O atual Governo, ao contrário, dá-se mal com a inflação e com a Oposição. É, porém, cortês com a inflação e desconfiado com a Oposição. Andaria melhor se trocasse de mal. A cerimônia com a recessão que lhe bate à porta não melhora sua situação perante a visitante indesejável.

Estamos na espiral de pessimismo. O Brasil pode ser outro, o Governo também. Mas a inflação está aí. E até mais amatronada que no tempo de JK, quando se mostrava esguia na silhueta balzaqueana dos 30%. Há outras afinidades. JK construiu Brasília e os governos desde 64 a consolidaram. Os Governos JK e Figueiredo amuaram-se igualmente com o Fundo Monetário Internacional. E um Ministro da Justiça de Kubitschek, o Sr Armando Falcão, não foi também Ministro da Justiça de Geisel? A diferença que conta é nos métodos políticos. Kubitschek aceitava a Oposição com resignação democrática. Jamais passaria recibo a faturas oposicionistas emitidas no pinga-fogo da Câmara. Tinha mais o que fazer.

O Brasil é outro, certo. A injustiça com a memória de JK — que não é nem nome de avenida em grande cidade mesmo depois de morto — talvez explique a persistência do pessimismo. Uma fábrica de automóveis, uma hidrelétrica monumental, uma rodovia federal com o nome de Juscelino Kubitschek talvez descarregassem o ambiente.

Os gansos do Capitólio

Barbosa Lima Sobrinho

FAÇO força e não consigo compreender a razão que pode levar os estudantes brasileiros à categoria de proscritos, sem direito a uma sede em que possam ajustar os seus pontos de vista em níveis nacionais, até como um vínculo para a unidade da Pátria. Enquanto tenho a impressão de que vão soando, aos meus ouvidos, as marretadas dos demolidores do prédio da Praia do Flamengo, abro o livro excelente de Arthur José Poerner, **O Poder Jovem**, à procura de algum argumento para as hostilidades de que vêm sendo objeto os estudantes da UNE.

Verdade que se alega que o prédio estava em ruínas e ameaçava desabar, versão um tanto precária, desde a interdição do edifício em que funcionava a livraria da Civilização Brasileira, na Rua Sete de Setembro. Se havia realmente esse risco, seria o caso de ouvir todas as repartições competentes, nem haveria necessidade de tanta pressa, e até mesmo de ter que recorrer ao prestimoso Tribunal Federal de Recursos, muito menos de procurar desmoralizar um juiz de direito que tem a responsabilidade de um nome glorioso, como o de Aarão Reis. Creio que os próprios estudantes gostariam de indicar algum representante, que poderia ser até o antigo Presidente da UNE, o engenheiro Hélio de Almeida, para tomar conhecimento da precariedade da construção. Creio que não existem candidatos a prédios que estão para cair. E por que não foram tomadas essas providências? É que havia uma urgência difícil de entender. Como se a candidatura da UNE à ocupação do prédio tivesse o sentido de pleitos de criminoso de lesa-majestade, daqueles que estavam incluídos nas penalidades estabelecidas no livro V das Ordenações do Reino.

Naquela época, as condenações não se limitavam à pessoa dos criminosos, pois que alcançavam também as casas em que eles morassem. O criminoso era levado à força e sofria "morte natural para sempre". Dividia-se o corpo em quatro partes. A cabeça, decepada, era colocada num poste, em lugar público, sem a possibilidade da intervenção de liminares e de sua anulação em recursos providenciais. Quanto à casa, as Ordenações dispunham que ela seria "arrasada e salgada, para que nunca mais no chão se edifique, e no mesmo chão se levantará um padrão, pelo qual se conserve em memória a infâmia deste abominável Réu". É o que se lê na sentença que condenou Tiradentes.

Não sei se vou alimentar a esperança de que se venha a levantar, na Praia do Flamengo, o padrão que nos recorde que ali foi a sede da União Nacional dos Estudantes. O terreno é altamente valorizado e não faltarão, provavelmente, poderosos pretendentes, que se candidatem a substituir o padrão por uma simples placa, no espigão que ali se venha a construir. Talvez até que se dispense a colocação da placa. Ao que parece, a simples demolição do prédio já satisfaz, como um exemplo para os estudantes de hoje, como aos de amanhã. E já é uma grande glória o poder equiparar-se aos sacrifícios de Tiradentes, com o prédio da Praia do Flamengo tratado da mesma maneira que a casa, naturalmente modesta, de Vila Rica, em que residira o herói da Inconfidência.

Tudo soando naturalmente como punição. Mas punição por quê? Num dos livros de Olavo Bilac, de certo que insuspeito para os adversários da UNE, já se registrava a participação dos Estudantes, que não deveriam ser muito numerosos naquele tempo, na reação improvisada contra a invasão francesa que Duclerc comandava. O poeta encontrou tintas de entusiasmo vibrante, para o colorido do quadro esplêndido.

E quem já esqueceu a iniciativa do estudante mineiro José Joaquim da Maia, junto a Thomas Jefferson, pleiteando o auxílio dos Estados Unidos da América ao trabalho, que já se vinha fazendo no Brasil, em prol da independência política do país?

E por que também não relembrar a influência do Seminário de Olinda na Revolução de 1817 que seria, por isso mesmo, classificada, por Oliveira Lima, como a "Revolução dos Padres"? O Areópago de Itambé é da mesma ocasião, sob os ensinamentos do grande Arruda Câmara. E para fazer justiça aos estudantes seria necessário reler os livros excelentes que Almeida Nogueira e Spencer Vampré nos deixaram, recapitulando tradições da Academia de S. Paulo. Recorde-se, também, como foi importante a presença de Benjamin Constant junto à mocidade das escolas militares, orientadas a favor da Abolição e do advento do regime republicano. Movimentos em que se deve assinalar, acima de tudo, a participação da mocidade estudantil, em todas as escolas do Brasil.

O Primeiro Congresso de Estudantes, reunido em 1910, mereceu páginas vibrantes de Gilberto Amado. E quem se detiver no estudo das tradições de todos os núcleos estudantis, da Bucha, de S. Paulo ao CACO do Rio de Janeiro, assim como das academias de S. Paulo, de Pernambuco, do Rio de Janeiro, da Bahia, do Rio Grande do Sul, encontrará sempre a mocidade mobilizada, na defesa de idéias liberais. O livro de Poerner é um roteiro fidedigno, em que se faz justiça à ação da juventude brasileira.

Foram esses sentimentos que levaram os estudantes brasileiros à ocupação do prédio do Clube Germânia, numa época em que havia desconfianças fundadas de que estivesse servindo, como centro de reunião, para os simpatizantes da vitória nazista, e não eram poucos e sem influência. O governo de Getúlio Vargas não criou obstáculos a essa ocupação. Nesse ponto, há que fazer justiça à inteligência do governante, que nunca admitiu que se criasse fosso instransponível entre ele e os estudantes do Brasil. Embora o apoio que ele proporcionasse nunca houvesse impedido que os estudantes sustentassem a causa em que sempre se empenharam, a favor da democracia. Não foram poucos os que se alistaram na FEB para a luta contra o fascismo. E quando se desejou criar, no Brasil, uma Juventude Brasileira, seguindo modelos que vinham da Itália e/ou da Alemanha, os estudantes se levantaram, com o denodo que nunca lhes faltou, sentindo quanto essa medida viria criar obstáculos à marcha da liberdade e do retorno ao Estado de Direito, que sempre teve neles os seus mais ardorosos defensores.

Não foi por outras razões que o Embaixador americano, Sr Lincoln Gordon, insuspeitíssimo como todos sabemos, reconhecia que "as manifestações estudantis do passado brasileiro representam, apenas, uma posição de inconformismo da classe urbana. As motivações aparentes de inconformismo são as mais variadas, mas um elo comum pode ser obtido: a superação das formas sociais nas diversas épocas, sejam elas colônia, império, escravatura".

Sempre com o prevalecimento da democracia. Por isso, em 1964, um repórter que todos admiramos, Joel Silveira, tivera ocasião de noticiar, num registro fiel: "A UNE tomou de Hitler a casa que agora perdeu". Confissão decepcionada de um homem que acompanhara a FEB nos campos de batalha da Europa. E qual a culpa, senão a do inconformismo? De um inconformismo que Gustavo Capanema registrara, num discurso famoso em que, na posse de uma nova Diretoria da UNE, a que comparecera acompanhado de dois auxiliares tão ilustres como Carlos Drummond de Andrade e Victor Nunes Leal, comparara os estudantes do Brasil aos gansos do Capitólio, uma vez que o seu pioneirismo se equiparara ao sinal de alerta, com que eram despertados os defensores da fortaleza romana, para enfrentar os invasores que a acometiam.

Palavras justas, ditas num instante que se incorporou a um passado, que já nos parece quase pré-histórico, pois que pronunciadas num Brasil em que o inconformismo não ganhara as cores dos crimes de lesa-majestade, tal como os previa e os castigava o livro V das Ordenações do Reino. O que nos arrasta à conclusão, de certo que melancólica, de que não há mais vez, no Brasil de hoje, para os gansos do Capitólio, nem para o pioneirismo dos estudantes. Mas sobra espaço para uma polícia, que parece só se sente realmente realizada quando lhe dão licença para espancar estudantes. Recebendo, de quebra, o direito de surrar deputados.

O Governo e o resto

Fernando Pedreira

TUDO é presente, escreveu William Faulkner. Ontem só acaba amanhã, e o amanhã começou há 10 mil anos. De um amanhã vindo assim de tão longe, e que certamente carrega consigo tantas taras e preconceitos antigos, não se pode esperar que seja afinal muito novo.

Qual será o traço dominante do processo político no Brasil moderno ou, se quiserem, no Brasil posterior à Revolução de outubro de 1930? Parece-me fora de dúvida que esse traço dominante, a marca característica da ordem política brasileira, tem sido o fortalecimento sempiterno do poder Executivo, e o esforço sistemático e determinado dos Chefes de Governo, apoiados na força armada, para subjugarem as instituições públicas e privadas do país e assim estabelecerem o seu domínio incontrastado sobre a nação inteira.

Já em 1945-46, até mesmo o camarada Prestes (agora arquivado) denunciava aquilo que lhe parecia ser a ditadura do Executivo. Ele, é claro, teria preferido, na hora própria, a ditadura do seu próprio Partido, o PC. Mas, na verdade, entre nós, o quadro jurídico-constitucional fez sempre do Executivo um poder orwellianamente "mais igual" que os seus menos felizes irmãos, o Legislativo e o Judiciário, o que tem levado inúmeros líderes políticos (como o referido Prestes) a se declararem, em ocasiões diversas, partidários do parlamentarismo.

A questão, entretanto, será menos de forma que de substância, menos jurídica que cultural. Trata-se, de fato, de uma funda deformação que vem de longe e da qual nós mesmos raramente tomamos consciência plena. Ainda agora, por exemplo, diante de um caso como esse das últimas greves, pedimos todos **ao Governo** que mude a lei, que modifique a legislação inábil e inadequada, quando a verdade é que quem pode e deve mudar a lei não é o Governo, mas o Congresso, onde estão os representantes do povo, isto é, dos operários e dos patrões e de todos os demais cidadãos da República. O que o Governo pode fazer é propor, aconselhar, tentar influir e, em último caso, vetar a lei que considere inconveniente.

Anos e anos de mandonismo dirigista torceram-nos a boca e empenaram-nos a alma. Ainda agora, diante do projeto que restabelece as prerrogativas do Congresso, diz o Governo que umas tantas coisas ele não admitirá; não admitirá, por exemplo, que um projeto aprovado pelo Congresso o obrigue a desembolsar um centavo sequer (**Veja**, 11.6). Ora, o Governo fabrica dinheiro na Casa da Moeda e recolhe (embolsa) impostos, taxas, empréstimos compulsórios, mas isto não quer dizer que o dinheiro seja seu: o dinheiro é do contribuinte e quem representa o contribuinte, o povo, é exatamente o Congresso Nacional, cuja atribuição primeira é fazer as leis, a começar daquelas que devem regular a utilização dos dinheiros públicos.

A suposição burocrática de que os representantes do povo tendem a ser demagogicamente perdulários, e que só o Governo, o Executivo, é sério e responsável, foi precisamente o que nos trouxe à situação em que hoje estamos. Deixemos de lado os centavos. Como pode falar em economia, em responsabilidade (ou sequer em seriedade) um Executivo que, em administrações sucessivas, jogou pela janela centenas e centenas de bilhões em aventuras como a Transamazônica, a Ferrovia do Aço, a Ponte Rio—Niterói, o metrô carioca, ou o programa nuclear, para não falar nos favorecimentos a negocistas e aventureiros amigos-do-rei, muitos deles resgatados à beira da falência pelos cofres públicos, os Lutfala, Atala, Audi e companhia?

Ainda agora, no Rio, televisões e rádios só falam de um novíssimo **shopping-center**, uma imensa torre mais alta que as montanhas em volta, toda construída com recursos da Caixa Econômica Federal. Na época em que foi decidido o financiamento, o próprio presidente da Caixa justificava a decisão como uma tentativa de recuperar ao menos parte dos vastíssimos cabedais que o Governo havia dado anteriormente ao grupo da torre e que esse grupo já não tinha condições de pagar. O **shopping**, portanto, seria a salvação, não da lavoura, mas do Tesouro, se o Tesouro ainda tivesse salvação. Compre, que o João garante.

A dívida externa, a dívida interna (em quanto andará a dívida interna?) a inflação de 100% ao ano têm raízes precisamente nessa arrogância burocrática (governamental, palaciana) que repele os controles democráticos e faz o Executivo sentir-se dono e senhor de um dinheiro que não é seu, mas do contribuinte, do país que trabalha e produz. Como pode pretender-se superior aos deputados, ou ao próprio Congresso, uma administração que não passa um mês sem admitir um novo rombo de caixa e, mesmo diante de circunstâncias tão graves quanto as atuais, não tem coragem moral suficiente para reconhecer erros antigos e voltar atrás, mesmo de decisões tão infelizes e indefensáveis como essa do programa nuclear?

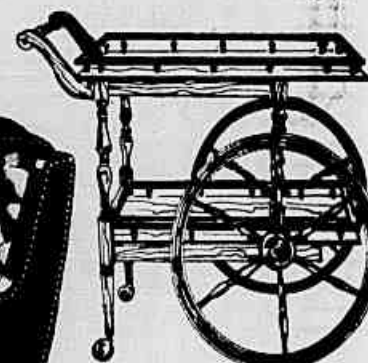
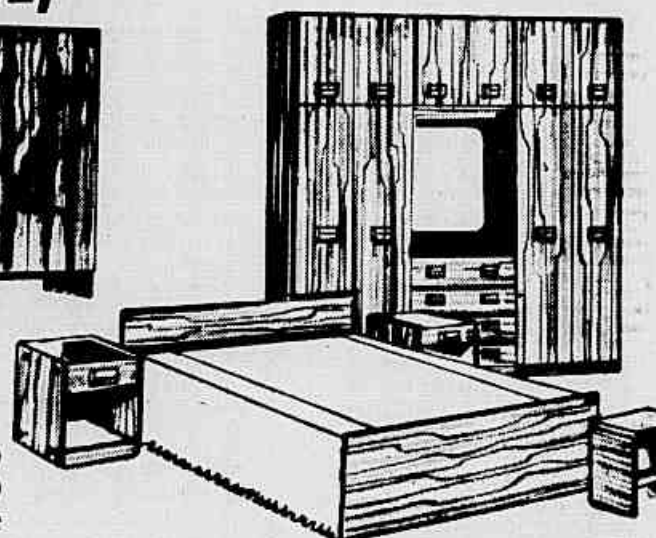
Parece bastante claro que é chegada a hora de mudar, a hora de rever disposições e atitudes que hoje impedem, de fato, o avanço do país em terrenos como o político, o social e, até, o administrativo. Como diria o Embaixador Roberto Campos, é hora de reverter a tradição (centralizadora, antifederativa, estatizante, dirigista) e é óbvio que não se pode esperar que o próprio Governo assuma por si só a iniciativa dessa reversão. É a opinião pública que deve agir, embora fosse sem dúvida ótimo se o Presidente Figueiredo pudesse deixar por uns meses a sua postura de estatocrata-chefe, para ser o presidente de todos os brasileiros.

Ao longo do meio-século que nos separa da Revolução de 1930, a guerra dos Presidentes da República e dos seus amigos militares contra as instituições e a ordem democrática, contra a Federação e o Congresso, contra a autonomia dos municípios, pelo crescente controle estatal sobre a iniciativa privada, só teve em verdade dois magros e discutíveis intervalos: um no período Dutra, entre 1946 e 1950, e outro no período juscelinianο, de 1955 a 1960.

Pelo menos 25 anos, a metade do meio-século, foram dominados pelo ditador Vargas e pelo getulismo, que ainda hoje inspira e anima uma tão grande parcela da nossa **polity**. Da outra metade do meio-século, 15 anos foram vividos debaixo do regime militar, fortemente centralizado, dos Atos Institucionais. Dir-se-á que, desde Geisel, os próprios militares nos estão empurrando para fora desse túnel. Mas, não. A velha tara prevalece e comanda o processo. O quadro liberalizou-se, sem dúvida, mas 18 meses sem AI-5 já bastam para mostrar que, em termos de poder, a abertura é cosmética e que o grupo que controla o Executivo não está disposto a abrir mão de uma vírgula sequer da sua ditadura de fato (e de direito) sobre a nação inteira.

Num país continental como o Brasil, supostamente adulto, dotado do extraordinário dinamismo e da capacidade de iniciativa que têm demonstrado ao menos as suas regiões mais ricas, é certamente um atraso de vida essa espécie subtropical de monarquia absoluta, com seus barões feudais encarapitados nas grandes empresas públicas, entrincheirados em órgãos semi-secretos de segurança, com o seu palácio real plantado em Brasília e que sabe tudo, manda em tudo, regula tudo. Não somos cidadãos, somos (quando muito) vassalos e suseranos. Ainda agora, os maiores empresários do país foram a um beija-mão palaciano para agradecer ao Presidente umas tantas correções no édito do empréstimo compulsório. Mais um ato legítimo de soberania. Enfim, tudo está bem, quando acaba bem.

Seria preciso abrir os portos outra vez, agora em Brasília; descolonizar o país, colonizado pelo chauvinismo estatal dos seus senhores estatocratas. Onde andará Dom João VI?

Explode coração
CONJUNTO DE SOM SHARP SG 220 3x1 Toca-discos automático, gravador cassete estéreo. Rádio AM/FM e FM estéreo.
à vista 24.950
OU EM ATÉ 15 MESES SEM ENTRADA
REFRIGERADOR CONSUL - Super luxo. Duplo espaço interno. Nas cores azul, amarelo e branco.
à vista 13.520, ou 1+15x 1.394, Total 22.304,
GELADEIRA BRASTEMP DUPLEX-44 D 440 litros de capacidade. Amplo congelador com porta separada. Nas cores branca, azul, vermelha e amarela.
à vista 29.950,
FOGÃO CONTINENTAL GRAN PRIX VT Giromatic e acendimento automático, tampa de cristal.
à vista 10.950, ou 1+12x 1.273, Total 16.549,
MÁQUINA DE COSTURA ELGIN FUTURA Novo modelo. Robusta e silenciosa.
à vista 5.950, ou 1+15x 614, Total 9.824,
Brastel trata com carinho
Brastel é
ofertas especiais
Som Show
Instalação Grátis
ESTANTE BÉRGAMO AMAZONAS 6 portas, 4 gavetas, bar e 4 prateleiras. Um móvel de alto luxo.
à vista 17.450, ou 1+15x 1.800, Total 28.800,
GRUPO ESTOFADO COMODORO Almofadas soltas, em veludo e courvin vinho. Um conjunto de alto luxo.
à vista 22.560, ou 1+15x 2.327, Total 37.232,
CARRINHO DE CHÁ Em cerejeira, torneado com rodas de borracha.
à vista 4.390,
DORMITÓRIO CIMO PRELÚDIO 6 peças. Guarda-roupa de 4 portas. Padrão caviúna.
à vista 18.950, ou 1+15x 1.955, Total 31.280,
DORMITÓRIO JEPIME CAPELINHA Padrão cerejeira semi-fosco. Guarda-roupa com 10 portas. Puxadores modernos e funcionais. Espelho com moldura.
à vista 27.150, ou 1+15x 2.800, Total 44.800,
SONY
Puro som Sony
RECEIVER - SONY STR 11 BS Amplificador de 140W de potência, saída para quatro caixas acústicas, sintonizador com quatro faixas de onda (FM/Stéreo/MW, SW1, SW 22 e excelente sensibilidade de FM Stéreo)
à vista 17.800,
TOCA-DISCOS SONY PS 11 BS Motor de Torque Linear, Direct Drive, sistema Magnedisc, servo-controlado, estroboscópio, prato de alumínio fundido, operação semi-automático.
à vista 21.900,
CAIXAS ACÚS SONY SS 91 Construídas pelo Sistema Bass-Reflex com grades removíveis, 90 watts de potência e divisor de freqüência frontal.
à vista 18.900, o par
RACK Opcional com divisões para toca-disco, receiver, tape-deck, discos e fitas.
BI-CAMA SAEIRA Tecido xadrez.
à vista 7.490,
Brastel acredita
Brastel facilita

Turbay dá indulto a quem depor armas mas guerrilha realiza cúpula na Colômbia

Bogotá — Enquanto o Serviço de Informações Militares detectava uma reunião dos principais líderes guerrilheiros nas montanhas de Magdalena Medio, 400 km ao Norte de Bogotá, o Presidente colombiano Júlio César Turbay Ayala anunciava, ontem, durante uma inauguração de obras, que vai submeter ao Parlamento um projeto de lei concedendo indulto automático aos rebeldes que deporem suas armas.

Falando na cidade de Ibague, Capital do Departamento de Tolima, no Oeste colombiano, Turbay Ayala disse que é sua intenção "pacificar o país e não fortalecer a subversão". Acrescentou que a lei não beneficiará os acusados de crimes políticos que já foram condenados pela Justiça.

DENTRO DOS PARÂMETROS

"Os inimigos de meu Governo poderão me combater dentro dos parâmetros democráticos e seu primeiro passo deverá ser depor armas, logo após o indulto. Depois poderão formar Partidos políticos legais de oposição", explicou, acentuando que vai encaminhar o projeto no próximo dia 20, quando os parlamentares voltam de férias.

Segundo o comentarista político da Associated Press, Javier Baena, a aprovação do projeto poderá ter a unanimidade no Parlamento, graças à união dos Partidos Liberal e Conservador, que juntos controlam 90% da Câmara e do Senado, e à tendência da bancada de esquerda democrática, liderada pelo Partido Comunista, em apoiar esta lei. Mas não seria preciso tanto: dois terços do Congresso são suficientes.

Da anistia de Turbay Ayala, pelo menos em seu projeto de lei original, ficariam de fora cerca de 100 pessoas, já condenadas por delitos políticos, algumas cumprindo pena, outras julgadas à revelia. Seriam, também, excluídos os 300 militantes dos diversos grupos guerrilheiros que no momento estão sendo julgados por conselhos de guerra.

Estes, no entanto, segundo fontes governistas, já estariam sendo beneficiados com menos rigor por parte dos juízes, graças ao acordo verbal firmado nesse sentido depois da libertação dos embaixadores retidos vários meses por um comando do Movimento 19 de Abril (M-19) que ocupou a representação dominicana, fazendo reféns os diplomatas.

O jornal El Tiempo, de Bogotá, citando fontes do Serviço de Informações Militar (SIM), informou ontem que se está realizando em algum ponto do território colombiano — supostamente nas montanhas de Magdalena Medio — uma conferência de cúpula dos movimentos armados de esquerda.

Na última quinta-feira, os órgãos de segurança prenderam 70 pessoas sob a acusação de militarem nas Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (FARC) e junto com elas "numerosos documentos e contas bancárias no total de 150 milhões de pesos, ao que parece produto dos seqüestros efetuados". O jornal dá a entender que a captura dos 70 ajudou o SIM a detectar a conferência serrana.

Participam do encontro representantes dos quatro grupos guerrilheiros mais ativos do país: as FARC, que se denominam braço-armado do Partido Comunista Colombiano (pró-Moscou), embora membros do Partido desmintam tal vinculação; o Exército de Libertação Nacional (ELN), de tendência fidelista; o Exército Popular de Libertação (EPL), de orientação maoísta; e o Movimento 19 de Abril (M-19), formado por socialistas e nacionalistas não marxistas e marxistas.

Asencio tem oferta para filme sobre M-19

Bogotá — Um produtor de Hollywood fez uma oferta milionária ao ainda Embaixador dos Estados Unidos na Colômbia, Diego Asencio, para escrever o roteiro e participar, como ator, interpretando a si mesmo, de um filme sobre a ocupação da Embaixada dominicana pelo M-19. A informação é do diário El Espectador.

Fanático por cinema e leitor de obras de ficção científica, Asencio recebeu o convite, que talvez não aceite por uma razão muito simples: recebeu outra oferta, esta do Presidente Jimmy Carter, para desempenhar o cargo de Secretário para Assuntos Consulares na América Latina. Terá todo o continente como área de atuação, o que implicará sua volta a Bogotá em breve, não mais na qualidade de Embaixador.

França retira policiais de Novas Hébridas e desaprova chegada de tropas inglesas

Port Vila — A súbita retirada dos 55 gendarmes franceses de Novas Hébridas foi uma atitude de desaprovação do Governo francês diante da decisão do Governo britânico em enviar fuzileiros navais para essas ilhas, abaladas por um movimento separatista. Hoje, em 10 aviões, chegam 250 fuzileiros ingleses armados de fuzis leves, armas curtas e morteiros.

A explicação oficial dada pelo comissário-residente da França em Port Vila, Jean Jacques-Robert, foi de que a situação nas ilhas se acalmara, não justificando, portanto, o reforço dos gendarmes (policiais militares).

A tropa francesa chegou logo em seguida à rebelião de oposicionistas nativos de fala francesa na ilha de Tanna e que teve como resultado choques entre esse grupo e a polícia local, que causaram a morte do líder da Oposição, Alexis Youlou, e de seis nativos da seita Cargo.

REVOLTA DE TANNA

Os fiéis do culto da carga são nativos que aguardam para algum dia a chegada de um navio muito branco e abarrotado de bens de consumo.

As autoridades disseram que o surto de violência em Tanna foi provocado pelos seguidores do culto da carga e não tem vínculos com a rebelião dos separatistas da ilha do Espírito Santo, a 500km de distância. Tanna, ilha fértil e bem irrigada, no extremo Sul das Novas Hébridas, é a única do arquipélago que conta com um vulcão em atividade, o do Monte Tokesemeru.

Segundo o historiador Peter Worseley, o culto da carga remonta há quase um século, propagando-se por toda a Nova Guiné e Melanésia.

"O sentimento de revolta em Tanna iniciou-se em 1800, quando o comércio de escravos — com a prisão e o degredo de nativos para trabalharem nos canaviais de Queensland, na Austrália — reduziu sua população em aproximadamente dois terços", informou Worsley. Tanna que tinha uma população de 15 a 20 mil habitantes, em 1872, ficou reduzida a 6 mil moradores.

Ao longo dos anos, Tanna assistiu ao surgimento de variados líderes do culto da carga, a começar em 1923 por Runovoro, que ordenou seus adeptos que abandonassem os missionários e matassem os europeus, pois só desse modo permitiriam a ressurreição dos mortos. Anunciou que logo depois haveria um grande dilúvio, trazendo em suas águas um grande navio branco, repleto de bens, que proporcionaria aos fiéis uma vida feliz para sempre.

Para contestar frontalmente os ensinamentos dos missionários, Runovoro defendeu a prática sexual livre, em público. Disse que nenhum marido devia ter ciúmes de outro homem que com sua mulher fizesse amor, pois o sexo não devia envergonhar ninguém. Runovoro assegurou que só os fiéis que contribuíssem com uma taxa de filiação à seita poderiam receber os bens que o grande navio branco lhes traria.

Quando um agricultor britânico foi assassinado, a Austrália enviou à ilha o couraçado Sydney, que bombardeou Tanna e sufocou a rebelião. O líder religioso e dois de seus acólitos foram enforcados e o culto ressurgiu em 1940, quando John Frim, o novo líder, fez renovadas promessas e introduziu os Estados Unidos em suas crenças, com a afirmação de que os norte-americanos trariam à população de Tanna todos os bens que desejassem, inclusive a imortalidade.

A queda dos preços do coco, na década de 1940, gerou grande descontentamento na população, o que contribuiu para a conversão de centenas à sociedade secreta, a seus ritos e organização. Em princípio de 1941, correu a notícia de que um novo messias chegara, Joe Naipin. Embora cumprindo pena na prisão de Porto Vila, Naipin proclamava que John Frim havia ampliado seus domínios, passando a ser também soberano dos Estados Unidos. Naipin prometeu que seus três filhos — Isaac, Jacob e Lastuan — em breve chegariam num grande navio branco "lotado de fartura".

Quatro anos mais tarde, outro líder do culto da carga, Iokaeye, despontou, mas não teve tempo para pregar muitas profecias, pois as autoridades logo o detiveram e o levaram à cadeia nos anos 1950. A alta do preço do coco veio a seguir acalmar os ânimos, reduzindo o inconformismo dos melanésios até o ano de 1952, quando o produto sofreu outra queda em sua cotação. Surgiu então mais um messias, Ragh Ragh, que convenceu os ilhéus de que o avivamento dos preços fora provocado por sórdidas manobras de europeus. A polícia mais uma vez agiu com presteza e adeptos do culto da carga foram presos e dispersos.

Refugiaram-se nas colinas, em torno do Monte Tokoseni, sob a alta proteção de Karaperamun, o deus vulcão. A insurreição atual tem inspiração nessa herança cultural, que há um século explode em intermitências, asseguram as autoridades.

Gueiler canta triunfo e diz que "tempestade acabou" na Bolívia

Rosental Calmon Alves
Enviado Especial

La Paz — A Presidenta Lídia Gueiler declarou que "a tempestade acabou", confessando que "foram os momentos mais difíceis desde que assumi o Governo", ao referir-se à crise político-militar dos últimos dias, quando o processo democrático boliviano esteve seriamente ameaçado por um iminente golpe de estado. A Sra Gueiler conseguiu, através do diálogo, que a crise desse lugar a um clima de distensão, durante o qual os militares acabaram substituindo suas agressividades e ameaçadoras declarações por uma atitude de clara subordinação ao Governo.

"Foi um grande triunfo", confidenciou, visivelmente eufórica a Presidenta Lídia Gueiler, numa entrevista ao JORNAL DO BRASIL, pouco depois de ouvir do Comandante-em-Chefe das Forças armadas, General Armando Reyes Villas, as garantias de que os militares acatavam plenamente a decisão de realizarem-se eleições gerais no próximo dia 29, dispondo-se até a ajudar na organização da votação.

A Presidenta Lídia Gueiler explicou que no episódio do Embaixador "houve uma má interpretação. Primeiro, porque juntaram duas coisas totalmente diferentes: a declaração do Governo dos Estados Unidos (oponde-se a um golpe militar) e um comentário jornalístico".

"Então, não sei se por interesse do momento político aproveitaram para englobar as duas coisas e dar uma imagem totalmente diferente", prosseguiu a Sra Gueiler, inocentando assim o Embaixador norte-americano de qualquer acusação de intervencionismo.

Ela contou que manteve contatos com o Embaixador Marvin Weissman, assegurando que "ele pessoalmente nunca fez nenhuma declaração, absolutamente nenhuma. Foi apenas um comentário jornalístico que se usou, englobado com outra informação".

"Nosso Governo atuou com muita cautela neste problema e esta foi uma prova a mais de nossa responsabilidade", disse a Presidenta. Explicou que o Embaixador boliviano nos Estados Unidos foi chamado "para uma consulta normal sobre vários temas, como é rotina na Chancelaria, porque os assuntos só podem ser motivo de consultas pessoais".

Sobre a greve de fome de cerca de 80 militantes da direitista Falange Socialista Boliviana, exigindo a retirada do Embaixador norte-americano, a Presidenta Lídia Gueiler lembrou que as Forças Armadas, a Igreja, o Congresso e o seu Governo, através de uma comissão de Ministros, pediram para que acabassem com esse movimento radical.

"Espero que eles reflitam e compreendam que neste momento não se pode tomar decisões desta natureza, que poderiam ocasionar um prejuízo, agora que estamos na reta final das eleições", advertiu a Presidenta Lídia Gueiler, criticando depois indiretamente a Falange:

"Às vezes, a gente se surpreende, e eu vi muito no Parlamento isso, que alguém que tem uma linha de defesa do imperialismo, e de repente por certos acontecimentos ou circunstâncias atacam o imperialismo mudando de posição política".

Arquivo/1979

A Presidenta desafiou os Partidos políticos a demonstrar maturidade a fim de que a democracia possa ser consolidada

Respaldo

A crise foi iniciada com a denúncia do Departamento de Estado norte-americano de que havia informações sobre a preparação de um golpe de estado, com a advertência de que os Estados Unidos não apoiariam um Governo militar que interrompesse o processo democrático na Bolívia. Coincidentemente, o Washington Post revelava simultaneamente os esforços do Embaixador norte-americano em La Paz, que teria servido para persuadir os militares a desfechar um golpe que estava preparado para o final do mês passado.

O fantasma do golpe de estado permaneceu rondando esta Capital até este fim de semana, quando os militares manifestaram que acatam plenamente as ordens e instruções da Presidenta Lídia Gueiler, em sua qualidade de Capitana General das las Fuerzas Armadas, de acordo com a Constituição.

Além de exigir a expulsão do Embaixador dos Estados Unidos, os comandantes militares emitiram um comunicado pedindo a suspensão das eleições gerais do próximo dia 29, considerando que elas apenas agravariam os problemas bolivianos. Através de um paciente diálogo com os militares, a Presidenta Lídia Gueiler conseguiu superar os dois confrontos entre o Governo e as Forças Armadas, exorcizando assim o fantasma do golpe de estado.

Após o rechaço unânime dos Partidos políticos e do Congresso Nacional à proposta militar para o adiamento das eleições, a Presidenta confirmou para o dia 29 a escolha através do voto direto de novos Presidente e Vice-Presidente da República, deputados e senadores, criando-se uma expectativa quanto à reação dos militares.

Estes acabaram retrocedendo em seu pedido, o que foi interpretado pela Presidenta Lídia Gueiler como "um respaldo" ao seu Governo.

"Na realidade, eu vejo a resposta das Forças Armadas como algo coerente com o documento histórico que apresentaram pedindo o adiamento das eleições, pois demonstra a preocupação dos militares com o processo democrático. E, evidentemente, o mais importante agora é que todos os bolivianos estejamos unidos a favor do desenvolvimento do país", disse a Presidenta.

"Eu acho que sim, que a tempestade já acabou...", prosseguiu, "mas agora o que temos que insistir é fazer pé firme sobre o seguinte: há um desafio muito grande para os Partidos políticos. Esperamos que a maturidade desses Partidos, das organizações e do povo em geral dê um resultado favorável à consolidação da democracia".

Esse desafio lançado pela Presidenta refere-se às dificuldades que se têm verificado na Bolívia quanto à eleição direta de um novo Governo, já que há mais de 70 Partidos disputando o Poder através de coalizões, com dois candidatos que dividem 70% dos votos: Hernan Siles Suazo e Victor Paz Estenssoro.

Em 1978, Siles Suazo teve uma pequena vantagem mas as eleições foram canceladas, sob a suspeita de ter havido fraudes. No ano passado, os dois candidatos empataram e o Congresso não conseguiu chegar ao desempate, como prevê a deficiente Lei Eleitoral deste país. Agora, acredita-se que haverá novamente um virtual empate, que só poderá ser resolvido no Parlamento se houver alianças entre as coalizões já existentes.

"Para a consolidação real no processo democrático na Bolívia, ressaltam, "outro setor que terá que desempenhar um papel de importância fundamental é a Corte Eleitoral. A Corte terá de demonstrar que todos os instrumentos estão preparados para oferecer à Bolívia eleições absolutamente limpas e, assim, dar tranqüilidade aos Partidos políticos".

"Bem, eu creio que este foi o momento mais difícil desde que assumi o Governo", disse finalmente a Presidenta Lídia Gueiler, depois de relutar em responder a essa pergunta, afirmando que "na realidade, todos foram momentos muito difíceis".

A primeira dificuldade surgiu quando ela tentou reorganizar as Forças Armadas, em fins de novembro, poucos dias depois de tomar posse, para substituir os comandantes envolvidos no golpe do Coronel Natusch Busch. O primo da Presidenta Lídia Gueiler Tejada, o General Garcia Meza Tejada, que surgia como o novo homem-forte do Exército, aquartelou-se em atitude rebelde, não aceitando a nomeação do General René Villarroe, que acabou cedendo e pôs no lugar o candidato de Garcia Meza: o General René Rocha.

Rocha acabou sendo destituído por Meza, na segunda crise militar grave, provocada pelo primo da Presidenta, que, em abril, forçou sua própria nomeação para o cargo de Comandante Geral do Exército. A partir daí, passou a aparecer como principal suspeito de estar organizando um golpe de estado.

"Que momento não foi difícil desde que tomei posse?", pergunta a Presidenta. "Em todos esses momentos, eu sempre contei primeiro com o apoio do meu Gabinete e depois com o apoio do povo, pois graças a Deus tenho esse espírito de enfrentar tudo com um sorriso e com o diálogo", comentou a Presidenta.

O diálogo sempre foi também a base do seu relacionamento com os militares e graças a isso, nos últimos dias "as Forças Armadas demonstraram sua preocupação e sua integração com o processo democrático e o respeito às determinações do povo".

"Eu sempre mantive o diálogo com os militares. Não posso queixar-me de nada, pois mantive permanentemente boas relações com eles", declarou a Presidenta, negando-se a comentar o incidente provocado pelo Coronel Carlos Estrada, que há uma semana tentou forçar a porta do seu quarto, na residência oficial, ameaçando agredi-la fisicamente.

"Olha, as coisas negativas eu não quero levar em conta neste momento. Todas as coisas negativas foram anuladas, apagadas, com esse grande triunfo que tivemos", disse a Presidenta.

Para Lechin, povo rejeitou golpe

La Paz (do Enviado Especial) — "O impasse que existe hoje em nosso país não é entre o Governo de Gueiler e as Forças Armadas. É entre as Forças Armadas e todo o povo boliviano, que rechaçou sua proposta de adiamento das eleições", declarou ao JORNAL DO BRASIL o secretário executivo da Central Operária Boliviana, o veterano líder sindical Juan Lechin Oquendo, que anunciara planos da COB para frear um eventual golpe militar, como o fez quando o Coronel Natusch Busch tomou o Poder em novembro passado.

Ao rechaçar a sugestão das Forças Armadas, como todas as demais instituições civis da Bolívia, a COB advertiu que "os fatos demonstram que já está sendo executado um golpe militar", acusando os golpistas de serem os autores "do terrorismo, do caos no abastecimento de gêneros alimentícios" e de exercerem a "intervenção de assessores estrangeiros nos organismos de inteligência".

Argentinos

Indagado sobre esses "assessores estrangeiros", o dirigente da COB disse que não tinha pessoalmente feito nenhuma acusação, mas afirmou que "até agora não houve nenhum desmentido das Forças Armadas para a acusação feita para a denúncia de estudantes universitários recentemente presos e levados para o Quartel-General do Exército boliviano aqui em La Paz, onde, segundo disseram, foram interrogados por argentinos".

Juan Lechin observou que "ainda há rumores de um iminente golpe militar", porém "agora estão menos intensos que na semana passada". Advertiu entretanto que "em várias assembléias gerais, a COB traçou os planos para enfrentar a eventualidade de um golpe militar, através de uma greve geral e de levantamento de barricadas nas estradas".

Assinalou que a reação a um golpe seria dramática, porque "o povo boliviano quer a democracia, pois acredita que esse processo levará o país à estabilidade, com o processo normal de eleições, o que resolverá o problema da inflação e dará trabalho aos desempregados", destacando ainda o apoio internacional ao atual processo democrático.

Ao contrário das Forças Armadas e de alguns Partidos políticos que condenaram o suposto "intervencionismo norte-americano" para evitar um golpe militar na Bolívia no final do mês passado, Juan Lechin lembrou que "desde que existe a Carta dos Direitos Humanos, da qual a Bolívia é signatária, o problema de desrespeito a esses direitos já não é nacional. São causas mundiais, como aquela decisão das Nações Unidas de não reconhecer uma conquista por força de armas".

Embora interrompendo o seu raciocínio para reafirmar que não é preciso repetir "que sempre fomos e somos antiimperialista e contra o intervencionismo do imperialismo", Lechin declarou que "o respeito aos Direitos Humanos inclui, fundamentalmente, o direito dos povos de escolher seus governantes através de eleições diretas e com voto secreto".

O líder sindical disse que conheceu o Embaixador norte-americano em La Paz, quando este lhe fez uma visita, "manifestando o desejo de manter um intercâmbio de idéias com a Central Operária Boliviana".

País retorna à tranqüilidade

La Paz — A Central Operária Boliviana pôde reunir seu plenário na sexta-feira, pela primeira vez em muitos dias, quando a falta de quorum impediu debates e levou muitos dos seus políticos empenhados na campanha eleitoral, milhares de pessoas viajaram a passeio para o interior, depois de terem cancelado esses projetos por várias semanas, sempre na iminência de golpe militar.

Mas o melhor indício de que a tranqüilidade voltou à Bolívia foi dado sexta-feira em entrevista do Comandante-em-Chefe das Forças Armadas, General Armando Reyes Villa, afirmando que "as Forças Armadas apoiam, em sua ferrenha unidade institucional, de forma plena e conscientemente, o processo democrático que vive o país".

A campanha para as eleições do dia 29 promete, no entanto, continuar esquentando os ânimos. O ex-Presidente, General Hugo Banzer, que quer o cargo de volta nas urnas, classificou com os dois candidatos mais fortes da disputa — Hernan Siles Zuazo e Victor Paz Estenssoro — de "papa-moscas, idiotas, velhos chochos e senis".

As duas frentes eleitorais que apoiam Zuazo e Estenssoro reagiram, classificando a linguagem de Banzer de "grosseira". E a Presidenta Lídia Gueiler, sem referir-se especificamente ao caso, pediu aos dirigentes políticos que mantivessem a "dignidade e altivez".

Carter já exclui uso da força para libertar os reféns

Londres e Estocolmo — O Presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, excluiu definitivamente o emprego da força para conseguir a libertação dos reféns norte-americanos no Irã. "Os iranianos devem ser convencidos, por via diplomática e mediante a imposição de sanções econômicas, de que se prejudicam continuando a reter pessoas inocentes", disse Carter, em entrevista a The Times.

"Esta é uma posição positiva. Esperamos que suas palavras se transformem em realidade. Acreditamos que a única maneira de resolver este problema é pela via pacífica", declarou o Chanceler do Irã, Sadegh Ghotbzadeh, ao ser informado das palavras de Carter, depois de se reunir na Capital sueca com o Chanceler Ola Ullsten. Anunciou que o Irã intensificará o intercâmbio comercial com a Suécia e os demais países escandinavos.

INVASÃO

Jimmy Carter qualificou a invasão do Afeganistão pela União Soviética de "grave erro", ressaltando, no entanto, que "a distensão continua" e que os dois países ainda estão em paz. Demonstrando otimismo com relação à OTAN, opinou que a Aliança está mais forte do que nunca, explicando que diferenças de opiniões entre os países membros não são nada de extraordinário entre democracias. Referindo-se à possibilidade de uma reunião com o Presidente soviético, Leonid Brejnev, disse que "isso depende da União Soviética, nada me agradaria mais".

Já o Chanceler do Irã, quando lhe perguntaram se aceitaria ir a Veneza, participar da reunião de cúpula dos países mais industrializados do Ocidente, respondeu: "Eu iria se Carter não estivesse lá", acrescentando que talvez fosse bom se encontrar com o Presidente dos Estados Unidos, "mas seria ruim para mim em meu país". A imprensa escandinava questionou se a viagem do Chanceler era para levar à compreensão da Revolução Islâmica do Irã ou para fortalecer sua própria posição de Poder.

Khomeiny proclama "Revolução Cultural"

Kuwait e Paris — O ayatollah Khomeiny proclamou uma "Revolução Cultural Islâmica para terminar com os inimigos de Deus", anunciou a Rádio de Teerã, citada pelo jornal parisiense de esquerda Liberation. Disse temer que a cultura iraniana "continue a ser a mesma de durante o regime corrupto do Xá Reza Pahlavi".

"Todas as escolas e universidades, criadas durante o regime do Xá, devem ser submetidas a um controle direto, para proteger seus estudantes do perigo da contaminação de idéias contrárias aos valores do Islamismo", indica o decreto do ayatollah. Para observadores, a intenção de Khomeiy é expurgar os esquerdistas do sistema educacional.

Filho do Imã acusa os religiosos de agressão

Teerã — Sayed Ahmad Khomeiny, único filho vivo do Imã Khomeiny, responsabilizou a direita radical islâmica pela pancadaria de quinta-feira, em meio a uma concentração popular convocada pela organização de esquerda Mujahedin Khalq e que causou pelo menos uma morte e mais de 300 feridos.

Partidário da política moderada do Presidente Abol Hassan Bani Sadr, Sayed Ahmad ficou indignado pela repressão desencadeada pelos direitistas ligados ao ayatollah Beheshti contra os esquerdistas, em nome da religião, e pediu a prisão dos envolvidos, afirmando que o ataque "foi uma desgraça para Alá e para o Islã".

Especulando sobre os motivos pelos quais o ataque não mereceu investigações, Ahmad salientou que "se a agressão ocorresse durante as preces de sexta-feira, os agressores seriam imediatamente identificados e todo mundo saberia quem são, onde moram, quantos gastos têm em casa e até mesmo qual dos gatos não tem rabo".

A observação dá a entender claramente que os distúrbios não foram investigados por causa da simpatia de que gozam os militantes do Partido Republicano Islâmico junto ao próprio Governo. A pancadaria de quinta-feira, nas imediações da Embaixada americana, foi um dos piores distúrbios registrados no país desde a fuga do Xá e agucou a luta interna travada no Irã. Comenta-se que a Guarda Revolucionária (milícia islâmica) participou dos choques, ao lado dos direitistas de Beheshti.

A situação é grave e levou o próprio Khomeiny a afirmar, recentemente, temer mais as dissensões internas do que as ameaças vindas de fora, dos Estados Unidos, por exemplo. Ontem, um funcionário do Governo Bani Sadr pediu à população para que evite participar de distúrbios e identifique os causadores.

A organização Mujahedin Khalq tem um papel-chave na derrubada do Xá Reza Pahlavi, mas distanciou-se do regime revolucionário, afirmando que os fundamentalistas islâmicos que efetivamente mantém o Poder lhes veda o acesso aos meios de informação, ao Parlamento e restringem os direitos humanos. Seus militantes acentuaram que o ataque de quinta representou uma tentativa dos muçulmanos radicais de monopolizarem o controle do país.

IMPUNIDADE

No Governo, as versões se contradizem e as explicações dadas são insuficientes. Mostafá Mirsalim, Subsecretário do Interior, reconheceu que os mujahedins tinham recebido permissão para realizar a manifestação de quinta-feira e acrescentou que "certos elementos conhecidos iniciaram a violência", sem, no entanto, identificá-los.

Mas o jornal República Islâmica, órgão oficial dos radicais fundamentalistas, acusou ontem os mujahedins de responsáveis pelos incidentes, com o que não concorda o filho de Khomeiny. Segundo o jornal, o grupo esquerdista "pretende tomar o Poder e sua intenção, ao provocar os incidentes, foi a de criar mártires para facilitar o objetivo".

A televisão foi, contudo, imparcial. Em entrevistas com pessoas feridas nos distúrbios, estas acusaram a Guarda Revolucionária de ter provocado a luta contra a organização que hoje é considerada a principal força de oposição do país.

No complicado esquema de Poder que impera no Irã atual, sabe-se que tal oposição não visa ao Presidente Bani Sadr, cuja corrente procura situar-se entre os dois pólos. Anteontem, a imprensa francesa deu destaque à declaração de Hassam Ayat, um dos principais ideólogos da Revolução Islâmica, homem de confiança do ayatollah Beheshti, segundo quem "Abol Hassam Bani Sadr será um Presidente no estilo da Quarta República francesa" — isto é, uma figura decorativa.

DITADURA DOS "MULLAHS"

Para o jornal francês Le Matin, os choques de quinta-feira revelam que está se aprofundando a "ditadura dos mullahs" (chefes religiosos de grau inferior aos ayatollahs que efetivamente têm controle sobre o país, à revelia do Governo Bani Sadr) e a influência de seu líder máximo, o ayatollah Mohammed Beheshti.

"Os fundamentalistas islâmicos", afirmou Le Matin, referindo-se à observação de Hassan Ayat, "não se contentam em ridicularizar o Chefe de Estado (Bani Sadr), que tenta de todas as maneiras recuperar alguma fatia de Poder. Estão dispostos a atacar de frente os que questionam de um modo ou de outro a ditadura dos mullahs".

Segundo Le Matin, o principal alvo dos grupos de direita são os mujahedins Khalq, mas o próprio Governo de Bani Sadr. Aproveitaram-se dos recentes triunfos eleitorais para deixar clara sua intenção de futuramente mantendo seu domínio.

No centro da crise, tendo seu prestígio disputado pelos moderados de Bani Sadr e pelos radicais direitistas de Beheshti, o ayatollah Khomeiny vem advertindo sobre o perigo da queda do regime em conseqüência do confronto interno.

Uruguai prende 5 líderes

Montevidéu — Quatro homens em trajes civis, portando metralhadoras, prenderam na manhã de ontem em Montevidéu o ex-candidato à Presidência do Uruguai, Jorge Batlle, líder do Partido Colorado. Entre 7h e 9h da manhã, policiais prenderam, também, os dirigentes cassados Amílcar Vasconcellos e Raumar Jude, do Partido Colorado, os ex-Senadores Carlos Júlio Pereyra e Dardo Ortiz, do Partido Blanco, e o presidente do Partido Democrata Cristão, Juan Pablo Terra.

As prisões deveram-se a declarações feitas por Batlle defendendo o reinício do diálogo democrático e admitindo que dirigentes blancos e colorados têm-se reunido para discutir a situação nacional, o que contraria o disposto no Ato Constitucional nº 4.

Cardeal do Chile não se calará

Santiago — Em conversas com jornalistas, o Cardeal chileno, D Raul Silva Henriquez, afirmou que a Igreja Católica sofre perseguições no país, mas advertiu que não calará sua voz "nem que me matem ou que profanem o túmulo dos meus pais". A profanação já ocorreu e D Raul atribuiu-a a uma "campanha organizada de perseguição".

O Cardeal afirmou que a Igreja chilena "não é oposição, pois não temos reivindicações políticas. Temos, porém, o dever de expressar nossa opinião quando alguma atitude do Governo não é boa para o bem comum, de acordo com nossa doutrina".

O prelado disse até "ser possível que o programa econômico do regime de resultados a longo prazo, mas enquanto isto não acontece o pobre é desempregado, sobretudo nas cidades".

Carter quer levar Hussein a participar de negociações

Washington — O Presidente Jimmy Carter declarou que vai usar todo o seu "poder de persuasão" para convencer o Rei da Jordânia, Hussein, que visitará os Estados Unidos esta semana, a participar das negociações de paz no Oriente Médio. Carter, porém, descartou "por enquanto" a presença da OLP nas conversações e, ao mesmo tempo, condenou Israel pela instalação de colônias na Cisjordânia, o que constitui, segundo afirmou, "um obstáculo à paz".

Falando a jornalistas judeus na Casa Branca, disse que é contra as colônias judaicas porque contrariam os acordos de Camp David e "perturbam muito os egípcios e outros países que poderiam se unir a Israel no esforço para alcançar um acordo de paz global".

Não, por enquanto

Sobre a OLP, disse que qualquer que fosse a decisão dos aliados europeus dos Estados Unidos em Veneza, seu país não negociará e nem reconhecerá esta Organização "já que ela não reconhece o direito de Israel à existência". Disse, porém, que a OLP poderia futuramente sentar à mesa de negociações, "mas não por enquanto".

Carter acredita que vai convencer Hussein, esta semana. O Rei jordaniano se recusa a unir-se a Begin e Sadat na busca do acordo por considerar que as negociações não têm sentido sem a presença da organização guerrilheira de Yasser Arafat.

"Usarei todo o meu poder de persuasão para incentivá-lo a ser mais construtivo e juntar-se na tarefa de obter uma paz global. Tentarei convencê-lo de que a melhor maneira de fazer isso é agir de acordo com o processo iniciado em Camp David", acrescentou o Presidente.

Em Beirute, fontes ligadas à monarquia jordaniana comentaram, em entrevista à AP, que o Rei Hussein estaria prestes a assumir um papel mais importante nas iniciativas de paz em vez de limitar-se aos parâmetros de Camp David. Qual seria este papel, as fontes não revelaram.

Informou-se porém que Hussein, que já era contrário aos acordos por não ter tomado parte em sua formulação, agora, com a tendência européia em aceitar (embora sem reconhecer formalmente) a necessidade da presença palestina em quaisquer negociações. Por outro lado, há dois anos, numa série de acontecimentos surpreendentes, Hussein finalmente reconciliou-se com o líder da OLP, Yasser Arafat, e hoje reina sobre um país economicamente fortalecido graças à assistência de um bilhão de dólares anuais enviados pelo Iraque, Arábia Saudita, Kuwait e outros Estados do golfo Pérsico.

Uma pista do que seria esse "novo e importante papel", foi fornecida por um porta-voz da OLP no Líbano, também em entrevista à AP, que manifestou: "A OLP não permitirá ao Rei Hussein que volte a ter o controle da Cisjordânia, exceto durante um período de transição ou logo que se estabelecer um Estado. Então, poderíamos negociar um Estado federal".

Líbios atacaram missão britânica

Londres — Um dia depois de anunciada a decisão britânica de expulsar o chefe da missão diplomática líbia em Londres, Musa Kusa, manifestantes atacaram ontem com bombas incendiárias a Embaixada da Grã-Bretanha em Trípoli, sem causar vítimas ou prejuízos materiais elevados.

O correspondente da BBC na Líbia informou que quatro manifestantes lançaram as bombas contra a fachada do prédio, perto de onde se achavam vários diplomatas, provocando um incêndio na porta do edifício. A chegada rápida de policiais e bombeiros dissolveu a manifestação e evitou que o incêndio se propagasse. Em Londres, o Ministério do Exterior distribuiu uma nota lamentando o incidente.

Exército liberiano invade Embaixada

Monróvia — Militares ligados ao novo regime da Libéria invadiram ontem a Embaixada da França em Monróvia e capturaram o filho do Presidente William Tolbert, assassinado durante o golpe. Na ausência do Embaixador Louis Dollot e de sua mulher, entraram à força no prédio, fizeram vários disparos e finalmente prenderam Adolphus Benedict Tolbert, anunciando que ele "terá um julgamento justo".

O prédio estava fechado, apenas com Tolbert, que se encontrava asilado, em seu interior. Não havia nenhum diplomata. Vizinhos da Embaixada informaram que os militares deram tiros lá dentro, mas não sabem se foi para enfrentar uma suposta resistência de Tolbert ou em sinal de alegria pela captura.

Tóquio/UPI

Depois da cremação, o filho e a viúva de Ohira rezaram em sua casa

Japão discute como realizar funerais do "Premier" Ohira

Anilde Werneck
Correspondente

Tóquio — Desde as dezoito horas de ontem, as cinzas do falecido Primeiro-Ministro Masayoshi Ohira estão depositadas no altar da família em sua residência, no bairro de Setagaia, em Tóquio. Mas não se sabe ainda quando, ou se ele terá funerais de Estado, o que não é previsto na Constituição do Pós-Guerra. A decisão ficou para depois das eleições do dia 22 e é provável que a cerimônia seja promovida apenas por seu Partido, o Liberal Democrata.

Duas mil pessoas estiveram ontem à tarde, no ato fúnebre celebrado na casa de Ohira, em rito cristão. O Imperador Hirohito mandou como seu representante o Chanceler da Casa Imperial, que levou flores e uma contribuição em dinheiro, de acordo com o costume japonês. A cerimônia, oficiada pelo pastor Tetsuzo Takeda, foi transmitida por um circuito interno de televisão para as pessoas que estavam no jardim. O corpo foi conduzido ao crematório às quatro horas e, duas horas depois, o filho de Ohira, Hiroshi, ao lado de sua mãe Shigeko, voltava com a urna, envolta num pano preto, com uma cruz branca.

Indefinição

O Governo adiou para depois das eleições a fixação da data dos funerais oficiais para o falecido **premier** e atinda não sabe se caberá ao Estado promovê-los. A nova Constituição não prevê o caso, mesmo que ele tenha morrido durante o mandato, mas há um precedente, o que pode influenciar a decisão do Gabinete. Ohira foi o primeiro governante japonês a morrer no posto, depois da última guerra.

O único Primeiro-Ministro a ter funerais de Estado, nos últimos 35 anos, foi Shigeru Yoshida, que morreu em outubro de 1967. Isto foi possível por causa de decisão unânime do então **Premier** Eisaku Sato e do Gabinete. Mas os que se opõem agora à concessão da honra a Ohira dizem que Yoshida tinha mais méritos, por ter governado por mais tempo — sete anos, contra dezoito meses — e contribuiu muito para a recuperação do país, após a guerra, tendo, até mesmo, concluído o Tratado de São Francisco. Yoshida governou o Japão em duas ocasiões: de maio de 1946 a maio de 1947 e de outubro de 1948 a dezembro de 1954.

Uma corrente defende a realização de funerais populares, como se fez com Eisaku Sato. Mas a proposta é também contestada, com o mesmo argumento. Atribui-se a Sato o início da fase de grande desenvolvimento econômico do Japão e também o êxito de ter conseguido a devolução de Okinawa.

Resta, então, com maiores chances, a possibilidade de Masayoshi Ohira ter apenas funerais oficiais, promovidos pelo Partido Liberal Democrata, como tiveram os também falecidos Primeiros-Ministros Ichiro Hatoyama, Tanzan Ishibashi e Hayato Ikeda.

Neste caso, estaria excluída a presença de dignitários estrangeiros. O Ministério do Exterior informou ontem que os outros seis países que participarão do encontro de cúpula, em Veneza, nos dias 22 e 23 deste mês, já concordaram que o Chanceler Saburo Okita represente o Primeiro-Ministro japonês, nas conversações com os demais Chefes de Estado. Em seu lugar, o Vice-Chanceler Kiyoaki Kikuchi participará das reuniões reservadas para os ministros do exterior.

O **Premier** interino Masayoshi Ito continuará em Tóquio, acompanhando as eleições para a Camara e o Senado, no dia 22. Está prevista para a próxima semana sua entrada na campanha em favor dos candidatos do PLD, que nem chegou a ser interrompida. E caberá a ele pacificar as várias correntes que, desde ontem, entraram em guerra por causa da utilização do nome e da morte de Ohira nos comícios. O grupo que apoiava o falecido **Premier** está denunciando que as facções adversárias foram responsáveis por seu falecimento e não podem beneficiar-se disto.

Ito já goza, desde quinta-feira do **status** de **Premier**, mesmo em regime de interinidade, mas se recusa a despachar no gabinete do Primeiro-Ministro e, por isto, continua na sala ao lado, que sempre ocupou, como Chefe da Casa Civil. O novo **Premier** era amigo de 40 anos de Ohira e diz que, em sinal de respeito a ele, manterá este comportamento, mesmo porque, é por poucos dias.

Mas foi obrigado a concordar com o aumento do número de seu pessoal de segurança de um para oito. Além disso, seu carro agora é sempre precedido por uma patrulha e seguido por outro, com guarda-costas. E, a partir de hoje, sua casa, no bairro de Chitosedai, passará a ter vigilância da polícia, dia e noite. Ito disse ontem que está pensando em mudar-se para a residência oficial de Chefe da Casa Civil, porque sua casa não tem espaço para receber a imprensa. Mas, segundo ele, sua mulher se opõe à idéia e já afirmou: "Se você quiser se mudar, pode mudar. Mas vai sozinho."

Segurança ou Liberdade? — um debate que empolga a França

Arlette Chabrol
Correspondente

Um vasto debate está sendo realizado na França, na Assembléia Nacional, sobre um projeto de reforma do Código Penal, intitulado **Segurança e Liberdade**. Mas antes mesmo de passar no Parlamento (onde os parlamentares discutem desde quarta-feira e nada menos do que 350 emendas apresentadas), o projeto criou violentas polêmicas na opinião pública, na imprensa e, especialmente, entre os juristas.

Pela primeira vez, juízes e advogados realizaram passeata e manifestaram opinião contrária ao projeto do Ministro da Justiça, Alain Peyrefitte. Eles o criticam de ter, sob pretexto de reforçar a segurança e as liberdades, preparado um texto que viola os princípios fundamentais do direito francês. Denunciam que esta reforma objetiva reforçar a ingerência do Poder na Justiça, limitar as liberdades individuais e sindicais. Em suma, coloca em causa a democracia.

Arquivo

Os magistrados acusam o texto de Peyrefitte de reforçar a ingerência do Poder na Justiça e colocar em causa a democracia

Projeto contestado

Ligeiramente emendado, mas não modificado no essencial, o projeto será, no entanto, aprovado pelos parlamentares da maioria que, de modo geral, estão de acordo com o Governo, quando justifica a necessidade de responder ao aumento da violência e alega que é necessário punir mais severamente os delinqüentes e criminosos. Eles certamente não escutaram os que previnem quanto ao perigo de se ver aplicada esta lei por um regime autoritário.

Raramente um projeto de lei terá provocado tão amplas e ferrenhas discussões, até na opinião pública. É que, além das reformas propostas, por si só problemáticas, Alain Peyrefitte não cuidou da forma na apresentação de seu texto. Embora uma comissão de especialistas da Justiça trabalhasse há seis anos para reformar o Código Penal, o Ministro da Justiça deliberadamente a ignorou, preparando seu próprio projeto no maior segredo e o apresentando acabado, pronto para ser votado. O procedimento deselegante, ou pouco diplomático, teve como resultado a cólera da quase totalidade do munto judiciário, inclusive dos mais moderados.

Por isso, os parisienses viram no mês passado o que jamais tinham visto: várias centenas de juízes, advogados, especialistas em Direito, em togas negras e vermelhas, desfilar pelas ruas da Capital francesa, gritando **slogans** contra o projeto Peyrefitte. Como também se ouviu nos dias que se seguiram Jacques Chirac, Presidente da União pela República, dizer que ele não votaria este projeto inaceitável e indigno, e em seguida Simone Veil, presidenta da Assembléia Nacional e ex-Ministra do atual Governo, não esconder suas reticências, chegou-se a pensar que o texto não passaria, não seria colocado em discussão.

Mas Alain Peyrefitte sustentou sua causa e, diante da Comissão de Leis da Assembléia Nacional que examina os projetos antes de serem levados à discussão em sessão plenária, defendeu ponto por ponto do texto. O resultado é que, fazendo algumas concessões em artigos mais fortemente contestados — sobre o enquadramento dos juízes pelo Poder e o aumento da ação do Ministério Público através de procedimentos acelerados entre outros — ele pôde apresentar seu projeto **Segurança e Liberdade** na quarta-feira, quase no mesmo Estado em que o redigiu.

O projeto se baseia em algumas idéias de força: uma repressão ampliada no início — e é o objetivo essencial desta reforma, ao menos oficialmente — e uma repressão mais dura dos atos de violência — homicídios, torturas, violações, seqüestros, raptos, roubo a mão armada, incêndio voluntário, atentado a bomba, proxenetismo, tráfico de drogas. Alain Peyrefitte afirma que se assiste na França, depois dos anos 60, a um aumento preocupante da violência, principalmente contra as mulheres e pessoas idosas, já acostumadas a agressões individuais.

Para terminar com esta sensação de insegurança, é necessário, no início, que a força pública intimide os malfeitores, explica o Ministro. Mas o aumento do número de policiais não é suficiente. É indispensável que eles se sintam sustentados, em toda parte, pela Justiça. Ora, segundo o Ministro, pouco a pouco está-se assistindo na França a uma diminuição da repressão. A ampliação da repressão deverá, por consequência, se manifestar por toda uma série de mecanismos, dos quais o mais espetacular é a diminuição do leque de penas.

Até agora, o Direito francês deixava uma larga margem de manobra aos juízes, prevendo para um mesmo crime penas entre um e 10 ou mais anos de prisão. Por exemplo, para furto, a punição variava de um a cinco anos de prisão e de 3 mil 600 a 60 mil francos de multa. Querendo reduzir o leque a um máximo de um a cinco anos de prisão, e paralelamente aumentar as multas, Alain Peyrefitte reduz a liberdade de decisão dos juízes.

É contra isto que eles protestam, explicando que não julgam infrações, mas homens, e que em nenhum caso um quadro estrito de aplicação de penas pode ser seguido.

É necessário classificar neste capítulo a outorga mais difícil das circunstâncias atenuantes. O Ministro estima que são concedidas atenuantes com muita generosidade. De agora em diante, elas serão enquadradas, se se pode dizer isso: a condenação de um acusado será de dois anos no mínimo, por um crime cuja pena prevista for de 10 anos de prisão, e de três anos no mínimo, para uma pena prevista de 20 anos, quaisquer que sejam as circunstâncias atenuantes, explicando o delito ou o crime.

Mais rigor das penas

As penas serão, aliás, executadas com mais rigor: o sursis será distribuído com mais parcimônia e simplesmente excluído quando a pena pronunciada for superior a dois anos de prisão, ou quando se tratar de uma reincidência durante um período de cinco anos após uma condenação. Originalmente, o Ministro havia chegado a anular o **sursis** para os casos de reincidência, qualquer que fosse a duração da punição, o que significa dizer para todos os casos.

Os reincidentes serão de qualquer maneira punidos mais severamente, já que nos casos de repetição do mesmo tipo de delito: ameaças, torturas, roubos com violência, arrombamento, extorções, por exemplo, num prazo de um ano, excluído o tempo passado na prisão, a pena prevista será multiplicada por dois. O mesmo será feito quando o reincidente estiver em liberdade condicional ou for um prisioneiro com permissão de saída. As diminuições de pena e as permissões de saída (para um final de semana, o mais freqüente) serão, de acordo com o procedimento proposto, muito mais difíceis de serem conseguidas. É preciso salientar que estas duas medidas de clemência são atualmente impopulares.

Freqüentemente, a imprensa insistiu no fato de fulano, autor de um crime, ser justamente um preso em liberdade condicional, condenado a 10 anos de prisão, mas libertado depois de quatro ou cinco anos, por boa conduta — graças à indulgência culpável do juiz de aplicação de penas. Ou ainda, que o preso havia saído da prisão com permissão, regularmente. Os juízes, por sua vez, sublinharam sempre a pequena proporção destes fracassos e afirmaram que estas disposições permitiam que numerosos sentenciados não se transformassem em homens raivosos, irrecuperáveis ao sair da prisão. Justificaram que isso lhes dava esperança e mantinha o contato com a sociedade.

O projeto Peyrefitte deverá, entretanto, frear a concessão destas medidas, porque dá direito de veto aos representantes do Poder — o procurador da República e o diretor da prisão — exigindo que o juiz não decida mais sozinho, mas com os outros dois, e que a decisão seja tomada por unamidade. É claro que o Poder, representado pelo Ministério da Justiça, dará determinações de contenção neste campo. Além do mais, nenhuma medida de clemência ou de diminuição da pena poderá ser estabelecida durante o período dito de segurança, quer dizer, durante o período que corresponde à primeira metade da pena.

Sabe-se há algum tempo que a nova geração de jovens juízes, mais inclinados para a esquerda dos que os anteriores, preocupam muito o Ministério da Justiça, que tenta encontrar uma solução para o problema. Um primeiro passo nesse sentido foi dado há seis meses com uma reforma do estatuto dos juízes, autorizando o recrutamento de pessoas não pertencentes aos quadros da magistratura.

Uma idéia básica do projeto de lei de Alain Peyrefitte é acelerar os tribunais de justiça. O Ministro desaprova sua excessiva lentidão e neste particular são muitos que o apóiam. Mais de 45% dos presos franceses se acham sob detenção provisória, diz Peyrefitte, ou seja não foram ainda julgados e por isso são presumivelmente inocentes. Mas alguns desses supostos inocentes passam assim três, quatro ou cinco anos na prisão na angustiosa espera de um julgamento que tarda. E é nesta categoria que a taxa de suicídios é mais alta (três vezes superior à entre os já condenados).

Mas é precisamente neste capítulo que o texto esbarrou nas mais vivas reações. Com efeito, originalmente ele previa a entrega direta ao tribunal correcional (isto é, ao tribunal encarregado de tratar dos delitos, e não dos crimes) sem passar pelo juiz de instrução (encarregado de preparar o dossiê de um réu com todas as informações possíveis relativas ao caso), quando este procedimento não parecesse necessário ou no caso de questão solucionadas.

Em outras palavras, quando as acusações reunidas pelo inquérito policial forem suficientemente numerosas e eloqüentes, quando o dossiê parecer claro, o Procurador da República (que é o representante do Ministério Público e por conseguinte subordinado ao Ministro da Justiça) pode enviar pelas mãos de um juiz de instrução.

A vantagem dessa disposição é que os casos são assim julgados num prazo-compreendido entre um dia e dois meses, período após o qual a detenção provisória, quando tenha sido decidida, não pode mais ser mantida, a menos que a pena incorrida seja igual ou superior a cinco anos. Isso diminuiria sensivelmente o número de detidos que mofam indefinidamente na prisão aguardando que os juízes de instrução, com excesso de processos a despachar e sem grandes meios de investigação, tenham tempo para examinar seu caso e preparar seu dossiê.

Infelizmente, essa disposição abriga também um inconveniente grave. Se por um lado elimina o procedimento dos flagrantes delitos pendente de magistrados e advogados, porque não dá tempo para instruir uma questão no próprio dia do delito ou nos cinco dias subseqüentes — generaliza na prática uma Justiça rápida. Ela se estende inclusive aos crimes, porque o texto prevê igualmente que quando o Procurador-Geral — o representante do Ministério em questão criminais — não julgar necessária a intervenção de um juiz de instrução (sempre no caso de questões resolvidas), o caso pode passar diretamente para a Câmara de Acusação, fase intermediária antes do processo no Supremo Tribunal de Justiça, isto é, com jurados. A Câmara de Acusação, poderá agora se considerar incompetente e exigir um juiz de instrução, segundo o projeto.

Mas, esse artigo provocou uma forte onda de protestos, porque, dizem seus detratores, sob o pretexto de acelerar o andamento da Justiça, corre-se o risco de desembocar numa Justiça expedita e criar desigualdades entre certos acusados. Uns teriam direito a uma instrução clássica e outros a uma instrução expressa, que não deixaria tempo para descobrir sua personalidade, seus motivos, sua vida, nem de suas vítimas.

Mais grave ainda, alguns acreditam haver designios maquiavélicos de parte do Governo. Se assim não fosse, explicam, não teria havido o caso Poniatowski-De Broglie, por exemplo. Efetivamente, cinco dias depois de o Príncipe Jean de Broglie, Deputado giscardiano, ter sido assassinado, em dezembro de 1977, Michel Poniatowski, à época Ministro da Justiça, declarou à imprensa na presença de vários chefes de polícia que o caso já fora esclarecido e todos os culpados estavam presos.

Eis um exemplo típico, dizem, de caso resolvido que não teria necessidade de passar às mãos do juiz de instrução. Como o texto da lei de Peyrefitte não existia, um juiz de instrução encarregado do caso descobriu passagens bizarras em que o papel dos responsáveis da polícia e de Poniatowski não era inteiramente claro. Se a nova disposição for aceita, dizem, o Poder poderia fazer desaparecer todos os casos que corressem risco de colocá-lo em causa, o que seria muito cômodo.

É por esse motivo, aliás, que a Comissão de Leis emendou o texto do Ministro antes de o submeter à apreciação dos deputados. Nos casos de questões correcionais, o tribunal será encarregado de fazer uma investigação dos acusados, e no caso de questões criminais, a intervenção de um juiz de instrução se torna obrigatória, mas este terá de proceder às primeiras investigações num prazo de três a sete meses, após o qual, caso não encaminhe o processo à Câmara de Acusação (e de lá aos tribunais criminais), o Ministério Público ou a defesa podem recorrer.

Essas emendas devem tranqüilizar os deputados da Maioria, que se mostravam inquietos.

Proteção das vítimas

Por considerar que se dedica atenção demais aos acusados e insuficiente às vítimas, Peyrefitte previu 13 artigos para a proteção destes últimos. Um deles provocou a maior condenação: previa que a pena incorrida pelo réu que indenizasse sua vítima seria reduzida à metade e que seu período de segurança (durante o qual não é possível permissão de saída ou libertação antecipada) passaria da metade a um terço. Escandalizados, os juízes protestaram: seria instituir uma justiça de classe, porque os mais ricos, capazes de pagar às suas vítimas, sairiam mais rapidamente da prisão do que aqueles sem meios para tal.

Resultado: esse artigo foi pura e simplesmente suprimido pela Comissão de Leis. Mas os deputados poderiam, pela forma indireta de uma emenda, restabelecê-lo em seu espírito, prevendo mais indulgência em casos de indenização. As outras disposições, entretanto, foram mantidas.

Um último ponto no que respeita a parte de segurança: a introdução de novas noções no Código Penal no plano das infrações e circunstâncias agravantes. O que inquieta consideravelmente os meios sindicais, que vêem nisso um dispositivo para frear a vida sindical e que poderá mesmo se tornar duro caso seja interpretado ao pé da lei.

No capítulo das novas infrações, se estabelece que a destruição, danificação ou a deterioração voluntária de um bem qualquer pertencente ou não a terceiros será punida com prisão de seis meses a dois anos e uma multa de 5 mil a 50 mil francos, ou uma ou outra das duas penas. E a pena será mais forte se houver circunstâncias agravantes. Por exemplo, em casos de reunião de cúmplices ou intrusão em locais de trabalho, ela poderá ir de um ano a cinco anos de prisão. O texto prevê ainda que o bloqueio de uma via férrea, sem intenção de destruir alguma coisa ou descarrilar o trem, será de agora em diante passível de três meses a dois anos de prisão, igual às ameaças ou tentativas de ameaças a pessoas e bens.

Assim que leram essa parte do texto, os sindicatos ficaram indignados, porque transforma em delitos ou crimes o direito comum de ações, ou mesmo tentativas de ações, que são na realidade políticas sociais, dizem. Por exemplo, no caso de passageiros descontentes com o aumento excessivo das tarifas ferroviárias ou de camponeses encolerizados que queiram atrair a atenção do público para seus problemas e ocupem uma via férrea, eles serão passíveis de três meses a dois anos de prisão. Ou ainda, se durante uma greve de transportes um carregamento de produtos alimentares apodrecer, os grevistas poderiam ser acusados.

Todas essas disposições são perigosas, escreveu recentemente em **Le Monde** o secretário-geral da CFDT, Edmond Maire, porque uma vez introduzidas na lei, elas serão aplicadas independentemente das intenções reais ou conhecidas do legislador, ou das circunstâncias em que foram elaboradas. Para ele, está claro que o projeto de lei de Peyrefitte revela a vontade de reprimir os movimentos sociais se valendo de incidentes secundários que inevitavelmente os acompanham.

Habeas corpus à francesa

É preciso não esquecer que Peyrefitte deu o título de **Segurança e Liberdade** ao seu projeto. O Ministério da Justiça introduziu efetivamente seis liberdades novas nesse texto, as quais, como se queixou ressentido, não foram devidamente apreciadas. É que algumas parecem muito sutis, como o direito do réu de não mofar na prisão (a primeira das novas liberdades anunciadas por Peyrefitte) com a condição de que passe pelo sistema do procedimento acelerado, sem juiz de instrução, o que é bastante criticado.

Mas existe uma liberdade inteiramente nova (que reagrupa quatro, segundo os critérios do Ministro), da qual o autor do texto muito se orgulha: a da instituição do habeas corpus à francesa. Ou pelo menos é assim como o Ministro a definiu, porque a designação é muito contestada pelos magistrados, que a consideram um embuste.

A primeira disposição prevê o abandono do mandado de prisão sob ordem do Ministério Público no caso de flagrante delito. Muitos se alegrariam com sua supressão, se não considerassem que já há quase o mesmo procedimento no código reformado, mas aplicado desta vez a todos os delitos, pequenos e grandes, flagrantes ou não (no caso, já citado, das questões elucidadas). De agora em diante, o delinqüente apanhado em flagrante será, em todos os casos, preso com a condição de que um juiz portanto um magistrado independente em relação ao Poder, assim decida.

Um outro artigo permite aos que se consideram arbitrariamente internados numa clínica psiquiátrica privada, apelar a um juiz para que verifique imediatamente se deve ser mantida ou suspensa a internação. Para o ministro, isso acaba com a moderna forma de encarceramento pela qual as famílias se desvencilham hoje de um dos seus membros que consideram indesejável. Para os magistrados hostis ao projeto, esse direito a recurso, que já existe nos estabelecimentos públicos não impede os abusos, e se por um lado essa disposição poderá não fazer mal, por outra também não fará muito bem.

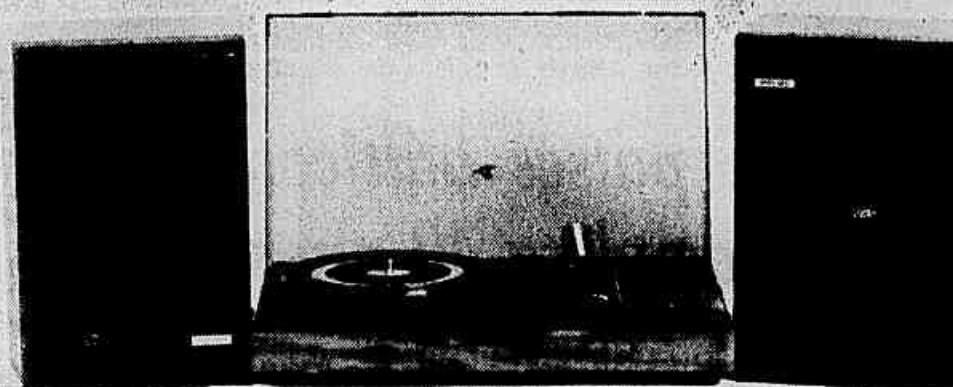
Como último item do habeas corpus segundo Peyrefitte, o direito dos estrangeiros em instância de expulsão de apelarem a um juiz caso a detenção ultrapasse 48 horas. Os detratores do projeto de lei protestam, porque, dizem, a lei não autoriza a detenção de estrangeiros em instância de expulsão, embora a jurisprudência dos últimos anos tenda demonstrar o contrário. Essa disposição, apresentada como liberal, visa a homologar essa detenção, afirmam, o que o Ministro da Justiça contesta.

Agora, o projeto **Segurança e Liberdade** se acha em debate na Assembléia Nacional. É provável que os deputados façam modificações de detalhes, mas basicamente, em sua filosofia, ele não se deverá alterar, já que a maioria lhe é favorável. Efetivamente, desde o primeiro dia de debates, quarta-feira, o relator gaullista calculou que o aspecto repressivo tinha sido eliminado e que o projeto de lei era agora correto e aceitável.

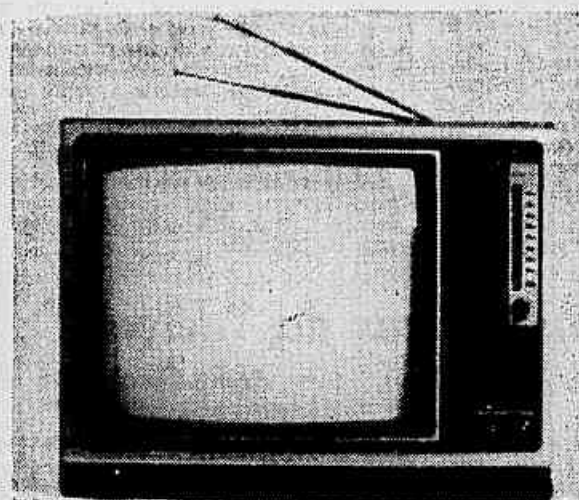
Mas a esquerda e numerosos magistrados não desanimam. Um presidente de câmara honorário do Supremo Tribunal, Maurice Rolland, escreveu que com essa reforma não se está longe do totalitarismo, isto é, do abandono do homem, do indivíduo, nem do precedente lamentável do Governo de Vichy, o Governo colaboracionista do Marechal Pétain durante a II Guerra Mundial e a ocupação nazista.

Outros, mais moderados, contentam-se em afirmar que utilizado por um regime inflexível, esse mesmo projeto se tornaria um instrumento terrível e que no final, ao pretender endurecer a Justiça e torná-la rápida, estar-se-ia pondo em risco a democracia.

Cabe agora aos parlamentares debater o projeto de Peyrefitte e se pronunciar, o que provavelmente não ocorrerá antes de outubro próximo.

PREÇO BÃO DE SÃO JOÃO

TV - COR

Produto	Preço
Sanyo 6710 — 20" digital — 51cms	33.995,
Sharp 1401 — 14" UHF — 36cms	26.990,
Sharp 2006 — A 20" UHF — comum 51cms	32.760,
Sharp 2008 — 20" controle remoto 51cms	38.330,
Sharp 2006 — 20" UHF 51cms	34.300,
Estabilizador Veta — para TV cor	1.520,

SOM

Produto	Preço
Conjunto Sanyo 3x1 — 2 caixas	33.800,
Conjunto Sony 3x1 — 2 caixas	33.700,
Conjunto Denison (Zenith) 2x1 — 2 caixas	15.850,
Gravador CCE — CT 9500	4.090,
Sintonizador CCE — ST 4040	6.937,
Sintonizador Yang 700	4.934,
Receiver CCE SR. 3220 — 100W	10.700,
Receiver CCE SR. 4090 — 120W	13.200,
Receiver Deck Sharp — 210 B	19.600,
Receiver Sony — STR 11BS — 140W	16.699,
Caixa Acústica CCE — CL 1500 — 150W	8.998,
Caixa Acústica CCE 660 — 70W	3.618,
Caixa Acústica Sony SS 911 — 90W	7.898,
Rádio Gravador Aiko 403	4.345,
Toca Disco Sony PS 11 BS	19.800,
Fonógrafo Philips 133	2.640,
Fonógrafo Philips 523	3.160,
Fonógrafo Philips 623	3.872,
Fonógrafo Philips 661	11.630,
Fonógrafo Philips 723	4.728,
Receiver Yang 1900 — 140W	10.030,
Amplificador Yang 950 — 160W	6.295,
Amplificador c/misturador Quasar — QA 5505	16.769,
Misturador Quasar — QM 887	7.700,
Módulo de potência Quasar — QA 2480	9.380,
Fita Sanyo Virgem — C 60	73,
Fita Sanyo Virgem — C 90	99,

GRUPOS ESTOFADOS

Produto	Preço
Cálida 03 — Courotan	20.500,
Cálida 019 — Chenile	17.180,
Cálida 029 — Chenile	12.735,
Cálida 030 — Mixto	21.620,
Cálida 031 — Chenile	15.690,
Primavera 3040 — Mixto	15.650,
Primavera 2009 — Mixto	8.580,
Primavera 3041 — Plástico	12.720,
Primavera 1006 — Courvin	5.980,
Primavera 2010 — Courvin/tecido	15.420,
Primavera 3042 — tecido	15.835,
Imaraxá Apolo — Chenile	26.460,
Imaraxá Monza — Chenile	26.460,
Imaraxá Mignon	18.470,
Imaraxá Mug — Chenile	22.670,
Imaraxá Alecrin — tecido	18.865,
Imaraxá Alecrin — Courvin	12.170,

MÓVEIS

Produto	Preço
Bicama Imaraxá — reta 4090	7.050,
Bicama Imaraxá — Laqueada 4091	7.600,
Bicama Imaraxá — Marqueza 4040	7.050,
Tricama Imaraxá — 4050	8.630,
Beliche Madarco — 2834	3.650,
Beliche Toigo	5.980,
Cama Laserma casal — MM Cerejeira	4.850,
Cama Box Danúbio — Cerejeira casal	5.800,
Cama Box Danúbio — Louro casal	5.270,
Cadeira Guelman ref. 420 (courvin)	1.800,
Mesa retangular Guelman — ref. 419	5.700,
Mesa redonda Guelman 120 — ref. 176	3.600,
Cadeira de balanço Iaiá	4.535,
Estante Guelman — Cerejeira 416	12.730,
Estante Ponzan — ref. M2	12.080,
Estante Prety — 06	10.720,
Estante Riazor — 01 Cerejeira	7.150,
Estante Riazor — 02 Cerejeira	6.670,
Estante Riazor — 03 Cerejeira	7.580,
Tapete Bandeirante — Liso 2x3	6.095,

PORTÁTEIS

Produto	Preço
Secador de cabelo Arno — com estojo	2.220,
Secador de cabelo Arno — sem estojo	1.416
Aspirador de Pó Arno Júnior — simples	2.080,
Aspirador de Pó Arno Júnior — super	2.860,
Liquidificador Arno — 5 velocidades	1.750,
Enceradeira nova Arno — 2 hastes	3.050,
Enceradeira super Arno — 2 hastes	3.050,
Enceradeira Arno R — esmaltada	3.390,
Enceradeira Eletrolux — esmaltada 1 escova	2.880,
Enceradeira Walita — Chão de Estrelas	2.960,
Modelador Braun — Creatil	1.870,
Barbeador Braun — Rallye	2.400,
Barbeador Braun — Syous	2.800,
Lava carpete Eletrolux	4.900,
Grill Faet 610	3.050,
Torradeira Faet 609 — semi-automatica	1.030,
Torradeira Faet 606	1.350,
Ferro elétrico Tupy — especial I	284,
Ferro elétrico Tupy Bastos STD	299,
Aspirador de Pó GE-1080	4.695,
Batedeira Walita Candy — completa	1.730,
Batedeira Walita Candy — portátil	1.280,
Batedeira Walita Topa-Tudo	2.190,
Liquidificador Walita — LS 200	1.499,
Ferro elétrico Walita — STD	688,
Secador de cabelos Philips — 4118	1.185,
Barbeador Philips — 1126	3.199,

GELADEIRAS

Produto	Preço
Gelomatic 360	16.580,
GE — 3312	13.050,
Climax 230	9.457,
Consul 1527	8.898,

FOGÕES

Produto	Preço
Brastemp 51 G	10.030,
Brastemp 76 G	15.932,

LAVADORAS

Produto	Preço
Lavadora Brastemp — Minimaquina	12.990,

DORMITÓRIOS

Produto	Preço
Montana	14.100,
Ponzan 2018	28.400,
Penteadeira Ponzan embutida duplex cerejeira	40.750,
Armários Guelman — duplex cerejeira ref. 806	16.730,
Armários Guelman — duplex penteadeira embutida cerejeira	25.480,
Armários Laserma Combo — duplex Ipe — 8 portas	14.740,
Armários Laserma Combo — duplex cerejeira	15.280,
Armários Laserma — duplex super medea cerejeira	20.700,
Armários Laserma — duplex super medea Ipe	19.500,
Bérgamo — duplex cerejeira colonial	17.100,

MÓVEIS DE COPA

Produto	Preço
Copa Las Palmas — 8 peças	23.100,
Copa Monterrey — 8 peças	20.820,
Copa Astoria — tampo de vidro 7 peças	26.990,
Copa Windsor — tampo de vidro 8 peças	22.880,
Passadeira Prodígio — luxo	1.400,
Passadeira Prodígio — STD	1.085,
Passadeira Prodígio — Aço	1.182,

CB CASAS DA BANHA

- PORCÃO - Av. Brasil, 12.900
- LEBLON - Bartolomeu Mitre, 705
- VOLTA REDONDA - Rua 23 - B nº 32
- MÉIER - Dias da Cruz, 579
- NILÓPOLIS - Av. Getúlio de Moura, 1.591
- SANTA CRUZ - Rua Dom Pedro I, 53

25 ANOS

Mapa de Rafael Wasserman

Os três países bálticos sempre foram vítimas da cobiça dos vizinhos

Ocupação de países bálticos pela URSS completa 40 anos

Há exatamente 40 anos, 15 de junho de 1940, a Lituânia foi anexada pela União Soviética, que, em menos de dois meses, completou o processo de ocupação da região báltica, também proclamando "repúblicas socialistas" a Letônia e a Estônia.

Quatro décadas mais tarde, contam viajantes que em Moscou as repúblicas da Lituânia, Letônia e Estônia são ainda conhecidas como **sovetskaia zagranitsa** — isto é, "soviéticas estrangeiras". O nome cai certo, pois os Estados bálticos — tanto do ponto-de-vista cultural quanto geográfico — estão realmente à margem da civilização soviética.

O mesmo destino

Embora o destino das três nações no século XX seja quase idêntico, a base da evolução histórica da Estônia e da Letônia foi diferente em relação à Lituânia.

Enquanto as influências ocidentais sobre as duas primeiras repúblicas foram essencialmente germânicas e de origem protestante, na Lituânia elas foram sobretudo polonesas e católicas. Nos séculos XII e XIII, a Estônia e Letônia foram conquistadas pelos cavaleiros teutônicos. Tallin (que então chamava-se Reval) e Riga tornaram-se cidades hanseáticas prósperas graças ao comércio com a Rússia. Depois da Reforma, clérigos estrangeiros lá introduziram a religião luterana.

No século XIII, a Lituânia, graças aos recursos das imensas áreas de território russo e ucraniano que dominava, pôde defender-se perfeitamente dos cavaleiros teutônicos. No século seguinte, uniu-se à Polônia, conseguindo ambos os Estados, em 1410, vencer os cavaleiros teutônicos nas batalhas de Grunewald e Tannenberg. A Lituânia tornou-se, então, uma grande potência, estendendo-se até o litoral do mar Negro, embora desde 1386 um de seus grão-duques tivesse sido consagrado ao rei da Polônia. Foi tal união que permitiu a adoção do catolicismo na Lituânia, o último país pagão da Europa.

Nos séculos seguintes, a Lituânia permitiu que a influência cultural e política da Polônia determinasse os destinos do país; com isso, foi perdendo gradualmente a posição de associado em partes iguais na Comunidade polonesa-lituana. Em 1795, foi desprovida de sua soberania, como resultado da divisão final da Polônia pela Rússia e pelas potências centrais germânicas. Igual sorte ocorrera com a Estônia e a Letônia em 1721.

O domínio russo foi mais duro na Lituânia do que nas províncias nórdicas. De 1863 a 1904, por exemplo, não usufruiu do direito de ter escolas e publicações na sua própria língua. A dominação estrangeira, contudo, não sufocou inteiramente o sentimento de independência dos três países e os movimentos nacionais do século XIX culminaram na criação de Estados soberanos, após a derrocada do impérios dos czares: a Lituânia em 16 de fevereiro de 1918, a Estônia a 24 de fevereiro e a Letônia a 18 de novembro desse mesmo ano.

As condições para a independência tornaram-se favoráveis após a Primeira Guerra Mundial, porque as duas potências — a Rússia e a Alemanha, cuja aliança normalmente significava o fim da independência naquela região — estavam derrotadas e desorganizadas. Depois da vitória da revolução socialista de 1917, regimes socialistas efêmeros instalaram-se em Vilnius, Riga e Talinn. Em 1920, a União Soviética celebrou com os três países tratados de paz "perpétuos", renunciando a qualquer reivindicação sobre seus territórios.

Depois da curta experiência socialista, os três países formaram democracias parlamentares do tipo francês, com assembléias onipotentes e executivos débeis. Tais governos, no entanto, fracassaram e as três repúblicas caíram sob o domínio de três homens fortes: Antanas Smetona, na Lituânia; Konstantin Pats, na Estônia; e Karlis Ulmanis, na Letônia.

Havia diferenças entre as três ditaduras, mas, de modo geral, eram semelhantes ao regime de Pilsudski, na Polônia, embora não fossem tão rígidas e proporcionassem mais proteção aos direitos das minorias. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, após 10 anos de ditadura, a Lituânia já caminhava para um regresso à democracia, pois era governada por um regime de coalizão, enquanto a Estônia, reformadas suas instituições, chegou a eleger um comunista para o Parlamento.

No campo econômico, tanto a Estônia como a Letônia conseguiram ajustar suas indústrias, velhas e novas, aos mercados não soviéticos, uma vez que a União Soviética realizava pouquíssimo comércio com as antigas províncias. A Lituânia fez reduzidos progressos industriais, concentrando-se no desenvolvimento de sua produção agrícola, especialmente laticínios e carne, exportando bastante para a Inglaterra e a Alemanha.

Irrompida a Segunda Guerra Mundial, os três países voltaram a ser vítimas de uma nova aliança russo-alemã, celebrada em virtude do Pacto de Não-Agressão firmado entre Hitler e Stálin em agosto de 1939. Em outubro desse mesmo ano, a União Soviética exigiu o estabelecimento de bases militares no território báltico, em troca de acordos de assistência mútua, destinados a garantir a independência dos três Estados.

A Lituânia, Estônia e Letônia tinham-se declarado neutras no conflito, mas se sentiam inseguras. Ainda chocadas com a destruição da Polônia pelas tropas nazistas, dobraram-se às exigências dos soviéticos, imaginando que a proteção de Moscou fosse mais suportável que o domínio hitlerista. Não sabia, contudo, que pelo protocolo secreto subscrito por Ribbentrop e Molotov, a 23 de agosto de 1939, toda a região do Báltico deveria passar virtualmente à esfera de influência soviética.

A instalação de bases aéreas e terrestres soviéticas foi o começo do fim da independência dos países bálticos. Fim que logo veio depois que a União Soviética ganhou a guerra contra a Finlândia, que se recusara a aceitar guarnições soviéticas. Moscou passou a acusar os países bálticos de não cumprimento dos termos dos acordos de assistência mútua e, entre 15 e 16 de junho, começando pela Lituânia, o Exército Vermelho se deslocou para ocupar as três repúblicas. O pretexto para o envio de mais tropas, calculadas em algumas centenas de milhares de soldados, foi a necessidade de "garantir" a execução das obrigações do tratado. Em menos de dois meses, a União Soviética, ansiosa por legitimar e formalizar as anexações, completou o processo de ocupação.

Grupos nacionalistas rebelaram-se contra a ocupação soviética e forças guerrilheiras lutaram nas três repúblicas, embora o esforço da Lituânia seja o mais conhecido. Ali ele foi centralmente organizado em algumas regiões e continuou durante oito anos, de 1944 a 1952, custando mais de 40 mil vidas. Stalin, no entanto, não abandonou seu plano de eliminar todo o potencial de oposição na Lituânia: de 1945 a 1952 mais de 350 mil pessoas foram mandadas para campos de trabalhos forçados ou para o exílio na Sibéria.

Brasil acolhe cerca de 50 mil

São Paulo — No Brasil vivem cerca de 50 mil lituanos e seus descendentes. A maioria se concentra em São Paulo (um terço) e Rio de Janeiro: é maior comunidade lituana da América do Sul. Em maio último, esteve no país o presidente do Supremo Comitê de Libertação da Lituânia — criado em 1943 e funcionando em Washington — Sr Kazys Bobelis.

A primeira imigração aconteceu ainda no século XIX, entre 1888 e 1890. Eram algumas dezenas de famílias que se instalaram no Rio Grande do Sul. Mas há registros de 1867 sobre participação no Corpo de Engenheira do Exército Brasileiro de um Coronel Rudolfas Chodasevictus, de origem lituana, na guerra do Paraguai.

A segunda imigração ocorreu entre 1926 e 1930, com cerca de 30 mil lituanos, atraídos pelo trabalho nas fazendas do café. Logo decepcionados com os reflexos da crise de 1929, muitos foram para a Argentina e Uruguai. A terceira imigração já aconteceu após a Segunda Guerra, no ano de 1947, através de 500 pessoas fugitivas da sua pátria, ocupada desde 1940 pelo regime soviético. Esses lituanos se concentraram no Rio e São Paulo. Segundo o presidente da Aliança da Juventude Lituano-Brasileira, Sr Alexandre Valevicius, o Brasil, assim como os Estados Unidos e Canadá, não reconhecem a "ocupação da União Soviética na Lituânia".

Os lituanos atuam, no Brasil, na indústria, comércio e artes. Há uma certa preferência pelo ramo de calçados. Por sinal, foi em 1929 que Petras Jonusis passou a produzir sapatos de pneus velhos. Outro lituano, Dutkus, começou a fabricar sorvetes em escala comercial. Em 1934, a comunidade já se organizava em entidades.

A última leva de imigrantes concentrava não mais operários e camponeses das primeiras imigrações, mas intelectuais, cientistas, técnicos, médicos e engenheiros. A partir daí, a colônia adqüire maior organização em atividades culturais e artísticas.

Em 1978, a comunidade lituano-brasileira e a comunidade católica lituana da paróquia de São José, de Vila Zelina, adqüiriram 25 hectares próximo a Atibaia e lá construíram uma estância **lituanika**, onde, nos fins de semana, há acampamentos, festivais e comemorações.

A Aliança da Juventude Lituano-Brasileira foi criada em 1976, assim como outras sete em outros países, fazendo parte da Aliança Mundial, cuja sede fica em Chicago, nos Estados Unidos. Segundo seu presidente, a entidade congrega os jovens lituanos, visando a um intercâmbio com suas congêneres. Atualmente, cerca de 200 pessoas participam das suas atividades.

Rebeldes afegãos cercam divisão soviética

Peshawar, Paquistão — A maior batalha desde o começo da intervenção soviética no Afeganistão estava sendo travada ontem na Província de Pakhtia, onde uma divisão blindada da URSS encontra-se cercada, nas montanhas orientais, por tropas rebeldes. Milhares de soldados russos morreram, um Mig foi abatido e mais de 100 blindados já foram destruídos, informaram fontes rebeldes no Paquistão, adiantando que centenas de refugiados cruzaram a fronteira paquistanesa de volta ao Afeganistão para se juntarem aos mujahedins.

Os combates começaram na noite de quarta-feira, quando os rebeldes isolaram a divisão, que procurava abrir caminho em direção a uma guarnição sitiada do Exército regular afegão. Os guerrilheiros atacaram dos dois lados do vale Sultany, a 50km da fronteira paquistanesa. Abdul Arbarzai, da Frente Nacional Islâmica, informou que 25 rebeldes morreram no ataque inicial, mas que as baixas soviéticas foram muito maiores. Os combates — acrescentou — prosseguem com a participação de milhares de homens.

RUMORES

Não foi possível se confirmar de forma independente o relato de Akbarzai, já que os jornalistas ocidentais estão proibidos de entrar no Afeganistão, mas alguns peritos militares locais duvidaram da exatidão da informação, uma vez que os rebeldes carecem de poder de fogo e da coordenação necessários para manter uma ofensiva naquelas proporções.

Outra fonte, usualmente digna de crédito, citada pela agência AP, declarou em Nova Déli que uma força rebelde havia conseguido atravessar as linhas soviéticas e do Exército afegão que cercam Cabul, matando cinco policiais num tiroteio, na terça-feira à noite. Outros 11 policiais foram feridos e um guerrilheiro foi morto, segundo a fonte.

Um viajante ocidental procedente de Cabul disse na sexta-feira que correm na Capital insistentes rumores sobre aldeãos que matam os soviéticos e esquartejam os cadáveres a machadadas. Desde dezembro, a União Soviética já enviou ao Afeganistão cerca de 85 mil soldados, para apoiarem o regime pró-Moscou do Presidente Babrak Karmal.

A rádio de Cabul assegurou que Karmal declarou ser um muçulmano praticante e não um ateu, que pretende transformar seu país "num satélite de Moscou".

"Se todas as tropas soviéticas não forem imediatamente retiradas do Afeganistão", a comunidade de cidadãos afegãos residentes no Nepal ameaça explodir a Embaixada soviética em Katmandu, seqüestrar os diplomatas soviéticos e adotar outras represálias. As ameaças constam de uma carta enviada ao Embaixador soviético em Nepal, informou-se ontem em Katmandu.

Cabul executa mais três ex-ministros

Islamabad — A Rádio Cabul informou ontem que três ministros do deposto Governo do Presidente Hafizullah Amin foram executados, depois de condenados à morte por um tribunal revolucionário afegão sob a acusação de vários delitos políticos, englobados como "crimes contra a nação".

Os três executados foram Muhammed Zarif, ex-Ministro de Comunicações, Sahibjan Saharee, ex-Ministro de Assuntos Fronteiriços, e Muhammed Sediq, ex-Ministro do Planejamento. Anteriormente, outros 11 integrantes do Governo Amin haviam sido mortos em circunstâncias semelhantes.

Atualmente se verifica no país uma disputa entre as duas alas rivais do Partido governante, Khalq e Parcham. O ex-Presidente Amin era um Khalq, enquanto o atual, Badrak Karmal, lidera a ala Parcham, considerada mais favorável aos soviéticos.

Mapa Rafael Wasserman

A divisão soviética foi cercada em Urgun e teve pesadas perdas para os rebeldes afegãos

Sindicato não oficial comanda greve russa

Moscou — Um funcionário soviético, que não ocupa cargo oficial mas está a par do que acontece no Governo, disse ter recebido informações seguras sobre realização de uma greve na fábrica de automóveis em Togliattigrado. Ele afirmou que o movimento tem ligação com as lideranças sidicais não oficiais que se tornaram mais influentes na região do que o sindicato oficial.

Diversos incidentes semelhantes ocorreram nos últimos anos, segundo esse informante, quando essa liderança informal protestou contra condições insatisfatórias, tais como fornecimento insuficiente de alimentos para suas famílias, e promoveram paralisações de meia hora. Estas greves simbólicas ocorreram em diversos lugares do país e a política oficial nestes casos é tomar imediatas providências para atender às reivindicações e abafar o descontentamento.

Na maioria dos casos, o racionamento de alimentos é a principal causa de protestos e, nestes casos, as autoridades retiram suprimentos de depósitos de reservas que existem em várias regiões soviéticas e as levam para a área afetada. É difícil dizer se os problemas alimentícios fora de Moscou e Leningrado são piores hoje do que há alguns anos, mas não há dúvida de que a situação é ruim, com longas filas para comprar carne em cidades como Volgogrado e falta total do produto em muitas outras.

Os trabalhadores de Togliattigrado parecem ter desenvolvido bastante esse sistema de lideranças informais, desafiando o papel do sindicato oficial, que é uma arma do Partido com o objetivo principal de aumentar a produção através de melhores condições de trabalho. Eles parecem também estar na liderança ao desafio a uma regra não escrita de que as greves, uma arma válida na sociedade capitalista, são indesculpáveis no Estado sem classe da União Soviética.

Um resultado disso é que os trabalhadores de Togliattigrado têm as melhores condições sociais e assistência médica do país, o que inclui uma policlínica dentária com equipamentos importados do Ocidente.

Em Togliattigrado, a fábrica junto ao Volga

"Com know-how adquirido em Togliattigrado esperamos compensar o investimento feito na União Soviética, onde não perdemos nem ganhamos dinheiro", costuma afirmar Umberto Agnelli, irmão de Giovanni Agnelli, presidente da Fiat, empresa italiana fundada em 1899.

Em Togliattigrado — antiga Stavropol, rebatizada em homenagem a Palmiro Togliatti, secretário-geral do Partido Comunista Italiano morto em setembro de 1964, em Yalta, na União Soviética — a Fiat constituiu um complexo industrial, no qual os soviéticos produzem hoje o Lada, modelo adaptado do Fiat-124 italiano.

Construída na região de Kujbishev, a 1 mil quilômetros a Leste de Moscou, a indústria — que paga royalties à Fiat pela concessão de fabricar automóveis inspirados no modelo italiano — nasceu juntamente com um núcleo satélite a cerca de 15 quilômetros da então Stavropol. Nessa região encontra-se o grande meandro do rio Volga e uma barragem forma um lago artificial de 500 quilômetros de comprimento por uma largura variável de cinco a 20 quilômetros.

Os edifícios da fábrica dos Lada têm uma área coberta de aproximadamente 1 milhão 500 mil metros quadrados — cinco vezes a área da Fiat em Betim, Minas Gerais. Para a produção final estipulada — 600 mil carros por ano, cerca de 60% da atual produção soviética de automóveis — são necessários 60 mil empregados.

Um problema para a esquerda resolver

Jiri Pelikan
Le Monde

A guerra que vem sendo travada há cinco meses no Afeganistão é uma guerra de libertação nacional do povo afegão contra invasores estrangeiros ou uma rebelião contra um regime legal? Essa é a pergunta que a esquerda ocidental deve responder.

Não basta condenar quase unanimemente (à exceção do Partido Comunista Francês) a intervenção soviética. É preciso se interrogar como agir e decidir qual a ação a ser tomada. Até o momento, quase todas as iniciativas políticas foram deixadas aos cuidados dos governos, quer se trate de países ocidentais, islâmicos ou do bloco soviético. As conferências, os encontros de Chefes de Estado, as viagens de Ministros do Exterior, se multiplicaram. As declarações e os comunicados levam a opinião pública a acreditar que é possível uma solução política do problema afegão, com a concordância da União Soviética. Ingenuidade ou cinismo? Uma atitude dessas só pode redundar no massacre do povo afegão, no sufocamento da residência popular e finalmente na aceitação do fait accompli.

Somos informados de que uma solução política é possível com uma ampliação do atual Governo de Karmal. Mas mesmo que os dirigentes soviéticos estivessem dispostos a tal — o que não se tem certeza — uma operação dessas não é mais possível hoje, após a intervenção sangrenta e as atrocidades cometidas, que fomentaram o ódio aos russos e abriram um fosso entre os dirigentes impostos e a maioria da população. O mesmo fenômeno bloqueia, há 11 anos, a situação na Tcheco-Eslováquia, país que antes de 1968 mantinha as melhores relações com a União Soviética.

Somos informados de que se o regime de Karmal for reconhecido e as fronteiras afegães forem fechadas, as tropas soviéticas se retirarão. O que é provável, já que não haveria mais, para o Exército soviético, nenhuma necessidade interna de sustentar o regime com sua presença.

Mas, essa hiótese se baseia numa má avaliação da operação soviética no Afeganistão: ela não visou a apoiar este ou aquele grupo de dirigentes pró-soviéticos, já que as mudanças necessárias poderiam ser conseguidas sem uma intervenção maciça de tropas russas. Ela serviu para confirmar que Moscou modificou sua estratégia e não quer mais se contentar com um regime pró-soviético, formalmente não alinhado. A URSS decidiu ocupar o Afeganistão para construir lá bases militares, como ponto de partida para suas futuras intervenções no Irã e na região do Golfo Pérsico, a fim de pressionar a Europa Ocidental a assegurar, no futuro, acesso ao petróleo que então lhe faltará.

É, portanto, ilusório, acreditar que a URSS está disposta a retirar suas tropas do Afeganistão se o regime de Karmal for reconhecido, as fronteiras forem fechadas e se esmagar com sangue a resistência do povo afegão. É lamentável que a imprensa francesa e estrangeira não tenham publicado na íntegra um discurso revelador do Embaixador soviético na França, Tchervonenko. Não se trata apenas do representante oficial da União Soviética. Ele tem atrás de si uma experiência preciosa, porque foi Embaixador em Praga em 1968 e durante a primeira etapa da normalização.

A 20 de maio de 1980, na Associação da Imprensa Diplomática Francesa, ele declarou que a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão constituiria um "presente para os Estados Unidos" e equivaleria a uma "garantia dada às ingerências externas (sic) nos assuntos afegãos." Portanto, é lógico que o Exército soviético permaneça no Afeganistão, porque ninguém pode pedir a URSS que dê presentes aos americanos. O Exército soviético está em casa, já que toda oposição à sua presença parte do exterior, por conseguinte, de agressores.

A URSS não tem outro objetivo senão justificar sua presença militar, que de provisória se tornou progressivamente permanente (os acordos assinados entre Cabul e Moscou são iguais aos firmados em 1968 entre Praga e Moscou; o adjetivo temporário já desapareceu) e torná-la reconhecida por outros Governos como uma realidade existente, para recorrer à expressão usada por Tchervonenko. Eis por que só "a capacidade dos afegãos de resistir aos soviéticos" e a "vontade dos ocidentais de lhes fornecer os meios para tal" poderão levar os dirigentes soviéticos a reconsiderar sua decisão e favorecer sua retirada do Afeganistão.

Mas, acrescento eu, essa possibilidade depende também da pressão da opinião pública mundial e da que fôr exercida no interior da URSS, como dependeu da resistência vietnamita (maciçamente ajudada pela União Soviética e a China) e da pressão da opinião pública no mundo e nos Estados Unidos, a retirada dos norte-americanos do Vietnam. É verdade que a opinião pública não se exprime na URSS da mesma forma que nos Estados Unidos. Mas é preciso não esquecer que pela primeira vez (abstraindo-se a resistência heróica, mas curta demais, de Budapeste em 1956) o Exército soviético está enfrentando no Afeganistão a luta armada de um povo, e que o prolongamento dessa guerra estrangeira pode abalar a opinião pública soviética e em outros países do Leste europeu.

É grande a responsabilidade da esquerda ocidental. Ela não se pode contentar com condenações verbais e se acomodar por trás do imobilismo dos Governos, se não quiser ser cúmplice de um genocídio e de uma política que ameaça não somente a détente, mas muito diretamente a paz mundial.

Face a um povo que luta sem ajuda externa, a esquerda européia não pode deixar a iniciativa aos Governos e diplomatas — o que não significa que se deva subestimar seu papel — e deve exigir, por seus canais próprios, a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão. Os Partidos eurocomunistas, como o PCI, a Internacional Socialista e seus membros, e ainda os sindicatos, podem desempenhar um grande papel nesse sentido. A esquerda soube mobilizar as massas e fazê-las sair às ruas durante a guerra do Vietnam. Por que não fazer o mesmo pelo povo afegão?

A esquerda deve impedir qualquer solução que signifique o isolamento da resistência afegã e o reconhecimento do regime imposto pela intervenção soviética. Ela deve se opor principalmente às tentativas das grandes potências de articular um novo Yalta, visando à redistribuição de zonas de influência no Terceiro Mundo.

A esquerda deve se esforçar para conhecer e compreender melhor a resistência afegã e apoiar suas aspirações justas, principalmente sua luta pela independência nacional. Deve deixar de chamar de rebeldes os patriotas afegães ou de julgar suas ações por critérios ocidentais. Sabe-se hoje que no interior do país a resistência é espontânea, não organizada, mas verdadeiramente popular, e que pode assim se transformar progressivamente num grande movimento capaz de encontrar porta-vozes responsáveis e organizações que se tornariam os aliados e os interlocutores da esquerda ocidental. Ignorar esse movimento, é jogá-lo nos braços da direita e o impelir para posições extremistas.

Compreende-se que o medo de morrer po Cabul justifique a passividade. Mas é precisamente para não ter um dia de morrer por um sultanato ou à borda de um deserto que é preciso evitar, hoje, que Cabul se transforme num novo gueto de Varsóvia.

Será demais pedir à esquerda que erga sua voz em defesa da causa do povo afegão?

Deixar ser sufocada por tanques, aviões e fome a resistência afegã é abrir o caminho a agressões futuras, hoje contra o Irã, amanhã contra a Iugoslávia.

As silenciosas vítimas da "détente"

André Glucksman
Le Monde

O golpe em Cabul não parece capaz de levantar interrogações novas na França, onde continua se distinguindo a esquerda da direita sem querer considerar o programa comum de política externa que as une. Que outro país não socialista poderia, por exemplo, alinhar tantos líderes desejosos de evitar o boicote dos Jogos Olímpicos em Moscou? Mas até quando durará esse consenso sem problema ante as surpresas da nova desordem mundial? Talvez conviesse terminar com essa noção de família, porque Cabul mais tarde acabará por dividir-nos, a menos que surja um acontecimento mais grave ainda. Cabe a nós, portanto, decidir se a divisão ocorrerá no interior de gerações ou, mais brutalmente, entre elas.

As críticas do marxismo não passaram de um sinal prévio, benigno, da vaga de desiludidos que a détente ameaça lançar. Até onde irá essa inelutável reação de rejeição? A oposição já se forma agora, enquanto nossa classe política parece presa à idéia de détente como bagagem intelectual, moral e geopolítica. Primeiro postulado: a crença (justificada, mas banal) de uma apocalipse nuclear serve de política positiva, como se bastasse aos Grandes sofredores se entenderem sobre suas angústias para dividir pacificamente o mundo. Segundo postulado: os bons negócios, a intensificação do intercâmbio econômico (e esportivo e científico), eis a melhor forma de humanizar as ditaduras multicores e converter corvos pretos em pombas brancas. Último postulado: o equilíbrio do mundo "reside na capacidade de sangue-frio de alguns homens" (Giscard d'Estaing), a diplomacia de jato de Kissinger em testemunhar, sobrevoando com sangue-frio, os terrores cambojano e chileno.

Esse credo dos anos 60 a 80 se revela terrivelmente eficaz. As elites dirigentes européias só se inquietam quando os norte-americanos, combatendo a população vietnamita, batem os recordes de bombardeios na II Guerra Mundial. O mundo soube ficar perfeitamente tranqüilo tanto a Leste como Oeste, durante os três anos de genocídio de chineses no Camboja, abandonando os sobreviventes à colonização vietnamita. Foi igualmente sem reação exagerada que a comunidade católica deixou que exterminassem, há 10 anos, mais de um milhão de biafrenses, e, mais recentemente, a metade dos habitantes de Timor. Os xiitas iranianos se separam dos xiitas afegãos, e lhes fecham a fronteira. As grandes religiões do mundo amontoam os cadáveres de seus fiéis sobre o altar da détente, nosso novo ídolo.

Sob a détente encontramos sem dificuldade o egoísmo estabelecido, a impotência cultivada, o pânico transformado em razão suprema da civilização. Um silêncio geral faz de Cabul um gueto; é verdade que os meios de informação estão mudos, mas existem jornalistas corajosos; este silêncio é nosso, incômodo, persistente, doentio, vergonhoso. Uma comunidade como os judeus, dos quais faço parte, sabe que o massacre de um povo pequeno é premonitório de outros. No entanto, entre os altos brados que minha comunidade costuma lançar em todas as direções não se ouviu uma só palavra em defesa dos afegãos. Para ter paz, as potências ocidentais vendem 3 milhões de israelenses, 12 milhões de afegãos, enquanto soltam suspiros hipócritas.

O Ocidente espera acalmar seus medos multiplicando seus racismos. Carter e a população norte-americana voltam toda a sua atenção para 50 reféns em situação perigosa e ignoram um povo em perigo mortal. Tentam lançar uma operação de resgate, apesar de suas probabilidades de fracasso, mas esquecem de enviar armas para os guerrilheiros que combatem com as mãos nuas a mais possante infantaria do mundo. Tudo prenuncia uma permuta eventual, repugnante: fiquem com o Afeganistão, devolvam os reféns. As mãos limpas, se não no Irã, pelo menos em El Salvador. Essa grande transação permite aos Dois Grandes ficar com suas caças, resumindo assim 35 anos de guerra-fria.

A Europa conta os carneiros. Mas erram esses dirigentes de envergadura mundial em fazer dos direitos do homem um tema de discussão após o jantar. Esses direitos são, hoje, o do povo afegão. Mas como toda a nossa elite concorda em silenciar, Mme Thatcher pode comer tranqüilamente seu bife.

A miragem da détente se esfuma. A invasão do Afeganistão fez, em três meses, cerca de 800 mil refugiados. Mais ainda do que no Vietnam e Camboja. Esse número pode crescer, com a primavera facilitando o êxodo dessa pobre gente que empoleira galinhas e crianças sobre o lombo de animais esqueléticos. Eles não interessam aos liberais: são crentes e muçulmanos. Eles não emocionam uma esquerda que só defendeu ocasionalmente o camponês vietnamita sob a condição de reconhecer o novo Adão revolucionário. É muito menos uma direita que só se preocupa com ela.

É preciso ajudar esses refugiados, esses mártires entre tantos outros da détente. Não tenhamos vergonha de nosso medo. Uma justa apreciação das conseqüências de uma chantagem do petróleo não pode deixar de inquietar o europeu médio: a reabertura dos postos de gasolina no fim de semana de Pentecostes foi o começo do fim de maio de 68.

A potência que tiver petróleo poderá subjugar a economia francesa. A ocupação do Afeganistão dá-nos uma antevisão dos apetites e receios que despertam o jogo do petróleo. Para os europeus, a détente foi um momento de bem-estar à sombra de tempestades mundiais. Ele é, de agora em diante, o nome que simboliza o medo de nosso medo.

O guerrilheiro afegão se aferra aos seus rochedos. Nós perdemos o hábito, falamos de fanatismo. Coragem explicaria melhor aquele que arrisca sua vida para permanecer sendo o que é, e não para forçar outros a serem como ele. Ele continuará diferente de nós por sua civilização e sua fé. Se morrer isolado em suas coragem, não deveríamos, como ao final da República espanhola, perguntar por quem dobram os sinos?

Não ajudar os afegãos é decidir que a coragem individual não conta mais, que nosso destino, o mais cotidiano — a simples possibilidade de trabalhar, de se alimentar — está nas mãos das superpotências, Rússia e Estados Unidos. Resta escolher entre o reverso da medalha ou um lento e silencioso suicídio.

"Os turcos passaram por lá. Tudo é ruína e luto. Chio, a ilha dos vinhos, não passa de um sombrio escolho... Que queres tu? Flores, belos frutos ou pássaros maravilhosos? Amigo, diz a criança grega, a criança de olhos azuis, quero pólvora e balas".

A França, terceiro fornecedor de armas do mundo, também foi o país de Victor Hugo.

Circulação: 1.600.000 clientes satisfeitos.

O BONZÃO

O informativo a serviço do consumidor.

Rio de Janeiro - Semana de 15 a 21 de junho de 1980.

Informe-se das boas notícias. Consulte o Bonzão.

UD — UTILIDADES DIVERSAS ATÉ Cr$ 3.000,00

Decoração em módulos. Você precisa conhecer o MÓDULO NICE que o Ponto Frio está oferecendo. Ele é di-vi-na-men-te lindo, todo forradinho em chenille listrado que cai de bonito. E o seu precinho é um verdadeiro frenesi.

À Vista **2.990,**

Praia ou camping. Oferta muito especial para os curtidores da natureza. Agora você já pode fazer sua comida sem nenhuma mão-de-obra quando estiver acampado. Basta comprar um FOGÃO CAMPESTRE YANES com 2 bocas, tipo maleta, no Ponto Frio Bonzão.

À Vista **939,**

Alta velocidade. Vende-se um LIQUIDIFICADOR WALITA POLIWALENTE LY-000 Com 14 velocidades. Possui controle deslizante no painel. Super cromado. Tomar cuidado para não passar dos 80.

À Vista **2.430,**

Protetora. Quem estiver interessado num ESPREMEDOR DE FRUTAS WALITA ES-100 que vem acompanhado com tampa protetora, favor dirigir-se às lojas do Ponto Frio. Este magnífico espremedor é muito fácil de limpar e funciona em 110/220 volts.

À Vista **918,**

Fura-se. Atenção todos que têm mania ou necessidade de furar. Venham ao Ponto Frio e comprem uma FURADEIRA SINGER, elétrica, com 1/4". Ela faz excelentes furos.

À Vista **1.999,**

Lanches. Para quem tem muita fome e não tem muito tempo para comer. Passa-se adiante um GRILL FAET todo esmaltado, que faz waffles deliciosos e super-rápidos.

À Vista **2.770,**

In the English way. Vende-se CARRO DE CHÁ WINDSOR para você tomar o seu chá das cinco e pensar que pertence à nobreza inglesa. Caso você seja brasileiro da gema, este carro também é ideal para servir o lanche. Em vidro.

À Vista **2.590,**

As UTILIDADES DIVERSAS ATÉ Cr$ 3.000,00 que você encontra nas lojas do Ponto Frio Bonzão, podem ser pagas também em até 15 meses.

SHOW

No que se refere a som e a imagem, o leitor estará muito bem servido esta semana pela Rede Ponto Frio. Os programas são os mais variados: em AM, FM, gravações, e também no visual das televisões em cores. Você não pode perder.

TV Philco B-265/2. (12"). 31 cm. Funciona em 12/110/220 volts. Com base giratória. Produzido na Zona Franca de Manaus.

À Vista **6.815,**
Sem Entrada
15 x 736, = 11.040,

TV Philco B-828-SD. (20"). 51 cm. Em cores. Seletor digital eletrônico de canais. Tecla AFT: sintonia fina automática. Controles deslizantes. 110/220 volts.

À Vista **33.805,**
Sem Entrada
15 x 3.650, = 54.750,

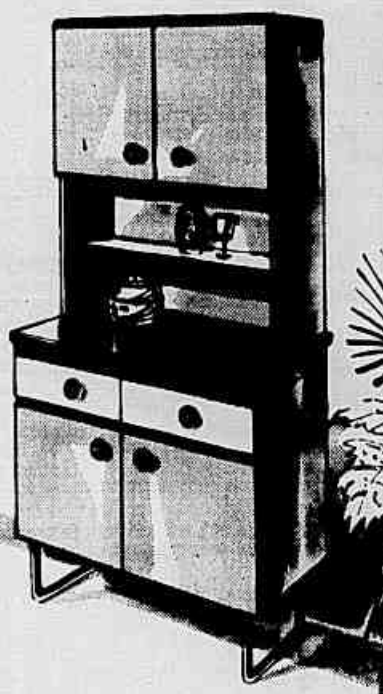
Rádio Gravador Sharp GF-1602. Com AM/FM/OC. Funciona à pilha/luz. Produzido na Zona Franca de Manaus.

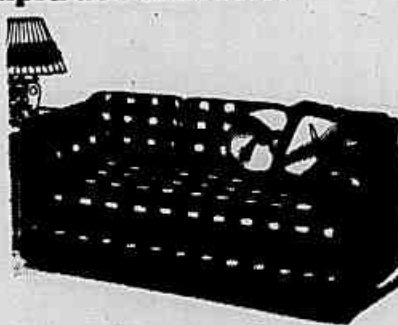
À Vista **8.770,**
Sem Entrada
15 x 947, = 14.205,

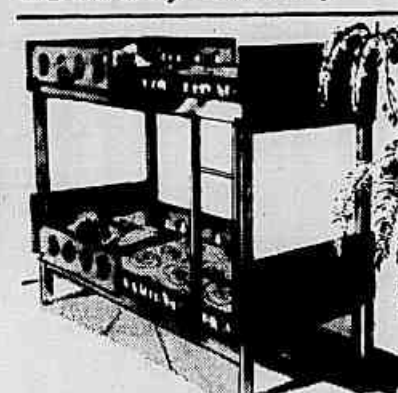
TV National Panacolor TC-182. (18"). 48 cm. Em cores. Com garantia integral de 1 ano.

À Vista **25.830,**

CASA

O BONZÃO armou um esquema esta semana para que você possa montar ou reformular a decoração da sua casa. No Ponto Frio existem mil maneiras para você fazer isso: móveis para sala, para o quarto e para a cozinha. E esta informação de O BONZÃO não diz respeito apenas à variedade, mas também às ótimas condições de compra do Ponto Frio.

Kit Lar. Com 4 portas. Em laminado na cor azul.

À Vista **4.990,**
Sem Entrada
15 x 539, = 8.085,

Bicama Primavera. Em tecido xadrez na cor ouro.

À Vista **5.890,**
Sem Entrada
15 x 636, = 9.540,

Beliche Jepimirim. Mede 0,78 x 1,88 m. Em cerejeira.

À Vista **3.990,**
Sem Entrada
15 x 430, = 6.450,

Sala Alabama. Com 8 peças, sendo: 1 buffet, 1 mesa elástica e 6 cadeiras. Em Couro

À Vista **18.700,**
Sem Entrada
15 x 2.020, = 30.300,

CAMPING/ESPORTE

Mulheres, câmbio. Vende-se uma BICICLETA CALOI CECI LINHA 80. Com selim revestido em tecido aveludado, sobre molas macias. Cestinha. Pedais cromados com refletores de segurança e câmbio com 3 velocidades. Freios center-Pull. Acompanha descanso lateral, bomba e ferramenta.

À Vista **6.740,**
Sem Entrada
9 x 1.038, = 9.342,

Passeios. Quem gosta de passear deve comprar esta BICICLETA PEUGEOT TURISMO que o Bonzão está vendendo. Com selim macio e guidom confortável. ARO 26. Se você tiver sorte poderá conhecer a moça que vai comprar a bicicleta lá de cima.

À Vista **7.930,**
Sem Entrada
15 x 856, = 12.840,

Vagas para rapazes ou moças. Quem estiver precisando de três vagas dentro de uma barraca, poderá encontrá-las nas lojas do Ponto Frio dentro da BARRACA CANADENSE. Admite-se três rapazes, três moças ou lotação mista.

À Vista **3.870,**
Sem Entrada
15 x 418, = 6.270,

CENTRO/ZONA SUL

Todas as ofertas que o leitor encontrar aqui, estarão à disposição de todos os interessados nas lojas Uruguaiana, Carioca e Copacabana do Ponto Frio Bonzão. É bom lembrar que para qualquer informação a respeito de outras colunas de seu interesse você deve dirigir-se também a estas lojas.

TV Telefunken-443T. (17"). 43 cm. Luxo. Controles deslizantes. 110/220 volts.

À Vista **8.880,**
Sem Entrada
15 x 959, = 14.385,

Rádio Gravador Sanyo M-2420. Com AM/FM. Auto-stop. Pilha/luz. Produzido na Zona Franca de Manaus.

À Vista **7.330,**
Sem Entrada
15 x 792, = 11.880,

TV Philips T-672. (24"). 61 cm. Linear luxo. Controles deslizantes. Totalmente transistorizado.

À Vista **8.990,**

Refrigerador Brastemp BLG-34-D. Duplex. Com 340 litros. Nas cores azul ou amarela.

À Vista **20.990,**

Refrigerador Consul ET-1527. Com 146 litros. Na cor marrom.

À Vista **8.790,**

Máquina de Lavar Brastemp Especial BLG-61-L. Na cor branca.

À Vista **18.890,**
Sem Entrada
15 x 2.040, = 30.600,

Máquina de Costura Singer Ponto de Ouro 660/331. Equipada com motor. Portátil.

À Vista **6.480,**
Sem Entrada
15 x 699, = 10.485,

Lava Louças Brastemp BVF-62-L. Super luxo. Na cor branca.

À Vista **38.220,**

Fogão Brastemp BFG-51-L. Luxo. Com 4 bocas. Gás de rua. Nas cores amarela ou vermelha.

À Vista **8.390,**
Sem Entrada
15 x 906, = 13.590,

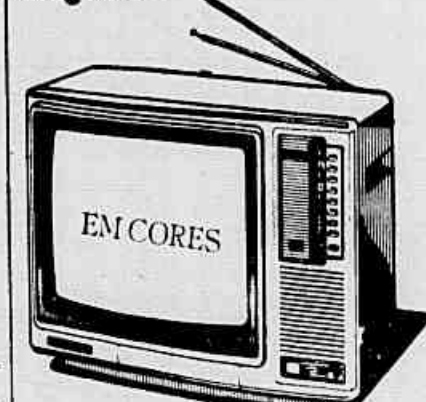
Cama de Casal Ternura. Mede 1,37 x 1,88 m. Em cerejeira.

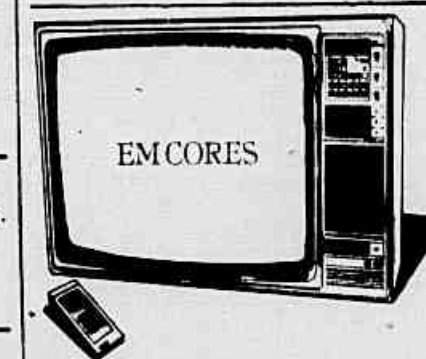
À Vista **7.770,**
Sem Entrada
15 x 839, = 12.585,

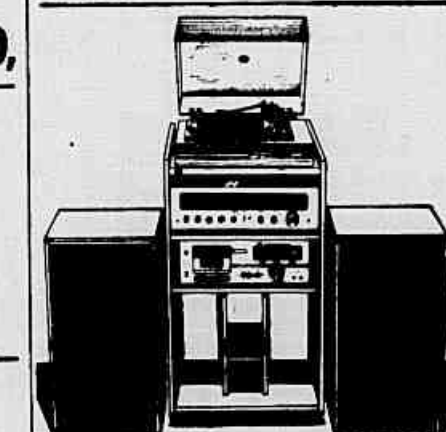
TV Sharp C-1401. (14"). 36 cm. Em cores. Com seletor digital eletrônico de canais (Push Button). Produzido na Zona Franca de Manaus.

À Vista **26.880,**
Sem Entrada
15 x 2.903, = 43.545,

ESTRÉIAS DA SEMANA

Muito promissoras as estréias desta semana. São produtos que pela primeira vez estão sendo lançados em O BONZÃO. Todos eles estão na linha dos recomendados para o grande público, até mesmo aqueles mais exigentes.

TV Sanyo CTP-3712. (14"). 36 cm. Em cores. Com seletor digital eletrônico de canais. Produzido na Zona Franca de Manaus.

À Vista **26.590,**

TV Philips C-321. (26"). 66 cm. Em cores. Com seletor digital eletrônico de canais tipo gaveta e controle remoto. Com 12 teclas e indicador digital.

À Vista **39.930,**

Rack CCE. Composto de: estante rack SSK-2000, tape-deck CD-1200, toca-discos C-126 com capsula magnética, receiver 3030 com 70 watts de potência e 2 caixas acústicas CL-505.

À Vista **36.680,**
Sem Entrada
15 x 3.961, = 59.415,

Atacado novamente na Estrada Vicente de Carvalho.

O Ponto Frio Bonzão vende por atacado na Estrada Vicente de Carvalho, 730 - bairro de Vicente de Carvalho - onde você encontra todas as facilidades e a mais completa linha de produtos para pronta entrega.

OFERTAS VÁLIDAS NAS LOJAS - CENTRO - Rua Uruguaiana, 130/146 - CARIOCA - Rua Uruguaiana, esquina Lgo. Carioca - COPACABANA - Av. N.S. de Copacabana, 735.

Oposição não tem como alterar o projeto de Lei de Estrangeiros

Brasília — O projeto de lei do Governo que define o regime jurídico do estrangeiro no Brasil terá poucas alterações, garantiu o Senador Bernardino Viana (PDS-PI). Ele é o relator do projeto na comissão mista do Congresso, onde o Partido do Governo é majoritário. Assim, será frustrada a esperança do presidente da comissão, Deputado Marcelo Cerqueira (PMDB-RJ), de alterar substancialmente o projeto.

O Senador governista vai apresentar seu relatório à comissão na próxima quinta-feira, propondo "algumas mudanças", mas não estruturais ou fundamentais. "O projeto do Executivo foi bem elaborado. Seguiu a tradição brasileira nas suas relações com países estrangeiros", disse. Com tal opinião, contudo, não concorda o Deputado Marcelo Cerqueira.

"INTOLERANTE"

Para Cerqueira, a tradição brasileira não é exatamente essa. E sintetiza sua posição: "Não posso imaginar que o Congresso Nacional aceite um projeto tão intolerante e obscuro que viola a Constituição brasileira e rompe com a tradição generosa de nosso povo e de um país de imigrantes". O projeto, que tramita em regime de urgência no Congresso Nacional, será votado em plenário até o dia 5 de agosto.

Foram apresentadas 34 emendas à proposta do Governo, 18 delas do Sr Marcelo Cerqueira. Mas o projeto deverá chegar ao plenário com alterações insignificantes, onde será aprovado, ou passar por decurso de prazo, uma vez que o PDS é maioria. Embora tenha consciência desta inferioridade numérica, Cerqueira disse que "vai continuar lutando até o fim para sensibilizar os parlamentares para modificar este projeto intolerante".

"FASCISTA"

O Sr Marcelo Cerqueira, citando suas emendas, disse que o projeto tem inúmeras falhas: "Antes de mais nada, deve lamentar-se que o Presidente da República tenha usado o prazo de 40 dias (regime de urgência) para examinar matéria tão importante, principalmente quando se sabe que o Executivo a examina desde 1978".

Acrescentou que o projeto "corresonde à institucionalização, por meio de leis ordinárias, dos resíduos fascistas dos atos institucionais: transfere para a Lei dos Estrangeiros o conceito de segurança nacional, que é a base ideológica do autoritarismo. Além disso, é reforçado pelo condicionamento aos interesses nacionais".

Explicou: "O direito assegurado pela Constituição aos brasileiros e estrangeiros residentes no país, de que ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei, Artigo 153, parágrafo 3, é vulnerado pela imprecisão do dispositivo que se quer suprimir".

Cerqueira, em suas 18 emendas, cuja maior parte não será acolhida pelo relator, propõe, praticamente, um novo projeto-de-lei de estrangeiros. Ele justificou esta posição argumentando que "a proposta do Executivo, na verdade, destina-se a estabelecer restrições à permanência, ao ingresso e à visita de estrangeiros, a pretexto de reduzir seu afluxo, que deveria ser o estabelecimento de uma nova política imigratória. Para agradar e servir os ditadores do Cone Sul, o projeto, infeliz, vai cercar, se não sofrer modificações substanciais, o turismo e o comércio exterior, porque dificulta o intercâmbio entre os brasileiros e os demais povos".

No seu entender, "o projeto não tem mesmo nada de bom". Dessa maneira, ele o vem criticando sistematicamente — desde que foi encaminhado ao Congresso no dia 20 de maio. Apontou uma série "infindável de falhas e erros", destacando, entre outras, a da criação do Conselho Nacional de Imigração, subordinado ao Ministério do Trabalho, e "a desculpa de que o projeto tem como um dos objetivos principais regular o mercado de trabalho e a oferta de mão-de-obra".

Segundo o deputado do PMDB, a questão do Conselho tem um grave problema, porque "o projeto não é claro, uma vez que pede autorização ao Legislativo para criá-lo, por meio de decreto-lei. Isto é um absurdo, pois querem que o Congresso Nacional demita-se de suas atribuições. Proponho, por emenda, que a atribuição de criação do Conselho seja de competência do Congresso".

O Sr Marcelo Cerqueira é de opinião de que o projeto "encerra uma hostilidade tenaz ao estrangeiro residente em nosso país, irregularmente ou não". Citou artigos do projeto, entre outros o 37º, para observar que "apenas o estado de guerra e o estado de anormalidade interna, certamente muito maior que o presente, justificariam tantas restrições aos estrangeiros".

"MUITO BOM"

Por razões óbvias, o projeto é considerado "muito bom" pelo relator, Senador Bernardino Viana. Entre outras, porque "consolida toda a legislação esparsa que há atualmente, desburocratizando o processo de expropriação e naturalização que há hoje". Ele entende que "o projeto, no Congresso, deve sofrer apenas mudanças de termos e expressões mais adequadas, mas não de substância".

O Senador do PDS disse já conhecer todas as críticas que o Deputado Marcelo Cerqueira vem fazendo: "Estou examinando as emendas que propôs", assegurou. "Está havendo muitos equívocos por parte dos que são radicalmente contra o projeto. Uma delas é ao Artigo 18, que é claro. Ele estabelece que a concessão de visto permanente poderá ficar condicionada por prazo não superior a cinco anos, ao exercício de atividade certa e à fixação em região determinada do território brasileiro."

Desta forma, o Sr Bernardino Viana — "inclusive por ter havido interpretação errada de meu pensamento, pois chegaram a publicar que eu era contra o Artigo 18" — disse que gostaria de deixar bem clara a sua posição. E leu um trecho de seu parecer, ainda em elaboração:

"Essa regularização far-se-á mediante acordos internacionais (...). Para os que não têm atividade certa, e não fixado em região determinada do país, a concessão do visto, ou então a regularização, ficaria condicionada a assentamento dirigido, do qual participaria financeiramente o país estrangeiro interessado."

Destacou, também, ser autor de projeto sobre estrangeiros, em 1979. O projeto dele foi, de certa forma, incorporado ao do Executivo, o qual, contudo, "é mais completo. Porque consolida a legislação existente, revoga o Decreto-Lei 941, de 1969, e toda a legislação correlata. Além disso, traz em seu bojo a aspiração das representações alienígenas radicadas no Brasil, que é a regularização da situação jurídica de estrangeiros em situação irregular no país".

Dessa maneira, o Senador governista defende o projeto "com tranqüilidade, refutando as críticas dos que dizem que cerceia o direito dos estrangeiros, porque abre a possibilidade de expulsão dos que são casados com brasileiras. Na verdade, o projeto vai evitar outro caso Biggs (Ronald Biggs, um dos assaltantes do trem-pagador, na Inglaterra, hoje casado com brasileira, não podendo ser expulso do país, segundo as leis brasileiras)".

Por essa razão, ele justificou: "A proposta é justa, porque vamos evitar Casos Biggs e outros, como de ativistas políticos contrários aos interesses da segurança nacional, que podem se casar com brasileiras só para exercer tais atividades".

Da parte do Executivo, o projeto é considerado "muito bom". Contudo, assessores governamentais que participaram de sua elaboração recusam-se a prestar maiores esclarecimentos, alegando que o que o Governo pensa está no projeto. "Um projeto democrático", segundo um assessor do Ministério do Trabalho que participou de sua feitura.

Afinal, alegou, o Presidente João Figueiredo recusou-se a tratar do tema por meio de decreto-lei, enviando um projeto para ser apreciado pelo Congresso Nacional, que tem o direito de modificá-lo. Na verdade o projeto que define o regime jurídico do estrangeiro no Brasil, observou o Deputado Marcelo Cerqueira, "vai ser apreciado e votado a toque de caixa, podendo até passar por decurso de prazo, se assim entender o PDS. Um assunto de tal importância merecia, sem dúvida, um tempo bem mais amplo para discussão, em todos os setores interessados e afetados por ele".

Cientista baiano contesta a validade dos métodos naturais anticonceptivos

Brasília — "Se a mulher está estimulada para o ato sexual, a ovulação pode ocorrer exatamente neste momento, com a liberação do hormônio ocitocina, que descontrai o útero." A tese, defendida pelo professor baiano Elsimar Coutinho, sepulta todos os métodos naturais de controle da natalidade (que prevêem o dia da ovulação) e tira da Igreja a autoridade para sugeri-los.

O problema foi colocado na mesa-redonda que na Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados debateu esta semana o controle de natalidade. Diante das colocações do Sr Elsimar Coutinho, segundo o qual os métodos naturais tiram a responsabilidade de quem os recomenda, jogando-a nos ombros da mulher sozinha, o Secretário-Geral da CNBB, Dom Luciano Mendes, pregou a redescoberta da "dignidade da pessoa humana" e denunciou que a produção de anticoncepcionais é um dos comércios mais rentáveis do mundo.

IRREVERSIBILIDADE

Em termos de lucros, Dom Luciano comparou esse comércio ao de armamentos e de tóxicos e afirmou que o planejamento familiar não poderá nunca "ser injunção de uma sociedade injusta, menos ainda de uma contribuição governamental, controladora compulsória da natalidade, como aconteceu em outros países."

Dom Luciano Mendes advertiu que qualquer política governamental antinatalista, "uma vez implantada, é irreversível, isto sem falar nos aspectos éticos desrespeitados em toda política desse gênero". Baseado em demógrafos e historiadores, afirmou que os nascimentos perdidos desde a década de 60 criarão no século vindouro um desastre demográfico comparável à grande peste do século XIV.

Admoestou ainda que o "Primeiro Mundo quer impedir o crescimento populacional do Terceiro Mundo para que este não venha agredir o conforto e o alto nível da vida do mundo desenvolvido". E constatou: "O mesmo acontece dentro de uma nação, quando os ricos planejam cientificamente a redução da natalidade e o extermínio dos pobres".

DENÚNCIAS

A mesa-redonda instalada para debater o controle de natalidade caracterizou-se principalmente pelo surgimento de denúncias. O secretário-geral da CNBB, por exemplo, trouxe a público que no Rio de Janeiro há um médico para 600 pessoas, ao passo que no Maranhão há um médico para 20 mil pessoas. Denunciou ainda a ocorrência no Brasil de atos assistenciais desnecessários, como os cuidados sofisticados com emagrecimento por beleza, com operações plásticas etc.

O Deputado Castro Coimbra (PMDB-SP) revelou que as clínicas clandestinas da região central do país estão cobrando entre Cr$ 15 a Cr$ 20 mil pela realização de abortos, e que estas cirurgias são feitas principalmente pelas classes de maior renda do país.

O secretário-executivo da Bemfam, Walter Rodrigues, trouxe a público que aquela sociedade civil "não está mais utilizando o DIU (dispositivo intra-uterino) nas mulheres nordestinas porque de alguns anos para cá ficou difícil o acesse àquele contraceptivo". Para justificar a eficácia da Bemfam no Nordeste, argumentou que 42% das mulheres casadas do Piauí estão interessadas em se esterilizar e que só na Capital (Teresina) este percentual chega a 51,2%.

A título de sugestão, Walter Rodrigues propôs que o programa de planejamento familiar a ser implantado pelo Governo tenha caráter oficial e que aproveite a experiência de programas já desenvolvidos, como os da Bemfam.

Propôs ainda a criação junto à Seplan de um órgão coordenador da política, com autoridade de comando sobre o programa que seria elaborado. E entre as dificuldades encontradas para a adoção do planejamento familiar no Brasil enumerou em primeiro lugar a oposição da Igreja Católica.

Ele se referiu a citações bíblicas para justificar "a doutrina moralista da Igreja que passou a taxar de pecado qualquer ato de união entre os esposos, quando não há a intenção de gerar um novo filho". E criticou a influência que "o clero católico exerce sobre a população e particularmente sobre os dirigentes políticos".

Até vultos como a enfermeira americana Margareth Sanger (a criadora do planejamento familiar) e Robert Malthus (o cientista que defendeu a restrição da reprodução humana em defesa da economia) foram combatidos pelos debatedores do controle de natalidade.

O médico Mario Victor de Assis Pacheco observou que a teoria de Malthus, segundo a qual a produção de alimentos devia crescer em ordem aritmética enquanto a população cresceria em ordem geométrica, está definitivamente sepultada desde 1975.

Exemplificou mostrando dados em que o incremento da população mundial de 1952 a 1972 foi de 3,9%, enquanto o incremento da produção de alimentos foi no mesmo período de 5,8%. Manifestando-se favorável à anticoncepção quando por recomendação médica ou por interesse da mulher ou do casal, ele combateu a anticoncepção alegada para combater a fome, o aborto, a poluição ou para apressar o desenvolvimento econômico.

Entre os médicos antinatalistas brasileiros enumerou em primeiro lugar "os subsidiados pelo capital estrangeiro, recebendo em dólares, dispensados de passar recibos". E argumentou ser falso que "estaríamos ameaçados de explosões demográficas face ao aumento das taxas de natalidade no Brasil", concluindo: "Esta variável demográfica, longe de aumentar, tem decrescido progressivamente".

Nova lei dos servidores está pronta

Brasília — Anteprojeto de lei estendendo a contagem recíproca por tempo de serviço ao funcionalismo público estadual e municipal será encaminhado nos próximos dias, pelo Ministro da Agricultura e Assistência, Jair Soares, ao Presidente da República.

A medida permitirá que os funcionários estaduais e municipais, a exemplo dos federais, possam, quando trabalhando em órgão público, contar o tempo de serviço prestado a empresas privadas, e vice-versa. Prevê-se que essa alteração à Lei de Contagem de Tempo de Serviço (Lei 6 226/75) beneficiará em torno de 20 milhões de pessoas.

O Ministro Jair Soares informou que o grande obstáculo à sua concretização foram os princípios constitucionais preservadores da autonomia estadual e municipal para legislar sobre a Previdência de seus servidores.

O obstáculo foi contornado com o estabelecimento de que os Estados e Municípios poderão dispor, mediante legislação própria, sobre a contagem de tempo de serviço prestado anteriormente, para efeito de aposentadoria por invalidez, por tempo de serviço e compulsória, pelos cofres estaduais e municipais, estendida aos servidores a contagem recíproca.

Para o custeio, o anteprojeto parte da premissa de que o fluxo de segurados entre a Previdência Social Urbana e os regimes estaduais e municipais será equivalente. "Desta forma" — diz o documento — "o aumento de despesas relativo ao ingresso de novos segurados na Previdência Social Urbana será idêntico à diminuição do ônus em função da saída desses segurados para os regimes estaduais e municipais, não sobrecarregando assim o custeio".

O anteprojeto prevê ainda a adoção de medidas cautelares, já que considera impossível quantificar o fluxo de segurados, e consigna dispositivos moderadores considerados pelo Ministro de real importância, no tocante à carência mínima necessária e à vinculação das entidades.

Outra alteração proposta pelo Ministro dispensa a exigência do recolhimento, em época própria, da contribuição correspondente ao tempo de serviço computado para fins de aposentadoria, a fim de ajustá-lo ao atual critério de contagem. O Inciso IV do Artigo 4º da Lei 6.226/75 passa a ter a seguinte redação:

"O tempo de serviço relativo à filiação obrigatória dos segurados-empregadores, dos empregados domésticos, dos trabalhadores autônomos, bem como o tempo de atividade dos religiosos, de que trata a Lei 6.696/79, só será contado se for recolhida a contribuição devida à Previdência Social Urbana".

A nova lei deixará de especificar a condição civil ou militar do servidor, e vai tornar implícito que sua abrangência atinge todos os servidores públicos, do Estado ou do Município. Ao adotar o termo "servidor público" o anteprojeto considera que a sua acepção ampla alcança tantos quantos prestem serviços e que com as referidas entidades mantenham relação de emprego, qualquer que seja o regime jurídico a que estejam subordinados — estatutário ou não.

Juiz Aarão Reis está de plantão mas não pode dar novo parecer sobre a UNE

Embora como juiz de plantão neste fim de semana, o Juiz Carlos David Aarão Reis, da 3ª Vara, não precisará despachar sobre mais uma ação popular contra a demolição do prédio da UNE que ingressou sexta-feira, depois do expediente da distribuição, na Justiça Federal do Rio, e que somente amanhã será distribuída a uma das nove varas através do computador.

Ele está dispensado de decidir porque, pela Lei 5 010, que criou e organizou a Justiça Federal de 1ª instância, ao juiz de plantão cabe apenas despachar sobre medidas de urgência, como habeas corpus, inclusive preventivo. A nova ação popular, que não está assim caracterizada, pede seja suspensa a demolição argumentando que não houve licitação pública para o trabalho, entre outras alegadas irregularidades.

PLANTÃO EM CASA

O Dr Aarão Reis não está obrigado nem mesmo a tomar conhecimento da ação popular que ingressou sexta-feira última após o expediente da distribuição na Justiça Federal. Ele continuará em casa, de plantão segundo o rodízio das Varas a cada fim de semana, e não tinha até as 16h recebido nenhum pedido de habeas corpus que, se for apresentado, a ele deverá ser levado por um oficial de justiça que, juntamente com um funcionário da Secretaria, fica efetivamente de plantão na Vara, no velho prédio do Supremo da Avenida Rio Branco, em frente à Cinelândia, com acesso pelos fundos, Rua México.

Em torno dele há uma coincidência entre essa e a ação popular contra a demolição da UNE movida anteriormente em que o Juiz Aarão Reis despachou determinando a suspensão dos trabalhos e que o levou, para garanti-la, de arma em punho na segunda-feira a evacuar o prédio, retirando os trabalhadores e agentes da Polícia Federal.

O Dr Aarão Reis não estava de plantão mas era o único juiz presente na Justiça Federal no final do expediente quando a ação ingressou. Ao tomar conhecimento, ele despachou favoravelmente antes da distribuição do feito, quando então, no dia seguinte, o juiz escolhido pelo computador poderia confirmar ou não sua decisão. Mas, no dia seguinte, pela distribuição eletrônica, houve a coincidência: ele mesmo foi o sorteado. E então confirmou sua decisão, determinando a suspensão da demolição.

A ação que ingressou sexta-feira, movida pelo estudante e comerciante Moysés Luis Pinto, que contratou o advogado José Lindbergh Freitas, pretende sustar também os trabalhos de demolição do prédio da UNE argumentando a falta de concorrência pública, na contratação da firma encarregada dos trabalhos.

São apontadas, além da falta da licitação, que é "evidente violação da legislação que disciplina a matéria", outras irregularidades praticadas por autoridades federais, como omissão e falta de consulta; inobservância das normas que regem a segurança do trabalho; destruição de patrimônio que pertence ao povo; desvio e utilização de verbas sem a devida autorização legal; agressão a parlamentares e a estudante; uso indevido de armas privativas das Forças Armadas e desobediência às determinações judiciais (no caso o Juiz da 3ª Vara da Justiça Federal).

Brasil já escolheu os seus poetas

Cinco crianças dos Estados de Sergipe, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro foram as selecionadas para representar o Brasil no Concurso Mundial de Poesia Infantil, patrocinado pela UNESCO e realizado em todo o território nacional como uma promoção cultural do JORNAL DO BRASIL. São eles:

Andrea Moraes Reginatto, 14 anos **Meu Sonho**
Carlos Augusto de Lima Junior, 13 anos **Carrossel**
Gisleine Regina Lourenço, 13 anos **Poesia**
Paulo Cesar Dantas de Oliveira, 13 anos **A Herança da Criança**
Lilian Loureiro Alves da Costa, 13 anos **Preste Atenção**

Essas poesias serão encaminhadas a Paris onde a UNESCO escolherá uma entre todas as que foram enviadas pelos países participantes. Essa poesia será transformada em uma canção e será gravada em disco.

COMO FOI

Foi em março que todas as Secretarias de Educação e Cultura do Brasil receberam o convite formal para participarem do Concurso Mundial de Poesia Infantil. Para isso, estabeleceu-se como tema As Crianças Dirigem-se às Crianças para Construir um Mundo Melhor e foi fixado o nível de idade de 14 anos. No Brasil, imediatamente o JORNAL DO BRASIL recebeu a adesão de todas as Secretarias e foi no princípio de abril que já se recebiam as primeiras poesias. Coube a cada Estado selecionar na sua área as cinco melhores, às quais se juntaram as de outros Estados para a escolha das cinco melhores poesias infantis brasileiras. E, hoje, elas estão sendo divulgadas por um júri nacional, que foi composto por Abel Silva, Ana Maria Machado, Laura Sandroni, Maria Lucia Amaral e Stella Leonardos.

O júri ficou surpreendido com o nível de conscientização das crianças participantes: fome, miséria, violência e guerra foram os temas mais focalizados. Para Stella Leonardos, essa postura foi geral, não variando de cidade ou de um Estado para outro. Já Maria Lucia Amaral achou que as poesias que vieram diretamente, sem ter passado pelo crivo de seleção da Escola, eram muito mais criativas. Maria Lucia e Stella Leonardos, no momento da divulgação, fizeram um apelo aos professores para que não interfiram nos trabalhos dos alunos que, como toda criança, possuem uma capacidade criativa muito grande. Devido à qualidade de trabalhos apresentados, o júri decidiu premiar com menção honrosa outras poesias, além das cinco já selecionadas — como uma forma de incentivo e de reconhecimento de seu poder poético.

O CONCURSO

O concurso foi instituído pela UNESCO tendo em vista dar prosseguimento às festividades ocorridas no ano anterior, que foi consagrado como o Ano da Criança. Para 81, sentiu-se a necessidade de se continuar a se chamar a atenção para um tema que criasse um motivo de conscientização do mundo e seus problemas.

A solução achada foi a de criar o concurso de poesia infantil, visando "evocar a solidariedade e a amizade a serem criadas no espírito de todas as crianças do mundo inteiro". O Rio já recebeu as poesias dos Estados e enviará as cinco poesias para Nova Iorque que escolherá entre todas recebidas do mundo inteiro aquela que será adaptada a uma canção e será gravada em disco.

O vencedor internacional ganhará uma permanência de oito dias em Nova Iorque assistirá a um concerto no Radio City Music Hall, onde ouvirá o seu poema cantado por um coral de mais de 100 vozes. Em seguida, a canção será gravada em disco.

No Brasil, os vencedores receberão seus prêmios regionais através da Secretaria de Educação do seu Estado, em data previamente marcada que constará, inclusive, de uma medalha cunhada especialmente e comemorativa do evento.

Ainda que não estivessem dentro do tema exigido pelo concurso foram conferidas menções honrosas a João dos Santos, 11 anos, de Pindamonhangaba; Adriane Figueiredo, 12 anos, de Copacabana; Walter Monteiro, 12 anos, da Tijuca; Eugênia Freire, de 13 anos, de Sergipe; Denilton Milani, de 14 anos, São José do Rio Preto; Andréia Nery da Silva, de 10 anos, de Guarujá; Jaqueline Thomaz, de 14 anos, de Santos; Bruno dos Reis, de 7 anos, de Brasília; João Paulo Marciano, de 14 anos, de Vila Mariana; Suzete de Paula, de 13 anos, de Curitiba, e Janaina Braga de Oliveira, de 7 anos (a mais jovem participante), de Belo Horizonte.

Vacinação contra a pólio atrai até a Colômbia e a Guiana

Rio/Foto de Rubens Barbosa

Num dos 1 mil 135 postos, o da sede do Flamengo, até o meio-dia tinham sido vacinadas 542 crianças

Brasília — Um levantamento parcial do primeiro dia da campanha nacional de vacinação antipólio indicava, ontem à noite, que 5 milhões de crianças haviam sido imunizadas, em todo o país. A divulgação da campanha ultrapassou fronteiras e, de Saint Georges, Güiana Francesa, e de Letícia, na Colômbia, vieram crianças vacinar-se no Amapá e no Amazonas.

As informações chegaram ontem ao Ministro da Saúde, Waldir Arcoverde, através de circuito fechado de televisão, realizado pela Embratel. Do Rio de Janeiro, o Ministro recebeu do Secretário de Saúde Sílvio Barbosa a informação de que "apesar do propalado excesso de tranqüilidade dos cariocas, desta vez eles se excederam, procurando com imediaticidade os postos de vacinação", o que levou a um déficit de vacinas, registrado a partir das 11h.

RESPOSTA AOS DERROTISTAS

Participando do circuito fechado de televisão, o representante da Secom, Sérvulo Tavares, afirmou que a vacinação em massa da população infantil contra a poliomielite estabelece definitivamente o marco da presença do Ministro Waldir Arcoverde e do Presidente Figueiredo na defesa dos interesses nacionais, e classificou a campanha "como uma resposta pronta e cabal aos derrotistas e aos que querem instalar a descrença no país".

Segundo o Ministro Waldir Arcoverde, com a realização da campanha, "o Brasil não só vive um dia que se vai tornar marcante na história, como está arrancando para um grande esforço nacional, que o Ministério da Saúde pretende ver coroado pelo controle efetivo da poliomielite nos limites do nosso território."

Afirmou ainda que, "além de direito das pessoas e das comunidades, a saúde deve ser entendida como uma responsabilidade social, ou seja, de Governos e governadores, de dirigentes e dirigidos — de todos enfim." Para ele, "só com um Governo decidido a eliminar essas doenças que ainda afligem principalmente a população infantil é que podemos realmente ter num futuro bem próximo todos esses males erradicados".

Com base em informações recebidas por telefone e telex, o Ministério da Saúde informou ontem à noite que chegou a 5 milhões o total de crianças vacinadas em todas as Capitais do país. Como são em geral precários os meios de comunicações do interior, esses dados só serão fornecidos no decorrer desta semana.

Os primeiros Estados a atingirem o total de 80% de vacinação nas Capitais foram Amazonas, Espírito Santo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Até as primeiras horas da noite eram conhecidas as informações de que 8 milhões de doses já haviam sido aplicadas. O Território de Fernando de Noronha foi o primeiro a atingir a meta de 100%, vacinando 184 crianças. Às 15h, Roraima e Amapá já haviam atingido os 80% mínimos exigidos.

No Rio começou com atraso

No Rio, a primeira dose da vacina Sabin acabou sendo aplicada com meia hora de atraso, pelo Secretário de Saúde, Raimundo de Oliveira, na Mangueira. O programa previa a aplicação às 8h pela primeira dama da cidade, D Rosa Maria Coutinho, que preferiu esperar a TV Globo consertar seu equipamento danificado.

Até o meio-dia de ontem, os 1 mil 315 postos do município do Rio aplicaram 230 mil 761 doses. Alguns, de menor movimento, tiveram que remanejar vacinas para os locais onde a demanda era maior que a procura. As primeiras crianças atendidas na Mangueira foram os gêmeos Raquel e Rafael da Silva, de cinco anos.

O bebê José de Souza, de seis meses, acabou perdendo a sua vez de dar início oficial à vacinação, por causa das duas lâmpadas queimadas no equipamento da Rede Globo, que só registrou a aplicação de D Rosa Maria às 9h. Antes disso, o Secretário de Saúde resolveu vacinar os gêmeos, abrindo oficialmente as atividades.

Muitas crianças choravam, outras não queriam abrir a boca, as mais teimosas cuspiam a dose. Houve uma criança que cuspiu a vacina quatro vezes. Devido a casos como este, os postos estavam recebendo 30% de doses a mais que as 400 previstas, registrando cerca de 10% de perda.

A equipe normal de cada posto era formada por um chefe de seção, dois vacinadores, um escriturário, um supervisor e um organizador de fila. O Posto de Saúde Alberto Borgerth, em Madureira, trabalhou com três equipes, atendendo, até as 10h, 945 crianças. Estavam sendo auxiliados ainda pelo 25º Batalhão Logístico e pelo Posto Médico da Marinha. Para atender aos 83 postos da 15ª Região Administrativa, havia duas viaturas da Marinha, uma do Exército, uma da PM e 12 da Saúde Pública.

A favela do Vidigal estava sendo atendida por dois postos, e a Rocinha por sete, sendo dois volantes. A Escola Corinto da Fonseca, em Realengo, esgotou seu estoque às 10h e não recebeu novas doses. O Posto do Clube de Regatas do Flamengo, que até o meio-dia atendeu 542 crianças, vacinava eventualmente as maiores de cinco anos.

São Paulo

São Paulo — A vacinação em massa em São Paulo contra a poliomielite foi considerada um sucesso pela Secretaria da Saúde, que abasteceu 9 mil 380 postos no Estado com a vacina. Esta chegou a faltar nas regiões de Osasco, ABC e Guarulhos, que acabaram recebendo um total de 300 mil doses extra (100 mil cada uma), através de helicópteros.

Desde cedo vastas filas se formaram nos postos de saúde da capital e nos municípios do ABC e Osasco. Crianças maiores de cinco anos também receberam a vacina. A Secretaria da Saúde calculou que cerca de 3 milhões 500 mil crianças foram vacinadas.

Pernambuco

Recife — Ao contrário da última vacinação em massa no Recife — na campanha contra a meningite houve pessoas feridas e quebra-quebra — a aplicação da primeira dose de Sabin, até às 15h de ontem, não tinha registrado nenhum incidente. Também não foram verificadas grandes filas nos 741 postos de vacinação.

O Governador Marco Antônio Maciel foi, logo cedo, a um dos bairros mais populares desta cidade, o de Casa Amarela, e um dos que também registraram maior afluência, e deu o exemplo à população: levou seu filho, João Maurício, quatro anos, para tomar a vacina contra a paralisia infantil.

Minas

Belo Horizonte — Fora da faixa etária para ser vacinada, uma menina de oito anos, Juliana Farnese Gontijo, neta da médica e Vereadora Maria Toffani, do PDS, foi a escolhida para receber do Governador Francelino Pereira a primeira dose da Sabin, ontem nesta Capital.

O Secretário de Saúde de Minas, Eduardo Levindo Coelho, foi bastante otimista em calcular em 2 milhões 500 mil o número de crianças que teriam recebido ontem a primeira dose da vacina. Segundo ele, foram instalados 13 mil postos no interior do Estado e 1 mil 400 na região metropolitana de Belo Horizonte, além de 350 veículos que percorreram a periferia da cidade.

R. G. do Sul

Porto Alegre — Embora até o início da tarde fossem vacinadas apenas 136 mil 717 crianças, do total de um milhão que constavam da previsão de imunização contra a poliomelite ontem, a Secretaria da Saúde e do Meio-Ambiente foi obrigada a solicitar mais 100 mil doses ao Ministério da Saúde para reforçar seu estoque, diante da grande demanda dos postos de vacinação do interior do Estado.

No final da manhã, 10 municípios haviam solicitado mais vacinas, e a Secretaria enviou as doses — cinco mil para cada um, com exceção de Bagé, que pediu 10 mil — por aviões e automóveis. O reforço do Ministério da Saúde só chegou no final da tarde.

Amazonas

Manaus — Até o início da tarde, 60% da população infantil de Manaus já haviam recebido a vacina contra a poliomelite. Em relação ao interior do Estado, devido às dificuldades de comunicação, o quadro ainda era desconhecido, apesar de a estrutura montada permitir prever que a meta preestabelecida tenha sido cumprida.

Em Manaus funcionaram 400 postos fixos e 20 volantes para atender 119 mil crianças. No interior, o número de crianças em idade de vacinação é de 11 mil. O estoque de vacinas antipólio enviado para o Amazonas foi de 345 mil doses. As informações são de que a vacinação atingiu até mesmo a população infantil da cidade colombiana de Letícia, na fronteira com o Brasil.

Paraná

Curitiba — cerca de 40 mil pessoas — voluntários e funcionários da Secretaria de Saúde — trabalharam durante todo o dia, ontem, nos 7 mil postos de vacinação fixos e 4 mil volantes, em todo o Paraná. A meta era vacinar todas as 332 mil 800 crianças com idade inferior a um ano e 80% das 1 milhão 308 mil 432 crianças com idade entre um e cinco anos.

Esta é a terceira dose que as crianças deste Estado recebem após as vacinações de janeiro e março.

Sergipe

Aracaju — Cerca de 150 mil crianças foram vacinadas ontem, em Sergipe, contra a paralisia infantil, informou o coordenador da campanha, Dr José Souza Vilanova. Ele disse ter registrado "apenas problemas de falta de vacina em alguns postos de Aracaju e em algumas cidades do interior, porque não esperávamos que a procura fosse tão grande. Mas providenciamos a remessa de mais vacinas."

Ceará

Fortaleza — Por falta de vacinas, a campanha contra a pólio enfrentou dificuldades no interior do Ceará. Na cidade de Quixeramobim, no Sertão Central do Estado, esgotou-se o estoque de vacinas e os trabalhos de imunização foram suspensos. O delegado de Saúde estadual de Crato, no Sul cearense, Herbert Fernandes Teles, disse que o seu estoque está no fim e que à tarde suspendeu a vacinação. Em Crateús, no Sudoeste, a mesma coisa aconteceu. Em Sobral, segundo informou o delegado de Saúde, Antônio Pádua, as vacinas acabariam às 14h. Depois disso, os trabalhos seriam paralisados. A Secretaria de Saúde do Estado mantinha, à tarde, entendimentos com o Ministério da Saúde em Brasília.

Santa Catarina

Florianópolis — Até o meio-dia de ontem haviam sido vacinadas 18 mil 204 crianças na região da Grande Florianópolis, representando 65,7% do total previsto na área. No resto do Estado, de manhã, foram vacinadas 125 mil 364 crianças. A meta, em todo o Estado, é vacinar 615 mil crianças.

A baixa temperatura verificada em alguns pontos do planalto serrano, principalmente nas localidades de Ponte Serrada, Água Doce, Herciliópolis e Três Pinheiros, onde chegou a cair leve nevasca na madrugada de ontem, atingindo dois graus negativos, chegou a quebrar frascos da vacina que já haviam sido retirados dos isopores com gelo devido à baixa temperatura.

Bahia

Salvador — Por determinação do Secretário de Saúde do Estado, Sr Jorge Nóvis, a vacinação contra a paralisia infantil, realizada ontem em todo o país, vai prosseguir hoje na Bahia, uma vez que em alguns postos faltaram doses de vacinas. Vão funcionar apenas 39 dos 750 postos que estiveram de plantão ontem.

Até as 18 horas de ontem, menos de 50% de 1 milhão 800 mil crianças previstas para serem vacinadas, tomaram a dose. Argumentaram os encarregados da organização da campanha no Estado que muitos pais não acataram a orientação de só levarem crianças de 0 a 5 anos para vacinar e exigiram em muitos postos que crianças além dessa idade também fossem vacinadas.

Chagas vacinou em S. Antônio

Santo Antônio de Pádua — Depois de cumprir na véspera programa exaustivo nesta Cidade, às 8h de ontem o Governador Chagas Freitas abriu oficialmente a Campanha de Vacinação contra a Poliomielite no Centro de Saúde Eugênio Leite e, uma hora depois, em Miracema, mostrando ainda muita disposição, pediu a colaboração do povo fluminense para que o Estado do Rio e o Brasil enfrentem os seus problemas.

Em seu último dia de visitas no Norte fluminense, o Governador deslocou-se de Pádua para Miracema, Laje do Muriaé, Itaperuna, Natividade e Porciúncula, retornando ao Rio no início da noite. Discurso político só fez em Miracema, onde recebeu o título de cidadania, homenagem posteriormente repetida em Laje do Muriaé. O Governador estava acompanhado do Deputado federal Miro Teixeira, dos Secretários Emílio Ibrahim e Edmundo Campelo e de deputados estaduais.

Com as crianças

No Centro de Saúde Eugênio Leite, em Pádua, o Governador ministrou gotas da vacina Sabin no menino Jackson Bartholomeu Fialho, de um mês e 20 dias, filho dos médicos Edna Bartholomeu Mendes e Jefferson Fialho. Em Miracema, o Governador também visitou o posto de saúde, onde aplicou a vacina na menina Maria Nilze Isaías, de oito anos. Em Pádua e Miracema, as duas crianças haviam sido previamente escolhidas.

Em Laje do Muriaé, o menor município do Norte fluminense, o Governador visitou de surpresa o posto de vacinação. Não demorou mais de cinco minutos, tempo suficiente para pegar no colo o menino Flávio Moreira, de quatro anos, filho da lavadeira Maria da Penha Moreira, e ministrar-lhe a vacina.

Em quase todos os municípios do Norte Fluminense (14, ao todo) a campanha de vacinação teve uma série de percalços. Devido à má distribuição nos postos, e pelo fato de as 144 mil doses anunciadas pelo coordenador Danilo Rangel não terem sido suficientes, muitas crianças deixaram de ser vacinadas ontem, principalmente em Campos, Macaé e Itaperuna, os três maiores municípios da região, enquanto em municípios menores sobravam doses.

Ao convocar o povo fluminense para colaborar com o Estado e o país na superação de seus problemas, o Governador Chagas Freitas disse que esses problemas se agravam "quando o total de nossa dívida externa é de 54 bilhões de dólares e ainda precisamos aumentar uma dívida que não amortizamos".

S. Antônio de Pádua/RJ/Foto Esdras Pereira

O Governador Chagas Freitas teve que convencer Flavinho a abrir a boca

Moradores da Praça Cardeal Arcoverde protestam contra edifícios altos em encosta

Com crianças carregando faixas e cartazes, a Associação dos Moradores e Amigos da Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana, fez ontem à tarde uma manifestação contra a construção de novos edifícios de grande porte no alto da Rua Assis Brasil. Os manifestantes acham que a infra-estrutura da rua não suportará aumento tão elevado de população.

O presidente da Associação, Sr Lauro Carneiro, mostrou isso com números: hoje são 302 apartamentos, com 680 moradores e 285 carros, mas quando a obra estiver pronta serão 530 apartamentos, 1 mil 660 moradores e 765 carros circulando numa rua estreita, de mão dupla, com automóveis estacionados em toda sua extensão, dos dois lados da calçada.

IRREGULARIDADES

A Associação está preparando memorandos a serem enviados para FEEMA, Instituto de Pesos e Medidas (IPEM) e Administração Regional para que se pronunciem, respectivamente, sobre a poluição ambiental e o desmatamento do Morro de São João provocados pela obra, o ângulo de inclinação da encosta desmatada (determinante do número máximo de andares) e as irregularidades na execução, como falta de tapumes para proteção dos passantes, montes de areia e cimento na calçada, que aumentam a poluição do ar, e falta de segurança dos operários: dois já morreram, segundo D Maria Angela Lagrange, representante da Rua Assis Brasil, na Associação.

Ontem, durante a manifestação, o presidente distribuiu um comunicado da Associação lembrando que, apesar "da aparente legalidade" com que estão sendo construídos os prédios (já estão quase prontos dois blocos de 12 andares, num total de 288 apartamentos), "houve grande desbarrancamento das encostas do morro, alterando seu perfil e criando ameaças futuras para a região".

Na opinião dele, pelas características da rua (além de estreita, muito íngreme), "a movimentação da obra vem pondo em risco os moradores e seus bens", e ainda que "as posturas relativas à segurança do trabalho, à poluição ambiental e ao silêncio são sistematicamente infringidas.

O Sr Péricles Leite, morador do 10º andar do número 176, deu uma idéia: quanto aos prédios já prontos, ninguém tem mais esperanças de conseguir evitar que seus compradores passem a morar lá; com relação, porém, aos edifícios em construção, no momento à altura do quarto andar, a proposta é fazer lá uma escola pública, já que as duas existentes na Praça Cardeal Arcoverde irão abaixo para dar lugar a uma estação do metrô.

Outra proposta foi a de levar também para um dos dois prédios em construção o Teatro Gláucio Gil, que igualmente desaparecerá da praça com as obras do metrô.

A Associação de Moradores pretende entrar em contato com o Prefeito Júlio Coutinho para lhe pedir que desaproprie a parte que cabe à Prefeitura — no caso a referente à escola municipal — e que interceda junto ao Governador Chagas Freitas, no sentido de que o Governo estadual faça a sua parte: desaproprie a área necessária para a instalação da escola de 2º (estadual) e do Teatro Gláucio Gil, ligado à Funarj (Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro).

Congresso da Mulher no Rio escolhe Marli como símbolo

Marli Pereira Soares que vem tentando identificar assassinos de seu irmão Paulo, morto em 1979, foi a escolhida pela comissão executiva do 1º Congresso da Mulher Fluminense, iniciado ontem, para ser homenageada como símbolo da "mulher que sai para trabalhar e não tem com quem deixar seu filho, que sofre e se revolta contra a injustiça e a violência e que junta seu dinheiro com o do marido e assim mesmo não consegue comprar o feijão".

O congresso está reunido para discutir os problemas das mulheres; incentivá-las a participar de sindicatos e associações de bairros, além de engajar-se na luta por melhores condições de vida e trabalho e pelo restabelecimento das liberdades democráticas. As sessões são realizadas no Sindicato dos Metalúrgicos, na Rua Ana Néri, 152, São Cristóvão, e terminam hoje.

Na abertura do 1º Congresso da Mulher Fluminense, a representante do Grupo de Mulheres do Morro da Formiga, Jovelina Maria Palamares, leu documento lembrando que há 20 anos foi realizado o último encontro de mulheres, que, desde então, continuam a desconhecer sua sexualidade e serem discriminadas no trabalho, na família e na sociedade.

"Este encontro", afirma o documento da comissão executiva do Congresso, "representa uma vitória, ainda que modesta, na grande batalha travada pelos brasileiros na defesa da liberdade. Nós, mulheres, lutando pela melhoria de nossa situação na sociedade, nos integramos ao grande movimento na direção de uma sociedade mais justa, sem discriminações, sem desigualdades, que varra para sempre o sistema político injusto e autoritário que há 16 anos amargura as mulheres e os homens do Brasil".

Depois a diretora do Centro de Estudos e Atendimentos à Mulher e à Infância, Martha Zanethi, falou sobre Mulher, Família e Sexualidade, explicando que a sexualidade da mulher é reprimida desde a infância, para que preserve a sua virgindade. Ao constituir família, a sexualidade é aceita, mas a mulher vai transmitir às filhas "os valores da repressão", reprimindo-a sexualmente. Este repasse, segundo Martha, precisa ser questionado, para que as mulheres aceitem, com naturalidade seu corpo.

O programa

A programação do Congresso, ontem, incluiu ainda palestra da Juíza Ana Acker sobre Mulher e Trabalho, seguida de discussões em grupos e lançamento do livro **Amor e Opressão**, de Carmi Gomes.

Hoje, às 9h, a Deputada Heloneida Studart falará a respeito da Mulher e Participação Política e Social e depois o tema será discutido pelas participantes. A plenária final do Congresso será às 13h30m, quando haverá a síntese de todas discussões e apresentação de propostas.

A comissão executiva do Congresso, que até as 13h de ontem tinha cerca de 300 mulheres inscritas, é integrada por representantes do departamento feminino dos Sindicatos dos Bancários, dos Jornalistas e dos Professores; da Associação das Empregadas Domésticas; Centro da Mulher Brasileira; Sociedade Brasil-Mulher e Grupo de Mulheres do Morro da Formiga.

Homens cuidaram das crianças

Solteiros, sem filhos e sem prática, mas com muita vontade de colaborar, além de considerar a experiência "legal" e proveitosa por constituir um treinamento para a paternidade, 15 homens, com idade média de 25 anos, ficaram, ontem, responsáveis pela creche na qual as participantes do 1º Congresso da Mulher Fluminense deixaram os filhos para poderem assistir às discussões e palestras.

Brincaram, pegaram no colo, levaram ao banheiro, deram comida e consolaram as crianças que choraram com saudade das mães, mas não trocaram as fraldas: havia mulheres para ajudá-los. Eles participaram também da preparação do lanche (refresco e sanduíche), servido de manhã, e do almoço (sopa, arroz, feijão e carne moída). O desempenho foi considerado muito bom.

A experiência

A creche, na qual até as 11h40m havia 25 crianças, foi instalada no 6º nadar do Sindicato dos Metalúrgicos e as crianças menores ficaram separadas das demais. Para distraí-las, jogos, brinquedos, caixas de ovos, quadro negro com giz, papel e lápis de cor para desenhar. O berçário foi enfeitado com bichinhos e bolas de gás colorida.

Alguns dos que trabalharam na creche integram um grupo de moradores do Morro de São Carlos que, nos fins de semana, organiza atividades de lazer para as crianças do local. Luiz Eugênio da Silva, 25 anos, é um deles. Nunca antes tomara conta de criança. Achando tudo "o maior barato", teve um pouco de trabalho para consolar Fernando, "o chorão da turma", que chamava pela mãe. Quando um colega quis tranqüilizar o menino, dizendo que ia chamá-la, Luiz, em tom de brincadeira, falou: "Não fala em mãe aqui não, rapaz".

Paulo César Souza Marques, 25 anos, estudante do último ano de Agronomia, apesar de inexperiente gosta muito de criança. Disse que resolveu ficar na creche "por uma questão de consciência", porque acha que as mulheres precisam participar de congressos para discutir seus problemas.

Carlos Vilarinho, bancário, 25 anos, entende que as mulheres devem ter direito de trabalhar e de contar com creches onde possam deixar os filhos. "Enquanto não se consegue isso, é muito importante que os homens ajudem as mulheres a cuidarem dos filhos".

Andando de um lado para o outro para acalmar Janaina, que chorava muito, Caio Palmares da Silva, 23 anos, considerou a experiência "muito legal", e afirmou encará-la como "um exercício para ser pai".

Pai e mãe

Para algumas mulheres que ajudaram e supervisionaram os homens, estes tiveram um bom desempenho, o que demonstrou que "homem pode ser tão boa mãe quanto nós. É só dar oportunidade."

Eles foram convocados nos sindicatos e nas associações de favelas que estão participando do 1º Congresso da Mulher Fluminense e houve preferência para aqueles que desenvolvem atividades criativas com crianças.

Eleições no Avenida Central envolvem 100 mil pessoas

Com 10 mil "habitantes", 100 mil clientes e usuários por dia e 1 milhão de votos concentrados em 1 mil 258 eleitores, o Edifício Avenida Central — um complexo maior que muitas cidades — promete para o próximo dia 21 uma eleição movimentada para a administração e, ao contrário do que afirma o administrador, Roberto Silva Fragele, tem lugar para se fazer política. Ou pelo menos já teve.

Foi lá que, em 1963, o General Golbery do Couto e Silva conspirou em seu escritório no 27º andar. Foi lá que funcionou a agência cubana de notícias **Prensa Latina** e foi lá que os Coronéis Ardovino Barbosa e Igreja Lopes tiveram um escritório de um movimento de direita. Hoje, a política do Avenida Central se restringe a seu âmbito e a bandeira do movimento de renovação é da "democracia e austeridade financeira".

Anônimo

Do General Golbery do Couto e Silva, ninguém se lembra. Como a do administrador, por exemplo, que diz recordar-se de que, no início dos anos 60, a polícia "estourou" num escritório, um movimento comunista, pró-cubano. "Eles vieram aqui na administração no dia", recorda ele, "e deixaram, contadinho, um material para a gente mostrar às pessoas. No dia seguinte, vieram buscar outra vez, e contaram para ver se conferia".

Com 19 anos, o Avenida Central surgiu antes do modismo dos **shopping centers** e chegou a lançar a moda dos cabeleireiros para homem, em substituição às barbearias. A lanchonete do térreo funcionava, de início, quase que como um ímã para as demais lojas do prédio de 34 andares e dois subsolos.

Hoje, o prédio de 110 metros de altura tem cerca de 100 advogados, dezenas de médicos e dentistas, bancos, financeiras, agências de viagem, restaurantes, livrarias, administradoras de imóveis, cinema, sauna, cabeleireiros, escritórios de engenharia, arquitetos, companhias de seguro outros serviços para anônimos usuários ou escritórios para os que não querem mais o anonimato. E, há pouco, ganhou um CEP próprio, 20.043.

Sujeira

Nos 18 elevadores e nas 12 escadas rolantes, o movimento de sobe e desce é constante, mais intenso no horário reservado ao almoço, quando as lanchonetes têm em seus balcões centenas de pessoas. Todo este movimento implica maior volume de lixo e em restos de sanduíches e copos de papel largados no chão, principalmente no segundo subsolo, onde muitos se sentam para sua rápida refeição.

A limpeza no Avenida Central não é exatamente seu forte. Principalmente depois que a equipe encarregada do serviço foi reduzida em mais da metade: das 23 pessoas que faziam o serviço durante o dia, restam apenas 12 e, à noite, a equipe passou de 20 para seis homens. Nos corredores dos andares, há sempre pontas de cigarro pelo chão; as paredes apresentam manchas e os vidros parecem que não são limpos há muito.

Fotos Geraldo Viola

1 mil 258 eleitores decidem o destino da "cidade"

O dia-a-dia de furtos e assaltos

As desventuras que diariamente envolvem os habitantes e os clientes e usuários que circulam pelo Edifício Avenida Central vão quase sempre para os arquivos dos envolvidos que, certos de não poder ver seus prejuízos ressarcidos, não se dão ao trabalho de levar a queixa à administração. Um antigo chefe do serviço de segurança assegura que há, pelo menos, três ocorrências por dia.

O esquema de segurança não é perfeito, afirma o Sr Roberto Fragale. São apenas quatro homens por turno — há dois anos eram 12 — não garantem nem os habitantes, nem os usuários das dezenas de serviços do prédio, nem os que apenas o utilizam como passagem da Avenida Rio Branco para o Largo da Carioca — ou vice-versa.

Pouca segurança

Entre relógios, bolsas e jóias arrancados das mulheres e homens que por ali passam e assaltos a escritórios, as ocorrências são de três por dia, garantem os seguranças, que não podem fazer grande coisa. Em cada turno — das 6h às 12h, das 11h às 17h e das 16h às 22h — trabalham quatro homens: dois ficam no térreo e os outros dois andam pelos 36 pisos.

A cada cinco andares, há um telefone branco, com o qual eles se comunicam com a telefonista para informar sobre a situação do andar e chega a ser coincidência um deles estar onde esteja ocorrendo um assalto. Há cerca de quatro meses, por exemplo, o advogado José Louredo, o Zé Bonitinho de antigos programas humorísticos da televisão, foi junto com o irmão, também advogado, amarrado e assaltado em seu escritório, no 14º andar.

Só 10 minutos depois dos assaltantes saírem eles conseguiram se comunicar com um dos seguranças do prédio, aí já era tarde para acionar o esquema de paralisação dos elevadores. Mas, ano passado, o esquema funcionou pelo menos uma vez, quando um dos funcionários saiu ferido. O assaltante foi pego e levado para o "posto policial" que funciona no subsolo, à espera da polícia.

Bombeiros

Posto policial não poderia haver no prédio, mas basta perguntar a qualquer um que lá trabalhe onde fica para se obter como resposta: "No subsolo". Trata-se de uma salinha da segurança, com a janela fechada por vidro. Raramente é usada, principalmente porque os ladrões não são pegos.

Muitos condôminos acham que o esquema de segurança é bom, mas há os que preferem garantir seu escritório ou loja com um funcionário próprio. Aliás, se comparado com o esquema de um prédio vizinho, o De Paoli, onde o movimento é em ritmo bem mais lento e onde trabalham 80 homens na segurança, o Avenida Central quase não oferece nenhuma.

A administração explica que o esquema foi reduzido por questões financeiras e pretende, em futuro próximo, instalar uma linha telefônica direta com a polícia, embora tenha dúvidas quanto à sua correta utilização. Já existe uma linha destas com o Corpo de Bombeiros mas, da última vez que eles lá estiveram, mês passado, para apagar o início de um incêndio na lixeira do sexto andar, foi em conseqüência de um chamado normal feito por um dos condôminos.

Os telefones vermelhos existentes em alguns andares não fazem muito sentido atualmente, pois a brigada do prédio tem hoje apenas um homem por turno, que não sabe usar o equipamento, contra os 12 bombeiros com que funcionava há algum tempo.

Oposição quer mais democracia

José Maria Domenech, proprietário do **Cine Hora** e de seis lojas no Avenida Central, com direito a 14 mil votos/avos, e o médico Mário Marques Tourinho, com consultório no 16º andar, iniciaram um movimento de renovação para a administração do prédio, que já conta com um escritório na segunda sobreloja e o apoio, segundo afirmam, de 400 condôminos. Na semana passada o médico Mário Marques Tourinho foi indicado candidato dessa corrente.

Eles defendem a democracia e austeridade financeira e fazem questão de sublinhar que não têm nenhum interesse em ocupar o cargo de administrador, o que implicará o sacrifício de suas atividades. Quando muito, aceitariam um dos cargos de conselheiro, abrindo mão da gratificação simbólica de um salário mínimo.

Dr Mário Tourinho, oposição

Escolha do candidato

Eles traçaram plano para que o candidato da chapa de oposição seja escolhido democraticamente, e, a partir desta semana, quem estiver interessado em concorrer a qualquer dos cargos pode inscrever-se no escritório do Sr Domenech. Um pouco antes das eleições, previstas para esta semana, os candidatos serão escolhidos por todos os condôminos, em votação direta, e, uma vez formada, a chapa será levada à assembléia que escolherá a nova administração.

"Nosso principal trabalho", salienta o médico Mário Tourinho, "é conscientizar cada um dos condôminos de que eles também são donos do prédio e, conseqüentemente, responsáveis pela sua administração. O síndico deve representar a vontade da maioria e o que aí está age como se fosse mandatário único de um Estado autoritário."

"Nós também", afirma o Sr Domenech, "não queremos fazer política. O que nos interessa é moralizar a administração." O edifício, para efeito de votação e pagamento do condomínio e outras despesas, é dividido em 1 milhão de avos, proporcionais à área ocupada e à localização. Assim, um andar corrido vale 16 mil votos/avos; uma sala comum, 400 votos/avos; e uma loja de tamanho regular, 3 mil votos/avos.

Plataforma

Para o grupo renovador, as metas prioritárias da próxima administração devem ser a volta aos critérios de austeridade nas despesas gerais e na remuneração do administrador; a contenção das taxas de condomínio a níveis toleráveis, sem prejuízo da eficiência dos serviços; a garantia, a todos os condôminos, do livre acesso aos cargos da administração; a restrição ao uso de procurações nas assembléias; e a nomeação de uma comissão de condôminos auditores para apurar possíveis desvios da receita do condomínio.

O grupo de renovação também suspeita que o fundo para obras, aprovado para ser utilizado com os elevadores e o sistema de ar-condicionado, esteja sendo desviado para outras obras, sem a aprovação dos condôminos. "Apesar da realização de concorrência ilícita ter sido denunciada em juízo, e do administrador ter sido citado judicialmente", lembra o Sr Domenech, "ele fez nova concorrência à revelia da dependência do julgamento do Juiz da 14ª Vara Cível".

O Sr Alfonso Maldari, do conselho fiscal, afirma que o que pretende é "civilizar um pouco este condomínio". E a prova de não estar interessado em ocupar o cargo do Sr Roberto Fragale é que ele, como conselheiro, votou por um salário de 25 mínimos mensais para o cargo.

A situação não quer política

Há dois anos administrador do Avenida Central com salário de Cr$ 160 mil mensais, o proprietário da **London Taylo's**, Roberto Silva Fragale, que há 18 anos faz parte da administração, diz que, para chegar ao cargo ao qual se candidata novamente, fez primário, ginasial, científico e universidade.

Diz-se muito ocupado para se preocupar com a disputa e é devido a tal ocupação que afirma só dar informações à grande imprensa, "para não perder tempo com publicações de pouca circulação". Salienta que o Edifício Avenida Central não tem lugar para se fazer política, que seu cargo está sendo invejado devido ao salário — dobrado de 20 para 40 mínimos há um ano — e se considera um liberal, pois permite que circule no prédio um jornal que tem um artigo (carta) contra ele.

Portas abertas

"Portas abertas e coração mais ainda": é assim que o Sr Fragale sintetiza sua administração, contra a qual corre, no momento, um processo na 22ª Vara Cível, movida por dois conselheiros fiscais, Srs Alfonso Mandare e José Pereira Lopes, que reivindicam o direito de acesso à relação cadastral dos endereços dos proprietários das lojas e escritórios do prédio.

O Sr Roberto Fragale afirma que a administração nunca deu vista de livros e cadastro a ninguém, "pois isto vai contra o bom senso: quem garante que a listagem não será utilizada para propaganda em mala direta?" Continua: "Tenho a obrigação de manter a privacidade dos condôminos. E, depois, se os conselheiros quiserem saber quem é proprietário do que, basta irem ao Registro de Imóveis".

Quanto ao seu aumento salarial, diz que estava na pauta da assembléia de junho do ano passado. O fato é que o item especificava um estudo para se ver a possibilidade deste aumento e, em reunião uma semana antes da assembléia, os conselheiros estabeleceram como de 25 salários mínimos a remuneração do administrador. Na assembléia, no entanto, foram estabelecidos 40 salários mínimos.

O que foi feito

Por mês, a administração arrecada Cr$ 2 milhões 300 mil, mais Cr$ 1 milhão a título de fundos para reformas e a conta de luz, que este mês chegou a Cr$ 2 milhões 900 mil, rateada entre os condôminos, de acordo com os avos correspondentes a cada loja ou escritório.

"Fomos obrigados a dispensar alguns funcionários", diz ele, "porque o orçamento é para dois anos e, depois do primeiro, a verba começa a escassear. Para cuidar da segurança, limpeza, funcionamento e administração das 1 mil 60 salas e 198 lojas, há atualmente 118 funcionários.

Quando o Sr Roberto Fragale chegou ao cargo de administrador, uma das três alas de elevadores já tinha sido reformada — o sistema valvular foi substituído pelo transistorizado — e, nestes dois anos, o serviço foi concluído. O gerador foi trocado por um novo, importado, que, no caso de falta de luz, fornece energia às galerias, aos corredores e a um elevador.

Uma centrífuga de 850 toneladas foi trocada por duas de 450t e ainda há duas outras a serem trocadas. Ele vê este ponto como prioritário, uma vez que as características do prédio não permitem seu funcionamento sem ar refrigerado. Também nestes dois anos, foram comprados quatro compactadores para o lixo — diariamente, gasta-se uma bobina com 100 metros de plástico para acondicioná-lo. Além disso, os tetos das galerias foram trocados por um forro de aço.

O que há a fazer

Nos próximos dois anos, caso continue no cargo — o que considera certo — o Sr Roberto Fragale pretende trocar as duas centrífugas restantes por outras idênticas às novas, de menor porte; tentar levar para a parte alta do prédio a forração colocada nas galerias e estabelecer linha direta com a Polícia.

Nova Rio—Juiz de Fora vai matar cidades da velha BR-3

"Só os derrotistas acham que Areal vai acabar."

Na praça principal de Areal, o farmacêutico aposentado Otávio Quintela, "mais de 70 anos", esbraveja contra os inimigos da sua cidade, que ele viu crescer às margens da histórica Estrada União Indústria, a velha Rio—Juiz de Fora (BR-3). Mais do que Areal, ele vê a estrada morrendo com a construção da modernissima BR-40.

A inauguração da rodovia, com pompa presidencial e discurso ministerial, trouxe para a vida de pequenas cidades e vilarejos fluminenses, que ficam ao longo dos 26 quilômetros abandonados da ex-Estrada Real, muitas modificações. Para a maioria, melhorou: o sossego volta e a tradição histórica persiste; para Areal, francamente piorou.

"Vai acabar"

Na verdade, os arealenses lamentam a desativação do trecho da BR-40 no qual a cidade está encravada. Mas, pior mesmo, é suportar as brincadeiras do pessoal de Posse, Município vizinho de Petrópolis, com nome de parada de carruagem dos tempos do Império.

"Vai a Areal? Olha bem para tudo lá, visita a cidade direitinho, porque aquilo vai acabar."

A sugestão é de Almir Barenco, dono do posto Barenco, no entroncamento de Posse com a cidade de São José do Rio Preto. Ele acha que a cidade vai sofrer maiores conseqüências com a desativação da União Indústria, ao contrário de Areal, que nasceu e cresceu à custa dos ônibus da Cometa e dos mineiros que vinham ver o mar no Rio.

Os casarões de Itaipava

Os casarões de Itaipava estão impassíveis. Do alto, continuam dominando a paisagem. Lá em baixo, na velha União Indústria, esperança e desânimo se misturam entre os que vivem o dia-a-dia de uma região que presenciou momentos importantes da vida do país. O metro quadrado em Itaipava está custando Cr$ 1 mil. A informação é do corretor João Muniz, 56 anos, há 20 trabalhando com imóveis.

Muniz fez alguns negócios com gente importante, que ele cita de cabeça, pessoal do Rio. As casas são sempre no alto; ele aponta para a direita, para a esquerda, Pedro do Rio, Posse ou mesmo Petrópolis. E espera fazer melhores negócios com o decorrer dos tempos, quando a velha Itaipava se recolher ao seu silêncio colonial.

"Essa estrada aqui era um inferno. Um trânsito intenso, carreta para cima e para baixo, acidentes, mortes. Agora, não. Pode-se dormir tranqüilo".

Tanta tranqüilidade não está agradando a César Augusto Taveira, dono da Churrascaria Rodas, onde funciona também um bar e um posto de gasolina. "Vai cair 80% a 90% o movimento de bares e postos de gasolina à margem da União Indústria", sentencia.

"A minha freguesia é local. Está vendo aquele Volkswagen? Vai botar Cr$ 100 de gasolina e pedir fiado" — prevê Taveira. E, logo depois, constata que estava com razão.

Desemprego em Sumidouro

Os acostamentos pequenos e empoeirados de Sumidouro não têm memória dos tempos em que as tropas do Duque de Caxias desciam as serras, após memoráveis batalhas; nem viu a cor do ouro saído das Minas Gerais. Sumidouro está dividida — uns tristes, outros alegres — com a desativação da União e Indústria.

A primeira vítima do desemprego é um cozinheiro do Bar e Restaurante Sumidouro, na altura do Quilômetro 73. Especializado em servir prato-feito para os camioneiros da Rio—Juiz de Fora, o bar adaptou-se rapidamente aos novos tempos e, no primeiro dia de desativação, fez um corte de pessoal, com vistas à redução das despesas e otimização dos recursos.

Sílvio Pereira da Silva, 34 anos, oito filhos, não sabe o que vai fazer quando a Empreiteira Santa Matilde concluir o serviço de colocação de muretas na nova Rio—Juiz de Fora. Ele mora em Pedro do Rio, trabalha em Sumidouro, desce e sobe de bicicleta a velha União e Indústria, e está satisfeito com a BR-40.

Festa em Pedro do Rio

A economia atropelou a História, na União e Indústria. Alguns trechos da estrada sumiram, deixaram de existir com o traçado que o DNER construiu para a BR-40, um "esforço para fazer com que o Brasil pudesse contar, a partir de agora, com mais uma notável artéria para circulação de seus filhos e de suas riquezas", como disse, na inauguração, o Ministro dos Transporte, Eliseu Resende.

— "Está dando até para sentar na estrada."
O comentário feliz é de Márcio Guido, 35 anos, que trabalha numa fábrica de bolsas em Petrópolis, mas nasceu, vive e, garante, vai morrer em Pedro do Rio. Festeiro, ele e a cidade não estão muito preocupados com a desativação da União Indústria. Por dois motivos: primeiro, porque a nova BR-40 passa pertinho; segundo, Pedro do Rio nunca se aproveitou do movimento da estrada.

Pedro do Rio não tem acostamento. O comércio local fica em cima da pista; antigamente, dava para amarrar cavalo, abrigar viajantes cansados e carruagens. Hoje, não dá para Scania nem Mercedes.

Piorou para o cabo PM Domingos Luiz de Almeida, chefe do Posto Policial de Pedro do Rio, jurisdição do 6º BPM. Pedro do Rio já é calma por natureza. No primeiro dia de funcionamento da BR-40, registrou-se apenas um caso: dois garotos foram atropelados por uma Variant na altura do quilômetro 75. O anticlímax: sofreram apenas o que o cabo Domingos chamou de "leves escoriações" no livro de registros. Os arranhões foram medicados na Farmácia Pedro do Rio e as vítimas "liberadas em seguida".

Caminhoneiro fiel

O motorista de táxi Sebastião Cardoso, 25 anos, cinco de profissão, perdeu a conta dos acidentes que viu nas curvas perigosas da União Indústria — as chamadas "curvas dos cariocas". Veranistas em geral, os "cariocas" cometiam toda sorte de imprudência na velha estrada, o que acabou transformando-a numa das rodovias com maior incidência de acidentes do país.

Para o gerente da concessionária Volkswagen Vale do Rio Pedro, em Posse, Édson Bastos Maggiotto, a União Indústria pode perder a preferência do motorista dominical, aquele que põe a família no carro e sobe e desce a serra. "Aliás, um sujeito aborrecido, que aparece com o carro quebrado, quer passar na frente da freguesia e ainda pede um precinho camarada".

A picada histórica aberta pelo bandeirante Garcia Rodrigues Pais, em 1698, vai ser entregue agora, segundo Maggiotto, a quem de direito: os camioneiros. Ele não acredita que, com tanta subida na BR-40, exigindo uma segunda marcha e mais combustível, os caminhões abandonem a União Indústria. "As rampas são violentas, eles vão continuar aqui" — garante, lembrando ainda que, para seu negócio, pouco importa. A freguesia é local.

Para Mário Pereira do Amaral, motorista estradeiro, 20 anos puxando areia do Rio Piabanha, um negócio que envolve irmãos, cunhados, primos, a desativação foi positiva. às vezes, ele ficava 10 minutos parado, com o caminhão cheio, à espera de um desafogo no trânsito para manobrar. "Olha como está a estrada. Dá até gosto andar aqui".

O drama de Areal

Nos 28 quilômetros que restaram em território fluminense da União Indústria, que, em 1725, passou a se chamar Caminho Novo, depois que Bernardo Soares Proença melhorou a rota, a cidade de Areal, 4º distrito do Município de Três Rios, é a que vai sofrer as maiores conseqüências com sua desativação.

Metade da renda municipal circula dentro do distrito, que, em contrapartida, recebe sua parcela de poder político. "O vice-prefeito é daqui", informa o dentista Vagner José Medeiros, que se formou e voltou há cinco anos para abrir uma clínica no Centro da cidade.

A Churrascaria Pampa, em Areal, fornecia, em média, 60 refeições por dia. No primeiro dia de funcionamento da BR-40, vendeu oito refeições. Os dados, relacionados por um funcionário, não são confirmados pelo proprietário José Neves Maurício, o Zezinho, há 20 anos no ponto. Ele gastou dinheiro fazendo a calçada, ampliando o estacionamento e teve, é verdade, retorno do capital investido. Porém, já está pensando em se mudar para a margem da nova estrada e despedir alguns dos 21 funcionários.

A União Indústria está morrendo; e Areal vê com pessimismo o futuro. Na praça, o assunto é a nova rodovia, moderna, bem sinalizada, que diminui em 40 quilômetros a distância entre Rio e Juiz de Fora. Enquanto isto, a estrada que recebeu o nome de Mariano Procópio, ao tempo do Segundo Império, está quase deserta. Presidente do Conselho do Hospital da Comunidade, o farmacêutico Quintela não tem sossego. Precisa ser otimista.

— "Os depósitos bancários vão cair, no primeiro mês, cerca de 20%. Depois, não dá para prever. O comércio vai ser atingido, sobretudo com a saída do acampamento da Cowan (empreiteira responsável pelo trecho Itaipava—Areal da nova BR-40)" — analisa o gerente da agência Unibanco, a única da cidade, Antônio Cordeiro.

Para o farmacêutico Quintela, a pujança de Areal não pode ser menosprezada. Onze indústrias, um clube social, um hospital, do qual, "modestamente", é o presidente, ginásios, escolas públicas, a única agência do Correio da região. Portanto, não há o que temer: Areal leva vantagem sobre as cidades vizinhas.

"São José fica a 38 quilômetros; Pose, a seis quilômetros. Quem fica perto da nova rodovia é mesmo Areal, a um quilômetro. Apesar dos pessimistas e derrotistas, Areal não vai morrer."

Um problema, porém, é capaz de sensibilizar situacionistas e oposicionistas, o Conselho hospitalar, a Imperial Posse e a plebléia Areal, mineiros e cariocas de passagem, casarões e botecos: a União Indústria, a primeira rodovia federal do país, vai deixar de ser federal e passar a estadual.

Foto de Rogério Reis

Em Areal, na fronteira do Estado do Rio com Minas Gerais, as duas estradas têm trechos próximos com a nova BR-40 em plano mais alto

Vaticano define o roteiro da viagem do Papa ao Brasil

Cidade do Vaticano — A Santa Sé definiu o roteiro da viagem de 13 dias que o Papa realizará ao Brasil, começando dia 30 em Brasília e terminando dia 11 de julho em Manaus, de onde, à tarde, parte de volta para Roma, onde chega dia 12. É a mais extensa das viagens realizadas pelo Papa fora da Itália e a sétima viagem desde sua assunção ao trono de São Pedro.

O itinerário definitivo da viagem é:

30 de junho: chegada a Brasília, com pernoite.

1º de julho: Belo Horizonte e Rio de Janeiro (pernoite).

Dia 2: Rio de Janeiro (pernoite).

Dia 3: São Paulo (pernoite).

Dia 4: Aparecida do Norte e Porto Alegre (pernoite).

Dia 5: Curitiba (pernoite).

Dia 6: Salvador (pernoite).

Dia 7: Recife (pernoite).

Dia 8: Teresina e Belém (pernoite).

Dia 9: Fortaleza (pernoite).

Dia 10: Manaus (pernoite).

Dia 11: Manaus, de onde parte, à tarde, para Roma.

Dia 12: chegada a Roma.

Mineiros esperam combate à alienação

Belo Horizonte — Entre os rapazes e moças que se concentrarão na Praça Israel Pinheiro dia 1º de julho para ouvir a mensagem do Papa à juventude brasileira, muitos esperam uma palavra de orientação, a indicação do verdadeiro papel do jovem na sociedade e na Igreja e de caminhos para os alienados e os que buscam seu ideal em coisas não construtivas.

Outros, porém, desejam que o Papa reafirme a opção da Igreja pelos pobres, oprimidos e marginalizados, que fale sobre a repressão às massas estudantis, sobre direitos humanos, que desperte o jovem para a moral que está perdendo o valor. Há ainda os que aguardam uma palavra contra a acomodação. Mas todos querem uma mensagem clara e direta, que não dê margem a interpretações duvidosas.

Grupo escalada

"Espero que transmita tudo o que o jovem brasileiro precisa ouvir e que indique o verdadeiro sentido da vida para os que procuram falsos ideais, que fale da realidade brasileira hoje, sem meios-termos, que reafirme as opções da Igreja brasileira e que indique o verdadeiro papel da juventude na sociedade e na Igreja", afirmou o estudante de engenharia Valter Cândido dos Santos Filho, de 20 anos, do grupo católico Escalada.

Para Maria Lúcia Salgado, de 20 anos, também estudante, a palavra de João Paulo II deverá ser dirigida aos jovens que buscam seu ideal em coisas que não constróem e sua mensagem deve trazer paz para todos. "A vinda do Papa ao Brasil é uma prova de que a Igreja é peregrina, é como se Jesus chegasse até nós."

Valéria Maria de Sousa, 24 anos, dentista, do grupo católico Emaus, diz que o Papa chega na hora certa, numa época de grandes divergências entre a Igreja e o Governo. "Esperamos uma mensagem sobre os direitos humanos, para as massas estudantis oprimidas pela repressão. O Papa precisa indicar caminhos de formação moral para a juventude, já que, com a alienação de hoje, a moral está perdendo valor".

Jovens Alienados

O estudante de medicina Eugênio Dumont de Paiva Borges, 20 anos, acredita que João Paulo II falará exatamente aquilo de que se precisa, se o coração estiver aberto para receber. Disse esperar que o Papa mostre o caminho da verdade para a juventude. "Mas gostaria de lhe dizer que acredite em nós, apesar das opressões, injustiças e marginalização, que alienam a maioria dos jovens brasileiros". Paulo Aguiar Barbosa, 20 anos, estudante, diz: "A visita do Papa chega na hora oportuna, quando a Igreja decidiu assumir atitudes mais compromissadas em defesa dos fracos. Espero que João Paulo II dê força a esta Igreja, acabe com mal-entendidos, mostre caminhos novos para os jovens, hoje andando em rumos estranhos".

Para Vera Lúcia Botelho da Silva, 22 anos, estudante, a juventude brasileira caminha perdida e sem rumos e a palavra do Santo Padre deve conter uma orientação segura e indicar caminhos a seguir.

Ana Maria Soares, orientadora educacional, espera uma palavra para sacudir os acomodados e que o Papa desperte os jovens para a vocação sacerdotal.

"Nossa vida não vai melhorar"

"O Papa vem nos abençoar, mas isso não quer dizer que nossa vida vai melhorar", declarou Marcão, 28 anos, diretor cultural da Associação dos Moradores da favela do Vidigal. A maior parte dos moradores acha positiva a visita do Papa, embora não acredite que ela vá mudar a situação do favelado no Rio.

Para Dom Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, o Papa trará uma palavra de esperança aos pobres do Rio de Janeiro. "Creio que a expectativa deles em torno da visita se limita a ver Sua Santidade, e nada mais." As crianças do Vidigal esperam que o Papa venha lhes trazer saúde e felicidade.

"Também somos gente"

"Pelo menos podemos alertar a sociedade para nos olhar sem aquele desprezo e discriminação, porque também somos gente", diz Marcão. "Vidigal não escolheu, mas foi escolhido. Não podemos deixar de pensar nas outras favelas, que têm os mesmos problemas. Pretendemos entregar ao Papa um documento mostrando a situação atual dos favelados, dando ênfase à questão da posse da terra, nossa luta maior. Falaremos também da carência de urbanização, luz e esgoto".

O mais velho morador do Vidigal, João Alves de Almeida, 96 anos, acha que a presença do Papa na favela é uma bênção: "Queria que ele trouxesse felicidade e segurança para todos nós." José Antero, 67 anos, acredita que só a presença de João Paulo II já é suficiente, e ficou satisfeito com as melhorias que foram feitas na favela: "Não esperava que fizessem tanta coisa em tão pouco tempo."

Uma moradora reclamava do enorme esforço de toda a comunidade para receber o Papa por um dia ("fazendo das tripas coração") para quando terminar a visita tudo voltar a ser como antes. Ela acha bom que o mundo inteiro saiba que existe um Vidigal, "mas não adianta muito porque não acredito que façam alguma coisa por nós. É bom que o Papa venha, só que a visita não vai mudar nossa vida".

Lula pede opção pelos operários

São Paulo — "Espero ouvir do Papa, no seu discurso aos operários, um pronunciamento definitivo da Igreja ao lado dos pobres." Afirma o presidente destituído do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Luís Inácio da Silva.

Embora não tenha, ainda, recebido o convite, Lula deverá ser um dos 150 mil trabalhadores que ouvirão o Papa João Paulo II no estádio do Morumbi. O Bispo de Santo André, Dom Cláudio Hummes, já afirmou que, depois da aprovação do programa pelo Vaticano, consultará as lideranças significativas do ABC para saber se querem participar do encontro do Papa com os operários.

A vida e a luta

Lula considera que a definição do Papa sobre o papel da Igreja consolidará seu apoio aos setores que estiveram ao lado dos trabalhadores durante a greve.

"Entendo que, como operário que foi, o Papa sabe que não podemos ficar pedindo aos trabalhadores para ter esperança e acreditar em Deus, que as coisas se resolverão. Deus já nos deu a vida. Cabe agora à gente lutar contra os poderosos para preservá-la. Acho que o Papa deve pensar assim, porque ele deve ter brigado muito quando operário".

E concluiu, "Espero que, em seu discurso, o Papa defenda a necessidade de organização do povo e condene a ganância de lucros dos setores empresariais, principalmente das multinacionais, pregando a verdadeira justiça, ou seja, pão para todos e não apenas para os privilegiados."

Realidade social

Padre Pasquale Filipelli (secretário da Conferência dos Religiosos do Brasil, regional de São Paulo) e Irmã Clara Maria Moreira (secretária-adjunta), que participarão do encontro do Papa com os religiosos, esperam que se caracterize a compreensão da realidade brasileira, com a Igreja caminhando, em termos de pastoral, voltada para a realidade social, sem descaracterizar a vida religiosa.

A pedido do Papa, serão feitos encontros separados com as religiosas e os religiosos: as freiras encontrarão o Papa às 15h de 3 de julho, no ginásio do Ibirapuera, e os padres participarão da reunião à noite, na igreja do Colégio Santo Américo.

Padre Pasquale espera que o Papa confirme as conclusões de Puebla e da Conferência Latino-Americana de Religiosos. "Espero que ele perceba de perto as grandes linhas que a vida religiosa está levando adiante no Brasil, entre elas a experiência de Deus, a opção pelos pobres, a missão evangelizadora, a vida comunitária e a formação."

"Outra coisa que espero é que o Papa reafirme que o religioso não forma uma igreja paralela, mas exprime a Igreja, única fonte de salvação. E que ele sinta que, no Brasil, essa realidade está realmente caminhando" — acrescentou.

É um missionário

Irmã Clara Maria Moreira diz que o Papa virá como missionário também para os religiosos. "Queremos que ele sinta conosco a realidade da Igreja na América Latina e, ao mesmo tempo, queremos sentir os seus anseios quanto à vida religiosa nessa mesma realidade."

Salesiano, Padre Pasquale é naturalizado brasileiro e está no Brasil desde 1938. Esclarece que o Papa não exige o uso da batina ou do hábito "mas insiste que o religioso use algum sinal distintivo. No Brasil, de acordo com o trabalho, muita vezes a batina ou hábito pode dificultar a vida religiosa cujo principal sinal deve ser a esperança e o anúncio antecipado do Reino."

Membro da Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, Irmã Clara é contrária à ordenação das mulheres, pedida ao Papa nos Estados Unidos: "o lugar da mulher na Igreja não é o sacerdócio. Cristo não sentiu necessidade de ordenar Maria. O papel da mulher na Igreja é ser mãe, como Maria, estar a serviço, mas não no ministério sacerdotal."

Sul alerta para a falta de padres

Porto Alegre — "Espero que o Papa faça um apelo para o incentivo das vocações sacerdotais, que estão sendo relegadas e não cultivadas, não só entre as famílias, mas até nos colégios católicos, onde apenas se leciona demonstrando a crise geral de espiritualidade no mundo de hoje", diz o diretor do Seminário Cristo Rei, de São Leopoldo, Padre Albano Kerbes.

Embora o Rio Grande do Sul seja considerado tradicional centro de formação de padres, sendo o maior fornecedor para todos os Estados brasileiros, o seminarista Bruno Birck, presidente da Associação de Seminaristas da Arquidiocese de Porto Alegre, observa: "Existe uma falta de padres no Brasil, e um dos motivos é a ausência no país de tradição religiosa, ao contrário da Europa. Esperamos palavras de apoio e incentivo do Papa às vocações sacerdotais."

Processo histórico

Mesmo assim, Bruno Birck, 23 anos, estudante do 2º ano de Teologia no Seminário de Viamão, há 12 anos freqüentando seminários, diz que talvez as simples palavras do Papa não resolvam, logo, a questão de falta de padres. "Sua palavra, é claro, é sempre importante, mas se trata de um processo histórico lento, para que as pessoas se conscientizem do valor do sacerdócio.

De qualquer forma, Bruno Birck concorda com o Padre Albano Kerbes de que o pronunciamento papal, no Ginásio Gigantinho, de Porto Alegre, sobre vocações sacerdotais, deva ressaltar a necessidade de seu incentivo por parte das famílias e das escolas. O Padre Albano Kerbes lamentou constatar que essa falta de incentivo existe "até nos colégios católicos".

No Rio Grande do Sul se formam anualmente de 40 a 50 novos sacerdotes, entre seculares e de diversas ordens religiosas, como capuchinhos e jesuítas. Mesmo assim, o número é pequeno, e a palavra papal, segundo Bruno Birck, "poderá ser um grande incentivo para os outros Estados, onde a vocação sacerdotal recebe um interesse ainda menor".

Custo de um padre

Para Paulo Flach, 17 anos, presidente do Grêmio Estudantil São José, do Seminário São José, de Gravataí, e há 12 anos em seminários, o Papa João Paulo II deveria, no seu pronunciamento em Porto Alegre, também "sensibilizar a população para as dificuldades, incluindo financeiras, para formação de sacerdotes". Exemplificou com o custo da matrícula anual no seu seminário, Cr$ 20 mil, pago em parte pela sua família ("A maioria dos seminaristas, entretanto, é muito pobre") e parte pela Arquidiocese.

Já Celso Remi Camilo, 15 anos, há dois anos no Seminário de Bom Princípio, no Município de São Sebastião do Caí (a 66 quilômetros da Capital), acha que o Papa deve explicar a todo mundo que ser padre é uma profissão boa. "E esclarecer o que é sacerdócio, o caminhar para a Eucaristia, que muitos não sabem. Amigos e vizinhos da minha cidade, Maratá, no Município de Montenegro, nem sabem o que é seminário. Vai ser muito bom o Papa vir aqui, e eu estarei no Ginásio Gigantinho para vê-lo. Será uma coisa muito bonita."

Igreja quer Papa com índios e contra invasores de terra

Manaus — Com sua atenção voltada para a causa indígena, o Papa virá ao Amazonas no momento em que, segundo estimativa do Cimi, vivem na Capital do Estado dez mil índios, espalhados por bairros pobres da cidade. A Igreja reconhece que, em relação aos índios, ela cometeu falhas e quase sempre esteve ao lado do invasor, do colonizador.

O Administrador Apostólico de Manaus, Dom Milton Correia, declarou ao jornal **Porantim**, editado pelo Cimi Norte-I: "Historicamente a Igreja se deixou envolver pela mentalidade do Estado a quem servia." Hoje, os índios da Capital enfrentam a miséria e a marginalização, causadas por vários problemas, dos quais o principal é a destribalização.

Se os que, já sem seus valores tribais, encontram dificuldade de sobreviver nas cidades, os que continuam em suas regiões de origem também não estão, na opinião do Cimi; livres dos perigos e ameças, pois os territórios indígenas cada vez mais são ambicionados.

Áreas de tensão

Religiosos ligados à causa dos índios lembram que no Amazonas as duas únicas reservas demarcadas até hoje estão ou sob a pressão de invasões ou em vias de ser cortadas por mais uma estrada.

O Cimi-Norte I calcula que existem no Estado do Amazonas 40 mil índios, centenas dos quais habitam áreas onde há tensões causadas pela presença do branco, representado por simples seringueiros, colhedores de castalhas, posseiros, grileiros e latifundiários. Muitas tribos atingiram o estágio mais baixo do processo de degradação de cultura e costumes e outras, arredias, guardam más recordações dos contatos com os brancos.

Em um levantamento não muito minucioso, o Cimi recorda a situação dos tucunas do Alto Solimões. Muitos deles após perder os valores originais passaram a seguir um místico branco a quem consideram um Messias.

Questões de terra

No Município de Boca do Acre, na divisa do Amazonas com o Acre, os apurinas vivem em permanente conflito com posseiros, por questões de terra, tendo ocorrido recentemente ameaça de choque entre os índios e os brancos. A Funai reconhece que as terras pertencem aos índios, mas os brancos presentes na área há anos entendem possuir também seus direitos.

No Município de Maués, os satere-vaves enfrentam uma ameaça não muito estranha na Amazônia: o território poderá ser cortado ao meio por uma estrada ligando uma cidade do Amazonas a outra do Pará. Há dias, mais de 500 sateres se reuniram para discurtir o problema, gravaram suas opiniões e enviaram as fitas à Funai.

Conscientes, os sateres-vaves, segundo dois dos seus líderes que no momento se encontram em Manaus, vão levar a questão ao Papa. E já adiantaram: se confirmarem mesmo que em frente à casa onde se hospedara João Paulo II houver apresentação de danças indígenas, não participarão do acontecimento, por entenderem que há coisas mais importantes para mostrar.

Atritos com brancos

Atualmente, a tribo mais próxima de Manaus é a dos vaimiris-atroaris, que habitam uma região cortada pela BR-174. Vivem em áreas mais ou menos à altura dos kms 250 a 350 da rodovia que liga Manaus a Boa Vista. Por diversas vezes ocorreram conflitos entre os vaimiris-atroaris e os brancos.

Para o Cimi Norte-1, de uns anos para cá se formou certo mistério em relação à situação dos vaimiris-atroaris, com dúvidas sobre o paradeiro de líderes como Comprido e Maraugaga, envolvidos, nos anos 60, em atritos com brancos, um dos quais resultou na morte do Padre Caleri. Embora tenha conhecimento de visitas feitas por grupos aos postos da Funai instalados na área, o Cimi acha que ocorreu algum motivo forte para que os vaimiris-atroaris se internassem nas matas.

Na Prelazia de Tefé, no interior do Estado, outro Bispo, Dom Joaquim Lange, em boletim publicado no ano passado, frisava que reconhecia os erros que a Igreja cometeu em sua atuação missionária junto aos povos indígenas, e pediu perdão a eles e a Deus: "Procurando juntos a conversão ao Evangelho, assumimos com a Igreja na América a opção preferencial pelos pobres, que, para nós, concretamente, significa uma opção pelos povos indígenas."

Foto de Evandro Teixeira

Cerca de 600 jovens das mais diversas paróquias do Rio, que formarão com três corais um coral de 2 mil pessoas, ensaiaram com o maestro Armando Prazeres, no Maracanãzinho, os cânticos religiosos populares que serão cantados na missa que o Papa celebrará no Aterro

Poloneses não sabem o que fazer

Curitiba — Se o Papa João Paulo II já sabe o que dizer aos imigrantes poloneses e seus descendentes, na audiência de 5 de julho no Estádio Couto Pereira, em Curitiba, os imigrantes e descendentes, por sua vez, ainda não sabem o que farão. Só quarta-feira estará definido o programa da audiência.

Aos poloneses e seus descendentes de Curitiba e do interior do Paraná, o Papa João Paulo II falará sobre a contribuição dos imigrantes. Ao encontro só terão acesso os portadores de convites, que estão sendo fornecidos através das paróquias. Até o momento, a comissão encarregada não sabe quantas pessoas procuraram convites.

A dura luta

Maior colônia polonesa do Brasil, a do Paraná, no início ficou indiferente à notícia da visita. Mas, à medida que os preparativos se intensificaram, a expectativa cresceu e envolveu a colônia de Curitiba e a do interior.

A de Curitiba está homenageando o Papa com um vitral com sua imagem na Igreja de São Estanislau. O vitral, feito em 30 dias, com 2 mil 800 pedaços de vidro importado, em 48 cores, tem 4,75m de altura por 1,30m.

Ao imigrante polonês do interior ou seus descendentes, religioso porém preocupado com a sobrevivência na dura luta em pequenas propriedades rurais, a visita do Papa não é tão importante quanto o apoio que espera do Governo para a agricultura. Mesmo assim, se há dois meses chegava até a haver dúvidas se o Papa viria ou já tinha vindo, agora já há uma disposição irreversível de ver e ouvir o Sumo Pontífice. Mais que desejada, a visita já é uma exigência, afirma o Padre João Orlovesky, editor do jornal **Lud**, redigido em polonês e português, distribuído a 3 mil assinantes em todo o Paraná.

Candomblé deseja reconhecimento

Salvador — O reconhecimento dos valores da cultura negra e do candomblé como religião é o que espera a Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro da mensagem que o Papa João Paulo II transmitirá na homilia a ser pronunciada na Bahia, cujo tema previsto é A Igreja e as Culturas Raciais. Essa expectativa foi traduzida pelo vice-presidente Manoelito de Souza Pereira.

Outros setores, porém, esperam mais do que o reconhecimento dos valores culturais negros. O diretor do Grupo Afro Yle Aiye, Apolônio de Souza Filho, aguarda que o Sumo Pontífice pregue a igualdade cultural, econômica e social. "Queiram ou não, o povo baiano é católico e essa mensagem terá um significado muito grande."

Para o diretor da Fundação Cultural do Pelourinho, antropólogo Vivaldo Costa Lima, o tema do Sumo Pontífice está de acordo com as conclusões do Concílio Vaticano II, sobretudo a parte que trata das relações da Igreja católica com as religiões.

A ideologia católica na Bahia, disse o antropólogo, sempre esteve associada ou comprometida com a ideologia das religiões africanas no Brasil. Por esta razão acha perfeitamente natural a homenagem que os terreiros de candomblé prestarão a João Paulo II.

Observou que os líderes desses terreiros, em sua maioria, são católicos. Porém não entende que o Papa se dirija a uma "comunidade negra" na Bahia. Ele acha que não existe. "O dado concreto da realidade sociológica é que todos os baianos são ideologicamente negros, embora não sejam todos tipicamente negros."

"Que ele peça a reforma agrária"

Recife — "Esperamos que a mensagem do Papa João Paulo II, em Recife, seja em defesa dos trabalhadores rurais de todo o Brasil e que peça às autoridades a execução da reforma agrária, único caminho para alcançar, de fato, a justiça social."

Esse desejo foi manifestado pelo presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco, José Rodrigues. "Todos nós temos esperança de que o Papa tome conhecimento do sofrimento dos trabalhadores e exija providências. Se o Santo Padre nada exigir na sua mensagem, então não terá feito nada."

Grandes problemas

Até agora a Federação ainda não fez programação para o dia da chegada do Papa. Explica o Sr José Rodrigues: "Temos tantos problemas para resolver que somente vamos refletir sobre a chegada do Papa quando ela estiver mais próxima."

Informou que Pernambuco conta com 600 mil trabalhadores rurais, dos quais 400 mil sindicalizados. "Diariamente temos denúncias e mais denúncias contra empregadores. Os trabalhadores rurais da zona canavieira continuam denunciando o não cumprimento do acordo dos usineiros com a classe no ano passado, quando houve uma greve por melhores condições de trabalho. Em Petrolândia, Alto Sertão de Pernambuco, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, que constrói a barragem de Itaparicá, continua espezinhando os trabalhadores e assim por diante. É problema atrás de problema."

Ele acredita que a vinda do Papa João Paulo II a Recife e sua mensagem aos camponeses seja mais um reforço às reivindicações dos trabalhadores que desejam a reforma agrária e o cumprimento da legislação de defesa dos trabalhadores. "E que essa reforma agrária seja condizente com o Estatuto da Terra, também não executado pelos nossos governantes."

Depois da greve

Segundo o Sr José Rodrigues a necessidade de uma reforma agrária é enfatizada pelos trabalhadores porque somente através dela será possível fazer justiça no campo. "Podemos dizer que atualmente em Pernambuco, depois da greve de 20 mil canavieiros nos Municípios de São Lourenço da Mata e Pau d'Alho, ano passado, nota-se um pouco mais de respeito à classe por parte dos patrões. Mas isso não significa que eles estão cumprindo o Estatuto da Terra, esquecido desde que foi criado, no Governo Castelo Branco."

Lembra ainda o presidente da Federação que a luta dos trabalhadores é grande: "Tudo o que conseguimos até agora foi única e exclusivamente por nossa capacidade de reivindicar. Por isso, seria bom que, vindo ao Nordeste, o Papa João Paulo II nos dê uma ajuda pedindo pelos camponeses, exigindo a reforma agrária para que as autoridades brasileiras se sensibilizem com nosso problema."

Empresas do ABC demitem 5 mil mas líderes fazem acordo

As indústrias de São Bernardo do Campo e Santo André demitiram, por justa causa, sem quaisquer direitos, mais de 5 mil metalúrgicos apontados como ativistas na última greve, mas já fizeram acordo com quase todos os da diretoria do Sindicato de São Bernardo. Cada um resolveu da forma que melhor lhe conveio sua situação.

O Sr Luís Inácio da Silva, Lula, sob alegação de inexistência de vaga em sua função — contramestre Júnior — foi licenciado pessoalmente pelo Sr Carlos Villares, vice-presidente do Grupo Villares, por 12 meses, com todos os direitos assegurados. Os demais diretores concordaram em receber o pagamento de salários de até 10 meses, mais fundo de garantia e férias, para serem demitidos.

Levantamento feito junto à diretoria efetiva deposta mostra que até o dia 13 último só os Srs Nélson Campanholo e Devanir Ribeiro tinham sua situação indefinida. O primeiro sofre um processo administrativo na Karman-Ghia e Devanir Ribeiro estuda ainda uma proposta de pagamentos entre três e oito meses, enquanto ele pede uma licença remunerada de 12 meses ou a volta imediata ao trabalho.

Esses acordos, segundo os diretores depostos, estão sendo feitos porque todos têm dúvidas sobre se conseguirão, na Justiça, fazer valer a estabilidade de 12 meses prevista para todo dirigente sindical após o fim de mandato. Outra justificativa é a de que eles dificilmente conseguirão emprego no setor metalúrgico da região e que esses acordos lhes garantirão a sobrevivência, pelo menos durante algum tempo.

MAIS DE 5 MIL

Oficialmente, são 599 os metalúrgicos demitidos por justa causa em São Bernardo e Diadema e aproximadamente 700 na região abrangida pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. No entanto, os ex-diretores, depostos pela intervenção, reconhecem que esse número está distanciado da realidade. Existem mais de 3 mil demitidos em São Bernardo e outro contingente em Santo André, o que eleva o número de dispensas a mais de 5 mil em todo o ABC.

As portas das fábricas, todas as manhãs, são o retrato do desemprego no ABC motivado, principalmente, pela greve, conforme reconhecem os ex-diretores. O Sr Devanir Ribeiro, integrante da diretoria destituída do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, explica:

"Essa é uma época de muitas dispensas, todos os anos. Mas, este ano, naturalmente, temos o refluxo da greve, com muita gente sendo mandada embora sem direito e outros com direitos, mas que terão muita dificuldade em arranjar emprego".

Segundo ele, logo após o dissídio coletivo, que dá aos trabalhadores de São Bernardo um aumento maior que o dos metalúrgicos de São Paulo, há uma demanda natural de trabalhadores da Capital para o ABC. E o inverso também ocorre, especialmente porque nas indústrias da região há uma **lista negra**, segundo apontam os ex-diretores, de nomes fornecidos pela polícia às empresas.

A quase totalidade dos dispensados por justa causa tiveram seus nomes apontados nesta lista, que nasceu dos boletins de ocorrências firmados pela polícia durante a greve. Até pessoas que estavam passando pelas proximidades das áreas de conflito e que foram envolvidas nesses boletins de ocorrência perderam seus empregos.

O fundo de greve, que chegou a atender mais de 400 famílias num só dia durante o movimento, continua ativado, agora entregando gêneros aos metalúrgicos demitidos. No momento, os organizadores desse fundo promovem quermesses, no estádio de Vila Euclides, nos dois fins de semana deste mês e, também, um **show** beneficente com a presença de artistas famosos visando a arrecadar dinheiro para comprar alimentos.

FALTA DE CONFIANÇA

O número exato de demitidos é inestimável. No sindicato, sob intervenção, o Departamento Jurídico tem 599 processos de pessoas que procuraram os advogados porque sofreram dispensa por justa causa. Mas os advogados da entidade — que são os mesmos, chefiados pelo Sr Maurício de Almeida — sabem que muitos trabalhadores deixam de procurá-los, em virtude da intervenção, desconfiados de que seus processos não terão o encaminhamento normal.

O interventor, Oswaldo Batista, não alterou a rotina do Departamento Jurídico, que continua atendendo normalmente os trabalhadores que o procuram para tratar de problemas de demissões ou outros quaisquer.

Muitos operários têm recorrido a advogados particulares, o que dificulta o estabelecimento do número exato de demitidos.

Na opinião de funcionários do Departamento Jurídico do Sindicato de Santo André, também sob intervenção, as empresas estão utilizando um "critério inteligente", que não chega a caracterizar dispensa em massa, mas constante. Diariamente são feitas dezenas de homologações no sindicato e aqueles funcionários receiam que, a médio prazo, o volume de demissões será intenso.

O problema das dispensas é, atualmente, o maior fator de continuidade da mobilização dos trabalhadores, segundo Djalma de Souza Bom, ex-diretor do sindicato de São Bernardo. Em São Bernardo, principalmemte, há mais de 1 mil trabalhadores em contato diário, freqüentando o salão paroquial da igreja Matriz, onde funciona o Fundo de Assistência aos Demitidos. Eles comparecem à igreja para saber das novidades, encontram-se com Lula e os demais ex-diretores, que se revesam diariamente nesses contatos.

Na última sexta-feira, esse grupo compareceu ao sindicato com o objetivo de cobrar do interventor Oswaldo Batista uma posição oficial diante das demissões, uma vez que o Ministro Murilo Macedo havia prometido não permitir dispensas em massa como conseqüência da greve. O interventor não admitiu que a reunião fosse realizada e houve tumultos na frente da entidade.

Essas agitações tendem a aumentar, segundo Gilson Corrêa de Menezes, outro ex-diretor, porque os demitidos, além de sofrerem a perda dos direitos, estão impossibilitados de arranjar emprego em fábricas do ABC, em virtude da **lista negra** da polícia.

Para o Sr Gilson Menezes, "um homem com família e desesperado, pode criar muitos problemas". Acrescentou que, no caso de São Bernardo e Diadema, "existem milhares nessas condições".

Há um movimento organizado, inclusive com material impresso, convocando nova assembléia para o próximo dia 20 no sindicato. Nessa assembléia, novamente será cobrada do interventor e do Governo uma posição diante das demissões e, também, a devolução do sindicato aos trabalhadores.

Segundo o ex-presidente Luís Inácio da Silva, essas reuniões no sindicato serão cada vez mais freqüentes, assim como será mantida a organização do salão paroquial da igreja Matriz, transformado, agora, num verdadeiro sindicato.

Suplentes estão nos dois casos

O serralheiro Jaime Vianna de Barros, suplente da diretoria deposta, não teve oportunidade de fazer acordo. Quando retornou ao trabalho, na TRW Gemmer — onde trabalhava há 17 anos — foi demitido. Seu salário era de Cr$ 25 mil, por mês. Jaime não foi dispensado por justa causa, mas não recebeu nada além de seus direitos como funcionário comum.

Outro suplente, Juracy Magalhães, com 29 anos, um filho, fez acordo na Mercedes-Benz, em que trabalhava como conferente, antes de assumir o sindicato. Seu salário era de Cr$ 23 mil e conseguiu receber adiantados 10 meses.

Mauro Massani, solteiro, apontador na Volkswagen com salário de Cr$ 22 mil também fez acordo, recebendo seis meses. O ferramenteiro Gilson Correa Menezes, 31 anos, duas filhas, era funcionário da SAAB-Scania há sete anos, com salário de Cr$ 36 mil mensais. Foi um dos primeiros a fazer o acordo, recebendo nove meses adiantados, além de seus direitos. Gilson era membro do conselho fiscal da diretoria deposta. Outro integrante desse conselho, Cláudio Roberto Rosa, 29 anos, casado, dois filhos, era ferramenteiro na Mercedes-Benz há quarto anos. Fez um acordo, recebendo também 10 meses adiantados.

Há dois indefinidos entre os integrantes da diretoria não efetiva deposta: Manoel Anísio Gomes, 34 anos, quatro filhos, inspetor de qualidade na Polimatic, com salário de Cr$ 33 mil, está em negociações com a empresa, mas, até agora, não aceitou qualquer proposta de acordo. E Gilberto Souza Cunha, 29 anos, um filho, eletricista na Brastemp está suspenso, por tempo indeterminado, até que a empresa o convoque para um acordo ou para o trabalho.

Além dos membros da diretoria efetiva do sindicato, outros sete integrantes da entidade — suplentes, membros do conselho fiscal e do conselho da Federação — também foram atingidos por problemas decorrentes da greve. Apenas seis continuam trabalhando. Vasile Volcov Filho é um dos que estão trabalhando e não sofreu conseqüências da paralisação. Com 35 anos, pai de três filhos, é funileiro na Chrysler, ganhando Cr$ 23 mil e era suplente da diretoria do sindicato desde 1972. Também está trabalhando um outro ex-suplente, José Joeste Fontes, 33 anos, dois filhos, inspetor de qualidade na Ford, com salário de Cr$ 24 mil. Esse foi seu primeiro mandato no sindicato.

Situação idêntica é do membro do conselho fiscal, torneiro mecânico Mariano Palma Vilata, que trabalha na Forjaria São Bernardo (da Volkswagen), com salário de Cr$ 40 mil. Ele tem dois filhos e está na empresa há nove anos. No sindicato, assumiu juntamente com Lula, nesta segunda gestão.

José Venâncio Souza Luz é solteiro, também membro do conselho fiscal e voltou ao trabalho, reassumindo sua função de conferente. Ganha Cr$ 23 mil mensais e realizava sua primeira gestão no Sindicato. José Dilermando, o Ratinho, 42 anos, cinco filhos, na Ford há seis anos como colocador de ferramentas, com salário de Cr$ 19 mil mensais, também voltou ao trabalho.

Celso dos Santos — Outro suplente — também trabalha na Ford. Com 30 anos, solteiro, ele é inspetor de qualidade e ganha Cr$ 25 mil mensais, permanecendo no emprego.

Arquivo 07/02/80

As indústrias do ABC já demitiram mais de 5 mil empregados, considerados ativistas

A situação de cada diretor

Luís Inácio da Silva, o Lula, está licenciado, com remuneração, da Equipamentos Villares, de onde é funcionário desde 1966. Atualmente, sua função é a de contramestre-júnior, com salário de Cr$ 40 mil. Sua profissão é torneiro-mecânico e, durante 12 meses, poderá dedicar-se a outras atividades, a não ser que seja convocado para assumir o trabalho, conforme ficou combinado com o Sr Carlos Villares, no momento em que Lula saiu da prisão. Lula diz não saber seu destino, após passados os 12 meses em que estará licenciado, com vencimentos.

Aos 34 anos — 14 na Villares — Lula ingressou na profissão de metalúrgico depois que concluiu um curso no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Durante muito tempo não se interessou por atividades sindicais até que, por influência de seu irmão mais velho, José Ferreira da Silva, o Frei Chico, Lula integrou uma chapa da diretoria, então presidida pelo Sr Paulo Vidal Neto, como suplente. A partir de então, desenvolveu intensa atividade no Departamento Jurídico da entidade — setor que, ao lado do atendimento médico, tem mais contato com a base e, na gestão seguinte, lançou-se candidato à presidência.

A gestão interrompida pela intervenção era a segunda de Lula como presidente. Sua mulher, Marisa, alimentava esperanças de que, a partir do desfecho da última greve, Lula pudesse dedicar mais algum tempo para os filhos Marcos (9 anos), Fábio (5 anos) e Sandro (2 anos). "Mas percebo que isso nunca mais vai ocorrer", disse dona Marisa, já acostumada com o telefone de sua casa, que toca ininterruptamente durante o dia, noite e até mesmo em algumas madrugadas.

Lula diz que vai apoiar uma chapa que se lançar à direção do sindicato, assim que a intervenção for levantada, "caso meu nome seja inelegível". Caso contrário, já disse, sairá candidato novamente. Enquanto isso, desenvolve intensa atividade na formação do Partido dos Trabalhadores — PT.

O primeiro secretário da diretoria deposta, Sr Nélson Campanholo, foi o único que não foi preso. Por isso, continuou conduzindo as assembléias durante o período em que os demais dirigentes estavam distantes da classe.

Aos 41 anos, com dois filhos, Nélson é funcionário da Karman-Ghia há 13 anos e, há uma semana, teve uma surpresa: a empresa abriu um processo contra ele, na Justiça do Trabalho, por "falta grave" visando a despedi-lo por justa causa.

No sindicato, Nélson ocupava cargos de direção desde 69, inicialmente como membro do conselho fiscal, depois como secretário-geral, 2º-secretário e finalmente como 1º-secretário.

A Karman-Ghia propôs um acordo pelo qual ele receberia cinco meses. A proposta não foi aceita. Como conseqüência, foi aberto o processo. O único diretor que não foi preso é quem a empresa para a qual trabalha não propôs um acordo vantajoso.

Severino Alves da Silva, secretário-geral da diretoria deposta tem 41 anos e, aparentemente, está disposto a voltar a sua terra natal, Pernambuco. Durante as duas últimas semanas, Severino esteve por lá e, de volta neste fim de semana, dirá à família se vai ou fica.

Com dois filhos, Severino também fez acordo com a Saab-Scania após ter sido informado que a empresa não tinha nenhum interesse em sua permanência na fábrica. Com salário de Cr$ 29 mil, Severino recebeu nove meses adiantados, além de seus direitos. Ele trabalhava na Scania há sete anos e estava no sindicato há cinco anos. No primeiro mandato, ocupou a função de suplente.

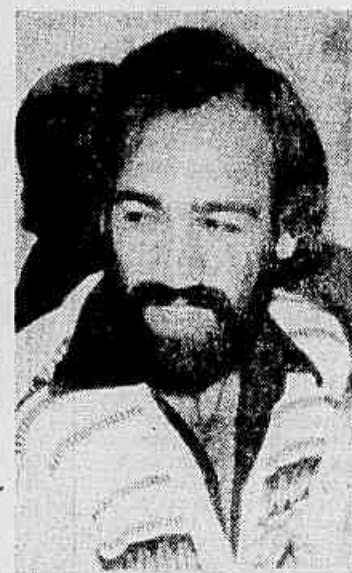
Devanir Ribeiro, 36 anos, dois filhos era o 2º Secretário do Sindicato dos Metalúrgicos e estava ocupando cargos na diretoria desde 75, quando iniciou sua carreira sindical como 2º suplente. É funcionário da Volkswagen há 10 anos e sua situação está indeferida.

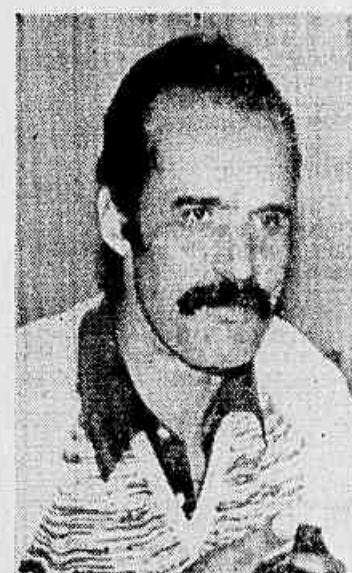
A Volkswagen propôs um acordo pagando entre três e oito meses de seu salário de Cr$ 22 mil, na função de funileiro. Devanir disse que quer uma licença, nos mesmos moldes da que foi dada para **Lula**, na Villares. Após ouvir que era **persona non grata** naquela indústria, Devanir foi informado, também que a disposição da empresa é demiti-lo por justa causa, caso não aceite o acordo proposto.

Rubens Teodoro Arruda, o Rubão, é o mais antigo dirigente sindical da diretoria deposta. Foi fundador da entidade, em 1959, e vem ocupando cargos na diretoria desde 1967 como suplente, membro do conselho fiscal e, durante três gestões — inclusive esta última — como vice-presidente. É funcionário da Mercedes-Benz há 20 anos. Ingressou na fábrica como praticante (aluno de uma escola interna de formação profissional), depois passou a funileiro, furador e, ultimamente, foi promovido — já como diretor do sindicato — a supervisor de produção. Seu salário: Cr$ 37 mil.

Quando saiu da prisão e procurou a Mercedes, recebeu a proposta de acordo: pagamento de salários de 10 meses, além de seus direitos. Aceitou.

Rubens afirma que não foi maltratado ou "encostado na parede" pela indústria. No entanto, sua função — após a promoção que recebeu mesmo distante da fábrica — é de chefia e, portanto, "de ter que dar ordens, mandar embora inclusive por justa causa e coisas assim. Uma posição inaceitável para mim, após todo esse tempo de sindicato", disse.

Rubens tem 41 anos, três filhos e não sabe ao certo o que fará daqui para a frente. Vai tentar, durante algum tempo, arranjar novo emprego como metalúrgico. Senão der certo, irá "montar algum comércio".

Expedito Soares Batista é o mais novo integrante da diretoria deposta. Tem 25 anos, é casado e pai de três filhos. Esta era sua primeira gestão no sindicato, ocupando a função de 2º-tesoureiro.

É funcionário das Indústrias Arteb, de São Bernardo, há quatro anos e conseguiu uma licença remunerada até dezembro. A Arteb foi a primeira indústria do ABC a entrar em greve, dois dias antes da eclosão do movimento geral, no dia 1º de abril.

Djalma de Souza Bom, o tesoureiro do sindicato, tem 41 anos e trabalhava na Mercedes Benz do Brasil há 15 anos como controlador de peças, ganhando Cr$ 29 mil mensais. Esse era seu segundo mandato como dirigente e, assim como alguns outros diretores, foi considerado **persona non grata** na empresa em que trabalhou.

Fez um acordo, aceitando o pagamento de 10 meses de seu salário, porque, segundo ele mesmo diz, tem responsabilidade com a mulher Idalina e os dois filhos. Assim como os demais que fizeram acordo, Djalma vai procurar manter-se vinculado à classe, conseguindo emprego de metalúrgico, o que ele mesmo reconhece ser difícil ou até impossível. E, para garantir a sobrevivência enquanto o emprego não é encontrado, pensa em abrir uma banca de jornal.

Lula diz que a abertura não é a dos trabalhadores, mas saiu fortalecida da greve

São Paulo — O presidente deposto do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Sr Luís Inácio da Silva, disse que a abertura do Presidente João Figueiredo "que está na cabeça do Murilo Macedo", saiu de fato fortalecida da última greve, mas ressaltou que "essa abertura não interessa a classe trabalhadora. É a abertura da burguesia nacional que não teve seus interesses prejudicados, enquanto aos trabalhadores restaram cacetetes sobre suas cabeças".

Lula fez essas afirmações em réplica ao depoimento do Ministro do Trabalho no Senado, na última sexta-feira. E disse que espera ser convidado pelos mesmos Senadores para explicar "a verdade sobre a greve".

POLITIZAÇÃO

Lula contestou a afirmação do Ministro de que ele saiu politicamente fortalecido com a greve. "Não estive e não estou interessado em projeção política. Quem procura essa projeção é o Ministro Murilo Macedo, que deseja ser Governador de São Paulo. Eu não tenho pretensões políticas" — afirmou.

Para ele, "tanto a classe trabalhadora quanto os empresários ganharam experiência com a greve. Os metalúrgicos ganharam politização". Não discordou das afirmações do Ministro de que a greve não foi feita unicamente com o objetivo de melhoria salarial dos trabalhadores.

"Sabíamos, antecipadamente, que não poderíamos garantir nenhuma conquista se não tivéssemos a garantia sindical", diz Lula, acrescentando que "o Governo quer que o trabalhador se preocupe com aumento de salário, deixando as outras coisas ao prazer das autoridades".

"Temos certeza" — prosseguiu — "de que para eles era mais fácil dar 15 por cento de aumento e depois repassá-lo para o custo do produto. Além disso, é fácil também mandar trabalhadores embora, reduzir salários e incrementar a rotatividade da mão-de-obra. Daí porque demos prioridade, na campanha nas portas de fábricas, muito mais as garantias sindicais do que ao próprio aumento de salário."

Procurador ainda não denunciou

O Procurador de Justiça Militar, Dácio A. Gomes de Araújo, da 2ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar, ainda não ofereceu denúncia no inquérito policial procedente da Divisão de Ordem Social do DOPS, relativo à greve dos metalúrgicos do ABC, que a Justiça do Trabalho considerou ilegal e no qual estão indiciados Luís Inácio da Silva, o Lula e outros dirigentes do sindicato da classe, em São Bernardo do Campo e Diadema.

As informações esclarecem que o representante do Ministério Público, que dispunha do prazo regular de 30 dias para sua manifestação, requereu e obteve do Juiz-Auditor Nélson da Silva Machado Guimarães, dilatação tripla de prazo, o que significa mais 45 dias para seu pronunciamento. Mas, conforme solicitação do Juiz, esse inquérito aguarda diligências pedidas à autoridade policial, o diretor da Divisão de Ordem Social do DOPS, delegado Edsel Magnotti. A principal delas é a remessa de laudos da polícia técnica sobre fitas gravadas nas reuniões de laudos da polícia técnica sobre fitas gravadas nas reuniões e assembléias dos metalúrgicos, que são bastante numerosas. O primeiro laudo já está no DOPS, contido em relatório de 63 páginas. Faltam outros laudos em número imprevisível, os quais o DOPS continua aguardando para cumprir a determinação judicial.

Movimentos de bairro no Recife pedem remoção de desabrigados pela chuva

Recife — Um dia após a Prefeitura ter informado que 1 mil casebres da Capital estão ameaçados de desabamento, devido ao forte temporal registrado no início da semana, 10 movimentos comunitários de bairros mais humildes divulgaram ontem um documento pedindo ao Governo que providencie a remoção dos moradores de áreas condenadas para áreas livres, e em condições de habitação.

A carta intitulada O Clamor dos Mortos e dos Desabrigados faz um histórico dos problemas dos morros recifenses, suscetíveis de desabamentos com a continuidade das chuvas, e pede à Prefeitura que forneça material para escoramento de barreiras, nos locais já atingidos ou ameaçados. "Esse trabalho deve ser assumido imediatamento pelo Corpo de Bombeiros, que poderá contar com mão-de-obra local, paga pela Prefeitura".

SEM PAGAR

O documento reivindica também que "o Governo estadual decrete congelamento imediato de todo e qualquer pagamento de aluguel do chão, foro, ou prestação de terreno nas terras de Casa Amarela (um dos bairros mais populosos do Recife)".

Solicita ainda que a Prefeitura "decrete a isenção de licença para a construção em toda área dos córregos de Casa Amarela por um prazo mínimo de seis meses". Os moradores dos morros, a maior parte diretamente atingida pelo temporal que desabou no Recife, pediu ao Governo do Estado que "garanta pensão e amparo aos órgãos e viúvas das família vitimadas".

Das 58 pessoas que morreram nos morros, devido a desabamentos provocados pelas chuvas dos dias 10 e 11, 24 pessoas são do bairro de Casa Amarela, e destas, 16 eram crianças. E o documento indagou então: "Por que toda esta calamidade"?

E respondeu: "Todos sabem que o povo do interior não tem terra para plantar, e o povo da cidade não tem chão para morar. No interior, sobra terra, mas é só para capim, para boi. Então o povo vem morar no Recife, e as áreas melhores são dos ricos. Quem não pode, vai para o morro, ou na beira do rio, e lá ergue o seu barraco".

Temperatura volta a baixar no Rio Grande do Sul com vento forte mas sem geada

Porto Alegre — O frio voltou ao Rio Grande do Sul, só que agora com fortes ventos, que chegaram à velocidade de 85 quilômetros por hora, fazendo com que as temperaturas baixassem. A mínima de ontem ocorreu em Vacaria (a 241 km da Capital), onde os termômetros marcaram 3.2 graus positivos.

Contudo, os gaúchos, e mais ainda os turistas que se encontram na região da serra, ficaram frustrados porque embora com a ocorrência de baixas temperaturas ainda não houve queda de geada ou de neve, apesar das condições climáticas favoráveis para nevada, como chuva seguida de nuvens baixas e vento.

FRIO E VENTO

Há dois dias os gaúchos são obrigados a recorrer novamente as roupas de lã, pois o frio retornou ao Rio Grande do Sul, depois de uma pausa não muito prolongada. Além do frio, o inverno está se fazendo presente através de fortes ventos.

Na Capital gaúcha, a mais baixa temperatura foi registrada as 7h, quando os termômetros marcaram 10,3 graus. O frio é conseqüência de um anticiclone polar proveniente do Paraguai com 1 mil 024 milibares, mas ainda não foi, suficiente para a queda de geada ou de neve, o que está frustrando os gaúchos e os turistas que, ansiosos, estão se dirigindo para a zona da serra com a esperança de presenciar uma nevada.

Uruguaios que estiveram no seqüestro de Lilian somem

São Paulo — O encarregado da direção de imprensa no exterior do Partido por la Victoria del Pueblo (PVP) do Uruguai, José Viana, denunciou ontem, e em São Paulo, que seus companheiros de Partido Rosário Pequito Machado, Luís Alonso, Carlos Castro e Marlente Chuquelt estão desaparecidos desde o dia 4 de maio.

Os quatro militantes do PVP foram usados pela Companhia de Contra-Informação para localizar Lilian Celiberti e Universindo Rodriguez Diaz em Porto Alegre, segundo denúncia de Hugo Garcia, e estavam à disposição da Justiça. Mas, no dia 4 de maio, o advogado de Lilian e Universindo em Porto Alegre, Sr Omar Ferri, disse que eles tinham sido usados no seqüestro do casal e das crianças Camilo e Francesca, filhos de Lilian. Desde então, segundo o denunciante, "eles foram transferidos da prisão e devem estar sendo novamente torturados em locais secretos".

Caráter brutal

José Viana mora em La Paz, Bolívia, mas veio a São Paulo, assim que foi avisado do depoimento do ex-soldado Hugo Garcia sobre a captura e o seqüestro de Lilian Celiberti e Universindo Diaz. "O caráter do depoimento é muito brutal. Nunca até agora havia surgido à luz a existência da Companhia de Contra-Informação, muito menos haviam sido publicadas na imprensa as fotos de seus comandantes", comentou.

O militante do PVP considera o depoimento do ex-torturador arrependido fatal à companhia, porque, segundo ele, "a condição da extinção de órgãos desse tipo é o segredo. Ela funciona como a Máfia e não se pode expor à luz do dia, ao controle da opinião pública".

Mesmo assim, José Viana acha que ninguém tem condição de se definir a respeito de Hugo Garcia. "Esse caso não está devidamente explicado. Quando a ditadura militar uruguaia cair, ele terá de se explicar melhor. Nem o Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia do Uruguai nem o PVP podem perdoá-lo. O perdão ou a condenação tem de vir por julgamento, quando o estado de direito for restabelecido no Uruguai."

Silêncio

O Sr José Viana acha importante destacar à opinião pública brasileira e internacional que "o Governo uruguaio guardará um silêncio absoluto sobre o caso, apesar de todas as evidências. Há que se exigir, então, uma resposta. Existe ou não essa Companhia? E esses seus comandantes? É preciso exigir tais respostas, porque o Governo uruguaio se tem caracterizado pelo desprezo absoluto por todas as decisões internacionais. A única coisa que se conseguiu até agora foi uma visita da Cruz Vermelha, mas apenas às prisões. Não foi permitida a visita aos locais secretos de tortura. É de se egixir a constituição de uma comissão da OEA para se investigar a existência de tais locais".

No caso específico do Governo brasileiro, o encarregado de imprensa no Exterior do PVP declarou: "Não pedimos que o Governo brasileiro intervenha no Uruguai, porque somos muito closos do princípio da autodeterminação. O Uruguai é um país pequeno entre dois países grandes e o princípio da autodeterminação tem de ser respeitado. A partir disso, se condenamos veementemente a intervenção soviética no Afeganistão, não poderíamos apoiar a mesma coisa praticada pelo Brasil em nosso país. Pedimos apenas que o Governo brasileiro deixe de ajudar a ditadura militar uruguaia, seja militar, seja economicamente".

O militante do PVP declarou-se decepcionado com os países que condenam a ditadura militar uruguaia, mas não deixam de prestar assistência econômica ao regime. "Nós, do PVP e de outros Partidos clandestinos no Uruguai sofremos em nossa própria pele a coordenação da repressão das polícias políticas e das forças militares no Cone Sul. Além desse caso brasileiro, há também a história de militantes mortos ou presos na Argentina, no Paraguai e até no Chile, como fica evidente no depoimento do ex-soldado Hugo Garcia", informou.

Desmoralizante

Esse depoimento foi considerado "desmoralizante", mas o Sr José Viana não tem ilusões: "O povo uruguaio será informado disso. Os jornais brasileiros não entrarão em Montevidéu. Quando foram encontradas aquelas crianças em Santiago do Chile, *El Mercurio* não entrou no Uruguai".

De qualquer maneira, segundo ele, "o depoimento de Garcia compromete as principais autoridades do país, como é o caso do Ministro do Interior General Nunez, chefe direto das polícias uruguaias. Ele viajou recentemente para o interior do país e andou falando sobre quem pode ou não se candidatar nas próximas eleições legislativas.

O superior geral da Companhia de Contra-Informação é também responsável pela condução política do país. O homem responsável por um fato de gravidade extrema como esse que envolve torturas e a violação da soberania brasileira é também o controlador do cronograma institucionalizador levado a cabo pelo Governo uruguaio. Esse cronograma então tem de ser posto em dúvida. Essa abertura só pode ser falsa".

Outra autoridade denunciada pelo Sr José Viana foi o comandante-chefe do Exército uruguaio, General Luís Vicente Queirolo. "O Coronel Calixto de Armas é atualmente o diretor da Secretaria do Ministério do Interior, o mais importante cargo administrativo do Ministério. Esse grupo cometeu crimes hediondos e não pode agora ter nas mãos uma abertura na direção do verdadeiro estado de direito", disse.

O Partido

Debilitado pelas prisões de seus militantes mais ativos e mesmo pelo desaparecimento de muitos deles, o Partido por la Victoria del Pueblo é marxista e prega a derrubada do regime uruguaio pela luta armada. Junto com o Partido Comunista Uruguaio, é a facção política de esquerda com maior tradição no movimento sindical do país, segundo seus militantes.

Oriundo de um grupo anarquista, o PVP mantém algumas bases em território urugaio e se diz um grupo político independente em relação a Moscou, Pequim, Havana e a Internacional Socialista, considerando-se uma opção política uruguaia autêntica.

Sua campanha política mais intensa agora é a denúncia da fraude no plebiscito em que o povo uruguaio decidirá se aceita ou não a Constituição proposta pelo regime militar no Poder. Além de pregar o não no Uruguai, o PVP, no exterior, pede que os organismos internacionais acompanhem o plebiscito, pois, segundo o Partido, "o Governo não fez acordo com os Partidos políticos, os sindicatos ou a Igreja e não há qualquer possibilidade de, sem fraude, o sim vencer o plebiscito".

Juristas confirmam torturas

Paris — O Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai declarou em comunicado que, tendo em vista as recentes declarações feitas à imprensa brasileira por "um ex-membro do Exército uruguaio, Hugo Walter Garcia Rivas", assinala que se deduzem do exame dessas declarações e dos dados que o Secretariado dispõe sobre "as operações das quais participou o declarante, a confirmação que a tortura é uma prática administrativa, sistemática e racional, quer dizer um instrumento de governo".

"Em conseqüência" — diz o cumunicado da SIJAU — o Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai apresentará novos elementos, analisados à luz dos anteriores que possui, ante as diferentes instâncias internacionais de proteção dos direitos do homem, a fim de exigir que cessem essas violências e que suas conseqüências sejam reparadas".

O Secretariado faz eco do pedido da Ordem dos Advogados do Brasil e da opinião pública brasileira que exige a restituição ao Brasil de quatro cidadãos uruguaios e espera que esta restituição seja apoiada pelo Governo brasileiro.

Volvo produz desde outubro 307 ônibus e supera concorrente

Curitiba — Com 307 unidades produzidas de outubro de 1979 a maio deste ano, a Volvo do Brasil já conseguiu superar sua concorrente, a Scania, em vendas internas de ônibus. A informação é do diretor de **Marketing** da empresa, Sr Douglas Tessitore, após receber, entusiasmado, o último boletim de vendas do setor, elaborado pela Associação Nacional dos Fabricantes.

No primeiro trimestre de 1980, a participação da Volvo nas vendas gerais de ônibus (internas e exportações) foi de 3%, contra 3,3% da Scania, 0,1% da General Motors, 0,4% da Fiat. A Mercedes manteve a liderança, com 93,2%. Nas vendas internas de maio, entretanto, a empresa deu um salto, elevando sua participação para 20,3%, enquanto a Scania ficou nos 9,9% e a Mercedes em 69,8%

INVESTIMENTOS

No Brasil, desde 1977, quando foi constituída como empresa, a Volvo do Brasil Motores e Veículos SA instalou sua fábrica na Cidade Industrial de Curitiba, num terreno de 600 mil metros quadrados e área construída de 35 mil metros quadrados. Atualmente possui pouco mais de 500 empregados, número que chegará a 1 mil até 1985, quando estiver em produção plena.

O investimento para sua implantação é de 134 milhões de dólares, a ser integrado até 1981. O capital social de 45 milhões de dólares divide-se em 20 milhões de dólares em ações ordinárias (com direito a voto) e 25 milhões de dólares em ações preferenciais (sem direito a voto) e deverá ser integralizado até o final deste ano. Das ações preferenciais 48% pertencem à AB Volvo, sueca; 32% à Comércio e Participação Volvo Ltda.; e 20% à International Finance Corporation.

ACIONISTAS

As ações ordinárias são divididas entre sete acionistas: Comércio e Participação Volvo Ltda., com 41,5%; Rocha Armazéns Gerais, com 20%; Orlando Otto Kaesemodel, com 5%; Viação Garcia Ltda., com 5,725%; Bamerindus SA — Administração e Serviços, com 9,25%; Banestado SA — Processamento de Dados e Serviços, com 9,25%; Fundo de Desenvolvimento Econômico, gerido pelo Badep, com 9,27%. Os seis acionistas brasileiros possuem 58,5% do capital votante, ou seja, 11 milhões 700 mil dólares.

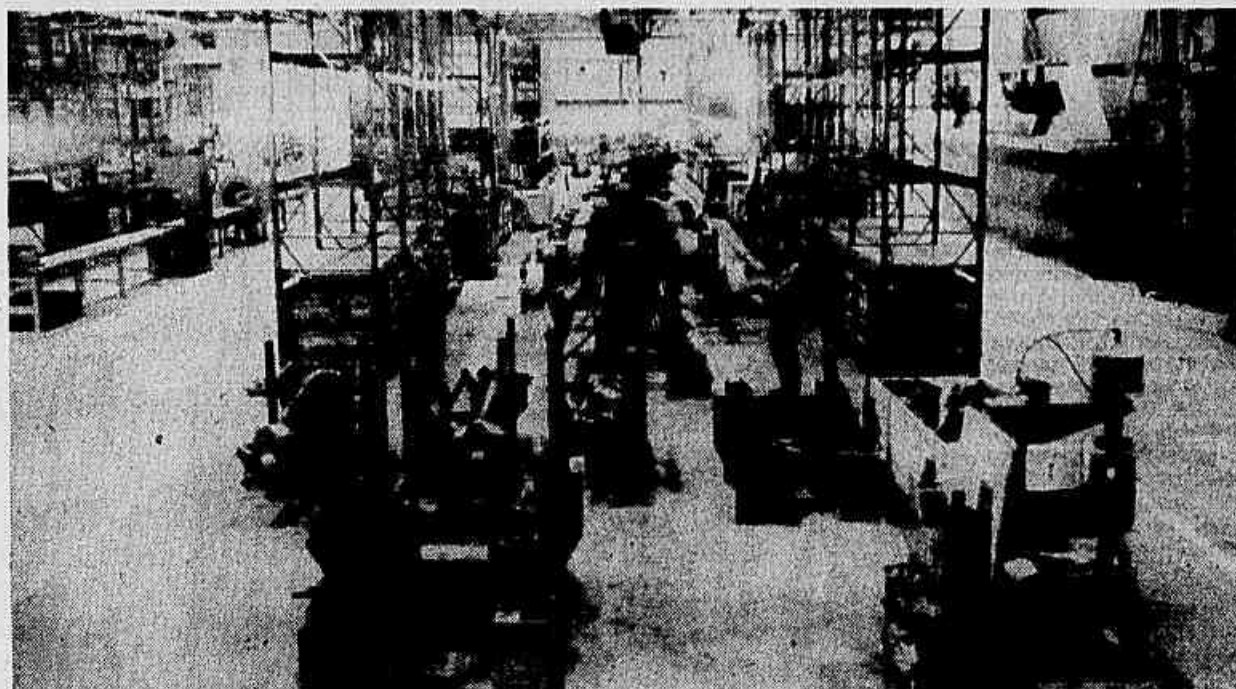
Os chassis modelo B58 para ônibus começaram a ser fabricados em outubro do ano passado, completando 307 unidades produzidas na primeira semana de junho. A pré-montagem dos caminhões pesados N10 começará ainda neste mês, ou início de julho, e a produção em linha a partir de agosto. A previsão da fábrica é produzir 1 mil 180 veículos este ano, sendo 810 ônibus e 370 caminhões.

Essa produção deverá aumentar progressivamente, passando para 1 mil 50 ônibus e 2 mil 30 caminhões ano que vem; 1 mil 150 ônibus e 3 mil caminhões em 1982; 1 mil 150 ônibus e 4 mil caminhões em 1983; 1 mil 150 ônibus e 5 mil caminhões em 1984; e 1 mil 200 ônibus e 5 mil 500 caminhões em 1985. Como se observa, a produção de ônibus, em virtude da maior concorrência, se uniformiza a partir de 1982, enquanto a de caminhões apresenta elevação anual de 1 mil unidades.

O acordo com o Befiex, para a implantação da indústria no Brasil, estabelece a necessidade de produzir ônibus com pelo menos 82% de nacionalização e caminhões com 78%. Os ônibus B58 atualmente produzidos já são 80% nacionais.

A necessidade de importação desses componentes é justificada pelo Sr Tage Karlsson, diretor-superintendente da Volvo, pela demanda de alta qualidade exigida na fabricação. Um exemplo desse rigor: as camisas de pistões nacionais, recentemente integradas na linha de montagem, estavam em testes, na Suécia, há dois anos e meio — antes mesmo da construção da fábrica, na Cidade Industrial de Curitiba.

O item qualidade, aliás, foi motivo de muitas "dores de cabeça" para o Sr Tage Karlsson, pois, na fase de pré-montagem dos B-58, inúmeras peças tinham de ser devolvidas aos fabricantes por não corresponderem às especificações da Volvo. Hoje, entretanto, a situação está melhor", diz o diretor-superintendente.

Se por um lado o mercado para caminhões é amplo e promissor — uma vez que Volvo e a Scania poderão dividir a incumbência de dotar o país de 40% de veículos pesados, na frota de 1990 — o mesmo não se dizer quanto ao de ônibus, onde a Mercedes-Benz ocupa uma posição quase monopolista, com 94% das vendas totais.

Os ônibus que a Volvo fabrica em Curitiba apresentam um índice de 80% de nacionalização

O ex-Ministro Karlos Rischbieter, presidente da Volvo-Brasil, cumprimenta Tage Karlsson, superintendente da empresa

Empresa veio porque confia em crescimento

Curitiba — *"Com ou sem abertura política, o Brasil precisa crescer 5% ao ano, no mínimo. Se isso não acontecer, será uma tragédia". Foi nesta conclusão, apoiada pelo Banco Mundial, que a AB Volvo se baseou para dar sinal verde à instalação de sua fábrica no Brasil, explicou o diretor-superintendente da empresa, Sr Tage Karlsson.*

Para ele, sejam quais forem as dúvidas que pairam na cabeça de alguns, o Brasil será, definitivamente, uma grande potência do futuro. "Para atingir o desenvolvimento necessário, o Brasil precisa racionalizar seus gastos, a começar pelos transportes". É aqui que entram as esperanças da Volvo: transporte barato é o pesado.

Menos mortos

Países desenvolvidos, como a maioria dos europeus, apresentam uma média 60% de veículos pesados no seu transporte de cargas por rodovia. Os Estados Unidos chegam aos 85,4%, uma percentagem considerada super-ideal — quando a Suécia conta com 63,4% de sua frota em veículos pesados. Os caminhões pesados, no Brasil, representam 12,4% da frota, enquanto os médios lideram, com 47,2%.

A atual situação é o que se pode chamar de "desaconselhavel" para um país como o Brasil, que tem 1 milhão 417 mil 585 quilômetros de rodovias, contra apenas 30 mil 846 quilômetros de ferrovias. Quanto mais caminhões pesados houver, menor será o número de veículos nas estradas. Conseqüentemente, será menor o consumo de combustíveis e menor o número de mortos em acidentes.

Com isso a Volvo garante seu mercado: com 40% de pesados na frota nacional, em 1990, o Brasil vai economizar 15 bilhões de dólares (3% do PNB) em custo de transporte, e deixar de consumir 10 milhões de metros cúbicos de combustível. Além disso, segundo os cálculos da empresa, a redução de veículos por quilômetros permitirá poupar cerca de 8 mil vidas já que também diminuirão os acidentes.

Recessão

— Acredito que o Brasil vai entrar em recessão — diz o superintendente da Volvo — mas não com crescimento zero, como a recessão é entendida na Europa ou nos Estados Unidos. Crescer a 5% ao ano, para o Brasil, já significa recessão. E mesmo que isso ocorra, naõ teremos dificuldade em prosseguir com o projeto Volvo, pois o setor de transportes terá que continuar crescendo.

Além desses argumentos, a empresa tem outro motivo para estar despreocupada com a possibilidade de recessão: o presidente de seu Conselho de Administração é o ex-Ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, que, além de não acreditar em recessão, é entusiasta do sistema joint-venture, pelo qual se implantou a Volvo na Cidade Industrial de Curitiba.

"Para gerar emprego na mesma proporção da demanda, o Brasil teria que manter-se, pelo menos, na histórica taxa de crescimento de 7% ao ano", afirma o ex-Ministro. Mas, "podemos agüentar o crescimento de 5% sem sermos afetados como o seriam os países europeus", conclui. Se isso acontecer, "no caso de caminhões não há por que nos preocuparmos, tampouco no caso dos ônibus, pois a classe só acentua a necessidade de transporte coletivo e de carga pesada".

Maior que a mãe

Quanto à joint-venture, ele explica: "O Brasil tinha duas alternativas para sua questão econômica. Poderia partir para a "solução chinesa", isto é, fechar as fronteiras, ou se integrar na economia mundial.

E a composição em joint-venture permite essa integração sem a dependência externa causada pela implantação pura e simples do capital estrangeiro, pois a participação de empresários brasileiros com maior poder de voto, no empreendimento, permite melhor equilíbrio nas relações de interesses."

Arquivo — 28/4/80

Tomaz Edison quer mais agências pioneiras

Grupo Bamerindus dobra o patrimônio para Cr$ 16,6 bilhões

O Grupo Bamerindus está fazendo 28 anos com números reveladores de que, embora jovens, suas 24 empresas formam hoje um sólido conglomerado. Segundo o relatório de diretoria relativo ao ano passado, o patrimônio líquido dobrou para Cr$ 16 bilhões 600 milhões, o banco comercial é o sexto da área privada no **ranking** de depósitos, e o terceiro em número de agências — nada menos de 601, espalhadas do Rio Grande do Sul a Rondônia.

Com dois terços de suas agências encravadas no interior de 10 Estados, e cerca de 150 pioneiras, o Bamerindus deve continuar a expandir-se no sentido das zonas de produção agrícola. De acordo com o presidente Tomaz Edison de Andrade Vieira, o banco tem agências ao longo de toda a Belém—Brasília, em locais onde às vezes nem o Banco do Brasil está presente, "e vai abrir em futuro próximo agências pioneiras no interior de Minas".

Raízes agrícolas

Embora sua receita derive, principalmente, dos depósitos à vista — que cresceram quase 70% no ano passado, saindo de Cr$ 12 bilhões 900 milhões para Cr$ 21 bilhões 600 milhões — é no apoio ao campo que está centrada toda a política do banco.

Fiel às suas raízes, já que nasceu no Norte do Paraná, com capitais agrícolas, o Bamerindus foi o primeiro a lançar crédito agrícola de custeio rotativo, a pagar as indenizações do Proagro sem a interferência do Banco Central, e a operar em EGF e AGF (Empréstimo ou Aquisição do Governo Federal).

Cerca de 5% dos empréstimos globais dizem respeito aos repasses oficiais à agricultura. Os créditos para comercialização agrícola representam 8% e, os créditos agrícolas dão assessoria aos clientes, que usufruem também de convênios com empresas de planejamento especializadas.

O banco comercial, que no ano passado gerou 62% dos lucros auferidos com as empresas financeiras (banco de investimento, financeira e crédito imobiliário), encerrou o exercício com receitas operacionais 110% maiores que as de 78, atingindo Cr$ 11,4 bilhões. Só as rendas de operações de crédito pularam de Cr$ 2,9 bilhões para Cr$ 6,9 bilhões. O banco de investimento aumentou de Cr$ 87,7 milhões para Cr$ 136,1 milhões seu lucro líquido, enquanto as quatro empresas de crédito imobiliário viram crescer para quase 14% sua participação relativa no resultado — embora seu lucro consolidado tenha caído de Cr$ 150,5 milhões para Cr$ 130,1 milhões.

Ao lado da associação de poupança e empréstimo, as empresas de crédito imobiliário dão hoje ao Bamerindus o terceiro lugar em saldo de depósitos de poupança: Cr$ 14,5 bilhões, cerca de 500% de crescimento em apenas dois exercícios.

Com um parque florestal de 41,2 milhões de pés de araucárias, eucaliptos e pinheiros, a Bamerindus Empreendimentos Florestais desenvolve no Pará o plantio pioneiro de Castanheiras do Brasil. A idéia é alcançar 70 milhões de árvores, contra as 50 milhões inicialmente projetadas, e já está sendo elaborado um projeto de aproveitamento do potencial de madeira. Também no Pará, a Bamerindus Agro-Pastoril já conta com um rebanho de 14 mil cabeças de gado Nelore.

O grupo inclui ainda uma corretora que, no mês passado, colocou-se em 14º lugar em movimento na Bolsa do Rio; empresas de **leasing**, publicidade, distribuidora de títulos e companhia de seguros — a sétima maior do país, em volume de prêmios, que chegaram à casa dos Cr$ 2 bilhões no final do ano.

Todo este complexo é dirigido por Tomaz Edison de Andrade Vieira, 48 anos, um dos quatro filhos do fundador do banco, Avelino Vieira. Seus assessores garantem que ele se dedica 24 horas ao trabalho, não tem domingos nem feriados, e num mesmo dia pode ser encontrado inspecionando as fazendas do Pará ou do Paraná.

Definido como conservador e austero, Andrade Vieira confia na política governamental de prioridade à agricultura, convencido de que ela dará ao Brasil um lugar de destaque, no final da década. Sem créditos subsidiados, mas com créditos e preços realistas, ele acredita que a produção e a produtividade aumentarão este ano, fazendo de 81 "um ano extremamente favorável" para o país.

Burocrata de Brasília dá avenida quando município quer aeroporto

Octávio Costa

O transporte fluvial é a principal característica do Município de Tapauá, no Estado do Amazonas. Entretanto, ao receber parcela do Fundo Rodoviário Nacional, o prefeito local foi informado de que os recursos deveriam ser aplicados exclusivamente no setor rodoviário. Sem alternativa, o Prefeito de Tapauá construiu uma ampla avenida no Centro da Cidade. E, no ano seguinte, transformou a avenida num aeroporto, que era a necessidade imediata do Município.

O exemplo de Tapauá ilustra as distorções provocadas pela falta de autonomia dos municípios brasileiros na aplicação de Fundos transferidos pela União. O Prefeito do Município do Amazonas conseguiu contornar a rigidez da vinculação compulsória dos gastos aos objetivos dos 17 Fundos existentes que são geridos de Brasília. Mas é uma exceção, pois, na maioria das vezes, os prefeitos investem em obras supérfluas, se consideradas as carências municipais. Que não há prefeito no país que devolva recursos à União por falta de oportunidade de aplicação.

A vinculação da receita é um problema que atinge não só os municípios, mas, também, os Estados. E o quadro se agrava no Norte/Nordeste, porque quanto menor a arrecadação direta da unidade da Federação maiores as transferências da União. Ou seja, quanto mais pobre o município, maior a dependência às determinações dos burocratas de Brasília. Se o município, porém, consegue razoável arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM), escapa à padronização imposta pela União à carência de mais de 4 000 municípios nacionais.

O Secretário de Fazenda do Estado de Alagoas, José Thomaz da Silva Nonô Netto, não esconde sua revolta com a burocracia federal. Um problema crítico de Alagoas é a seca, exatamente nas imediações do rio São Francisco. A solução, segundo o Sr Nonô Netto, seria a construção de uma adutora que distribuísse a água do rio na região atingida pela seca.

Poços artesianos

Entretanto, todos os recursos liberados pelo Ministério do Interior para solucionar a escassez de água em Alagoas são acompanhados da prescrição federal de que devem ser aplicados na implantação de poços artesianos. O Sr Nonô Netto está cansado de advertir que poço artesiano não é o instrumento adequado, "pois Alagoas possui uma camada cristalina que, mesmo a 200 metros de profundidade, produz água salgada. Além disso, só com sonda da Petrobrás."

Apesar das advertências estaduais, o Ministério do Interior mantém-se irredutível. E Alagoas segue construindo poços artesianos, em lugar da adutora do rio São Francisco, contribuindo, conscientemente, para o desperdício de recursos públicos. Imagine-se os gastos desnecessários dos milhares de municípios, graças à vinculação compulsória de 17 Fundos e da aplicação esquemática do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

Outro exemplo citado pelo Sr Nonô Netto relaciona-se a um programa de maximização da arrecadação municipal elaborado por técnicos do Ministério da Fazenda e oferecido aos prefeitos. "É um projeto sofisticado, que utiliza, até mesmo, computadores. Uma maravilha para cidades grandes e de médios porte. Porém, extremamente oneroso para cidades que gastam mais com a implantação do projeto do que a receita que arrecadam. É um contra-senso em relação à política de combate à inflação.

Antiplanejamento

Além dos problemas causados por Fundos setoriais para rodovias, energia elétrica, saneamento e educação, o Fundo de Participação dos Municípios, composto de Imposto de Renda, Imposto sobre Produtos Industrializados, ICM e outros, também tem a aplicação determinada por Brasília. Entre os percentuais mínimos para setores prioritários definidos pela União, destacam-se 20% no setor Educação, 30% em Despesas de Capital e 10% no setor Saúde e Saneamento.

Em 1976, um município do Nordeste, com população de 2 mil habitantes, recebeu Cr$ 192 mil do FPM. E sua receita global chegou a Cr$ 365 mil, isto é, Cr$ 30 mil mensais para sua despesa. A administração municipal aplicou apenas 7,4% em Despesas de Capital em vez dos 30% a que estava obrigada; 61,4% no setor Educação, 41,4% além do mínimo; e 12,1% no setor Saúde e Saneamento, quando o mínimo exigido era de 10%.

Inspeção efetuada pelo Governo verificou que os recursos não aplicados em Despesas de Capital o foram na manutenção de escolas. Segundo o Ministro do Tribunal de Contas da União, Luciano Brandão Alves de Souza, "concluímos terem sido realizadas as despesas numa ordem de prioridades fixada pela demanda de bens e serviços de uso mais imediato, o que se nos afigura perfeitamente válido, tendo em vista a modesta estrutura financeira do município e as realidades locais."

Diante da situação de fato, o Tribunal dispensou, por unanimidade, o cumprimento dos percentuais em despesas de capital. O Ministro do TCU conclui que "a vinculação de recursos é antiplanejamento e contraria a autonomia municipal." Entretanto, nem todos os Estados e municípios contam com a lucidez dos Ministros do TCU. O Sr Nonô Netto afirma que "O Piauí e a Paraíba, por descumprir as alocações determinadas, já receberam censura do Tribunal de Contas da União. E isso não aconteceu por má aplicação dos recursos."

Cavalos de Tróia

O Secretário da Fazenda de Alagoas destaca, também, o fato de que há fundos destinados somente a investimentos (Fundo Especial) e não podem ser aplicados em custeio. Assim, constroem-se Centros Sociais Urbanos, sugeridos pela União para aglutinar comunidades o que já está criando dificuldades para os Estados do Nordeste.

Um Centro Social Urbano é constituído, no mínimo, por dois assistentes sociais, um médico, um obstetra e um professor de educação física. Alagoas já possui mais de seis Centros Sociais Urbanos. Segundo o Sr Nonô Netto, "eles cumprem a função social magnificamente. Mas o dinheiro para mantê-los vai ficando escasso. E eu não posso utilizar o Fundo Especial para manter o custeio desses Centros. É, por isso, que aqui na Bahia há um hospital moderníssimo fechado."

O Secretário da Fazenda de Pernambuco, Everardo Maciel, afirma que "muitas vezes os Estados recebem verdadeiros **Cavalos de Tróia**, quando a União resolve fazer determinados investimentos. Se compararmos o investimento federal com o custeio estadual que provoca não há expressão financeira possível a médio prazo. Logo, perdemos o controle sobre nossas próprias receitas. E se explica porque as despesas de custeio crescem geometricamente."

Descentralização

O Sr Maciel irrita-se com as declarações no sentido de que os Estados têm tendência de gastos perdulários ou ao consumo conspícuo. Ele responde aos críticos com uma frase de Horácio: "Quem nos guardará dos nossos guardas". Também se impacienta com a ironia sobre a construção de chafariz em cidades nordestinas. "As pessoas esquecem que chafariz no Nordeste não é fonte luminosa. É abastecimento dágua mesmo".

Para ele, as distorções atuais só podem ser eliminadas através de uma reforma tributária, "cuja essência é a descentralização das decisões, tanto no aspecto financeiro substantivo, quanto no aspecto adjetivo dos controles." O Secretário da Fazenda de Pernambuco ressalta, ainda, que as transferências federais são obrigatoriamente depositadas no Banco do Brasil. "E os Estados, às vezes, se vêem obrigados a contratar empréstimos, quando dispõem de recursos no BB, empréstimo para cobertura de caixa. Dizem as autoridades que se os depósitos fossem efetuados no banco de desenvolvimento estadual geraria moeda. Ao que eu saiba, qualquer depósito bancário gera moeda."

Uma reforma tributária que concede maior autonomia aos Estados e municípios representa o concenso dos Secretários da Fazenda nordestinos. Explica-se que é impossível generalizar critérios para a alocação de recursos num país em crescimento e de dimensões continentais. E há o agravante do descompasso entre a transferência efetivada e a necessidade de Estados e municípios. Como diz o Sr Nonô Netto, tenho de ter o direito de colocar recursos numa adutora e, não, em poços artesianos, sob a orientação do Ministério do Interior que não conhece a região."

Burocracia

Um outro aspecto negativo das vinculações na transferência de recursos da União é apontado pelo Secretário da Fazenda do Ceará, Ozias Monteiro Rodrigues. Trata-se do excesso de burocracia que o sistema gera. Segundo ele, existem 17 fundos. Para cada um desses fundos administrados pela União, temos de possuir uma equipe especializada que trata do setor. Assim, temos tantas equipes quantos forem as transferências."

Outra dificuldade, segundo ele, está na diversificação dos planos de aplicação, já que não há um modelo padrão. "Cada órgão administrador de fundo deve ter seu modelo de projeto e de plano de aplicação. Portanto, o Sr Ozias Monteiro Rodrigues, além da autonomia, sugere a consolidação dos fundos e a abolição das exigências de planos específicos para cada fundo: "aliás, o Orçamento estadual, que obedece a Lei nº 4 320, inclui a programação de todos os projetos com os respectivos planos de aplicação.

Há, também, dificuldade na prestação de contas, porque cada plano de aplicação passa pela aprovação do Tribunal de Contas da União. "São 23 Estados e o TCU tem de examinar 17 fundos repassados e aplicados por cada um deles. Se os fundos fossem consolidados, o TCU poderia aprovar somente 23 planos ou balanços estaduais."

Conclui-se, então, que a vinculação é inflacionária por, pelo menos, três motivos: o incentivo a investimentos desnecessários, a elevação do custeio e o custo intrínseco gerado pela própria estrutura da manutenção dos fundos. Contudo, alguns técnicos discordam da tese que defende a consolidação dos fundos. Advertem que, se for criado um Fundão, será atendido o impasse entre as carências regionais e a padronização de aplicação imposta por Brasília. Mas, de outro lado, estaria ainda mais ameaçada a autonomia dos Estados e Municípios, pois se daria uma maior concentração do poder decisório. O ideal, para eles, seria que os fundos continuassem diversificados, com maior liberdade na sua aplicação.

Promessas

Ao defender a extinção da vinculação no 5º Congresso Nacional de Administração Fazendária, na semana passada, em Salvador, o Governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, disse que não sabe "por que isso não se dá. Já ouvi do Ministro Simonsen que isso já foi feito. Já ouvi do Ministro Galvêas que vai ser feito. Já ouvi do Ministro Delfim que vai ser feito. Mas, a demora de se fazer realmente tem atrapalhado bastante os Estados."

O Secretário da Fazenda de Alagoas acredita que a vinculação é mantida porque "é uma maneira de se ter influência direta nos destinos econômicos do Estado. É uma maneira de tutelar os Governos estaduais." Para o Secretário da Fazenda do Ceará, "dizia-se que os Estados não tinham estrutura administrativa, principalmente em relação ao planejamento. Os Estados aplicavam recursos de maneira atabalhoada. Mas, hoje, todos os Estados têm estrutura administrativa que lhes permite definir as prioridades locais."

Enquanto a vinculação persiste, o Sr Nonô Netto segue construindo "milhares de poços artesianos em Alagoas." Avenidas são transformadas em aeroportos e hospitais permanecem fechados sem recursos para o custeio. Além disso, o economista da Pontifícia Universidade Católica, Fernando Resende, lembra que "é possível que vinculação leve à ampliação dos gastos em virtude de incentivo aos Estados e municípios a buscar outras alternativas de financiamento para executar o programa de investimentos que considera prioritário."

Salvador/Fotos de Gildo Lima

Ozias Monteiro Rodrigues, Ceará (E), Everardo Maciel, Pernambuco (C) e José Thomaz da Silva Nonô Netto, Alagoas

Informe Econômico

Operação-devassa

O comércio distribuidor de produtos siderúrgicos sofrerá uma devassa da Secretaria da Receita Federal nas suas declarações do Imposto de Renda Pessoa Jurídica dos últimos cinco anos, a qual será estendida às declarações do IR Pessoa Física de seus dirigentes. O Governo apurou que esse comércio está praticando margens de lucros variáveis de 70% a 120%.

A lista das empresas a serem fiscalizadas está sendo examinada pelo Secretário Especial de Abastecimento e Preços, Carlos Viacava. Embora os produtos siderúrgicos tenham os preços controlados pelo CIP (Conselho Interministerial de Preços) apenas nas indústrias, já que foram liberados no comércio, a SEAP considerou que as empresas distribuidoras estão praticando preços exageradamente elevados, com base nos levantamentos sistemáticos feitos pelas equipes das Secretarias Estaduais de Fazenda e Municipais de Finanças em todo o país.

A lista contendo os nomes destas empresas e as margens de lucro por elas praticadas foi levada a um primeiro exame de Viacava há cerca de duas semanas. Dentro das variações de 70% a 120% de margens levantadas pela Operação Devassa, ele definirá quais as que podem ser classificadas como prática de preço abusivo. *Feita esta definição, que deverá ocorrer muito breve, Viacava encaminhará a listagem à Secretaria da Receita Federal, para que sejam glosadas as declarações do IR Pessoa Jurídica das empresas e do IR Pessoa Física dos seus dirigentes.*

■ ■ ■

A sistemática da Operação Devassa se encontra de tal maneira sofisticada que a SEAP está concluindo a montagem, por sistema de computação, de um grande banco de dados com informações sobre os preços de mais de 4 mil produtos, retroativos ao dia 7 de dezembro passado e estendendo-se pelos meses de janeiro, março, abril e maio.

Limitação continua

O Governo não pensa, em hipótese alguma, em rever a limitação de 45% ao crescimento dos empréstimos próprios dos bancos e financeiras.

No caso das financeiras, onde 10 instituições já receberam cartão vermelho do Banco Central por terem ultrapassado o limite, o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, descartou qualquer possibilidade de revisão e acentuou que a alternativa das financeiras é mesmo parar, ao constatar o grande crescimento das vendas do comércio lojista nos últimos meses.

Em Belo Horizonte, por exemplo, as vendas do comércio cresceram 38% nos primeiros meses do ano, segundo constatou espantado o presidente do BC.

Investimento ou imposto?

Queixa de um dirigente de instituição que opera no open:

— Com a diferença entre as taxas de rentabilidade das Letras do Tesouro Nacional, mesmo após as últimas altas, e os níveis de inflação, comprar LTN não é um investimento, é pagar um imposto.

Novo "rush"

O Ministro Delfim Neto vai iniciar amanhã um novo rush *de diálogos com empresários dos mais variados setores, inclusive o de bebidas, no seu gabinete em Brasília. O Ministro quer saber a quantas anda cada área da economia, no setor industrial e comercial.*

Confiança

Do presidente mundial da Siemens, Bernhard Plettner, que esteve em São Paulo na semana passada:

— Um empresário equilibrado não pode adotar soluções conforme a conjuntura do momento. A empresa tem que atravessar bons e maus momentos. Isso está implícito na sua administração. Não posso, da Alemanha, adotar uma medida em relação à Siemens do Brasil, por causa de um mau momento econômico do país. Vamos continuar investindo aqui.

Mais lançamentos

A indústria automobilística, usando a estratégia de lançamentos para aquecer o mercado, deverá lançar, ainda este ano, o novo carro da Fiat, que era previsto para 1981, com alterações profundas; a camioneta Fiorino, também da Fiat, para concorrer com a Kombi, e a camioneta Chevette, da General Motors.

Tantos lançamentos, por vezes, acabam por atrapalhar as próprias fábricas, como reconheceu a Volkswagen, em circular aos seus concessionários, que o Gol, lançado em maio, acabará por ocupar uma faixa de mercado onde a Brasília estava sozinha. Isto é, neste caso, a empresa vai concorrer com ela mesma.

Operação-gaveta

A FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) enviou ofício aos Ministros do Planejamento e da Fazenda, reclamando da operação-tartaruga da Cacex, cuja demora na emissão de guias de importação "está prejudicando vários setores industriais que dependem da importação de insumos e componentes".

Se a FIESP reclama de uma operação-tartaruga, vários empresários, individualmente, queixam-se é de uma operação-gaveta, pois em alguns setores, como os químicos, por exemplo, os empresários simplesmente não conseguem a liberação das guias de importação de componentes. No Rio, quando o empresário vai reclamar da demora na liberação da guia, quando consegue uma informação é no sentido de que "sua quota está esgotada". Mas ninguém diz qual é a quota nem quando a importação será permitida. E a operação-gaveta, pela qual as guias de importação são jogadas nas gavetas dos burocratas da Cacex.

Petrobrás sofre em N. Iorque desfalque de Cr$ 10,5 milhões

Beatriz Schiller
Correspondente

Nova Iorque — Por mais de 10 anos, e ninguém via nada, Rubens N. Oliveira, encarregado do setor de compras do escritório da Petrobrás em Nova Iorque, simulando adquirir material de escritório, emitiu cada mês e depositou em sua conta pessoal um cheque de 1 mil 700 dólares (Cr$ 85 mil) da empresa. O desfalque chegou, em abril, a 210 mil dólares (Cr$ 10 milhões 500 mil), quando o Chemical Bank forneceu o histórico da conta.

O cheques, pagamentos de encomendas inexistentes, eram emitidos em favor de quatro firmas individuais fantasmas, alternadamente, que não passavam de nomes inventados, que depois eram devidamente endossados pelo Sr Rubens de Oliveira ao depositá-los no Chemical Bank com uma regularidade de relógio, segundo constataram Naum Schenkman e Carlos Bruni, funcionários do setor financeiro da estatal brasileira há pouco tempo lotado em Nova Iorque.

As evidências do desfalque foram apresentadas a Rubens N. de Oliveira dia 24 de abril passado, e ele não teve outra alternativa senão confessar e assinar a declaração de ter desfalcado a Petrobrás. No dia seguinte, ele sofreu um acidente automobilístico, que resultou em uma concussão cerebral e deslocamento da coluna. Hospitalizado, recuperou-se, prontificou-se a restituir o que podia à Petrobrás.

Simpático, recatado, bem-comportado, o autor do desfalque nunca deixou, todo esse tempo, de doar à sua igreja de bairro, Nova Jérsei, onde comprou casa, 10% ou 20% de suas retiradas nada legais. Com isso, além de gozar de **status** elevadíssimo na sua comunidade religiosa, deduzia do Imposto de Renda sobre seus ganhos a parte que passava em doação.

Rubens N. de Oliveira ganhava 2 mil 400 dólares mensais, sua mulher, também funcionária da Petrobrás em Nova Iorque, recebia 1 mil 900 dólares, salários que, somados aos 1 mil 700 dólares retirados ilegalmente, alcançavam a cifra dos 6 mil dólares (Cr$ 300 mil).

A mulher de Rubens Oliveira, que em nenhum momento foi cúmplice do marido nas transações, também perdeu o emprego na Petrobrás.

"Uma certa compra mensal"

Conta o Sr Naum Schenkman, que em 1978 foi contratado para passar dois anos no escritório da Petrobrás, em Nova Iorque, chefiando o setor financeiro, que ao pesquisar as contas notou haver "o escritório comprado regularmente, em quantias surpreendentes, um material muito caro. Fui verificar para onde aquela compra, e não encontrei o material. Daí em diante, as coisas andaram mecanicamente".

De posse da evidência e da inexistência de certos fornecimentos, foi a Petrobrás-NI em busca das pessoas que teriam sido pagas. Não existiam. O passo seguinte, relata Schenkman: "Verificamos que a caligrafia nas assinaturas de quatro cheques eram quase iguais, concordando bastante com os endossos e a assinatura do Rubens Oliveira."

— Fui contador — diz Schenkman — além de auditor, e sou economista, com 12 anos de auditoria e contabilidade na Shell. Tenho o cacoete de esmiuçar tudo. Examinei todas as contas de suprimento da companhia, desde a compra de equipamento pesado de exploração de petróleo e contratos milionários e despesas miúdas de um escritório de 33 pessoas.

Observa ele que, antes, o critério era dar importância às grandes operações. Agora, a recomendação é ter contador permanente e auditoria de tempos em tempos, como uma incerta, para que o setor financeiro conheça todas as operações que passam pelo escritório de Nova Iorque.

Aumento médio de barril de óleo poderá não ultrapassar um dólar

William Waack
Correspondente

Bonn — A última reunião da OPEP, em Argel, encerrada quarta-feira, trouxe certo otimismo para os países consumidores de petróleo e, por incrível que pareça, pode apresentar algum alívio até para o Brasil.

A primeira vista, o aumento de quatro dólares no preço do petróleo mais barato — o **arabian light** — provavelmente chegará a 32 dólares no final do ano — fixado num compromisso frágil entre **falcões** e **pombas** da OPEP — supõe conseqüências catastróficas, mas o maior perigo que ronda compradores endividados como o Brasil é a possibilidade de que esse acordo não venha a ser cumprido. Se for respeitado o compromisso, **experts** europeus acreditam que, com um pouco de sorte, o aumento médio no preço do petróleo a partir de 1º de julho, data da entrada em vigor do compromisso de Argel, não ultrapassará um dólar por barril.

FIM DA ESPIRAL

Esta é, por exemplo, a opinião do chefe da Agência Internacional de Energia em Paris, Ulf Lantzke. Falando a jornalistas alemães em Munique, Lantzke disse que após a reunião da Argélia, o desenvolvimento dos preços de petróleo tende a perder sua aceleração, mesmo que os países da OPEP reduzam em 2 milhões de barris diários a sua produção, conforme acertado durante o encontro.

Bastante otimista, Lantzke acha que o último comunicado dos países exportadores de petróleo "demonstra que se chegou ao início do fim da espiral de preços". O chefe da Agência Internacional de Energia baseia sua confiança no fato de que a Arábia Saudita não está obrigada a elevar imediatamente seus preços de 28 para 32 dólares por barril.

O problema — reconhece Lantzke — é que a resolução final de Argel pode ser interpretada de muitas maneiras. Duas questões principais têm de ser respondidas para se saber em que medida o compromisso da última semana afeta o Brasil: a Arábia Saudita irá reduzir fortemente sua produção e criar problemas de oferta no mercado? **Os falcões** na questão dos preços (Líbia, Argélia e Irã) vão ignorar os resultados do encontro e prosseguir em sua política? Do comportamento desses fatores depende muito também a posição do Iraque, onde o Brasil compra aproximadamente 50% de seu petróleo.

Irradiando forte autoconfiança, o Xeque Yamani, Ministro do Petróleo saudita, disse na entrevista coletiva encerrando sua estada em Argel que, se o acordo for realmente respeitado, "então os preços do petróleo até descerão". Do ponto-de-vista saudita, o compromisso transformou-se em vitória para sua própria posição, embora ninguém se tivesse considerado derrotado ao final da reunião. Pelo menos nas aparências, os **falcões** concordaram em respeitar o teto de 37 dólares pelo barril de petróleo semelhante ao **arabian light**, preço atingido ao se considerar o máximo de 32 dólares pelo cru de teor 34 API mais um diferencial de cinco dólares pela qualidade e distância do mercado consumidor.

Dilema de preços

O Irã exige atualmente 35,37 dólares por barril de seu cru, incluindo taxas de crédito e um **prêmio de mercado**. A partir de 1º de julho, espera-se que o Ministro do Petróleo, Akhbar Moinfar, anuncie um majoramento para equiparar seu preço aos 37 dólares combinados em Argel. O Ministro do Petróleo argelino, Balcacem Nabi, deu declarações contraditórias ao final da conferência, dizendo em algumas ocasiões que seu país continuaria cobrando os 3 dólares de prêmio pela exploração de novos poços adicionado aos 35,21 dólares que exige por barril; mas deixando entender, em outras afirmações, que esse prêmio poderia ser reduzido, devolvido ou até anulado quando se chegasse ao limite de 37 dólares por barril.

Entre os falcões, o Irã é a presa do pior dilema de preços. Seu barril de cru leve já custa bem mais do que a média na região. Do Golfo Pérsico, mas assim mesmo o Governo de Teerã, que não está em condições de controlar a própria produção de petróleo e já desceu aos níveis mais baixos de exportação desde a revolução de 78/79, tenta empurrá-los unilateralmente para cima. A resistência oferecida por grandes companhias inglesas, holandesas e japonesas foi forte e só pode ser mantida enquanto o Iraque se empenha em roubar clientes tradicionais do Irã, mantendo sua produção nos níveis mais altos de sua história, e a Arábia Saudita zela por uma pequena **inundação** de petróleo no mercado internacional.

O compromisso de Argel não significa, obviamente, que todos os países da OPEP terão de fixar seus preços ao redor da faixa dos 32 aos 37 dólares. Conforme dizia o Ministro do Petróleo do Kuwait, Ali Khalifa Al-Sabah, "não há maneiras de impedir que as grandes companhias negociem preços acima ou abaixo dos limites oficiais". Por outro lado, o compromisso não merece ser jogado fora: há poucos dias, ninguém acreditava que sequer esse acordo, por mais frágil que seja, pudesse ser atingido.

O que pode ter levado os **falcões** a concordar inicialmente com a resolução final de Argel são fatores bastante conhecidos no mercado internacional. Por um lado, um inverno suave permitiu que os grandes consumidores europeus e os Estados Unidos reduzissem consideravelmente seu consumo. Por outro, a política de estocagem posta em prática pelos Governos levou os principais países industrializados a acumular perto de 5 milhões 300 mil de barris de petróleo por dia — o suficiente para passar quase três meses sem comprar qualquer gota de óleo. Estima-se que a demanda atual no mundo capitalista, excetuando-se algumas importações sem grande significado do bloco socialista, é de 47 milhões de barris/dia. A OPEP produz atualmente uns 28 milhões de barris/dia, enquanto outros produtores, como os Estados Unidos, Canadá, México e a Grã-Bretanha, bombeiam por dia 21 milhões de barris. Há um excesso de 2 milhões de barris por dia, que estão sendo igualmente estocados.

Os **falcões** parecem ter momentaneamente compreendido que, em face da **inundação** de petróleo e do baixo consumo, não há como manter os preços em alta. O papel vital no delicado jogo dentro da OPEP depende fundamentalmente da Arábia Saudita. Daí a razão da autoconfiança do Xeque Yamani: depois de meses de caos nos preços do petróleo, seu país parece ter recuperado momentaneamente a chave do controle do mercado e da espiral.

Produzindo atualmente 9 milhões 500 mil barris diários, a Arábia Saudita pode fazer o que nenhum dos outros produtores do Oriente Médio tem condições de realizar: subir ou baixar sua produção sem sofrer prejuízos econômicos consideráveis. Yamani já ameaçou abrir as válvulas dos poços até os 12 milhões de barris diários, caso seja necessário conter os preços, mas poderia igualmente reduzir de uma hora para a outra sua produção para 5 milhões de barris, sem que os campos de produção sofressem graves danos técnicos.

Com o Iraque, por exemplo, a situação não é assim. Os especialistas europeus estimam que esse país, de importância vital para a economia e o abastecimento energético brasileiro, não poderia reduzir substancialmente sua produção sem afetar a rentabilidade dos campos. Essa intenção, de qualquer maneira, não está na ordem do dia do Governo de Bagdá. Pelo menos foi isto o que garantiu o Ministro do Petróleo iraquiano, Abdul Karim, ao JORNAL DO BRASIL, durante a reunião da Argélia. O Iraque deverá acertar seus preços para cima, usando a margem deixada pelo compromisso da última reunião, o que significaria um aumento de uns dois dólares por barril, caso Bagdá explore a partir de julho todo o espaço de que dispõe more.

Quanto ao Brasil, teria de pagar mais por seu petróleo, mas de maneira alguma chegaria aos quatro dólares a mais por barril, conforme o acordo de Argel pode fazer supor.

A retomada da influência da Arábia Saudita no mercado de petróleo não se refere simplesmente ao fator de produção. Yamani disse que acrescentará "um dólar ou coisa assim" no preço nos próximos meses, mas repetiu diversas vezes, em Argel, que ainda não vê motivos para fazê-lo. Junto com os Emirados Árabes Unidos, a Arábia Saudita detém 40% da produção total da OPEP e pode segurar razoavelmente as tendências para cima. A Arábia Saudita está alterando também seus acordos de venda para garantir maior influência.

Até agora, os baixos preços do petróleo saudita favoreceram particularmente os sócios americanos na Arabian American Oil Company (Aramco): Exxon, Texaco, Standard Oil of California e Mobil. As outras **irmãs** não têm alternativa senão comprar o petróleo caro de outros produtores no Oriente Médio para satisfazer sua demanda, e este é um dos motivos por que os **falcões** dos preços puderam segurar suas taxas no alto da tabela. Ocorre que o Governo saudita agora está reduzindo cada vez mais a participação do consórcio Aramco no volume de produção. Segundo publicações inglesas, o quinhão da Aramco no petróleo saudita baixou de 7 milhões de barris no começo do ano para 6,5 milhões.

A Arábia Saudita está preferindo gradativamente fechar contratos diretos com Governos ou seus consumidores, como maneira de ganhar pressão sobre o mercado.

Aumento do aço será parcelado

Brasília — O reajuste do preço do aço, a vigorar em agosto — contra as pretensões da Siderbrás e do IBS (Instituto Brasileiro de Siderurgia) que queriam um novo preço até o fim do mês — poderá ser parcelado em dois aumentos, segundo estudos em elaboração no Ministério do Planejamento, que ainda não decidiu o percentual.

Contra a opção do parcelamento existem problemas de mercado, pois, neste caso, há sempre riscos de um aumento forte na demanda em seguida ao primeiro reajuste, para formação de estoques que evitem novas compras no segundo. Se o IPA (Índice de Preços por Atacado), contudo, permanecer pressionado nestes próximos dois meses até agosto, o parcelamento será inevitável, diante da necessidade de se diluir o impacto do reajuste no IPA, no qual o aço tem peso considerável.

CONVICÇÃO

Segundo técnicos do Ministério do Planejamento, existe a convicção, na SEAP (Secretaria Especial de Abastecimento e Preços), de que os preços do aço se encontram efetivamente comprimidos e de que o setor está, realmente, em dificuldades.

O nível do aumento do preço, porém, irá depender fundamentalmente, de acordo com estes técnicos, do comportamento dos preços dos outros quase 300 itens que compõem o IPA. Se vários deles registrarem declínio até agosto, é mesmo possível que se chegue ao menos próximo da reivindicação da Siderbrás e do IS de uma elevação de 25%.

O Secretário Especial de Abastecimento e Preços, Sr Carlos Viacava, nega-se a comentar a proposta de 25% encaminhada pela Siderbrás e pelo IBS e desmente que estivesse inclinado a conceder 20%. "Estamos vendo o assunto com calma. Agosto não está longe", limitou-se a observar.

PONTO-DE-VISTA

De acordo com o Sr Carlos Viacava, não procedem as queixas do setor siderúrgico segundo as quais foi pequeno o reajuste de 15% concedido aos aços não planos em fevereiro — contra 46% dados aos aços planos — já que este percentual incidiu sobre os preços praticados fora da tabela do CIP (Conselho Interministerial de Preços), o que levou o Governo, inclusive, a punir com corte de crédito oficial através da fiscalização da Secretaria da Receita Federal, no início do ano, 11 siderúrgicas privadas, a maioria do Grupo Gerdau.

O presidente do IBS e do Grupo Gerdau, Sr Jorge Gerdau Johnanpeter, se queixa de que as siderúrgicas privadas estão operando no vermelho, em função de estarem comprimidos os atuais preços de aço, e, para quem duvida da afirmação, sugere verificar os balancetes destas empresas. Ele esteve por duas vezes no Ministério do Planejamento, no espaço de apenas uma semana, entre o final do mês passado e começo deste, para reivindicar um aumento de 25%.

A Siderbrás, por seu turno, argumenta que se o reajuste não for autorizado até o fim do mês, o ritmo das obras da Açominas e de Tubarão poderá ser desacelerado, porque terá que reprogramar seu fluxo de caixa para injetar recursos nas duas empresas, pois ambas, conforme a **holding** estatal, estão operando no limite máximo de geração de recursos próprios.

Salário mínimo não atinge 46% da população

Kristina Michahelles

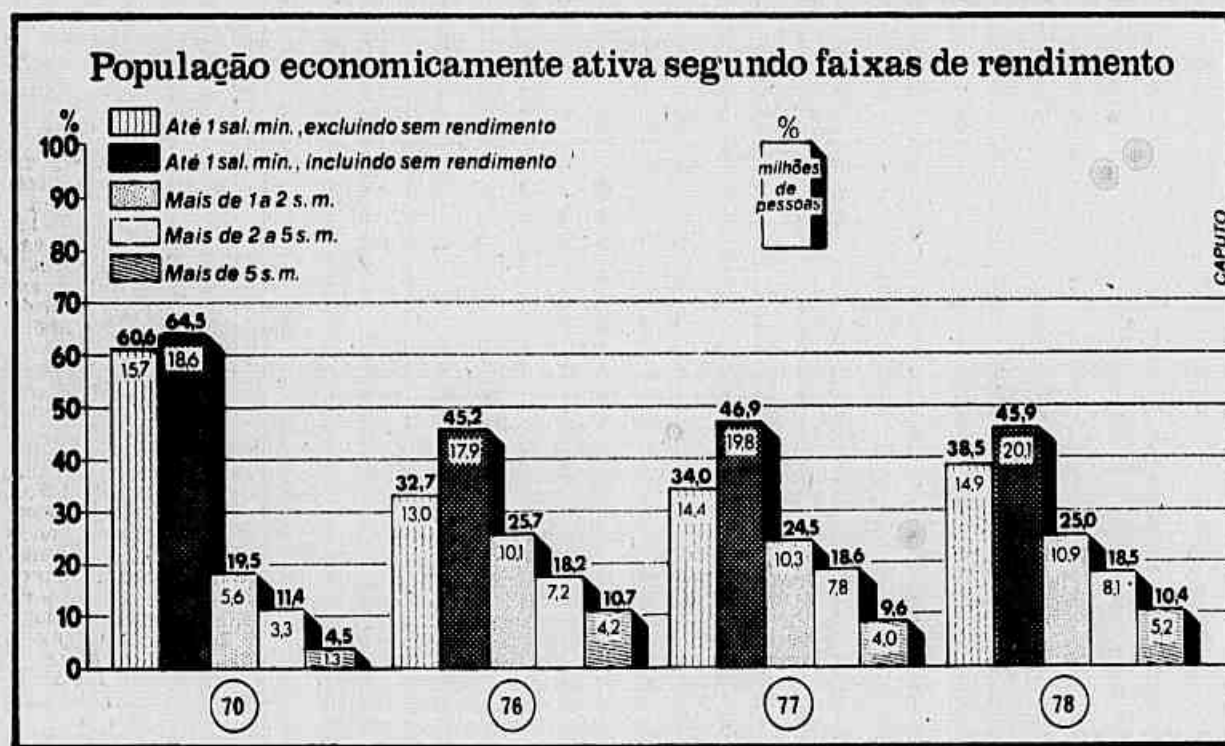
Quarenta e seis em cada 100 brasileiros que trabalham ganham menos de um salário mínimo ou não recebem remuneração. Este dado foi obtido através da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) que o IBGE realizou em 1978 e cujos resultados acabam de ser divulgados. De acordo com este levantamento, uma parcela correspondente a 34% da população economicamente ativa ganhava, neste ano, até um salário mínimo, enquanto 12% não recebiam nenhum rendimento e apenas 10,5% se situavam na faixa acima de cinco salários mínimos.

O conceito de população economicamente ativa utilizado pelo IBGE engloba todas as pessoas que, na época em que a pesquisa foi realizada (22 a 28 de outubro de 1978) estavam trabalhando, tinham emprego mas não estavam trabalhando ou estavam procurando trabalho, tendo ou não trabalhado antes. O fato de que uma parcela considerável da população economicamente ativa não recebe rendimentos explica-se por várias situações particulares, como a do bóia-fria que é contratado junto com mais cinco filhos, por apenas um salário.

A PNAD-78 revela ainda dados surpreendentes relacionados com a participação feminina e infantil na mão-de-obra. Praticamente metade das mulheres que trabalharam em 1978 ganhavam menos de um salário mínimo, enquanto isto só acontecia com 28% dos homens economicamente ativos. Quanto mais alta a faixa de salários, menor é o número de mulheres na população economicamente ativa, deixando claro o desprestígio do trabalho feminino no mercado de trabalho. Enquanto isto, em cada 100 pessoas que trabalham no campo, 12 são crianças entre 10, e 14 anos.

População e renda

Em termos percentuais, os dados referentes à população economicamente ativa de 1978 distribuída entre as diversas faixas de rendimento não deixam transparecer nenhuma alteração significativa em relação aos anos de 1977 e 1976. Quando se passa aos números absolutos, no entanto, o quadro muda. Entre 1976 e 1978, a faixa composta pelas pessoas que ganham até um salário mínimo foi acrescida de um contingente de quase 2 milhões de pessoas, enquanto o total de pessoas nas outras faixas permanece inalterado.

É verdade que, ao longo da década dos 70, o percentual de pessoas que ganham até um salário decresce. De novo ocorre que a população, expressa em números absolutos, não diminui muito nesta categoria de rendimento. Observa-se que, se a percentagem da população economicamente ativa que ganha até um salário decresce de 60,6% em 1970 para 32,7% em 1976, grande parte do contingente passa a ser absorvido pela faixa de 2 a 3 salários mínimos.

Segundo o economista Júlio Sergio de Almeida, da FEA/UFRJ, "os dados evidenciam uma melhoria das condições de rendimento da população nos estratos mais baixos, propiciada pelo crescimento econômico daquele período, a despeito da enorme desigualdade da distribuição dos frutos deste mesmo crescimento". De acordo com Júlio Sergio, neste mesmo período, de 1970 a 1976, o índice de Gini (que varia de zero — perfeita igualdade da distribuição da renda — até 1 — desigualdade máxima) cresceu de 0,55 para 0,59. Ou seja, se as condições de rendimento dos mais pobres melhoraram, as do pessoal que já desfrutava de mais altas rendas aumentou ainda mais.

Quanto aos anos mais recentes — de 1976 a 1978 — o economista da FEA diz observar um "duplo retrocesso, pois volta a crescer, ainda que atenuadamente, o percentual da população na faixa de zero a um salário mínimo, contrariando a tendência da primeira metade da década. E, em termos absolutos, cresce sensivelmente (2 milhões) o número de pessoas nesta mesma faixa!"

Júlio Sergio de Almeida diz que o retrocesso observado no ano de 1977 serve para advertir sobre os efeitos possíveis de uma recessão econômica. "Em 1977, tentou-se agir neste sentido, o investimento público se retraiu e prontamente, a produção e o emprego foram afetados, declinando sensivelmente suas taxas de crescimento." Os dados da PNAD-78 revelam uma melhora em 1978 em relação ao ano anterior, mas que não voltam aos níveis atingidos no ano de 1976.

Um fato interessante, ao se comparar os três anos sucessivos, é o crescimento das pessoas que procuram trabalho tanto em números percentuais quanto absolutos. Em 1976, eram 721 mil só na população economicamente ativa os que procuravam trabalhar passando para 966 mil em 1977 e para mais de um milhão em 1978, sem contar com o grande contingente de desempregados contido na população não economicamente ativa.

Mulher ainda é malremunerada

Ângela R. é professora. Ganha Cr$ 4 mil numa escola em Olaria e completa o seu salário com mais Cr$ 2 mil 100 em outra escola, na Tijuca. Apesar de exercer uma profissão tradicionalmente feminina, Ângela queixa-se das poucas chances que ela e suas colegas têm num mercado onde o homem é sempre favorecido: "Mulher professora, só mesmo no pré-primário e no primário. Quanto mais alto o salário, menos professoras são admitidas. No grande mercado para o ensino, os cursos pré-vestibulares, praticamente não entra mulher."

Assim como Ângela, milhões de mulheres que trabalham sentem diariamente as dificuldades e barreiras num mercado em que seu trabalho ainda é muito pouco valorizado, apesar da crescente participação feminina na população economicamente ativa do país. De acordo com dados do IBGE, esta passou de 17% em 1950 para 18% em 1960 e pulou para 21% em 1970. Em 1976, as mulheres já constituíam 28,7% da população economicamente ativa brasileira. Este número evoluiu para 31,3% em 1977 e 31,4% em 1978.

No entanto, praticamente a metade das mulheres que trabalham (eram 45,4% em 1976, 46% em 1977 e 46,3% em 1978) recebe menos de um salário mínimo. Entre as 13,7 milhões de mulheres que trabalhavam no ano de 1978, havia 6,3 milhões que não ganhavam nem mesmo salário mínimo. Enquanto isto, apenas 601 mil (4,3% de todas as mulheres economicamente ativas) recebiam naquela mesma época mais de cinco salários.

O desprestígio das mulheres no mercado de trabalho fica evidente quando se analisam dados do IBGE referentes à mão-de-obra masculina: ainda que seja uma percentagem alta, eram 28% dos homens economicamente ativos aqueles que recebiam menos de um salário mínimo em 1978. E há outro fato interessante: o acréscimo de quase 2 milhões de pessoas à faixa de até um salário mínimo ocorrido entre 1976 e 1978 foi absorvido mais pela mão-de-obra feminina (mais 1,2 milhão) do que pela masculina (mais 725 mil).

A participação das mulheres na população economicamente ativa vai-se tornando gradativamente menor à medida que aumenta o nível de remuneração. Entre os que ganhavam de um a dois salários mínimos em 1978, havia 8,1 milhões de homens e 2,8 milhões de mulheres. Na faixa de dois a cinco salários, participavam 6,6 milhões de homens e 1,4 milhão de mulheres. Um rendimento acima de cinco salários mínimos era percebido, finalmente, por 4 milhões de homens (13,3% da mão-de-obra masculina) e por apenas 601 mil mulheres (4,3% das mulheres que trabalhavam).

Fenômeno mais grave ainda é, contudo, o alto grau de mulheres que trabalham sem receber qualquer remuneração. Em 1978, segundo a PNAD do IBGE, entre cada 100 mulheres que trabalhassem, 18 não ganhavam nada. No caso dos homens, só nove em cada grupo de 100 se encontravam nesta situação. Segundo a professora secundária Ângela, o mercado de trabalho no Brasil está marcado por centenas de anos de tradição paternalista: "Uma mulher que concorra com um homem por um lugar de trabalho só é admitida se provar que é excepcionalmente melhor".

Foto Martha Lopes Pontes

As crianças entre 10 e 14 anos representam 6,5% da mão-de-obra, quase sempre clandestina

Criança, a mão-de-obra clandestina

Vantuil S. tem 15 anos. Desde os 11, trabalha em obras de construção civil. "Ajudo minha mãe, porque meu pai tá encostado no INPS e não pode mais trabalhar." Já esteve empregado em várias companhias. Numa delas, chegou a receber um salário, carregando sacos de cimento e cascalho das 7h da manhã às 18h. Agora, ele ganha menos, mas não pode parar de trabalhar nem voltar à escola que largou no meio da 2ª série. "Lá em casa, tenho mais cinco irmãos. Sabe como é, a barra não tá fácil."

O Vantuil da obra de uma esquina no subúrbio carioca é um dos milhões de pequenos clandestinos que, espalhados por todo o país, compõem uma parcela considerável da população economicamente ativa. Os dados oficiais do IBGE indicam que a participação de crianças entre 10 e 14 anos na mão-de-obra do Brasil foi de 6,5% em 1978, número considerado alto pelas organizações internacionais. O total de jovens entre 10 e 19 anos representa 22,6% da população economicamente ativa, o que significa que cada quinto trabalhador do Brasil é uma criança ou um jovem.

Vantuil não tem autorização do Juizado de Menores, recebe menos de um salário e trabalha mais de oito horas por dia. De acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho, porém, o trabalho de menores é proibido até os 12 anos. Dos 12 aos 14, ele pode trabalhar, se autorizado pelo Juiz de Menores. Dos 14 aos 18 anos, o menor pode trabalhar sem autorização do Juizado, se o trabalho for interno. Para executar trabalho externo, porém, o menor de 14 a 18 anos também precisa ser autorizado pelo Juiz de Menores. Há até um convênio firmado entre o Juizado e a Delegacia Regional do Trabalho. Uma das condições é que o trabalho do menor não ultrapasse oito horas de trabalho por dia.

Se nas cidades é freqüente ver menores trabalhando nas mesmas condições de adultos, malremunerados e prejudicados em seus direitos de acesso à educação, na zona rural o quadro é desolador. Em cada 100 pessoas que trabalham no campo, 30 são jovens entre 10 e 19 anos. Destes 30, 12 têm entre 10 e 14 anos, segundo os dados da PNAD 1978. A título de comparação: a mão-de-obra de 10 a 19 anos na zona urbana é de 17% da população economicamente ativa.

Enquanto a indústria procura legalizar o salário do menor, visando uma maior absorção desta mão-de-obra para o setor, a agropecuária já emprega grandes contingentes de menores trabalhadores. A maioria destes "bóias-frias mirins" é contratada de forma totalmente ilegal. Segundo o IBGE, o número de menores trabalhando na agropecuária aumentou em 54,5% entre 1970 e 1975. É muito comum fazendeiros e empresas agrícolas empregarem crianças de faixa etária inferior mesmo a 12 anos em tarefas consideradas "leves", o que possibilita uma queda no custo total do trabalho, já que o nível de remuneração desta mão-de-obra é ínfimo.

Vantuil não sabe de estatística, nem nunca ouviu falar de IBGE. "O pessoal novo que chegou aqui me falou que transar emprego tá difícil. Ainda bem que consegui achar a obra. Quem não tem ofício, tem mesmo é que batalhar biscate na feira". Vantuil dá um sorriso e mostra um certo orgulho de se achar empregado. "Pois é, até o fim do ano consigo ganhar salário".

JOVENS DE 10 — 19 ANOS NA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA DA ÁREA RURAL

	Norte Nordeste	C. Oeste	DF	RJ	ES/ MG	SP	Sul
10-19	37,3%	36 %	35 %	33,8%	33,1%	25,5%	25 %
10-14	21,2%	18,9%	20,2%	18,4%	16,8%	15,1%	12 %

Desaquecimento leva empresários a não programar atividades

Milton F. da Rocha Filho

São Paulo — Setores industriais e comerciais importantes sofrerão desaquecimento no segundo semestre e os empresários admitem ser difícil a programação de suas atividades, "e que o Governo deve mostrar a realidade da situação ao país", como afirmou o Sr Cláudio Bardella, do Grupo Bardella.

No setor eletroeletrônico, principalmente de televisores, segundo o diretor de **marketing** da Telefunken, Sr Stephen Berner, a esperança está nas vendas de julho aos argentinos, que deverão retornar ao país em gozo de férias, ou simplesmente para ver o Papa João Paulo II, que estará no Brasil.

A indústria de cimento prevê a falta do produto no mercado no segundo semestre, e o Sr José Ermírio de Morais Filho, presidente do Grupo Votorantin, confirmou a tendência de desaquecimento da economia, e a possibilidade de importanção a cinco a seis dólares o saco de 60 quilos. Uma sensível redução nas encomendas nos meses de maio e início de junho para a indústria de bens de produção mecânicos foi verificada, redundando em queda de investimentos na área industrial. O presidente da FIESP, Sr Theobaldo de Nigris, disse que "o período de readaptação da economia, é extremamente delicado e requer de todos uma atenção especial no sentido de se evitar que os remédios porventura adotados acabem abalando a saúde do paciente".

Nos meios empresariais se sente hoje que há uma torcida geral para que as medidas adotadas pelo Governo resultem positivas, e alguns chegam a dizer, como Antônio Ermírio de Morais, do Grupo Votorantin, que "o Ministro Delfim Neto está fazendo o possível", ou como frisou o Sr Bardella, "não gostaria de estar na pele do Delfim Neto, que está com um prato indigesto. Vamos torcer por ele, para nosso bem".

Numa análise de área por área industrial, verifica-se hoje que alguns setores ainda tenderão a ter faturamento razoáveis no segundo semestre, mas outros, como o da construção civil, dependem das taxas de câmbio e de correção monetária a serem fixadas até julho de 1981, para saber como será o seu crescimento daqui para frente, conforme revelou o Sr Samuel Kon, diretor da Diâmetro Empreendimentos, construtora paulista.

A área eletro-eletrônica sofre uma "operação tartaruga" por parte da Cacex, que antes levava de uma semana a dez dias para liberar guias de importação e agora não o faz em menos de três semanas. Capacitores eletrolíticos e outros componentes para aparelhos eletro-eletrônicos já estão em falta. Nos primeiros cinco meses do ano foram comercializados 490 mil aparelhos de televisão em cores e 620 mil em branco e preto. Nesse último tipo, a demanda foi inferior à necessidade do mercado. As empresas sentiram a falta de cinescópios produzidos em São Bernardo, deixados de fabricar durante a greve dos metalúrgicos.

Essa comercialização significa um avanço de 44% sobre igual período do ano passado. Para o segundo semestre o setor acredita que haverá problemas em relação a falta de recursos para crédito, mas as vendas de julho poderão compensar o setor até o final do ano, principalmente se os argentinos voltarem a comprar como nos três primeiros meses do ano.

Para o diretor de marketing da Telefunken, haverá uma desaceleração na comercialização, mas acredita que os primeiros cinco meses do ano deixam a empresa numa situação razoável. Segundo ele, o preço dos televisores e artigos eletroeletrônicos em geral foi contido pelo CIP, estando hoje abaixo dos índices de inflação. Por isso as vendas foram boas.

Quanto a área de construção civil, os empresários estão preocupados com a prefixação da correção monetária de julho a julho de 1981, pois de maio de 79 a maio de 80 ela foi de 55% abaixo da inflação, o que para eles não foi compensador. "Quem tem prédio na planta eu recomendo que não negocie, pois não é momento. Temos que aguardar o anúncio da correção, para que não quebremos", afirmou o Sr Samuel Kon.

Os empresários da construção civil reclamam do aumento nos preços dos insumos básicos que foram superiores a 100%, descapitalizando as empresas. "Não se quer um superaquecimento, mas um equilíbrio no setor da construção civil, para que não tenhamos problemas como em anos anteriores. Acreditamos que a inflação será contida", disse.

O setor de cimento cresceu entre 7,5% a 8% no primeiro semestre, e a evolução no segundo semestre será menor, admitem os empresários. "É inevitável a escassez de cimento neste semestre. A falta do produto, prevista para 81, ocorreu antes. Já está começando a faltar cimento", afirmou o presidente do maior grupo produtor de cimento do país, o Votorantim.

A única unidade industrial a entrar em funcionamento no segundo semestre, no setor, será a fábrica do Grupo Votorantim no Rio Grande do Sul, com capacidade de produção de 700 toneladas diárias, considerada irrisória dentro da produção anual de 24 milhões de toneladas.

O Sr Ermírio de Morais Filho considera que haverá um desaquecimento na economia, o que atenuará a falta de cimento. Para ele a possibilidade de importação do produto a razão de 5 a 6 dólares a saca, fatalmente ocorrerá.

Na área da indústria automobilística, há contradição sobre crescimento e desaceleração nas vendas. O vice-presidente da Anfavea, Sr Newton Chiaparini, acredita em evolução de 3% do setor, enquanto o diretor de Marketing da Fiat, Sr Alberto Fava, considera viável um decréscimo na comercialização interna ao redor de 40 mil unidades, isto é, de 860 mil unidades comercializadas internamente em 1979, para 820 mil unidades este ano.

Ele atribui isso a falta de crédito que se fará sentir no segundo semestre. O aperto no crédito na área também afetou as vendas de veículos a álcool, que apesar de liberados para financiamentos em até 36 meses, está tendo no mercado um prazo máximo de 24 meses.

O empresário Joseph O'Neil, da Crown e da Prudential-Atlântica (do Grupo Atlântica Boa Vista), considera que a inflação deverá regredir a partir de setembro. Ele foi presidente da Ford do Brasil e considerou que o Brasil fez bem em não negociar sua dívida no Fundo Monetário Internacinal. "Haveria, inevitavelmente, interferência na economia local", asseverou O'Neil, acrescentando que "o aperto no cinto é uma realidade e o crédito interno se mostra escasso".

A área de autopeças está também preocupada com o crédito interno, e as operações 63 já cobram 65% de juros anuais, conforme explicou o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Autopeças, Sr Carlos Fanuchi de Oliveira:

"O setor está experimentando um endividamento alto, o mais alto de sua história, conforme levantamento junto a uma série de empresários. O setor não está investindo. Há uma reserva de **cash** para se ter alguma liquidez futura", concluiu o Sr Fanuchi de Oliveira.

Na área de bens de capital há dois pontos em discussão: o setor de bens de capital sob encomenda tem várias áreas sem pedidos de encomendas desde 1979, como a siderúrgica e a de calderaria em geral. Também não houve definição do 3º Programa Naval; na área seriada, os pedidos que eram bons até maio diminuíram, o que ocorre até agora, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq).

"A culpa não é do Sr Delfim Neto, de que não tenhamos encomendas. A crise vem desde março de 1978, e alertei para o fato de que a situação se tornaria cada vez mais difícil se não houvesse uma definição de programa de investimentos. Não desejamos grandes obras, mas obras que sejam importantes e fundamentais. Há muita coisa a ser feita", afirmou o Sr Claudio Bardella. Para o Sr Einar Kok, "os empresários não investem e deixam de comprar máquinas de bens de produção mecânicos. Eles não investem porque têm necessidade de formar caixa para ter alguma liquidez. É difícil se programar em relação ao futuro".

O setor de bens de produção mecânicos terminou os cinco primeiros meses do ano com uma evolução ao redor de 4,5%. Não deverá repetir o crescimento de 8% do ano passado, assegurou o Sr Einar Kok.

O diretor superintendente do grupo Pão de Açúcar e representante do comércio no Conselho Monetário Nacional, Sr Abílio Diniz, tem a opinião de que haverá um ligeiro desaceleramento nos negócios. Para ele é fundamental que se redirecione o consumo, deixando-se de consumir artigos de luxo que exige importação e ao mesmo tempo se acelere a comercialização de artigos mais populares, "de massa".

"Esse desaceleramento na demanda dos importados é fundamental, e resta saber agora se o Governo está disposto a redirecionar o consumo."

O aperto no crédito ao consumidor, no segundo semestre, não será seletivo, segundo o Sr Diniz, porque atingirá a todos. "Nós, empresários, não podemos nos programar, e isso provoca indefinição. Entretanto há um consenso de que não se pode combater a inflação sem a utilização de uma política monetária".

O Sr Diniz, que realiza estudos profundos sobre a inflação, acredita que dentro de dois meses haverá uma queda sensível nos índices, como resultado da política monetária adotada pelo Governo.

Falecimentos

Rio de Janeiro

Vicente Mercadante de Marca, 83, morte súbita, em casa, em Além Paraíba. Mineiro, industrial, um dos pioneiros da indústria de papel na Zona da Mata. Casado com Ilka Leite Lima de Marca, tinha três filhos: Edmo Lima de Marca (coordenador geral do FGTS do BNH), Maurício Lima de Marca (médico e provedor do Hospital São Salvador, em Além Paraíba) e Wilde Lima de Marca (médico cirurgião e obstetra), e vários netos.

Oswaldo Mendes Ferreira, 76, infarto do miocárdio, em casa, em Ipanema. Carioca, industrial, solteiro, tinha duas filhas: Márcia e Marisa, vários netos. Será sepultado às 9h no Cemitério São João Batista.

Ronaldo Pereira Santana, 43, insuficiência renal aguada, no Hospital da Lagoa. Carioca, comerciário, casado com Olga Nogueira Santana, tinha um filho: Paulo Henrique. Morava em Copacabana. Será sepultado às 10h no Cemitério São João Batista.

Solange Gatto de Carvalho, 68, insuficiência cardíaca, na Casa de Saúde São Sebastião. Italiana, viúva de Francisco Carvalho. Não tinha filhos. Morava no Flamengo. Será sepultada às 9h no Cemitério São João Batista.

Marcelo Portella dos Santos, 16, anemia aguda, no Hospital N. S. do Socorro. Carioca, estudante, era filho de Carlos Alberto B. dos Santos e Beatriz Portella dos Santos. Morava em Vila Isabel. Será sepultado às 9h no Cemitério São Francisco Xavier.

Elma Vieira Machado, 62, parada cardíaca, no Hospital Pedro Ernesto. Carioca, casada com Jorge Calvano Machado. Não tinha filhos. Morava em Benfica. Será sepultada às 10h no Cemitério São Francisco Xavier.

Dilson Castro da Silva, 59, derrame cerebral, no Hospital Universitário. Carioca. Comerciante aposentado, solteiro, morava na Ilha do Governador. Será sepultado às 10h no Cemitério do Caculé.

Leolinda Camargo Pereira, 77, arteriosclerose, em casa, em Madureira. Carioca, viúva de Carlos Pereira Filho. Não tinha filhos. Será sepultada às 9h no Cemitério Parque Jardim da Saudade.

Estados

Neley Lizardo de Souza, 45, de insuficiência respiratória, no Hospital da Puc, em Porto Alegre. Gaúcha de Santana do Livramento, era casada com Nelson Cardoso e tinha dois filhos.

Orlando Ribeiro, 69, de enfarte, em sua residência, em Porto Alegre. Gaúcho de Santana do Livramento, era subtenente reformado da Brigada Militar.

Exterior

Yoshimi Kishi, 79, ataque cardíaco, em Tóquio. Mulher do ex-Primeiro-Ministro Nobusuke Kishi, 84, que exerceu seu mandato de 1957 a 1960 e se retirou da política ativa este ano.

"Mussula" não buscou hospital

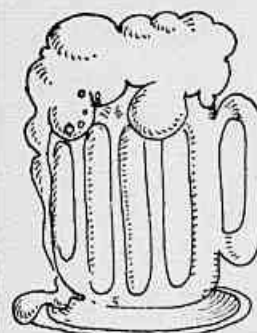
Carlos Alberto Constantino, o **Mussula**, acusado do roubo de Cr$ 1 milhão em jóias da casa da novelista Janete Clair, ferido sexta-feira, segundo a polícia em tiroteio na Favela da Rocinha, não procurou socorro médico em qualquer hospital de pronto-socorro da cidade. Ele estava ferido na cabeça, peito e perna.

Soldados do Destacamento de Policiamento Ostensivo da Favela da Rocinha acham que o assaltante, se ferido, estaria sendo tratado por um dos muitos enfermeiros que moram na favela.

SEM PENSAR

"Qualquer morador, dos muitos que existem aqui, que tenha algum conhecimento de enfermagem, a troco de algum dinheiro e até mesmo para proteger a vida, cuidaria do bandido, sem pensar em conseqüências", afirmou um soldado.

Carlos Alberto Constantino, o **Mussula**, já tem prisão preventiva decretada pela Juíza da 15ª Vara Criminal, acusado de assalto à casa da atriz Marília Pera no final do ano passado. **Mussula**, segundo um policial da Delegacia de Roubos e Furtos, poderia ter sido preso facilmente se os soldados do DPO não tivessem se antecipado à ação da polícia civil.

"Fomos levar aos policiais do DPO a comunicação da decretação da prisão preventiva do assaltante. A turma do Destacamento foi à sua casa, sem precaução. O cerco feito por poucas pessoas permitiu que ele escapasse", afirmou um policial da DRF.

"Estrangulador dos Andes" matou 300 meninas e pode ter pena leve no Equador

Pepe Fajardo
Especial para o JB

Ambato, Equador — O "estrangulador dos Andes" e o "monstro da Colômbia", Pedro Alonso López, acusado de violentar e matar mais de 300 meninas entre 10 e 12 anos na Colômbia, Peru e Equador foi apresentado ontem na prisão de Ambato, uma pacata cidade na serra equatoriana.

Com 31 anos, começou a carreira de crimes aos nove anos, quando roubou uma Bíblia. É acusado também de tentar violar três irmãs e sua mãe. Apesar de todas as provas contra Alonso López, ele poderá escapar a um castigo sério, pois a sentença máxima no Equador para assassínios é de apenas 16 anos.

REAÇÕES DE RAIVA

"Tem de ser enforcado", declarou um homem. "É melhor matá-lo a pauladas", interviu outro. "Eu o despedaçaria", disse furiosa uma mulher. "Acho que a solução é queimá-lo vivo, e com lenha verde", comentou um velho sorrindo maliciosamente, como que saboreando de antemão o espetáculo. "Que lhe arranquem os testículos", sentenciou uma mulher de uns 30 anos, durante o rápido levantamento de opinião que realizei em Ambato.

O "abominável monstro dos Andes" é, aparentemente, inofensivo, um pobre homem, um humilde vendedor ambulante de espelhos, tigelas, laços coloridos, ligas, meias. Na prisão, mostra, no entanto, seu cinismo e explica com frieza seu método:

"Primeiro, percorria o lugar e escolhia a que mais me agradava. Depois, chegava junto dela e lhe perguntava onde ficava a parada de ônibus. Explicava à menina que eu não era do lugar e que não me orientava com as explicações. Então pedia-lhe que me acompanhasse, que me levasse até a parada e que eu lhe pagaria muito bem por este favor. A algumas cheguei a dar 100 sucres (cerca de 200 cruzeiros); à outras presenteava com alguma coisa que eu levava para vender".

As meninas, geralmente muito pobres, recebiam satisfeitas o dinheiro e os presentes. Quando passavam por um lugar ermo, também previamente escolhido pelo assassino, ele dominava a criança e a violentava. Sua carreira de crimes terminou no dia 2 de março último na praça Urbina, de Ambato, quando estava quase seduzindo uma menina de 10 anos. A criança reagiu e, assustada, correu em busca de sua mãe, que começou a perseguir Alonso López. O criminoso foi detido por um homem, alertado pelos gritos da mulher. Ele tentou resistir, mas acabou sendo preso.

Ontem, ele narrou com precisão e abundantes detalhes seus numerosos e horríveis crimes. Apesar do tempo transcorrido, Alonso López recordou detalhes e até datas de seus crimes. "Tenho que me concentrar, porque são muitos os casos e os locais onde enterrei as meninas", disse cinicamente. "Estou cansado. Deixem-me tranqüilo, que localizo-as todas".

Alonso López narrou tranqüilamente seus crimes incontáveis, que se repetiam monotamente dentro do seu **método**: engano, passeio, carícias, violação e estrangulamento das vítimas.

Repetindo que queria ser famoso, o assassino declarou que tinha dados suficientes para escrever um ou talvez dois livros. Finalmente, o **monstro dos Andes**, como o chamam alguns jornais, disse que preferia a morte a ficar preso. "Não sabem do que sou capaz", sentenciou.

Versão mística para a morte de Juninho é desmascarada e caso Cantagalo pode ter fim

O fazendeiro Moacir de Lima Valenti, linchado no dia 17 de outubro, em Cantagalo, não precisava de nenhum supersticioso sacrifício de criança, em ritual de magia negra, para conseguir sua fábrica de cimento. Documentos protocolados no Conselho de Desenvolvimento Industrial, sob o nº 003213, em 28 de junho de 1979, provam que o negócio estava fechado, de acordo com as cartas de confirmação das multinacionais Giltfontein do Brasil e Voest-Alpine.

Decorridos 8 meses da morte do menor Antônio Carlos Guimarães Vieira Júnior, o Juninho, a farsa do misticismo cede lugar à verdade: um inquérito policial mal-feito, depoimentos arrancados sob violência e coação, testemunhas contradizendo declarações anteriores e a constatação de que ninguém pode precisar como morreu o garoto.

FATOS REAIS

A partir do dia 14 de outubro, quando o corpo do menino Juninho foi encontrado, num campo da Fazenda Bom Vale, onde desapareceu no domingo anterior, a linha de condução do inquérito policial e, ainda hoje, do processo criminal que corre na Justiça de Cantagalo, é que o garoto foi seqüestrado e morto num ritual de magia negra. O seu sangue ofertado ao diabo para que o fazendeiro Moacir de Lima Valenti pudesse realizar o sonho de construir sua fábrica de cimento.

Contudo, cerca de 4 meses antes de sua morte, o empreendimento de Moacir Valenti, a futura Cimento Portland Bom Vale S/A já era fato consumado entre ele e os sócios que integrariam a composição acionária da empresa. Através de carta enviada ao Conselho de Desenvolvimento Industrial, do Ministério da Indústria e do Comércio, no dia 27 de junho de 1979, e protocolada no dia seguinte, sob o nº 003213, o fazendeiro submetia aos técnicos daquele órgão o esquema de seu projeto.

Entretanto, o apressado inquérito policial presidido pelo delegado Renato Godinho, titular da Delegacia de Cantagalo, foi conduzido pelo lado místico e sensacionalista das manchetes com fantasiosas descrições de uma **missa negra** rezada ao redor da gameleira existente na porteira da Fazenda Bom Vale, onde mulheres teriam dançado nuas e embebidas em sangue, enquanto inocentes criancinhas eram sacrificadas em oferenda a Lúcifer.

Em nenhum ponto do inquérito há qualquer iniciativa da polícia para investigar as atividades comerciais e industriais do fazendeiro. Senão teria encontrado anexa à sua carta enviada ao CDI uma outra, da Giltfontein do Brasil — Empreendimentos, Administração e Participações Ltda., assinada por Oswaldo de Araújo Souza (diretor-presidente), Ludovic Frindian e Marcelo de Barros Oliveira (diretores), onde não só manifesta a firme decisão de participar da fábrica de cimento, como chega ao requinte de dispensar os recursos do Fibase — Fundo de Desenvolvimento da Indústria de Base.

Linchado antes mesmo de ser ouvido, porque primeiro o delegado Renato Godinho não quis dar importância às ameaças de justiça pelas próprias mãos, e depois não quis arriscar sua vida para garantir as de quem levou para a delegacia, mesmo com o clima hostil reinante em Cantagalo, mais uma vez a bem engendrada versão do ritual satânico, no qual Juninho deu o seu sangue para que Moacir construísse sua fábrica de cimento, sobrepôs-se a mais um fato real: a carta da multinacional Voest-Alpine, também encaminhada ao Conselho de Desenvolvimento Industrial, confimando sua participação acionária no empreendimento.

Morto, juntamente com Arnézio Ferreira, o **Fiote**, o fazendeiro e seu empregado já não se podem defender das acusações que lhes foram imputadas no decorrer do inquérito policial, no qual o apelo à mistificação sobrenatural funcionou desde o "sacrifício diabólico" de Juninho, até a incrível indicação de onde estava a sua ossada, feita "exatamente" por um **vidente**, como relata Everaldo da Silva Pinto (às fls. 76, do inquérito).

Colocada à parte a abstrata versão atribuída ao fazendeiro Moacir Valenti, até agora, já no decorrer da fase de sumário de culpa dos acusados — o pai-de-santo Ajuricaba Coutinho de Souza, Valdir de Souza Lima e Maria da Conceição Pereira Pontes, que negam qualquer sacrifício humano e confirmam, em Juízo, que seus depoimentos foram tomados sob ameaças e violências — ninguém sabe responder, tecnicamente, como morreu o inocente Antônio Carlos Guimarães Vieira Júnior.

Em sua conclusão à Justiça, o delegado Renato Godinho (às fls. 128) refere-se à culpabilidade dos acusados afirmando que "a materialidade está configurada no Auto de Exames Cadavérico e Laudo de Exame de Local de Encontro de Ossada, devidamente **ilucidado** dom fotografias".

O delegado só não elucidou de quem são as fotos de local apensadas aos autos, às fls. 66, 67, 68, 69, 70, 71 e 72, que embora tenham sido coladas em impresso próprio, com o timbre "Estado do Rio de Janeiro/SSP/DTC/Instituto de Criminalística Carlos Éboli", não traz em nenhuma das folhas a data em que foram tiradas, nem a assinatura do fotógrafo policial.

Outras fotos, contudo, coloridas e mais ampliadas que as da "perícia" — até o papel, tamanho e técnica criminal diferem de todo o trabalho que se faz no ICE — foram juntadas aos autos, pelos assistentes da acusação, no dia 10 de junho, quando teve início a fase do sumário de culpa no Forum de Cantagalo.

Tão sobrenatural como o processo, são as indicações feitas nas fotos da "perícia", que nem estão carimbadas pelo "Serviço Fotográfico" do ICE. Anotações feitas a mão, sobre as mesmas, com caneta hidrográfica (o que se constitui em outro mistério, porque não existe essa praxe na perícia) indicam o óbvio, numa panorâmica; ou o imperceptível, como "fios de cabelo", numa foto tirada do mato em preto e branco.

Ainda sobre a materialidade referida pelo delegado, no laudo de encontro da ossada, o perito criminal não soube explicar à Juíza Célia Maria Vidal Pessoa por que concluiu por homicídio. Da mesma forma não disse em que se baseou para afirmar que o cadáver do menino apresentava o crânio esfacelado pela ação de instrumento contundente.

Tempo

As imagens do Satélite Meteorológico SMS são recebidas diariamente pelo Instituto de Pesquisas Espaciais, (INPE/CNPQ), em São José dos Campos (SP). As imagens do Satélite são transmitidas em infra-vermelho. As áreas brancas indicam temperaturas baixas e as áreas pretas temperaturas elevadas. Conhecendo-se a temperatura das áreas brancas e das áreas pretas, pode-se, com uma escala cromática, determinar a temperatura da superfície da Terra, das massas de ar e do topo das nuvens.

A área branca sobre o Oceano Atlântico, estendendo-se desde o litoral da África até o litoral da Venezuela, e prosseguindo pelo Oceano Pacífico, indica a nebulosidade e chuvas associadas à Zona de Convergência intertropical. Uma área branca muito bem definida sobre o Oceano Atlântico estendendo-se até o litoral do Estado do Rio de Janeiro indica a atual posição da frente-fria. Na região Sul do Brasil, o Mato Grosso do Sul, Paraguai, Uruguai, parte da Bolívia e toda Argentina aparecem com uma tonalidade cinza mais claro, mostrando que todo esta área está sobre a influência da circulação da massa de ar polar que acompanha a frente responsável pelo acentuado declínio da temperatura que está ocorrendo. Uma nova frente-fria está localizada na altura da Terra do Fogo, no sul da Argentina.

NO RIO

Rio de Janeiro-Niterói — Nublado ginda sujeito à instabilidade no período. **Temperatura** — Estável declinando gradualmente. **Ventos** — Sul fracos a moderados.
Máxima de 32,5 em Bangu e mínima de 17,2 em Realengo e no Alto da Boa Vista.

O SOL

Nascer	6h31m
Ocaso	17h15m

A CHUVA

Precipitação (mm)

Últimas 24 horas	1.8
Acumulada este mês	20.1
Normal mensal	43.2
Acumulada este ano	310.2
Normal anual	1075.8

O MAR

Marés

Rio/Niterói — 03h43m/1.2m e 10h55m/0.2m
Baixa-mar — 16h23m/1.2m e 23h18m/0.5m
Cabo Frio: Preamar — 03h27m/1.1m e 10h28m/0.1m
Baixa-mar — 16h35m/1.1m e 22h57m/0.5m
Angra dos Reis — Preamar — 02h24m/1.2m e 11h10m/0.2m
Baixa-mar — 14h58m/1.3m e 23h48m/0.4m

Temperaturas

Dentro da baía	21
Fora da barra	21

Mar agitado
Águas correndo de Leste para Sul

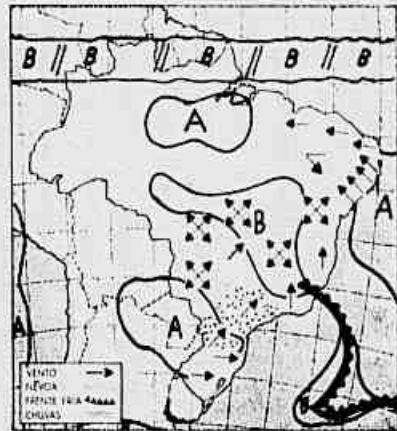
OS VENTOS

Sul fracos a moderados

A LUA

NOVA 20/6 — CRESCENTE 20/6 — CHEIA 28/6 — MINGUANTE 5/7

NOS ESTADOS

Boa Vista — Pte. nub. a nub. Temp.: estável. Ventos: qte. E/fracos. Máxima, 30,3; mínima, 24. **Manaus** — Pte. nub. a nub. c/possíveis pancadas de chv. no período. Temp.: estável. Ventos: variáveis fracos. Máxima, 31,5; mínima, 23,7. **Macapá** — Pte. nub. a nub. sujeito a pancadas no período. Temp.: estável. Ventos: qte. E/fracos. Máxima, 31; mínima, 23,4. **Belém** — Pte. nub. a nub. c/possíveis pancadas no período. Temp.: estável. Ventos: qte. E/fracos. Máxima, 30,8; mínima, 22,9. **S. Luís** — Pte. nub. a nub. sujeito a pancadas no período. Temp.: estável. Ventos: qte. E/fracos. Máxima, 31,2; mínima, 23. **Terezina** — Pte. nub. a nub. Temp.: estável. Ventos: SW fracos. **Fortaleza** — Pte. nub. a nub. sujeito a pancadas de chv. no período. Temp.: estável. Ventos: E/fracos. Máxima, 30,2; mínima, 23,8. **Natal** — Pte. nub. a nub. c/possibilidade de pancadas no período. Temp.: estável. Ventos: qte. E/fracos. **João Pessoa** — Nub. a enc. sujeito a chv. Temp.: estável. Ventos: qte. SE fracos/moderados. Máxima, 28,2; mínima, 21,4. **Recife** — Nub. a enc. sujeito a chv. Temp.: estável. Ventos: qte. SE/fracos/mod. Máxima, 28; mínima, 21,9. **Maceió** — Nub. a enc. sujeito a chv. Temp.: estável. Ventos: qte. SE/fracos/moderados. Máxima, 29,2; mínima, 22. **Aracaju** — Pte. nub. a nub. ligeira possibilidade de pancadas. Temp.: estável. Ventos: qte. SE fracos. Máxima, 27,5; mínima, 21. **Salvador** — Pte. nub. a nub. Temp.: estável. Ventos: variáveis fracos/moderados. Máxima, 27,2; mínima, 21,8. **Vitória** — Nub. sujeito a instab. no período. Temp.: estável. Ventos: Sul fracos a moderados. Máxima, 29,6; mínima, 21,2. **Rio de Janeiro** — Nub. ainda sujeito a instab. no período. Temp.: estável declinando gradualmente. Ventos: Sul fracos/moderados. Máxima, 32,5; mínima, 17,2. **B. Horizonte** — Nub. possível instab. no período. Temp.: estável. Ventos: variáveis fracos. Máxima, 24,2; mínima, 16. **Brasília** — Pte. nub. a nub. Temp.: estável. Ventos: qte. SW fracos. Máxima, 25,5; mínima, 16,8. **São Paulo** — Nublado c/névoa úmida pela manhã. Temp.: em declínio. Ventos: SW fracos. Máxima, 17,3; mínima, 10,1.

ANÁLISE SINÓTICA DO MAPA DO INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. Frente fria c/fraca atividade no Espírito Santo estendendo-se pelo Oceano Atlântico.
Anticiclone polar c/centro de 1024MB localizado a 59ºS e 25ºW.
Anticiclone tropical marítimo c/centro de 1024MB localizado a 12ºS e 33ºW.

Aviso especial — Ocorrência de geadas em geral fracas pela madrugada no Rio Gde. do Sul/Sta. Catarina/Paraná/Mato Grosso do Sul e Alto Paranapanema e Oeste de São Paulo.

Droga dá processo contra Gil

Recife — Com base em parecer do Promotor Francisco Miranda, o Juiz Rilton Rodrigues, da 4ª Vara Criminal, determinou a abertura de inquérito policial, pela Delegacia de Entorpecentes, contra os cantores **Gilberto Gil e Jimmy Cliff**, que se apresentaram num espetáculo dia 28 do mês passado.

A representação foi encaminhada pelo advogado Teócrito Guerreiro, alegando que, ao cantarem a música **Legalize it**, eles fizeram a apologia do consumo de maconha. Para o advogado, a grande influência que cantores como Gilberto Gil e Jimmy Cliff têm sobre a juventude (muitos jovens, segundo ele, fumavam maconha durante o **show**) justifica a ação judicial.

De acordo com a representação apresentada pelo Sr Teócrito Guerreiro, os artistas poderão ser enquadrados nos Artigos 286 e 287 do Código Penal, com pena variável de três a seis meses de detenção, por prática de apologia do crime.

Helicóptero cai ao mar em Macau, na plataforma 2 da Petrobrás, mata 7 e fere 3

Natal — Sete pessoas morreram e três ficaram feridas no acidente, ontem de manhã, com o helicóptero da Aeroleo Táxi, que caiu no mar pouco antes de descer na plataforma Agulha 2, em Macau: a maioria dos passageiros era de funcionários da Petrobrás e outros de empresas que a ela prestavam serviços.

Os tripulantes — comandante João Batista e co-piloto Martins Filho — morreram. Dos cinco passageiros mortos, apenas dois foram identificados: o funcionário da Petrobrás Edson Luís Rodrigues Cerqueira e o da empresa Achulemberger, João Maria David.

Ficaram feridos os empregados da Petrobrás Reginaldo Gomes de Araújo e Averaldo Guilherme da Costa e o funcionário da empresa Engenharia e Consultoria Oseas Seabra de Melo Neto. As buscas para resgate dos corpos continuam.

O ACIDENTE

De acordo com o estagiário Reginaldo Araújo, o helicóptero partiu da plataforma de Ubarana 2 e aterrissou na plataforma 3 para apanhar outros técnicos da Petrobrás, tentando, em seguinda, fazer outro pouso, na plataforma de Agulha 2, quando ocorreu o acidente e a aeronave afundou no mar.

"Quando voávamos da Pub-2 para a Pag-2, o helicóptero apresentou uma zoada estranha. Não vi mais nada. Só sei que apareceu uma bóia bem próxima, à qual me segurei, o mesmo fazendo os companheiros Oseas e Averaldo. Ficamos boiando e fomos salvos por um barco lagosteiro", contou Reginaldo.

O helicóptero da Aeroleo Táxi vinha para Natal, trazendo os funcionários da Petrobrás em folga depois de 15 dias de trabalho na plataforma.

AVISOS RELIGIOSOS

MAURO BARCELLOS

(MISSA 7º DIA)

† Mauro Barcellos Filho, Maria Cristina e filhos; Francisco de Paula de Almeida Nogueira Junqueira, Gilda Beatriz e filhos; Nelson Janot Marinho e seus filhos Pedro, André e Tiago, agradecem às manifestações de carinho e pesar recebidas e convidam parentes e amigos para a missa a ser celebrada em intenção de seu adorado pai, sogro e avô, amanhã, dia 16 de junho, às 19:30hs., na Igreja de São José da Lagoa, na Avenida Borges de Medeiros.

MAURO BARCELLOS

(MISSA 7º DIA)

† Graciema Brasil Martins e filho, Gracilda Brasil, Delphina Brasil, Ruy Marra da Silva, senhora e filhos, convidam parentes e amigos para a missa em memória de seu cunhado e primo MAURO, que será celebrada às 19:30hs de amanhã, dia 16 de junho, na Igreja de São José da Lagoa, na Avenida Borges de Medeiros.

MAURO BARCELLOS

(MISSA 7º DIA)

† Sylvia Maria Monteiro da Fonseca convida parentes e amigos de seu inesquecível MAURO para a missa em intenção de sua alma que será celebrada na próxima 2ª feira, dia 16 de junho, às 19:30hs, na Igreja de São José da Lagoa.

DR. MAURO BARCELLOS

(MISSA 7º DIA)

† Os funcionários da Financial Administradora S/A convidam clientes e amigos de seu saudoso Diretor, Dr. MAURO BARCELLOS, para a missa a ser celebrada em intenção de sua alma, no próximo dia 16 de junho, 2ª feira, às 19:30hs, na Igreja de São José da Lagoa, na Avenida Borges de Medeiros.

ANITA ZONENSCHEIN

Lipa Zonenschein, Abraham Zonenschein e família, Boris Zonenschein e família comunicam o falecimento de sua querida esposa, mãe, sogra e avó. O féretro sairá hoje às 9hs. da Rua Barão de Iguatemi 306 para o Cemitério Israelita de Vila Rosali. RPV 6831.

ROBERTO DE ALMEIDA NEVES

(MISSA DE 7º DIA)

† Breno, Lucio, Magda e Everaldo, Lucilia e Mauricio, Julieta, Eugenia, Eduardo, Bruno, Gabriela e Priscila, agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu querido ROBERTO e convidam para a missa de 7º dia que mandam celebrar em intenção de sua alma, segunda-feira, dia 16 de junho, às 10 horas na Igreja N. S. Bonsucesso, no Largo da Misericórdia.

CARLOS CORRÊA MARINO

(FALECIMENTO)

† A família de CARLOS CORRÊA MARINO, consternada, participa o seu falecimento e convida para seu sepultamento dia 15 de junho, às 15 horas, o féretro sairá da Capela Real Grandeza nº 1 para o Cemitério São João Batista.

JUANITA DE ESCOBAR HEINZELMANN

MISSA DE 7º DIA

† Marilu e Yves Marcel Pinet, Ana Maria e Jenkin Lloyd Jones, Regina e Alfonso Pujol Larre, Marcos, Adriana, Maice, Mônica, Paulo; filhas, genros, netos, convidam para Missa de 7º dia de sua tão querida e inesquecível mãe e avó, que será realizada no dia 16 de junho às 10:30 hs., na Igreja de São Francisco de Paula, no Largo de São Francisco. (P

JUANITA DE ESCOBAR HEINZELMANN

MISSA DE 7º DIA

† A Engevix S.A. lamenta informar o falecimento de D. JUANITA DE ESCOBAR HEINZELMANN, viúva de seu fundador e presidente Dr. Hans Luiz Heinzelmann, e convida para Missa de 7º Dia a ser realizada 2ª feira, dia 16 de junho, às 10:30hs., na Igreja de São Francisco de Paula, no Largo de São Francisco. Antecipadamente agradece aos que comparecerem a este ato de fé. (P

Degallium vence o terceiro páreo em boa atuação

Degallium, por Flash Gordon em Alata, venceu o terceiro páreo da reunião de ontem no Hipódromo da Gávea, assinalando o tempo de 2m02s2/5. para os 2 mil metros em pista de grama leve. J. Queiroz esteve seguro no dorso do pensionista de A. Orciuoli. A segunda colocação pertenceu a Estearol.

A prova especial na distância de 1 mil metros foi ganha por Quenoir (Kamel em Gambuesa), na direção do jóquei Adail Oliveira. O treinador do defensor do Haras Santa Ana do Rio Grande é Alcides Morales. A segunda posição ficou com Shikyn, em forte atropelada final.

Resultados

1º PÁREO — 1300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 68.000,00

1º Tiir, A. Ramos	56	1,30	12	9,00
2º Tanária, G. F. Almeida	56	1,30	13	24,10
3º Hamari, Jz. Garcia	56	11,30	14	22,10
4º Taceiro, A. Oliveira	57	1,30	22	2,60
5º Arpista, J. M. Silva	57	3,10	23	3,20
6º Miss Encerramento, F. Pereira	57	11,30	24	2,20
7º Sarça Ardente, J. Queiroz	56	11,50	33	49,50
8º Vivita, J. Ricardo	57	14,90	34	10,00
9º Aristaretta, G. Meneses	56	4,50	44	25,00

N/C. DUINHA — DIF. — 1/2 corpo e 3 corpos — Tempo — 1'19" — venc. — (2) 1,30 — Dup. — (22) 2,60 — placé — (2) 1,30 — Mov. do páreo Cr$ 629.880,00. TIIR — F. A. 4 anos — SP — Locris e A. A. — criador — Fazendas Mondesir S/A — Propr. — o criador — Treinador — G. F. Santos.

2º PÁREO — 1300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 78.000,00.

1º Uma, J. Malta	55	5,60	11	43,10
2º Ustion, G. F. Almeida	55	8,20	12	16,00
3º Raramente, A. Oliveira	56	14,30	13	6,70
4º Great Cinderella, R Silva	52	21,20	14	9,90
5º Danaraby, J. M. Silva	55	18,90	22	35,30
6º Full Girl, J. Pinto	56	11,90	23	4,80
7º Belle Griffe, G. Meneses	55	1,40	24	10,10
8º Sandoquinha, J. Queiroz	56	10,80	33	4,00
9º Wellcome, F. Pereira	55	23,50	34	1,90
10º Happy Climax, G. Alves	56	17,50	44	13,10
11º Biofette, C. Valgas	56	12,00		

DUPLA EXATA (11-09) Cr$ 62,50 — DIF. — 2 e 2 corpos — Tempo — 1'18"3 venc. — (11) 5,60 — Dup. — (44) 13,10 — placé — (11) 4,00 e (9) 5,40 Mov. do páreo Cr$ 1.305.350,00. UMA — F. C. 3 anos — SP — Royal Orbit e Héspe — criador — Fazendas Mondesir S/A — Propr. — Haras Nacional Treinador — A. P. Silva.

3º PÁREO — 2000 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 69.600,00.

1º Dagallium, J. Queiroz	51	5,90	12	14,60
2º Estearol, J. M. Silva	57	2,10	13	6,70
3º Prthecampthus, A. Oliveira	58	1,90	14	1,40
4º Amazonense, J. Ricardo	54	14,70	23	17,60
5º Sadalgia, J. Mendes	56	17,30	24	14,80
6º Zucaryl, G. F. Almeida	54	4,70	33	30,20

Dif. — 1 e 1 corpo — Tempo — 2'02"4 — venc. — (4) 5,90 — Dup. — (13) 6,70 — placé — (4) 2,20 e (1) 1,50 — Mov. do páreo Cr$ 1.231.910,00. DEGALLIUM — M. C. 5 anos — RJ — Flash Gordon e Alata — criador — Haras São José de Ferreiros — Propr. — Haras Maquiné — Treinador — A. Orciuoli.

4º PÁREO — 1000 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 85 000,00.

(PROVA ESPECIAL)

1º Quenoir, A. Oliveira	59	2,20	12	4,30
2º Shikyn, G. F. Almeida	53	5,50	13	4,80
3º Lil Abner, J. Queiroz	56	15,80	14	2,60
4º Ere Long, A. Ramos	54	13,20	22	25,20
5º Grand Canyon, J. Malta	51	10,90	23	9,20
6º Valêncio, F. Esteves	54	4,30	24	4,80
7º Jamestown, J. Ricardo	53	2,40	33	17,30

N/CM. TUYUPINS e MONTCHENOT. Dif. — 3 corpos e pescoço — Tempo — 58"3 — venc. — (1) 2,20 — Dup. — (12) 4,30 — placé — (1) 1,40 e (4) 2,30 — Mov. do páreo Cr$ 1.364.000,00. QUENOIR — M T 4 anos — RS — Kamel e Gambuesa — criador e Propr. — Haras Santa Ana do Rio Grande — Treinador — A. Morales.

5º PÁREO — 1300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 68.000,00.

1º Cantadora, W. Costa	55	8,40	11	14,60
2º Mandona, G. F. Almeida	57	4,50	12	7,20
3º Amaporã, G. Meneses	57	4,50	13	8,90
4º Piing, F. Pereira	57	3,00	14	3,80
5º Air Galoise, J. Ricardo	57	3,50	23	6,90
6º Frauleín Erika, J. Malta	57	15,90	24	3,90
7º Mabaiba, J. M. Silva	57	6,30	33	17,10
8º Primarera, J. Queiroz	57	18,40	34	3,60
9º Guaúba, J. Pinto	57	19,10	44	5,20

N/C. DASHING GAL.
Dif. — 3/4 de corpo e pescoço — Tempo — 1'19"3 — venc. — (1) 8,40 Dup. — (13) 8,90 — placé — (1) 4,10 e (7) 2,60 — Mov. do páreo Cr$ 1.526.460,00. CANTADORA — F. C. 4 anos — RJ — Quartier Latin e Clementina — criador — Haras Verde e Preto — Propr. — Haras Praça XV Treinador — R. Carrapito.

6º PÁREO — 1300 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 58.000,00

1º Francier, O. Ricardo	57	4,20	11	31,90
2º Sesmo, G. Alves	58	2,60	12	5,60
3º Zé Luis, J. Malta	57	3,70	13	4,70
4º Brigand, J. Pinto	57	13,70	14	2,30
5º Falante, A. Barbosa	56	13,70	22	20,70
6º Gelata, F. Carlos	54	17,00	23	10,40
7º Michel, G. Meneses	58	8,20	24	6,30
8º Imparcial, J. M. Silva	57	3,10	34	4,30
9º Greenness, W. Costa	55	8,20	44	8,10
10º Red Vamp, F. Pereira	57	20,40		

N/C. EXCLUSIVO.
DUPLA EXATA (07-02) Cr$ 24,70 — DIF. — 2 corpos e mínima — Tempo — 1'24" — venc. — (7) 4,20 — Dup. — (14) 2,30 — placé — (7) 1,90 e (2) 1,60 — Mov. do páreo Cr$ 1.512.160,00. FANCIER — M. C. 5 anos — RS — Fanfar e Elosson — criador — Haras do Arado — Propr. — Stud Iamani — Treinador — P. Morgado.

7º PÁREO — 1300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 78.000,00

1º Exciting Girl, F. Esteves	55	5,20	11	47,40
2º Ura, G. F. Almeida	56	7,30	12	10,30
3º Zarina, F. Pereira	55	2,90	13	5,60
4º Edanka, A. Ramos	55	17,60	14	5,70
5º Ussage, J. Pinto	55	3,40	22	35,70
6º Excel Smoke, J. M. Silva	56	4,80	23	6,70
7º Brazilian Rose, J. F. Fraga	56	15,50	24	5,20
8º Biabela, G. Meneses	55	9,30	33	6,80
9º Jesse Jane, F. Silva	56	35,30	34	2,40
10º Belisbebelis, C. Morgado	56	29,60	44	10,40
11º Great Conclusion, R. Silva	53	3,10		

Dif — 1 corpo e 1/2 corpo — Tempo — 1'19" — venc. — (6) 5,20 — Dup. (23) 6,80 — placé — (6) 2,70 e (3) 3,50 — Mov. do páreo Cr$ 1.895.200,00. EXCITING GIRL — F. A. 3 anos — RJ — Caldarello e Caernavon Castle — criador e Propr. — Haras a-Kunhã — Treinador — R. Costa.

8º PÁREO — 1500 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 78.000,00

1º Upset, A. Oliveira	56	9,60	11	46,80
2º Blitzkrieg, G. Meneses	56	2,00	12	3,50
3º Lagos, P. Cardoso	56	3,40	13	18,20
4º Kazan, W. Gonçalves	56	6,00	14	7,90
5º Craguata, J. Malta	54	23,90	22	3,60
6º Favorecido, Jz. Garcia	56	24,30	23	13,10
7º Roadside, J. Ricardo	56	4,50	24	2,70
7º Katmandu, J. R. Silva	56	28,60	33	56,70
9º En Armes, F. Esteves	56	10,30	34	7,20

N/C. MENILMONTANT
Dif. — 3/4 de corpo e 3/4 de corpo — Tempo — 1'35"1 — venc. — (8) — 9,60 — placé — (8) 3,30 e (3) 1,70 — Dup. — (24) 2,70 — Mov. do páreo Cr$ 1.548.610,00. UPSET — M. C. 3 anos — SP — Waldmeister e Lá — criador — Fazenda Mondesir — Propr. — Haras Santa Ana do Rio Grande — Treinador — A. Morales.

9º PÁREO — 1100 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 78.000,00.

1º Buggy, F. Esteves	56	9,50	11	48,40
2º Fino Trato, R. Macedo	56	5,80	12	13,50
3º Gabbler, R. Friere	55	3,30	13	15,10
4º Up Royal, J. M. Silva	55	2,50	14	5,00
5º Bizarro, G. Meneses	56	7,30	22	26,40
6º Brentano, D. Neto	55	3,30	23	9,40
7º Darige, R. Silva	52	19,80	24	3,00
8º Gros Jeu, U. Meireles	55	4,00	33	25,20
9º Espaço Sideral, A. Souza	55	10,20	34	3,60

N/ C. LYRIC
DIF. — 2 corpos e 1 corpo — Tempo — 1'08"4 — venc. — (6) 9,50 — Dup. (33) 25,20 — placé — (6) 3,30 e (5) 3,90 — Mov. do páreo Cr$ 1.391.680,00. BUGGY — M. C. 3 anos — SP — Daddy R. e Xilaria — criador — Haras Eduardo Guilherme — Propr. — Elias Zacaour — Treinador — O. Ulloa.

10º PÁREO — 1300 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 48.000,00

1º Dan August, F. Carlos	58	6,20	11	20,40
2º Kalak, A. Souza	55	8,60	12	3,60
3º Baroness, F. Esteves	54	3,70	13	15,30
4º Rei Sodal, R. Macedo	57	16,90	14	7,00
5º Salsalito, C. Xavier	55	26,90	22	4,60
6º Rayaimo, J. Esteves	57	10,70	23	7,30
7º Inhaco, M. Alves	53	4,30	24	2,60
8º Snow Fate, J. Garcia	58	8,40	34	12,10
9º Armênio, G. Alves	56	3,00	44	6,70
10º Éfiro, H. Cunha	58	12,20		

N/ CM. BABY GIRL e BAGFAIR
DUPLA EXATA (08-03) Cr$ 248,80 — DIF. — mínima e 2 corpos — Tempo — 1'24"2 — Venc. — (8) 6,20 — Dup. — (24) 2,60 — placé — (8) 5,70 e (3) 4,60 — Mov. do páreo Cr$ 1.270.310,00 DAN AUGUST — M. C. 6 anos — SP — Macip e Elane — criador — Agro-Pastoril Haras Itapuí Ltda — Propr. — Sonia Maria da Rocha Dias — Treinador — S. T. Câmara
APOSTAS Cr$ 17 milhões 668

Aporé e Sunset, os melhores do clássico

O clássico João Borges, na milha e meia, é a maior atração da corrida de hoje. Além de ser a prova mais importante, marca a volta de dois animais, Aporé e Sunset, vencedores dos GPs Brasil de 1979 e 1978, respectivamente.

Aporé, depois de reaparecimento vitorioso, foi a Cidade Jardim onde fracassou completamente no GP São Paulo, e Sunset, após sua segunda fratura, volta muito bem preparado. Além deles, Cap Ferrat é um coadjuvante muito importante na carreira.

Os páreos

1º Páreo: Bem colocado na distância, Bi Cobalt deve ser o ganhador da prova, mesmo com a presença de Recuado, que correu menos em sua última apresentação, mas não pode ser desprezado completamente. Outro concorrente que tem chance é Abala, faixa de Recuado.

2º Páreo: Bom corredor na pista de grama, Volcanic tem atuado bem na areia também, podendo ser o vencedor nessa prova equilibrada, que tem em Czar Rurik, Innocêncio, Valdo e Fluster outros animais em condições de vencer a carreira.

3º Páreo: Cada vez mais madura na turma, Tuyutracks pode vencer, mas Janistar pode adiar mais uma vez o triunfo da pensionista de Silvio Morales. Outra concorrente que tem boa dose de chance é a veloz Miss Bagdad.

4º Páreo: Fim de Papo sempre se coloca e chega perto dos ponteiros, podendo vencer agora. Leonino, estreante muito comentado, deve aparecer como um forte rival, principalmente com o bom reforço de Let's Run. Ravano e o estreante Vicio também são perigosos.

5º Páreo: Mais aguerrido do que seu maior rival, Aporé deve vencer a carreira, mesmo assim, Sunset não pode ser esquecido, por se tratar de concorrente de alta classe. Esperando um fracasso dos dois animais, Cap Ferrat tem condições de vencer.

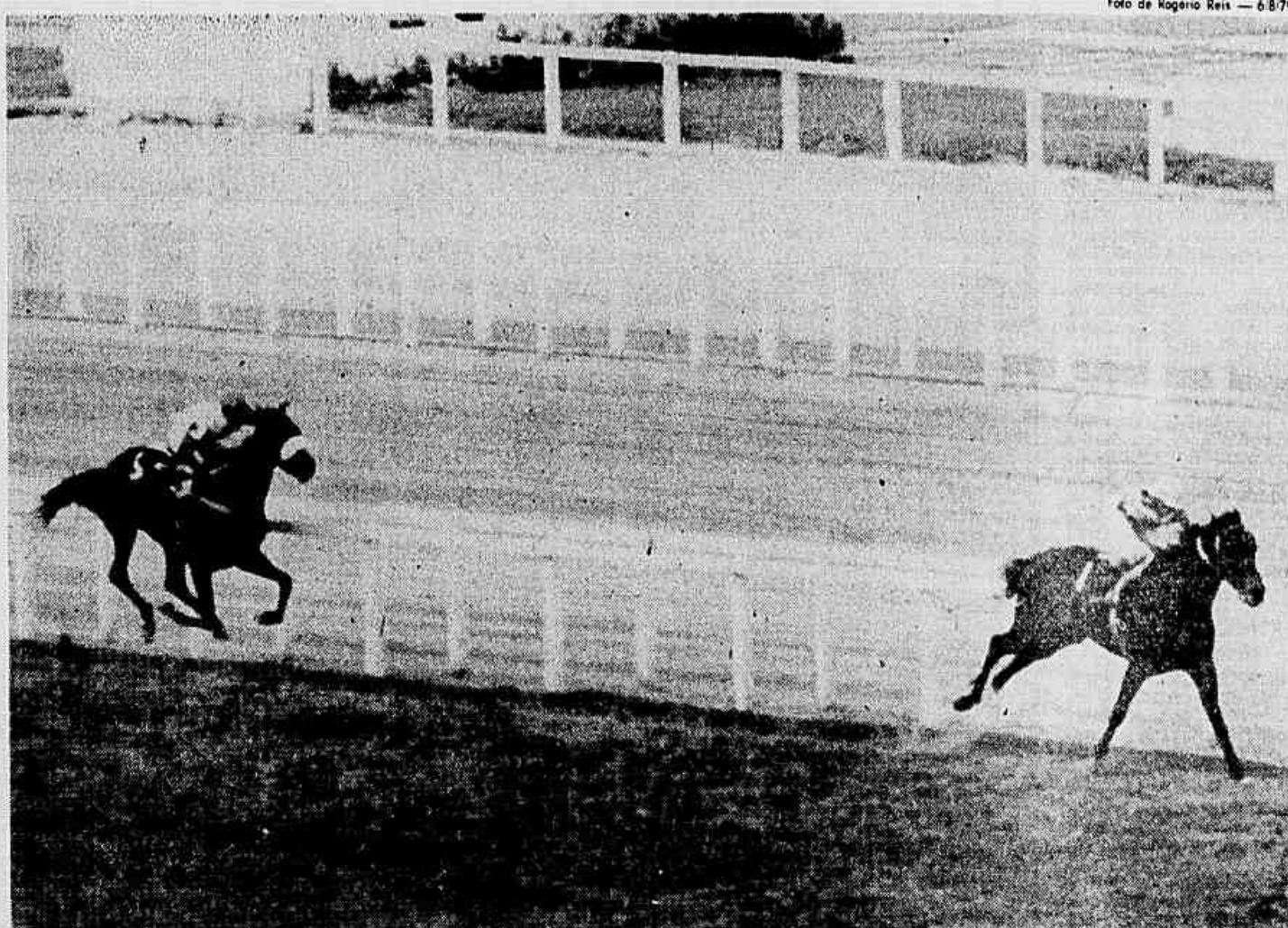
6º Páreo: Bem colocado na milha, Ignoramus não deve encontrar dificuldades de vencer, mesmo com o páreo com muitos concorrentes, já que vinha correndo bem em distância menor. Seus maiores rivais são Wadel, Oleto, Mexican Boy e Marfaci, colocado em turma das mais fracas.

7º Páreo: Dois nomes parecem dominar a carreira, onde aparecem com destaque Royal Chance, vindo de ótima atuação na pista de grama, e Big Passion, que estreou no Rio na areia e o fez com destaque, agora na grama deve correr mais ainda.

8º Páreo: De volta à pista de areia, Rondjar aparece como o maior nome da prova, principalmente na distância de 1 mil 600 metros. Maestreo Pablo, melhor do que em sua vitória em março, aparece como o maior rival. Outros nomes: Clagny, Cabalari e Fine Gold.

9º Páreo: Rafael não teve um percurso dos mais felizes em sua última apresentação e, mesmo assim, terminou no segundo lugar, perdendo por diferença mínima. Corrido com um pouco mais de felicidade será o vencedor. Seu maior rival é, sem dúvida, Duto. Dos outros, pode ser lembrado Frogênio.

10º Páreo: Melhor colocado na distância e vindo de duas boas atuações, Trifle não deve encontrar problemas para vencer essa carreira, que encerra a programação. Na luta pela dupla aparecem Tambi, dependendo de uma boa partida, e Fritz Khan.

Foto de Rogerio Reis — 6/8/79

No final do GP Brasil de 1979, Aporé venceu fácil, com J. M. Silva. Sunset, em atropelada tardia, vem para a dupla

José Camilo da Silva — 7/8/78

Em 1978, Sunset venceu o seu GP Brasil, em recorde

Goncinha vê Cap Ferrat como seu maior rival

"Para mim o inimigo é Cap Ferrat". Com essa frase, até certo ponto surpreendente, Gonçalino Feijó de Almeida explica que não vê em Aporé o rival de sua montaria, Sunset, pois acha que o animal "não é mais o mesmo depois de seu fracasso em São Paulo, inclusive, em seu apronto, que vi, achei que ele chegou mal, sem reservas".

Goncinha continua em suas observações sobre Aporé dizendo que antes ele era um cavalo voluntarioso e que galopa com vontade e que, agora, ele parece "que quer entrar para o chão em cada galão". Não acredito que ele possa ganhar e para mim será "uma verdadeira surpresa".

Sobre Sunset, ele explica que essa corrida é só de preparação para o Grande Prêmio Brasil, e que, apesar do animal estar muito galopado — cerca de três quilômetros diários — ele tem só dois trabalhos em 2 mil metros, o último em 2m54s e aprontou em 1m14s para o quilômetro, sempre sem ser apurado.

— Podem ter certeza de que Sunset não vai apanhar nessa carreira. Se ele vier para ganhar, melhor ainda, mas se o páreo endurecer, eu não vou dar nenhuma chicotada nele. E tem mais, no percurso, correrei sempre por Cap Ferrat, que acredito ser o rival, por estar mais aguerrido.

Sobre o GP Brasil do ano passado, quando Sunset foi derrotado por Aporé, Goncinha explicou que o vencedor teve um percurso muito favorável e entrou na reta de chegada com cinco corpos de vantagem e no disco tinha três. Se o páreo sai mais mexido, acho que o resultado poderia ter sido outro.

Gabriel desanimado lembra GP São Paulo

Gabriel Meneses, piloto de Aporé no clássico João Borges, não parece estar muito animado com as possibilidades do Grande Prêmio Brasil de 1979, pois explica que o animal não correu nada no Grande Prêmio São Paulo, decepcionando completamente.

— Além disso, precisamos ver como ele se comportou com a viagem de volta, que pode ter feito com que ele caísse de forma. Seu trabalho foi muito suave nos 2 mil 400 metros, assinalando 2m55s,e no apronto foi um pouco mais exigido, marcando 1m16s para os 1 mil 200 metros.

Outro fato que preocupa Gabriel é a presença do **runner-up** de Aporé no Brasil de 1979 e ganhador do de 1978, Sunset, que está sendo preparado há muito tempo para reaparecer nessa carreira.

No Grande Prêmio Brasil de 1979, os Haras São José e Expedictus tinham uma parelha, Aporé e Amazon, e Gabriel preferiu a montaria do Amazon, perdendo, assim, a conquista, que ficou para Juvenal Machado da Silva.

— Naquela época, o Amazon estava em forma excepcional e era um ótimo corredor e, assim como Aporé, tinha muitas possibilidades de vencer. Escolhi sua montaria e não fui feliz, pois o páreo saiu completamente favorável a Apore, que correu na frente o tempo inteiro.

Sobre a corrida de hoje, Gabriel explica que, apesar dos fatores contra, não é bom esquecer de que Aporé é um cavalo de classe e que pode superar os fatores negativos e terminar na luta pela vitória.

Além do GP, primeiro páreo é destaque com Bi Cobalt

1º PÁREO — às 14h00 — 2000 metros — Baronius — 2m00s — (Grama)

1—1 Baccio D'Agnolo F. Esteves	1	55					
2—2 Recuado, A. Oliveira	2	55	1º (7) Oxiquito e Tuviento	1600	AP	1m41s	R. Tripodi
" Abala, J. M. Silva	5	55	5º (9) Komm e Da Vinci	1500	AP	1m33s4	A. Morales
3—3 Piccolomonda, A. Ramos	3	54	3º (6) Elois e Bi-Cobalt	2000	GL	2m01s	A. Morales
4 Undalo, G. Meneses	4	55	7º (7) El Rebelde e Match P. Again	2400	AP	2m34s3	N. P. Gomes Fº
4—5 Poto Branco, J. Malta	6	55	1º (14) Undalo e Gregoriano	1600	GL	1m37s	J. Silva
6 Bi-Cobalt, J. Ricardo	7	55	2º (6) Elois e Bala	2000	GL	2m01s	A. Araujo

2º PÁREO — às 14h.30m — 1.500 metros — Stick Poker — 1m29s — (Grama)
DUPLA EXATA

1—1 Hallove, I. Oliveira	1	57	9º (10) Tupiquem e Etanol	1600	NL	1m43s1	J. Borioni
" Pretérito, J. M. Silva	9	56	4º (11) Cafeeiro e Czar Rurik	1400	GL	1m25s3	J. Borioni
2—2 Snow Angel, J. Queiroz	2	56	2º (6) Tamarana e Arupo	1500	GU	1m34s3	J. B. Silva
3 Czar Rurik, A. Souza	3	57	2º (11) Cafeeiro e Clivers	1400	GL	1m25s3	F. Abreu
4 Clivers, J. Ricardo	4	56	3º (11) Cafeeiro e Czar Rurik	1400	GL	1m25s3	R. Nahid
3—5 Innocencio, R. Marques	5	54	3º (9) Saint Soleil e Lumis	1000	NL	1m03s2	A. P. Lavor
" Valdo, A. Ferreira	8	58	3º (9) Decreto-Lei e Volcanic	1600	NU	1m42s4	C. Raso
6 Fluster, G. F. Almeida	6	56	8º (11) Cafeeiro e Czar Rurik	1400	GL	1m25s3	G. Ulloa
4—7 Sator, F. Pereira	7	56	5º (11) Cafeeiro e Czar Rurik	1400	GL	1m25s3	A. Vieira
8 Volcanic, J. Garcia	10	55	2º (9) Decreto-Lei e Valdo	1600	NU	1m42s4	C. Ribeiro
9 Flau, W. Costa	11	56	9º (10) Henevino e Volcanic	1300	NP	1m22s1	R. Carrapito

3º PÁREO — às 15h00 — 1000 metros — Solylux — 56s 2/5 — (Grama)
6º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Epífora, H. Cunha Fº	1	57	9º (10) Linha Reta e Model	1000	NU	1m03s2	H. Cunha
2 Janistar, J. Ricardo	2	57	2º (7) Harpina e Tuyutraks	1200	NL	1m17s	A. P. Lavor
2—3 Leléca, P. Rocha Fº	3	57	6º (9) Devilish Gal e Tuyutraks	1000	NL	1m03s4	J. C. Tinoco
4 Flower Doll, R. Silva	4	57	Estreante —	Estreante —			R. Marques
3—5 Tuyutraks, J. M. Silva	5	57	3º (10) Linha Reta e Model	1000	NU	1m03s2	S. Morales
6 Debelada, R. Marques	6	57	5º (10) Linha Reta e Model	1000	NU	1m03s2	A. P. Lavor
4—7 Miss Bagda, C. Xavier	7	57	3º (8) Grande Paz e Queen Eva	1000	NU	1m03s3	R. Morgado
8 Aguçado, L. Correia	8	57	5º (7) Harpina e Janistar	1200	NL	1m17s	J. Coutinho

4º PÁREO — às 15h30 — 1500 metros — Recorde — Stick Poker — 1m29s — (Grama)
7º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE — INÍCIO DO CONCURSO DE 7 PONTOS
60º ANIVERSÁRIO DA S. CRISTÃ FEMININA R.J.

1—1 Oklir, R. Marques	1	55	6º (7) Vax e Gavião da Gávea	1400	GU	1m26s	A. P. Lavor
2 Fim de Papo, J. M. Silva	2	55	4º (13) Overtown e Villa Royale	1400	GL	1m24s4	S. Morales
2—3 Leonino, J. Ricardo	3	55	Estreante —	Estreante —			W. P. Lavor
Let's Run, J. Queiroz	4	55	5º (13) Overtown e Vila Royale	1400	GL	1m24s4	W. P. Lavor
3—4 Ravano, L. Correa	5	55	4º (7) Vax e Gavião da Gávea	1400	GU	1m26s	J. Coutinho
5 Vicio, G. F. Almeida	6	55	Estreante —	Estreante —			G. F. Santos
4—6 Gran Selenia, J. Mendes	7	55	10º (13) Overtown e Vila Royale	1400	GL	1m24s4	E. Coutinho
7 Veg, U. Meireles	8	55	Estreante —	Estreante —			J. L. Pedrosa

5º PÁREO — às 16h00 — 2400 metros — Lohengrin — 2m25s1/5 — (GRAMA)
8º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE
GRANDE PRÊMIO JOÃO BORGES FILHO

1—1 Sunset, G. F. Almeida	1	61	2º (17) Aporé e Big Lark	2400	GL	2m26s4	G. F. Santos
Quiet Run, A. Oliveira	4	60	4º (8) Iapix e Fanuil	2100	NL	2m14s	A. Morales
2—2 Aporé, G. Menezes	2	60	14º (15) Dark Brown e Big Lark (CJ)	2400	GL	2m27s3	F. Saraiva
Anglicano, J. M. Silva	5	60	1º (5) Jaddo e Barroc	2000	NL	2m07s2	F. Saraiva
3—3 Cap Ferrat, F. Esteves	3	60	2º (7) Aporé e Anglicano	2400	GU	2m28s2	R. Tripodi
4—4 Ornarello, J. Escobar	6	60	7º (15) Dark Brown e Big Lark (CJ)	2400	GL	2m27s1	C. C. Cabral
5 Last Arrow, J. Ricardo	7	60	3º (7) Match P. Again e Elais	2000	GL	2m02s1	L. Acuña

6º PÁREO — às 16h30 — 1500 metros — Tirofogo — 1m31s 4/5 — (AREIA)
9º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE — DUPLA EXATA

1—1 Racerno, F. Esteves	1	57	5º (9) Amazonense e Paulão	1600	AV	1m43s4	Z. D. Guedes
2 Ignoramus, A. Abreu	2	58	4º (13) Estanqueiro e Bororó	1300	NP	1m23s	O. Cardoso
3 Forrage, P. Cardoso	3	58	5º (8) Quick e Embalador	1600	AL	1m43s	C. Ribeiro
2—4 Kassar, A. Souza	4	56	4º (12) Dona Bety e Jeralda	1000	NL	1m03s1	J. T. Ferrão
Wadel, R. Freire	14	56	11º (13) Estanqueiro e Bororó	1300	NP	1m23s	J. T. Ferrão
5 El Passaporte, A. Ferreira	5	57	5º (11) Sadalgia e Zaison	1200	GU	1m14s1	A. P. Lavor
Zaison, R. Marques	11	55	2º (11) Sadalgia e Rien	1200	GU	1m11s1	R. Marquês
3—6 Hugolo, F. Carlos	6	55	6º (13) Estanqueiro e Bororó	1300	NP	1m23s	W. G. Oliveira
7 Oleto, J. Pinto	7	54	4º (8) Quick e Embalador	1600	AL	1m43s	J. L. Pedrosa
8 Paulão, T. B. Pereira	8	57	1º (13) Sesmo e Embalador	1300	NP	1m23s2	P. Duranti
4—9 Embalador, F. Silva	9	57	1º (7) Sesmo e Baroness	1400	AU	1m30s4	H. Cunha
10 Mexican Boy, J. Ricardo	10	57	8º (9) Amazonense e Paulão	1600	AU	1m43s4	L. Acuña
11 Marfaci, J. Ferreira	12	56	1º (4) Kimuki e Niron (BH)	1300	AL	1m27s	A. M. Caminha
12 Kon Ma, W. Gonçalves	13	56	10º (11) Arabianco e Titov	1400	AL	1m31s	E. Coutinho

7º Páreo — às 17h00 — 1400 metros — Il Trovatore — 1m22s2/5 — (Grama)
10º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Royal Chance, J. Ricardo	1	56	2º (13) R. Tuesd e Fil	1300	GU	1m20s2	R. Tripodi
2 Sambarella, J. Esteves	2	56	3º (15) Brulot e Ox-Tail	1000	AP	1m00s4	L. Ferreira
2—3 Utilidade, W. Costa	3	56	7º (11) Ura e Depia	1300	NL	1m22s3	O. J. M. Dias
4 Alef, G. F. Almeida	4	56	8º (9) Full Girl e Sábia Laranjeira	1000	AL	1m02s1	O.M. Fernandes
3—5 Dépia, J. L. Marins	5	56	3º (6) Jesse Jane e Nova Restinga	1600	NP	1m45s3	R. Nahid
6 Bisolem, R. Marques	6	56	13º (13) R. Tuesday e Royal Chance	1300	GL	1m20s2	W. Aliano
4—7 Estévinha, J. Queiroz	7	56	8º (10) Da e On Marche	1000	NL	1m02s4	G. Ulloa
8 Nanf, F. Silva	8	56	6º (13) R. Tuesaday e Royal Chance	1300	GU	1m20s2	A. P. Lavor
9 Big Passion, J. M. Silva	9	56	4º (9) Birbasa e Garion	1400	GU	1m29s3	Z. D. Guedes

8º Páreo — às 17h30 — 1600 metros — Farinelli — 1m37s2/5 — (Areia)
11º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Noleto, J. Ricardo	1	55	4º (4) Arequito e Bravateiro (CP)	1300	AL	1m24s3	W. Meirelles
2 Clagny, J. Queiroz	2	55	4º (9) Al Tevere e Mandona	1400	AP	1m20s4	G. Ulloa
2—3 Rondjar, A. Oliveira	3	57	7º (11) Hester e Turno	1400	GL	1m25s2	W. Aliano
4 Cavalari, R. Macedo	4	57	4º (11) Hester e Turno	1400	GL	1m25s2	E. Coutinho
31/5 Fine Gold, J. M. Silva	5	57	5º (11) Hester e Turno	1400	GL	1m25s2	Z. D. Guedes
6 Altênia, C. Morgado	6	55	9º (9) Fin de Bal e Talanda	1200	AU	1m16s4	C. A. Morgado
7 Rei Bárbaro, M. Vaz	7	56	4º (9) Jaddo e Croix du Sud	1600	NL	1m42s3	L. Acuña
4—8 Maestro Pablo, J. Pinto	8	57	1º (7) Telon e Esquadro	1600	AL	1m43s4	R. Carrapito
9 Calavadós, F. Pereira	9	57	9º (10) Sevens Seas e Talanco	1300	NL	1m21s4	G. L. Ferreira
10 Continente, W. Costa	10	56	3º (10) Seven Seas e Talanco	1300	NL	1m21s4	R. Nahid

9º PÁREO — às 18h00m — 1.000 metros — Tom Sawyer — 1m00s — Areia
12º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Duto, E. Marinho	1	55	3º (10) Estime e Rafael	1000	NL	1m03s4	G. Ulloa
2—2 Rafael, D. Neto	2	57	2º (10) Estime e Duto	1000	NL	1m03s4	J. M. Aragão
Krippo, M. C. Porto	6	55	7º (8) Xarro e Duto	1100	NL	1m10s2	J. M. Aragão
3—3 Dudinha, F. Esteves	3	56	5º (10) Estime e Rafael	1000	NL	1m03s4	C. I. P. Nunes
" Teca, W. Costa	3	55	8º (10) Estime e Rafael	1000	NL	1m03s4	C. I. P. Nunes
4 Pylos, C. Xavier	4	58	7º (7) Amigaço e Helenus	1200	NP	1m18s1	A. Ricardo
4—5 Desdobrado, R. Marques	5	57	6º (10) Estime e Rafael	1000	NL	1m03s4	R. Marques
6 Frogênio, P. Queiroz	7	58	7º (9) Big Horn e Vai à Luta (CP)	1000	NP	1m06s2	H. Peres
7 Air Duke, G. Alves	9	57	3º (5) Merlin e Bull Ton (BH)	1100	AP	1m13s4	R. Nahid

10º PÁREO — às 18h30m — 1.600 metros — Farinelli — 1m37s 2/5 — (Areia)
13º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Tambi, G. F. Almeida	1	55	7º (10) Gaius e Trifle	1300	AP	1m21s2	G. F. Santos
2 Aristeu, P. Queiroz	2	55	1º (8) Tanta e Tachim	1400	GP	1m30s	J. D. Moreira
2—3 Inscrita, J. Queiroz	3	54	5º (8) El Sol e Gapur	1300	NL	1m21s2	A. A. Silva
4 Trifle, G. Meneses	4	57	2º (10) Gaius e Kuki Bar	1300	AP	1m21s2	A. Paim Fº
3—5 Balada, A. Ramos	5	55	7º (10) Grand Ville e L. Simpatia	1300	NL	1m21s	J. M. Aragão
6 Nesbaqui, M. Vaz	6	57	7º (8) Moinhos de Vento e Fadir	1200	AL	1m16s4	N. P. Gomes Fº
4—7 Fritz Khan, C. Morgado	7	55	4º (9) Jamour e Bandair	1300	NP	1m21s1	C. A. Morgado
8 Seven Seas, J. Malta	8	57	1º (10) Talanco e Continente	1300	NL	1m21s4	J. B. Silva

RETROSPECTO

1º Páreo: Bi Cobalt — Recuado — Abala
2º Páreo: Volcanic — Czar Rurik — Valdo
3º Páreo: Tuyutraks — Janistar — Miss Bagdá
4º Páreo: Fim de Papo — Leonino — Vicio
5º Páreo: Aporé — Sunset — Ornarello
6º Páreo: Ignoramus — Oleto — Marfaci
7º Páreo: Royal Chance — Big Passion — Alef
8º Páreo: Rondjar — Maestro Pablo — Cavalari
9º Páreo: Rafael — Duto — Dudinha
10 Páreo: Trifle — Tambi — Fritz Khan

Jack Ickx tenta sua quinta vitória em Le Mans

Roteiro

Water-pólo

O Botafogo manteve ontem a liderança do Campeonato Estadual de Water Pólo Juvenil, para jogadores de até 19 anos, ao derrotar o Fluminense, por 5 a 4, numa partida de excelente nível técnico. Como o Tijuca também venceu (derrotou o Guanabara de 4 a 2), as duas equipes se distanciam bastante do terceiro colocado. No outro jogo de ontem, na piscina do Tijuca, o Flamengo derrotou o Canto do Rio de 7 a 2.

Após a quinta rodada do returno, o Botafogo tem 2 pontos negativos e o Tijuca, único invicto (empatou três vezes e derrotou o Botafogo), está com 3 pontos negativos. O Flamengo ocupa a terceira posição com 9, seguido do Fluminense, com 10, Gama Filho, com 11, Guanabara, com 13, e Canto do Rio, com 16. A próxima rodada será terça-feira, na piscina do Flamengo, com dois jogos: Tijuca x Canto do Rio e Flamengo x Guanabara.

Halterofilismo

Pereira, Colômbia — O brasileiro Erli Júlio conquistou ontem três medalhas de bronze ao conseguir um total de 190 quilos — 80 de arranque e 110 de arremesso — na penúltima etapa do 8º Campeonato Sul-Americano Juvenil de Levantamento de Peso. A Colômbia é a favorita para a conquista do título.

Juan Widemann, da Colômbia, conseguiu erguer 227,5 quilos — 97,5 de arranque e 130 arremesso — numa das provas de ontem enquanto seu compatriota Roberto Escobar ficava com a medalha de prata ao levantar 225 quilos — 95,3 de arranque e 130 de arremesso.

Jogos JB/Delfin

O Campeonato de Judô dos Jogos JORNAL DO BRASIL/Delfin prossegue hoje, a partir das 9 horas, no dojô da Gama Filho, em Piedade, com disputas individuais de lutadores de faixas branca e verde. Na primeira etapa, a equipe da Gama Filho venceu cinco das sete categorias (preta e marrom), assumindo a liderança da competição.

Na etapa de hoje, a segunda, a Gama Filho poderá aumentar ainda mais sua diferença para a segunda colocada, a SUAM, que tem 17 pontos, enquanto a líder possui 114. A equipe da UERJ ocupa a segunda colocação, com 14, seguida da PUC, com 12, Escola Naval, com 6, UFRJ, com 5, Estácio de Sá, com 4, e USU e Castelo Branco, ambas com 1 ponto.

Play-Volley

O vento Sudoeste que soprou ontem na orla marítima obrigou os organizadores do Play-Volley-80 a transferirem o torneio para o próximo sábado. Estavam previstos para ontem 16 jogos de duplas de vôlei deste torneio patrocinado pela Federação Estadual. As partidas seriam na praia de Ipanema, em frente à Rua Montenegro.

O Play-Volley-80 será disputado no sistema de eliminatórias e cada jogo terá apenas dois sets com 10 pontos cada um.

Caça submarina

O vento forte de Sudoeste que encarpelou o mar da área prevista para a disputa da sexta etapa do Campeonato de Caça Submarina do Iate Clube do Rio de Janeiro suspendeu a prova. Com isso, o campeonato ficará reduzido mesmo para as cinco etapas marcadas inicialmente já que a entrega dos prêmios, prevista para o próximo dia 22, não permitirá a disputa de mais uma prova.

A possibilidade de melhora do mar para hoje é muito remota. Por isso, os organizadores do campeonato preferiram reduzir o número de provas do campeonato sem que o resultado final fosse alterado já que valeriam mesmo os cinco melhores resultados de cada caçador.

Pólo

Leões x Globo — às 14 horas — e Puerto Viejo x Tigres — às 16 horas — são os jogos de hoje pelas semifinais do Torneio Plínio de Carvalho Filho de pólo, no campo do Itanhangá. Ontem foram realizados quatro jogos que tiveram como vencedores os Tigres, o Puerto Viejo, o Globo e os Leões.

No primeiro jogo, os Tigres venceram os Trevos por 5 a 4 com gols de Hélio Junqueira (1), Jorge Rangel (4). Armando Klabin e Ronie Ganon completaram a equipe. Pelos Trevos jogaram Daniel Klabin (2), Saul Madeira (2), Luís Carlos Paiva Chaves e Sérgio Coimbra.

Na segunda partida da tarde, o Puerto Viejo recebeu dois gols de **handicap** e venceu os Panteras por 8 a 4 com gols de Carlos Souto (1), Paulo César Tovar (4) e Alejandro Silva (1). Eduardo Junqueira também jogou pelo Puerto Viejo. Os panteras jogaram com o Capitão Bernardes (1), Oldair dos Santos (1), Paul Fernando Marcondes Ferraz (2) e Charles Tang.

O Gibo mostrou mais uma vez que é uma equipe forte no pólo carioca ao derrotar com facilidade o CIG — Centro de Instrução de Gericinó por 8 a 3. Formando com a família Figueiredo — Sérgio (4), Mauro (2), André (2) e Sérgio Júnior — ele venceu o frágil CIG que jogou com o Coronel Cabral, Coronel Zuquim, Major Maranhão (2) e Capitão Chagas (1).

No último jogo, os Leões golearam os Fantasmas por 10 a 5 com gols de Carlos Alberto Pierri (1) — ele substituiu Argemiro Baudson que saiu com suspeita de fratuta do pulso devido a uma bolada — Rafael Silva (5), Eduardo Secco (1) e Hector Silva (3). Os Fantasmas perderam com Antônio Cláudio Bocaiuva (1), Mário Roberto Faria, Capitão Zacharias e Pio Cecotti (1).

Le Mans/Foto UPI

Sob chuva, o inglês John Fitzpatrick largou à frente do pelotão de 55 carros, na 48ª edição das 24 Horas de Le Mans

Le Mans — A chuva não impediu a largada para às 24 Horas de Le Mans, ontem, às 11 horas de Brasília, e o **pole-position**, o norte-americano Dick Barbour, preferiu que seu co-piloto, o inglês John Fitzpatrick, largasse à frente do pelotão de 55 carros, na maioria Porsche. Após duas horas de prova, o francês Bob Wolter já havia assumido a liderança, enquanto Fitzpatrick ocupava a segunda posição.

O veterano piloto belga Jack Ickx, que está tentando fazer o que ninguém conseguiu até hoje, vencer pela quinta vez a prova, largou em segundo mas havia caído para a quinta posição, atrás do japonês Tetsu Ikuzawa (quarto) e do alemão Hans Stuck, o terceiro. O francês Henri Pescarolo, que busca sua quarta vitória, estava em sexto.

SEM FAVORITO

Segundo os especialistas, como estão participando vários pilotos novos e com a vigência da nova regra (os tanques foram limitados a 120 litros de qualquer combustível, o que obriga os carros de maior cilindrada a parar nos boxes a cada 60 minutos) é muito difícil prognosticar quem será o vencedor dessa 48ª edição das 24 Horas de Le Mans.

Ickx voltou às corridas apenas para tentar sua quinta vitória. Pescarolo pretende igualar-se a ele em vitórias. Mesmo assim, a equipe formada por Barbour, Fitzpatrick e Brain Redman parece a mais habilitada à vitória. Babour ficou em segundo ano passado, devido a probelmas mecânicos com seu carro perdendo para os irmãos Whittinhton, dos Estados Unidos.

Os irmãos Dale, Don e Bill Whittington estão correndo esse ano mas não figuram entre os favoritos, já que Bill está com a perna fraturada (acidentou-se em Indianópolis) e em más condições para pilotar. Um dos pilotos que mais atraem atenções é Mark Thatcher, filho da Primeira-Ministra Margaret Thatcher. Entretanto, ele não tem chances de chegar entre os 10 primeiros. A corrida termina às 11 horas de hoje.

Janjão é favorito da Fiat em Guaporé

Guaporé — A 4ª etapa do Campeonato Brasileiro de Fiat 147 será realizada hoje, a partir das 10h30m, no circuito de Guaporé, e o atual líder, o gaúcho Janjão Freire, é o favorito e poderá aumentar sua vantagem para o segundo colocado, o paulista Áttila Sipos, com quem deverá ter bons **pegas** nas três baterias da prova.

Ana Lúcia Walker, única mulher correndo atualmente no Brasil e 10ª colocada no Campeonato, terá nova experiência, já que não conhecia o circuito e seu primeito contato foi nos treinos livres de sexta-feira e oficiais de ontem. Depois de uma excelente estréia, quando se colocou em quinto lugar, em Cascavel, Ana Lúcia se acidentou nas duas provas seguintes e não conseguiu melhorar sua colocação.

A prova será realizada em três baterias, duas de 15 voltas e uma de 20, e além de Áttila Sipos, Janjão Freire tem como principais adversários Luís Paternostro e Murilo Pilotto, este, único carioca colocado entre os cinco primeiros.

A CLASSIFICAÇÃO

		pontos
1.	Janjão Freire (Jardin Itália)	35
2.	Áttila Sipos (Five Stars)	27
3.	Renato Conil (Jardin Itália)	25
4.	Murilo Pilotto (Kitok/Metropolitano)	24
5.	José Coelho Romano (Funcional/Camargo)	22
6.	Luís Paternostro (Five Stars)	20
	Aroldo Bauermann (Sbardecar/Zaluski)	20
8.	Hélio Matheus (Itaveno/Porto Seguro)	12
9.	Marcos Troncon (Funcional/Camargo)	10
10.	Ana Lúcia Walker (Milano/Socorro)	8

Alencar sai na frente na prova de "stock cars"

São Paulo — Com o tempo de 3m23s72, o piloto goiano Alencar Júnior conseguiu colocar-se na **pole-position** para a largada, às 10 horas de hoje, no Autódromo de Interlagos, da 4ª etapa do Campeonato Chevrolet Stock Cars, cujo líder é Ingo Hoffmann, também favorito para a prova de hoje, já que se colocou em segundo, com o tempo de 3m25s96.

O tempo de Alencar Júnior é 7 segundos abaixo do recorde da pista (3m30s93), obtido por Raul Bossel. O tempo de Ingo causou muita surpresa entre os membros de sua equipe, que ficaram admirados com a **performance** de Alencar Júnior, que com a **pole-position**, já obteve mais 3 pontos e ficou apenas a 10 do líder.

A prova será disputada por 27 carros e deverá ser uma corrida de grande disputas pelo clima de rivalidade em que foram feitos os tempos ontem, principalmente entre Alencar Júnior, Ingo, Affonso Giaffone, Zeca Giaffone e Paulo Gomes, todos pilotos experientes e que fizeram uma classificação muito equilibrada.

A programação consta de duas baterias, de uma às 10h e outras à 13h. No intervalo haverá várias atrações para o público e a melhor delas será a prova de trombadas, além de uma corrida para pilotos estreantes e novatos.

A CLASSIFICAÇÃO

1.	Alencar Júnior (Record/ Jorlan)	3m23s72
2.	Ingo Heffmann (Grand Prix/ Pompéia)	3m25s96
3.	Affonso Giaffone (Valvoline)	3m26s29
4.	Zeca Giaffone (Valvoliné)	3m26s99
5.	Paulo Gomes (Coca-Cola/Diaso)	3m27s23
6.	João Capeta Palhares (Laureano)	3m27s89
7.	Reinaldo Campello (TV Bandeirantes)	3m28s46
8.	Valtenir Spinelli (Record/Jobi)	3m28s47
9.	Luís Pereira (Abaeté/Barf)	3m29s07
10.	Antônio Castro Prado (TV Bandeirantes)	3m29s32

César Braga cai da moto e fica ferido

Um acidente sem consequências graves para o piloto César Augusto Braga, que sofreu escoriações nas costas e pernas, e o tempo de William James, o Cabelinho, marcaram os treinos de ontem, no Autódromo de Jacarepaguá, para determinar o **grid** de largada para a segunda etapa do Campeonato Estadual de Motociclismo, hoje, à partir das 10 horas.

Cabelinho, campeão carioca da temporada passada, obteve ontem o tempo de 2m29s, ficando com a **pole-position** da categoria 125cc e sua marca foi igual à de Sérgio Setembrino, que largará em primeiro na categoria de 350 a 400 cilindradas. Paulo Bico Pessoa fez o melhor tempo da categoria 350 Especial, 2m29s12, porém inferior ao de Cabelinho.

O piloto César Augusto não poderá participar da prova, pois, além de estar com as pernas enfaixadas, danificou sua moto. Ele perdeu o controle quando saia da Curva Pace e caiu, sem prejudicar o treino da categoria 350 a 400 cilindradas. César também sofreu luxação nos ombros.

Adílson larga tudo para se dedicar à Seleção nos Jogos

Solon Campos

São Paulo — *Só jogo numa equipe bem estruturada, não sei jogar em peladas. Nem todos os atletas podem treinar 40 dias seguidos, servindo à Seleção Brasileira. Eu, por exemplo, não sou favorecido financeiramente e tenho que cuidar da vida, sustentar a família. Disse a Mortari que não quero chocar minha filosofia, mesmo porque jamais mudaria de personalidade".*

Acusado de indisciplinado, irresponsável e criador de casos, Adílson, um dos melhores jogadores do basquetebol brasileiro na atualidade, voltou à Seleção para disputar os Jogos Olímpicos de Moscou, depois de ficar fora da equipe no Torneio Pré-Olímpico, no qual o Brasil não conseguiu classificação mas acabou favorecido pelo boicote de alguns países às Olimpíadas. Personalidade forte, ele acusa os ex-técnicos Édson Bispo dos Santos e Ari Vidal de incompetentes:

— Édson levava seus problemas particulares para dentro da quadra. Marcava um treino no Clube Monte Líbano, às 20 horas, e depois queria que todos jantassem juntos. Ora, eu achava isso tudo errado, mesmo porque morava em Goiânia, precisava dar assistência à minha família. Além disso, depois de perceber que ele iniciava os treinos sempre depois do horário estabelecido, passei a chegar atrasado. Ari me decepcionou como homem. Falava com ele apenas profissionalmente.

Divergências

Ao falar do técnico Ari Vidal — a quem Cláudio Mortari substituiu na Seleção Brasileira — Adílson mostra-se mais revoltado ainda. Diz que com ele também não chegava na hora do início dos treinamentos por motivos particulares e que este procurava ignorá-los, o que não acontecia com outros jogadores que tinham comportamento idêntico:

— Certa vez Ari levou a Seleção para concentrar em Ribeirão Preto, no hotel Holiday-Inn. Na minha opinião, não havia necessidade disso, poderíamos ficar num lugar mais simples. Como eu morava em Goiás e precisava resolver alguns problemas de família, pedi para me apresentar dois dias depois e ele não aceitou. Achava que o jogador tinha de servir à Seleção de qualquer maneira.

— Uma ocasião, quando estávamos no exterior, Ari Vidal reuniu alguns elementos mais velhos para criticar os mais novos. Ora, um técnico de personalidade tem de se impor, dar as ordens. Lembro-me de um colega que chegou atrasado e Ari queria dispensá-lo e pediu minha opinião. Eu lhe disse que esse era um problema dele, que eu jamais serviria de escudo para prejudicar os outros.

— Trabalhei com Kanela na Seleção e não tive qualquer divergência. No Francana, onde joguei durante muito tempo, não tive nenhum problema com o Pedroca. Somente com esses dois, Édson Bispo e Ari Vidal, surgiram desentendimentos. Este último gostava inclusive de ser badalado, mas eu o tratava secamente e talvez por isso fosse discriminado.

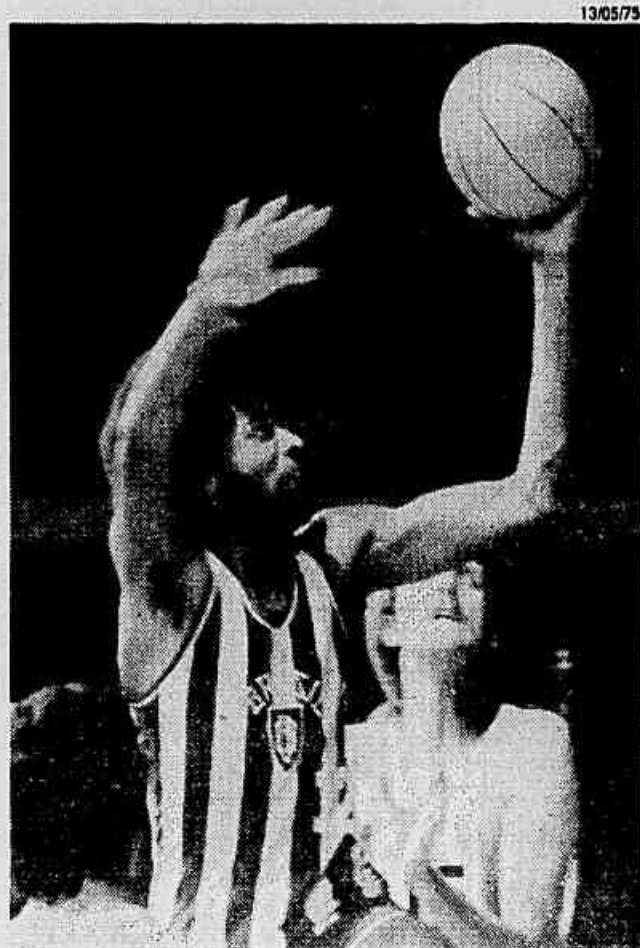
Dez anos servindo à Seleção Brasileira, Adílson ficou decepcionado com a sua exclusão da lista dos convocados para o Torneio Pré-Olímpico, disputado recentemente em Porto Rico. Mas ele alega que já temia por uma decisão dessa natureza, devido a fama de indisciplinado que ganhou por causa das divergências surgidas com Édson Bispo dos Santos e Ari Vidal:

— Eu me preparei bastante, estava bem e achava que seria convocado. Mas o critério de escolha e do técnico. Só que fiquei realmente chateado, ainda me sinto magoado. Agora, para atender a convocação, não medi esforços: me licenciei de meu emprego de coordenador de esportes do Estado de Goiás e deixei minha esposa grávida de quatro meses.

Adílson diz que a Seleção foi muito bem preparada para o Pré-Olímpico, mas lamenta a derrota para a Argentina, lembrando que em quatro jogos que disputou

São Paulo/Foto de José Carlos Brasil

Adílson acha indispensável o jogo de conjunto...

13/05/75

...embora tenha uma técnica individual indiscutível

contra os argentinos pedeu dois. Para ele, houve excesso de confiança, os jogadores achavam que o adversário seria fácil e acabaram surpreendidos:

— Poderíamos até perder para a Argentina, mas não por uma diferença de 20 pontos. Argentinos e mexicanos eram as "zebras" do torneio. Faltou sistema de contra-ataques à Seleção Brasileira que, como geralmente acontece, se limitou ao plano individual. Um time de basquete precisa atuar sempre em função do conjunto. Se eu fosse escolher os melhores jogadores do Pré-Olímpico, apontaria três do Brasil, mas, no conjunto, nenhum entraria na minha lista.

Um maior revezamento durante as partidas, com o aproveitamento constante dos jogadores considerados reservas, é, na opinião de Adílson, muito importante:

— Numa seleção não tem reservas nem titulares, cada jogo é uma filosofia. Sem querer entrar no mérito do trabalho de Mortari, eu, se fosse o técnico, entraria na quadra com um time forte: Oscar, Gílson, Vágner, Marcelo Vido (Robertão), Fausto (Carioquinha). Marquinhos e Marcel entrariam depois, pois eles são mais ofensivos. Os mais novos devem ser aproveitados, porque passam a ganhar experiência e responsabilidade. Nas Olimpíadas, devemos utilizar vários tipos de marcação: 1-2-2, 1-3-3, pressão por zona e outros.

Cláudio Mortari diz que não convocou Adison para o torneio Pré-Olímpico por motivos disciplinares e também porque o jogador não parecia em sua melhor forma. Depois, com a disputa do recente Campeonato Sul-Americano, na Colômbia, o técnico decidiu chamá-lo para as Olimpíadas, levando inclusive em consideração sua grande experiência:

— Como ele foi um jogador-problema, dispensado sempre por falta de apresentação, achamos por bem não convocá-lo. Os treinadores que trabalharam com Adílson nunca puseram em dúvida suas qualidades como atleta, mas fizeram restrições à parte disciplinar. Fizemos uma somatória, incluindo também a parte física e tomamos aquela decisão.

— Mas agora, quando ele disputou o Sul-Americano, jogando pela Francana, notei que foi muito bem. Conversamos, eu lhe expliquei como costumo trabalhar e, quando preparei a lista das convocações, incluí seu nome. Até porque o momento e de somar e vale a pena tentar mais uma vez com ele.

Essa é a primeira vez que Mortari e Adílson trabalham juntos. O técnico acha o jogador muito bom, especialmente no setor defensivo, e lembra uma frase de Adílson, na conversa que ambos tiveram na Colômbia: "Está ficando difícil eu explicar por que fiquei fora da Seleção", afirmara o atleta.

— Tive uma conversa franca com Adílson, fiz ver a ele por que não o convoquei para o Torneio Pré-Olímpico. Agora é importante fazermos um trabalho de equipe, sem problemas disciplinares.

Aos 28 anos, 1,95m de altura, Adílson de Freitas Nascimento tem, com Mortari, nova chance na Seleção Brasileira, a qual serviu durante 10 anos. De origem pobre, ele lembra que não teve condições de fazer estágios na Europa ou nos Estados Unidos, como muitos jogadores hoje famosos:

— Comecei tarde, com 16 anos, quando a idade ideal é 10, como geralmente acontece com muitos garotos. Eu poderia ser hoje um jogador mais técnico se tivesse saído do Brasil para jogar no exterior por alguns anos. Meu negócio é bater para dentro, não gosto de arremessar, preciso de espaço para isso. Era o que eu sempre explicava a Ari Vidal e ele nunca entendia. Não sou jogador que depois do jogo vá olhar na súmula quantos pontos fez. Não aceito isso. Basquete é conjunto, empenho de todos. É isso que procuro transmitir aos meus alunos do infanto e infantil, do Jóquei Clube de Goiás. E lá não existe indisciplina. Porque não há motivos para isso.

Canadá vence Mundial de Iatismo e Brasil é 35º

Foto de Delfim Vieira

Ricardo Rossi está entre os cinco primeiros da categoria scratch *mas tem poucas chances de chegar ao título do torneio*

Malmoe, Suécia — Os canadenses Terry McLaughlin e Evert Bastet ganharam ontem o Campeonato Mundial de Iatismo classe Flying Dutchman ao conseguirem o oitavo lugar na sétima e última regata, vencida por Donald Wilkins, da Irlanda. Ronald Conrad e Manfred Kaufman, que representarão o Brasil nos Jogos Olímpicos de Moscou, ficaram num modesto 35º lugar com 203 pontos perdidos.

McLaughlin perdeu apenas 23,6 pontos. O vice-campeão foi o alemão ocidental Albert Batzill que teve como companheiro seu irmão Rudolf. Eles perderam 40 pontos contra 47,1 do terceiro colocado, Jorg Diesch, também da Alemanha. Os campeões de 79, Marc Bouet e Thierry Piret, da França, acabaram o campeonato em quinto lugar.

A classificação final do campeonato foi a seguinte: 1. McLaughlin (Canadá), 23,6 pontos; 2. Batzill (Alemanha Ocidental), 40; 3. Diesch (Alemanha Ocidental), 47,1; 4. Abascal (Espanha), 49,3; 5. Bouet (França), 54,7; 6. Blake (Inglaterra), 81,2; 7. Chapelin (França) 81,4; 8. Haase (Alemanha Ocidental), 88; 9. Vollebregt (Holanda), 90; 10. Eich (Alemanha Oriental).

CLASSE STAR

Em La Rochelle, França, foi encerrado ontem o Campeonato Europeu de Iatismo classe Star. A dupla campeã, Hagan e Hosch, da Alemanha Ocidental, ficou em terceiro lugar na sexta e última regata do torneio, vencida pelos soviéticos Mankin e Muzychenko.

Os vice-campeões foram esses soviéticos, com 21 pontos perdidos — Hagan e Hosch perderam 18,7 — e em terceiro classificaram-se os italianos Gorla e Peraboni, com 37,1.

Participaram do campeonato 46 barcos e em quarto lugar ficaram os italianos Fravezzi e Dalvitt — 44 pontos — empatados com os holandeses Binkhorst e Vandenberg. Em sexto lugar ficaram os alemães ocidentais Griese e Homeyer — 60,4 pontos — seguidos pelos suíços Vuither e L'Huillier — 61,7 — e pelos espanhóis Gorosteguy e Benavides — 67,7.

Em Helsinqui, prosseguiu ontem o Campeonato Europeu da classe Finn, disputado na baía dessa cidade, com a realização da quinta regata. O vencedor foi o espanhol José Luís Doreste. Em segundo lugar ficou o norte-americano Bertrand, seguido do inglês Law, do alemão oriental Schomann e do sueco Liljegren.

NO IATE

O Iate Clube do Rio de Janeiro promove hoje, com largada às 9h50 no Morro da Viúva, a Regata Ninotchka, para barcos da classe Star.

Itália enfrenta Inglaterra em clima policial

Turim — Com um esquema de segurança especial, Itália e Inglaterra se enfrentam hoje, às 20h45m (15h45m de Brasília), nesta cidade, pelo grupo 1 da Copa Européia das Nações. Há grande expectativa em torno do jogo, decisivo para as pretensões das equipes, mas a grande preocupação é em relação ao comportamento da torcida inglesa, que na quinta-feira criou um grande tumulto durante o jogo Inglaterra x Bélgica.

Os times devem começar com: **Itália** — Zoff; Gentille, Collovati, Scirea e Cabrini; Oriali, Tardelli e Antognoni; Causio, Graziani e Bettega. **Inglaterra** — Clemence; Neal, Sansom, Thompson e Watson; Johnson, Wilkins e Keegan; Coppell, Brooking e Woodcock.

Pelo mesmo grupo, em Milão, jogam Espanha e Bélgica, com início previsto para as 17h45m (12h45m de Brasília). Os times prováveis: **Espanha** — Arconada; Gordillo, Miguelli, Alesanco e Tendilo; Saura, Asensi e Zamora; Juanito, Quini e Satrustegi. **Bélgica** — Pfaff; Garets, Luc Millecamps, Meeuws e Renquin; Cools, Vandereyvken e Mommens; Van der Elst, Vanderbergh e Ceulemans.

GRUPO 2

Enquanto no grupo 1, todas as equipes mantêm possibilidades idênticas de chegar à final, no grupo 2, a Alemanha Ocidental está praticamente classificada, depois da vitória sobre a Holanda por 3 a 2, ontem, em Nápoles, num jogo que serviu para apagar a má impressão deixada até então pelos times envolvidos na competição européia.

O ponta-esquerda Allofs fez os três da equipe alemã, que chegou com facilidade aos 3 a 0, mas cedeu um pouco, sofreu dois gols — Rep, de pênalti, e Willy Van der Kerkoff — e teve de se precaver para sustentar a vantagem.

O juiz foi o francês Wurtz e os times formaram assim: **Alemanha** — Schumacher, Kaltz, Dietz, Briegel e Karl Foster; Mattahns, Stielike e Hansi Mueller; Ben Foster, Rummenigge e Allofs. **Holanda** — Schirjvers, Wijnstekers, Krol, Haan e Van der Korput; Hovemkamp, Stevens e Willy Van der Kerkoff; Nanninga, Kist e René Vander Kerkoff.

Em Roma, ainda pelo grupo 2, a Tcheco-Eslováquia derrotou a Grécia por 3 a 1, gols de Panenki, Anastapoulos, Vizek e Nehoda. Os times: **Tcheco-Eslováquia** — Seman. Barmos, Jurkemik, Ondrus e Goegh; Kozak, Panenki e Masny; Vizek, Berger e Nehoda. **Grécia** — Konstantinou, Kyrastas, Jossifides, Kapis e Firos; Livathinos, Terzanidis e Kouis; Anastopoulos, Kostikos e Mavros.

Caio salta muro de 2m e vence Hipismo em Brasília

Brasília — Em sensacional decisão, que emocionou o bom público presente ao Estádio Rogério Pithon Dias, o paulista Caio Sérgio de Carvalho, montando Donatello, saltou um muro de dois metros e venceu a prova de Potência, principal da tarde de ontem do Torneio Haras Pioneiro que se realiza nesta Capital. A carioca Cláudia Itajahy, com Mar Sol, ficou em segundo, seguida do brasiliense Vitor Alves Teixeira, com Marfinitti, pelo carioca João Alberto Malik de Aragão, com Tabac Blond, e pelo paulista José Roberto Reynoso Fernandes, com Noa Noa.

Na prova da série preliminar — obstáculos a 1,40m x 1,80m, tabela A, ao cronômetro — mais uma vez os cariocas se destacaram. João Alberto, montando Paxá, ficou com o primeiro lugar, pois não perdeu pontos no tempo de 81s4. Em segundo lugar ficou Cláudia Itajahy, com Mar Calmo — 0 em 90s5 — seguida do brasiliense Vitor Alves Teixeira, com Skorpius — 4 pontos em 77s36 — do paranaense Justo Albaracin, com Discutido — 4 em 82s35 — e dos brasilienses Antônio João Azambuja, com Black Fire — 4 em 82s28 — e Vitor Alves Teixeira, com Gin Fizz — 8 em 90s8.

O torneio encerra-se hoje com a disputa de mais duas provas: a primeira, da série preliminar, terá obstáculos a 1,40m x 1,80m, tabela C e a segunda será um Grande Prêmio, com dois percursos a 1,50m e 1,60m. Participam deste torneio os principais cavaleiros do Rio, São Paulo, Brasília, Paraná e da Comissão de Desportos do Exército e vão ser distribuídos prêmios no total de Cr$ 200 mil.

NOVOS DO MARAPENDI

O Fazenda Clube Marapendi realizou ontem a primeira etapa de seu 2º Torneio de campeonatos por séries. Foram disputadas provas para os alunos das escolinhas de equitação do Rio, para cavaleiros novos e seniores série intermediária, além de uma prova omnia.

Bruno Sá, com **Yorkshire**, foi o vencedor da prova para alunos das escolinhas. Em segundo lugar ficou Roberta Sá Mota, com **Ultimatum**, seguida de Cristina Osward, com **Oberon** e Carlos Itoshi de Castro, com **Manitu**. A prova de seniores novos foi vencida por Lúcia Delamare Leite, com **Flick**. O segundo lugar ficou com Jorge Augusto Ichaso, com **Brahma**, seguido de Maria Isabel Aragão, com **Black Zé** e de Werner Huther, com **Pobretão**.

A prova para seniores série intermediária foi vencida por José Roberto Pimentel, com **Marron Glacê**. Em segundo lugar classificou-se Beatriz Hermany, com **Royal Salute** e em terceiro Daniel Perez, com **Noble**. O quarto lugar ficou com Cláudia Cúrcio, com **Kavalu** e Ana Virginia Capanema, com **Mococa**. Marcelo Blessman, montando **Pilot**, venceu a prova omnia, fora do torneio. Em segundo lugar ficou Eloy Menezes, com **Phoenix**.

Atlântica-Boavista de Golfe prossegue e Ferraz é o líder

Com uma volta de 71 tacadas, Jorge Ferraz assumiu a liderança da categoria **scratch** do Campeonato Amador Atlântica-Boavista de Golfe masculino. Cumprida a segunda rodada ontem, no campo do Gávea, ele tem 144 **gross**, dois **strokes** a menos que o segundo colocado, Douglas Mac Farlane.

Jorge também lidera a categoria de 0-9, com 134 **net** — ele tem **handicap** 10. Na categoria 10-16, Glen MacAdams, com 132 **net** está na frente e na competição interfederações, paralela ao Campeonato, São Paulo tem 600 tacadas e está em primeiro lugar, seguido do Rio com 605 e do Rio grande do Sul, com 635.

Reviravolta

Na primeira volta das três previstas pelo Campeonato Amador, Jorge Ferraz ficou em quarto lugar na categoria **scratch** com 73 **gross**, dois mais que os líderes Mário Gonzales Filho e Douglas MacFarlane. Ontem Ferraz inverteu as posições fazendo uma volta em 71 **gross**, enquanto MacFarlane jogava 75 e Mário Gonzalez Filho 76.

Essa diferença colocou Jorge Ferraz na liderança parcial da competição e esta manhã, quando será disputada a terceira e última volta, ele poderá chegar ao título que no passado foi ganho por Ismar Brasil, este ano, porém, Ismael não está bem, ocupando a sétima colocação com 149 **gross**, depois de uma primeira volta muito fraca na qual se colocou entre os 12 melhores. Nas categorias por **handicap** os favoritos estão vencendo e, para a etapa final, hoje, as posições não deverão alterar-se. Na disputa interfederações a rodada será muito importante. Considerando as colocações de ontem, o Rio de Janeiro tem chance de chegar ao título. Para efeito de contagem soma-se as tacadas dos quatro melhores de cada equipe.

SEGUNDA RODADA

Categoria Scratch	gross
1º — Jorge Ferraz	144
2º — Douglas MacFarlane	146
3º — Rafael Gonzalez	147
— Mario Gonzalez Filho	147
5º — C. Dluhosch	148
— Ricardo Rossi	148
7º — Ismar Brasil	149

Categoria 0 a 9	net
1º Jorge Ferraz	134
2º Antônio Tasheri	136
3º Antônio Barbosa	139

Categoria 10 a 16	net
1º — Glen MacAdans	132
2º — H. Chirnside	134
3º — Carlos Sellos	137

Categoria 17 a 22	net
1º — Fred Angelis	136
2º — K. Hamilton Jones	145
3º — O. Rocha	146

McEnroe decide com Warwick torneio de tênis em Londres

Londres — O norte-americano John McEnroe e o australiano Kim Warwick fazem hoje a partida final do Torneio de Tênis Masculino do Queen's Club, desta Capital. McEnroe eliminou o paraguaio Victor Pecci por 6/4, 6/0 em partida que durou menos de uma hora, enquanto Warwick surpreendeu o norte-americano Vitas Gerulaitis vencendo-o por 6/3, 6/4. O torneio distribui um prêmio de 17,5 mil dólares — cerca de Cr$ 900 mil — ao campeão e é tido como a mais importante competição preparatória para o campeonato de Wimbledon.

Pecci, que decepcionou a todos ao ser eliminado logo na segunda rodada do Torneio de Roland Garros, na França, pelo chileno Bellus Prajoux, só resistiu a McEnroe no primeiro **set** quando conseguiu empatar em três **games**. O norte-americano, apesar do vento forte, exibiu um excelente jogo envolvendo completamente a Pecci no último **set** perdendo apenas seis pontos, dois dos quais por dupla falta.

COPA DAVIS

Praga — A França foi eliminada ontem pela Tcheco-Eslováquia em jogo válido pela zona européia da Copa Davis. Os thecos Tomas Smid e Pavel Slozil venceram Pascal Portes e Dominique Bedel por 6/3, 7/5, 6/2 e colocaram seu país com uma vantagem de 3 a 0 na competição já que nas partidas de simples, disputadas na véspera, Smid derrotara Cristian Roger-Vasselin por 6/2, 6/3, 3/6, 6/1 e Ivan Lendl vencera Portes por 6/4, 8/6, 6/4.

Em Turim, a Itália estabeleceu ontem a vantagem irrecuperável de 3 a 0 sobre a Suíça em partida de duplas também válida pela zona européia da Davis. Adriano Panatta e Paolo Bertolucci derrotaram os irmãos Heinz e Mark Gunthardt por 7/9, 10/8, 1/6, 6/4, 6/2.

Em Bristol, Inglaterra, os romenos Ilie Nastase e Andrei Dirzu venciam os irmãos David e John Lloyd, por 6/4, 5/7 e 3/1 quando as fortes chuvas obrigaram o adiamento da partida de hoje. Esse jogo é válido pelas semifinais do grupo B da zona européia da Davis e nas partidas de simples a Romênia venceu por 2 a 0.

Bruxelas — O húngaro Balas Taroczy e o australiano Peter Mcnamara decidem hoje o Campeonato Internacional de Tênis de Bruxelas. Nas semifinais, Taroczy derrotou o argentino Gustavo Guerrero por 6/0, 6/3, enquanto Mcnamara vencia o norte-americano Eddie Dibbs por 6/0, 2/6, 6/2.

Foto de Cristina Paranaguá

À exceção das falhas defensivas, a Seleção evidenciou uma boa forma

Vôlei masculino faz treino animado mas falhando no bloqueio

Apesar de algumas falhas no bloqueio, o técnico Paulo Russo se mostrou satisfeito com o treino de ontem, no Clube Militar, da Seleção Brasileira Masculina de Vôlei que se prepara para os Jogos Olímpicos de Moscou. Os jogadores se empenharam bastante e as equipes A e B acabaram empatando em dois **sets**, parciais de 16/14 (A), 15/7 (B), 15/6 (A) e 17/15 (B).

A equipe volta a treinar hoje, das 8 às 11 e das 14 às 18 horas, no Cefan e, em seguida, os jogadores serão dispensados. Os de São Paulo fazem exercícios físicos terça-feira e os cariocas repetem o exercício, no Rio. Quinta-feira, todos se apresentam no Aeroporto do Galeão, de onde seguirão para Europa.

Os jogadores William, Montanaro, Xandoca, Suíço, Bernard e Badalhoca compuseram a equipe A, enquanto Moreno, Renan, Amauri, Bernardo, Granjeiro e Deraldo a B. Embora a A estivesse com os prováveis titulares, o primeiro **set** foi bastante equilibrado, com ambas equipes bem dispostas para a recepção.

Renan, com excelente atuação, foi o destaque do segundo **set** e empatou o treino. A equipe A voltou a liderar, vencendo o terceiro. No quarto e último set, Paulo Russo trocou Suíço por Granjeiro e o set foi muito bem disputado, terminando em 17/15 a favor da B.

Na Europa, o Brasil enfrenta a Alemanha, Canadá, Bulgária, Tcheco-Eslováquia e Itália. Após esses amistosos, a equipe segue direto para Moscou, onde tem chegada prevista para o dia 15 de julho.

Gama Filho lidera no atletismo

Com uma diferença de sete pontos no masculino e 27 no feminino, a Gama Filho está na liderança do Campeonato Estadual de Atletismo categoria juvenil (21 anos) que ontem teve a sua primeira etapa disputada na pista do Estádio Célio de Barros (Maracanã). A competição prossegue esta manhã (9 horas) e se encerra no outro fim de semana.

Ronaldo Alcaraz, da Gama Filho, conseguiu o melhor índice da tarde, ao superar o recorde do campeonato da prova de lançamento do dardo, com a marca de 54,00m contra a anterior, dele mesmo, de 51s18m.

Os vencedores de ontem **100m barreiras**: Vera Lúcia Padilha (Gama Filho) 16s6; **100m**: Maria de Fátima Hemetéri (Gama Filho) 12s6; **800m**: Marco Aurélio Vieira (Fluminense) 1m59s0; **disco**: Patrícia Queirós (Flamengo) 28,00m; **Dardo**: Ronaldo Alcaraz (Gama Filho) 54,00m; 4x100m (masculino), Fluminense, 45s5. Decatlo (cinco provas): Guilherme D'Avila (Flamengo) 2.648 pontos.

Na classificação parcial do masculino, a Gama Filho tem 44 pontos, o Fluminense 37 e o Flamengo 16. No feminino, a Gama Filho tem 43, o Flamengo 16 e o Vasco 14.

Bonn — Guido Kratschamar, da Alemanha Ocidental, estabeleceu ontem nesta Capital o recorde mundial do decatlo, somando nas 10 provas o total de 8 mil 649 pontos, melhorando em apenas 27 pontos a marca anterior do inglês Daley Thompson. Com o boicote da Alemanha aos Jogos Olímpicos, Kratschamer não irá a Moscou, sendo considerado ainda favorito Thompson que há um mês conseguiu 8 mil 622 pontos.

Botafogo joga no Canadá

Toronto — Após fraca exibição na partida de estréia, quando perdeu de 2 a 1 para o Ascari, da Itália, o Botafogo joga esta tarde contra o time francês do Nancy, lutando por uma vitória que o habilite ainda a conquistar o Torneio Internacional.

Na partida de hoje, não contará ainda com o zagueiro Luiis Cláudio, nem com o atacante Marcelo, que no jogo de sexta-feira recebeu forte pancada no tornozelo e, inclusive, regressará ao Brasil.

O Botafogo não tem se saído bem na atual temporada, pois ainda luta pela primeira vitória. No México, perdeu de saída para o Guadalajara (2 a 1) e empatou depois com o Puebla (1 a 1). No Canadá, começou perdendo para o Ascari, com uma exibição falha, em que a equipe mostrou inúmeros erros.

Para o técnico Oton Valentim, entretanto, o time está bem e poderia ter vencido. Ele voltou a culpar a arbitragem que, a seu ver, prejudicou a equipe. O presidente da delegação também acusou o juiz, mas os jogadores reconheceram que atuaram mal e não mereciam ganhar.

Contra o Nancy, uma equipe bem mais fraca, o Botafogo tenta hoje a primeira vitória e também o direito de passar às finais do Torneio, que tem o Glasgow, da Escócia, como favorito.

Vasco dá de 3 a 1 no Kuwait

Na estréia de Gilson Nunes como técnico, o Vasco derrotou a Seleção do Kuwait por 3 a 1, ontem, em São Januário, num jogo em que se poupou visivelmente, sobretudo no segundo tempo, após o terceiro gol. A renda atingiu Cr$ 171 mil 450, com 1 mil 969 pagantes, mas o Vasco ainda recebeu 3 mil dólares — Cr$ 160 mil — do time árabe.

À base do toque de bola, o Vasco dominou as ações no meio-campo e chegou ao primeiro gol aos 17m: Roberto chutou forte, o goleiro rebateu e Wilsinho mandou a bola à rede. Em nova jogada de Roberto, aos 36, o Vasco aumentou a vantagem: Dudu recebeu do centroavante e não teve trabalho para marcar. No último minuto, Faissal diminuiu.

O panorama não mudou no segundo tempo: o Vasco continuou a tocar a bola, poupando-se, enquanto o Kuwait corria muito mas nada conseguia de objetivo. Aos 23m, Roberto fez o terceiro e último gol da vitória, a primeira do time sob a orientação de Gilson Nunes.

O juiz foi Valquir Pimentel e os times formaram assim: **Vasco**: Mazaropi, Orlando, Ivã, Leo e Marco Antônio; Paulo Roberto, Dudu e Jorge Mendonça; Wilsinho, Roberto e Ailton. **Kuwait** — Ahmed, Nahaim, Gamal, Marhobe e Valed; Saed, Nasser e Karan; Faith, Faissal e Yassen.

Maracanã homenageia Didi, o homem de seu 1º gol

Oldemário Touguinhó

VALDIR Pereira, o Didi, um negro de andar cadenciado, pescoço comprido, drible curto e passe longo, volta hoje ao Maracanã para dar o chute inicial do jogo Brasil x União Soviética, parte da festa dos 30 anos do Estádio e de 10 da conquista da Taça Jules Rimet.

Didi foi o escolhido para dar a saída, numa homenagem da Suderj e de seus companheiros, pois em 1950, na inauguração do Maracanã, foi ele quem fez o primeiro gol, numa tarde em que a Seleção carioca acabou perdendo para a paulista por 3 a 1.

Gol inesquecível

— Ainda me lembro do primeiro gol no Maracanã: troquei alguns passes com o Carlyle e ajeitei a bola a meu modo. O chute saiu perfeito e Gilmar nem viu como ela entrou. Sei que o Maracanã recebia um bom público naquela ocasião e fui muito aplaudido. Uma coisa ainda me deixa em dúvida, ou seja, se esse gol foi no famoso gol do Ghigia (à direita das Tribunas) ou do outro lado. O que posso garantir é que o gol foi marcado na baliza oposta àquela em que, em 1957, fiz aquele gol de falta no Asca, derrotando o Peru por 1 a 0 e classificando o Brasil para o Mundial de 58.

— Na época, eu era um menino que sonhava chegar à Seleção Brasileira. Por isso, me cuidava bastante e foi devido àquela partida de inauguração do Estádio que acabei convocado por Zezé Moreira para defender o Brasil no Pan-Americano de 1952, no Chile, quando conquistamos o título tendo Seu Zezé como treinador. Vários jogadores que estiveram na inauguração do Maracanã, assim como Djalma Santos e outros, acabaram definitivamente titulares da Seleção Brasileira. Por isso, não me esqueço daquele gol de 1950, pois ele foi muito importante para a minha carreira.

Didi agora está com 52 anos. Há quase 20 vive trabalhando como técnico pelo Mundo. Esteve na Argentina, México, Turquia, Peru, Arábia Saudita e agora dirigirá o time do Kuwait, para onde viaja amanhã. No momento, descansa junto com sua mulher, Guiomar, e a filha Lia, no Rio, no Hotel Novo Mundo.

— Gosto muito de ficar aqui nessa suíte, porque sempre durmo depois das duas horas da madrugada e me divirto olhando da varanda as peladas no Aterro, que se desenvolvem até o amanhecer do dia.

Apesar de ter parado de jogar há mais de 15 anos, Didi permanece com 67 quilos de peso. Mesmo assim, acredita que agora, já recuperado das dores na coluna, poderá fazer mais alguns exercícios e ganhar pelo menos mais dois quilos de músculos. Vestido com um robe-de-chambre verde e calçado com sapatilhas de flanela escura, Didi passa quase o dia todo dentro do Hotel. Só sai para levar a família para dar uma volta.

"Sou amigo do Telê, mas tenho a necessária experiência internacional para julgar o seu trabalho. Estamos errando há muito tempo, por querer impor ao nosso jogador o ritmo do futebol europeu".

— Foi assim que acostumei nesses últimos anos. Lá fora, não tenho tempo para nada. Trabalho de dia e de noite, e me divirto exclusivamente com a Guiomar, pois minhas duas filhas estão sempre longe de nós.

Lia estuda na Suíça e Rebeca, na Inglaterra. Acabei de comprar um apartamento para Lia, em Montreaux, onde ela vive, a fim de podermos sempre estar com ela nos momentos de folga. O que me orgulha é que todas as duas já falam mais de cinco idiomas. Eu também já aprendi alguma coisa. Na Turquia dava para dialogar em turco com os jogadores, mas meu forte no momento é o inglês.

Por todos os países onde passou, Didi teve uma vida de sucesso.

— Os reis, príncipes e autoridades sempre me trataram com muito carinho e respeito. Fiz amigos em todos os lugares onde passei. Eu e a Guiomar. Aliás, ela tem sido uma companheira espetacular. Para dar um exemplo de sua dedicação, na Arábia Saudita, a mulher sofre uma série de restrições e jamais ela protestou. Até mesmo para ir à piscina tinha hora certa, pois no Sheraton de Riad a mulher só pode ficar tomando banho até as 14 horas. Depois, deve ir embora, porque o horário é reservado aos homens. Lá, também era um problema a água, pois enquanto eu enchia o tanque do meu carrão com apenas 2 dólares 75, em casa a Guiomar pagava 2 dólares por litro e meio de água importada. De fato, o mais importante é que em todas as cidades o povo sempre nos quis muito e nunca vi tanta gente boa em minha vida. Felizmente sou um homem de sorte. Tanto que na Arábia Saudita os clubes só queriam ingleses para treinador e, como ganhei todos os campeonatos importantes, eles tiveram que passar a contratar brasileiros, como eu, para que o futebol deles tenha futuro.

Bola é quem corre

Didi fala sempre com muita segurança. Diz-se preocupado com a Seleção Brasileira, por achar que ainda falta muita coisa para Telê se consagrar como treinador.

Foto de Geraldo Viola

Com a elegância habitual e ao lado de Guiomar, Didi voltou ao Brasil para rápido descanso em suas atividades de treinador

"Quem precisa de velocidade é a bola. Por isso ela já vem redonda. O importante é dar velocidade à bola. O que a nossa Seleção sente falta — e não vejo isso desde 1970 — é de saber trocar passes".

— Sou amigo do Telê, mas tenho a necessária experiência internacional para julgar o seu trabalho. Estamos errando há muito tempo, por querer impor ao nosso jogador o ritmo do futebol europeu. Não adianta querer concorrer com eles no preparo físico, nas bolas divididas e na velocidade. Isto eles fazem desde quando conheceram o futebol. Quem precisa de velocidade é a bola. Por isso ela já vem redonda. O importante é dar velocidade à bola. O que a nossa Seleção sente falta e não vejo isto desde 1970, é saber trocar passes. O jogador deve se mexer para sair da marcação e usar sua habilidade, a fim de superar o adversário. Não adianta fazer correria. Esse negócio de todo mundo sair correndo para a defesa e para o ataque é coisa de europeu. Eles precisam correr, porque não têm habilidade para fazer isso com a bola. Se um time estiver bem armado dentro de campo, a bola sai da defesa ao ataque com maior rapidez do que um homem dando pique.

— Sempre fiz lançamentos e não jogava a bola para meu companheiro dividir. Ela chegava limpinha à sua frente. Normalmente, era num passe longo e de curva. O adversário pensava que a bola ia para um lado e, de repente, ela mudava a trajetória. O Gerson fazia a mesma coisa, assim como o Rivelino. Quando um jogador sabe tocar na bola, basta o companheiro se deslocar, que recebe o passe. O que não se deve fazer é ficar dando chutão adoidado para o ataque. Assim, a defesa adversária acaba levando vantagem. Às vezes, me perguntam se eu estaria superado, caso jogasse agora, devido a velocidade do futebol. Chego a achar graça disso.

— O importante não é ter velocidade nas pernas e sim no raciocínio. Muitas vezes estive cercado por dois ou mais adversários, e com uma ou duas quedas de corpo eles estavam fora do meu caminho. Não adianta sair correndo. O que é preciso é saber limpar a jogada. O brasileiro faz uma série de jogadas num espaço de pouco mais de metro quadrado, e se o europeu estiver na mesma situação acaba caindo com bola e tudo. Por isso, temos que treinar a nossa habilidade e não a força física. Vamos armar jogadas para os craques executá-las e eles vão acabar vencidos pelos nossos toques, porque se formos entrar na deles, de brigar o campo todo, vamos ficar sempre lamentando a perda de mais um título de campeão.

— O Brasil sempre tem bons jogadores. Basta dar experiência aos meninos, que eles liquidam qualquer adversário. Nosso time de 1958 era sensacional, mas o de 1970 possuía a mesma qualidade técnica. Sabe lá o que é um Gérson, um Pelé, um Tostão, um Jairzinho e um Rivelino na mesma equipe? Eu sei, porque joguei contra eles, comandando o Peru. Agora tem o Zico, que é da maior qualidade, assim como Sócrates, Reinaldo e outros mais. A desvantagem dessa turma atual é que custa muito a ganhar experiência internacional. O Zico, só agora, com 26 anos, está no ponto de se consagrar. O que ele acumulou de experiência, antes? No meu tempo, a gente jogava sempre na Europa. Com 20 anos, qualquer grande jogador já conhecia todo tipo de marcação. São os jogos internacionais que dão mais segurança ao jogador. Fui muitas vezes viajar com o Botafogo e outros companheiros também estavam com os seus clubes lá fora. Quando nos reuníamos numa Seleção, não tínhamos medo de ninguém. A nossa equipe de 1958 era quase perfeita, por causa disto. Todos nós sabíamos o que fazer, diante de cada adversário. Foi por isso que, em 58, ao sentirmos o time bem na defesa e no meio-de-campo mas sem conseguir penetrar, por faltar gente lá na frente, fomos conversar com o Dr Paulo Machado de Carvalho e depois com o Feola, para que o Garrincha entrasse contra a União Soviética. De início, o time tocava bonito, com Dino ao meu lado etc. Depois, entrou o Zito e, mais tarde, Pelé e Garrincha. Queríamos que houvesse gente adiantada, para prender os zagueiros deles. Quando a coisa ficasse quente no nosso campo, a gente podia jogar a bola para a turma mais adiantada. O maior problema com o Joel é que ele queria fazer o mesmo que o Zagalo, na esquerda, ou seja, voltar para ficar na armação. Assim não dava. Com Garrincha tudo acabou bem e os próprios dirigentes vieram mais tarde agradecer a mim e ao Nilton. O que nós queríamos era ganhar a Copa e não ser contra ou a favor de qualquer jogador, pois a vitória era de todos.

Arquivo/1962

O talento de Didi, em 62

Arquivo

Didi lembra suas excursões à Europa e acha que agora o jogador custa obter experiência

Certeza na vitória

— Contra a Suécia, na decisão de 58, logo de saída eles fizeram 1 a 0. Apanhei calmamente a bola nas nossas redes e passei ao lado de cada companheiro, explicando que há quatro meses havia jogado pelo Botafogo contra os mesmos suecos e demos uma goleada de 4 a 0. Por isso, tinha certeza de que eles não eram de nada.

Bastava a equipe manter-se calma, porque os gols sairiam normalmente. Assim aconteceu e fomos campeões. Tudo facilitado pela experiência dos jogadores. Pelé e Garrincha foram sensacionais, mas Nilton, Belini, Zito e outros é que deram tranqüilidade para eles, apesar de novos, atuarem com a maior segurança. Em 1962 fomos bicampeões pela categoria da equipe. Estávamos todos mais velhos quatro anos e deminuímos nosso ritmo de velocidade. Quem corria mais era a bola. Às vezes o Zito ou o Nilton queria ir embora para frente e eu começava a gritar para se acalmarem. Tínhamos que avançar com a bola dominada, trocando passes e chegar ao gol deles no nosso ritmo. Jogar a bola na frente e tentar ganhar na corrida, não dava para a gente vencer de ninguém. Com a bola dominada demos várias goleadas. O Nilton já estava com 37 anos e havíamos perdido o Pelé, ainda nas oitavas. Os adversários eram difíceis principalmente a Inglaterra, Espanha e Theco-Eslováquia.

"Só lamento não ter enfrentado o Di Stefano, no jogo contra a Espanha, em 1962. Meu sonho era vencer e lhe dar um toco na perna, para tirá-lo de campo, como pagamento pela deslealdade dele para comigo, quando estive no Real Madri"

— Só lamento não ter enfrentado o Di Stéfano, no jogo contra a Espanha, em 1962. Meu sonho era vencer e lhe dar um toco na perna, para tirá-lo de campo como pagamento pela deslealdade dele para comigo quando estive no Real Madri. Ele me prejudicou porque achava que iria tomar o seu lugar de ídolo. Resolvi voltar ao Brasil e entrei na Seleção que foi à Copa e queria uma forra, mas ele correu do jogo, alegando uma contusão. Já havia até planejado, ou seja, quando houvesse um lance que ele disputasse contra um de nós, eu entrava sem ele ver, pelo lado e bateria para valer. Aliás, para reforçar a minha tese, sobre quanto é importante a experiência, nessa partida houve um pênalti do Nilton, mas ele deu um passe para fora da área e ficou olhando de peito aberto para a cara do árbitro, que acabou marcando a falta fora. Se fosse um desses meninos inexperientes, colocaria logo as mãos na cabeça, em desespero, e daria a maior moral ao juiz para apontar o dedo duro em direção à marca do pênalti.

— Quando falam do chamado cabeça-de-área, dizendo ser novidade ou um jogador de marcação, ou melhor, de destruição, como Zé Mario ou Merica, posso afirmar que estão todos enganados. A função de cabeça-de-área deve ser exercida por um craque e não por um lutador. Nas Copas de 58 e 62, fui cabeça-de-área. À minha frente estavam Zito e Zagalo. Eu fechava a entrada da área, a fim de projetar os adversários para as laterais do campo. Como se eu fosse um mensageiro, levava o homem e imprensava na esquerda deixando-o por conta do Nilton, ou o levava para a direita, à disposição do Djalma Santos. Depois, eles matavam o adversário e me entregavam a bola enxutinha, para eu levar o time a contra atacar. Daí para frente, era um trabalho mental e não de carregador de piano. O Gérson fez o mesmo no Botafogo e, depois, na Copa do Mundo de 1970. Se atuar naquela posição um jogador qualquer, ele vai apenas defender e chega a prejudicar o time. No entanto, se esse homem souber sair detrás, se transformar em mais um atacante, pode ser a peça principal da equipe. Tudo depende de sua capacidade técnica e, não, física.

Didi está sempre bem cuidado e, quando sente que vai ser fotografado, pede ao fotógrafo para aguardar um pouco, porque deseja vestir uma roupa menos íntima "pois não fica bem sair no jornal com roupa de andar dentro de casa".

A filosofia de Didi sobre o futebol é de que o importante é saber dar velocidade à bola e não ao homem.

— O que sempre nos colocou em vantagem nos jogos contra os europeus foi a técnica bem aproveitada. Muitas vezes, fui marcado em cima por um ou dois adversários. Houve uma partida em Valência em que o Botafogo enfrentava o time do Kubala, o húngaro que agora dirige a Seleção da Espanha. Então, colocaram um zagueiro para ficar ao meu lado, no campo todo. Senti que a situação estava ruim, pois ele me segurava, empurrava e resolvi tirar partido disso: chamei o Pampolini e disse que ele teria muito espaço para apoiar o time e que avançasse para passar a bola a Garrincha, porque naquele momento eu passaria a marcar o Kubala, o melhor homem deles. No mesmo instante fui para cima dele e o marcador veio atrás. Ficamos os três juntos e o Kubala acabou se desesperando. Até reclamou com o companheiro, por ficar sempre no seu caminho. O rapaz respondeu que a ordem era marcar o Didi e como o Didi estava ali, não podia mudar de posição. Ao ver o Kubala revoltado, a única coisa que eu disse para ele é que eu também só o deixaria livre, se ele mandasse o tal marcador me abandonar. Ganhamos o jogo e, se não joguei, pelo menos dois deles também não fizeram nada, Kubala e o meu marcador.

A folha-seca

— Como começou o seu chute de folha-seca?

— De início, a jogada ficou conhecida porque o locutor Valdir Amaral lançou o nome de folha-seca. Tudo começou num jogo contra o América. Entrei duro num lance e machuquei o tornozelo. Sem poder chutar direito, passei a tocar apenas com o lado externo do pé. Acabei me especializando tanto neste toque que já nem sabia mais bater direito na bola. Tudo era chutado de curva. Até as faltas. Tocava apenas com o lado do pé e a bola tomava um efeito tão grande que parecia ir para um lado mas depois mudava de rumo.

— E a paradinha, no pênalti?

— A paradinha era um forma de observar o goleiro e ver onde estava o seu pé de apoio. Chutava naquele lado, justamente quando ele estava voltando. É bom deixar claro que eu não dava uma parada completa. Apenas diminuía o ritmo na corrida, para a cobrança.

Elegância preservada

Ao comentar um drible ou um passe mais importante, Didi sempre se levanta da cadeira e realiza os movimentos da jogada. Mostra a mesma elegância de quando se exibia pelos campos do mundo. Olhar alto, corpo em linha reta e um rápido jogo de pernas.

— Lastimo não ser mais um jovem de 20 anos, para estar junto à Seleção, disputando a vaga de titular. Sempre gostei dos desafios. Certa vez, um grupo de cartolas do Flamengo tentou me tirar do time para dar a vaga ao Moacir, pois ele, durante os treinos, era sempre a maior figura. No entanto quando me perguntavam sobre o problema respondia que "treino é treino e jogo é jogo." Assim, queria mostrar a todos que numa partida vale o futebol e a arte, confiança, tranqüilidade e inteligência. Nessa hora, sempre fui mais eu do que qualquer outro. Não queria dizer que não se lutasse no treino. Acho até que se deve treinar muito. Mas, para ser escalado, só deve entrar os que de fato jogam com inteligência e têm intimidade com a bola. Caso contrário, a torcida jamais o respeitará.

"Terminada a Copa de 82, venho buscar o cargo de técnico da Seleção Brasileira. Eu e o Dr João Havelange, que já estará fora da FIFA e pronto a dar mais um título ao Brasil. Com o Dr João, chegamos protegidos às finais e, com ele ao nosso lado, tenho certeza de voltar campeão, mais uma vez".

A volta com Havelange

Depois de tanto sucesso no exterior, você não pensa em voltar ao Brasil um dia e dirigir a Seleção?

— Terminada a Copa do Mundo de 82, venho buscar este cargo. Eu e o Dr João Havelange, que já estará fora da FIFA e pronto a dar mais um título ao Brasil. Com o Dr João, chegamos protegidos às finais e, com ele ao nosso lado, tenho certeza de voltar campeão, mais um vez. Por enquanto quero apenas torcer pelo Brasil. Precisamos que seja vitorioso, para podermos continuar faturando dólares no exterior. Já estou acertando a compra de um novo apartamento em Madri, para ficar por lá durante o Mundial e receber meus amigos para uma bebidinha em casa, depois dos jogos e as vitórias. Posso garantir que a bebida será de alto nível, assim como os canapés.

Escurece na praia do Flamengo. É sexta-feira 13 e um bando de soldados motorizados e a cavalo cerca o prédio da UNE, para evitar a presença dos estudantes. Do alto da varanda de sua suíte no Hotel Novo Mundo, Didi se espanta com a movimentação:

— Nem quando voltamos campeões do Mundo, havia tanta polícia na rua.

A campainha do apartamento toca e entra um garçom de luvas brancas, trazendo chá bem quente, com torradas e mel.

— Dr Didi, aí está o seu pedido — diz o garçom.

— Desculpe interromper um pouco nosso diálogo, mas a essa hora não sei ficar sem o meu chá.

Hoje, às 17 horas, Didi estará no Maracanã, dando o pontapé inicial de Brasil x URSS.

Técnico soviético promete um esquema ofensivo

Cansados da longa viagem de Moscou para o Rio — fizeram uma escala de 8 horas em Paris, onde aproveitaram para treinar fisicamente — os jogadores da Seleção Soviética passaram o dia de ontem descansando no hotel. Só no fim da tarde o técnico Konstantin Beckov desceu e disse que, naturalmente, esperava obter um bom resultado mas queria, principalmente, "ver como estão os brasileiros para saber se estamos no caminho certo". Prometeu, ainda, uma tática ofensiva.

Para Beckov, o futebol brasileiro ainda é um dos mais interessantes para o público por causa da elegância das jogadas, mas fez questão de afirmar que, ao lado da Argentina, atual Campeã Mundial, da Alemanha Ocidental e da Holanda, continua sendo uma das escolas mais objetivas do mundo. Contudo, afirmou que não viu aparecer nada de novo em termos de plano tático nos últimos anos.

VITÓRIAS

Ao lado do chefe da delegação soviética, Koloskov Vyatcheslav, e se valendo dos esforços do intérprete para tentar explicar os recentes sucessos da Seleção Soviética, Beckov disse ter assumido o cargo há seis meses, e que neste período o time já atuou três vezes em amistosos internacionais, vencendo a Bulgária por 3 a 1, a Suécia por 5 a 1 e a França por 1 a 0.

O bem-humorado técnico soviético mostrou-se bastante receptivo às perguntas, ao contrário dos jogadores, que só desceram para almoçar, e nem sequer esperaram para ver o jogo entre as Seleções da Alemanha e Holanda, atentamente observado por Beckov.

Indagado se tinha informações do atual futebol brasileiro, respondeu que não. Acrescentou que não conhecia nenhum dos atuais titulares da Seleção, "só os do passado, maravilhosos", e a uma pergunta sobre se nem Zico conhecia, informou que só de nome.

Beckov, que dirige o Spartak de Moscou, time que cedeu oito jogadores ao selecionado, todos titulares na partida de hoje, mostrou-se reticente ao ser indagado sobre seu esquema tático.

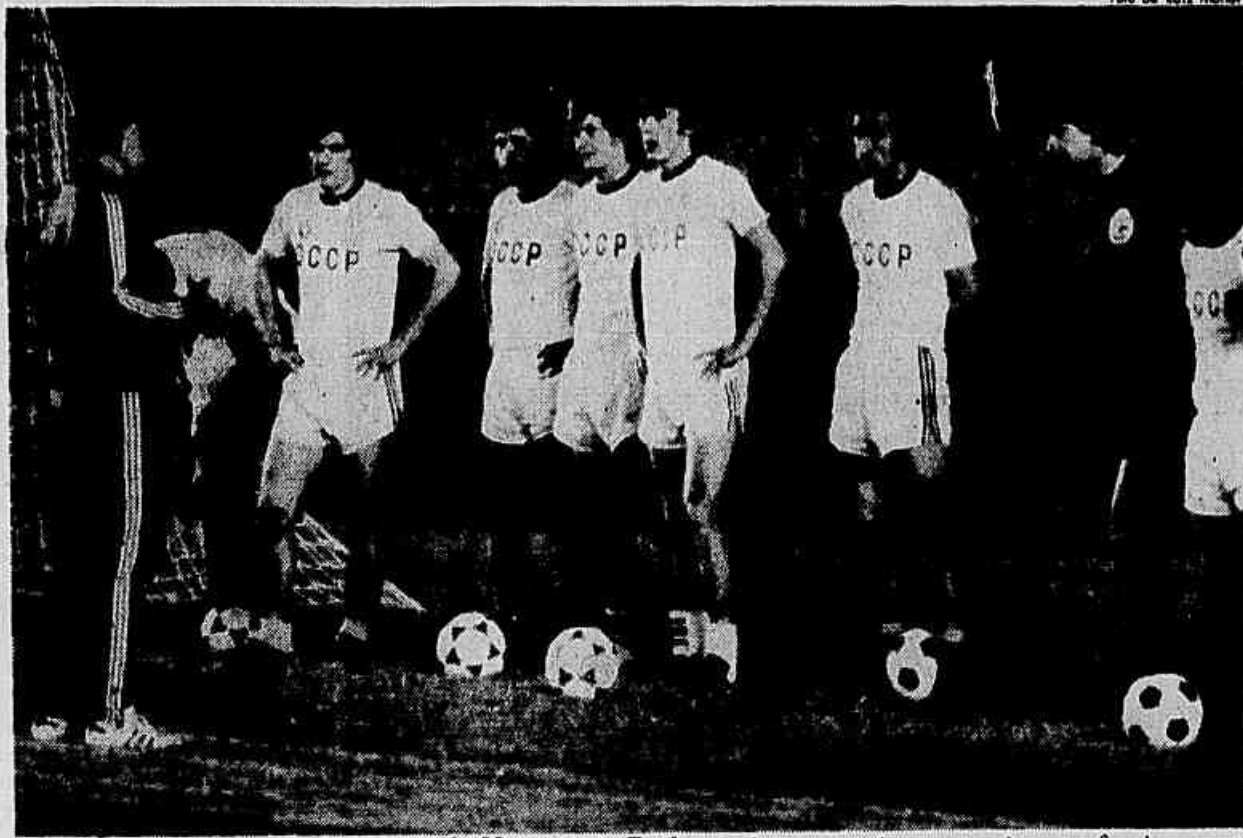
— Atualmente, tanto a condição física quanto a técnica do time é bastante razoável, mas não tenho dúvida de que nosso trunfo é a força atlética, já que a maioria é formada em Educação Física. Nossa tática é a universal. Não dizem que o ataque é a melhor defesa? Pois, então, digo-lhes que meu time joga para o ataque, sempre mantendo quatro defensores plantados. Mas reconheço que, às vezes, uma equipe que marca muitos gols no adversário também se expõe a tomar outros tantos. Mas a verdade é que prefiro estudar o adversário para adotar uma tática capaz de neutralizá-lo.

BOM ESPETÁCULO

O técnico afirma, com certeza, que o jogo de hoje será um bom espetáculo para o público por causa da disposição de seu time em jogar buscando o gol. Explicou que o trabalho de selecionar jogadores na União Soviética é feito com muito critério, com ajuda dos técnicos de clubes de Moscou, Kiev, Tbilsy, Rostv e Donesk, que fornecem informações sobre jogadores dos principais clubes.

Segundo Beckov, a Seleção Soviética sempre se prepara durante seis dias antes de qualquer partida. Indagado sobre a questão da influência regional, foi categórico.

— Lá não temos estas dificuldades não. Sei que no Brasil, como na Alemanha e Itália, principalmente, o problema existe. Mas somos muito disciplinados e quando decidimos convocar a Seleção, determinamos quem são os melhores e não há discussão. Outra diferença que existe é que não temos profissionalismo na União Soviética. Talvez tenhamos algum dia, mas por enquanto contamos com jogadores universitários, quase formados em Fisicultura ou Técnica de Futebol.

Foto de Luiz Morier

No treino de reconhecimento do Maracanã, Beckov orienta seu time para jogar ofensivamente

Time é o mesmo que vai às Olimpíadas

A delegação soviética que desembarcou na madrugada de ontem no Rio de Janeiro é composta de 15 jogadores e está sendo preparada para atuar nas Olimpíadas de Moscou, no próximo mês. O time foi formado há seis meses e não conta com dois dos melhores jogadores soviéticos no momento: Fedorenko, que está machucado, e Blokhin, que está sendo guardado para os Jogos Eliminatórios para a Copa de 1982.

O dirigente Koloskov Vyatcheslav assegura que não existem estrelas no time — "nossas estrelas ainda são muito pequenas, estão-se formando" — mas fez questão de ressaltar que o time vai apresentar aos brasileiros o sucessor do legendário goleiro Lev Yashin: o jovem goleiro do Spartak, Rinat Dasaev, apontado como a maior revelação do futebol soviético.

Esta é a primeira vez que esse time atua no Brasil. A média de idade do time é de 24 anos e os mais experientes são Bessonov e Khidiyatullin, ambos campeões mundiais juvenis de 1977, e que jogaram pelo time nacional 22 e 19 vezes respectivamente. São três os novatos na equipe: Borovsky, Yevtushenko e Rodionov.

A equipe está na fase final de sua preparação para as Olimpíadas. Nos treinos realizados no campo de Novogorsk, a 20 quilômetros de Moscou, os jogadores são intensamente empenhados física e tecnicamente e os resultados positivos contra a Bulgária, em Sófia, quando ganharam por 3 a 1; contra a Suécia, em Malmoe, 5 a 1; e contra a França, em Moscou, 1 a 0, a credenciam a apresentar um futebol bastante competitivo contra os brasileiros.

Um domínio que começou em 1958

Márcio Tavares

Dos cinco jogos entre Seleção Brasileira e a União Soviética, o mais importante de todos foi sem dúvida alguma o de 15 de junho de 1958, em Goteborg, na Suécia, válido pela Copa do Mundo. Foi a tal partida que os computadores soviéticos tinham adivinhado como atuaria Mané Garrincha e traçara um esquema para anular o ponta-direita que vinha desmontando todos os sistemas defensivos adversários.

O plano do computador, no entanto, falhou desastrosamente. Na primeira bola que Garrincha pegou, driblou toda a defesa e chutou na trave. O computador mandou que dois jogadores marcassem Garrincha. O primeiro João era o lateral-esquerdo e o segundo era nada mais nada menos do que Igor Neto, capitão do time e líder respeitado. Também foi completamente demoralizado pelos dribles imprevisíveis de Mané.

Na equipe soviética, estava Yachin, goleiro famoso por suas defesas impossíveis, com cartaz que atravessou o mundo. Nada impediu a vitória do Brasil por 2 a 0, gols de Vavá e por ironia ambos nascendo de jogadas de Mané Garrincha. O computador soviético depois disso foi desativado e nunca mais se arriscou a dar palpites em jogos de futebol.

O segundo jogo contra a União Soviética foi em Moscou, dia 4 de julho de 1965, já válido apenas para que a Seleção Brasileira se preparasse para o fracasso na Inglaterra. O Brasil venceu por 3 a 0, com gols de Pelé (2) e Flávio. A equipe já tinha sido bem modificada em relação à que conquistou o bicampeonato no Chile. A equipe brasileira, por sua própria escalação mostrava o estágio do futebol.

Garrincha, que havia sido herói em duas Copas, já mostrava sinais da decadência física, vítima da violência dos adversários e dos seus próprios problemas clínicos, com suas articulações desobedecendo suas ordens. Pelé vivia numa intensa movimentação, com o Santos excursionando constantemente, num calendário que até há pouco vinha prejudicando todos os times brasileiros.

Ditão substituiu Belini, que não era nenhum craque, mas sem substituto mostrava por antecipação que não era lá o ideal. Zito saiu para Dudu entrar, e Gérson ganhava a vaga de Didi, em fim de carreira. E Zagalo era substituído por Paraná. Mesmo assim o jogo foi fácil, já que Flávio manteve as características de Vavá e Jairzinho pelo menos mostrava vigor físico e valentia. E Rildo entrou no lugar de Nilton Santos.

O terceiro jogo foi no Rio, em novembro de 1965, com um empate de 2 a 2, gols de Gérson e Pelé, no Maracanã. O amistoso, apitado pelo inglês Kenneth Dagnall, teve apenas um aspecto interessante: um dos gols da União Soviética nasceu de uma jogada incrível do goleiro Manga, autor de passagens pelo futebol que até hoje são lembradas por seu exotismo. Manga preparou-se para bater um tiro de meta, mas não esperou que um jogador adversário ficasse mais longe. A bola bateu na cabeça do russo e acabou entrando.

O quarto amistoso foi disputado no Estádio Lênine, em Moscou, dia 23 de junho de 1973, na célebre excursão do manifesto de Glasgow. Vitória brasileira com gol de Jairzinho, árbitro o alemão Hans Veilland. A Seleção se preparava para a Copa da Alemanha, sem Pelé: Wendell; Zé Maria, Luís Pereira, Moisés e Marco Antônio; Clodoaldo, Rivelino e Paulo César; Valdomiro, Jairzinho e Leivinha. Foi um jogo duro, até mesmo de ser assitido pela televisão, na época vivendo a euforia das cores, uma novidade para os brasileiros.

E o último amistoso foi em 1976, 1º de dezembro, aqui no Maracanã, apitado pelo uruguaio Ramon Barreto. Eram os primeiros passos de preparação para o Mundial na Argentina. Gols de Falcão e Zico, aliás um dos mais belos da carreira do atacante do Flamengo, que recebeu passe de Marinho e driblou quatro adversários antes de marcar.

Nos cinco jogos, o Brasil teve quatro vitórias e apenas um empate. Marcu 10 gols e sofreu apenas dois.

Garrincha com seu 1º João, Krigevski, em 58

Em 5 jogos, Brasil venceu 4

Brasil 2 x 0 URSS (Copa do Mundo). **Data:** 15/6/58. **Local:** Goteborg. **Juiz:** Frederico Guigue (França). **Gols:** Vavá (2). **Brasil:** Gilmar, De Sordi, Belini e Nilton Santos; Zito e Orlando; Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagalo.

Brasil 3 x 0 URSS (amistoso). **Data:** 4/7/65. **Local:** Moscou. **Juiz:** Hans Carlsson (Suécia). **Gols.** Pelé (2) e Flávio. **Brasil:** Manga, Djalma Santos, Belini (Ditão), Orlando e Rildo; Dudu (Dias) e Gérson; Jairzinho (Garrincha), Flávio, Pelé e Paraná.

Brasil 2 x 2 URSS (amistoso). **Data:** 21/11/65. **Local:** Maracanã. **Juiz:** Kenneth Dagnall (Inglaterra). **Gols:** Gérson e Pelé. **Brasil:** Manga, Djalma Santos, Belini (Mauro), Orlando e Rildo; Dudu (Dias) e Gérson; Jairzinho, Flávio (Ademar), Pelé e Paraná.

Brasil 1 x 0 URSS (amistoso). **Data:** 21/6/73. **Local:** Moscou. **Juiz:** Hans Veilland (RFA). **Gol:** Jairzinho. **Brasil:** Wendell, Zé Maria, Luís Pereira, Moisés e Marco Antônio; Clodoaldo, Rivelino e Paulo César; Valdomiro, Jairzinho e Leivinha.

Brasil 2 x 0 URSS (amistoso). **Data:** 1/12/76. **Local:** Maracanã. **Juiz:** Ramon Barreto (Uruguai). **Gols:** Falcão e Zico. **Brasil:** Leão, Carlos Alberto (Marinho), Amaral, Beto Fuscão e Marco Antônio; Givanildo (Caçapava), Zico e Rivelino (Falcão), Gil, Roberto e Nei.

Resumo

Total de jogos: 5 — Empates: 1
Vitórias do Brasil: 4 — Gols do Brasil: 10
Gols da URSS: 2

Campo Neutro

José Inácio Werneck

COMO de hábito, são enormes as especulações sobre a escalação da Seleção Brasileira. Mil fórmulas se constroem, enquanto o treinador vive sob a acusação de má vontade com a imprensa, por se negar a dar com a antecedência devida o time que enfrentará os soviéticos hoje à tarde no Maracanã.

Antes de chegar às especulações sobre a escalação, há as especulações sobre a convocação. Por que Telê teria preferido Nunes, não Roberto ou Baltasar? Esta é a história do futebol brasileiro: páginas de jornal, quilos de tinta consumidos na dissecação dos motivos mais procedentes, ou mais tolos.

Minha posição é a de respeitar a opinião do técnico pelo fato muito simples de que ele se encontra em uma situação privilegia, em relação a todos nós: Telê é pago pela CBF para funcionar como técnico em regime full-time. Dorme futebol, respira futebol, vive futebol. Viajou o Brasil de alto a baixo, observando os mais diferentes e até monótonos jogos do Campeonato Nacional. Se Telê não tem a vocação do suicídio, se ele não quer estragar o seu próprio trabalho e a sua própria carreira, parece-me claro que ele convocará sempre o melhor — pelo menos o melhor no momento.

Eu não tenho, por exemplo, condições tão boas quanto as de Telê para julgar o futebol de Baltasar. Pareceu-me um atacante rápido e inteligente, nas poucas vezes em que o vi, mas nem sei se Baltasar atualmente está em boas condições físicas. O Campeonato Nacional acabou, a Seleção de Novos se desfez, e eu preciso confessar esta coisa horrenda: não sei como anda o Baltasar.

Mas entre Nunes e Roberto, eu ficaria com Nunes, como ficou Telê, pelo menos no momento. A Seleção Permanente é feita para convocar quem está em forma no momento — não quem estará em forma daqui a dois anos. E no momento — basta termos acompanhado os últimos jogos do futebol brasileiro — Nunes está em melhor forma do que Roberto. Tem também sobre ele a vantagem de ser mais rápido, adaptando-se assim melhor ao estilo de Telê.

■ ■ ■

AO escrever "estilo de Telê", sou obrigado a uma pausa. Sou obrigado a descrever o que, em minha opinião, pretende Telê Santana em sua Seleção. Nunca conversei com Telê a esse respeito, nem ele tem sido muito específico em suas entrevistas, mas ou eu muito me engano ou Telê pretende uma Seleção como a que descreverei no próximo parágrafo.

Telê quer uma Seleção Brasileira que tenha refletido sobre a maneira de jogar posta em prática nos últimos anos com sucesso pelo futebol europeu e tenha sabido dela retirar o que lhe for conveniente. Ele quer então, de saída, uma Seleção que respeite o craque e a sua criatividade, pois esta sempre foi a marca registrada da Seleção Brasileira. Mas, bom jogador que foi, convivendo com grandes craques como conviveu, Telê está convencido de que o craque de futebol é uma figura somática. Não se pode dissociar sua alma de seu talento. Se ele não reúne as qualidades de um homem de caráter, Telê não o quer em seu time, e com razão.

Outro dia um amigo dizia-me: "Telê é um puritano." Creio que meu amigo tem razão. Telê tem muito da alma puritana, mas, como se vê em episódios como o de Jorge Mendonça, no Palmeiras, freqüentemente age coberto de razão. Por isto, foi campeão ou vice-campeão nos principais centros de futebol do país.

Sua personalidade dá também um toque de seriedade ao seu trabalho na Seleção Brasileira. Os jogadores que se concentram com ele sentem que Telê é sobretudo seu defensor. Na medida em que os jogadores agirem com correção, Telê estará sempre pronto a defendê-los contra dirigentes, contra imprensa, contra todo mundo.

Então, eu sinto confiança na preparação de nosso time para a Copa de 82. Telê Santana só precisa de tempo e tranqüilidade para nos dar um bom time. O time que ele pretende nos dar é o de futebol-arte, que sempre marcou o futebol do Brasil, mas um futebol-arte capaz de percorrer com mais velocidade os espaços do campo.

A distinção é importante. Telê não quer o futebol-força, para dar trancos. Ele quer o futebol-arte, com fôlego.

■ ■ ■

DE PRIMEIRA: *Hoje, às nove da manhã, um belo espetáculo em Ipanema. Quase 400 moças estarão disputando a Corrida Feminina da Avon, em cinco quilômetros/// A partir de amanhã, segunda-feira, começam as inscrições para a Corrida da Tarantella (Recreio dos Bandeirantes—Barra da Tijuca), dia 20 de julho. O percurso, de 18 quilômetros, está aberto aos dois sexos. As inscrições podem ser feitas na Loja Canalonga (Avenida Copacabana 897, sala 206), na Sport Show (Avenida Copacabana 581, loja 307), na Best Esporte, em Jacarepaguá, na SAMEP (Rua do Ouvidor 169, 1º andar) e na Academia Leduc Fauth (Avenida Copacabana 542, sala 202).*

Telê escala Sócrates na ponta e Nunes no meio

Foto de Evandro Teixeira

Nunes voltou prestigiado pelo técnico Telê e é uma das atrações da Seleção para o jogo de hoje contra a União Soviética

Num ambiente que chegou a surpreender pela pouca movimentação, ontem à tarde nas Paineiras, Telê Santana divulgou a escalação do Brasil para começar o amistoso de hoje contra a União Soviética, com Sócrates na ponta direita, em lugar de Paulo Isidoro, e Nunes pelo comando do ataque.

Entretanto, o técnico negou a presença, de Sócrates exclusivamente na extrema, preferindo defini-lo como mais um homem de meio-campo, que poderá deslocar-se por aquele setor:

— Tanto Sócrates como Cerezo ou Zico têm condições de caírem pela ponta, de acordo com as necessidades. Não importa quem, desde que seja um elemento do meio-campo. O Paulo Isidoro já atuou na ponta direita e mostrou capacidade de render bem por ali. Como a Seleção se encontra em período de experiência, julgo válido fazer novos testes. Pelo mesmo motivo, vou lançar Nunes.

SEM IMPORTÂNCIA

Zé Sérgio chegou acusando uma entorse no pé direito. Mas o próprio jogador e o médico Neilor Lasmar entendem que a contusão não dá para impedir a presença na partida de hoje. Ainda assim, Telê resolveu colocar Éder de sobreaviso.

Batista também se apresentou com uma pancada no tornozelo, consequência da partida de sexta-feira à noite, contra o Velez Sarsfield, em Buenos Aires. Entretanto, o jogador do Internacional assegurou a Telê que está em condições de disputar os 90 minutos com a União Soviética. Por isso, teve a escalação confirmada.

Ao contrário do que se esperava, pouca gente compareceu ontem à tarde na concentração da Seleção Brasileira, nas Paineiras. Além de alguns jornalistas, apenas um grupo de garotos tentava obter autógrafos dos jogadores.

Brasil X União Soviética. **Local**: Maracanã. **Horário**: 17h. **Juiz**: Arnaldo César Coelho. **Auxiliares**: Luís Carlos Félix e José Roberto Wright. **Brasil** — Raul, Nelinho, Amaral, Edinho e Júnior; Batista, Cerezo e Zico; Sócrates, Nunes e Zé Sérgio (Éder). **União Soviética** — Dasaev, Sulakvelidze, Chivadze, Khydiyatullin e Romantzev; Bessonov, Cherenkov e Shavlo; Andreev, Gavrilov e Chelebadze. **Preliminar**: **AGAP X Seleção de Todos os Tempos**. **Horário**: 15h. **Seleção** — Félix, Paulo Lumumba, Jair Marinho, Orlando Peçanha e Nilton Santos; Wilson Piaza, Gérson e Denilson; Garrincha, Vavá e Zagalo (Amarildo). **AGAP** — Ubirajara Mota, Amauri, Cocó, Zé Maria e Madeira; Altair, Pampolini e Airton; Arlindo, Dionisio e Arilson. **Juiz**: Mário Vianna. **Auxiliares**: Armando Marques e José Gomes Sobrinho.

Zico quer repetir gol marcado em 76

Antonio Maria Filho
Enviado especial

Belo Horizonte — Em 1976, contra a União Soviética, Zico marcou um dos mais bonitos gols de sua carreira. Conta que pegou a bola no meio de campo, partiu em velocidade em direção a área adversária e, depois de driblar vários jogadores, chutou sem defesa para o goleiro. Hoje, volta ao Maracanã vestindo a camisa da Seleção Brasileira, contra o mesmo adversário, tentanto, se possível, repetir aquele gol, o segundo da vitória do Brasil por 2 a 0.

Apesar de toda a indefinição que marcou esta semana de treinamentos da Seleção Brasileira, a presença de Zico já é o bastante para o torcedor comparecer ao Marcanã em grande número, certo de que poderá assistir a um bom espetáculo. Todos os jogadores sabem que terão pela frente um adversário difícil, mas acreditam numa boa exibição, pois confiam no talento individual da equipe, onde Zico aparece como sua principal estrela.

A confiança

As informações recebidas pela Comissão Técnica da Seleção Brasileira dão conta de que esta equipe da União soviética será a mesma que disputará os Jogos Olímpicos de Moscou. Portanto, um time bem preparado, o mesmo que, recentemente, derrotou as Seleções da França, Suécia e Bulgária com relativa facilidade.

Esses dados poderiam deixar Zico preocupado, pois a Seleção Brasileira até chegar ao Rio não sabia sequer qual seria sua formação. Mas, nem isso é suficiente para intranqüilizá-lo. E quando lhe perguntam sobre a responsabilidade de se conseguir um bom resultado, diante de uma equipe que vem treinando há algum tempo, Zico responde com naturalidade:

— A Seleção deles pode estar bem, mas confio muito na força do futebol brasileiro. Os treinos na Toca da Raposa não foram dos melhores, mas quando a partida começar tudo se modificará. Quando entrarmos em campo para enfrentar uma outra seleção, nossa responsabilidade aumenta. Todos se empregam para valer, nosso time cresce muito e indiscutivelmente o futebol brasileiro ainda é um dos melhores do mundo. Respeito este nosso adversário, mas temos tudo para conseguir um bom resultado.

Dos 460 gols que marcou em toda a sua carreira, torna-se difícil dizer qual o mais bonito, mas o feito contra a União Soviética, em 1976, é considerado por Zico um dos mais belos.

— Normalmente sempre faço gols bonitos quando há alguma comemoração especial na minha casa. Naquele dia, havia nascido o filho de Tonico, um dos meus irmãos. Sabia que faria um bonito gol, mas não esperava que fosse tão bonito. Para falar a verdade, não me lembro de muitos detalhes daquele jogo, mas o gol está até hoje gravado na minha cabeça. Ganhávamos de 1 a 0, gol de Falcão, quando recebi a bola no meio de campo. Estava sozinho e ninguém apareceu em condições de ser lançado. Foi então que decidi avançar e saí driblando quem aparecesse para me combater. E já dentro da área chutei sem que o goleiro pudesse fazer alguma coisa. Vencemos bem aquele jogo. Agora não há qualquer comemoração especial lá em casa, mas quem sabe não marcarei um gol tão bonito quanto aquele?

João Saldanha

O adversário desconhecido

POUCO ou nada se sabe do time soviético que enfrenta a Seleção Brasileira hoje de tarde. Já ouvi duas versões. Uma que seria um time formado com a base do Spartak de Moscou. Outra que seria um time com base no que jogou em Toulon, reforçado com alguns elementos mais experientes, formando uma equipe mais ou menos de média de idade de vinte e quatro anos e com vistas aos Jogos Olímpicos. Se for esta última hipótese, quer dizer que a primeira turma não estará presente, salvo um ou outro que se revele a jato e entre na primeira categoria.

O jeito é falar sobre o futebol soviético de outras épocas. Nas décadas de cinqüenta e sessenta formava entre as dez melhores equipes. Já em 1958 era parada dura e depois, em 1966, foi quarto colocado no mundial de Londres. Vários cobras chamavam a atenção dos críticos internacionais. Seria ocioso lembrar Yashin cuja fama foi a de um dos melhores goleiros de todos os tempos.

Não é preciso se basear logo no melhor de todos. Mas a equipe soviética, que já foi campeã da Europa, sempre apresentou uma turma de ótimos jogadores. Metreveli, o ponteiro-direito, excelente driblador e jogador de rara habilidade. O outro, o meio careca e baixo, o canhotinho Mesh que tinha grande velocidade. O ponta-de-lança Banishevski, muito rápido e objetivo.

Mais atrás, mas isto foi até 60 mais ou menos, ainda jogava o excelente Igor Neto, "meia-armador", se quiserem assim ou "meio-campista" de primeira água. Várias vezes junto com Yashin foi apontado como candidato a melhor jogador europeu para o Troféu Bola de Ouro. E mais um ainda que esteve por aqui algumas vezes, o excelente zagueiro Chesterniov, um grandote que positivamente era a antítese de Moisés, pois jogava macio e batia com as duas pernas com grande facilidade. Foi efetivo na seleção da Europa por vários anos. Se não me engano muitas vezes capitão de sua seleção.

E isto para não falar em Cheslenko, que creio não jogou aqui, ou um Streltsov que tampouco apareceu por nossas paragens. Jogador de atuação e caráter muito irregulares, mas um admirável alacante de ímpeto e imaginação criativa. Verdade que nosso intercâmbio com equipes européias diminuiu muito e estamos meio por fora. Não fossem estes jogos pela televisão e pouco ou nada saberíamos, mesmo dos alemães ou espanhóis, apesar de uns times nossos terem andado por lá. Mas sintam a diferença das décadas de 60 e até 70. Ainda bem que a CBF está no firme propósito de restabelecer as positivas experiências de um passado recente. Assim os conheceríamos melhor. Este isolacionismo tem sido muito prejudicial. Passamos novamente a inventar fantasmas e meio sobre o desespero passar a jogar um futebol que não sabemos — o futebol trombada — e que também não é jogado em parte alguma. Sentiram a reação da UEFA com respeito ao comportamento dos torcedores ingleses em Turim? A Liga Inglesa foi multada em 30 mil francos suíços, quase um milhão de cruzeiros. E aqui dizem que o clube não é responsável por sua torcida. É sim. Se o clube ou entidade quiserem, nada acontece nos estádios. E o clube quem esquenta e quem dá a tônica do que vai acontecer no campo e fora dele. E a torcida, sabendo que seu favorito será prejudicado, se comporta direitinho. Infelizmente aqui é conveniente que ganhe o time do Governo local.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro □ Domingo, 15 de junho de 1980

caderno B

EM DEBATE, A TEORIA DA RELATIVIDADE

"Se a relatividade der certo, os alemães me chamarão alemão, os suíços me transformarão num cidadão suíço e os franceses dirão que sou um grande cientista". Mas, continuou Albert Einstein, "se a relatividade não vingar, os franceses dirão que sou suíço, os suíços que sou alemão e os alemães me chamarão de judeu".

Se o cientista brasileiro César Lattes provar que Einstein estava realmente errado, que a relatividade não existe, e sim a simultaneidade absoluta, que a luz não se propaga com a mesma velocidade em todos os referenciais e que a velocidade também não é a mesma em todas as direções, muita coisa também vai mudar no universo.

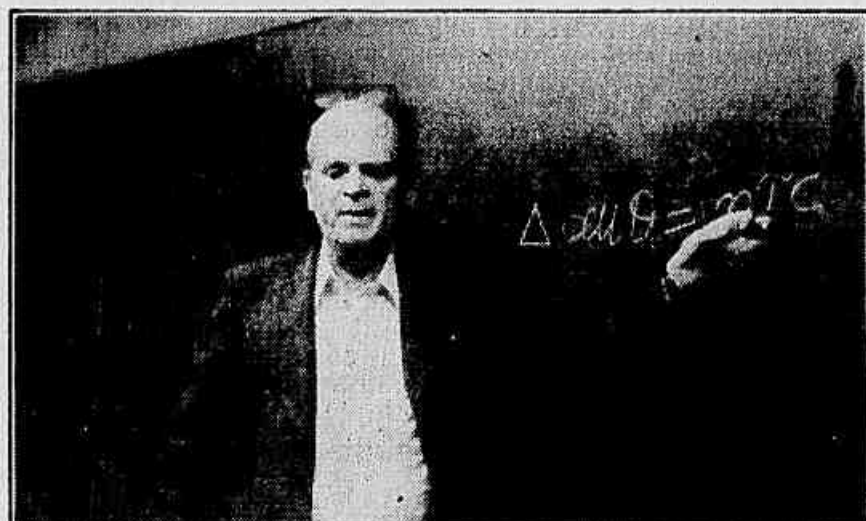
Parte da comunidade científica se assusta e diz entre atemorizada e incrédula que Lattes "não está derrubando apenas Einstein, mas Newton, Galileu e toda a Física de 500 anos". O físico Jayme Tiomno não acredita nisso: "Ele pensa que derrubou Einstein, derrubou foi o Newton", afirmou, após o debate na Academia Brasileira de Ciências, quinta-feira passada, quando expôs durante meia hora o que chamou de "as contradições da descoberta de Lattes". Mais tarde, Lattes disse que não concordava com a forma de contestação de Tiomno. Além disso, "Newton estava certo", quanto ao absoluto.

Três físicos expuseram seus experimentos. Dois deles, V. Buonamano e M. Lunetta, estavam credenciados por César Lattes, e o terceiro era o próprio Lattes. Lunetta reforçou, usando um prisma, a teoria de Lattes e suas conclusões.

As investidas da comunidade científica são furiosas, contidas em perguntas demolidoras dirigidas a Lunetta e Buonamano. Quanto a Lattes, antes que as perguntas viessem, adverte: "Peço que as perguntas sejam feitas em tom de Academia de Ciências, e não sejam auto-afirmação dos presentes. Peço igualmente que se use o português ao falar (ele se referia a afirmações do tipo **locado**, isto é, preso, que o levou a levantar-se e perguntar ao físico o que significava.

Lattes contesta Einstein e Lorentz, e os experimentos contrários aos seus efetuados na PUC: "O laboratório deles deve ser do tipo gaiola de Faraday, de ferro. Em Campinas, trabalhamos num meio porão, uma parede é de terra, duas de tijolos". Tiomno, por sua vez, não está zangado: "Não, não estamos brigados, sou até padrinho do casamento dele." Lattes espera ver "experimentos mais competentes" que contestem o seu, e ter a certeza de que sua descoberta será confirmada nacional e internacionalmente. "Tomara que desta vez o nacional venha antes", concluiu.

CÉSAR LATTES

"EINSTEIN É UM DÉBIL MENTAL, UMA BESTA"

"Newton e Galileu continuam em primeiro plano", garante Lattes

Carlos Rangel

"HÁ homens que se habituaram a ganhar o pão de cada dia com a teoria da relatividade de Einstein, e agora não conseguem botar na cabeça outra idéia e aceitar uma teoria nova". O cientista César Lattes, 55 anos, a caminho de seu sítio abandonado em Pendotiba, Niterói, não estava para gracejos,às 7h15m, no Hotel Paissandu, onde fica há anos quando vem ao Rio.

Mas, a despeito da gripe, ele se sentia como um atleta vitorioso, embora exausto, depois da maratona na noite anterior, quando apresentou sua tese na Academia Brasileira de Ciências. Sacudiu a chamada comunidade científica com um pontapé no princípio da relatividade — "algo que não levei a sério nem quando era aluno" — e virou as costas ao teorema de Lorentz sobre a propagação da luz e das ondas eletromagnéticas.

Se fez uma exigência para a entrevista tão matinal — um buquê de flores para a mulher, Dona Martha — acrescentou outras frases desconcertantes e críticas ao comportamento de algumas pessoas que estiveram no auditório da Rua Anfilófio de Carvalho, uma viela à direita do prédio do MEC.

"Eu esperava, pelo menos, que fizessem perguntas em português. Esse pessoal de tanto falar **americano** acaba por se confundir, utilizando aparelhos importados e que não sabem manipular".

"Foram interrupções raivosas, em nível pouco acadêmico. Mas, para falar a verdade, eu esperava mais polêmica e discussão. Afinal, além da minha equipe, apresentou-se também uma teoria que acaba com a Mecânica Quântica, da autoria do professor Vincent Buonomano meu colaborador em Campinas. O professor Jayme Tiomno foi muito **galante** em tentar defender Einstein. Lamento que não o fizesse por escrito. E eu cedi 20 minutos do meu tempo para que expusesse o seu ponto-de-vista".

"Estamos às vésperas de uma revolução na Física, o que não acontecia desde 1900. Nunca levei em conta a teoria da relatividade, mas não tinha como provar".

César Lattes não esconde ter obtido o que pretendia, mais do que a repercussão nos jornais, agora a discussão (aqui apaixonada) num restrito meio científico, e depois a adesão que chega de várias partes do mundo, através de cartas, telegramas e telefonemas internacionais no meio da madrugada, para o hotel na Praia do Flamengo.

"Não dei tudo o que podia dar durante a reunião na Academia. Foi uma sessão em que procurei ser o mais empírico possível e não **chutar** um dado sequer. Não era um encontro para dizer: "Eu acho isso ou aquilo." O teórico é um tipo preconceituoso. Fica zangado quando aparece alguém com certos resultados. Sente-se ameaçado de perder o emprego."

Lattes começa a se animar: seis cigarros fortes dos quais arrancou o filtro e três xícaras grandes de café puro com muito açúcar servidas no hall do hotel, entre pensamentos intercalados, como é o seu jeito — um estilo antigo muito longe de se supor que se possa estar diante de um cientista alienado: "A manhã está maravilhosa." "Sim, houve uma abertura no Governo Figueiredo." "Prefere falar de mulheres?". "O Senador Paulo Brossard não passa do Trotsky da Revolução Russa."

Ele sabe que o repórter — para o qual dissertou há 20 anos durante uma hora sobre o que acontece com a trajetória e queda de uma tampinha de coca-cola — não está entendendo patavina de sua teoria, assim como muitas outras pessoas com título de **PhD**, presentes à sessão extraordinária na Academia.

Ele se mostrou também nervoso e pediu três vezes para tirar o paletó e arregaçar as mangas, como se fosse duelar com o auditório. E se o ouvinte está incluído na categoria dos leigos, mesmo que traga um gravador, o melhor é entrar na atmosfera de fantasia que o cientista cria deliberadamente. O esboço de sua tese leva a assinatura também do faxineiro. "Ele contribuiu mantendo limpo o laboratório."

E no resumo ele fala sobre a transformação de **Gaúcho**. Ontem, explicou que, de fato, é homenagem ao seu cachorro falecido. Conviveu com ele por 13 anos. Agora tem um perdigueiro que leva o nome de **Chico Buarque**.

Lattes negou que tenha considerado o pessoal da PUC, do Rio, incompetente. O instrumental utilizado pelo Observatório Astronômico é que é deficiente. Quanto ao professor Jayme Tiomno, que o contesta defendendo Einstein, Lattes afirma:

"Suas refutações não foram muito elaboradas, apenas impressões. Não me convenceram. Alguns fatos, trivialidades apenas. E outros dados meus apresentados, ele entendeu mal. Concluiu que eu refuto Newton. Muito pelo contrário. Ora, não dá, com todo o respeito que lhe tenho. O melhor é que fizesse uma comunicação à Academia, por escrito, como lhe propus. E, depois, o Observatório Nacional não observou nada porque está olhando na direção errada — Leste-Oeste. Não tem condições de ver nada. E, assim, os dados experimentais que Tiomno trouxe não são confiáveis. E a minha interpretação é que Newton e Galileu continuam em primeiro plano, e quem "entra pelo cano" é Einstein e Lorentz".

O sítio em Niterói adquirido em 1952 estava abandonado. São 55 mil metros quadrados herdados, e a telefonista Maria Cristina, do Hotel Paissandu, acaba de ser designada como administradora. Lattes retoma a conversa e diz que continua trabalhando em Campinas e que "a USP como Universidade é muito fossilizada.

Enquanto estiver vivo, continuarei pesquisando. A interação com os alunos é renovadora. Enquanto eu não estiver **gagá**, continuarei trabalhando. Meu salário é de Cr$ 130 mil, gasto só metade".

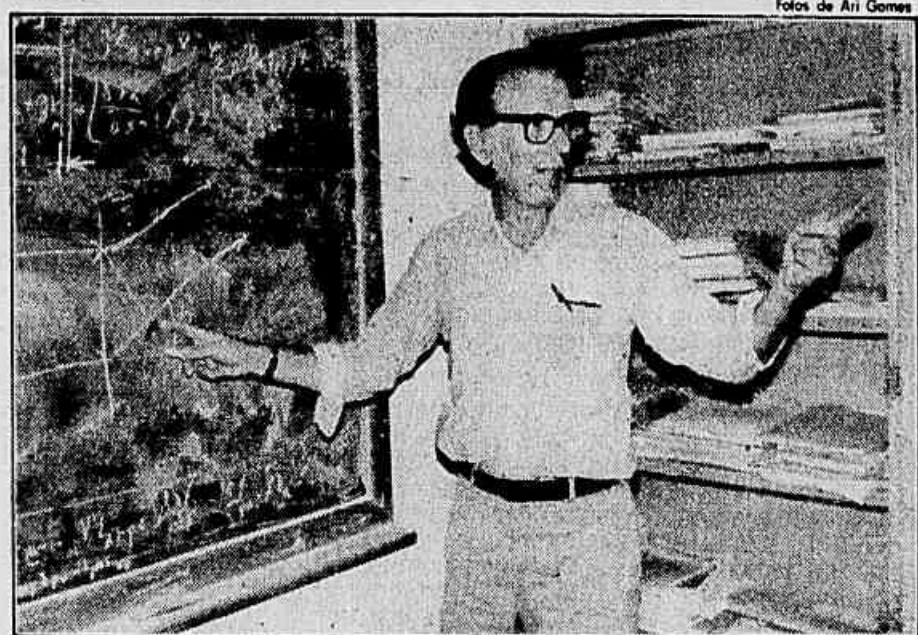
César Lattes a seguir mostra com gestos que sua teoria é simples: "O movimento retilíneo e uniforme da Terra, em relação às galáxias, altera os fenômenos físicos, e portanto os fenômenos naturais que acontecem num laboratório. A Terra muda a cada 24 horas siderais. Portanto, os fenômenos físicos naturais da Terra estão modulados por esse movimento. Então, você se deita numa cama, e sente isso aqui na cabeça (faz pressão com os dedos na testa), e 24 horas depois sente isso aqui (e mostra outro ponto na cabeça). Isso modula você, como modula o estado sólido e modula o metrô de Paris. E pode até mesmo afetar os reatores e demonstrar que não têm segurança, porque não levaram em conta esses fatos."

O garçom David traz mais café para o hospede famoso. "A experiência científica no planalto de Chacaltaya, na Bolívia, está indo bem. Agora precisamos conseguir 2 mil toneladas de chumbo. Os russos ofereceram e, depois de terminada a experiência, devolveremos."

Em maio do ano passado, o cientista começou a trabalhar na tese, "quando o meu genro pediu para explicar como funcionava a retícula de fração; e então cheguei à conclusão de que o conceito de simultaneidade relativa de Einstein leva a contradições". Em setembro, Lattes montou a experiência em Campinas. A entrevista termina com um depoimento sobre Eisntein:

"Ele apenas deu um chute em gol. Acho que era débil mental. Mas o débil mental, às vezes, enxerga coisas que outros não enxergam. Deu dois chutes em gol: teoria do efeito fotoelétrico e teoria do **corpo negro**, a base da Mecânica Quântica. Mas no resto eu acho que ele é uma besta, mau pai, mau marido, sem amigos. Morreu só. Botava uma meia pela metade, não pagava as contas direito, um excêntrico. Não é possível ser excêntrico", concluiu César Lattes.

À saída do hotel, o cientista disse ainda esperar uma grande **abertura** na ciência. "A rapaziada vai deixar de ser **hippie**, e voltar a ser bastante conservadora; mas **pra-frente**, mais aberta, conservando o que é bom. Tenho imensa fé nesta mocidade e também em alguns velhos. Chega, agora preciso ganhar meu dia, e seguir para Niterói."

Fotos de Ari Gomes

"Einstein entrou de gaiato", diz Tiomno

JAYME TIOMNO

"LATTES ESTÁ ERRADO. E É INCOERENTE"

Norma Couri

— TODO estudante discorda de Einstein — diz o professor Jayme Tiomno, físico da PUC, considerado dos maiores do país. — Eu também contestei a Teoria da Relatividade, a Mecânica Quântica, até me convencer que estava errado. Mas não saí às ruas gritando isso. Lugar de se discutir isso é na Academia de Ciência.

Mas não é assim que se mudam as coisas?

— Não, Einstein só caiu no gosto do público e virou mito meses ou anos depois de ter comunicado seus experimentos à Academia de Ciência, aos físicos, e só virou notícia depois da manchete em jornal inglês **Einstein destruiu Newton**, fato que aliás muito o incomodou e o fez brigar com a imprensa o resto da vida. Aliás, ele afirmava nunca ter derrubado Newton (na Inglaterra Newton era ídolo nacional.)

Mas muitos revolucionários já apareceram e derrubaram teorias e mitos.

— Galileu não derrubou a Física. E nem Einstein derrubou Newton. O que era explicado na teoria de Newton ficou mais explicado na sua. As coisas evoluem, não se derrubam assim.

Alguém telefona, cumprimenta o professor Tiomno pelo "final feliz" e a contestação da exposição do trabalho de César Lattes na Academia de Ciências.

— Em qualquer país civilizado, não teria tido começo — ele diz. — Lattes não mediu nenhuma variação da velocidade da luz com o movimento da Terra. A única coisa que mediu foi a mudança de posição da imagem de uma fonte luminosa observada de uma luneta, e não mediu diretamente nenhuma propriedade ligada à propagação da luz devida ao movimento da Terra.

Mas e o deslocamento?

— Não deveria haver deslocamento algum se não existissem causas locais variando durante o dia e durante a noite. Causas locais como corrente elétrica, campos magnéticos. E o laboratório dele não é o universo.

A PUC é responsável por um dos experimentos — feito no auditório de Química por Maurice Bazin — que contestaram o de Lattes.

— Mas o ônus da prova cabe à acusação e não à defesa. Ontem Lattes **provou** que não só Einstein, mas Newton, Huygheus estavam errados. Ele disse que nosso laboratório era uma gaiola de Faraday, de ferro, nada disso. Como se não se pudesse ouvir rádio em casa sem antena externa. E depois, fizemos o experimento perto da janela.

E por que não se montou o experimento na frente de Lattes?

— Repito que o ônus da prova cabe ao acusado. Eu sou o defensor de Newton, Einstein. Ele é que devia levar a sua montagem na PUC. O trabalho dele nem está escrito ainda.

O professor Lattes lhe pediu uma contestação por escrito.

— Só escrevo um trabalho refutando o seu depois que ele me mandar o dele. A interpretação de sua exposição está errada. E estou certo de que o uso que fez da sua teoria também está errado. A razão é simples: a teoria dele, para um fenômeno desse tipo, é idêntica à de Newton. Ele não pode medir a velocidade da Terra dividida pela velocidade de luz ao quadrado. Segundo Fresnel, usando a teoria de Newton e a teoria ondulatória da luz de Huygheus, não há efeito em ordem de 1 sobre 10 mil produzido pelo movimento da Terra — só seriam possíveis efeitos 10 mil vezes menores 1 sobre 100 milhões.

E repete:

— O que o Lattes mede é o deslocamento do comprimento de onda da luz dividido pelo comprimento de onda. Não mede nenhuma velocidade da luz, ou da Terra, ou a nisotropia da luz, nem uma nisotropia da luz devida à velocidade do deslocamento da Terra.

Mas se o professor Lattes tivesse encontrado variações de velocidade muito menores, não seria escândalo.

— O escândalo seria ele achar com sua aparelhagem, que não é própria para isso. **Deve-se** observar que há uns 150 anos foram feitas experiências óticas para detectar esse tipo de efeito. E nada foi encontrado. Cálculos feitos por alguns físicos teóricos encontraram a fórmula do tipo da de Lattes. Mas Fresnel provou estarem errados. (Essas experiências foram feitas porque havia cálculos que encontravam uma formula do tipo da de Lattes.)

Na sua conferência tanto na PUC como na ABC, o professor Tiomno já havia demonstrado isso.

— Mostrei que, quando se faz o cálculo correto, num determinado momento aparece a fórmula de Lattes com a direção da luz vista do sistema do Sol e não da Terra. Aparece a fórmula do Lattes mas não o ângulo formado pela direção da luz na Terra — e sim em direção so Sol. E, quando se escreve em termos do ângulo da luz, observado do laboratório pela fórmula de Bradley, o efeito desaparece inteiramente.

Em 1728, Bradley descobriu o fenômeno da aberração da luz: a direção da luz medida em relação ao Sol é diferente da direção medida em relação à Terra.

— É um efeito elementar da Astronomia. Se for levado em conta, a previsão de Lattes desaparece por simples cálculo matemático.

A fórmula de Bradley explica como vemos as estrelas se moverem.

— Durante as 24 horas nós vemos as estrelas girarem em torno da Terra, porque é a Terra que está girando, e a estrela é vista como se ela é que estivesse mudando de direção. Além disso, durante o ano, as estrelas também mudam em função do movimento da Terra. A diferença do ângulo que liga o laboratório à estrela é diferente, medido do laboratório ou medido por um observador fixo (e não girando em torno do Sol).

Segundo Tiomno, se a interpretação de Lattes estivesse correta, o aparelho do experimento, em posição Leste-Oeste, deveria cair para um terço, e não para zero. Também acha que Lattes é incoerente com a própria teoria dele.

— Como o eixo da Terra está mudando de posição e as estações resultam disso, Lattes deveria obter resultados 10 vezes maiores durante o ano. Assim, ou Lattes não provou nada, ou voltamos à Física de antes de 1700. Há contradições na fórmula que ele está usando. O resultado de Lattes não pode ser verdadeiro, se usarmos as teorias de Newton e Huygheus. E toda as fórmulas de teoria de relatividade de Einstein coincidem com as de Newton quando se desprezam termos da ordem da velocidade do laboratório sobre a velocidade da luz ao quadrado.

Segundo Tiomno, ainda, Einstein "entrou de **gaiato** nessa". Lattes não provou que Einstein está errado porque esse efeito já não existia antes de Einstein, pela teoria de Newton e Huygheus. "Repito: se fosse verdade o que prega Lattes, ele estaria derrubando Newton e Huygheus."

— Ele trouxe a dança das raias. Qual a orquestra que toca, essa é a grande discussão. A raia de outras pessoas não está dançando. Por quê? Há experimentos que contestam o seu. Se o experimento de Lattes estivesse certo as fábricas de espectrômetros teriam entrado em falência há 50 anos. Os espectrômetros de rede, com precisão de 100 a 100 vezes maior do que o de Lattes teriam registrado desvios de 10 a 1000 vezes maiores que o dele e os resultados dos laboratórios entrariam em contradição.

Tiomno cita as experiências de Maurice Bazin na PUC, de Ramiro Porto Alegre Muniz, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas,de Fernando Penna, no Instituto de Física de Campinas e a do Observatório Nacional de Minas Gerais. E diz que nenhuma coincidiu com a de Lattes (ele nega isso).

O professor Jayme Tiomno poderia discutir durante muitas horas todas essas contradições, como aliás tem feito para alunos, na Academia Brasileira de Ciências.

Está assustado com os alunos de Física que começam a exigir a "retirada daquela cadeira inútil sobre teoria da relatividade" de seu currículo. Essa "teoria inútil" é especialidade do professor Tiomno.

— Por isso, contesto os debates em público. São anticientíficos. Pessoas que nada entendem se transformam em juízes. Assim vira uma grande torcida de futebol, só que, garanto, o público conhece muito mais de futebol do que de Física.

Carlos Eduardo Novaes

ALTERNATIVAS ALIMENTARES

EU não consigo. Eu juro que não consigo. Estou tentando pela décima segunda vez e não consigo preparar uma sojoada. Quase sempre o feijão cozinha, mas a soja permanece crua. Agora, na minha última tentativa a soja cozinhou (estava desde quinta-feira no fogo) mas quando olhei **pro** fogão o feijão tinha-se evaporado e a panela derretido.

Não tenho a menor intimidade com a soja. É natural: enquanto o feijão-preto é coisa nossa — presume-se que há 7 mil anos já era cultivado por índios brasileiros — a soja é nativa da Ásia. Chineses e japoneses comem soja desde antes do Dilúvio. Agora, experimentem botar feijão-preto no prato de um japonês. Ele vai dar um murro, fazer meia dúzia de caretas, subir em cima da mesa, resmungar durante 15 minutos, assumir uma posição marcial e pisotear no prato. A soja é uma leguminosa realmente rica em proteínas mas tem um pequeno problema: se a pessoa comer todos os dias, acaba ficando com uma coloração amarelada e os olhos rasgados.

De qualquer maneira, apesar de chamar a soja de senhora — tal a minha falta de intimidade — continuo insistindo. O Ministro da Agricultura fez uma expressão tão feliz diante das câmaras, comendo sojoada, que eu fiquei com água na boca. Ao terminar o almoço, entrei no restaurante da Bolsa de Genêros Alimentícios do Rio e fui a ele, procurar saber qual é o gosto da soja.

— Bem — disse ele tentando me explicar enquanto sorria para as câmaras de TV — a soja tem um gosto...assim...um gosto de...como direi?...é algo muito especial...um sabor de...de...não adianta, não dá **pra** explicar, você tem que provar.

A soja (do japonês **shoyu**) é só o começo, meus caros. Podem esperar que vem mais por aí. À medida que a crise econômica se agravar e o Governo se mostrar impotente **pra** controlar os preços a dieta do brasileiro (do brasileiro que ainda come, bem entendido) passará por uma verdadeira revolução.

Não se surpreendam se no mês que vem o Ministro da Agricultura voltar à Bolsa de Gêneros Alimentícios para provar mais alguns pratos preparados para uma nova alternativa alimentar do carioca: o **arropor**. O almoço marcará o lançamento oficial no mercado do arroz enriquecido com grãos de isopor.

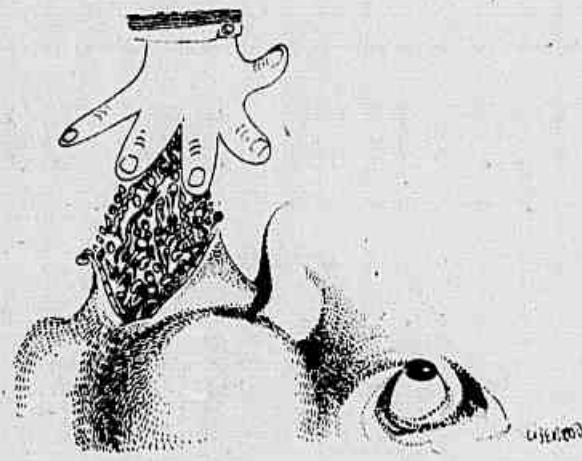
— Bom, muito bom — dirá o Ministro mastigando o isopor e sorrindo para as câmaras — Macio, não?

— Só que o isopor demora uma semana para cozinhar, Ministro.

— Isso é o de menos — dirá o Ministro sorrindo **pras** câmaras enquanto bota o arroz num canto do prato e come só o isopor — basta colocar uma pitadinha de soda cáustica.

Passaremos a comer então sojoada com arropor, acompanhada de todos os outros ingredientes como a carne de porco, a farinha e a couve. Isso é claro, até o momento em que a couve sumir do mercado. Nesse dia, a Secretaria do Planejamento da Presidência da República (SEPLAN) divulgará um cardápio anunciando que, para substituir a couve, o carioca conta com uma excelente alternativa alimentar: a samambaia. O Ministro da Agricultura tornará a aparecer na Bolsa de Gêneros Alimentícios para comer sua sojoada com arropor e exaltar o alto teor nutritivo da samambaia.

— Tenho certeza — dirá o Ministro diante das câmaras estendendo o seu prato **pra** pedir mais um pouco da nova couve... da chorona, da chorona! — que quando o carioca descobrir as qualidades nutritivas da samambaia jamais voltará a comer grama.

A grama tinha sido lançada uma semana antes, para substituir a alface que sumiu do mercado (ninguém sabe como). O Ministro, na ocasião, estivera na Bolsa fazendo a apologia da erva gramínea diante das câmaras de TV. Disse ele que o carioca precisava terminar com esse preconceito contra a grama porque os eqüinos e os bovinos faziam dela a "**pièce de resistance**" de sua dieta "e vejam só a disposição, a saúde e o peso desses animais"!

— Eu mesmo — afirmava o Ministro diante das câmaras enquanto tirava da boca uma trava de chuteira que por acaso estava misturada com a grama — eu mesmo, depois que passei a incluir essas ervas gramíneas no meu cardápio, ando com uma saúde cavalar.

Em novembro, mais ou menos, o Ministro voltará ao Rio para lançar uma outra alternativa alimentar sugerida pelos cérebros da Seplan. Só que dessa vez, como os almoços na Bolsa já se tornavam monótonos, o Ministro resolveu lançar a nova alternativa, junto com a sojoada, o arropor e a samambaia, na praia. Haverá uma pequena solenidade no calçadão da Avenida Atlântica. Ao seu término o Ministro, seus assessores e convidados se enchafurdarão na areia até uma barraca verde e amarela onde estará esperando por eles a mais recente alternativa alimentar do carioca: a **fareia**.

A **fareia**, como se pode perceber, é uma mistura de farinha, enriquecida pela areia da praia. A **fareia** foi uma sacada genial dos cérebros da Seplan preocupados em facilitar a vida do consumidor carioca desde o dia em que a farinha de mandioca sumiu do mercado. Além de ser muito mais nutritiva (a areia não contém mineral: ela é o próprio mineral) sairia muito mais barato já que temos areia em abundância em nossas praias. Segundo os cálculos da Seplan a população do Rio de Janeiro demoraria uns cinco anos para comer toda a praia de Copacabana.

Sentado debaixo da barraca o Ministro pediu que lhe passassem a farinheira, cheia de **fareia** e esparramou com fartura sobre a sua sojoada, fazendo um ar de grande felicidade diante das câmaras de televisão.

— Estou muito necessitado de mineral — dizia o Ministro, empurrando **pra** dentro da boca a areia que estava espalhada pelo bigode.

— Mas, Ministro, a areia é um alimento difícil de se mastigar... incomoda os dentes..

— Não, não — retrucou o Ministro enquanto apanhava um punhado de **fareia**, abria a boca e jogava por cima — isso é apenas uma questão de hábito... quando todos se conscientizarem das vantagens dessa substância mineral pulverulenta, ninguém mais vai preocupar-se com os dentes.

Pelas minhas contas, até o final do ano o único ingrediente autêntico que vai sobrar da nossa tradicional feijoada são os pedaços de carne de porco. Isto, naturalmente, até o dia em que o porco sumir do mercado. A partir daí, não se espantem se, num sábado desses, vocês saírem **pra** comer uma sojoada e derem de cara com um pé de galinha mergulhado na terrina. Bem, nesse dia eu paro de comer sojoada. Não é por nada não: é que a parte que mais gosto da feijoada (sojoada) é a orelha, e galinha pelo que me consta não tem orelha.

— Não tinha — corrigiu-me um dos cérebros da Seplan — Vá ao nosso próximo almoço na Bolsa de Gêneros Alimentícios que estaremos lançando a galinha com rabo e orelha.

— O Ministro da Agricultura vai?

— Não. Infelizmente o Ministro tá de cama. Quase morreu de uma intoxicação alimentar.

Juarez Machado Inaugura Hoje na Mini Gallery

★ Hoje, às 20h, todo o Rio das artes tem encontro marcado no Shopping Cassino Atlântico: a Mini Gallery inaugura a exposição de **Juarez Machado**. Na apresentação, **Jayme Maurício** escreve que metafísica em **Juarez** quer dizer imaginação especulativa, além de poética.

★ O III Salão de Artes Visuais da Casa da Bahia (Av. Alm. Barroso, 22 — Gr. 704 — T. 220-6131) abre no próximo dia 2 de julho, data da independência da Bahia. **Ivette Brito**, Presidente da Casa há 3 mandatos, informa que os prêmios serão aquisitivos e as inscrições vão até 26 de junho, na sobreloja do MEC, das 14 às 17h.

★ Nesta semana, **Augusto Rodrigues** estará na Argentina com grande exposição de óleos e desenhos, recebendo as homenagens dos mil e um amigos. Coisa que pouca gente sabe é que **Augusto Rodrigues** é tão querido lá como cá. Os 50 anos de rica e abençoada atividade como artista e mestre serão documentados em luxuosa edição preparada pela editora Raízes de S. Paulo (100 reproduções à cores), sob o olho vivo de **Regastein Rocha**.

★ Excelente a exposição de **Abelardo Zaluar**, na Galeria Saramenha. O alto nível de programação da Saramenha prossegue com **Aluísio Carvão** (julho), **Victorina Sagboni** (outubro) e **Dionísio del Santo** (novembro). Quem já viu os quadros de **Aluísio Carvão** garante que sua exposição estará entre as melhores do ano.

★ Pintura abstrata de lindos efeitos: **Telmo Ventura**. Na Galeria Trevo, Dora **Basílio** não consegue expor um quadro seu por mais de 15 dias. Aparece logo um comprador.

★ **Luiz Jasmin**, dia 19, na Galeria Ranulpho de S. Paulo. Toda a imprensa paulista saudando a volta do mago de Itaparica.

Mozart Amaral

★ **Mozart Amaral** (foto), Presidente do SESC, patrocinará a mostra denominada "O Fazer na Arte de 10 Gravadores Brasileiros", Centro de Atividades da Tijuca, a partir de agosto. Nesta exposição, **Liria Palombini, José Paixão, Ciro Fernandes, Anna Carolina e José Lima**, dentre outros.

★ **João Cardoso Filho**, nomeado preposto do leiloeiro **Abrahão Abressor** (o ilustre herdeiro de **José dos Bichos**), avisa que vai promover leilões de arte. Grandes coleções deste país começaram com **José dos Bichos**, na Rua da Lapa.

★ Com o desenhista industrial **Frank Barral**, mais **Sandra Gnatali e Yolanda Ramos**, a Galeria Realidade (259-1998) envia a sua diretora **Nilda Araripe** a Paris, esta semana, para transar altos negócios. Nilda visitará a Iugoslávia onde vai ver trabalhos de artistas primitivos. Com **Meryanne Loum**, nossa representante em Paris, visitará a Fundação Vasarely.

★ Durante as escavações de Itaipu — bilhões de metros cúbicos de terra — a empresa binacional teve a preocupação de colecionar e classificar objetos que iam aparecendo. Daí resultaram 3.000 peças que compõem o Museu Arqueológico, primeira grande realização cultural do empreendimento.

★ **Romanelli** expõe em Brasília — Hotel Nacional — a partir do dia 23. A promoção é de **Aurino Barreto Filho e Luiz Caetano Queiroz**.

★ Intensa a movimentação de **Danton Vampré e Henrique de Oliveira** em torno do leilão programado para agosto no Palácio de **Ernani**.

★ A partir de amanhã, a atenção dos colecionadores de todo o Brasil se concentra no 2º leilão de **Renato Magalhães Gouvêa**, em S. Paulo. O catálogo está ótimo, melhor que muitos livros de arte.

★ **Herbert Salgado**, do escritório do IBC em Nova Iorque, passa pelo Rio e leva 2 quadros da pintora **Sytá** para decorar suas paredes.

★ A Sociedade dos Amigos da Rua Carioca (SARCA) programa semana de intensa atividade cultural começando amanhã dia 16, às 15:30h no Bar Luiz. Exposição de artes, no dia 17 (na loja "A Insinuante" — coordenação de **Cláudia Baratal** e tarde de autógrafos no dia 20, coordenada por **Ney Mello e Luciete Cartier**.

★ Vários grandes artistas viveram longo tempo da clientela de Cataguases. Dentre eles, **Portinari e Marcier**. Até o pintor **Jean Zach**, hoje com sólido mercado nos Estados Unidos. Estes exemplos explicam a permanência de **José Maria Dias da Cruz** na cidade. Cataguases compra tudo o que **José Maria** pinta. E o mais importante: pintor que cai nas graças de Cataguases vai longe. É tradição.

★ Chegando de Campos do Jordão **Bustamente Sá**. Como excelente paisagista que é, foi fazer alguns apontamentos locais. Volta com boas notícias do seu amigo **Camargo Freire** que o público vai conhecer brevemente. **Camargo Freire** foi prêmio de Viagem ao Estrangeiro num Salão Nacional da década de 50, participou do Grupo Bernardelli e, para se curar da tuberculose, foi para Campos do Jordão, lá se fixando até hoje. **Camargo Freire** é o pintor de Campos do Jordão, pouca gente sabe disso.

Romeo de Paoli

★ A exposição de **Romeo de Paoli** vai inaugurar mesmo no dia 18 próximo. A Galeria Momento estará aberta para receber os mil amigos do pintor que não teve culpa no atraso dos convites.

★ Debaixo do símbolo da coruja, um mundo de colecionadores: por enquanto **Nilda e Tulio Araripe, José Paulo Gandra Matins e Maria Tereza Weiss**.

★ De **Hildegard Angel**: Com o título "Vernissage" para a próxima novela, **Janete Clair** coloca as galerias e o mercado de arte na cuca de 40.000.000 de espectadores.

★ Uma nova Galeria de Arte abre na loja 113 do Shopping Cassino Atlântico com mostra de 20 artistas da Bahia. **Maria Augusta Morgenroth** é a proprietária e a programação subirá à responsabilidade de **Drault Ernany**, dos maiores colecionadores do Brasil.

★ Nesta semana os 2.000 clientes da Galeria Trevo começam a receber os convites para a exposição comemorativa dos 50 anos de pintura de **Martinho de Haro**, que chega hoje ao Rio. Dos 26 quadros da exposição que inaugura no dia 25 próximo, 5 já têm marca de venda, inclusive o da capa, que vai para o Governador de Santa Catarina. **Martinho de Haro** é dos mais importantes artistas brasileiros de seu tempo. Por estar longe do eixo Rio-S. Paulo (mora em Florianópolis e tem atelier no Rio) os preços de sua pintura deixam ainda larga margem para valorização. O quadro mais caro desta exposição custará Cr$ 160.000,00. Se **Martinho de Haro** convivesse mais com Rio e S. Paulo esta cifra poderia perfeitamente ser o dobro.

★ Os 40 anos da 1ª exposição de **Marcier** serão comemorados com uma exposição de 56 obras onde o quadro de menor preço custa Cr$ 160.000,00 e o mais caro Cr$ 1.200.000,00. Mais uma grande promoção da Galeria Bonino, para terça próxima.

★ **Zuleika Campos**, mãe do livreiro **Rui Campos** (Livraria Muro), inaugura a Galeria Mandala, em Belo Horizonte, com obras de Bax. A cidade de Curitiba também ganhará uma Galeria Mandala no 2º semestre.

Quem Vem

• O figurinista Valentino está de passagem marcada para o Brasil.
• Vem em agosto, dividindo seu tempo entre São Paulo e Rio, para o lançamento dos jeans com sua etiqueta.
• São calças masculinas e femininas, numa coleção de muitas peças, idêntica à que já existe no mercado norte-americano.

Bailarino Voador

• *O bailarino Mikhail Baryshnikov não teve o desprendimento nessessário para aceitar o convite de Carlinhos Niemeyer para pular em dupla, do alto da Pedra da Gávea, a bordo de uma asa delta.*
• *O que não quer dizer, entretanto, que não tenha ficado vivamente impressionado com o esporte.*
• *Encomendou uma asa voadora, a qual já seguirá em sua bagagem quando Baryshnikov viajar para Londres, na próxima quarta-feira.*

Incompatibilidade

• A incompatibilidade, mal que costumava atacar os telefones do Rio há mais ou menos um ano, voltou a dar o ar de sua graça.
• Quem quer que tenha sido brindado, no atual plano de substituição de números antigos, com uma linha de prefixo 240, geralmente no centro da cidade, jamais conseguirá fazer uma ligação para a Zona Sul sem antes perder meia hora em tentativas.
• A Telerj, que tão bem soube erradicar o mal uma vez, poderia se apressar em solucioná-lo de novo.

Desconfiança

• *Eram completamente infundados os rumores que tomaram conta dos adeptos mais bem-humorados da extrema-direita, ontem, dia nacional dedicado à vacinação antipólio.*
• *Temiam os extremistas que, por serem as vacinas importadas da União Soviética, as crianças brasileiras seriam inoculadas com algum tipo desconhecido de vírus comunista.*
• *Mesmo depois de terminada a aplicação das vacinas, houve quem jura ter ouvido dois extremistas de direita conversando, ainda preocupados:*
— Que o vírus é benéfico não restam dúvidas, mas não custa ficar de olho.

■ ■ ■

Pena de morte

• O Presidente Giscard d'Estaing acaba de jogar uma ducha fria na parte da opinião pública francesa contrária à pena de morte.
• Quem pensava que, de olho nas eleições do ano que vem, Giscard desse início a um processo para a extinção da pena de morte, decepcionou-se com uma recente declaração do Presidente francês segundo a qual "a pena de morte só poderá ser extinta no dia em que os franceses tiverem uma ampla e forte impressão de segurança".
• Sinal de que eles ainda não a têm. Ou sinal de que a parte da opinião pública francesa favorável à pena de morte é ainda mais apreciável do que a contrária.

* * *

• Por falar em eleições francesas: o Prefeito de Paris, Jacques Chirac, deverá anunciar oficialmente no dia 14 de julho, data nacional do país, sua candidatura às eleições presidenciais de 81.

Zózimo

O "début" de uma Princesa

Edouard-Xavier de Lobkowicz e a Princesa Stéphanie

A Princesa Stéphanie, irmã mais moça de Caroline de Mônaco, fez seu début *na noite francesa na grande festa que celebrava em Paris, mais precisamente no Pavillon Gabriel, os 20 anos de casamento dos Príncipes de Lobkowicz.*
• *Pela primeira vez a jovem Princesa de 15 anos teve um contato direto com o Gotha, sob os olhares apreensivos de seus pais. Quem assistiu à noite, descreveu a bonita adolescente como "reservada mas extremamente graciosa, sorridente e segura".*
• *Stéphanie, a presença mais fotografada e disputada da noite entre os 300 convidados, teve como* chevalier-servant, *na festa, o filho dos* hosts, *o igualmente jovem Edouard-Xavier de Lobkowicz.*
• *O* début *da Princesa foi o suficiente para os colunistas de* gossip *partirem para as especulações de praxe.*
• *Edouard-Xavier seria, a se crer nas colunas, mais do que um simples* escort: *há quem garanta, inclusive, que os dois já namoram há algum tempo.*

Confiança, enfim

• Não é apenas contra os estacionamentos irregulares sobre as calçadas que o novo diretor do Detran, Sérgio Rodrigues, está movendo uma guerra.
• Tão importante quanto ela é a que está sendo travada contra a burocracia no funcionamento do órgão, especialmente no que toca ao atendimento do público.
• Embora ainda falte muita coisa a ser superada, duas decisões importantes já foram tomadas nos dois meses que decorreram de sua posse. A primeira, a suspensão da obrigatoriedade da plastificação do certificado de propriedade de veículos; a segunda, a entrega — a partir de amanhã — das carteira de habilitação no mesmo dia em que forem pedidas.

* * *

• Pela primeira vez alguém na vida pública se dispõe a acreditar no povo.
• Não plastificar os documentos e entregar uma carteira de habilitação sem consultar os prontuários significa que pelo menos um crédito de confiança está sendo depositado nos motoristas.
• Mas que ninguém chegado a uma fraude se anime: quem for supreendido falsificando qualquer um deles enfrentará os rigores da lei, mais cassação de licenças e penas afins.

A Princesa Ira de Furstenberg, que estará recebendo amanhã em Paris para uma grande festa, celebrando seus 40 anos

Roda-Viva

• O Rio ficou ontem mais vazio, abandonado pelas centenas e centenas de pessoas que, a convite dos casais Sergio Dourado e Carlos Alberto Pereira da Silva, subiram a serra para assistir ao casamento de seus filhos Gigi e Ika em Itaipava.
• **A SBAT está convocando autores, diretores e produtores teatrais para uma reunião amanhã. Vai-se debater a ameaça de extinção do órgão.**
• **Rodolfo Garcia já está convidando para a inauguração, dia 20 próximo, no Copa, de mais um Salão de Decoração, este reunindo cerca de 50 expositores do Rio e São Paulo.**
• **Decola hoje para Londres Ricardo Ramalho, que vai fazer um curso de especialização de marketing.**
• **É Edu Lobo quem assina a trilha sonora do filme** Prova de Fogo, **longa-metragem de estréia do diretor Marco Altberg.**
• O Governador do Paraná e Sra Ney Braga estão convidando para o casamento de sua filha Nylcea Maria com Fernando Paulo Maciel, dia 9 de julho, na igreja Santa Teresinha, em Curitiba.
• **Depois de 16 anos, Homero Magalhães voltou a tocar piano em público. Ao lado do flautista Norton Morozowicz, entusiasmou a platéia que lotou o auditório do IBAM. Uma espanholíssima** Habanera, **de Ravel, foi o ponto alto do programa.**

Retificação

• ***O Michel Guérard que está chegando ao Rio para dar uma mão a Gaston Lenôtre no Pré-Catelan, com a missão, inclusive, de organizar uma fazenda onde serão cultivados legumes e frutas, nada tem a ver com*** *o mestre de Eugénie-les-Bains, também, como o que chega, Michel Guérard.*
• *Donde, o Guérard que vem para o Rio, em que pese a sua condição de braço direito de Lenôtre em Paris, não tem qualquer importância.*

Emagreça comendo

• Um bom truque para manter delgada a silhueta é a substituição três vezes por semana no menu diário da carne de boi por peixe.
• E não é necessário nem que ele seja fresco. Uma posta de atum em lata, desde que seja ao natural, tem cerca de 170 calorias, ou seja, menos do que um bife de 100 gramas, que contêm 250 calorias.
• O peixe goza da preferência dos nutricionistas por conter uma perfeita relação calorias-energia, além de sua riqueza em proteínas.

Zózimo Barrozo do Amaral

Cotações
★★★★★*EXCELENTE*
★★★★*MUITO BOM*
★★★*BOM*
★★*REGULAR*
★*RUIM*

Cinema

ESTRÉIAS DA SEMANA

- A Vida Íntima de um Político
- A Noite do Terror
- Joelma — 23º Andar
- Irmãos nas Artes Marciais

★★★★★
O ENCOURAÇADO POTEMKIN (Bronenosets Potyomkin), de Sergei Eisenstein. Com A. Antonov, G. Alexandrov e W. Barski. **Caruso** (Av. Copacabana, 1 326 — 227-3544): 15h, 16h45m, 18h30m, 20h15m, 22h. **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 14h30m, 16h15m, 18h, 19h45m, 21h30m (10 anos). Filme russo de 1925 e proibido no Brasil desde 1964. O filme é considerado como uma das maiores obras cinematográficas de todos os tempos. Passado em 1905, no porto de Odessa, Rússia, conta o motim a bordo do **Potemkin** e as manifestações populares reprimidas com massacres. **Reapresentação.**

★★★★
GAIJIN — CAMINHOS DA LIBERDADE (Brasileiro), de Tizuka Yamasaki. Com Kyoko Tsukamoto, Antônio Fagundes, Jiro Kawarasaki, Gianfrancesco Guarnieri, Álvaro Freire e José Dumont. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281 — 275-4546): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos). Premiado no Festival de Gramado como o melhor filme, melhor ator coadjuvante (José Dumont), melhor roteiro, melhor cenografia (Yurika Yamasaki) e melhor trilha sonora (John Neschling). No Festival de Cannes ganhou o prêmio especial da Associação dos Críticos Internacionais. Cerca de 800 imigrantes japoneses chegam ao Brasil em 1908, durante o período da expansão cafeeira. Entre eles, Yamada e Kobayoski são contratados para trabalhar na fazenda Santa Rosa, em São Paulo, onde enfrentam a hostilidade do capataz, que exige sempre um ritmo inalterável de trabalho. O tratamento humano só é sentido através de outros imigrantes — italianos e nordestinos. Sem alternativas, os japoneses sofrem as conseqüências de uma vida quase animal: a maleita, o suicídio e a degradação determinam o desaparecimento dos mais fracos.

★★★★
A CLASSE OPERÁRIA VAI PARA O PARAÍSO (La Classe Operaria Va in Paradiso), de Elio Petri. Com Gian Maria Volonté, Mariangela Melato, Gino Pernice, Luigi Diberti, Donato Castellaneta e Salvo Randone. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 255-2908); 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m, **Bruni-Tijuca** (Ruas Conde de Bonfim, 379 — 268-2325); 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos). Produção italiana de 1972. No Brasil, o filme chegou a ser exibido, depois foi censurado e agora novamente liberado. Massa (Gian Maria Volonté) trabalha numa fábrica e é considerado **operário-padrão**, chegando a ser hostilizado pelos colegas. Mas, depois de um acidente onde perde um dedo da mão, sua atitude na fábrica muda radicalmente ao ver o gesto de solidariedade dos companheiros. Aos poucos torna-se militante radical acabando por ser demitido. Novamente os companheiros mostram solidariedade, começando um movimento para sua readmissão, com uma **série** de passeatas e greves. Ganhador da Palma de Ouro no Festival de Cannes, 1972. **Reapresentação.**

★★★★
BYE BYE BRASIL (brasileiro), de Carlos Diegues. Com Betty Faria, José Wilker, Fábio Junior e Zaira Zambelli. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 246-7218): de 2º a 6º, às 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir de 14h. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 237-4714), **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544): 15h, 16h40m, 18h20m, 20h, 21h40m (18 anos). Um grupo de artistas ambulantes, a Caravana Rolidei, cruza de caminhão todo o sertão nordestino em direção à floresta amazônica, saindo de Piranhas em Alagoas, até Altamira daí se deslocando para Belém e em seguida para Brasília. Diegues, o realizador de **Xica da Silva** e de **Chuvas de Verão**, segue a viagem ao mesmo tempo interessado em retratar o que se passa com os artistas ambulantes (que encontram público cada vez menor nas cidades que contam com televisão) e o que se passa com as pessoas que eles encontram ao acaso no meio da viagem. Candidato à Palma de Ouro no Festival de Cannes, 1980.

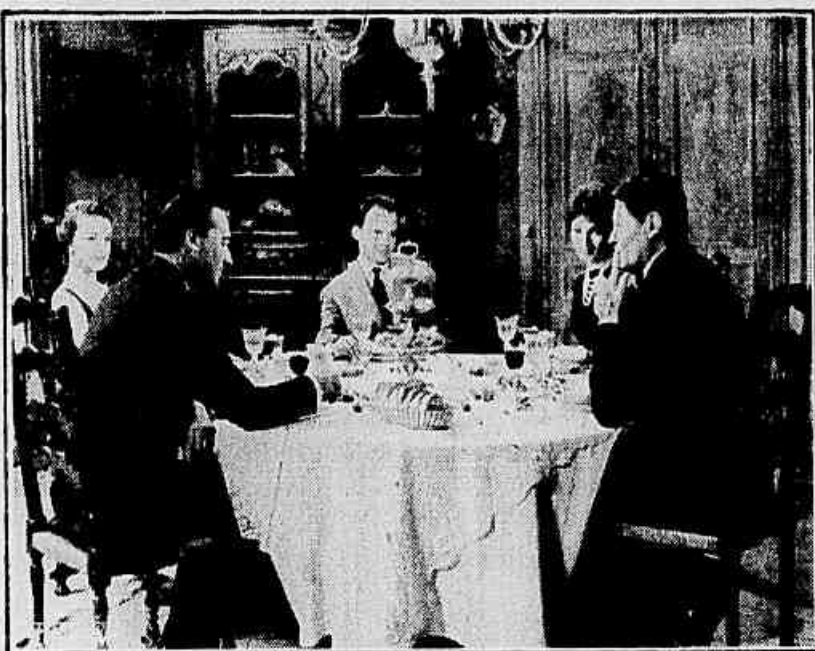
★★★★
LIÇÃO DE AMOR (Brasileiro), de Eduardo Escorel. Com Lilian Lemmertz, Irene Ravache, Rogério Fróes e Marcos Taquechel. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos). Adaptação do romance **Amar, Verbo Intransitivo**, de Mário de Andrade. No São Paulo dos anos 20, um industrial contrata uma governanta alemã, bela e culta, a fim de iniciar o filho adolescente nas coisas da vida, entre lições de piano e alemão. **Reapresentação.**

★★★
A ROSA (The Rose), de Mark Rydell. Com Bette Midler, Alan Bates, Frederick Forrest, Harry Dean Stanton e Barry Primus. **Rian** (Av. Atlântica, 2 964 — 236-6114): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. Som em Dolby Stereo (18 anos). Cantora de **rock**, jovem e talentosa, vive atormentada por instintos autodestrutivos, entre casos de amor e o triunfo profissional. Suas decepções tornam-se a história de sua geração, durante a década de 60 em plena crise da Guerra do Vietnam, quando as expectativas criadas pela aparente atmosfera de liberdade não são totalmente realizadas. Produção americana. Bette Midler ganhou o Globo de Ouro como Melhor Atriz.

★★★
A GAIOLA DAS LOUCAS (La Cage aux Folles), de Edouard Molinaro. Com Ugo Tognazzi, Michael Serrault, Michael Galabru, Claire Maurier e Remy Laurent. **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Opera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. **Santa Alice** (Rua Barão de Bom Retiro, 1.095 — 201-1299): de 2º a 6º, às 17h, 19h, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h. (16 anos). Comédia baseada na peça de Jean Poiret, sucesso de bilheteria em inúmeros países (aqui interpretada por Jorge Dória e Carvalhinho). O casamento entre uma jovem, considerada modelo de virtude, e o filho do gerente de uma boate de travestis, **La Cage aux Folles**. Na festa, os anfitriões precisam representar o que não são: o gerente e a estrela do **show**, homossexuais, vivem juntos há 20 anos. Michel Serrault conquistou o Prêmio César, como "melhor ator". Realização francesa em co-produção franco-italiana.

★★★
O SÓCIO DO SILÊNCIO (The Silent Partner), de Daryl Duke. Com Elliott Gould, Christopher Plummer, Susannah York, Mario Kassar e Andrew Vajna. **Roma-Bruni** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994): 15h, 17h15m, 19h30m, 21h45m (18 anos). Miles Cullen é um respeitado, mas tolo, solteirão com seus 30 e poucos anos de idade, que trabalha como caixa-chefe num banco de Toronto. Ele se interessa somente por peixe tropical e por sua atraente colega Julie, que tem por ele apenas um carinho especial, desde que iniciou um omance com o gerente do banco. Trilha sonora de Oscar Peterson. Produção americana.

★★★
O CASO CLÁUDIA (Brasileiro), de Miguel Borges. Com Kátia D'Angelo, Jonas Bloch, Roberto Bonfim, Cláudio Correa e Castro, Eduardo Dolabella, Luiz Armando Queiroz, Rogério Fróes e Nuno Leal Maia. Programa complementar: **A Revolta do Kung Fu no Templo de Shao Lin**. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2º a 6º, às 10h, 13h40m, 17h25m, 19h40m. Sábado e domingo, a partir das 13h40m. (18 anos). Baseado em dados e informações do livro **Por Que Cláudia Lessin Vai Morrer**, de Valério Meinel, o filme aborda o caso Cláudia Lessin Rodrigues através de um detetive (Roberto Bonfim) e um repórter (Carlos Eduardo Dolabella) empenhados no combate ao tráfico de drogas, ao mesmo tempo em que apresenta a história de Flávia (Kátia D'Angelo), uma garota também envolvida com traficantes. **Reapresentação.**

★★★
MARÍLIA E MARINA (Brasileiro), de Luiz Fernando Goulart. Com Kátia D'Angelo, Denise Bandeira, Fernanda Montenegro, Stepan Nercessian e Neslon Xavier. **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 229): 15h, 16h40m, 18h20m, 20h, 21h40m. (18 anos). História baseada no poema **Balada Das Duas Mocinhas de Botafogo**, de Vinícius de Moraes. Marília e Marina, filhas de uma viúva da classe média remediada e o dramático impasse de suas limitadas opções: para Marília, a mãe planeja um casamento conveniente, enquanto fecha os olhos para as liberdades de Marina, que trabalha fora e cedo se desilude com os homens. **Reapresentação.**

Os Amantes, filme de Louis Malle realizado em 1958: hoje, na sessão das 18h30m, na *Cinemateca do MAM*

★★★
O PORTEIRO DA NOITE (The Night Porter), de Liliana Cavani. Com Dick Bogarde, Charlotte Rampling, Philippe Leroy, Gabriele Ferzetti e Giuseppe Addobbati. Programa complementar: **Irmãos nas Artes Marciais**. **Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 240-8285): de 2º a 6º, às 12h30m, 16h30m, 18h35m. Sábado e domingo, às 14h30m 18h35m. (18 anos.) Ex-oficial nazista passa a porteiro de um hotel em Viena. Neste hotel reúnem-se ex-altas patentes do Exército alemão e se hospeda uma judia, ex-amante do porteiro, casada agora com um milionário. A mulher rememora seu passado em um campo de concentração, onde sofreu nas mãos do ex-amante, e se deixa arrastar a práticas sadomasoquistas. **Reapresentação.**

★★★
CHUVAS DE VERÃO (Brasileiro), de Carlos Diegues. Com Jofre Soares, Gracinda Freire, Jorge Coutinho, Lurdes Mayer, Marlene Severo, Miriam Pires, Paulo César Pereio, Regina Casé e Roberto Bonfim. **Jacarepaguá Autocine 1** (Rua Cândido Benício, 2.973 — 392-6186): 20h, 22h. Até terça. (18 anos). A pequena humanidade suburbana concentrada na vida de um velho funcionário público que, nos dias que se seguem à sua aposentadoria, sofre profundas transformações pelos fatos que ocorrem à sua volta. **Reapresentação.**

★★
A VIDA ÍNTIMA DE UM POLÍTICO (The Seduction of Joe Tynan), de Jerry Schatzberg. Com Alan Alda, Barbara Harris, Meryl Streep, Rip Torn e Melvyn Douglas **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (14 anos). Jovem senador consegue a aprovação de projeto de lei que dará trabalho aos desempregados e transforma-se na nova sensação política de Washington. No entanto, suas atividades o impedem de dedicar-se à família e entra em choque com a mulher e os dois filhos. Produção americana.

★★★
OS SETE GATINHOS (brasileiro), de Neville D'Almeida. Com Antônio Fagundes, Ana Maria Magalhães, Lima Duarte, Cristina Aché, Ary Fontoura, Regina Casé, Sady Cabral, Sura Berditchevsky, Maurício do Valle, Thelma Reston, Cláudio Correa e Castro e Sônia Dias. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999). 20h, 22h30m. Último dia. (18 anos). Adaptação da peça de Nélson Rodrigues (estreada em 58 no Rio). O processo de desintegração de uma família do Grajaú: **Seu** Noronha, contínuo da Câmara dos Deputados; a mulher, solitária; as filhas, em sua maioria vivendo longe do controle dos pais — mas todos concordando com a pureza de Silene, a caçula. A crença na pureza e na virgindade de Silene é algo transcendental para o pai — um valor em torno do qual a menor dúvida lhe parece ignóbil e ameaça de tragédia.

★★
O JOGO DA VIDA (Brasileiro), de Maurice Capovilla. Com Gianfrancesco Guarnieri, Lima Duarte, Maurício do Valle, Martha Overbeck, Jofre Soares e Miriam Muniz. **Studio-Tijuca** (Rua Desembargador Isidro, 10 — 268-6014): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos.) No baixo mundo da cidade de São Paulo, três malandros circulam juntos durante uma madrugada, tentando os mais variados golpes e passando em revista suas vidas. Baseado no romance de João Antônio, **Malagueta, Perus e Bacanaço**. **Reapresentação.**

★
A NOITE DO TERROR (Halloween), de John Carpenter. Com Donald Pleasence, Jamie Lee Curtis, Nancy Loomis, P. J. Soles e Charles Cyphers. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 288-4999): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **Opera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982), **Rosário** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 15h, 17h, 19h, 21h. **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 13h, 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). As crianças de uma pequena cidade de Illinois estão festejando a noite de **Halloween** (a **Noite das Bruxas**). Uma dessas crianças está sendo dominada pelo espírito do mal e, vagarosa e metodicamente, assassina a irmã. Produção americana.

★
JOELMA — 23º ANDAR (Brasileiro), de Clery Cunha. Com Beth Goulart, Liana Duval, Marly de Fátima, Carlos Marques e participação especial de Chico Xavier. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 68 — 240-1291): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m; **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Condor Largo do Machado** (Largo do Machado, 29 — 245-7374), **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1747 — 390-5745): 15h, 16h40m, 18h20m, 20h, 21h40m. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236): 14h30m, 16h15m, 18h, 19h45m, 21h30m. **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 16h15m, 18h, 19h45m, 21h30m (14 anos). Partindo de acontecimentos verídicos o filme conta a história de uma família profundamente abalada pela tragédia que vitimou dezenas de pessoas em fevereiro de 1974, em São Paulo: o incêndio do Edifício Joelma.

★
ENCONTROS E DESENCONTROS (Starting Over), de Alan J. Pakula. Com Burt Reynolds, Jill Clayburgh, Candice Bergen, Charles Durning, Frances Sternhagen e Austin Pendleton. **Roxi** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (18 anos). As coisas não estão bem no casamento de Phil e Jessica. Ela quer o divórcio, pois quer ser livre para se expressar através de suas composições musicais. Supondo que ela tem um caso com alguém, Phil sai de casa e procura seu irmão, em Boston, onde passa a freqüentar um círculo de homens divorciados. Produção americana.

★
RESGATE SUICIDA (North Sea Hijack), de Andrew V. McLaglen. Com Roger Moore, James Mason, Anthony Perkins, Michael Parks, David Hedison e Jack Watson. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. **Coral** (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Palácio** (Campo Grande): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos). Em um lugar remoto da Escócia, perito em sabotagens submarinas é chamado para uma missão especial: tomar de assalto um navio de abastecimento que navega fazendo seu comércio entre plataformas de petróleo e o litoral. Produção americana.

★
EMMANUELLE, A VERDADEIRA (Emmanuelle), de Just Jaeckin. Com Sylvia Kristel, Alain Cuny, Marika Green, Daniel Sarky e Jeanne Colletin. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 220-3135): de 2º a 6º às 10h, 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 288-6898), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira), **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532), **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 14h, 16h, 18h, 22h **Jacarepaguá Auto-Cine 2** (Rua Cândido Benício, 2973 — 392-6186): 20h, 22h. Aos sábados, sessões à meia-noite, no **Art-Copacabana**. Até terça no **Jacaré-2**. (18 anos). Produção francesa de 1974, proibida no Brasil e agora liberada com pequeno corte. O filme e baseado no livro de Emmanuelle Arsan (escrito em 1957 e proibida na França). Emmanuelle, 19 anos, é mulher do diplomata francês em Bangkok, onde chega para tomar posse do suntuoso palacete onde irá morar. Assediado por membros da colônia francesa local, ela se transforma numa presa cobiçada tanto por homens como mulheres.

★
O CONVITE AO PRAZER (Brasileiro), de Walter Hugo Khouri. Com Sandra Bréa, Roberto Maya, Helena Ramos, Serafim Gonzalez, Kate Lyra, Aldine Muller e Rossana Ghessa. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 12h50m, 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m (18 anos). Marcelo, membro da alta burguesia e herdeiro da empresa paterna, é um quarentão aparentemente cínico e desiludido. Encontra-se, depois de muitos anos, com um amigo, Luciano, e relembram suas situações conjugais. Luciano declara-se em "liberdade vigiada" e Marcelo em "prisão livre." No dia seguinte, Marcelo recebe Luciano em seu apartamento de cobertura, mantido apenas para encontros amorosos.

IRMÃOS NAS ARTES MARCIAIS (Two Great Cavaliers), de Yang Ching Chen. Com Chen Shing, Mao Ying, Wen Chiang Lung e Liu Chung Liang. Programa complementar: **O Porteiro da Noite**. **Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 240-8285): de 2º a 6º., às 12h30m, 1630m, 18h35m. Sábado e domingo às 14h30m, 18h35m (18 anos). Durante os tumultuados anos de declínio da dinastia Ming, o corrupto Kang Lau Gio conspira e assassina inúmeras pessoas. Produção chinesa de Hong-Kong.

OS GAROTOS VIRGENS DE IPANEMA (Brasileiro), de Oswaldo de Oliveira. Com Maria Benvenutti, André Luiz e Nadir Fernandes. **Studio-Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos). A distribuidora não forneceu informações sobre o filme. **Representação.**

MANÍACO POR MENINAS VIRGENS (Brasileiro), sem indicação de diretor. Com Sebastião Pereira e Liza Lins. **Méier** (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 229-1222): 14h40m, 16h10m, 17h50m, 19h30m, 21h30m. (18 anos). A divulgadora não forneceu detalhes sobre o filme. **Representação.**

MATINÊS

DANY, UM CACHORRO MUITO VIVO — Ilha Autocine: 18h30m. (Livre).

FESTIVAL DE DESENHOS — Jacarepaguá Autocine 1: às 18h30m. (Livre).

O FUSCA ENAMORADO — Lagoa Drive-In: às 18h30m. (Livre).

Extra

★★★
OS AMANTES (Amants), de Louis Malle. Com Jeanne Moreau, Alain Cuny e Gaston Modot. Às 18h30m, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº — bloco-escola. (18 anos). Crítica ao comportamento convencional da sociedade, recebida à época de seu lançamento com algum escândalo por ligeiras insinuações de um comportamento menos polido durante o ato sexual. Produção francesa de 1958.

TRABALHOS OCASIONAIS DE UMA ESCRAVA (Gelegenheitsarbeit Einer Skavin), de Alexander Kluge. Com Alexandra Kluge, Franz Bronski e Sylvia Gartmann. Às 20h, no **Cineclube Santa Teresa**, Rua Monte Alegre, 306.

OBRAS PRIMAS DO CINEMA DE ANIMAÇÃO (II) — Exibição de **O Hotel Elétrico (El Hotel Electrico)**, de Secundo de Chomon, **Bonequinhos de Papel (Cocottes en Papier)**, de Émile Cohl, **A Batalha (The Battle)**, de Max e Dave Flaischer, **O Gato Félix na Idade do Osso**, de Pat Sullivan, **Cavalgada Musical (Cavalcade of Music)**, de George Pal, **Os Náufragos (Fair Weather Friends)**, de Walter Lantz, **Solidão (Samac)**, de Vatroslav Mimica e **Pícolo (Pikolo)**, de Dusan Vukotic. Às 16h30m, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira Mar, s/nº — bloco-escola.

O FILME MUSICAL AMERICANO (V) — Exibição de **Tempestade de Ritmos (Stormy Weather)**, de Andrew Stone. Com Bill Robinson, Lena Horne, Fats Waller, Cab Calloway e os Irmãos Nicholas. Às 20h, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira Mar, s/nº — bloco-escola. Apresentação crítica de Justino Martins. Versão original, sem legendas. Patrocínio da Divisão Cultural da Agência de Comunicações Internacionais dos Estados Unidos.

A CLASSE OPERÁRIA NO CINEMA BRASILEIRO — Exibição de **Greve e Trabalhadores Presente**, ambos de João Batista de Andrade. Às 20h, no **Cineclube Barravento**, Rua Senador Muniz Freire, 60 — Tijuca. **Debates** após a sessão.

MOSTRA DE FILMES SUPER-8 — Exibição de **Jimmy Gogh**, trabalho coletivo do CAC, **João Carnaval**, de Francisco Simões e **A Lira do Delírio**, de Roberto Rocha e Giorgio Croce. Às 20h, na **PUC**, Rua Marquês de São Vicente, sala 260 L. Promoção CAC-PUC/ Grupo Super-8 Rio.

CURTAS — Exibição de **Maria da Penha** e **Maria da Glade**, ambos de Norma Bengell. Às 17h, no **Sindicato dos Metalúrgicos**, Rua Ana Néri, 152. Dentro da programação do 1º Congresso da Mulher Brasileira.

Grande Rio

NITERÓI

DRIVE-IN ITAIPU — **Apocalipse**, com Marlon Brando. Às 19h e 22h. (18 anos).

ALAMEDA (718-6866) — **Emmanuelle, a Verdadeira**, com Sylvia Kristel. Às 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).

BRASIL — **Emmanuelle, a Verdadeira**, com Sylvia Kristel. Às 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).

CENTER (711-6909) — **Joelma — 23º Andar**, com Beth Goulart. Às 14h30m, 16h15m, 18h, 19h45m, 21h30m. (14 anos).

CENTRAL (718-3807) — **Convite ao Prazer**, com Roberto Maya. Às 12h50m, 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m (18 anos).

CINEMA 1 (711-1450) — **Gaijin — Caminhos da Liberdade**, com Gianfrancesco Guarnieri. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos).

EDEN (718-6285) — **Dragão do Karatê**. Às 14h30m, 16h15m, 18h, 19h45m, 21h30m.

ICARAÍ (718-3346) — **Encontros e Desencontros**, com Candice Bergen. Às 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m (14 anos).

NITERÓI (719-9322) — **O Torturador**, com Jece Valadão. Às 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. (18 anos).

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO (2659) — **A Noite do Terror**, com Donald Plasence. Às 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).

PETRÓPOLIS (2296) — **Diário de uma Prostituta**, com Helena Ramos. Sem indicação de horário. (18 anos).

CASABLANCA — **Vivendo Cada Momento**, com John Travolta. Às 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. (16 anos).

TERESÓPOLIS

ALVORADA (742-2131) — **Kramer x Kramer**, com Dustin Hoffman. Às 14h30m, 17h, 19h30m, 22h. (14 anos).

Curta-metragem

DEIXA FALAR — De Iole de Freitas. Cinema: **Roma-Bruni.**

A VINGANÇA DO ALÉM — De Miguel Oniga. Cinema: **Jacarepaguá Auto-Cine 2.**

LINGUAGEM MUSICAL: ESPONTANEIDADE E ORGANIZAÇÃO — De Nelson Xavier. Cinema: **Bruni-Copacabana**

TEATRO OPERÁRIO — De Renato Tapajós. Cinema: **Bruni-Tijuca.**

Show

NEGRA ELZA — Show da cantora Elza Soares acompanhada do conjunto Amalá. **Teatro Municipal de Niterói**, Rua 15 de Novembro, 35. Hoje, às 21h. Último dia.

VIVA O GORDO E ABAIXO O REGIME — Show do humorista Jô Soares. Texto de Jô Soares, Millôr Fernandes, Armando Costa e José Luís Archanjo. Cenário e iluminação de Arlindo Rodrigues. Direção de Jô Soares. Direção musical de Edson Frederico. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 350, e vesp. a Cr$ 350, e Cr$ 150, estudantes.

SONHE MAIS — Show de Martinho da Vila. Roteiro de Ferreira Gullar. Direção de Tereza Aragão. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-9696). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200, estudantes.

REVISTA

GAY GIRLS — Revista musical com Nélia Paula, Veruska, Maria Leopoldina, Ana Lupez, Theo Montenegro, Stella Stevens e La Miranda. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1 241. Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 150, estudantes.

MIMOSAS ATÉ CERTO PONTO Nº 2 — Show de travestis, com texto e direção de Brigitte Blair. Com Marlene Casanova, Camile, Alex Mattos e outros. **Teatro Serrador** (R. Senador Dantas, 13 — (220-5033). Hoje, às 18h, 21h. Ingressos a Cr$ 200.

O conjunto A Cor do Som apresenta o *show Transe Total*, no Teatro Casa-Grande

TRANSE TOTAL — Show do grupo **A Cor do Som**. Formado por Dadi (baixo), Armandinho (guitarra), Gustavo (bateria), Mu (teclados) e Ary (percussão). **Teatro Casa-Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 150. Até dia 22.

JOYCE E PEPÊ CASTRO NEVES — Show da cantora, compositora e violonista e do cantor, acompanhados de Paulo Sauer (Piano), Tuti Moreno (bateria), Mauro Senise sax e flauta), Luís Alves (baixo), Cacau (sax e flauta) e Célia Voz (violão). Direção de Simon Khouri. **Sala Funarte**, Rua Araújo Porto Alegre, 80. De 4º a sáb., às 21h. Ingressos a Cr$ 100. Até dia 21.

ANGELA RO RÔ — Apresentação da cantora, compositora e pianista. **Cine-Show Madureira**, Rua Carolina Machado, 542. Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 200, estudantes. Último dia.

SEBASTIÃO TAPAJÓS E ROBERTO GNATALLI — **Show** do violonista e do pianista acompanhados de Daniel Garcia e Maria Antônia (flautas), José Arthur (clarineta), Carlos Watkins (**sax**), Carlinhos Queiros (baixo) e Elcio (bateria). **Sala Funarte**, Rua Araújo Porto Alegre, 80. De 3º a sáb., às 18h30m. Ingressos a Cr$ 50. Até sábado.

TIM MAIA — **Show** do cantor e compositor acompanhado de sua banda. **Teatro Carlos Gomes**, Pça Tiradentes (222-7581). Hoje, às 19h. Ingressos Cr$ 150. Último dia.

SAUDADE DO BRASIL — **Show** da cantora Elis Regina com participação de 11 atores e bailarinos e acompanhamento da banda formada por Cesar Camargo Mariano (teclados), Sérgio Henriques (teclados), Nonô (trumpete), Faria (trumpete), Bangla (sax), Lino Simão (sax), Paulo (flauta), Chiquinho Brandão (flauta), Chacal (percussão), Natam (guitarra), Kzam (baixo), Bocato (trombone) e Sagica (bateria). Dir. Ademar Guerra, dir. musical e arranjos de Cesar Camargo Mariano, coreografia de Marika Gidali, figurinos de Kalma Murtinho, cenário de Marcos Flaksman e programação visual de Carlos Vergara. **Canecão**, Av. Wenceslau Brás, 215 (295-3044 e 295-9747). Hoje, às 20h30m. Ingressos a Cr$ 400.

BELEZA — **Show** do cantor, compositor e violonista Fagner acompanhado de Manassés (guitarra, cavaquinho e viola), Patrucio Maia (teclados), Nonato Luís (violão), Fernando Gama (baixo), Cândido (bateria), Djalma Correa (percussão), Oswaldinho (sanfona), Oberdan e José Nogueira (sax e flauta). Participação especial de Mestre Dino (violão de sete cordas). **Teatro João Caetano**, Pça Tiradentes (221-0305). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 300, cadeira especial, a Cr$ 250, platéia e balcão nobre e a Cr$ 150, balcão e galeria. Último dia.

CORAÇÃO BOBO — **Show** do cantor, compositor e violonista Alceu Valença acompanhado de Paulo Rafael (guitarra e viola), Antônio Santana (baixo), Zé da Flauta, Claudinho (bateria), Severo (sanfona) e Helvius Vilela (piano). **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 200. Último dia.

Música

ORQUESTRA SINFÔNICA DO TEATRO MUNICIPAL — Concerto sob a regência do maestro Mário Tavares. Programa: **Cantata nº 53**, de Bach, **Kindertotenlieder**, de Mahler, **Rapsódia Romena nº 2**, de Enescu, e **Sinfonia Clássica**, de Prokofieff. Solista: Maura Moreira (contralto). **Teatro Municipal** (263-1717). Hoje, às 17h. Ingressos Cr$ 100.

BANDA ANTIQUA — Recital do grupo formado por Jaime Kopke (viola da gamba, flautas e percussão), Francisco Dias da Cruz (Alaúde) e Nice Rissone (contralto, rabeca e flautas). No programa, Canções de Alegria e de Tristeza Medievais e Renascentistas. **Aliança Francesa de Copacabana**, Rua Duvivier, 43. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 80, estudantes.

Dança

MIKHAIL BARYSHNIKOV — Espetáculo de balé tendo como intérpretes principais o bailarino Mikhail Baryshnikov e a bailarina venezuelana Zhandra Rodriguez. Participação especial do Corpo de Baile do Palácio das Artes/Fundação Clóvis Salgado. Programa: **Les Silphydes**, música de Chopin e coreografia de Fokine (Fundação Clóvis Salgado), **Le Corsaire**, música de Drigo e coreografia de Petipa, **Concerto nº 5**, de Mozart (Fundação Clóvis Salgado), e **Romeu e Julieta**, libreto de Lavrovsky, Raklov e Prokofiev, que também musicou o bailado, e coreografia de Kenneth MacMillan. **Hotel Nacional**, Av. Niemeyer, s/nº (399-0100). Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 2 mil, Cr$ 3 mil e Cr$ 5 mil.

CALÍGULA DÁ CADEIA

Ely Azeredo

O pornô-histórico **Calígula**, produzido por Bob Guccione, editor da revista **Penthouse**, continua dando rendas catastróficas (sobretudo em relação ao custo, próximo de 20 milhões de dólares) e problemas vários. Em Nova Iorque, em frente ao cinema Penthouse East, o porteiro, muito gentilmente, procura convencer turistas das qualidades do filme, que, segundo ele, justificam o preço mais alto do ingresso. A argumentação não seduz os adeptos dos **adult movies**, inclusive porque Manhattan transborda de atrações eróticas ou pornográficas, sobretudo ali perto, nas dezenas de quarteirões e que constituem a **área da Times Square**, cujo clima de permissividade vai muito além do que os mapas registram.

Sorte foi a de Tinto Brass, que tirou o corpo e o nome fora do **imbroglia**. Após longa batalha judicial pelo direito de orientar a montagem final de **Calígula**, Brass fez acordo com os produtores em troca do bom dinheiro. O filme está transitando sem nome de diretor e, assim, o **próprio** driblou a possibilidade de ser preso. O co-produtor Franco Rossellini e o representante da distribuidora PAC, Antonio Lirici, foram condenados a quatro meses de prisão pelo tribunal de Forli, Itália, que sustentou a acusação de obscenidade feita pelo procurador-geral. Os problemas de **Calígula** na Itália se arrastam há dois anos. Não há proibição de censura, e sim enquadramento no **Código Penal**. Além dos ingredientes sexuais, a produção (duas horas e 36 minutos de projeção) se esmera em cenas de tortura e outras formas de violência, segundo uma receita malformulada, visando atrair os sensíveis, ao sadomasoquismo requintado, além de arrebanhar um certo público barra pesada. Mas, até hoje, ninguém conseguiu reunir com êxito — em termos de superprodução — os adeptos do **hardcore** (pornografia pesada) e os fãs dos filmes moderadamente fortes. Nem seria preciso lembrar que obras como **O Último Tango em Paris** ou **A Comilança** pertencem ao mundo da arte e provocam choques estritamnte funcionais.

A Intrusa, de Christensen, adiado para segunda-feira

MONTAGEM LIVRE

• Adiado para amanhã o lançamento de **A Intrusa**, de Christensen, que vai contribuir para a valorização da **imagem** do cinema brasileiro. Depois do surpreendente **Gaijin**, é outro filme que já encontrou o caminho do mercado externo.

• **Em um dos cenários de Correspondente Estrangeiro, de 1940, a Catedral de Westminster, a missa por Sir Alfred Hitchcock, semana passada. Quando em Londres, o mestre era freqüentador de Westminster.**

• Vai causar polêmicas também no Brasil. Mas **Prova d'Orchestra**, produzido para a TV italiana, é uma brincadeira tediosa. O autor, — dói lembrar — se chama Fellini.

• **Mais felliniano que a Prova de Fellini é o belíssimo All That Jazz, de Bob Fosse. Também verdade: o filme sobre as frustrações de um diretor-coreógrafo, embora imitando Oito e Meio, demonstra que fazer obra de arte a partir de tormentos autobiográficos não está ao alcance de todos os cineastas. Cannes gostou de All That Jazz pelo que tem de europeu, enquanto os entusiastas de Bob Fosse preferem Cabaret por ser fiel às raízes americanas do diretor.**

• Melvyn Douglas reitera sua veterana classe em **Being There**, que lhe proporcionou o Oscar de ator "em papel coadjuvante". Mas quem domina o filme é Peter Sellers, como verá em breve o público brasileiro. Sellers tem um de seus grandes trabalhos, digno de figurar ao lado da criação para o **Dr Fantástico**.

• **Ginger Rogers conseguiu levar um público enorme ao gigantesco Radio City Music Hall, Nova Iorque, relembrando (muito jovem na voz) seus êxitos dos anos 30 e 40. A temporada, que não chegaria a junho, foi prorrogada até o início deste mês. Enquanto Ginger descansa, Ann Miller continua dançando (como se o tempo fosse uma ficção) e mostrando as antológicas pernas em** Pretty Babies, **na Broadway.**

• Ainda do caderno de viagem aos Estados Unidos: muita polícia para conter o público nas filas de **The Empire Strikes Back**; aparato algo menor para **The Shining**, no Times Square; e também utilizado para disciplinar a curiosidade da massa que vai ver **Fame**, de Alan Parker.

Teatro

LES JUSTES — Texto de Albert Camus produzido, em francês, pelo Théâtre de L'Alliance Française. Dir. de Etienne Le Meur. Com Ana Lúcia Bruce, André Vandam, Richard Roux, Pierre Astrié, Henri Raillard. **Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 54 (286-4248). Hoje, às 19h. Ingressos a Cr$ 50; entrada franca para alunos da Aliança.

ZÉ DO TELHADO — Texto de Hélder Costa. Mús. de Zeca Afonso. Dir. de Augusto Boal. Com elenco de A Barraca, de Lisboa. **Teatro Glauce Rocha**. Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Hoje, às 18 e 21h. Ingressos a Cr$ 100, estudante.

EL DIA QUE ME QUIERAS — Texto de José Ignacio Cabrujas. Dir. de Luís Carlos Ripper. Com Ada Chaseliov, Chico Ozanan, Heleno Prestes, Nildo Parente, Pedro Veras, Thaís Portinho, Yara Amaral. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (220-6997). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 100, estudantes.

ARACELLI — Texto Marcílio Moraes. Dir. de Carlos Murtinho. Com Rosamaria Murtinho, Cláudia Martins, Deny Perrier, José Augusto Branco, Marco Antônio Palmeira, Mário Jorge. **Teatro Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2641). Hoje, às 18h e 21. Ingressos a Cr$ 100

VAMOS AGUARDAR SÓ MAIS ESSA AURORA — Texto de Wilson Sayão. Dir. de Ricardo Petraglia. Com Angela Valério e Eduardo Machado. **Teatro Experimental Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 70. Até dia 22.

A ALMA BOA DE SETSUAN — Texto de Bertolt Brecht. Dir. de Eric Nielsen. Dir. musical de Ian Guest. Com Suzana Faini, Orlando Macedo, Luiz Imbassahy. Sylvia Heller, Renato Pupo, Arnaldo Marques, Carlos Vieira, Henriqueta Moura e outros. **Teatro Gláucio Gil**, Praça Cardeal Arcoverde (237-7003). Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 100, estudante.

TOALHAS QUENTES — Comédia adaptada por Bibi Ferreira de um original de Marc Camoletti. Dir. Bibi Ferreira. Com Suely Franco, Milton Moraes, Jonas Mello, Cleide Blota, Mila Moreira. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 42/56 (240-6141). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes.

TEU NOME É MULHER — Comédia de Marcel Mithois. Dir. de Adolfo Celi. Com Tônia Carrero, Luís de Lima, Célia Biar, Hélio Ary, Ivan Mesquita, Maria Helena Velasco e Marcos Wainberg. **Teatro Maison de France**, Av. Pres. Antônio Carlos, 58 (220-4779). Hoje, às 18h e às 21h30m. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 150, estudantes.

DELITO CARNAL — Texto de Eid Ribeiro. Dir. de Paulo Reis. Com Rosane Goffman, Sebastião Lemos, Eduardo Lago, Paulo Renato Braga, Charles Myara, Angela Rebello, Paulo Carvalho. **Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315. Hoje às 20h30m. Ingressos, a Cr$ 150, e Cr$ 100, estudantes. Até dia 30.

QUANTO MAIS GENTE SOUBER MELHOR — Texto de João Siqueira. Direção Coletiva do grupo Dia-a-Dia. Com Luzia Fonseca, Jackson Leal, Carmen de Castro, Jurandir Oliveira e outros. **Teatro Souza Lima**, Rua Gal. Sezefredo, 646, Realengo. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 80 e Cr$ 50

FOMIZELDA BRASILEIRA — Criação do grupo Asfalto Ponto de Partida. Jogo cênico e cenário de Marcondes Mesqueu. **Sala Monteiro Lobato**, ao lado do **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Hoje, 21h. Ingressos a Cr$ 100.

I FESTIVAL DE TEATRO DE NOVA IGUAÇU — Apresentação hoje. **O Esmoler**, texto e direção de Mário das Neves. Com o grupo Realidade. **Teatro Arrádia**, Travessa Alberto Cocozza, 38, às 21h. Ingressos a Cr$ 20.

JOGOS NA HORA DA SESTA — texto de Roma Mahieu. Montegem do grupo Minha Mãe Não Vai Gostar. Dir. de Henrique Cukerman e Janine Goldfeld. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 100. (14 anos)

RASGA CORAÇÃO — Texto de Oduvaldo Vianna Filho. Dir. de José Renato. Com Raul Cortez, Débora Bloch, Sônia Guedes, Ary Fontoura, Tomil Gonçalves, Isaac Bardavid, Márcio Augusto, Guilherme Karan, Oswaldo Louzada, Sidney Marques **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695) Hoje, às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes.

RIO DE CABO A RABO — Revista de Gugu Olimecha. Direção de Luiz Mendonça. Direção musical de Nelson Melin. Com Elke Maravilha, Alice Viveiros de Castro, Isa Fernandes, Maria Cristina Gatti, Nadia Carvalho, Marco Miranda e outros. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). Hoje, às 18h30m e 21h30m. Ingressos 2ª sessão a Cr$ 160 e Cr$ 120, estudantes, 1ª sessão a Cr$ 200.

TERESINHA DE JESUS: QUE JÁ FOI ANDRÉ — Comédia musical com texto e direção de Ronaldo Ciambroni. Com Ronaldo Ciambroni, José Rosa, Paulo Narkevits e Vera Mancini. **Teatro Artur Azevedo**, Rua Vitor Alves, 454, Campo Grande. Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 120 e Cr$ 80.

OS ÓRFÃOS DE JÂNIO — Texto de Millôr Fernandes. Dir. de Sérgio Britto. Com Tereza Rachel, Suzana Vieira, Stella Freitas, Cláudio Corrêa e Castro, Milton Gonçalves e Hélio Guerra. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 2º (274-9895). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos Cr$ 250 e Cr$ 150, estudante.

O DESEMBESTADO — Texto de Ariovaldo Mattos. Dir. de Aderbal Júnior. Com Grande Otelo, Rogéria, Nelson Caruso, Marta Pietro e Iracema Borges. **Teatro do América F.C.**, Rua Campos Salles, 118 (234-8155). Hoje, às 18h30m e 21h30m. Ingressos Cr$ 200 e Cr$ 150, estudante.

QUEM PARIU MATEUS QUE O EMBALE — Texto e direção de Thais Balloni. Com Déa Peçanha, Ivan Alves, Sandra Menezes, Clelia Guerreiro, Norma Estelita e outros. **Teatro Leopoldo Fróes**, Rua Professor Manoel de Abreu, 18, Niterói. Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 80 e Cr$ 60, estudantes. Último dia.

NÓS — Colagem de textos de vários autores, compilada e organizada por Elyseu Maia. Com Marcelo Picchi, Lourdes de Moraes e Hélio Makumba. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Hoje, às 18h30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 100, estudantes.

PAPO-FURADO — Comédia de Chico Anisio. Dir. de Antônio Pedro. Com Italo Rossi, Elizangela, Ricardo Blat, Ivan de Almeida, Walter Marins, Vinicius Salvatori, José de Freitas. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes.

O PACOTE QUE NÃO SE ABRIU — Comédia de Caetano Gherardi, José Vasconcelos e José Sampaio. Direção de Adonis Karan. Com José Vasconcelos e Rosa Isabel. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 250.

À DIREITA DO PRESIDENTE — Comédia de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Dir. de Álvaro Guimarães. Com Gracindo Júnior, Araci Balabanian, Jorge Botelho, André Villon e Bento. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). De 4º a 6º, às 21h30m; sáb., às 20 e 22h30m dom., às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150. Um famoso cabeleireiro, uma jovem ambiciosa, um alto funcionário do Governo e um traficante encenam, à sombra do Palácio do Planalto, o seu pequeno ritual de luta pela subida na escala social.

A FILHA DA... — Comédia de Chico Anisio. Dir. de Antônio Pedro. Com Yolanda Cardoso, Lutero Luiz, Alcione Mazzeo. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de São Vicente, 52-3º (274-7246). De 4º a 6º e dom., às 21h30m, sáb., às 20h e 22h30m, vesp., 5º às 17h30m, e dom., às 19h. Ingressos 4º, 5º e dom, a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes, 6º e sáb, a Cr$ 300, vesp. 5º, a Cr$ 150. Peripécias dos preparativos do casamento de filha de uma ex-prostituta com o filho de uma família tradicional.

OS SOBREVIVENTES — Texto de Ricardo Meirelles. Dir. de Vilma Dulcetti. Com Anselmo Vasconcellos, Elza de Andrade, Jitman Vibranovski, Toninho Vasconcelos, Vera Setta. **Teatro Opinião**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). De 4º a sáb., às 21h30m; dom., às 18h30m e 21h30m. Ingressos dom., a Cr$ 200 e Cr$ 100, estudantes.. Através da imagem de uma noiva que espera indefinidamente pelo casamento, a peça satiriza a decadência da família burguesa desde o suicídio de Vargas até a década de 70.

PLATONOV — Texto de Anton Tchecov. Dir. de Maria Clara Machado. Com Vicentina Novelli, Octávio de Moraes, Bia Nunes, Bernardo Jablonski, Maria Clara Mourthe, Ricardo Kosovski, Juarez Assumpção, Fernando Berditchevsky, Toninho Lopes e outros. **Teatro Tablado**, av. Lineu de Paula Machado, 795 (226-4555). 6º e sáb, às 21h, dom, às 19h. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 100, estudante. Numa cidadezinha russa em torno de 1900, um panorama humano cheio de amores contrariados e de buscas vãs de um sentido na vida.

A SERPENTE — Texto de Nelson Rodrigues. Direção de Marcos Flaksman. Com Cláudio Marzo, Sura Berditchevsky, Carlos Gregório, Xuxa Lopes, Yuruah. **Teatro do BNH** (Av. República do Paraguai, (acesso pelo viaduto que liga o Passeio Público à Pça. Tiradentes). (262-4477). De 3º a 6º, às 21h30m. Sábado, às 20h, 22h. Domingo, às 19h e 21h. Ingressos, de 3º a 5º e dom., a Cr$ 250 e Cr$ 150 (estudantes) 6º e sáb., a Cr$ 250. O que acontece quando uma esposa feliz resolve emprestar o seu marido, por uma noite, à sua irmã mal-amada. Até dia 29.

BRASIL: DA CENSURA À ABERTURA — Texto de Jô Soares, Armando Costa, José Luiz Archanjo e Sebastião Nery. Dir. de Jô Soares. Com Marília Pera, Marco Nanini, Silvia Bandeira, Geraldo Alves. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1 426 (274-7999 e 274-7748) Hoje, às 19h. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 150, estudantes. (14 anos).

ESTE BANHEIRO É PEQUENO DEMAIS PARA NÓS DOIS — Duas comédias em um ato de Ziraldo. Dir. de Paulo Araújo. Com Stênio Garcia, Regina Viana, Clarice Piovesan, Martin Francisco, Stepan Nercessian, Thelma Reston, Vanda Lacerda. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). Hoje, às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 300 e vesp. a Cr$ 300 e Cr$ 200, estudantes.

ZÉ DO TELHADO — Texto de Hélder Costa. Mús. de Zeca Afonso. Dir. de Augusto Boal. Com o elenco de A Barraca, de Lisboa. **Teatro Glauce Rocha**. Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Hoje, às 18 e 21h. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 100, estudante.

DERCY BEAUCOUP — Comédia musical de Mário Wilson. Direção de Carlos Alberto Soffredini. Com Dercy Gonçalves, Miguel Carrano, Vera Abelha, Lucy Fontes e Fabio Serrigolli. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (236-6343). 5º, às 17h e 21h30m; 3º, às 21h30m; sáb., às 20h e 22h; e, dom., às 19h e 21h. Ingressos a Cr$ 200.

LONGA JORNADA NOITE ADENTRO — Texto de Eugene O'Neill. Dir. de Roberto Vignatti. Com Nathália Timberg, Mauro Mendonça, Otávio Augusto, Wolf Maia, Cláudia Costa. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana, 327 (257-1818). De 4º a 6º, às 21h, sáb, às 21h30m e dom, às 18h e 21h. Vesp. de 5º, às 17h. Ingressos de 4º a 5º e dom. a Cr$ 250 e Cr$ 150 estudantes e 6º e sáb., a Cr$ 300, vesp. de 5º, a Cr$ 150. Venda no local ou no Tac Tenha, Rua Gal. Urquiza, 67, loja 10 (274-9898 e 274-4747). O grande autor norte-americano rememora, em 1941, um dramático dia de 1912, extraído do cotidiano de sua família: quatro personagens infelizes e profundamente humanos, perdidos num beco sem saída, passam o tempo a se ferirem mutuamente, apesar da ternura que os une. (16 anos).

Crianças

O LIMÃO QUE TINHA MEDO DE VIRAR LIMONADA — Texto e direção de Paulo Afonso de Lima. Com o grupo **Carroça de Téspis**. **Teatro Laranjeiras**, Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rua das Laranjeiras, 232. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 80.

FLICTS — Texto de Ziraldo e Aderbal Júnior. Direção de José Roberto Mendes. Músicas de Sérgio Ricardo. Com Alby Ramos, Ligia Diniz, Cacá Silveira, Maria Gislene, Daniela Santi e outros. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). Hoje às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

SHOW DO SÍTIO DO PICA-PAU-AMARELO — Maria Luiza Silva apresenta Rosana Garcia, Canarinho, Tião Pimentel e a boneca Emília. **Teatro Lemos Cunha**, Estrada do Galeão s/nº. Hoje às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

A HISTÓRIA DO CHAPEUZINHO VERMELHO — Musical de Charles Cerdeira. Com Claudia Fonseca, Wiles Vailant, Iris Nardini e Silvia Regina. **Teatro Arcádia, Travessa Alberto Cocozza**, 38, Nova Iguaçu. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40 adultos e Cr$ 30, crianças.

CHAPEUZINHO AMARELO — Adaptação e direção de Zeca Ligiéro. Com Chico Sérgio, Jana Costanheira, Juliana Prado, Marcio Galvão e outros. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100. Até dia 28 de setembro.

QUE-PE-CO-POI-SA-PÁ/A BOMBA ATÔMICA — Texto de Pernambuco de Oliveira. Direção de Antônio Debonis. Com Jimmy, Carlos Aurélio, Lena Viegas e Nety Ferreira. **Teatro Artur Azevedo**, Rua Vitor Alves, 454, Campo Grande. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40.

COM PANOS E LENDAS — Musical de José Geraldo Rocha e Vladimir Capella. Direção de Ivan Merlino e Vladimir Capella. Com Angelo Dantas, Marco Miranda, Nadia Carvalho, Otavio Cesar e outros. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539. Hoje, às 10h30m e 17h. Ingresso às 17h, a Cr$ 100, às 10h30m, a Cr$ 80.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Juracy Alarcon Chamarelli. Com o grupo de Teatro Crismaran. **Teatro Dirceu de Mattos**, Rua Barão de Petrópolis, 897, ao lado do túnel da Rua Alice. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 50.

EU CHOVO, TU CHOVES, ELE CHOVE — Texto e direção de Sylvia Orthof. Produção de Adalberto Nunes. Com Bia Sion, Cláudia Richer, Everardo Sena e Jorge Maurílio. **Teatro SENAC**, Rua Pompeu Loureiro, 45. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

O SEGREDO DAS MÁGICAS — Texto de Alexandre Vieira e Maria Cristina Brito. Direção coletiva do grupo Olhos D'Água. Com Alexandre Vieira, Arminda Amorim, Henrique Pires e Inês Junqueira. Orientação coreográfica de Graciela Figueiroa. **Teatro Opinião**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 50.

A MENINA QUE PERDEU O GATO — Texto de Marco Antônio Apolinário Santana. Direção de Luís Mendonça. Com Nádia Maria, Silvia Maria, José Rocha e Márcio Luiz. **Teatro do América F.C.**, Rua Campos Salles, 118. Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 80.

O GATO DE BOTAS — Produção de Brigitte Blair e Carlos Nobre. Direção de Carlos Nobre. Com Olga Renha, Maneco de Jesus, Antônio Duarte e José Silva. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 50.

LIBEL, A SAPATEIRINHA — De Jurandyr Pereira. Direção de Jorge Lúcio. Com Ruth Machado, Luís Carlos Cavalcanti, Jorge Lúcio, Alice Kocnow e Carlos Ferraz. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100. Até fins de junho.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Produção de Roberto de Castro. Apresentação do grupo Carrossel. **Teatro do Clube Municipal**, Rua Haddock Lobo, 359. Hoje às 16h. Ingressos a Cr$ 50.

Cena de *Com Panos e Lendas*, peça infantil em cartaz no *Teatro do Sesc da Tijuca*

PLANETÁRIO — Programação às 16h. **Amiguinho Sol**, para crianças de quatro a sete anos; às 17h. **O Universo em que Vivemos**, para crianças de oito a 12 anos; às 18h30m, **Do Geocentrismo ao Heliocentrismo**, para adolescentes e adultos. Av. Pe. Leonel Franca, 240, Gávea. Ingressos a Cr$ 20 e Cr$ 10, estudantes.

ZÉ COMEIA E A PANTERA COR-DE-ROSA — Direção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Colégio Laranjeiras**, Rua Cde. de Baependi, 69. Hoje, às 10h30m. Ingressos a Cr$ 60.

DUVI-DE-O-DÓ — Texto de Lúcia Coelho e Caique Botkai. Direção de Lúcia Coelho. Com o grupo Navegando. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52. Hoje, às 15h30m. Ingressos a Cr$ 100.

CRESÇA E APAREÇA — Texto de Alexandre Marques. Direção de Marco Antônio Palmeira. Com Eduardo Azevedo, Eliana Dutra, Francisco Sztockman, Marco Antônio Palmeira e Maria Alice Mansur. Música de Dirney Machado e Mauro Dellal. **Teatro das Laranjeiras**, Rua das Laranjeiras, 232. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 80.

DR. BALTAZAR, O TALENTOSO, NO MUNDO DA IMAGINAÇÃO CONTRA O DR. DRASTICO — Musical de Neila Tavares. Direção do Grupo. Com Zemario Limongi, Wagner Vaz, Wagner Fontes e outros. Música de Luiz Gonzaga Júnior **Teatro do América**, Rua Campos Sales, 118. Hoje, às 15h30m. Ingressos a Cr$ 80 e Cr$ 60, sócios.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Direção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Colégio Laranjeiras**, Rua Cde. de Baependi, 69. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 60.

MICKEY, PATETA E A PANTERA COR-DE-ROSA — Direção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Colégio Laranjeiras**, Rua Cde. de Baependi, 69. Hoje, às 15h45m. Ingressos a Cr$ 60.

A GATA BORRALHEIRA — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 100.

O CIRCO DE DOM PEPE, PEPITO E PEPON — Com o grupo Quintal. **Teatro de Fantoches e Marionetes do Parque do Flamengo**, entrada em frente à Rua Tucuman. Hoje, às 10h30m. Entrada franca.

O DIAMANTE DO GRÃO-MOGOL — Musical "capa e espada" de Maria Clara Machado. Dir. e coreografia de Wolf Maia. Com Lupe Gigliotti, Cininha de Paula e grande elenco. Cenários e adereços de Analu Prestes, figurinos de Kalma Murtinho. **Teatro Vanucci**, R. Marquês de São Vicente, 52-3º andar. Hoje, às 17h15m. Ingressos a Cr$ 100.

OS TRÊS PORQUINHOS E O LOBO MAU — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 70.

PASSAGEIROS DA ESTRELA — Texto de Sergio Fonta. Direção de Lauro Goes. Com Lidia Brondi, Júlio Braga, Ruth de Souza, Sadi Cabral e outros. Músicas de Egberto Gismonti. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Texto de Jair Pinheiro e direção de Luiz Sorel, **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

EMÍLIA A BONECA TRAPALHONA, NO SÍTIO DO PICA-PAU — Texto e direção de Osvaldo Ferra. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. Hoje, as 16h. Ingressos a Cr$ 70.

PEQUENINOS MAS RESOLVEM — Texto de Lícia Manzo. Direção coletiva do grupo Além da Lua. Com André Mauro, Bianca Bynigton, Flavia Kluiger, Luciana Pozzini e outros. **Teatro Rio-Planetário**, Rua Pe. Leonel Franca, 240. Hoje, às 16h e 17h30m. Ingressos a Cr$ 70. Até o dia 6 de julho.

CHAPEUZINHO QUASE VERMELHO — Texto e direção de Luiz Sorel. Com Nádia Nardini, Ângela Vieira, Sônia Machado e outros, Teatro da **Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315. Hoje, as 17h. Ingressos a Cr$ 100.

FESTIVAL DA CANÇÃO NA FLORESTA — Texto de Sidney Becker e direção de Alísio Falcato. **Teatro Leopoldo Fróes**, Rua Professor Manoel de Abreu, 16, Niterói. Hoje, às 16h. Até o dia 29.

FALA PALHAÇO — Criação do Grupo Hombu. Com Beto Coimbra, Regina Linhares, Walkyria Alves, Sergio Fidalgo e outros. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Ten. Manoel Alvarenga Ribeiro, 66 (756-4615). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 50 e Cr$ 20, sócios.

PENA SOLTA — Teatro de bonecos e máscaras. Criação de Ricardo Howat e Gina Paduska. **Sala Monteiro Lobato, Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 80. Até dia 30 de agosto.

EMÍLIA, SACI E VISCONDE CONTRA ASTERIX, O GAULÊS — Musical com texto e direção de William Guimarães. Com Kátia Regina, Roberto dos Santos e Ricardo dos Santos. **Teatro Alaska**, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 80.

QUERIDOS MONSTRINHOS — Texto de Paulo Cesar Coutinho. Direção de Chico Terto. Com Suzana Queiroz, Vera Holtz, Mara Souto e Pedro Aurélio. **Teatro Casa-Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

ARCO-ÍRIS SEM COR — Texto de Raimundo Alberto. Direção de Fayvel Hohchman. Com o grupo América. **Teatro Gláucio Gill**, Pça. Cardeal Arcoverde, s/nº (237-7003). Hoje, 16h. Ingressos a Cr$ 60.

QUEM FANTASMOCANTA... OS HOMENS ESPANTA — Musical infanto-juvenil de Sérgio Melgaço. Dir. do autor. Mus. de Lúcia Maria Dantas, coreografia de Edien Lyra e Carla Chaves. Com Marthita Gonzales, Fernanda Perez, Amélia Navarro, Fernando Pontes e Antônio Pereira. **Teatro Teresa Rachel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 15h. Ingressos a Cr$ 100. Até o dia 12 de julho.

CIRCO ORLANDO ORFEI — Leões e cavalos amestrados, acrobatas, contorcionistas, ginastas, trapezistas e outras atrações. **Praça Onze** (221-5531). Hoje, às 10h, 15h, 18h, 21h. Ingressos na geral a Cr$ 120 e Cr$ 60 (menores), na lateral a Cr$ 150 e Cr$ 80 (menores), central a Cr$ 180 e Cr$ 100 (menores), cadeira sem número a Cr$ 220 e Cr$ 130 (menores), cadeira numerada a Cr$ 250 e Cr$ 150 (menores) e camarote a Cr$ 300 por pessoa. Os ingressos estão a venda no local, **Mercadinho Azul e Guanatur** (256-2363 e 255-1271.

LOGOGRIFO

Jerônimo Ferreira

S	L	T
	B	
B	H	R

Consiste o LOGOGRIFO em encontrar-se determinado vocábulo, cujas consoantes já estão inscritas no quadro acima. Ao lado, à direita, é dada uma relação de 20 conceitos, devendo ser encontrado um sinônimo para cada um, com o número de letras entre parênteses, e todos começados pela letra inicial da palavra-chave. As letras de todos os sinônimos estão contidas no termo encoberto, e respeitando-se as letras repetidas.

PROBLEMA Nº 401

1. antigo magistrado provincial (6)
2. borbulhar (6)
3. cintilação (6)
4. desventurado (9)
5. do Brasil (8)
6. empecilho (8)
7. estúpido (7)
8. falar em segredo (11)
9. fazer bobices (6)
10. lustrosa (8)
11. pastora de bois (7)
12. pessoa versada na Bíblia (8)
13. que dirige a balsa (8)
14. que tem a barba rija (9)
15. relativo a bestas (9)
16. relativo a bílis (8)
17. setentrional (6)
18. tolice (6)
19. vendedor de balas (7)
20. vidrilhos (7)

PALAVRA-CHAVE: 13 LETRAS:

SOLUÇÕES DO PROBLEMA Nº 400: PALAVRA-CHAVE: GLUTINOSIDADE
PARCIAIS: gualdo; guina; gatuno; gotelo; genista; gládio; glosa; gasto; goela; gaio; ginásio; gesto; ginetado; gelado; gentil; gandulo; genital; gadídeo; genal; galeio.

MÚSICA

VOZES, PERCUSSÃO E SINAIS DE DECLÍNIO

Ronaldo Miranda

ARTISTA que sabe valorizar o repertório camerístico, a soprano Eliane Sampaio confirmou — num belo recital no Planetário — que as suas grandes afinidades eletivas continuam sendo os autores alemães: foram precisamente as obras de Mozart que representaram o ponto alto dessa sua última apresentação, pela naturalidade e a expressão conseguidas nas impecáveis interpretações.

Menos confortável nos vocalizes de Scarlatti e Vivaldi, Eliane ofereceu ainda excelentes versões de Ravel (**Cinco Canções Populares Gregas**) e Granados (**Sete Tonadillas**), bem como do **Noel des Enfants**, de Debussy, ouvido em número extra com primoroso acompanhamento pianístico de Miguel Proença, uma presença sensível e eficiente em todo o recital.

Nada, porém, se comparou às execuções das canções de Mozart, onde a soprano transcendeu o plano da competência vocal e situou-se com convicção plena no terreno mais elevado da realização artística.

■ ■ ■

Destaque da recente Semana da Música Brasileira, em Bonn, o Grupo de Percussão Agora, de São Paulo, foi o responsável por um dos melhores concertos da atual temporada da Sala Cecília Meireles.

O conjunto paulista é formado pelos percussionistas John Boudler, Elisabeth Del Grande, José Carlos da Silva e Mário David Frungillo, e pela soprano Martha Herr, que une sua voz de precisão instrumental aos tambores, xilofone, vibrafone e tímpanos, com um resultado extremamente convincente.

Martha foi solista de duas obras brasileiras contemporâneas, bastante diversas em sua proposta estética, mas igualmente valorosas quanto à dimensão artística. De Ernst Widmer, ela apresentou com o criativo grupo de percussionistas a peça **Mamãe Máquina** — uma curiosa pesquisa de efeitos e elementos lúdicos, em que o autor utiliza, entre os materiais percutíveis, até mesmo as bochechas dos executantes — e, de Jaceguai Lins, a obra **Ave, Palavra**, de belíssima expressão melódica e tensa atmosfera dramática.

Da participação da cantora, o único senão ficou com a dicção, às vezes pouco clara, prejudicando a boa assimilação dos textos de Jorge de Lima e Guimarães Rosa, em que se baseiam respectivamente as peças de Widmer e Lins.

Entre as duas intervenções vocais, o conjunto deu sólidas provas de sua técnica e musicalidade, percorrendo a virtuosística **Cárceres**, de Ricardo Tacuchian, e a instigante **Cambiantes**, de Raul do Valle, além de duas obras americanas de curiosos efeitos: **Apple Blossom**, de Peter Garland (um diluído painel tonal com os quatro percussionistas tocando na mesma marimba), e **Third Construction**, de John Cage (uma mistura bem temperada de ritmos afros e latinos).

■ ■ ■

É triste, mas é verdade: a Sala Cecília Meireles vai caminhando a largos passos para a franca decadência. Já não há mais programas impressos para a maioria dos concertos, os cartazes que anunciam os espetáculos são feitos em letras rudimentares e o número de espectadores baixa vertiginosamente a cada apresentação.

Na platéia, uma gigantesca escada descansa há meses na lateral esquerda, debaixo de uma goteira que, ao que tudo indica, ainda não foi consertada: o buraco continua no teto, contando com a boa vontade de São Pedro, que, felizmente, não tem mandado chuvas nas horas dos concertos, ao contrário do que ocorreu no início da temporada, quando a apresentação da Galina Vishnevskaya com a OSB foi intermitantemente contrapontada pelos pingos que caiam na **Fila N.**

Olhando-se para trás e reexaminando-se o que representou a Sala para a vida cultural do Rio nesses últimos anos, acaba-se constatando que a sua modelar organização e eficiente promoção de concertos deveram-se ao empenho pessoal de Myrian Dauelsberg.

A equipe de funcionários da Sala é excelente, mas sem uma liderança combativa não há como sobreviver ao caos administrativo da Funterj. E a Sala, que representava uma ilha de eficiência num arquipélago de marasmo funcional, já se confunde com o amadorismo e a improvisação que, com poucas exceções, vêm marcando a titubeante existência da Fundação dos Teatros do Rio de Janeiro.

Talvez não se possa pedir o impossível a quem quer que seja o próximo diretor da Sala. Mas é constrangedor o fato de constatarmos que somente um esforço titânico, às raias do desgaste pessoal, pode fazer com que algo funcione bem dentro da Funterj. Infelizmente, não basta ser apenas competente.

José Carlos Oliveira

PRAIA DO FLAMENGO, 132

MARRETEIRO — Estou aqui para derrubar. Me deram esta marreta e me botaram em cima da parede e me mandaram derrubar. Ganho o meu pouco salário sem medo e sem remorso.
Estudante — O prédio é nosso! O prédio é da nação! Não derruba não!
Detetive — A ordem veio de cima. Derrubar à luz do dia, marretar na escuridão. Este prédio é um símbolo de inquietação. Foi aqui que se realizaram todos os bailes de debutantes da subversão. Derruba, crioulo audaz! Que não fique tijolo sobre tijolo!
Marreteiro — Por que me chamar de crioulo? Sou um operário, seja qual for a minha cor.
Cronista — Desculpe, nobre operário... Eu vi você na fotografia, vi seus músculos negros... Eu vi você derrubando a parede, indiferente ao tumulto... Eu me senti seu irmão no meio da confusão...
Juiz (armado de revólver) — Desce daí! A Justiça tem que ser obedecida!
Detetive — O senhor manda, o senhor manda!
Delegado — Vamos fingir que ele manda. Vamos deixar que ele tome conta da situação. Daqui a pouco, mandam pelo telex, de Brasília, uma ordem de demolição. O Juiz vai ficar sozinho, de revolver na mão, defendendo a Justiça de arma na mão!
Opinião pública — Nunca um Juiz honrado esteve menos sozinho! Ele é magrinho, usa óculos *ray-ban*, tem uma inofensiva pistola na mão... Mas seu nome é MULTIDÃO.
Deputado — Abaixo a ditadura!
Estudante — O povo unido jamais será vencido!
Oficial PM — Água! Água!
Brucutu — Sou uma arma tempestuosa, mas não machuco ninguém. Debaixo dos meus jatos de água, a balbúrdia parece uma festa de criança.
Oficial PM — Cassetetes, cassetetes! Se a água não dá jeito nesses baderneiros, o jeito é apelar para o "santo madeiro".
Jesus Cristo — Alguém me chamou?
São José — Blasfemaram contra a cruz. Fizeram mau uso da madeira. Eu, como carpinteiro, lanço daqui do alto o meu duplo protesto!
Nordestino — Água! Água!
São Pedro — Pediram água? Lá vai!

São Pedro abre as torneiras. Inundação no Recife. Desabamentos. Mortos.

Nordestino — Mas era água para a região das secas! Não era para inundar o Capibaribe!
São Pedro — Da próxima vez, seja mais explícito. Não sou obrigado a entender de geografia. Quando não me pedem para chover num lugar determinado, chovo não importa onde.
PM de Minas — Quando a polícia aparece, não adianta mais chamar o ladrão. Não há mais nenhuma diferença entre polícia e ladrão.
PM mineira — Aqui na Baixada Fluminense, ladrão rouba e polícia mata. Há uma pequena diferença.
Machista insólito — Viva a pequena diferença!
Feminista infiltrada — A diferença é tão pequena que deixou de ser... Viva a ambigüidade sexual!
Gabeira (de Paris) — E eu que deixei o Brasil pensando que não havia mais o Brasil brasileiro!
Engenheiro — O Cristo Redentor é verde! *F. G. Lorca* — Verde que te quero verde!
Figueiredo — Ganhei 26 beijos. Um beijo de cada *Miss* de cada Estado brasileiro.
Miss ABC — Beijo de *miss* dá sapinho!
Golbery — O pior é que vão botar em mim a culpa por tudo isso...
Delfim Neto — Quem não tem feijão, come soja.
Maria Antonieta — O Brasil é tão diferente que às vezes tenho a impressão de que eu é que estou derrubando a Bastilha!
Estudante — Não derruba nao!
Detetive — Derruba! A ordem é derrubar este símbolo da subversão!
Juiz — Desce você também!
Marreteiro — Meu problema é o meu salário. Pouco, mas necessário. Mandaram derrubar, eu derrubo. Se mandarem construir, construo. Não tenho nada a ver com aquela gente ali, aqueles estudantes que gritam, aqueles políticos que discursam e apanham, aqueles policiais que investem e espancam!
Cronista — O operário trabalhando, o Juiz ajuizando... Estes são espetáculos dignos de ver. O resto é aquela confusão de sempre, aquela confusão machadiana...

A CURA DA HIPERTENSÃO A PARTIR DAS PESQUISAS DE UM BRASILEIRO

Beatriz Schiller

NOVA IORQUE — O brasileiro Sérgio Ferreira e suas pesquisas a partir do veneno de jararaca — realizadas em São Paulo, com outros cientistas brasileiros, e em Londres, com membros do Colégio Real de Cirurgiões — certamente ajudaram a romper o impasse que impossibilitava os laboratórios de todo o mundo a descobrir uma droga para a cura da hipertensão.

O Laboratório Squibb, após anos de pesquisas efetuadas no mais absoluto sigilo, finalmente, conseguiu produzir essa droga, de efeito equivalente ao veneno da jararaca, mas ingerível pela boca e muito mais barata. O veneno só atua quando injetado no sangue. E como é rara essa espécie de cobra brasileira, sua utilização seria extremamente cara.

Em matéria de primeira página, diz o **Wall Street Journal:**

"Entre as criaturas das florestas brasileiras, a mais temida é a jararaca, uma serpente amarelo-amarronzada que cresce a até 1,80 metro de comprimento, morde suas vítimas e injeta-lhes veneno nas vias circulatórias, provocando hemorragia freqüentemente fatal."

Pois é justamente o veneno da jararaca — segundo observa o **Wall Street Journal** — que acabará sendo celebrado mundialmente, como o ponto de partida para a cura de milhares de seres humanos vítimas de hipertensão, agora que a Squibb chega à droga denominada Captopril, testada com êxito em hipertensos tratados em hospitais dos Estados Unidos.

A exata eficácia do Captopril ainda não é conhecida, ou pelo menos, se o é, ainda não foi divulgada. Mas poucos duvidam de que ela realmente represente um passo decisivo na luta pela cura da hipertensão, doença de causas nem sempre precisas, responsável pela morte de milhões de pessoas, anualmente, em todo o mundo. A nova droga, além de salvar vidas, vai render bilhões de dólares ao laboratório e muito provavelmente incluirá seus descobridores entre os fortes candidatos ao Prêmio Nobel.

A hipertensão é o que os médicos costumam chamar de "fantasma" por trás de ansiedades, deformações físicas e infartes. Desde o início dos anos 60 vêm-se intensificando as pesquisas para a sua cura. Mas todas elas esbarravam no mesmo impasse. Uma primeira teoria dizia que o controle central da pressão sangüínea se fazia pelo rim. Já na década de 30 os cientistas haviam concluído que uma cadeia de reações químicas ligadas àquele órgão podia aumentar ou diminuir a pressão sangüínea. Segundo a teoria, sempre que o rim provocava uma queda de pressão, produzia uma substância química chamada **renino**. Esta ocasionava o aparecimento, no sangue, de uma segunda substância, a **angiotensina I.** Quando a **angiotensina I** percorria o corpo humano, os tecidos internos produziam uma enzima que, por sua vez, convertia-a numa nova substância, a **angiotensina II.**

Ainda segundo aquela teoria, esta nova substância provocava uma contração dos vasos sangüíneos. Ou seja, veias e artérias se estreitavam. Como o volume de sangue continuava o mesmo, sua passagem por um canal mais estreito provocava maior pressão sobre as paredes dos vasos. Em outras palavras, a hipertensão.

Além de seu poder de contração, a **angiotensina II** também provoca, em pouco tempo, a retenção do sal no organismo. Com isso, automaticamente ocorre também uma retenção de água para diluí-lo. Se mais água não for produzida pelo organismo, o aumento da salinidade pode ser fatal. Ao mesmo tempo, esta água extra que entra para diluir o sal aumenta o volume sangüíneo. Assim, não apenas os vasos se estreitaram: o líquido que passa por eles também tem maior volume. E a hipertensão aumenta.

Nos anos 60, os cientistas conseguiram medir, com precisão, a quantidade de **renina, angiotensina I e angiotensina II** nos hipertensos. E, surpresos, constataram não haver a menor relação entre essas substâncias e os doentes. Resultado: a teoria do rim como causa foi por terra.

O brasileiro Sérgio Ferreira e outros jovens cientistas já então se concentravam na questão. Agrupados em torno do químico John R. Vane, do Colégio Real de Cirurgiões, na Inglaterra, buscavam uma substância que, fazendo os vasos sangüíneos dilatarem, se inibiria ao passar pelos pulmões. Vane, especialmente, mostrava-se intrigado com a ação química dos pulmões, desde que descobrira que os tecidos pulmonares pareciam ser a fonte da enzima que convertia a **angiotensina I em angiotensina II**. Ele e o cientista brasileiro atribuíam aos pulmões uma reação química dupla: primeiro, eles inibiam um composto químico que tinha o poder de manter os vasos sangüíneos dilatados; segundo, produziam a **angiotensina II**, que fazia com que os vasos se contraíssem.

Sérgio Ferreira, após estudar a jararaca, com outros cientistas de São Paulo, concluía que um extrato cru do veneno desta cobra impedia o pulmão de inibir a substância que dilata os vasos. Assim, os pesquisadores brasileiros e ingleses, trocando e somando informações, deram-se conta de que o veneno da jararaca era uma chave para determinar a importância das reações em cadeia **renina-angiotensinas I e II** no controle da pressão sangüíneo.

Paralelamente, os laboratórios americanos pesquisavam o mesmo problema. Mas, em 1966 e 67, conscientes da importância das descobertas de Sérgio Ferreira e John R. Vane, os cientistas do Laboratório Squibb, em Nova Jersey, viam com maiores esperanças sua tentativa de separar a substância vasocontritora da vasodilatadora.

A Squibb tem dois laboratórios no Brasil, o Sanitas (Avenida João Dias, 966, Santo Amaro, São Paulo) e a Squibb Indústria Química (na mesma rua, no número 1084). Desde o início, seus pesquisadores mostravam-se pouco interessados em trabalhar a partir da jararaca, espécie rara e, conseqüentemente, cara. De qualquer forma, o ingrediente chave do veneno da cobra foi isolado. E mantido em segredo.

Arquivo

No Butantã, a colheita do veneno

Esse ingrediente é uma versão em miniatura de uma proteína conhecida por peptídeo. O grande problema é que esse peptídeo, administrado por via oral, era digerido no estômago e nunca chegava aos vasos sangüíneos. Injetá-lo no próprio sangue, duas ou três vezes por dia, também era um processo comercialmente inviável.

Dois especialistas em peptídeos, Devid Chushman e o argentino Miguel Ondetti, foram os outros que se debruçaram sobre a substância:

"Isolar uma molécula mínima da substância complexa que é o veneno da jararaca — lembra o **Wall Street Journal** — foi um trabalho penoso, mas em 1971 o Instituto de Pesquisa de Princeton, da Squibb, e o Colégio Real de Cirurgiões, na Inglaterra, encontraram a resposta para o problema, isolaram o componente, duplicaram-no artificialmente e lhe deram o nome de código de **SQ 20.881**."

Dezenas de laboratórios e um número incalculável de pesquisadores continuaram trabalhando na droga, mas os problemas continuavam muitos. Por exemplo: cada grama de veneno de jararaca contém apenas um milionésimo de grama do peptídeo e só poderia ser obtida a custo fabuloso. Mas já a essa altura, aos químicos e fisiologistas vinham se juntar alguns cardiologistas importantes nos Estados Unidos. Tudo, como sempre, em segredo.

Em 1974, finalmente descobriu-se a substância procurada, digerível e não afetada antes de chegar aos vasos sanguíneos. Seu nome de código: **SQ 14.225.** Dois anos depois, os laboratórios Squibb obtinham da U. S. Food and Drug Administration a necessária permissão para testá-la em pacientes voluntários. Entre estes, logo no início, estavam vários hipertensos que tinham sido submetidos, sem êxito, a todos os tipos de tratamento até então conhecidos. Os resultados foram imediatos.

Um dos dados positivos: a substância, 15 minutos após sua ingestão, baixaria de 15 a 20% da pressão sanguínea. E abria esperança até mesmo para hipertensos considerados incuráveis.

O **Wall Street Journal** acredita que seja de 1 milhão de pessoas, só nos Estados Unidos, o número de hipertensos que poderão ser beneficiados pelo **Captopril.** Mas a droga tem, também, seus opositores, um dos quais o Dr Norman Kaplan, da Universidade do Texas.

— Até o diagnóstico do tipo de hipertensão, o doente já sofreu tanto dano físico e mudanças em seu corpo que já será impossível determinar quais as exatas causas da mudança de pressão sanguínea.

Mas o entusiastas são mais numerosos. E os mais de 3 mil pacientes testados pela Squibb, até aqui, só demonstraram a eficácia da droga.

AGORA, UM NOVO ANALGÉSICO SEM EFEITOS COLATERAIS

São Paulo/Foto de Ariovaldo Santos

Sérgio Ferreira: o descobridor do remédio contra a hipertensão à base do veneno de jararaca

SÃO PAULO — "Frustrante e o país não poder utilizar-se da capacidade de seus elementos, sendo incapaz de traduzir em produto industrial o que é produzido academicamente em sua universidade", comentou, ontem, o prof. Sergio Ferreira que, em 1962, descobriu, em Ribeirão Preto, o fator encontrado no veneno da jararaca, chamado BPF, que leva ao controle da hipertensão.

A partir da descoberta em Ribeirão Preto, as experiências foram desenvolvidas, também, nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde, agora, os laboratórios da Squibb estão produzindo um novo medicamento, para o controle da hipertensão, o "Captotril". Professor adjunto do Departamento de Farmacologia da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto, o prof. Sergio Ferreira se dedicou aos estudos do BPF até 1971, trabalhando, agora, em novo projeto que pode levar ao descobrimento de um novo tipo de analgésico, sem os efeitos colaterais indesejáveis da aspirina (problemas gástricos) e da morfina (dependência).

Formado pela Universidade de São Paulo, em 1960, Sergio Ferreira passou a trabalhar no Departamento de Farmacologia da USP, em Ribeirão Preto, com o prof. Maurício Rocha e Silva, que havia descoberto, em pesquisa com o veneno da both rops *jararaca, a bradicinina, uma substância que pode ser produzida na circulação e induz o abaixamento da pressão arterial.*

Entre 1962 e 1963, o prof Sérgio Ferreira descobriu que, no veneno da jararaca, havia um fator capaz de potenciar as ações farmacológicas da bradicinina. Foram feitas análises desse fator, demonstrando-se que era um conjunto de peptídeos (substância de natureza proteica) que recebeu o nome de BPF (Bradykinin Potenting Factor — Fator Potencializador da Bradicinina).

O prof Sérgio Ferreira lembra que, em conjunto com o pesquisador L. Greene, do Brookhaven National Laboratories, dos Estados Unidos, "purificamos os peptídeos e fizemos a estrutura de um deles. Paralelamente a esses estudos, o pesquisador J. R. Vane — com quem eu havia trabalhado entre 1965 e 1967 — descobriu, nos laboratórios do Royal College of Surgeons of England, que esse fator inibia a conversão da angiotensina-1 em angiotensina-2, que é o princípio biologicamente ativo relacionado com o processo de hipertensão".

"As angiotensinas são substâncias que se formam na circulação, a partir de uma enzima liberada pelos rins. A angiotensina-1 é inativa mas, quando se converte em angiotensina-2, causa problemas", explicou o professor.

A descoberta, em Londres, ocorreu entre 1967 e 1969. Nessa mesma época, o prof Sérgio Ferreira obteve, em laboratório, de forma sintética, um dos peptídeos e, juntamente com o prof Krieger, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, nós mostramos, pela primeira vez, que essas substâncias poderiam ser utilizadas no controle de modelos experimentais de hipertensão. Isso aconteceu entre 1970 e 1971".

Segundo o pesquisador brasileiro — que trabalhou com o prof. Vane, em Londres, durante sete anos, em períodos intercalados — "a partir desse momento, um grupo da Squibb se interessou pelo assunto e, em decorrência de seus vários estudos, baseados na composição do fator do veneno botoprico, inventou uma nova substância oralmente ativa, que está sendo testada no controle de processos de hipertensão. Essa substância é o "Captotril" e exemplifica a relação fundamental que existe entre a pesquisa acadêmica da universidade e a pesquisa industrial. Para isso, é possível utilizar venenos de outras serpentes, não só da jararaca.

— Cabe a universidade descobrir os modelos dos fenômenos biológicos que se quer controlar e à indústria, com base nesses estudos, produzir uma droga — afirma o prof. Sergio Ferreira, destacando que "subdesenvolvimento é a incapacidade de um país em produzir industrialmente o que é produzido academicamente em sua universidade".

O prof. Sergio Ferreira não se sente frustrado com a utilização de sua descoberta por um laboratório estrangeiro "pois dei minha contribuição à humanidade. Frustrante é o país não poder utilizar-se da capacidade de seus elementos, duvidar que seus cientistas sejam capazes de fazer alguma coisa como está na cabeça de algumas pessoas do Governo".

Com o mesmo espírito, o pesquisador descobriu, também em Ribeirão Preto, um dos aspectos fundamentais do mecanismo de ação da aspirina e desenvolveu modelos experimentais de controle da dor. "Hoje, estou tentando desenvolver essa teoria que, se correta, permitirá a descoberta de um novo tipo de analgésico sem os efeitos colaterais indesejáveis da aspirina e da morfina".

O SOM NOSSO DE CADA DIA

EM CARTAZ

Tárik de Souza

COM a mesma calorosa resposta de público, encerram suas curtas temporadas de duas semanas hoje, domingo, o **Beleza** de Fagner (Teatro João Caetano) e o **Coração Bobo**, de Alceu Valença (Teatro Ipanema). Fagner reformulou por completo seu repertório e seu estilo de apresentar-se, concentrando-se, pela primeira vez em sua carreira, numa produção mais formal e pragmática. Alceu, agora com a firma Azevem Edições e Produções Artísticas, também se dirige para uma profissionalização mais apurada. O superestrelato chegou, em definitivo, para a geração que suportou o sufoco da geração lacuna.

• **Também até hoje, Angela Rô Rô faz tremer Madureira no Cine Show local, a ingressos salgados, Cr$ 250 e Cr$ 200 (estudantes). No Casa Grande, Dadi (baixo), Mu (teclados), Gustavo (bateria), Armandinho (guitarra) e Ary (percussão) ficam até dia 22, com A Cor do Som em Transe Total.**

• **Martinho da Vila e Elis Regina mobilizam as platéias do Teatro Clara Nunes e do Canecão, respectivamente, sem prazo próximo de encerrar suas temporadas.**

• **A nova dupla do Projeto Pixinguinha, Nana Caymmi e Boca Livre, deu a partida neste fim de semana, para um roteiro que inclui o Teatro Sesc de São João de Meriti, o Rondon Pacheco de Uberlândia, o Centro de Convivência Cultural de Campinas, o Anfiteatro Cacilda Becker, de São Bernardo do Campo, o Ouro Verde de Londrina, o Álvaro de Carvalho de Florianópolis e o Carlos Gomes de Blumenau. A meta do projeto é descentralizar o circuito musical, levando-o a outras cidades do interior do país.**

Boca Livre: de São João do Meriti a Blumenau, com Nana Caymmi.

• Compositora, intérprete e instrumentista com 13 anos de carreira, Joyce apresenta o recém-lançado cantor Pepê Castro Neves, da família musical formada na bossa nova. Eles ficam na sala Funarte de 11 a 21 de junho, sempre às 21 horas. O show é dirigido por Simon Khoury e reúne os músicos Paulo Sauer (piano), Tuti Moreno (bateria), Mauro Senise (sax, flauta) e a diretora musical Célia Vaz (violão).

• **Neste final de semana, no Teatro Taib, em São Paulo, os produtores independentes de discos fizeram sua segunda temporada (a primeira foi no Teatro Ipanema, Rio, em janeiro). Apresentaram-se, com seus discos de produção alternativa, A Barca do Sol ("Pirata"), Jaime e Nair ("Amanheceremos"), Aline, Luiz Duarte e Alcides Neves ("Tempo de Fratura"). Recém-chegado ao Brasil, de uma permanência de três anos na Europa e na Índia, o compositor, pianista e violonista Sidney Mattos, que pertenceu ao grupo MAU (Movimento Artístico Universitário), de Gonzaguinha e Ivan Lins, também prepara o seu disco alternativo.**

• Com a elevação do prêmio do vencedor, de Cr$ 40 mil para Cr$ 100 mil, e a fixação de um prazo mais largo (até 1º de dezembro), o concurso de monografias da Funarte, agora denominado Projeto Lúcio Rangel, em homenagem ao crítico musical falecido, já abriu inscrições. Os temas deste ano serão: a vida e obra de João Pernambuco, Lupercé Miranda, Garoto e do núcleo de baianas lideradas pela Tia Ciata, que fez nascer o samba carioca na Praça Onze, no início do século.

• **Prossegue a série gratuita de Seis e Meias nas Praças, promovida pela Funarj, com a coordenação de Albino Pinheiro. Dias 20, na Praça XV, 27 na Central do Brasil, sempre com entrada franca, Jackson do Pandeiro instalará o seu forró, com a presença de Abdias e sua sanfona de oito baixos, mais os repentistas Azulão e Medeiros.**

• Outro espetáculo com entrada franca ocorre na próxima sexta-feira: concerto de choro nas Faculdades Integradas Estácio de Sá (R. do Bispo, 83, Rio Comprido). A partir das 21 horas o grupo Mistura e Manda toca 15 músicas do gênero, inclusive composições do solista do conjunto, Vivaldo Medeiros.

• **Amanhã, na ABI, às 17h30m; show de lançamento da edição Cadernos do Terceiro Mundo, com João do Vale e o Grupo Vissungo. Fundada em 74 na Argentina a revista circula com edições na América Latina, África, EUA, Antilhas, Portugal e agora Brasil.**

• Na estação estival de julho, multiplicam-se os festivais de música na Europa, mas sem dúvida o mais influente continua sendo o promovido em Montreux, Suíça, pela equipe de Claude Nobs. Sua agenda já está pronta, com início previsto para 4 de julho, uma noitada com o grupo Santana. No dia seguinte, a noite "Brazil 1980" preenche a agenda, realmente estelar: Baby Consuelo e Pepeu, Gal Costa e Jorge Ben. Não foram confirmadas as participações dos sanfoneiros Dominguinhos e Oswaldinho. O **reggae** tem a noite seguinte, misturando Jimmy Cliff, Miriam Makeba e Tokoto Ashanti. Segue-se uma "Detroit Gala", com o **soul funk** de Marvin Gaye, Billy Preston e a cantora Syretta. Somente a partir do dia 8 começa o **jazz** propriamente dito, com duas noites dedicadas a **big bands** universitárias, o **top-jazz-rock** de Stanley Clarke e dos Brecker Brothers e a linguagem contemporânea de Albert Mangelsdorff, Mingus Dinasty, Mel L. wis e Didier Lockwood, além de uma noite dedicada a sumidades da bateria, Chico Hamilton, Art Blacey e Amano-Kai.

Dizzy Gillespie confirma seu lugar cativo no festival, apresentando-se ao lado de Toots Thielemans e os acentos latinos de Gato Barbieri e Mongo Santamaria. Um "Tributo a New Orleans" ocupa duas noites, com Champion Jack Duprée, que esteve no Brasil, e mais o **rhythm & blues** de Fats Domino. Para completar o eloqüente painel desta edição do Montreux, que vai até dia 20, não faltam mesmo o **rock** francês (Diane Dufresne, Nicolas Peyrac e Patrick Morazi) e a nova geração de Elvis Costelo, Boomtown Rats, Original Mirrors, Spiders, os ex-punk, admitimos finalmente no mercado sob o rótulo **new wave**.

• **No Rio, a versão carioca do Monterey Jazz Festival vai de quinta a domingo, 14 a 17 de agosto, no Maracanãzinho, com o seguinte programa já definido: dia 14, Rio Jazz Orquestra, Baby Consuelo, John McLaughlin e Weather Report; dia 15, Art Emssemble of Chicago, Banda Black Rio, Al Jarreau e Hermeto Paschoal; dia 16, Weather Report, Egberto Gismonti e Naná Vasconcellos, John McLaughlin e Al Jarreau (a tarde), e Grupo Rio Monterey All Stars, Pat Metheny, McCoy Tiner e Egberto Gismonti e Naná Vasconcellos (à noite); dia 17, Grupo BR-1, Pat Metheny, Airto Moreira, George Duke, Stanley Clarke e Raul de Souza (à tarde), e BR-1, Airto Moreira, George Duke, Stanley Clarke e Mocidade Independente (a noite).**

Os dois primeiros espetáculos só terão a versão noturna, a começar das 21h. A versão vespertina tem início programado às 15h.

EM TRÂNSITO

NASCIDO em Palm Beach, Florida, bem próximo ao barril de pólvora racial de Miami, Jimmy 'Bo' Horne foi descoberto, ainda na **high school**, pelos executivos da TK Records. Empresa perita em empacotar música negra em luxuoso envolucro, a firma descobriu bom potencial em Jimmy, entregando-o à produção da dupla H. W. Casey e Richard Finch, líderes da KC and the Sunshine Band. O resultado não se fez esperar. Jimmy 'Bo' Horne estourou com **I Can't Speak** e logo se transformou num dos principais nomes de uma corrente sonora conhecida hoje genericamente por "**funk**". Ele está no Brasil, para uma temporada exclusivamente paulista, iniciada sexta-feira em Santos e a seguir transferida para clubes de São Paulo, Osasco e Campinas. Toca com a Banda Black Rio. Até o dia 20, a CBS coloca nas lojas, aproveitando a maré, **Jimmy 'Bo' Horne Especial.**

• Formado numa escola vizinha, o **soul** dos anos 60, Jermaine Jackson pertenceu ao enjoativo grupelho adolescente **Jackson Five**, versão negra (ou vice-versa) **do** agrupamento branco igualmente familiar, The Osmonds. Com o estrondoso sucesso, os cinco Jacksons seguiram cada qual sua carreira solo e Jermaine não fez por menos. Casou com a filha do dono da gravadora Motown (que viveu dos lucros do grupo por muito tempo) e hoje dirige a empresa. Além disso, desenvolve sua carreira com razoável competência, conforme demonstram os LPs "**Frontiers**" e "**My Name Is Jermaine**", lançados respectivamente em 1978 e 1979. Executivo esperto, Jermaine já descobriu o mercado brasileiro e vem lançar seu terceiro Lp aqui, **Let's Get Serious**". Chega dia 18 ao Rio, para um programa de entrevistas e curtas aparições na TV, antes de embarcar no dia 21 para Buenos Aires, onde lança **Let's Get Serious**" em espanhol.

TELEVISÃO &RÁDIO

AS NOVELAS ESTÃO EM CRISE, MAS FATURAM COMO NUNCA

Diana Aragão
e Alberto Beuttenmuller

O telespectador mais exigente se queixa: as novelas estão se repetindo, os personagens já não têm o mesmo apelo, os diálogos caem com freqüência num longo e insosso vazio, as tramas chegam a provocar bocejos, não há criatividade, não há sequer aquela pontinha de humor e surpresa que fazia de O Espigão e Gabriela dois marcos no gênero. Os autores — pelo menos a maioria — não concordam com esse telespectador mais exigente (e com os críticos que já começaram a constatar a crise da telenovela). À exceção de Lauro César Muniz, para quem realmente está havendo uma acentuada queda de qualidade, todos outros se defendem. E mostram os números do Ibope para provar que não há crise alguma. Gilberto Braga e Manuel Carlos (Água Viva) dizem dar o que o público quer. Cassiano Gabus Mendes (Dancin' Days) é sucinto: a novela é tão boa quanto antes e não se fala mais no assunto. Carlos Eduardo Novaes (Chega Mais) admite ser vítima de um esquema desumano, mas acredita que sua novela seja um sucesso. No entanto, por trás de tudo isso há um elemento importante e, curiosamente, quase imperceptível mesmo para o telespectador mais exigente: o merchandising. Obrigados (ou quase isso) a inserirem mensagens comerciais em seus textos, transformando seus personagens em garotos-propaganda camuflados (que só tomam este refrigerante e aquela cerveja, só fumam tal e qual cigarro, só compram naquela butique, só andam em certa bicicleta, ou só passam suas luas-de-mel em navios de determinada agência de viagem), os autores se vêem convertidos em subliminares redatores de publicidade. Todos eles admitem ganhar bom dinheiro com isto. A televisão também fatura. Os produtos anunciados conseguem ser vendidos a 30, 40 milhões de telespectadores. E a qualidade? Pouco importa. A novela pode piorar, mas os negócios, como o navio Navarino de Água Viva, vão de vento em popa.

NOVAES E UM ESQUEMA MUITO DESUMANO

CHEGA Mais, novela de Carlos Eduardo Novaes, já passou de sua metade obtendo, depois de um começo vacilante, bons índices no Ibope (mês passado deu uma média de 63.5). Também se questiona sua qualidade. Para o autor, escrever novela é uma tarefa desumana, pois se tem a obrigação de produzir uma média de 20 laudas por dia, perfazendo, ao final da semana, quase que o volume de um livro. Além disso, outro aspecto: o autor faz o roteiro, argumento e diálogos ao contrário do cinema, onde existe uma divisão de trabalho. Na feitura da novela, há o argumento — historinhas dentro da novela feitas de seis em seis capítulos, decupadas depois em roteiro que dão as cenas em cada capítulo há uma média de 16 cenas.

O autor explica ainda que a recompensa por um trabalho destes teria que ser o salário de um superintendente da Globo (Novaes ganha Cr$ 150 mil por mês) porque é bom não esquecer que estas 120 páginas por semana são um trabalho de criação. A cabeça do autor, afirma, se transforma em central de produção.

— Por que aceitei fazer uma novela? Muito mais por desafio profissional do que por qualquer outra razão. É sedutor estabelecer uma relação com 20, 30 ou 40 milhões de pessoas. Quando o Avancini me chamou para fazer a sinopse, minha primeira reivindicação foi a de ter alguém trabalhando comigo em função de minha inexperiência como novelista. Foi então indicado o Walter Negrão, autor de 17 novelas, que faz o roteiro comigo. Esta nossa convivência tem sido um aprendizado permanente. Negrão é um dos responsáveis pelo sucesso da novela.

Quanto ao nível de qualidade das novelas posso dizer que é muito baixo porque lamentavelmente o nível de exigência do público é baixo também.

Novela é droga, é uma espécie de cocaína que se toma nas veias todos os dias. O espectador quer a sua dose diária de emoção, independente dos personagens e verossimilhanças que poderiam fazer da novela um gênero mais nobre. E o nível ainda tem que ser baixo em função das condições em que ela é produzida: autores, atores e diretores que têm de trabalhar às pressas, à toque de caixa. Acho que a novela se impôs como um gênero de grande aceitação popular pelo nível de acabamento visual, milagre que revela a capacidade de improvisação e do trabalho das equipes envolvidas. Mas todos reclamam, sobretudo os atores, da rapidez, da velocidade com que uma novela é produzida.

O autor afirma ainda que, em relação ao nível de qualidade, a novela pode estar caindo porque todas repetem os mesmos clichês, com visual diferente: mortes, órfãos, situações sofridas e sobretudo discussões histéricas artificialmente montadas para criar um clima de forte apelo emocional.

— E a sua novela inova, é diferente? A crítica diz que não.

— O que tentei em **Chega Mais**, e parece que o público compreendeu melhor que a crítica, foi acabar com a pieguice e com as fantasias irreais da novela das sete, ou seja, acabar com a "água com açúcar". Nos primeiros 15 capítulos, por exemplo, enfiei o pé no humor até constatar que a novela transcendeu de qualquer gênero: o humor apenas não sustenta uma novela que se vê todos os dias durante seis meses. Aprendi também que o público não vai sentar na cadeira para acompanhar uma história na qual não acredita. Tirei, por exemplo, o caráter caricatural de alguns personagens como o Zico (Rui Resende). Desafio alguém a provar que qualquer outra novela da Globo tenha o maior número de situações do que a minha. Não discuto a qualidade com que estas situações são narradas. Não tem um capítulo em que as coisas não estejam acontecendo em quatro-cinco núcleos de personagens. O grande problema dos redatores de resenha de TV seria uma temeridade chamá-los de críticos é que eles ficam preocupados com a barba do Tony Ramos, sem se voltar para uma discussão mais substantiva em torno da novela.

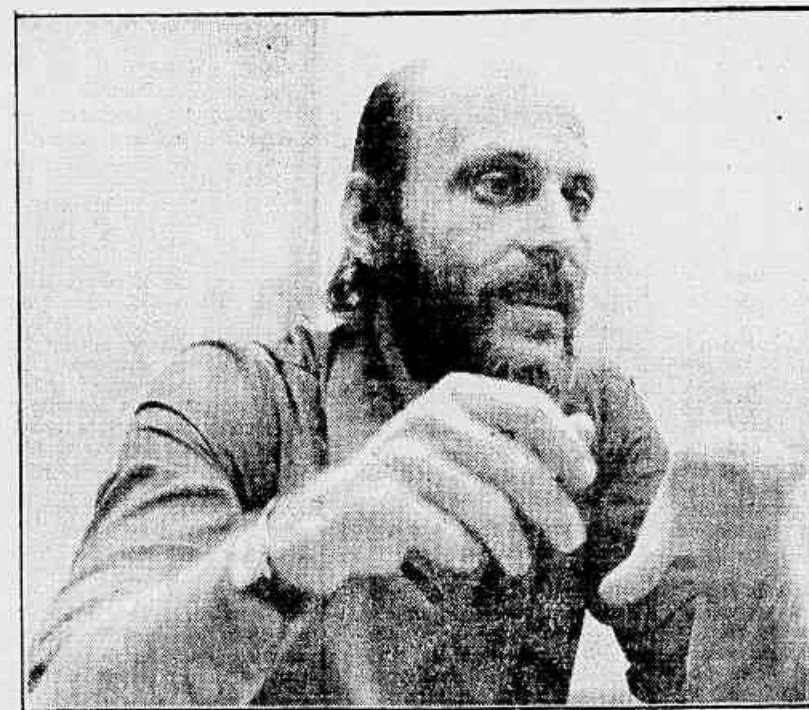
— E a TV Globo andou mexendo na novela? Nos personagens?

— Olha, estou profundamente impressionado com a liberdade que a Globo está me dando para fazer o meu trabalho. Em nenhum momento houve interferência. O único fato ao qual faço restrições é quanto à glamourização excessiva do personagem Gelly (Sônia Braga). Foi discutido em reunião, mas acho que a Globo foi fundo demais na transformação, fazendo com que Gelly deixasse de ser uma menininha para se transformar num mulherão tipo **Dancin'Days** prejudicando a trajetória do personagem. Tive, então, que sair atrás do personagem alterando sua trajetória. A TV Globo sabe que o grande publico infelizmente está mais impressionado com o visual da Sônia Braga do que com a estrutura do personagem.

— A mudança provocou insatisfação na atriz?

— O personagem dela sofreu uma guinada e talvez ela esteja insatisfeita porque, da mesma maneira que eu, teve que se adaptar à nova imagem. Ninguém brigou mais do que eu para ter a Sônia Braga na novela. Tenho o maior respeito pelo seu trabalho como atriz e principalmente pela sua consciência profissional. Eu não gosto é da nova Gelly que a Globo criou. Nada pessoal com a Sônia. Aliás, uma das maiores alegrias que venho tendo na novela é com relação ao elenco. Já disse à direção da Globo, se vier a fazer outra novela, gostaria de contar com os mesmos atores. Sugeri até **Chega Mais**, segundo parte. Já a direção a cargo de Gonzaga Blota e Reynaldo Boury é da melhor qualidade, dentro das limitações de tempo que a novela impõe. Como disse o Cláudio Correa e Castro, o tempo da minha novela é para cinema. A televisão não permite sutilezas.

— E suas relações com o merchandising? **Tem influência na novela?**

— Uma das razões que podem estar reduzindo a qualidade das novelas é o excesso de **merchandising**. A minha novela não tem **merchandising**. Resisti porque teria que fazer uma série de concessões, em função da comercialização, implicando na mudança de personagens. Pode ser, no entanto, que numa segunda novela eu faça a sinopse na sala do diretor de **merchandising**.

Carlos Eduardo Novaes

A DUPLA DE "ÁGUA VIVA" NA DEFENSIVA

ÁGUA VIVA, de Gilberto Braga, hoje escrita em parceria com Manoel Carlos, tem dado ótimos piques de audiência (79) e uma média de 73.3 no mês de maio.

Mas, além da crítica, são muitas as pessoas que se queixam da repetição de situações como as constantes discussões entre Márcia (Natalia do Vale) e Edyr (Claudio Cavalcante), da inverossimilhança do personagem de Maria Helena (Isabela Garcia), que muda de casa e de família, na maior tranqüilidade, como se trocasse de roupa.

Os dois autores, questionados sobre a queda de ritmo e de qualidade, além da influência do **merchandising** dentro de uma novela, responderam, por escrito, defendendo suas posições diante das críticas.

Água Viva ficou morna a partir da metade. Virou novela igual às outras e com mínimos acontecimentos? Por quê?

Gilberto Braga — Não concordo que tenha ficado morna. Continuo a achar interessante. O pique dos meus primeiros 40 capítulos, realmente eu não poderia manter, nem com a ajuda de um excelente parceiro como o Manoel Carlos. Não concordo de modo algum que acontecimentos sejam mínimos. Acho que a novela tem um nível de acontecimentos muito razoável. Talvez não tenha é grandes ganchos novelísticos, vive mais do quotidiano. Eu gosto assim. Quanto a ser uma novela igual às coutras, eu nunca tive a pretensão de fazer uma novela diferente. Se vocês acham que, no início, ela era melhor do que as outras, muito obrigado pelo elogio. Isso nunca me tinha passado pela cabeça. O gênero tem, a meu ver, uma técnica especial de composição . O início tem que ser muito forte, para **pegar** audiência. A preocupação é maior ainda quando se entra depois de uma novela que não agradou muito. Enfim, não posso me estender porque a pergunta parte de premissas com as quais eu não concordo. Considero **Água Viva** um trabalho bem feito, até agora, e que eu saiba a novela está agradando. Claro que alguns amigos, de repente, se queixam um pouco. Mas são pessoas que não costumam ver novela. Estou falando de amigos pessoais, mesmo. Dizem: "Ah, no início parecia que era um bom filme em capítulos"... Um bom filme em capítulos eu não sei escrever. Já imaginaram escrever um bom filme por dia? Mas os amigos que me cobram esse tipo de coisa são realmente uma minoria.

Manuel Carlos — Não sei exatamente a que críticas você se refere. A novela mantém um excelente nível, com piques de até 84% de audiência, e isso entre os capítulos que habitualmente refletem crises (entre o 80 e 0 100), ou seja, ao aproximar-se da curva em que deve começar a descer, tematicamente. **Água Viva**, planejada para 150-160 capítulos, vive esse sucesso atualmente. Mas acredito, naturalmente, que muitas pessoas não gostem, que achem repetitiva, etc. Existem até mesmo explicações para o que está parecendo muito repetitivo, como as brigas entre Márcia e Edyr. É claro que isso se deve à penetração profunda dessas personagens no seio da comunidade. E o que eles dizem, então, ressoa como repetido — quando, muitas vezes, o tema é absolutamente inédito. E depois, repete-se mesmo, tal como a vida, e existem casais que brigam diariamente, ou quase, da lua-de-mel às bodas de ouro. A repetição é uma constante em tudo. É disso fatalmente que morremos um dia: de tanto repetir o ato de viver. Até me faz lembrar o Agripino Grieco que, acusado de repetir em suas conferências os mesmos temas, desabafou: "Todos os dias temos o mesmo pôr-do-sol e a mesma aurora e, inegavelmente, Deus possui mais recursos do que eu." É isso aí. Quanto à possibilidade de alguém achar que a minha entrada na novela pode ter causado algum prejuízo à mesma, aí eu nada tenho a dizer. Acho, no entanto, que fui convidado para esse trabalho pelo próprio autor, Gilberto Braga, e não o desapontei.

A formação da dupla com Manoel Carlos teve algo a ver com a amenização da trama e movimentação?

GB — A meu ver, a formação da dupla tem a ver com a qualidade da novela, a qualidade que eu vejo no ar. Tenho impressão que, se eu estivesse escrevendo sozinho, ia estar uma porcaria, como era o Dancin'Days nesta fase. E eu ia estar estourado. Para mim, viva o Manoel Carlos!

Do elenco ninguém reclama. Mas em sua opinião todos rendem bem? Ou algum personagem teve de crescer ou ser minimizado em função do desempenho de atores?

GB — Adoro o elenco. Acho-o supercompetente. Isso de **aumentar** em função do ator é da própria natureza do tipo de novelas que nós fazemos, a obra aberta. O que existe, infelizmente, por um erro de concepção meu, é um acúmulo de personagens, que não nos permite desenvolver certos papéis apesar da grande potencialidade dos atores. Quando eu vejo praticamente numa ponta uma excelente atriz como a Jacqueline Laurence, por exemplo, morro de vergonha. Mas a gente tem que aceitar os erros e ir aprendendo. É parte do processo de trabalho. Na próxima novela, vou aparecer com menos personagens, tenho toda a certeza. Mas uma coisa que muda muito a natureza das personagens, em novela, é o próprio público. Eu modifiquei a personagem da Ligia, por exemplo, porque praticamente ninguém gostava dela. Confesso que, pessoalmente, eu preferia a safadinha do início do que a boa moça em que a transformei. Mas eu não seguro a barra de sair na rua e ficar todo mundo reclamando da minha protagonista. Querem heroína, eu ataco de heroína, mesmo que ao meu gosto pessoal pareça mais interessante. Se eu fosse escrever novelas seguindo só os meus impulsos, despreocupado de mercadologia, ia dar traço, e eu já estaria fora da profissão há muitos anos. Gosto de coisa muito sem ação. Sabe, meu diretor de cinema preferido é o Truffaut, o romancista é Machado de Assis. **Memorial de Aires**, em televisão, dava traço. Mesmo quem adora **Memorial de Aires**, na hora de ver novela, quer outra coisa. É da natureza do veículo. Mesmo quem lê Proust e adora Bergman, quando liga a tevê pra ver novela quer Douglas Sirk.

Em Dancin'Days você confessa não ter agüentado o miolo da novela. O mesmo parece acontecer agora. Culpa sua ou da novela como instituição? Haveria jeito de fazê-la menor?

GB — Realmente, em **Dancin'Days** eu não agüentei. Na fase em que **Água Viva** está agora, Capítulo 110, eu me lembro que estava completamente perdido em meio a cartas misteriosas de Neide. Será que o Hélio era pai da Marisa? Uma série de bobagens que eu inventei por cansaço. Justamente isso é que eu acho que não acontece com **Água Viva**. Quanto a ser menor, é um problema muito grande, que escapa inclusive ao meu domínio, como escritor. Até onde vai a minha informação, é impossível levantar uma produção do porte de **Água Viva** para menos de 150 capítulos, porque não haveria retorno para a emissora. Só a partir de um determinado momento é que a novela começa a se pagar. Haveria então a chance de fazer novelas mais modestas, ao nível da produção, menos cenário, etc. Mas o grande público não se liga no início da novela. **Pra** mim, por exemplo, podia terminar fácil ai pelo Capítulo 50. **Pra** minha cozinheira, **pra** dar um exemplo aqui de casa, mesmo, começa a ficar uma coisa forte na cabeça dela justamente a partir dessa fase. A maior parte dos espectadores não assiste à novela no início com a mesma atenção do que as pessoas de melhor nível cultural. É preciso bater mil vezes na mesma tecla até que elas comecem a se entregar. Papo muito complicado, sabe? **Eu** não domino isso, não.

Como é a sua parceria com Gilberto Braga?

MC — Gilberto Braga e eu temos experimentado todos os esquemas de trabalho conjunto. E eu tenho dito (ele também) que isso se transformou em fascinante jogo. Já escrevemos dividindo o trabalho por blocos (ele escreve seis e eu seis), por capítulos de cada bloco: três cada um, etc. Capítulos em si: ele escreve algumas cenas, eu outras. Por personagem: quando um cansa um pouco de uma determinada personagem, o outro pega. Só falta mesmo que ele escreva as páginas pares e eu as ímpares. Mas se isso dá certo, é preciso atentar para um dado fundamental: existe um comando único, um líder da dupla, sem o que não vejo possibilidade de um trabalho conjunto dar certo. Esse líder, esse comando, é o Gilberto, autor da novela. Eu posso opinar sobre tudo, rigorosamente tudo. Mas ele decide, aceitando ou não.. Quanto ao final da novela, os 12 últimos capítulos serão escritos pelo Gilberto. Se a novela é do Gilberto e eu sou apenas um dos autores do texto e colaborador da história em condições de não liderança, é natural que o Gilberto seja responsável pelos destinos de cada uma das personagens por ele criadas. Posso até colaborar, se ele desejar, posso até escrever com ele, se ele também precisar. Mas ele fez a sinopse, ele inventou tudo isso que está no ar. Tem planos para cada um dos papéis, soluções, etc. Inclusive, essa é uma das razões da minha entrada na novela. Possibilitar ao autor um tempo maior **pra bolar** o final. O antepenúltimo bloco, aquele que antecede aos 12 capítulos finais, deve ser escrito por mim, integralmente, para que o Gilberto disponha de uma semana livre **pra** escrever os 12 últimos capítulos em paz, com sossego, que é o que, normalmente, falta ao autor de novela.

Como são as suas relações com o merchandising? **É imposto, você muda a história por causa dele, ganha com isso ou apenas fica aborrecido?**

GB — O **merchandising** atualmente é um dos meios de se pagar produção tanto em cinema quanto em televisão. Às vezes pinta em teatro também. Invenção dos americanos, claro. Nenhum espectador ligado neste tipo de coisa deve ter deixado de notar, por exemplo, que o Ford Mustang deve ter ajudado muito o Claude Lelouch a começar a sua carreira de diretor com **Um Homem, Uma Mulher**. Em novela, nunca é imposto nada ao escritor por causa do **merchandising**, assim como nada é imposto em terreno algum. Mudar a história seria um absurdo. Eles têm ações de **merchandising** das quais eu não tomo conhecimento. Outras, em que um produto qualquer tem que ser citado no texto, ao invés de trabalharmos com um produto fictício, usamos um real, e o autor tem uma compensação financeira. Gosto muito disso, sabe? Quem vê **Água Viva** deve notar que em certos momentos mistura realidade e ficção. Se eu escrevo uma cena num bar, acho mais natural um personagem pedir uma Coca-Cola do que um refresco de tangerina. A fala sai mais próxima à realidade que eu vivo. Eu **curto** muito, neste trabalho forçosamente tão apoiado nos grandes chavões folhetinescos, tudo que dá um gostinho do real.

Gilberto Braga

LAURO CÉSAR E CASSIANO, DE ACORDO SÓ QUANTO AO "MERCHANDISING"

Lauro César Muniz

EM São Paulo, Cassiano Gabus Mendes e Lauro César Muniz, dois outros importantes autores de telenovelas, pensam de modo diferente sobre a questão. Cassiano, por exemplo, acha que o nível não caiu:

— O problema é que não acontece nada de novo, ninguém descobre novas fórmulas, novas linguagens. Falta criatividade, os autores de telenovelas são poucos, e mesmo o elenco não se renova de forma mais profunda.

Já Lauro César não concorda, chegando a afirmar que o bom Ibope, no fundo, tem estreita relação com a queda de qualidade:

— Há, de fato, uma crise nas telenovelas. E um evidente declínio em termos de qualidade. No caso da Globo, para a qual trabalhei por quase oito anos, a principal causa é a falta de um responsável pelo setor das telenovelas, o que não acontecia no meu tempo. Naquela época, Daniel Filho exercia essas funções. Com isso, tínhamos uma orientação definida, uma permanente preocupação com a qualidade. Hoje, a preocupação é com a mercadologia.

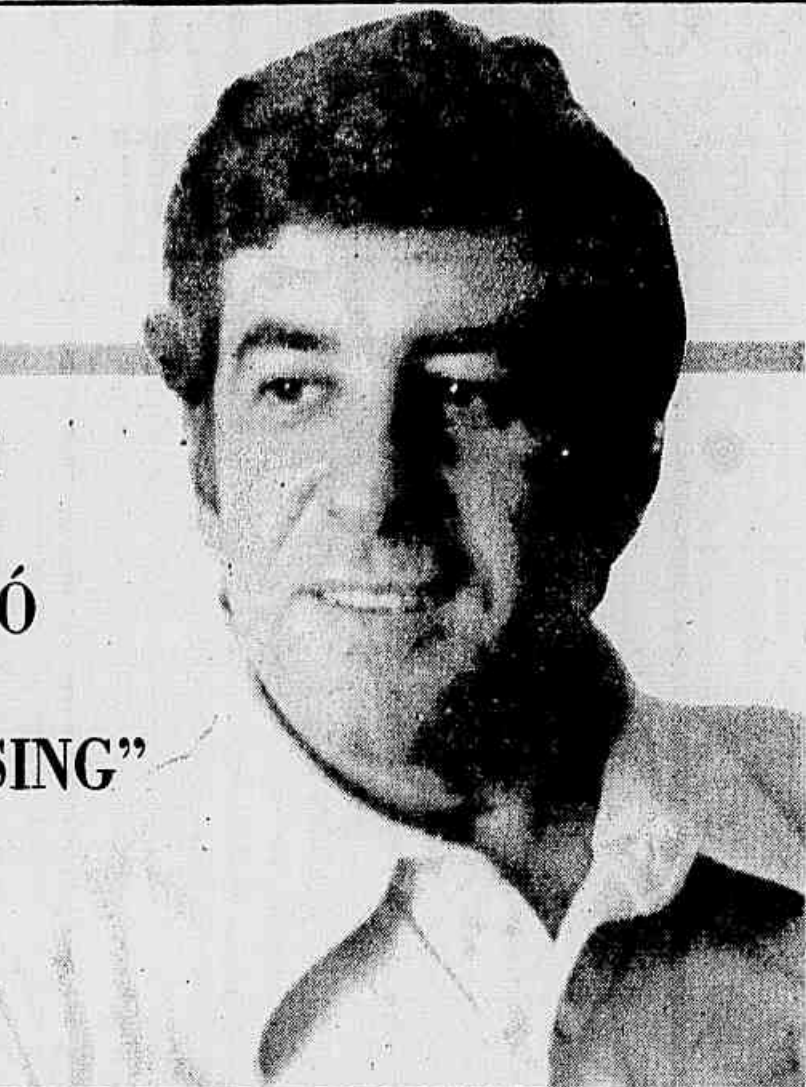
Cassiano Gabus Mendes — ainda vinculado à Globo e já trabalhando no projeto de uma nova telenovela — não quer se aprofundar muito na questão de falta de qualidade. Ao contrário de Lauro César:

— Na Globo, as pessoas hoje ligadas ao setor de telenovelas são especialistas em mercadologia. A esperança é Walter Avancini, agora na Bandeirantes. Ele, como artista que é, vai se preocupar apenas com sua arte, com a qualidade das novelas, e não com o faturamento paralelo.

Lauro César acha que a qualidade "é um risco que se deve correr", o que o pessoal do **marketing**, interessado apenas nos resultados do Ibope, parece não compreender.

— Enquanto isso, o público vive cercado de fórmulas já desgastadas, de clichês dramáticos.

Lauro César diz ter sido surpresa para ele **O Casarão** ser exibido no horário das 8. Era uma novela de estrutura difícil, passada em três épocas e utilizando técnica mais sofisticada.

— Havia, porém, uma assistência da emissora, que hoje já não quer correr tais riscos.

Lauro César, no momento, escreve uma nova peça de teatro, enquanto aguarda a estréia de **A Corrente**, marcada para setembro. Trata-se esta de uma peça a seis mãos, dividida em três partes, cada parte focalizando um casal de determinada classe social (Ioná Magalhães e Rubem de Falco farão os três casais). Consuelo de Castro é a autora da parte dedicada ao casal proletário, Jorge Andrade focaliza o casal da alta burguesia e Lauro César fica com o da classe média.

Num ponto Lauro César e Cassiano estão de acordo: realmente ocorre o **merchandising** nas novelas da Globo e tanto um como outro já receberam dinheiro por isso.

— Por muito tempo — diz Lauro César — o **merchandising** era uma imposição velada na Globo, sendo os anúncios inseridos em minhas novelas sem que eu tivesse conhecimento. Já na época em que saí da emissora, a situação estava se regularizando e os autores começavam a ser pagos para inserirem em seus textos determinadas mensagens comerciais. A única vez em que recebi dinheiro foi em **Os Gigantes**.

Mesmo assim, diz Lauro César, ocorreu uma contradição:

— Imagine que minha novela atacava as multinacionais e a mensagem que eu tinha de colocar no texto era justamente de uma certa marca de ração animal e de produtos de multinacionais. A emissora acha que o antigo intervalo comercial já está muito gasto, preferindo agora o esquema da mensagem, ainda que inserida de maneira subliminar.

Cassiano diz que nada lhe é imposto.

— Posso fazer o que eu quiser, sempre a meu critério. O Departamento de Merchandising faz a sua proposta, eu vejo se ela é ou não viável, se prejudica ou não o meu texto ou andamento da novela, e então aceito ou não. Em **Marron Glacé** coloquei muitas dessas mensagens comerciais. E creio que é por isso que as emissoras, hoje, já não querem saber de novelas de época. Sendo o **merchandising** impossível nesses casos, não há faturamento.

Cassiano Gabus Mendes

COMO USAR O PÚBLICO PARA SE VENDER MAIS

SE os personagens da novela **Água Viva** só bebem cerveja Antartica ou Coca-Cola, andam de Caloi-10, pintam as unhas com **Água Rosada**, ninam boneca da Estrela, passam a lua-de-mel no transatlântico **Navarino** e usam lençóis Santista, não é por acaso. Antes mesmo da novela estrear, a Divisão de Apoio da Globo, uma empresa paralela do grupo, chefiada por Jorge Adib, já tem fechados todos os contratos de mercadologia que hoje cercam qualquer produção da empresa. No caso das novelas, alguns produtos entram com o consentimento do autor e outros independem de sua vontade, embora ele e os atores recebam por isso.

E a força de qualquer destes produtos inseridos nas novelas é grande. Na quinta-feira passada, dia dos namorados, a conhecida joalharia Natan foi palco de uma cena insólita: namorados brigando pelos dois últimos brincos, em formato de raio, usados por Sandra Fragonard (Glória Pires) da novela **Água Viva**. É comum ainda, na mesma loja, a procura do medalhão usado pela Lígia (Beth Faria), atriz da mesma novela.

Um dos contratos mais recentes é o do navio **Navarino**, que tem a sua foto colocada estrategicamente em uma das paredes da agência de turismo do Nélson (Reginaldo Faria) e que apareceu no capítulo de quinta-feira como o navio onde **o Miguel** (Raul Cortez) e a Lígia viajaram em lua-de-mel. A Saitecin Operadora Turística, responsável pela venda de excursões neste navio, está fazendo campanha em cima do contrato feito com a emissora. Em seu **press-release** ela informa que "para a temporada de 80/81 é que foi idealizada a nova campanha de **marketing** onde o **merchandising** da Globo aparece como peça fundamental, apoiada também em mala-direta e publicidade".

Em outras novelas, principalmente em **Marrom Glacê**, de Cassiano Gabus Mendes, e **Dancin'Days**, de Gilberto Braga, o **merchandising** dominava de ponta a ponta. Na primeira, a melhor massa de tomate era a **Etti**, e os produtos da **Kibon** eram os melhores do mundo. Na discoteca do **Dancin'Days**, Julia e Paulete dançavam rodeados de **Staroup, Caloi e Coca-Cola. E**, no ano passado, os caminhoneiros Pedro e Bino, do seriado **Carga Pesada**, rodavam pelo interior na carreta da **Scania Vabis**. Hoje, não renovado aquele contrato, se conformam com um simples Dodge.

Manhã

- 7.30 [6] — **Mobral**. Educativo.
- 45 [6] — **O Despertar da Fé**. Religioso.
- [11] — **Nossa Terra, Nossa Gente**. Educativo.

- 8.00 [6] — **A Voz do Pastor**. Religioso.
- 15 [4] — **Santa Missa em Seu Lar**.
- 30 [6] — **Coisas da Vida**. Religioso.
- 45 [11] — **Jornal da Manhã**.

- 9.00 [6] — **Rex Humbard**. Religioso.
- [7] — **Brasil Rural**. Programa sertanejo.
- 30 [4] — **Globo Rural**. Noticiário agropecuário.
- [11] — **A Pantera Cor de Rosa**. Desenho.

- 10.00 [2] — **Telecurso 2º Grau**.
- [4] — **Concertos para a Juventude**. Hoje: **Ciclo Schumann**, com o tenor Aldo Baldin e os pianistas Maria Lúcia Pinho, Miguel Proença, Heitor Alimonda e Artur Moreira Lima.
- [6] — **Caravela da Saudade**. Folclore português.
- [11] — **Piu-Piu**. Desenho.
- 15 [2] — **Telecurso 2º Grau** (resumo da semana).
- 30 [7] — **Guerra, Sombra e Água Fresca**. Seriado.
- [11] — **Johnny Quest**. Desenho.
- 55 [7] — **O Melhor Futebol do Mundo**. Jogo: **Palmeiras e Juventus**, direto de S. Paulo.

- 11.00 [4] — **Esporte Espetacular**.
- [6] — **Presença**. Religioso.
- [11] — **Popeye**. Desenho.
- 30 [2] — **Palavras de Vida**. Mensagem do Cardeal D Eugênio Salles.
- [6] — **Programa Sílvio Santos**. Quadros musicais, filmes infantis e desenhos, jogos entre casais e concursos.
- [11] — **Programa Sílvio Santos**, em cadeia com o Canal 6.
- 45 [4] — **Olimpíadas 80**. Noticiário.

Tarde

- 12.00 [2] — **Futebol Compacto**. Os principais lances de um clássico.
- [4] — **Clube Hanna Barbera**. Desenho.

- 1.00 [2] — **Turma do Lambe-Lambe**. Infantil com Daniel Azulay.
- [4] — **Fred e Barney Show**. Desenhos.
- [7] — **Conversa de Arquibancada**.
- 30 [4] — **Espinafre 80**. Desenho.

- 2.00 [2] — **Teatro Infantil. João, o Ovo e a Galinha**.
- [4] — **Festival de Desenhos Inéditos**.
- 10 [7] — **Gol, O Grande Momento do Futebol**.

- 3.00 [2] — **Cine Viagem**. Desenhos.
- [4] — **Esquadrão Resgate**. Seriado.
- 10 [7] — **TV Bolinha**. Calouros.

- 4.00 [2] — **Filmes Seriados**. Filme científico.
- [4] — **Sessão de Domingo**. Filme: **Far West, Meninas**.

- 5.00 [2] — **Cartas Filmadas**.
- [7] — **Cinema Especial**. Filme: **Joe Panther**.

Noite

- 6.00 [2] — **É Preciso Cantar. No Meu Pandeiro o Malabarismo é no Couro**.
- [4] — **O Incrível Hulk**. Filme.

- 7.00 [2] — **O Mundo Mágico**. Hoje: **Burle Marx**.
- [4] — **Os Trapalhões**. Humorístico.
- [7] — **Família**. Seriado.
- 45 [2] — **Espaço 2**.

- 8.00 [4] — **Fantástico**. Música e jornalismo.
- [6] — **Flash Esportivo**.
- [7] — **Programa Hebe Camargo**.
- [11] — **Roleta Fatal**.
- 05 [6] — **Programa Flavio Cavalcanti**. Show e jornalismo.

- 9.00 [2] — **Esporte Total**. Mesa redonda.

- 10.00 [7] — **Bola na Mesa**. Debate esportivo.
- [11] — **Ratos do Deserto**. Seriado.
- 15 [4] — **Os Gols do Fantástico**.
- 30 [4] — **Futebol Compacto**. Jogo: **Itália e Inglaterra**.
- [11] — **O Homem do Sapato Branco**.

- 11.00 [6] — **Futebol**.
- 10 [4] — **Première 80**. Filme: **A Gruta do Prazer**.

Madrugada

- 00.00 [7] — **O Melhor Futebol do Mundo**. VT do jogo: **Brasil e URSS**.
- 1.10 [4] — **Campeões de Bilheteria**. Filme: **36 Horas**.

Os filmes de hoje

"36 HORAS", UMA TRAMA PELO MENOS ENGENHOSA

Hugo Gomez

SE não abusasse da credibilidade, 36 Horas, com sua trama engenhosa, poderia ter sido um thriller de espionagem dos melhores, mas esse senão, ainda que fundamental, não invalida os bons momentos de suspense obtidos por George Seaton, que embora mais acostumado a filmes românticos (De Ilusão Também se Vive), já tinha tido uma valiosa experiência nesse campo (O Falso Traidor, com Lilli Palmer num poderoso desempenho).

Produção de TV, Far West, Meninas é uma comédia dramática em torno de Billy the Kid, tendo no elenco Stuart Whitman, que a Fox pretendeu em vão transformar num novo Clark Gable e viveu há pouco, na tela grande, o famigerado autor da chacina na Guiana.

Para os apreciadores de westerns menos exigentes, Roleta Fatal serve como passatempo. A lamentar o desperdício de Mitzi Gaynor, uma comediante de possibilidades.

James Garner em *36 Horas* (canal 4, 1h10m)

FAR WEST, MENINAS
TV Globo — 16h

(Go West, Young Girl) — Produção norte-americana de 1978, dirigida por Alan J. Levi. Elenco: Karen Valentine, Sandra Will, Stuart Whitman, Richard Jaeckell, Cal Bellini, David Dukes, Richard Kelton. **Colorido.**

★★ Duas jovens (Valentine, Will) partem de pontos opostos dos Estados Unidos com destino a Yuma, onde pretendem, por motivos diversos, se avistar com Billy the Kid (Jaeckel), que, ao contrário da versão corrente, está vivo e preso. Feito para a TV.

JOE PANTHER
TV Bandeirantes — 17h

(Joe Panther) — Produção norte-americana de 1976, dirigida por Paul Krasny. Elenco: Ray Tracey, Brian Keith, Ricardo Montalban, A. Martinez, Alan Feinstein, Cliff Osmond, Robert W. Hoffman, Monika Ramirez. **Colorido.**

★★ Inconformado com a vida sem perspectivas de uma reserva de Seminoles na Flórida, jovem índio ambicioso (Tracey) tenta obter emprego no barco do Comandante Harper (Keith), que condiciona o posto à caça de um crocodilo gigante que vive num pântano.

ROLETA FATAL
TV Studios — 20h

(Three Young Texans) — Produção norte-americana de 1954, dirigida por Henry Levin. Elenco: Jeffrey Hunter, Mitzi Gaynor, Keefe Brasselle. **Colorido.**

★★ A fim de impedir que o pai assalte um trem, vaqueiro (Hunter) comete o roubo em seu lugar com a intenção de devolver o dinheiro mais tarde, mas as circunstâncias alteram seus planos.

A GRUTA DO PRAZER
TV Globo — 23h10m

(Pleasure Cove) — Produção norte-americana de 1979, dirigida por Bruce Bilson. Elenco: Tom Jones, Constance Forslund, Joan Hackett, Harry Guardino, Wes Parker, Barbara Luna, Shelley Fabares, Melody Anderson. **Colorido.**

Com o objetivo de fazer tráfico de drogas, grupo de contrabandistas e foras da lei planeja roubar o iate pertencente a um clube. Feito para a TV. Inédito.

36 HORAS
TV Globo — 1h10m

(36 Hours) — Produção norte-americana de 1964, dirigida por George Seaton. Elenco: James Garner, Eva Marie Saint, Rod Taylor, Werner Peters, Alan Napier, Celia Lovsky, John Banner. **Preto e branco.**

★★★ Durante a II Guerra Mundial, psiquiatra alemão (Taylor) tem um dia e meio para interrogar espião norte-americano (Garner) e descobrir o local onde os Aliados pretendem iniciar a invasão do continente europeu.

Os da semana

UM REPRISE DE CHAPLIN SE SALVA MAIS UMA VEZ

SEMANA vem, semana vai, e a expectativa do telespectador prossegue insatisfeita. Nenhuma estréia, reprises cansativas, um festival de Tarzã na Globo, que se redime reapresentando uma das obras-primas de Chaplin, Em Busca do Ouro.

Segunda-feira, o destaque vai para Gigantes em Luta *(no 7, às 21h), um* western *com John Wayne e Kirk Douglas, ambos em bons desempenhos, e uma direção segura de Burt Kennedy, que sabe aproveitar os elementos cômicos intrínsicos da trama.*

Produção pretensiosa, O Desprezo *(no 4, às 22h35m) serve para mostrar a limitação artística de Brigitte Bardot, mas tem Michel Piccoli — melhor ator em Cannes, este ano — no começo de sua ascensão.*

Na terça, apenas Assim É Que Elas Gostam *(no 7, 0h05m), comédia ambientada em universidades com bons trabalhos de Henry Fonda e Olivia de Havilland. Os diálogos, extraídos de uma peça de James Thurber e do próprio diretor, que no cinema continham boa dose de humor leve, se perdem na tradução.*

Chaplin reina absoluto na quarta-feira com Em Busca do Ouro *(no 4, às 23h35m), seu terceiro longa-metragem, e por ele considerado seu melhor filme, que tem cenas antológicas, como a dança dos pãezinhos e o jantar à base de botas.*

Mas Debbie Reynolds também se mostra muito segura em A Inconquistável Molly *(no 7, às 15h), com momentos francamente divertidos, graças ao seu efervescente talento.*

Na quinta, Gregory Peck luta em vão para se mostrar à altura do Capitão Ahab em Moby Dick *(no 11, às 21h), mas a fotografia de Oswald Morris é magnífica. Orson Welles rumina, como de hábito, algumas falas, que só na dublagem se tornaram inteligíveis.*

Anne Baxter é a pequena grande atriz de O Fio da Navalha *(no 7, às 0h05m), num desempenho premiado pela Academia. Herbert Marshall vive com empatia o autor do livro, Somerset Maugham, e Clifton Webb interpreta outro personagem com falas sarcásticas e brilhantes.*

Sublinhado pela música de (partitura de Alfred Newman sobre tema de Sammy Fain) Suplício de uma Saudade *(No 7, às 15h) atravessa os anos como um perene favorito do grande público. Jennifer Jones está dengosa demais e William Holden, superficial, mas Henry King mostra, mais uma vez, como tornar assistível uma trama melodramática.*

Walter Matthau carrega sozinho Matança em São Francisco *(no 4, às 23h35m), um policial com excelentes externas da cidade endeusada por Tony Bennett.*

Como curiosidade, Veja o Que Aconteceu ao Bebê *(no 7, às 21h) de Rosemary. Na sexta.* (H.G.)

Segunda-feira, 16:

14h30m — Canal 4 — **Tarzã, o Magnífico (Tarzan, the Magnificent)**. Britânico (59) de Robert Day, com Gordon Scott, Jock Mahoney. (Cor)
15h — Canal 7 — **Show, Amor e Dinheiro (Happy Go Lovely)**. Britânico (50) de Bruce Humberstone, com David Niven, Vera-Ellen, Cesar Romero. (Cor)
21h — Canal 7 — **Gigantes em Luta (The War Wagon)**. Americano (67) de Burt Kennedy, com John Wayne, Kirk Douglas, Howard Keel. (Cor)
21 — Canal 11 — O Conquistador de Corinto (Il Conquistatore di Corinto). **Franco-italiano (61) de Mario Costa, com Jacques Serna. (Cor)**
22h35m — **Canal 4** — Despreso (Le Mépris). **Franco-italiano (63) de Jean-Luc Goddard, com Brigitte Bardot, Michel Piccoli, Jack Palance. (P&B)**
0h05m — **Canal 7** — Casa de Bambu (**House of Bamboo**). Americano (55) de Samuel Fuller, com Robert Ryan, Robert Stack, Cameron Mitchell. (Cor)

Terça-feira, 17:

14h30m — Canal 4 — **Os Três Dasafios de Tarzã (Tarzan's Three Challenges)**. Americano (63) de Robert Day, com Jock Mahoney, Woody Stode. (Cor)
15h — Canal 7 — **Maya (Maya)**. Americano (66) de John Barry, com Clint Walker, Jay North, I.S.Jokar, Sajid Kahn, Sonia Sahni, Ullas. (Cor)
21h — Canal 11 — **Os Violentos Vão Para o Inferno**. Italiano (68) de Sergio Cobucci, com Franco Nero, Tony Musante, Giovanna Ralli. (Cor)
23h35m — Canal 7 — **De Volta ao Planeta dos Macacos (Beneath the Planet of the Apes)**. Americano (70) de Ted Post, com James Franciscus. (Cor)
0h05m — Canal 7 — **Assim É Que Elas Gostam (The Male Animal)**. Americano (42) de Elliott Nugent, com Henry Fonda, Olivia de Havilland. (P&B)

Quarta-feira, 18:

14h30m — Canal 4 — **Tarzã e a Expedição Perdida (Tarzan and the Lost Safari)**. Americano (57) de Bruce Humberstone, com Gordon Scott. (Cor)
15h — Canal 7 — **A inconquistável Molly (The Unsinkable Molly Brown)**. Americano (64) de Charles Walters, com Debbie Reynolds, Ed Begley. (Cor)
21h — Canal 7 — **A TAberna das Ilusões Perdidas (The Rat Race)**. Americano (60) de Robert Mulligan, com Tony Curtis, Debbie Reynolds. (Cor)
23h35m — Canal 4 — **Em Busca do Ouro (The Gold Rush)**. Americano (25) de Charles Chaplin, com Charles Chaplin, Georgia Hale, Mark Swain. (P & B)
0h05m — Canal 7 — A Vingança de Ulzana (Ulzana's Raid). Americano (72) de Robert Aldrich, com Burt Lancaster, Bruce Davison, Jorge Luke. (Cor)

Quinta-feira, 19:

14h30m — Canal 4 — **Tarzã e a Tribo Nagasu (Tarzan's Fight for Life)**. Americano (58) de Bruce Humberstone, com Gordon Scott, Eve Brent. (Cor)
15h — Canal 7 — **Capitães do Mar (Down to the Sea in Ships). Americano (49) de Henry Hathaway, com Richard Widmark, Lionel Barrymore. (P&B)**
21h — **Canal 11** — Moby Dick (Moby Dick). Americano (56) de John Huston, com Gregory Peck, Richard Basehart, James Robertson Justice. (Cor)
23h35m — Canal 4 — **Jamais Foram Vencidos (The Undefeated)**. Americano (69) de Andrew V. MacLaglen, com John Wayne, Rock Hudson, Tony Aguillar. (Cor)
0h05m — Canal 7 — **O Fio da Navalha (The Rasor's Edge)**. Americano (46) de Edmund Goulding, com Tyrone Power, Gene Tierney, Anne Baxter. (P&B)

Sexta-feira, 20:

14h30m — Canal 4 — **Tarzã no Vale do Ouro (Tarzan and the Valley of Gold)** Americano (66) de Robert Day, com Mike Henry, Nancy Kovack. (Cor)
15h — Canal 7 — **Suplício de Uma Saudade (Love Is Many Splendored Thing)**. Americano (55) de Henry King, com Jennifer Jones, William Holden.
21h — Canal 7 — **Veja o que Aconteceu ao Bebê (Look What's Happened)**. Cor)
21h — Canal 11 — **Se Queres Viver... Atira (Se Vuoi Vivere... Spara!)**. Italiano (67) de Sérgio Garrone, com Sean Todd, Ken Wood, Peter White. (Cor)
23h35m — Canal 4 — **Matança em São Francisco (The Laughing Policeman)**. Americano (73) de Stuart Rosenberg, com Walter Matthau, Bruce Dern. (Cor)
0h05m — Canal 7 — **A Mulher de Adão (Adam's Woman)**. Australiano (70) de Philip Leacock, com Beau Bridges, Jane Merrow, John Mills. (Cor)
1h35m — Canal 4 — **Museu de Cera dos Horrores (Terror in the Wax Museum)**. Americano (73) de Georg Fenady, com **Ray Milland**, Elsa Lanchester. (Cor)

TODAS AS MANHÃS, O DESPERTAR ALEGRE DO CIDADÃO "CIDADINHO"

Fotos de Carlos Mesquita

Paulo Martins, cercado pelos muitos desenhos enviados pelos ouvintes, já sabendo que a tarefa de escolher o melhor não será nada fácil

Deborah Dumar

COMEÇOU quase por acaso, foi crescendo, crescendo, e hoje é um acontecimento que mobiliza milhares de ouvintes da Rádio Cidade e faz do locutor Paulo Martins o criador de um novo personagem: o **Cidadinho**.

Paulo Martins é quem abre todos os dias, no horário das 6 às 10 da manhã, a programação da emissora. Certo dia, assim que entrou no ar, ele colocou no prato um dos velhos sucessos dos Beatles, **Lovely Rita**. Logo depois, enquanto oferecia aos ouvintes um outro sucesso, continuava, no estúdio, se deliciando com o álbum dos Beatles, **Sargent Pepper's Lonely Heart Club Band**. A faixa que se seguia a **Lovely Rita** era **Good Morning**, que começava com o insólito cocorocó de um galo.

— Ora, eu trabalho bem cedo, de manhã, justamente na hora em que o galo canta — explica Paulo Martins. Então, resolvi botar o galinho no ar, sem dizer nada. Acontece que o pessoal gostou. E logo veio uma chuva de telefonemas pedindo que, todas as manhãs, pusesse o galo no ar novamente. E mais: uma chuva de telefonemas perguntando o nome do tal galinho. Foi então que resolvi batizá-lo de **Cidadinho**.

Paulo Martins lembra que cada locutor da Rádio Cidade tem um bicho como mascote. O de Eládio Sandoval, por exemplo, é o sapo. Por isso, decidiu adotar o galo como seu mascote. E como todos os sorteios da emissora são feitos por telefone, resolveu dar uma primeira chance aos ouvintes que não tinham telefone. Pediu que cada um deles enviasse uma caricatura do **Cidadinho**, para que se escolhesse a melhor:

— Os prêmios seriam muito simples: o autor da caricatura escolhida ganharia 15 camisas da Rádio Cidade estampadas com o "Cidadinho" escolhido. E mais: um par de patins de bota Pier, uma semana de patinação de graça no Roller Circus e uma barraca da Rádio Cidade.

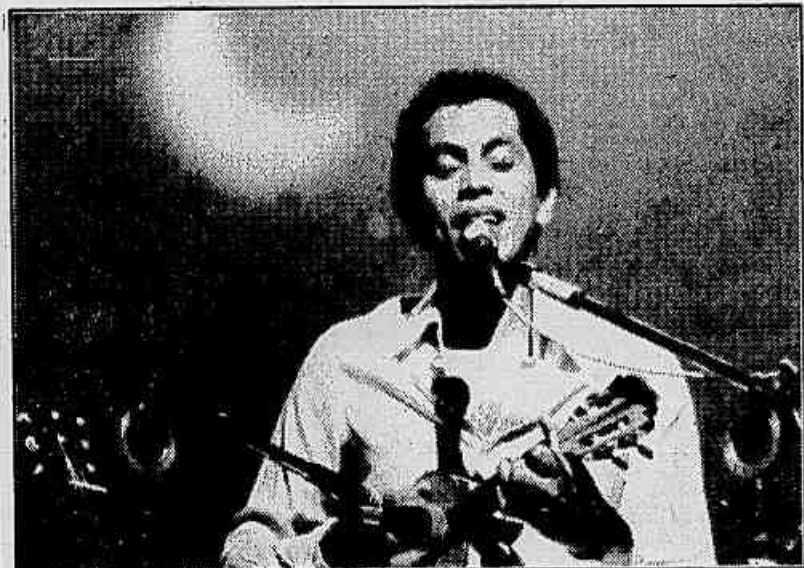
O concurso foi lançado na última semana de maio. Para espanto de Paulo Martins — e de todo o pessoal da Rádio Cidade — já no segundo dia a emissora recebia mais de 40 desenhos. Esse total subiu para 500 em apenas duas semanas. As sugestões vinham de todos os bairros do Rio e mesmo de outras cidades. Cartas também foram escritas incentivando os participantes do concurso, elogiando a idéia do locutor e até mesmo pedindo conselhos sobre roupas, discos, locais para se freqüentar. Uma resposta surpreendente, levando-se em conta o horário do programa.

Crianças de cinco a oito anos são as responsáveis por mais da metade dos desenhos. Mas os adultos não ficaram atrás em matéria de entusiasmo e participação. Paulo Martins conta algumas histórias:

— Uma conhecida agência de publicidade do Rio, cujo departamento de arte e criação se viu repentinamente motivado para bolar seus desenhos e enviar para a Rádio Cidade, foi obrigada a proibir que seus empregados participassem do concurso. Do contrário, ninguém trabalhava mais.

Num escritório de arquitetura — é Paulo Martins quem acrescenta — passou-se um episódio ainda mais curioso:

— Um projeto sobre um imóvel estava para ser discutido naquela dia, em importante reunião com diretoria. Acontece que os arquitetos envolvidos no projeto também estavam fazendo os seus **Cidadinhos**. Só que, para evitar problemas, iam colocando seus desenhos nos canudos destinados às suas plantas. Na hora da reunião, todo mundo muito sério, um dos arquitetos colocou sobre a mesa, por engano, não uma das plantas a serem discutidas, mas a figura alegre e colorida do seu **Cidadinho**. Paulo Martins diz que não sabe desenhar. Trabalha na Rádio Cidade há mais de um ano, tendo antes atuado como repórter da TV Globo (forma-se em Comunicação em dezembro). Um dia, descobriu sua vocação de locutor, Sérgio Chapellin incentivou-o muito, Ilídio (programador da Rádio JORNAL DO BRASIL) fez o mesmo e acabou convencendo-o a tentar um teste na Rádio Cidade. Aprovado, é o titular do horário matinal.

— Quero lembrar que os ouvintes têm até segunda-feira (amanhã) para mandarem seus desenhos. Posso dizer que já existem alguns favoritos. Mas o vencedor, mesmo, só será anunciado pela Rádio Cidade, durante todo o dia, na próxima quarta-feira, 18 de junho.

Paulinho da Viola, o artista e sua obra num programa inesquecível

Regina Duarte, a *Malu* deste ano muito aquém da do ano passado.

ALGO PARA LEMBRAR

(E MUITO PARA ESQUECER)

Maria Helena Dutra

PARA sempre recordar. Foi pura maravilha o especial com Paulinho da Viola, exibido na semana passada pela Rede Globo de Televisão. Nada desculpa o atraso do registro, mas ele é compulsório por ter sido o programa um dos raros momentos, em qualquer arte ou veículo, de rara harmonia. Obtida pela reunião de talentos homogêneos, tratados com respeito e inspiração. O encontro teve o astro principal, o conjunto Rosa de Ouro, formado por Elton Medeiros, Nelson Sargento, Anescarzinho do Salgueiro e Jair do Cavaco, e mais Canhoto da Paraiba, Zezé Motta, Radamés Gnatalli, Velha Guarda da Portela, Copinha e grupo de músicos que habitualmente acompanha Paulino em seus **shows**.

Um ninho de **cobras**. De repertório esmerado, comedidos no tempo e de percebido amor ao que fazem. Difícil a televisão juntar tanta gente boa. E muito mais raro ainda é lhe dar carinho profissional. Pois foi o que aconteceu neste programa dirigido por Daniel Filho e produzido por Maria Carmem Barbosa. Nem uma tomada repetida, imagens limpas, sem firulas. Som, iluminação e cenários de extrema qualidade. É para ver de novo — e muitas vezes. Uma prova de não ser o veículo frio e de abordagem apenas fragmentada. Porque este espetáculo fez muita gente chorar, crianças eu vi, deu uma visão muito clara, nítida e geral da obra de Paulinho da Viola.

Um programa excepcional, mil furos acima da média.

* * *

Para não recordar é a estréia da nova fase do É Preciso Cantar, na Educativa. Lembra mais a antiga série Depoimentos da Bandeirantes. Nenhuma inventiva para compensar a visível falta de recursos técnicos. A reformulada produção do Canal 2 apenas exibiu descozida entrevista com Jackson do Pandeiro — muito elogiosa mas sem perguntas — e números musicais carentes de ritmo. Programa bem intencionado, mas fraco, que não agrada embora também não chegue a irritar. Este sentimento, integralmente sentido, fica para As Mais Mais da Bandeirantes. **Uma parada indigente de atrações fracas tratadas com total descaso.**

* * *

Está dando saudades. Da **Malu Mulher** do ano passado, em comparação com seu atual desempenho. Até a infidelidade por lá anda chata. Um episódio iniciado como peça teatral de má feitura. Abre-se o pano e os personagens começam a contar o que aconteceu em lugar de viver os fatos. Depois, algumas cenas de amor bem a Lelouch. Até chegar ao diálogo de Malu com a senhora de seu namorado. Uma conversa sem hesitações, plena de sentimentos claros e expressões adequadas. Conversa típica de dois esteriótipos, nunca de seres humanos. Difícil agüentar uma série em que todos viraram símbolos, tratados na mais convencional linguagem de televisão. Uma excelente equipe que precisa "começar de novo", como afirma Vitor Martins dentro da música de Ivan Lins, na abertura de cada programa. Esquecendo este ano e partindo de onde parou em 79.

* * *

Indelével. O comportamento de todos nesta grave crise atual da Tupi não deve ser esquecido. Desde o seu diretor, que culpa, com razão, o capital estrangeiro e os favores governamentais para o desequilíbrio atual entre as emissoras em benefício da Globo. Só que não acrescenta que o caos administrativo da Tupi tem muito mais de 15 anos. Sempre foi uma emissora de donos ricos e funcionários pobres. Uma casa que jamais inspirou confiança, um território livre em que foram permitidas as mais irresponsáveis e degradantes jogadas comerciais e artísticas. Também não devem ser esquecidas as atuações de seus profissionais. Daqueles que apoiaram a greve legítima dos funcionários subalternos e dos que, ao contrário, negaram solidariedade ou substituíram colegas ausentes. Registrando também que, entre outros tantos programas que estão no ar apesar de tudo, se destaca Brasil de Todos Nós. **Produzido em São Paulo, cidade em que 800 empregados da estação estão passando fome, ele continua elogiando Paulo Salim Maluf e metendo o pau em Ulisses Guimarães e no juiz Aarão Reis. Esquecer, jamais.**

* * *

Não nos deixem esquecer. Nestes tempos de soja, todos sabemos, é muito difícil fazer rir. Mas até público mal alimentado tem memória e paciência limitada para piadas e situações que parecem eternas. **Os Trapalhões** repetem seus quadros e gags com primorosa persistência. **O Planeta dos Homens** muda as roupinhas dos personagens, mas jamais suas falas. **Moacyr Franco** também se especializou em antologias. Para evitar problemas, muito trabalho e tristeza geral, chegou-se enfim à solução do arquivo.

***

Para se atualizar. Três programas jornalísticos de nossa televisão estão dando bons sinais de evolução. Encontro com a Imprensa, **Bandeirantes, depois de mau desempenho com o Governador de São Paulo, recuperou-se em entrevista bem mais objetiva com Mário Covas, presidente do PMDB de São Paulo. Esperamos que a timidez não retorne quando o convidado for autoridade ou membro de qualquer Governo. Caso isso aconteça, vai perder qualquer vislumbre de credibilidade. Bastante confiável e com alguma agilidade, apesar da perene carência de recursos, anda agora o** Atenção **breve informativo da mesma Bandeirantes. Muito bom o trabalho que apresentou sobre a violência na porta do prédio da antiga UNE, reunidos a depoimentos dos deputados espancados, dos solidários e a opinião de Ministros e do Presidente Figueiredo. Este último foi perseguido por Cristina do Rego Monteiro, fazendo aquilo que todo repórter deve fazer. Foi persistente e chata — e conseguiu o que queria. Outro esforço jornalístico que está conservando nível razoável é o 1980, da TV Educativa. Continua dando mais tempo às notícias do que os seus concorrentes e tem apresentado bom e farto material internacional. Resta apenas dar mais recursos e liberdade às reportagens nacionais para atingir o estágio de noticioso importante.**

O FUTURO DA TELEVISÃO VAI COMEÇAR EM WASHINGTON

Silio Boccanera

Correspondente

WASHINGTON — No início do próximo ano, 40 residências e 10 locais públicos (principalmente livrarias) de Washington participarão de um teste de dois anos do que vem sendo chamado de "o futuro da televisão".

Cada um desses 50 pontos receberá um aparelho de TV, uma unidade de decodificação de sinais e um painel de seleções para que escolha a informação de que necessita, mostrada na tela de TV, e pré-selecione textos e gráficos para ler conforme seu interesse e sua disponibilidade de tempo. Seria uma espécie de Jornal na Tela, manuseado ao ritmo e ao gosto do telespectador.

O experimento é coordenado pela emissora pública de TV em Washington, Weta Canal 26, com ajuda dos jornais Washington Post e Washington Star e várias agências governamentais que habitualmente fornecem informações correntes, como o Serviço de Meteorologia.

Dessa forma, em casa, o telespectador-leitor poderá encomendar cerca de 200 páginas de texto e gráficos num período de 10 a 12 horas por dia. Cerca de 15 páginas diárias serão dedicadas a notícias, acontecimentos esportivos, cotações da Bolsa de Valores e outros itens habitualmente encontrados em jornais e fornecidos ao Canal 26 pelos dois diários da capital norte-americana.

As páginas restantes serão reservadas a informações sobre condições de estradas (fundamental durante as nevascas do inverno) e instruções sobre como usar diferentes agências do Governo para obter serviços, além de outros assuntos informativos.

O projeto está sendo coordenado pela Universidade de Nova Iorque e seu Centro de Meios de Comunicação Alternativos, que se encarregará de escolher os 50 locais de amostra para o teste, de custo estimado em um milhão de dólares. Os fundos provêm da empresa nacional de emissoras públicas, da Fundação Nacional de Ciências, da Administração Nacional de Telecomunicações e Informações e dos Serviços Humanos e de Saúde.

Caso seja aprovado, o novo sistema poderá ser adquirido pelo público ao preço de 100 dólares acima do custo de um aparelho comum.

Rádio Jornal do Brasil FM Estéreo

ZYD-460
99,7MHz

A programação de música clássica para hoje é a seguinte:

HOJE

10h — **Singurd Jorsalfar**, de Grieg (Karajan — 16:23); **Concerto em Lá Bemol Maior, para 2 pianos e Orquestra**, de Mendelssohn (Gold e Fizdale — 30:50); **Stabat Mater**, de Pergolesi (Mirella Freni, Teresa Berganza, solista da Orquestra Scarlatti de Nápoles e Ettore Gracis — 42:27); **Suite Francesa**, de Poulenc (Tacchino — 11:15); **Suite do Ballet Namouna**, de Lalo (ORTF e Martinon — 43:42); **Trio nº 22, em Mi Bemol Maior, para Piano, Violino e Violoncelo**, de Haydn (Beaux Arts — 19:40); **Chant du Ménestrel**, de Glazunov (Rostropovitch, Sinfônica de Boston e Ozawa — 4:08).

20h — **Concertos em Dó Maior, para Oboé e Orquestra, Op. 7/12**, de Albinoni (Pierlot — 8:30); **Suite em Sol Menor, para 2 Cravos**, de Le Roux (Kipnis e Dart — 9:50); **Sinfonia nº 1, em Dó Maior, Op. 21**, de Beethoven (Jochum — 26:15); **Quarteto em Dó Menor, para Piano e Cordas, Op. 60**, de Brahms (Pro Arte Piano Quartet — 32:20); **Thamar**, de Balakirev (Ansermet — 21:20); **Fantasia e Sonata, em Dó Menor, K 475 e 457** de Mozart (Arrau — 33:37); **Concertino em Mi Menor, para Trompa e Orquestra, Op. 45**, de Weber (Barboteux — 14:55); **Peça para Piano, Op. 33b**, de Scheonberg (Pollini — 3:27); **Concerto de Brandenburgo nº 6, em Si Bemol Maior**, de Bach (Karl Richter — 16:56); **Circus Polka**, de Strawinsky (Karjan — 3:38).

AMANHÃ

20h — **Transmissão Quadrafônica — SQ — Magnificat**, de Vivaldi (Muti — 21:27); **Sinfonia em Lá Maior**, de Saint-Saens (Martinon — 25:12); **Concerto nº 1, em Si Bemol Menor, para Piano e Orquestra, Op. 23**, de Tchaikowsky (Horacio Gutiérrez e Previn — 33:43); **Le Boeuf Sur le Toit**, de Darius Milhaud (Bernstein — 19:30).

21h50m — **Stereo, 2 Canais — Os 5 Prelúdios, para Violão**, de Villa-Lobos (Julian Bream — 19:00); **Tombeau de Monsieur de Lully**, de Jean-Féry Rebel (Música Antiqua de Colônia — 16:00); **Canções e Danças nºs 8 e 9**, de Mompou (interpretadas ao piano pelo compositor — 8:25); **Les Indeaux — Poema Sinfônico nº 12**, de Liszt (Haitink — 26:45).

JORNAL DO BRASIL

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 15 DE JUNHO DE 1980

ESPECIAL

DESINFORMAÇÃO

A mais poderosa arma da KGB

A União Soviética ganha pelas armas: na Tcheco-Eslováquia, na Angola, no Afeganistão. Mas suas maiores vitórias são conquistadas no plano ideológico. A imprensa, o rádio e a televisão ocidentais são tão habilmente manipulados pela KGB que se tornam aliados inconscientes dos objetivos do Kremlin. São os jornalistas americanos que demolem a CIA, ou os jornais franceses que, em sua totalidade, aplaudem toda e qualquer derrota dos Estados Unidos. É esse o tema do romance de Arnaud de Borchgrave e Robert Ross, O Iceberg, publicado em Paris pelas Edições Lattès. Philippe Labro entrevistou Borchgrave sobre esse grave problema da desinformação, que representa hoje o papel de uma quinta-coluna soviética — a quinta pluma — contra o Ocidente livre.

Philippe Labro: **Como surgiu essa vontade de abordar, através da ficção, problemas como a "desinformação", a "finlandização", que nos ameaçam no limiar do que Kissinger chamou de "a década do perigo", nosso futuro imediato?**

Arnaud de Borchgrave: Tudo começou depois de Munique, depois dos Jogos Olímpicos de Munique. Em 1972, depois do massacre dos atletas israelenses pelo comando palestino, obtive informações em primeira mão sobre o "cérebro" por trás de toda a história. Um dia, minha mulher recebeu um telefonema anônimo dizendo "Seu marido não voltará a ser visto vivo". Eu levei a ameaça a sério e, depois de uma viagem rápida e semiclandestina pela Europa, fui parar na Inglaterra, entre amigos de confiança. Através desses amigos conheci um homem que, segundo eles, possuía outras informações sobre as redes de terroristas que se espalhavam pela Europa e por todo o Oriente Médio. Ele se chma Robert Moss, é jornalista do **Economist** e conferencista nas grandes universidades americanas. Logo verifiquei que era, de fato, um dos homens mais estupendamente informados sobre os mundos paralelos, em particular os dos especialistas da "guerrilha urbana". Cotejamos nossas notas, como se diz. Conversamos também muito sobre a profissão que exercemos e a propósito me veio à lembrança outro episódio marcante da minha vida. Em 1967, vieram-me contar que um amigo meu, jornalista francês, era colaborador da KGB. Não acreditei. É claro que eu não vou-lhe dizer de quem se trata, mas depois veio a furo que o colega em questão trabalhava de fato para os serviços de informação soviéticos.

P.L.: **De que maneira?**

A.B.: Oh, é muito simples. A infiltração é lenta, mais ou menos como no "sistema das toupeiras", que John Le Carré ilustra em seus livros e seriados de TV. Eles enchem um jornalista de informações verdadeiras, importantes e exclusivas, e depois, quando já o conquistaram começam a lhe passar outras notícias, outros dossiês, que apenas servem à propaganda soviética. Eu e Moss, então, discutimos esse fenômeno e trabalhamos durante cinco ou seis anos, deixando a idéia e a história germinar na cabeça. O romance aconteceu em seguida, na maior naturalidade.

P.L.: **De romance ele só tem o nome. Eu reconheci facilmente vários colegas, dos quais o mínimo que se pode dizer é que eles foram, consciente ou inconscientemente, veículos do discurso pré-comunista, ainda que alguns se tenham penitenciado depois. Acho que reconheci também algumas personalidades do ensino e da política.**

A.B.: É claro que eu botei nesse livro a experiência de 30 anos de profissão, valendo-me de contatos estreitos e permanentes, inclusive com os grandes serviços de informação.

P.L.: **Você então conhece todos! Quais são os melhores? Pode-se estabelecer um hit parade dos serviços ocidentais? Quem merece quatro estrelas e quem fica por último?**

A.B.: Bem, se o jogo é esse, convém botar a KGB **hors concours**. É a máquina mais experiente, mais temível e mais poderosa do mundo. Ela dispõe de todos os meios materiais possíveis, de uma noção do tempo, da duração, e da garantia absoluta de que seus métodos e segredos nunca serão expostos num livro, numa publicação, numa emissão, num filme. Lá, pelo menos, nunca! As ramificações da KGB estendem-se por toda parte; não apenas na URSS e nos países satélites, mas também no Ocidente, na África, no Oriente Médio. Quanto ao Ocidente, acho que os melhores são os israelenses, sobretudo no plano da execução, mas os franceses também são excelentes, principalmente na pesquisa e exploração do que chamamos de "espionagem".

P.L.: **Que não tem nada a ver com o trabalho efetuado pelos satélites-espiões?**

A.B.: Não, é claro. Da CIA nem vale a pena falar. A CIA foi destruída por dentro, numa verdadeira implosão. Não que ela tenha sido perfeita, infalível e virtuosa. A virtude e a espionagem, aliás, não têm nada em comum. Mas enfim ela existia, com suas redes, seus agentes, suas atividades. A partir dos anos 60, a degradação da função presidencial nos Estados Unidos, a campanha de imprensa e de demolição da CIA, realizou-se um tal trabalho de sapa que não é mais possível classificá-la em sua hipotética **hit parade**.

P.L.: **Certo. Mas agora uma coisa; se seus elementos procedem de contatos nesses meios, por que não lhe acusam também de ser "desinformado", mas pelo outro extremo — de ser intoxicado?**

A.B.: A ficção que escrevo baseia-se em fatos historicamente conhecidos. Meus dossiês existem e são inatacáveis. Além disso, meu próprio passado, meu ódio de todos os extremismos, de qualquer caça às bruxas, e que se pode chamar de meu "liberalismo", falam por si mesmos. Por outro lado, a segunda fonte a partir da qual estabelecemos nosso relato e expusemos a realidade da "desinformação" foram os próprios relatos dos trânsfugas, aos quais pudemos ter acesso. Chamo de "trânsfugas" aos profissionais da informação que se bandearam do Leste para o Ocidente.

P. L.: **Mas eles também podem ser suspeitos de parcialidade, todo mundo sabe que um trânsfuga "vem do frio" por motivos muitas vezes estritamente pessoais, e não ideológicas. Há trânsfugas que desfiam seu rosário para justificar sua existência por conta do país que os acolhe pelo restante de seus dias!**

"Eles enchem um jornalista de informações verdadeiras (...) depois, quando já o conquistaram, começam a lhe passar outras notícias"

A. B.: O que um trânsfuga diz é realmente passível de cautela. Mas quando dois, 10, 20 dão as mesmas informações a duas, 10 ou 20 fontes, aí a coisa se torna séria. Existe um verdadeiro consenso dos principais trânsfugas, nos últimos 20 anos, a propósito dos objetivos a longo prazo da KGB. Consultamos seus dossiês, quando não os encontramos pessoalmente. Poloneses, romenos, búlgaros, russos. Também tivemos contatos com alguns chineses. Quando tantos testemunhos coincidem, é lícito admitir que estamos em face de uma realidade.

P. L.: **Vejamos um exemplo. Em seu livro há uma frase que teria sido pronunciada por Brejnev em Praga, em agosto de 1973, durante uma reunião dos principais líderes comunistas da Europa Oriental. Reunião essa que ninguém falou até hoje, pelo menos na grande imprensa.**

A. B.: Claro, porque era uma reunião secreta!

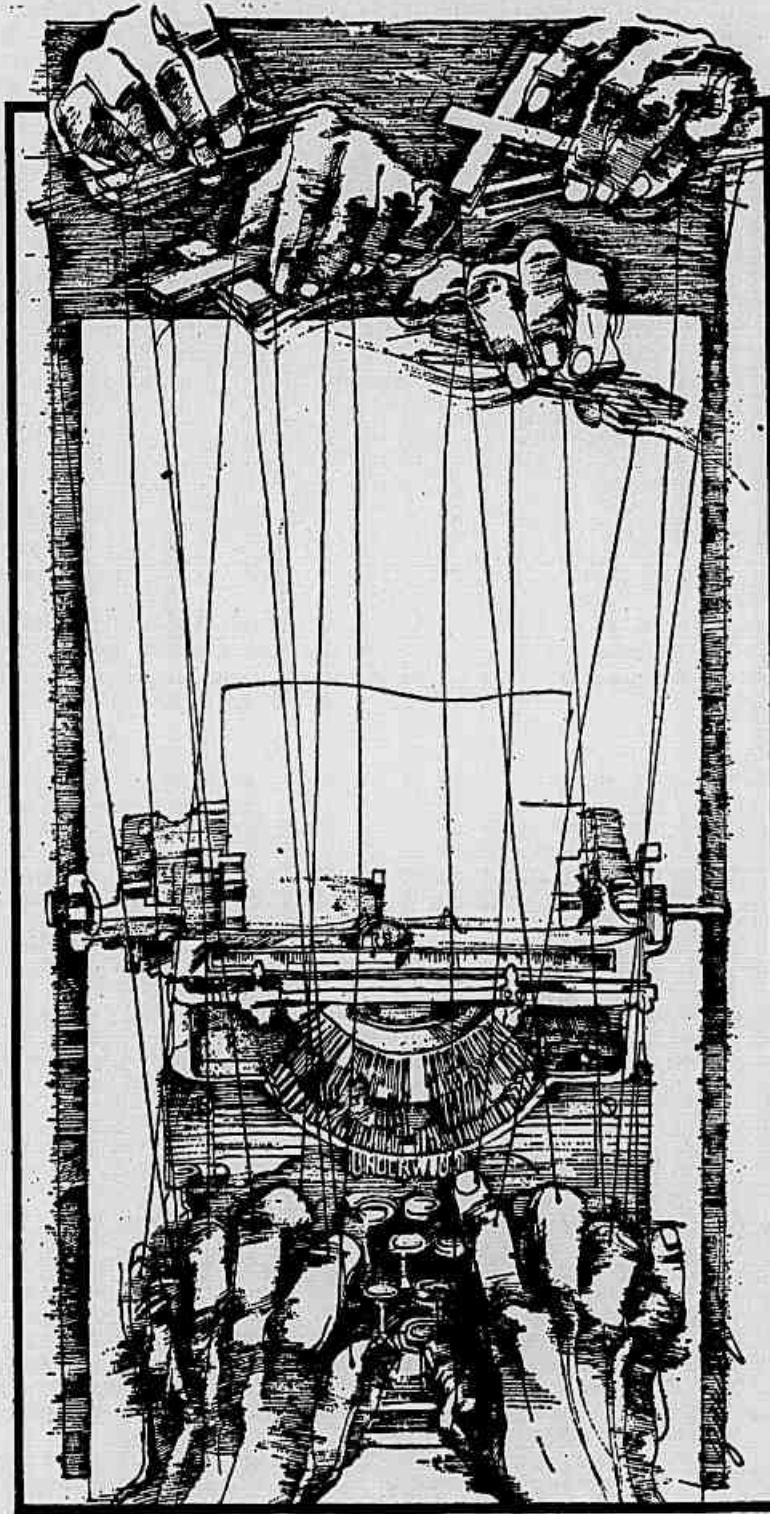
P. L.: **E por que Praga, e não Moscou?**

A. B.: Porque Praga, para esse tipo de reunião, é mais discreta. Pode parecer paradoxal, mas é isso aí.

P. L.: **Brejnev teria dito esse dia, há portanto sete anos, que "em 1985 estaremos em condições de exercer nosso poder por toda parte onde desejemos".**

A. B.: Havia nessa reunião um agente tcheco, um agente duplo, que trabalhava para um serviço europeu. Um cara esperto que passou para o Ocidente. O documento que ele forneceu sobre essa reunião secreta era tão importante que, quando o viram em Washington, mandaram uma das mais altas personalidades do Governo americano da época — no maior sigilo, é claro — para falar com esse homem. O relatório indicava que alguns líderes comunistas haviam criticado Brejnev por sua política de "distensão" com o Ocidente. Foi então que Brejnev explicou que a "distensão", para ele, permitiria obter mais depressa os meios de expandir o poder soviético. Mas o enviado americano que ouviu o trânsfuga não quis acreditar nisso.

P. L.: **Por quê? Por que isso não combinava com a política de distensão da época, tal como a praticavam os Governos ocidentais?**

A. B.: Exatamente. A frase autêntica, que em **Iceberg** nós modificamos um pouco, era "A coexistência pacífica é uma simples intervenção que permitirá às forças do socialismo obter a supremacia militar global a partir de 1982..."

P. L.: **E onde entra a "desinformação" em tudo isso?**

A. B.: Bem, ela consiste justamente em adormecer a opinião p'ublica e os Governos para prolongar essa "distensão", essa "coexistência pacífica", enquanto eles continuam se armando.

P. L.: **Eles, os soviéticos, não os ocidentais!**

A. B.: Naturalmente. A palavra "desinformação", como você sabe, não existe em francês nem em inglês. Apareceu pela primeira vez em 1968, quando o serviço da KGB encarregado dessa tarefa foi transformado num dos cinco grandes departamentos do órgão. A letra A o identifica. E foi entre os agentes russos que a palavra — **dezinformatsiya** — começou a circular. Sob ela se engloba toda uma variedade de técnicas e atividades que visam propagar entre os jornalistas ou intelectuais do Ocidente os objetivos da política exterior soviética.

P. L.: **Uma operação de "desestabilização" intelectual?**

A. B.: É, pode ser isso. A ilusão exercida desde os tempos de Lênine sobre os intelectuais das décadas de 20 e 30. Um Bernard Shaw, um Aldous Huxley, o jornalista americano John Reed, que voltou da URSS dizendo, enquanto Stalin fuzilava ou prendia milhões de pessoas, que "tinha visto o futuro em marcha". Ora, o futuro já se banhava em sangue, como a realidade do Gulag, enfim reconhecida, acabaria confirmando aos olhos da imprensa e da opinião ocidentais. Mas quem escrevesse isso na época, ou quem o faça ainda hoje, podia como pode ser tratado de propagandista fascista e reacionário.

P. L.: **Mas voltemos a 1968, quando, segundo você, surgiu o Departamento A...**

A. B.: E seu chefe, o General Agayante, uma inteligência brilhante, cuja sucessão foi assumida depois por outro "cérebro", Serguei Kondrachev.

P. L.: **Certo, certo... Mas, e 1968, não é uma coincidência?**

A. B.: Não sei. É verdade que para todos os observadores 1968 foi um ano vital, uma grande virada. A perda das ilusões sobre o domínio militar americano no Vietnam, a grande maré de contestação no mundo, o ataque generalizado, no Ocidente, a todos os princípios de autoridade.

P. L.: **Não me vá dizer que isso foi fomentado ou planejado nos escritórios desse famoso Departamento A!**

A.B.: Não, eu não sou ingênuo. Mas a KGB logo analisou a situação e soube tirar partido dessa convergência de contestações e fracassos. Segundo o testemunho de um trânsfuga, Agayante disse, numa das reuniões da época, que era preciso "estimular os jornalistas ocidentais a escrever exatamente o contrário de nossas intenções verdadeiras".

P. L.: **É esse então o tema do Iceberg?**

A. B.: Sim, é mais ou menos isso, e há um personagem que diz que os soviéticos sempre esperaram que as nações da Europa Ocidental se desintegrassem antes da América. Afinal eles consagraram todos os seus esforços para se infiltrar nas instituições européias e disseminar profundas suspeitas sobre os americanos, a fim de compensar o que eram na época, uma inferioridade militar soviética. Mas eis que a guerra do Vietnam acaba em catástrofe, tendo um efeito corrosivo sobre o moral americano, sobre a sociedade. O Vietnam engendra Watergate que engendra Carter que engendra o que nós todos sabemos... A análise soviética deu uma virada de 180 graus; é bem possível agora que a América se arruíne antes da Europa!

P. L.: **O fiasco iraniano acaba de confirmar a análise e acelerar o processo.**

A. B.: De certa forma, sim. Como não ver que, diante desse fiasco, os países da Europa serão levados a querer obter com os soviéticos uma garantia para o futuro? Como não ver com inquietude que o empenho em "salvar a distensão" pode levar a virar as costas aos Estados Unidos e a entrar em entendimentos com a URSS?

P. L.: **"Desinformar" então é em suma, para você, e mais prosaicamente, enganar o adversário, o outro sistema?**

A.B.: Repare uma coisa. Os tratados para limitar as armas estratégicas, você não acha que eles foram a cortina de fumaça por trás da qual a URSS continuou a montar seu formidável aparelho militar? Os Governos americanos e europeus insistiram em preservar a distensão apesar de quatro momentos perigosos que, normalmente, teriam servido de sirenas de alarme muito mais violentas que o recente caso do Afeganistão, no fim de 1979. Vou enumerá-los: 1º) o envio de tropas cubanas para a África, em 1975; 2º) em novembro de 1977, 10 dias após o encontro Begin-Sadat em Jerusalém, uma ponte aérea soviética violou o espaço aéreo de cinco diferentes países, passou por sete rotas distintas, para driblar a vigilância dos israelenses e da VI Frota dos Estados Unidos, e foi desembarcar na Etiópia no espaço de seis semanas, o equivalente a um bilhão de dólares de material bélico — mas ninguém protestou e tudo continuou como antes, pois protestar era contrário à política de distensão a qualquer preço; 3º) 1978, o golpe de Estado marxista no Afeganistão, muito mais importante que a invasão de 27 de dezembro de 1979; 4º) em 25 de outubro de 1979,a URSS assinou um tratado de amizade com o Iémen do Sul, único Estado marxista do mundo árabe. Mais abrangente que qualquer outro acordo árabe-soviético desde a II Guerra, esse tratado prevê, por exemplo, a implantação de três bases militares e o aumento do número de "consultores" cubanos e alemães-orientais, eufemismo que designa militares cujo efetivo deve passar de três para 20 mil nos três próximos anos. O mapa indica hoje que, entre a base do Iémen do Sul e as que prosseguem em construção acelerada no Afeganistão, os soviéticos estão a 500 km da margem Leste do estreito de Ormuz e, pelo outro lado, a 800 km da margem oeste do Golfo Pérsico.

"Brejnev disse que a coexistência pacífica é uma simples intervenção que permitirá às forças do socialismo obter a supremacia militar global a partir de 1982"

P.L.:**E o que significa isso?**

A.B.: O objetivo da operação, explicado pelos trânsfugas, é estabelecer uma estratégia de controle das matérias-primas da Europa. Controlá-las, e não se apossar delas, o que equivale a dizer mais ou menos "Prestem muita atenção, daqui para a frente vocês dependerão mais do poderio militar soviético que do poderio militar americano". Em suma, é a mensagem da "finlandização".

P. L.: **E essa mensagem foi então captada?**

A. B.: Acho que sim, sobretudo porque, alguns meses depois, ocorreu o fiasco no deserto do Irã. Os helicópteros americanos não funcionaram, houve a colisão, a confusão, a retirada às carreiras, a cruel e brutal tomada de consciência, pelo chamado mundo livre, de que o "guarda-chuva" americano anda emperrado. Que vitória para os soviéticos! E como ela se inscreve na filosofia de seus dirigentes... Não sei se o grande patrono dos serviços secretos da Alemanha Oriental, Marcus Wolf, o conserva ainda, mas em certa época ele teve em seu gabinete um quadro com uma citação de Sun Tzu, o Clausewitz chinês, de quatro séculos antes de Cristo, que dizia: "A maior vitória não é ganhar no campo cem batalhas, mas reduzir as forças do inimigo sem precisar combatê-lo". Foi um trânsfuga da Alemanha do Leste, que hoje vive na República Federal, quem me contou...

P.L.: **E será que essa frase, terrivelmente reveladora, não foi analisada pela CIA nem por outro serviço?**

A.B: Não sei.

P.L.: **Bem, mas se você escreve romances a partir de tais elementos, e se hoje falamos disso, é provável que os serviços ocidentais tenham transmitido todas essas informações a seus respectivos Governos. Que uso eles fazem delas?**

A.B: A CIA, como eu já disse, no momento não faz mais muita coisa, embora se deva sublinhar que, diante dos sucessivos fracassos, o Presidente dos Estados Unidos, o Congresso, o Senado, apesar das fervorosas ondas de virtude que os levaram a paralisar a ação do órgão, parecem querer voltar às suas primeiras iniciativas. Não está fora de cogitações que se reconstrua um grande serviço secreto que possa funcionar em segredo, conforme sua definição, sob todos os regimes e em todas as latitudes.

P.L.: **Seu livro O Iceberg tem um final feliz. À beira do cataclismo, do caos mundial, enquanto os soviéticos continuam a marcar pontos e a conquistar pouco a pouco territórios e influências por todo o Oriente Médio, campo das reservas energéticas ocidentais, faz-se sentir um sobressalto e uma reação se opera. Trata-se, mais uma vez, de "ficção política"? Ou será uma concessão ao grande público, que gosta de um** happy end, **ou uma convicção pessoal?**

A.B.: Talvez esses três fatores juntos. Eu acho que o sobressalto é inevitável. Acho também, e é uma evidência, que a URSS continua a ter necessidade de tecnologia americana e européia. Insisto em "européia", porque a Europa, no momento, concorda muito mais facilmente que os Estados Unidos em transferir sua tecnologia para os soviéticos. Acredito por fim, para voltar à citação de Sun Tzu, que uma confrontação direta não será do interesse da União Soviética. É a continuação da citação: "A luta corpo a corpo é a maneira mais primitiva de dar combate ao inimigo".

P.L.: **Vamos terminar essa entrevista com dois pontos concretos que vêm à tona em seu livro. Primeiro, em seu relato dos múltiplos métodos de "corrupção e desinformação", vocês se referem à arma sexual. Vemo-nos aí de repente em face do que se pode chamar de síndrome de James Bond. As belas espiãs soviéticas que fazem o adversário cair na cama para em seguida submetê-lo a uma chantagem. Não é um pouco forçado, para os dias de hoje?**

A.B.: Para os latinos, os franceses, talvez... Mas para os anglo-saxônios isso funcionou e funciona ainda, e não necessariamente em níveis muito elevados. Se você acha que tem a ver com James Bond, é um sinal de que Ian Fleming era muito mais bem-informado do que se pensa, pois existem escolas de **sexpionnage** na URSS, sob a supervisão da KGB, onde se ensinam a mulheres e homens o manejo do corpo e a técnica da sedução.

P.L.: **É verdade?**

A.B.: Claro que é! As mulheres são chamadas de "andorinhas" e os homens de "corvos".

P.L.: **Noto nesse universo a profusão de nomes de aves. Há "falcões" e "pombas". Então há também as "andorinhas"? Outro dia eu li que os soviéticos chamam os políticos europeus de "libélulas", porque eles são inteligentes mas frágeis. Vamos então ao meu segundo e último ponto. Mesmo usando nomes fictícios, mesmo mesclando cenas fictícias a situações reais, você faz em seu livro graves acusações contra sua própria profissão. Como os colegas, e particularmente os jornalistas americanos, recebem isso?**

A.B.: Nem sempre recebem bem. Já me desancaram, já me repreenderam. Acusam-me, como você mesmo deu a entender no começo da entrevista, de participar de uma campanha no outro sentido. Devo lembrar antes de tudo que eu recorri à ficção, ao romanesco. Depois, que eu apenas estou contando abertamente o que por muito tempo se dizia em voz baixa. Na verdade me limito a dizer que nós também, jornalistas, deveríamos fazer às vezes um exame de consciência. Quando um cirurgião não consegue impedir, talvez por imperícia, que um paciente morra, é normal que seus colegas se reúnam e se solidarizem com ele; era uma morte inevitável, não foi um erro humano o que houve. Quando um jornalista age do mesmo modo, o que ele mata não é um paciente, mas a própria sociedade na qual vive. Quanto a mim, creio profunda e sinceramente numa forma de democracia. Sinto tanto os perigos que vêm da extrema direita quanto da extrema esquerda, pois todos levam ao totalitarismo. E é para aí que caminhamos talvez, caso a opinião pública não seja corretamente informada. Uma vez eu tive uma conversa amistosa e simples com um dos meus redatores-chefes, que hoje já não está na profissão. Perguntei-lhe por que se insistia tanto, em nosso jornal, em demolir a reputação de nossos serviços de espionagem e contra-espionagem. Por que somente a CIA — o que talvez fosse necessário — e por que nunca a KGB? Ele me respondeu que nunca tinha havido um pedido de averiguações sobre ela. Tudo que eu reclamo é esse direito de averiguar todas as coisas.

"Prestem atenção, daqui para a frente vocês dependerão mais do poderio militar soviético do que do poderio militar americano"

UMA VISÃO NORTE-AMERICANA DA CIÊNCIA DOS SOVIÉTICOS

Malcolm W. Browne
The New York Times

O confronto com a URSS obriga os planejadores do Governo norte-americano a examinar, com atenção cada vez maior, as dificuldades e os progressos da ciência soviética, pois ela pode afetar vitalmente o futuro do equilíbrio do poder mundial. A rigor, os analistas tentam resolver algumas questões básicas: A URSS pode desenvolver armamentos estrategicamente decisivos antes dos EUA? Os soviéticos podem tornar-se imunes aos embargos de cereais, acabando de uma vez por todas com os déficits de suas colheitas? Será que descobrirão respostas melhores do que os norte-americanos para a crise de energia, que já afeta até uma URSS rica em petróleo?

Para obter as respostas, The New York Times consultou especialistas de diversos campos, entre eles vários soviéticos, que trabalham em universidades, laboratórios de pesquisas e agências governamentais dos Estados Unidos.

UMA dificuldade para o levantamento é que nem toda a produção dos cientistas soviéticos é divulgada; outro problema está na divergência dos analistas quanto a aspectos do potencial científico da URSS. De todo jeito, algumas conclusões gerais foram estabelecidas, como o fato de a URSS ser o país que investe mais recursos humanos nas ciências; segundo cálculos do Governo norte-americano, cerca de 4% do Produto Nacional Bruto soviético são aplicados em pesquisas, contra 3% dos Estados Unidos.

Num dos últimos números da revista **Science**, Louvan E Nolting e Murray Feshbach, do Bureau de Censo dos EUA, publicaram um estudo estatístico sobre o assunto. O número de cientistas soviéticos quadruplicou nas últimas três décadas e, em 1978, último ano para o qual existem estatísticas comparáveis, havia 828 mil 100 cientistas na URSS contra 595 mil nos Estados Unidos.

No geral, os especialistas consultados concordam que o esforço soviético é muito prejudicado pelo atraso tecnológico e por uma burocracia ineficiente e política. Entretanto, é evidente que são satisfeitas as necessidades em vários campos, como o bélico.

"Considere nosso próprio arsenal", comentou um especialista governamental que pediu para não ser identificado. "A maioria de nossas armas é baseada em pesquisas científicas realizadas nas décadas de 40 e 50. Suponha que os soviéticos não possuam sua pesquisa científica própria, mas tenham que se basear exclusivamente na pesquisa ocidental publicada em nossas revistas especializadas. Isto significaria que eles estariam sempre três anos atrasados em ciência básica em relação a nós. Mas em tecnologia de armas, um atraso de três anos não representa praticamente nada".

Os sofisticados sistemas de armas da União Soviética permitem que ela destrua qualquer outro país, mas mesmo no campo bélico ainda há problemas. Embora seus aviões de caça estejam entre os mais avançados do mundo, os equipamentos eletrônicos empregam ainda válvulas, relíquias de uma época ultrapassada há muito tempo nos Estados Unidos. Trata-se de um exemplo, mas ilustra bem um tipo de dificuldade que os analistas encontram ao analisar a situação da ciência soviética.

Pontos fracos

Entre os problemas e dificuldades enfrentados pelos cientistas soviéticos estão:

- A média dos cientistas soviéticos recebe uma educação muito restrita a suas especialidades. Isto freqüentemente limita sua percepção das implicações mais amplas de seu trabalho, acreditam os especialistas ocidentais. A maioria dos cientistas soviéticos que emigrou para os Estados Unidos tem dificuldades em se ajustar aos empregos americanos em campos da pesquisa requerem uma compreensão mais ampla.
- A população soviética está crescendo rapidamente, principalmente nas regiões menos capazes de produzir alimentos. A pressão para aumentar a produção de alimentos poderá obrigar a ciência soviética a buscar grandes reforços em outros campos de pesquisas, entre eles os projetos militares.
- A astronomia de observação na URSS está atrasada por causa da qualidade relativamente ruim de seus telescópios e outros instrumentos.
- Atrasos em todos os aspectos da tecnologia de computadores tornam a União Soviética quase totalmente dependente das importações para atender suas necessidades. A falta de computadores inibe a análise teórica soviética das pesquisas meteorológicas e climáticas, nos aspectos estatísticos da economia e da Psicologia e na maioria das ciências experimentais, como Física e Química.
- Os engenheiros e técnicos soviéticos têm uma dificuldade constante em traduzir a ciência básica em tecnologia prática. Na década de 70 Moscou assinou contratos com várias companhias ocidentais para a construção de uma série de indústrias químicas na URSS para a fabricação de plásticos, produtos químicos, fertilizantes.
- A saúde pública, medicina e proteção ambiental na URSS são encaradas pela maioria dos especialistas como incomparavelmente inferiores àquelas do Ocidente, apesar de a medicina nos países comunistas ser gratuita. Os altos funcionários têm acesso ao melhor equipamento e às drogas importadas do Ocidente, mas a maioria dos cidadãos soviéticos contam apenas com tratamentos médicos bastante precários.
- Os cientistas soviéticos são excessivamente protegidos das críticas por seus colegas, acreditam os cientistas americanos. Como resultado disto, as publicações científicas soviéticas freqüentemente editam trabalhos de valor duvidoso e cujos resultados não podem ser reproduzidos. Os especialistas americanos acreditam que cientistas e projetos de pesquisas medíocres, que seriam afastados do sistema americano pelas pressões competitivas em busca de recursos financeiros, geralmente sobrevivem na União Soviética, onde são protegidos pela burocracia de suas instituições financiadas em bloco.

Pontos fortes

Os analistas ocidentais também concordam que a ciência soviética possui importantes pontos fortes.

- **As ciências de quadro-negro** — as que necessitam do esforço intelectual, mas não de experiências em laboratórios — estão tão desenvolvidas na URSS quanto em qualquer outro país do mundo. Neste grupo estão incluídas as partes teóricas da matemática, física, astronomia, eletroquímica, dinâmica dos fluidos e outras ciências básicas.
- Como a URSS se ressente da falta de computadores, os pesquisadores soviéticos são levados a desenvolver a análise teórica de problemas que seus equivalentes americanos lançariam sobre "os computadores devoradores de números". Os especialistas americanos acreditam que isto levou ao cultivo de um hábito de pensamento vital entre os pesquisadores soviéticos que está se tornando inibido em grande número dos cientistas americanos.
- Alguns analistas acreditam que a URSS é mais aventureira e imaginativa em campos rejeitados por muitos cientistas americanos como inapropriados para pesquisas sérias. Dizem que a URSS realiza grandes experiências no campo das modificações de comportamento, parapsicologia e efeitos biológicos dos campos eletromagnéticos, e que grande parte desta pesquisa recebe grande prioridade dos círculos governamentais.
- A psicologia experimental é considerada por muitos especialistas ocidentais como um dos pontos fortes da União Soviética, em parte porque a ciência soviética é menos relutante do que a ocidental em realizar experiências com seres humanos. "Eu esperaria mais um grande progresso soviético no campo da neurociência do que, digamos, na física ou na química", afirma um especialista ocidental.
- A URSS tem sido a pioneira em muitos ramos das ciências espaciais desde o lançamento do Sputnik I, o primeiro satélite terrestre feito pelo homem, em 1957. Entre as realizações soviéticas estão a colocação de instrumentos científicos no solo de Vênus e o trabalho a bordo da estação espacial Soyuz, que apresentou grande contribuição para o conhecimento dos processos biológicos no espaço, metalurgia no vácuo, cristalografia e engenharia espacial prática. A manutenção de uma base soviética permanente na Lua é considerada como bastante provável.
- Acredita-se que os cientistas soviéticos tenham o conhecimento e a capacidade para construir os aceleradores de partículas atômicas mais poderosos do mundo. Os soviéticos já possuem vários aceleradores de alta energia e capazes de fornecer dados para o domínio da energia da fusão e a possibilidade de desenvolver armas empregando o raio de partículas. A possibilidade de construção destas armas é assunto de grande debate no Ocidente, mas não há dúvidas de que Moscou está investigando o problema ativamente.
- A URSS está entre os líderes mundiais na pesquisa da energia da fusão. Os cientistas soviéticos (inclusive o Prêmio Nobel Pyotr L. Kapitza) inventaram o Sistema Tokamak de confinamento magnético, o qual já foi copiado nos EUA por várias instituições que realizam experiências com a fusão.
- Os laboratórios soviéticos também são muito fortes nas pesquisas com o raio laser e seu emprego na pesquisa da energia da fusão, como armas contra mísseis e satélites, e em muitos outros campos.
- Experiências com modificações climáticas e meteorológicas têm sido muito mais extensas na URSS do que nos EUA, em parte por causa da grande resistência de grupos norte-americanos a tais experiências.

Divergências

Aparentes paradoxos na qualidade da ciência soviética dão origem a desacordos entre os especialistas na questão do progresso em potencial dos russos.

Por exemplo: o Centro Nacional para a Avaliação Estrangeira, departamento da CIA (Central Intelligence Agency), publicou recentemente um relatório declarando que, "apesar das colheitas soviéticas de cereais terem aumentado, a qualidade média dos cereais soviéticos (em termos de nutrição e sua capacidade de resistir às doenças vegetais, assim como outros fatores) vem declinando desde meados da década de 60." E acrescenta: "Variedades realmente novas de trigo não têm sido desenvolvidas há quase duas decadas."

Ponto-de-vista contrário foi expresso pelo Dr Sylvan Wittwer, diretor da estação agrícola experimental da Universidade de Michigan, baseado nas visitas que fez às congêneres da URSS e a avaliação dos resultados obtidos:

"Os soviéticos lideram o mundo na engenharia genética de espécies de trigo e girassol resistentes ao frio. Atualmente já desenvolveram híbridos de trigo capazes de crescer 200 milhas mais ao Norte do que qualquer outra espécie existente anteriormente".

O Dr Wittwer reconhece, que a URSS está longe de resolver seus problemas de colheitas, agravados com o déficit da produção de trigo no ano passado, mas observa: "É preciso lembrar que nós também temos fracassos nas safras, apesar de contarmos com a maior região mundial de cultivo possuindo um clima benigno — o **Corn Belt.** Por contraste, os soviéticos enfrentam secas tremendas e possuem um clima instável; apesar destes problemas, a produção soviética de cereais vem crescendo constantemente".

Uma terceira perspectiva foi oferecida por um cientista que fugiu recentemente da URSS e que, por possuir parentes ainda na União Soviética, pediu para não ser identificado: "Do ponto-de-vista do Partido Comunista, a ciência soviética ainda existe apenas por duas razões: vantagem militar e prestígio internacional. Oitenta por cento da pesquisa na URSS é realizada visando a objetivos militares".

"Tomo minha disciplina, biologia molecular. Este é um campo muito relacionado com a engenharia genética, um ramo que foi esmagado na URSS durante os períodos de Governo de Stalin e de Kruschev. Nesta época a ciência era governada por (Trofin D.) Lysenko, que não acreditava em genética e, como resultado disto, a agricultura soviética foi de mal a pior".

"Mas agora o Partido reconhece que a genética tem aspectos militares muito importantes — especialmente a guerra bacteriológica. Uma das instalações militares secretas próximas a Moscou mandou-me certa vez um estudante, para completar sua tese de doutorado trabalhando em minha equipe. Este homem contou-me francamente o propósito de sua educação superior — trabalhar no estabelecimento de guerra bacteriológica do qual estava licenciado".

Os cientistas soviéticos consideram a crônica a falta de equipamento como uma de suas grandes desvantagens. "Eu diria que 100% do equipamento avançado dos laboratórios de ciências vivas soviéticas são importados do Ocidente", afirma outro cientista soviético refugiado. "Cromatógrafos de papel de um modelo primitivo (aparelhos empregados para análises químicas) e equipamentos semelhantes são fabricados na URSS. Mas tudo o mais — centrifugadoras de alta velocidade, espectômetros de massa, equipamento para a defração de raios X, etc. — é importado do Ocidente ou, em alguns poucos casos, da Hungria e da Alemanha Oriental".

É por isto que todos os grandes laboratórios soviéticos têm orçamentos em rublos e em dólares. Um instituto que não receba um orçamento em dólares estará incapacitado de comprar equipamento no exterior, por maior que seja a sua soma de rublos.

"Os laboratórios soviéticos que recebem a mais alta prioridade são extremamente bem equipados, porque tudo é importado do Ocidente", afirma o cientista refugiado. "Os outros laboratórios têm que se virar com muito pouco equipamento. Até mesmo simples reagentes químicos para um departamento de pesquisa precisam ser encomendados um ano antes e os suprimentos de tudo são acidentais e incertos."

Mas muitos analistas norte-americanos partilham dos pontos-de-vista do Dr Thane Gustafsen, da Rand Corporation de Santa Mônica, na Califórnia, que acredita que o maior problema enfrentado pela ciência soviética seja de caráter político.

"Os soviéticos vêm passando por um exame de consciência realmente impressionante nos últimos 10 anos", declara Gustafsen. "Mas, apesar de tudo, a ciência soviética é terrivelmente perturbada por sua administração, que não permite aos cientistas subordinados praticamente nenhuma iniciativa. O apoio e os financiamentos são concedidos às intituições e não a projetos de pesquisas específicas, assim as influências políticas determinam tudo".

"Os líderes soviéticos planejam a pesquisa científica detalhadamente para o futuro, enquanto os planejadores americanos reconhecem que a ciência é, por sua própria natureza, imprevisível. Depois de uma grande descoberta norte-americana, fundos e prioridades podem ser desviados rapidamente para se obter vantagens com o novo progresso. Os soviéticos não possuem esta flexibilidade".

Qual a possibilidade de a União Soviética lançar algumas desagradáveis surpresas científicas contra o Ocidente?

"Os cientistas norte-americanos são esnobes a respeito de ciência soviética", afirma um funcionário do Governo dos EUA. "Esta é uma atitude perigosa, especialmente porque parece que os soviéticos só publicam trabalhos que refletem uma ciência medíocre. Temos razões para acreditar que o segredo oficial e as políticas institucionais escondem sua melhor ciência dos olhos do público".

"Mas sabe o que me assusta mais do que a possibilidade de uma surpresa científica lançada por Moscou? Enquanto a compreensão matemática básica de nossas crianças declina ano após ano, a capacidade matemática das crianças soviéticas vem aumentando constantemente. Em 15 ou 20 anos, isto poderá dar aos soviéticos uma enorme vantagem em muitos campos, inclusive no campo da guerra. Tenho medo de que, do ponto-de-vista científico, possamos estar desempenhando o papel da lebre e os soviéticos o da tartaruga."

CARTAS

Planejamento e aborto

DESDE a Antiguidade, desde o **Livro dos Mortos do Velho Egito aos Evangelhos de Nosso Senhor** e aos mais recentes pronunciamentos de líderes espirituais, as religiões pregam a fraternidade, o perdão, a caridade, o trabalho inspirado no amor. No entanto, que herança irá receber a infância inocente e confiante de agora, rica ou pobre, num mundo corroído por competições desenfreadas, pela mentira, pelo medo, pelo ódio, pela miséria, pelas guerras? De que vale ao homem o dom da razão se não consegue aplainar os caminhos em sua volta antes de neles lançar os próprios filhos? Será cristão criar-se uma descendência para atirá-la nas goelas fumegantes de um **Moloch**, o Devorador? Eis razões mais que suficientes para justificarem o planejamento familiar. Incluir nesse planejamento o aborto implica uma outra ordem de considerações que tentaremos expor.

De qualquer forma, nada se poderia fazer sem dispositivos legais que endossassem nossas opções. A lei brasileira preocupa-se em defender o feto e até mesmo em salvaguardar-lhe os direitos (direitos do nascituro) conforme os Códigos em vigor (CP 124 e s., LCP 20, CC 4-458-462-1169, CPC 877-878). Vai mais longe considerando, até, a prole eventual (CC 1718). Alguns advogam, pura e simplesmente, a retirada do aborto do catálogo dos crimes contra a vida; outros, que continue ali mesmo. Evidentemente retirar o aborto do Código Penal não significa constranger alguém a praticá-lo ou, mesmo, torná-lo moralmente lícito. Por outro lado mantê-lo no Código não tem impedido sua prática generalizada e empecilhos cada vez maiores para a aplicação das sanções cominadas; e quando uma lei não é cumprida pelos que teriam maior soma de razões para fazê-lo, então, essa lei já esta tacitamente revogada. Tacitamente, sim, mas não expressamente — o que só pode contribuir para a desmoralização da Justiça.

Para complicar um pouco mais as coisas temos que, em última análise, o aborto-livre já está admitido, ainda que em caráter de exceção, no inciso II do Artigo 128 (gravidez por estupro) e isto há quase quarenta anos, comprometendo a essência do Código Penal, que tem por escopo a proteção da vida humana. Porque, mesmo para os que não consideram o feto uma pessoa "ainda", mesmo para esses, poderiam surgir razões poderosas de respeito à gravidez.

Retornando ao ponto de partida, vemos o entrechoque das mais extremadas opiniões, ressaltando-se a que lembra não ser o homem o dono da vida, apenas seu depositário, caso em que sacrificar o feto significaria responsabilizar-se por um homicídio tanto mais grave quanto se impõe a inocência total da vítima; mas essas ponderações poderiam faltar, por exemplo, à gestante do barracão infeto, "pendurado no morro, pedindo socorro", ao lado de crianças atônitas e amarfanhadas cujo pai, condenado ao cárcere, não sabe quando retornará ou se retornará algum dia. Mais um filho, mais um facínora, talvez, a tombar antes dos vinte varado pelas balas dos defensores da lei; com sorte conseguirá sobreviver aclimatado às ratazanas e à marginalidade. Não, não são casos assim tão extremos. Deles procedem repercussões cada vez mais intermitentes sobre todas as esferas sociais. É claro que devemos respeitar a vida mas... a vida de quem? Do bandido que vai nascer ou a de suas futuras vítimas? Porventura podemos saber quem vai ser ou deixar de ser um bandido? Assim, começa a desenhar-se o verdadeiro problema que se esconde por trás de todas as especulações sobre o aborto: é o problema da criminalidade, o problema da miséria em ritmo crescente, da miséria em todos os seus aspectos — na economia precária, na instrução ausente, na mentalidade primitiva, na falta de crenças e de fé no futuro.

Apresentar a solução correta seria óbvio demais; todos a conhecem no fundo do coração: ao lado de medidas reais e imediatas para conter a miséria, para melhorar o nível financeiro e cultural do povo, a revogação do inciso II, aludido, deferindo-se, em contrapartida, toda a assistência à mulher violentada, todo o apoio moral e financeiro à gestante vítima de estupro inclusive à probre superveniente. Se, para permitir o aborto, exige-se um processo regular em que fique provado o estupro, por que razão esse mesmo processo não pode garantir à vítima do crime todo o amparo a que faz jus? Ninguém ignora que é um processo difícil, altamente vexatório para a mulher; ao Estado competiria amenizá-lo e preocupar-se mais com a vítima do que em sair à cata de um criminoso, geralmente foragido, contra o qual, aliás, não conviria aumentar as penas do Art. 213 (e a 8 anos de reclusão) para não induzi-lo a crime pior. No quadro atual, a gestante violentada tem duas opções: o aborto ou a pecha infamante de "mãe solteira". Estranha justiça. "Ah! Possas tu dormir, feto esquecido, panteisticamente dissolvido na noumenalidade do Não Ser!" (Augusto dos Anjos).

Repetindo certos conceitos emitidos em carta publicada na Seção Especial deste Jornal, a 4 de maio último, e que refletem, sem dúvida, uma impressão generalizada, também aqui os fatos se avolumam de tal sorte que a todos levam de roldão e quando um navio já ameaça soçobrar, lenta mais inexoravelmente, ou o consertamos ou afundamos com ele.

— José Carauta — Rio.

Direitos do Homem

O 1º artigo da Declaração dos Direitos do Homem reza o seguinte:

"Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade."

Acho que não existe um país neste mundo de Deus, onde estas palavras sejam conhecidas, ou seguidas. Vejam no Brasil e nos Estados Unidos o problema racial do negro. Nos Estados Unidos — terra da democracia plena — os negros sofrem com os preconceitos raciais. Vejam o que está acontecendo neste momento em Miami. Quatro policiais brancos são processados por espancarem até à morte um compatriota negro, e são absolvidos. O resultado está aí na TV, pois naquele país os negros lutam contra a segregação, e cada vez mais conseguem seu lugar na sociedade. Mas têm de apelar para a violência, pois a coisa chega a um ponto em que a razão já não funciona mais, e muito menos a consciência.

No Brasil, onde sempre ouvimos dizer que não existem problemas raciais, o que é uma deslavada mentira, vemos o negro sofrer os preconceitos, de uma forma disfarçada, mas positiva. A Lei Áurea, recentemente mal comemorada, pois pouco se houve falar sobre o 13 de Maio, mostra o desprezo que a sociedade dá ao fato histórico. Os nossos negros, para estudarem, têm de lutar muito. Nas organizações comerciais, industriais, etc., jamais atingem postos de chefia (c/algumas exceções). Na área militar, alguém já viu um General negro? Um Almirante negro? Um Brigadeiro negro? Quantos negros temos no Senado e na Câmara dos Deputados? A grande exceção é o Sen. Nélson Carneiro, que muito honra a sua raça, provando que inteligência não é monopólio de branco.

Falando em fraternidade, lembro aos leitores duas fotografias publicadas recentemente pelo JORNAL DO BRASIL. A primeira (15/3), mostrava a truculência dos policiais da PM baiana espancando dois prisioneiros que tentaram fugir da prisão. A segunda, uma seqüência de 3 fotos publicadas em 24/3 mostrava os policiais da gloriosa Força Pública de S. Paulo, de tantas tradições "constitucionalistas", espancando um simples repórter do **O Estado de S. Paulo** no episódio da greve em S. Bernardo. Isto é fraternidade? Isto é liberdade?

Os exemplos dados pelos Bispos como D Ivo, D Luciano, D Hummes, D Paulo, e outros, que corajosamente enfrentaram a fúria direitista paulista, mostram que pelo menos a Igreja, ou a CNBB, conhece o significado dos direitos do homem. Mas, essa atitude pode ser considerada como aquela única que a Igreja pode tomar, para sua sobrevivência. A Igreja Católica, e outras sempre foram elementos da situação, e creio eu que pela primeira vez são levados a mudar de atitude. Mas eu não tenho muitas ilusões com a Igreja. Mas como exemplo de solidariedade, valeu!

E nos países socialistas, os direitos universais do homem são respeitados? Por que, na Russia, os dissidentes são transferidos para cidades isoladas? Na Hungria os direitos foram respeitados? E os norte-americanos respeitaram os direitos do homem no Vietnam? E no Irã?

Realmente, é difícil a gente ter uma visão otimista deste mundo. Diz o autor Paul Johnson, no livro os **Inimigos da Sociedade**, recentemente editado pela Nordica (pag 117): "A idéia da religião desaparecendo é tão ilusória quanto a visão marxista do Estado definhando. Sempre haverá policiais, juízes, carcereiros — e sacerdotes de um tipo. Portanto é melhor padres do que feiticeiros. O cristão pode expressá-lo, afirmando que o homem há de ser sempre uma pessoa das forças do mal, ou das garras, se assim o julgar melhor, do pecado original. Jung iria um pouco além: o mal que aparece no homem e que, sem dúvida, luta no seu íntimo, é de proporções gigantescas, de modo que a Igreja ao falar do pecado original e encontrar sinais dele no inocente escorregão dado por Adão e Eva, é praticamente um eufemismo".

Nélson de Almeida Filho — Rio — (F. 3).

Genocídio

PARABENIZO o JORNAL DO BRASIL pelos noticiários sobre o genocídio praticado pela Indonésia em Timor Leste, principalmente, JB. 2/11/79, p.12; JB. 1/6/80, p. 3 **Cad. Esp.** e JB. 6/6/80, p.11.

Enquanto a Comunidade Lusófona comemora o quarto centenário de Luís Vaz de Camões, o expoente máximo dos países de expressão portuguesa, na língua e literatura, a República Democrática do Timor Leste, uma das oito da Comunidade, tem as suas plantações bombardeadas por herbicidas e, os EUA, que tanto apregoam os Direitos Humanos, contribuem com o genocídio, fornecendo aviões antiguerrilha OV-10 Bronco, além dos ditos herbicidas.

Infelizmente, a "Política das Canhoneiras" ainda está em voga. À Indonésia não bastou anexar o Irian Ocidental, as Molucas e tantos outros.

Por que este velado abandono do Brasil e Portugal?

Por que o Brasil, que tão precocemente reconheceu Angola (MPLA) e Moçambique (Frelimo), não reforça a ajuda a Timor (Fretilin)?

Por que o Brasil, que sempre socorreu os latino-americanos em tempos difíceis, ainda não tem um escritório de Informação deste país irmão? Já não basta vê-lo sulcado de **napalm**? Já não basta a tênue participação portuguesa?

Pelo visto, os EUA receiam um segundo Puerto Rico para a Indonésia, corroborando para apagar Timor do mapa e da consciência internacional, e Portugal, após quatrocentos anos dos **Lusíadas**, esquece os compromissos com a História, relegando os seus filhos ao ocaso, em mãos de vil grilhão. Melhor fez a Inglaterra com a Rodésia.

Só o tempo nos dirá se os interesses humanistas, preconizados pela Cristandade e pelas Nações Unidas-ONU, sobrepor-se-ão aos político-econômicos, aos geopolíticos. **Sergio da Costa Velho. Niterói — RJ.**

UMA nova piada israelense. Um dos membros do Partido no Governo está discursando para seus correligionários: "As coisas chegaram a um estado terrível, meus amigos. Todo o mundo está contra nós. Os árabes estão ficando mais fortes a cada dia que passa. Nossa economia está em ruínas. A inflação já passou dos 100% ao ano. Eu lhes digo", conclui ele,"nada disso estaria acontecendo se Begin estivesse vivo!"

É curioso que o Primeiro-Ministro de Israel, cujo nome tem sido denunciado em todas as línguas da terra, seja quase invisível dentro do seu próprio país. Parece que ninguém o conhece. Perguntei a um de seus associados mais íntimos, um político da maior importância dentro do Partido Horut, que vem trabalhando com ele há quase 40 anos, como é o verdadeiro Begin. "Só sua mulher sabe", respondeu o político. "Ninguém mais".

Begin lidera uma coalizão difícil e não natural cujo colapso parece inevitável. Contudo o inevitável não acontece. Pode acontecer amanhã ou no mês que vem, pode ser que não aconteça até fins de 1981. Vários de seus membros querem abandoná-la, mas não ousam.

Yigael Yadin, o soldado arqueólogo, desaprova quase tudo que Begin representa — apesar de ser o Vice-Primeiro-Ministro do atual Governo. Se renunciasse ao cargo, seu novo Partido contra a corrupção ("Escoteiros de mais de 60 anos", como gozou um de seus oponentes) se desintegraria nas eleições.

Ezer Weizman, o poderoso ex-Ministro da Defesa, ameaçou renunciar várias vezes. (N. da R.: o que acabou fazendo). Numa recente reunião de gabinete, explodiu: "Todo o mundo está cheio e cansado de Israel, e nossas colônias na margem Ocidental não valem nada para a nossa segurança". Isto era zombar do evangelho segundo Begin. Mas Weizman não ousava deixar o Governo, com medo de que um fazendeiro da extrema direita, Arik Sharon, pudesse assumir seu cargo e tentasse cobrir toda a margem Ocidental com as colônias que o país não se pode dar ao luxo de instalar e onde ninguém quer morar.

Woizman é um homem da maior importância na política israelense, possuindo algo da ousadia de Dayan, apesar de não ser tão solitário quanto ele; também, como Dayan, sua popularidade atravessa as barreiras partidárias. Weizman é um dos poucos membros do atual Governo que poderia sobreviver à sua queda.

Ele é o israelense mais próximo a Sadat, que dizem ter afirmado a um de seus generais: "Se eu estivesse com os olhos vendados e em sua companhia numa encosta de montanha, eu confiaria nele". Mas isto não acontece com muitos israelenses que temem sua impulsividade. "Minha mulher diz que meu maior inimigo é minha língua", disse Weizman ao gabinete depois de uma recente gafe.

Na juventude, foi piloto de acrobacias e famoso por suas brigas. Naquela época, sua posição política estava muito mais à direita. Quando encontrei-o pela primeira vez, há nove anos, ele ficava pulando de sua cadeira e enfiando bandeirinhas num mapa na parede: "Podemos atingir Aman assim!"

Dizem que os graves ferimentos sofridos por seu filho na guerra de 1973 fizeram-no modificar suas posições. Mas ainda não tem papas na língua ou então retrai-se em silêncios temperamentais. Pode ser que não seja estável o suficiente para ocupar a Chefia de um novo Governo. Muitos acreditam que Itzhak Naven, o atual Presidente de Israel, seja a pessoa mais indicada para assumir o cargo de Primeiro-Ministro numa próxima mudança de Governo.

O Partido Nacional Religioso, que tem estado em todos os Governos desde a fundação do Estado de Israel, poderá causar tal reorganização. Recentemente o PNR iniciou conversações com Shimon Peres, o líder da oposição, mas depois voltou correndo ao Governo do coalisão, quando uma pesquisa de opinião demonstrou que Peres poderia vencer uma eleição geral sem precisar de sua ajuda.

As reuniões do gabinete israelense devem ser as mais longas e menos secretas de todo o mundo: Rabin, quando era Primeiro-Ministro, tentou fazer com que os membros de seu Governo passassem por um teste no detector de mentiras. Todos os membros do gabinete israelense têm o direito de falar, e assim as reuniões duram cerca de 10 horas. Dizem que Begin preside a estas reuniões com paciência e se auto-eclipsando, com sua vontade de ferro devidamente controlada e disfarçada. Mas não pode fazer com que seus ministros calem a boca, durante ou depois das reuniões do gabinete.

Numa recente reunião do gabinete, para decidir a posição de Begin diante do Presidente Carter registrou-se uma séria tentativa de melhorar o comportamento dos ministros (ou como um deles explicou: "Parar de sujar sua própria casa"). Mas as discussões do gabinete sobre a necessidade de se manter segredo das reuniões foram detalhadamente relatadas nos jornais do dia seguinte, juntamente com as concessões que Begin estava autorizado a oferecer a Carter: nenhuma.

A irritação e oposição ao Governo é demonstrada em voz alta por todos os lados. No dia em que cheguei a Israel, o Movimento Peace Now (Paz Agora) tinha organizada uma manifestação de protesto que ia de Haifa a Jerusalém. Depois, 4 mil colonos, assumindo uma posição contrária, marcharam sobre o Knesset (o Parlamento) exigindo uma anexação formal da margem ocidental do Jordão. Vinte colonos deram início a uma greve de fome.

E isto era só entre os israelenses. Os palestinos tinham suas próprias marchas e demonstrações em Nablus, Hobren e Jerusalém. O Prefeito árabe de Ramallah fora acusado e absolvido de agressão — o que certamente irá melhorar sua posição entre os árabes.

Quando me referi a todas estas demonstrações, numa viagem pela Mergom Ocidental, meu acompanhante militar estava desanimado. Pouco tempo depois ele ouviu um noticiário pelo rádio o seu rosto se animou: " Não há demonstrações só em Nablus. Em Bristol (na Inglaterra) também estão fazendo confusão nas ruas".

UM INGLÊS VISITA ISRAEL
"NÃO É FÁCIL SER JUDEU"

Donald Trelford
The Observer

Outra piada israelense. Dois velhos amigos se encontram em Tel Aviv. Um deles está muito deprimido. "Estou pensando em partir, Moisés. Acho que vou voltar para os Estados Unidos".

"Mas por quê, David?" pergunta seu amigo.

"Por duas razões. Este Governo não dá esperanças. Não consegue resolver o problema de nossas fronteiras, não consegue conter os preços, não pode fazer nada". Seu amigo interrompe: "Mas David, tudo isto vai mudar em breve. O Governo de Begin não pode durar. Então teremos Shimon Peres e o Partido Trabalhista novamente no Governo".

"E esta é exatamente minha segunda razão para ir embora", conclui David.

Peres encontrou-me na sede do Partido Trabalhista — como se fosse para demonstrar um ponto, uma vez que sua liderança no Partido não está segura. A maior ameaça a Peres vem de Rabin, seu velho inimigo, que tomou-lhe a liderança em 1974. Uma recente pesquisa de opinião demonstrou que os dois estão muito próximos na preferência popular. A posição de Rabin foi enfraquecida pela morte de seu amigo e colaborador Yigal Allon. No enterro de Allon, sua viúva entregou uma bandeira a Rabin, num gesto simbólico.

O relacionamento entre Peres e Rabin é famoso: os dois se odeiam. Em suas memórias, Rabin vê a mão de Peres levantada contra ele em todos os estágios de sua carreira, até em sua ignomiosa queda do Governo há três anos, por causa das contas bancárias ilegais de sua mulher no exterior. Peres nega isto, mas não confirma se poderia ser levado a colaborar novamente com Rabim. É um relacionamento muito parecido com o de Margaret Thatcher e Edward Heath.

Rabin é um homem lento e solene, com um ar de quem está cansado e dado a expor cuidadosamente suas idéias. Dizem que Rabin não é hábil em seu relacionamento com os políticos, vê muitos lados em cada problema, e fuma sem parar. Quando era chefe do Estado-Maior israelense, antes da Guerra dos Seis Dias, esteve doente numa hora crucial e atribuiu a culpa disto a um envenenamento por nicotina. Rabin já sugeriu um Governo conjunto israelense-jordaniano para a Margem Ocidental, num período de transição, e a proibição do estabelecimento de novas colônias na região.

Peres é um homem cauteloso e espirituoso e conta com uma s érie de citações para todas as ocasiões. Eis algumas: "A ameaça no Oriente Médio é aos lugares do petróleo e não aos lugares santos". "As matérias-primas são mais importantes do que a geografia"; "O ocidente gasta mais em cosméticos femininos do que em sua defesa"; "O Irã é rico e bastante para financiar a revolução como indústria"; "Acredito numa pátria para os palestinos: ela se chama Jordânia". "Hussein é um homem esperto: ele usa a linguagem da Frente de Libertação da Palestina (FLP) e o poderio da Jordânia".

Peres mantém um retrato colorido de Ben Gurion sobre sua mesa de trabalho, uma lembrança de seus grandes dias no Ministério da Defesa sob a liderança do Primeiro-Primeiro de Israel, quando virtualmente inventou a indústria aeronáutica do país. O problema de Peres é sua imagem. Os eleitores não confiam nele; consideram-no um político hábil demais para obter compromissos. E há a fama de ser difícil trabalhar com ele.

No campo econômico Peres congelaria os salários e os preços. Seu ponto-de-vista sobre a questão da paz é o de resolver primeiro a questão do Gaza, uma vez que esta não está envolvida nos problemas de Jerusalém e de cidadania jordaniana. Na questão da Margem Ocidental contaria com o Rei Hussein, esperando criar uma zona desmilitarizada. Muitos acham que Peres se mantém em contato secreto com Hussein.

Em Israel há uma triste sensação, especialmente entre os intelectuais, a respeito dos "13 anos perdidos". Um professor me contou: "Somos um povo talentoso e engenhoso — já deveríamos ter encontrado uma forma, durante todo este tempo, de devolver a Hussein suas terras em troca de um acordo razoável".

Dayan é acusado por este fracasso, por ter vetado eficientemente todas as possibilidades promissoras. Golda Meir também é acusada por sua inflexibilidade. Fiquei surpreso ao ouvir um político israelense, um homem bondoso, repentinamente irromper num acesso de raiva incontrolável: "A alma de Golda deveria estar queimando no inferno. Ela era estúpida, não compreendia nada!"

O porta-voz mais articulado do Partido Trabalhista é o ex-Ministro de Relações Exteriores Abba Eban, que escreveu uma grande resposta a Dayan, seu sucessor no cargo, no **Jerusalem Post**, afirmando que a ocupação israelense das terras palestinas havia "fracassado tanto como uma idéia quanto uma realidade".

Ebban declarou: "Não acreditamos que Israel tenha paz, segurança, um crescimento criativo ou cumpra a sua vocação judaica se for constituído de uma forma em que entre um terço e metade de seus habitantes se oponham aos objetivos centrais do Estado, sejam apáticos ou hostis à sua bandeira, estrangeiros à sua fé e à sua cultura, desprezem sua visão sionista, sejam encorajados à resistência pelos países vizinhos e encorajados em suas ambições separatistas pela opinião pública de toda a humanidade."

Muita pressão — tanto em Israel quanto nas Nações Unidas — tem sido provocada pela pequena margem de votos na decisão do Gabinete de Begin (oito votos contra seis e três abstenções) de abrir uma universidade judaica em Hebron, na margem Ocidental e assim afirmar um direito de soberania sobre a bíblica Judéia e Samaria. As opiniões variam sobre a decisão de Begin em fazer isto em meio às negociações de paz, colocando-as sob um grave risco.

Uma das explicações é que Begin resolveu fazer isto para ter uma concessão a propor durante as negociações — "levando um bode para depois retirá-lo". Outra: ele temia que seu Governo de coalizão não iria durar e assim esperava colocar uma bandeira enquanto podia, para honrar sua "missão bíblica". Uma terceira, que me foi dada por Rabin, que refere-se a uma inteligente trama doméstica para manter a unidade de seu Partido e isolar Weizman. Uma outra teoria mais sutil — e que se diz temida por seus colegas — é a de que estaria assumindo uma linha dura nesta questão, como cobertura para grandes concessões em outros pontos. Mas todas as explicações concordam que esta não foi uma decisão bem pensada.

Hebron, a "cidade dos pais", ocupa um lugar importante na história judaica. Encontrei uma mulher que foi dramaticamente salva de um **pogrom** realizado lá em 1929. Fiz uma viagem de carro para ver esta cidade, situada ao Sul de Belém na estrada para Beersheba. Além de um soldado israelense num telhado na entrada da cidade — e da placa de um obstetra que afirmava que estudara em Dublin — a cidade era totalmente árabe. Assim podia muito bem acreditar num jornalista que me disse: "Seria suicídio para um israelense andar sozinho pelas ruas de Hebron".

Do lado de fora da tumba de Abraão vi um grupo de meninos árabes provocando e rindo de um jovem soldado israelense, que sorria inseguro e segurava sua arma — inseguro sobre o significado das palavras em árabe, inseguro sobre o que fazer e talvez até mesmo inseguro sobre o que estaria fazendo ali.

O Prefeito de Belém, Elias Freij, é um árabe católico, corpulento, hábil e bem educado. Do lado de fora de seu escritório na Praça da Manjedoura, ônibus com ar condicionado descarregavam turistas em visita à igreja da Santa Natividade.

Num dos ônibus estava escrito "Companhia Nazaré de Turismo e Transporte", enquanto um anúncio num edifício afirmava "Hotéis Belém Inc." — com as duas instituições atendendo a uma necessidade social antes agudamente sentida nesta cidade. Descobri até um mendigo com curativos falsos, que já havia encontrado dias antes em Jerusalém, exercendo sua profissão tranqüilamente em Belém.

Elias Freij é considerado um moderado e um barômetro digno de crédito sobre a opinião dos árabes da Margem Ocidental. Agora os moderados conversam com a OLP. Freij declara que as conversações de paz entre Sadat e Begin estão "falidas". "Aceitamos a OLP como nossos representantes", Freij, que deseja um Estado da Margem Ocidental ao lado de Israel, garantido pelas Nações Unidas durante três ou cinco anos. Ele e seus colegas estão confiantes e está animado com o crescente apoio que os europeus dão à causa da OLP — "Almocei com Mr Hurd quando ele esteve aqui. Acho que a Inglaterra reconhecerá a OLP no início do ano que vem". Embaixadores e senadores já passaram pelo escritório de Freij.

Os palestinos da Margem Ocidental parecem estar contentes em deixar os homens da OLP em Beirute tomar as decisões por eles. Mas também podem se opor às vontades da OLP — como o fizeram quando foram aplaudir Sadat durante sua visita a Israel. Mas existem tensões dentro da OLP. A Jordânia ainda paga os salários dos funcionários públicos na Margem Ocidental e Hussein se mantém informado sobre os acontecimentos na região. Existe um grupo favorável à OLP e um grupo favorável à Jordânia. Ainda é cedo para saber qual vencerá.

Freij lamenta a ocupação israelense a a concordância de Sadat com ela. Mas é paciente. Acha que os israelenses têm sido "míopes" e acusa os Partidos religiosos: "Se eles realmente têm boas intenções, deveriam parar de construir novas colônias e desapropriar terras". E completa: "Eles precisam de um líder que tenha visão, um De Gaulle — ou até mesmo um Sadat". E depois faz outra analogia: "Se Ian Smith tivesse encontrado uma solução com os negros há 15 anos, teria obtido muito mais do que Mugabe lhe deu agora".

Quando saí de seu escritório, perguntei: "Se voltar aqui daqui a uns cinco anos será que encontrarei um Estado palestino?" Freij respondeu cautelosamente: "Não, mas também você não verá nenhum soldado israelense por aqui".

DE volta a Jerusalém, está na época da páscoa judaica, uma época de austeridade. Assistimos a uma páscoa familiar e a uma leitura do Haggadah, onde é descrita a libertação dos judeus do cativeiro no Egito.

A mensagem do Haggadah é a de que Deus abomina a escravidão para todos os seres humanos. Algumas linhas saltam da página: "Você não deve oprimir um estrangeiro porque sabe os sentimentos de um estrangeiro, tendo vocês mesmo sido estrangeiros nas terras do Egito" (Êxodo, 23,9). Os judeus estão desconfortavelmente conscientes do paradoxo moral que isto apresenta em suas relações com os palestinos.

Peres convidou o Embaixador egípcio, Saad Mortada, para passar a páscoa com sua família. Evidentemente as passagens anti-egípcias foram amortecidas. Mortada é um convidado disputadíssimo pelos anfitriões israelenses, o que não acontece com seu equivalente israelense no Cairo.

Estava no escritório do editor de **Jerusalém Post** quando Mortada telefonou para se queixar da legenda de uma foto, a qual afirmava que ele estava "dançando". Não seria apropriado para o Embaixador estar "dançando" numa época de tanta austeridade. Ele estava simplesmente dando a mão àqueia senhora, explicou. O editor do jornal, Ari Rath, com bom humor, concordou em fazer a correção pedida. Isto é a normalização, pensei. **Normalização** agora é uma palavra muito usada, mas parece incluir também o contrabando de ouro e o transporte de carros roubados através da fronteira com o Egito.

Liga a televisão; estão passando o filme **Upstairs, Downstairs**, exatamente a mesma coisa que me aconteceu no ano passado num motel de Denver, nos Estados Unidos.

Não se pode comer pão em nenhum dos oito dias da páscoa. O pão é queimado nas ruas. Nem se pode beber cerveja. No hotel posso beber gim, mas nenhuma gota de água tônica. A piscina está fechada. Uma judia simpatiza comigo: "Não é fácil ser judeu". Depois de uma semana destas pequenas privações começo a ter loucas visões: estou me entupindo de pão, tomando litros de água tônica e depois me lanço na piscina do hotel.

Escapamos para um oásis chamado The British Pub e comemos num restaurante chinês chamado Mandy. Intrigado pelo nome pergunto se ele tem alguma coisa a ver com Mandy Rice-Davies (uma das prostitutas envolvidas no Caso Profumo). Informam-me educadamente: "Mandy foi uma famosa e bem-sucedida senhora inglesa".

Os judeus ultra-ortodoxos vivem em Mia Sherin, uma distrito superpovoado e de ruas estreitas que congestiona o centro de Jerusalém. É um lugar que até mesmo os israelensos evitam. Por engano encontramo-nos perdidos neste bairro no mais santificado dos dias, o Sabbath da semana da páscoa. Homens de chapéu o cabelos encaracolados gritavam, zangados conosco. Depois dizem-nos que se tivéssemos seguido mais um quarteirão adiante nosso carro teria sido apedrejado.

Os judeus de Mia Sherin falam ídiche e evitam o hebreu e todas as coisas israelenses. O Rabino Meshe Hirsch, líder de um dos grupos anti-sionistas mais poderosos, já afirmou: "Se tivéssemos que lutar, seria ao lado dos árabes e contra o venenoso Estado de Israel. Ficaríamos muito felizes num Estado Palestino se os judeus pudessem manter sua liberdade".

Mas outros judeus devotos — tais como os da seita Gush Emunim — querem mais colônias em território árabe e são falcões da linha dura na guerra contra os palestinos.

Teddy Kollek, o Prefeito de Jerusalém, vive em conflito com os habitantes de Mia Sherim, que já ameaçaram até lançar uma maldição contra ele caso continue com seus planos de construir uma estrada e um centro de esportes nas proximidades do bairro. Kollek, uma personalidade afável e extrovertida, parece não se incomodar com a ameaça.

Um passeio de manhã pela cidade em companhia de seu Prefeito é uma experiência única. Quando encontra engarrafamentos de trânsito, ele se lança pelas ruas laterais ou entra pela contramão, passando por terrenos cheios de destroços e quintais até descobrir um caminho desimpedido. Os guardas saem de seu caminho quando ele passa pela contramão em ruas de mão única. Sorriem e cumprimentam-no: "**Shalom**, Toddy".

Não há dúvida de que Kollek ama sua cidade. Parece que conhece cada árvore, cada nova construção. E fica magoado com as críticas à administração israelense da cidade, algumas, mas não todas, motivadas por erros de informação. Ele não consegue visualizar a cidade sendo dividida novamente. Tem planos para uma Grande Jerusalém — possivelmente incluindo Belém — onde o Governo da cidade poderia ser partilhado. Mas se preocupa que por causa da política do Governo Begin seus esforços poderão "não dar em nada".

Saul Bellow, o escritor judeu norte-americano, descreveu Kollek como "a maior vantagem política de Israel". Na verdade ele é uma vantagem para toda a raça humana, uma verdadeira força da natureza.

Passo por um choque cultural depois de uma visita à mesquita da Rocha, de onde Maomé subiu aos céus; a mesquita de El Aqsa, onde o avô do Rei Hussein foi assassinado e ao Muro das Lamentações, que ainda é segregado, tendo uma parte destinada aos homens e outra às mulheres.

A igreja do Santo Sepulcro, o mais sagrado dos lugares católicos está mergulhada numa grande confusão, coberta por restos de construção. O Portão Dourado, por onde o Messias deverá entrar na cidade, está emparedado há muitos séculos. O Portão de Santo Estêvão, por onde as tropas israelenses passaram durante a guerra de 1967, está distante cerca de 10 metros de Bethesda, onde nasceu a Virgem Maria. Na Via Dolorosa, camisetas estão à venda: **Starsky** e **Hutch** (personagens de um seriado de televisão), o homem de um bilhão de dólares e a **Mulher Maravilha**. A vida continua.

ABRIR uma porta em Israel é ser tomado por uma onda de barulho, conversas, perguntas, análises, fofocas e piadas. Como fazer com que tudo tenha sentido depois de 10 dias? Não é possível. O que se pode fazer é ouvir com atenção.

Na última vez em que estive em Israel, em 1971, em todas as partes era cercado pela mesma pergunta: "Bem, o que você acha de Israel?" Os que perguntavam tinham confiança na resposta, orgulhosos de suas realizações depois das surpreendentes vitórias da Guerra dos Seis Dias. Esta pergunta ainda é feita, mas agora com muito menos confiança. Parece que não esperam a mesma resposta. Comentários negativos são recebidos com um dar de ombros e a resposta: "Não é fácil ser judeu".

Encontrei em Tel Aviv um homem de negócios que me perguntou: "Estão te enchendo de propaganda ou mostrando as coisas como elas realmente são?"

"Diga-me como são as ceias".

"É como imagino que sejam na África do Sul. Não estamos indo a lugar algum. Não há lugar algum para ir. Você confia em seu país durante toda a sua vida. Depois viaja e descobre que existem lugares melhores. É por isto que as pessoas estão partindo de Israel. Elas estão deprimidas".

O problema principal deste homem é a economia. A inflação está atualmente numa base de 140% ao ano (alguns afirmam que é maior). As taxas de juros são de 10% ao mês. O efeito disto pode ser surpreendente sobre os visitantes.

A crise econômica pode ser responsável por parte do clima de desencanto reinante no país. A euforia da paz, causada pela histórica visita de Sadat, em grande parte se evaporou. Muitos israelenses acham que Sadat levou Begin a fazer seu jogo e usurpou o relacionamento especial de Israel com os Estados Unidos. A maravilha de visitar o Cairo também está desaparecendo: os israelenses voltam a seu país se queixando dos hotéis ruins e das ruas sujas. Mas estes climas são efêmeros. Pode ser que eu os tenha encontrado numa época ruim.

Para testar este clima fui visitar os artistas do país. Havia uma exposição no Museu de Israel sob o tema **Fronteiras**. As imagens eram vívidas: uma cabeça de homem como um mapa, as linhas de cessar fogo num mapa usadas como padrão de tecido, fotos de cães marcando seus territórios, flores no arame farpado.

Certamente sombrio, mas também descritivo e até mesmo casual se comparados com o horror nu de Yad Vashem, o Museu do Holocausto. Israel não pode ser compreendido sem o Holocausto. Todos os habitantes do país ou perderam alguém no Holocausto ou sobreviveram a ele; assim como todas as famílias em Israel sobreviveram ou perderam algum de seus membros nas quatro guerras contra os árabes desde a independência do país. Depois de visitar o Museu do Holocausto foi com um certo desconforto que vi a plaquinha de identificação de um porteiro de hotel, nela estava escrito: "George Nazi".

As pessoas saem de Yad Vashem com uma poderosa impressão da doença fundamental de psiquismo humano. A experiência formou a atitude de Israel diante do mundo e condicionou suas relações com os árabes, que também andam pela noite procurando matar judeus. É uma terrível ironia o fato de os judeus se terem se unido em busca de refúgio num dos lugares mais perigosos de todo o mundo.

Contudo, mesmo nas piores épocas, há uma certa energia em Israel, uma desesperada vontade de sobreviver, que não pode ser encontrada em nenhum outro lugar. Em parte é o sentimento de um objetivo nacional partilhado por todos; em parte talvez seja o sentimento de estar na corrente principal da história. "Felizes são as nações cujos anais de história são chatos de ler", afirmou Mostesquieu.

Todas as pessoas que você encontra em Israel têm uma surpreendente história pessoal para contar. Encontrei um motorista de táxi cuja tia havia chegado no dia anterior a Israel vinda da União Soviética: ela não via o pai daquele motorista havia 60 anos. Muitos dos judeus soviéticos que chegam a Israel não ficam no país, partindo logo em seguida para os Estados Unidos. Mas a mistura de imigrantes parece que está funcionando melhor do que todos esperavam. Há judeus negros vindos da Etiópia. Os judeus sul-africanos e os judeus indianos jogam **cricket** juntos.

Será que Israel pode fazer os ajustes mentais que lhe darão aceitação no resto do mundo? Existem problemas que terão de ser enfrentados, além da desconfiança atávica em relação aos estrangeiros e profundamente enraizada na consciência judaica.

Israel devolveu o Sinai ao Egito em troca de uma oferta de paz; a devolução da Margem Ocidental está sendo exigida sem uma oferta de paz. Para a devolução do Sinai os israelenses negociaram diretamente com Sadat, podiam olhar seus olhos e julgar sua sinceridade. Nas conversas sobre a autonomia da região ocupada eles ainda negociam com Sadat, mas sabem que um dia terão que negociar com os palestinos, talvez com a OLP. Quaisquer que sejam as concessões feitas agora a Sadat estas constituirão o ponto de partida para as próximas negociações.

A solução será obtida com a eleição de uma assembléia palestina representativa com a qual (segundo minha compreensão dos Acordos de Camp David) Israel terá que negociar e fazer concessões.

Só Begin poderia ter devolvido o Sinai. Se o Partido Trabalhista estivesse no Poder a oposição de Begin teria impedido esta devolução. Contudo, por questões quase místicas, Begin não pode devolver a Judéia e a Samaria. Assim, é preciso que antes de isto acontecer ele já tenha cumprido seu propósito histórico.

Mas antes de deixar o Poder é preciso que todos vejam seu fracasso: sua linha política precisa estar desacreditada — para que sua oposição mais tarde seja enfraquecida quando as inevitáveis concessões tiverem que ser feitas. É tudo uma questão de tempo. Este ano, com as eleições americanas marcadas para novembro, não será crucial.

Há sinais de esperança. O jornal **Jerusalem Post** diz a verdade todos os dias. Fala sobre as colônias na Margem Ocidental: "Um caso mais surpreendente de irrelevância dificilmente poderia ser concebido." Sobre a OLP: "Israel não pode mais ignorar o fato da idéia de um Estado palestino ter-se tornado não só respeitável mas agora estar enraizada na opinião pública mundial.

Isto parece o começo de uma nova sabedoria. Achei paradoxal o fato de Israel estar tão desencantado e desanimado quando, depois de 32 anos, uma verdadeira paz pode estar a vista. Talvez, pensei, o país tenha-se lançado a uma imigração mental e este clima pode ser apenas parte do doloroso processo de reajustamento a uma nova realidade. Talvez.

O professor J. L. Talmon, da Universidade Hebraica, afirmou: "É o destino dos judeus servirem como testemunhas, testemunhas vivas, uma pedra fundamental, e um símbolo, tudo junto." Não é muito fácil ser judeu.

Donald Trelford é editor do The Observer

A REDEFINIÇÃO DO ESPAÇO POLÍTICO-CULTURAL BRASILEIRO

De como a Teoria das Catástrofes e os estudos de Territorialidade podem ser aplicados à política e à cultura ajudando a fixar o espaço da democracia na década de 80

Affonso Romano de Sant'Anna

DEPOIS de "o sonho acabou" dos anos 60, pode-se dizer que, ao final dos anos 70, também **o pesadelo acabou**. Iniciando a década de 80, talvez pudéssemos sair dessa semântica de **sonhos** e **pesadelos** em busca de uma nova **realidade**. Ou melhor: de um novo espaço. Prefiro falar de espaço e não de **novos tempos**, porque esta expressão tem um ranço mítico e messiânico.

Há um novo espaço político-cultural brasileiro em configuração. Não estou me referindo apneas à criação de seis novos Partidos, nem à semiclandestinidade do Partido Comunista, largando a linha de Moscou por algo mais próximo do eurocomunismo. Não estou me referindo apenas ao surgimento das minorias expressivas como o índio, o negro, a mulher, o homossexual, às associações ecológicas e aos movimentos das donas de casa.

Estou querendo sair da superfície dos fatos. Realmente envelheceu o antigo conceito de esquerda. Envelheceu o conceito de vanguarda política. Conjuntamente envelheceu também o conceito de vanguarda estética. Envelheceu a política intervencionista americana. (Pena que não tenha envelhecido o intervencionismo soviético). A direita também se moderniza. E talvez os invólucros de **esquerda** e **direita** tenham se tornado rotos para sempre.

Caetano e Gil, no deslocamento dos músicos para o vazio político de 65/73

De resto seria uma lástima entrar no ano dois mil discutindo questões do século XIX. O século XIX é ainda um estágio temporal do pensamento ocidental. A modernidade, como o século XX, nos conduz a uma espacialização do pensamento e do comportamento. Por isto me refiro ao espaço. E para encaminharmos o assunto deveremos, ainda que de forma jornalística, desenvolver algumas noções do que seria uma **teoria dos deslocamentos**, tópico este que se torna mais evidente quando utilizarmos também algumas referências da **teoria das catástrofes** e da questão de territorialidade **aplicadas ao campo político-cultural.**

Teoria da catástrofe

Se fosse possível configurar algo chamado de **teoria dos deslocamentos**, no campo das ciências sociais ela poderia ter um princípio básico: só há História quando há deslocamento de forças e elementos provocando uma alteração do sistema.

História é diferenciação. Alteração ora conjuntural ora estrutural dos elementos em jogo. Num sistema como o norte-americano, as alterações são mais de ordem conjuntural. Cai Richard Nixon, mas não cai o sistema. Os deslocamentos se dão numa linha de continuidade, onde os choques são fisicamente absorvidos por toda a massa..

O Brasil conheceu em 1964 e 1968 violentos deslocamentos. O Brasil e em outras datas tambem recentes, muitos outros países latino-americanos. A política de "desestabilização" de um regime, patrocinada pela CIA e por grupos conservadores, faz parte desse jogo espacial do poder. Aliás, é espacialmente que raciocinam Washington e Moscou, quando colocam o mapa do mundo à sua frente e o dividem em sucessivos "tratados de Tordesilhas", como faziam no Renascimento Portugal e Espanha (com o beneplácito do Vaticano).

Jorge Luís Borges diz que na China Antiga existiu um imperador de nome Shis Huang Ti que, cansado de ter inimigos dentro e fora de suas fronteiras, tomou duas medidas assombrosas: determinou que erguessem a fabulosa muralha chinesa e que queimassem todos os livros para que a História começasse com ele.

Ora, isto não é um deslocamento, podem argumentar. É uma catástrofe. Realmente. E para dar conta de tão violentos deslocamentos dos sistemas existe a **teoria das catástrofes**. Foi o matemático francês René Thom quem desenvolveu essa teoria, procurando assim um espaço entre as ciências exatas e as ciências humanas. Thom concebeu sete tipos representativos de catástrofes, que têm belos e sugestivos nomes, como, por exemplo, "catástrofe cauda de andorinha", catástrofe da borboleta", "catástrofe hiperbólica umbílica", etc. Em computadores conseguem-se desenhos configurando cada tipo dessas catástrofes. São figuras lindíssimas. Parecem obra de algum artista ou se assemelham a naves interplanetárias ou folhas de papel jogadas e dobradas ao vento.

A utilização dessa teoria é ainda escassa. Mas tem um alcance surpreendente. Através dela se podem fazer os modelos de diferenciação brusca de anfíbios. Outros a usam para o estudo de uma moléstia nervosa a aneroxia. O psicanalista Bion tão conhecido no Brasil, a usou em seus conceitos de **mudança catastrófica** na crise psicótica. Eu já pensei em usá-la para o estudo dos estilos de época em literatura e para a análise dos romances naturalistas em parti cular. Já outros a empregaram para prever rebeliões nas prisões inglesas. Evidentemente quem elaborou o plano Cohen na década de 30 estava aplicando alguns de seus princípios sem o saber, para beneficiar o Governo de Getúlio Vargas.

Na Itália, as forças mais retrógradas tentam há vários anos provocar uma catástrofe política semelhante às provocadas na história do vulção Etna. Mas o país resiste. Entre a esquerda e a direita, o país resiste.

— Como estabelecer o modelo dos golpes de Estado na Bolívia, senão através dos modelos da catástrofe? — A atual situação do Irã não é aquilo que se poderia chamar de uma "catástrofe reversiva" em relação ao que ali fizeram os Estados Unidos?

O fato é que todos temos um imperador Shih Huang Ti, um Átila, um Hitler, um Stalin, um Pinochet ou alguém sempre pronto a baixar o AI-5 dentro de nossas fronteiras. E não só no campo político. Também no espaço cultural. Também entre os intelectuais e artistas, tão puros, tão cândidos, tão idealistas, isto ocorre. Pois não foi exatamente isto que aquele estudo e paranóico futurista italiano — Marinetti queria? Não queria ele queimar todos os museus para que se abrisse espaço para a arte do futuro? Não é gratuito o fato de ele estar na raiz do fascismo italiano. Existe uma relação entre arte e política muito mais estreita do que supõe a vã sabedoria. Se assim não fosse, os vaguardistas do princípio do século e os vanguardistas da década de 60 não teriam usado tanto uma linguagem militar e política nos seus manifestos. Enquanto os do princípio do século se intitulavam militarmente de "vanguardistas", os da década de 60 se chamaram repetidamente de "guerrilheiros" da arte.

Deslocamentos Geopolíticos-Culturais

Em 1964 e 1968, especialmente, conhecemos exemplos agudos de deslocamentos. Como conseqüência, os elementos que ocupavam o centro do sistema foram jogados nos espaços da esquerda e da oposição. O regime criou um novo espaço à sua direita e exilou os demais no outro extremo. Inúmeros políticos de centro e até de centro-direita foram postos sob suspeita e cassados. Os liberais passaram a ser tidos como subversivos. O nome de "subversivo" ganhou a força que na Idade Média tinha o de "herege". Conduzia à fogueira e ao martírio.

Na vida político-cultural, no entanto, ocorrem fenômenos típicos do mundo físico. Pressionados aqui, os elementos eclodem acolá. Contidos num espaço afluem para outro. Já dizia Freud: na verdade não abrimos mão de nada, apenas trocamos de objeto de desejo.

Daí ocorrerem dois fenômenos muito ilustrativos dessa compressão do terreno: o **underground e a guerrilha.** Esses movimentos são exatamente o esforço de sobrevivência e resistência por parte daqueles que foram repelidos pelo espaço ordinário e acharam nas catacumbas da cultura e nas matas e subúrbios uma forma de resistência desesperada. Se de um lado foram o reflexo de um fenômeno que ocorreu em vários países, de outro foram resultado da inabilidade política e histórica de quem estava no comando do país.

Outro exemplo de deslocamento foi a atuação dos músicos populares entre 1965 e 1973. Uma vez que diversos personagens de nossa vida política e cultural foram exilados, cassados e impedidos de se manifestar, o espaço vazio começou a ser preenchido pela voz e o som dos músicos. Tornaram-se num determinado instante "a oposição possível".

Ocupantes provisórios de um espaço que não era deles, não tiveram que elaborar nenhum pensamento teórico como opositores. Na verdade, representavam e davam voz àqueles que foram silenciados. Frases simples como "é isso aí, bicho" ou "a coisa tá preta" valiam por volumosos discursos ou palavras de ordem. A partir de 1973, e culminando em 1979, o processo de abertura trouxe os sociólogos, políticos, poetas, jornalistas, e um variado tipo de intelectuais que voltaram a ocupar o espaço que lhes era natural. Nesse quadro revelou-se num certo momento o que chamo de "insuficiência" do discurso dos músicos populares. Daí uma polêmica que envolveu principalmente os baianos, e que só pode ser devidamente entendida dentro de uma teoria dos deslocamentos e não apenas como prática de patrulhas ideológicas.

A configuração dos seis novos partidos no país e a recente discussão denteo do **PCB** entre Prestes e Giocondo Dias passa pela mesma teoria dos deslocamentos. Os comunistas querem sair do **underground** e aspiram legitimamente estar à luz do espaço político. Os trabalhadores, através do PT e do PTD, querem se afastar do peleguismo do antigo **PTB**. No domínio da arte, a "arte marginal" é um capítulo já histórico. Inúmeros marginais de ontem trabalham hoje para o Governo, seja em fundações, conselhos ou com bolsas de estudos nas universidades. Isto é conseqüência da própria abertura: a redefinição do espaço.

Aí, no entanto, surge um problema. É possível redefinir o espaço sem redefinir o poder? Estaria o Governo interessado na redistribuição real do espaço do poder ou simplesmente estabelecendo novos guetos? Lembram-se daquela frase: "No Brasil não há racismo porque o negro reconhece o seu lugar"? Até quando estaremos repetindo: no Brasil não há ditadura porque a oposição reconhece o seu lugar?

Territorialidade não é política

A crônica política muita vez trata o problema do espaço político como se fosse geografia. É o lado anedótico e pitoresco do assunto. É uma tendência paisagística que se compraz em contrapor, por exemplo, São Paulo a Minas, dentro daquilo que, até os anos 30, se chamou de "política do café com leite."

Esse é um estudo apenas aparente do espaço. Tal enfoque poderia hoje se deleitar com a confrontação Minas/Piauí, demonstrando que a subida do Piauí (e por contigüidade, o Maranhão) correspondeu a um desalojamento de Minas do Poder. E por aí se poderia ir citando o duas vezes Ministro do Planejamento Reis Velloso, mais Petrônio Portella e José Sarney, chegando obviamente à figura de Francelino Pereira, que é o lugar de retorno do Poder a Minas, com a ascensão de Abi-Ackel, Aureliano Chaves e etc.

Mas isto é apenas a geografia da política. Territorialidade é outra coisa. Os estudos de territorialidade analisam o comportamento de animais e homens em função do espaço. A relação que os indivíduos e grupos mantêm com o espaço é vital. Se alteradas as condições espaciais, altera-se o comportamento do indivíduo e da espécie.

Democracia é também uma questão de territorialidade. Os espaços dos indivíduos e Partidos mantêm uma relação de equilíbrio. Quando há um deslocamento violento, uma catástrofe, toda a espécie se vê ameaçada. Se o macaco carece de 32 funções de territorialidade, quantas seriam necessárias para um político e um intelectual? A rigor podemos dizer que a relação entre o Governo e a Oposição (ou aqueles que são considerados subversivos) tem-se construído em torno do que se chama nos estudos de territorialidade de **distância de fuga**. Distância de fuga é aquela mantida por um animal para poder escapar caso o inimigo se manifeste. Diz Hediger que um antílope foge quando o intruso se acha até 500 metros de distância. Já a distância de fuga de uma lagartixa de parede é de cerca de 2 metros.

Qual a distância de fuga de um parlamentar oposicionista ou de alguém considerado subversivo em relação ao atual regime? Diz Edward Hall que "há, naturalmente, outras maneiras de enfrentar o predador, como a camuflagem, couraça ou espinhos protetores e o cheiro desagradável. Mas a fuga é o mecanismo básico de sobrevivência para criaturas móveis". Eis aí uma lei **proxemia** (ciência que estuda a utilização que o homem faz do espaço), que qualquer cidadão liberal latino-americano conhece na própria carne.

Terminam aí as relações entre a proxemia e a política?

Não. Há animais que carecem de **contato** e os de **não contato**. Exatamente: contato físico. Algumas espécies vivem emboladas, como se estivessem em sindicatos. Entre as criaturas de contato, portanto, temos os estudantes, os hipopótamos, os padres, a morsa, os operários e o periquito. Vivem em comunidades e se tocam, se coçam e se apalpam e se apulpam em busca do calor físico e político.

Por aí pode o leitor ir classificando nossos políticos. Golbery e Geisel, assim como o falcão e a gaivota de cabeça negra são espécie de não contato. Mas Figueiredo, tanto quando João Paulo II, juntamente com o pingüim imperador e o morcego castanho, pertencem à espécie de contato.

A territorialidade serve para aprender a domesticar animais e partidos. Mas deveria servir para fazer aflorar o ego dos indivíduos e a personalidade política de um povo. Animais domesticados podem ficar esquizofrênicos. E quando se invade o espaço do corpo de um prisioneiro ele pode se enforcar desesperado, mesmo que seja um monge dominicano." As aves-do-paraíso machos mantêm contatos, à distância de centenas de metros, por meios de assobios e notas ásperas e dissonantes", diz Edward Hall. Também os exilados, digo eu. E concluímos, ele e eu: "A perda de contato com o grupo pode ser falta, por várias razões, incluindo exposição aos predadores".

Ler, enfim, a descrição que os especialistas fazem do "esgoto comportamental", de como os ratos numa região superpovoada se agridem e se matam, é ler a história da marginalidade das grandes cidades. Num espaço tão opressivo até os ratos deixam o ritual da corte e do sexo a dois. Três ou quatro ratos perseguem a fêmea e a torturam. E há aqueles que submetem outros machos. Enquanto isto, outros ratos (ou cidadãos) se afastam socialmente e só circulam na hora em que outros ratos vão dormir.

Espaço e linguagem

O problema da passagem da ditadura à democracia é o da transformação de um poder vertical e opressivo num tipo de poder mais horizontal, que conte com a participação da coletividade. Enquanto houver opressão, vários grupos estarão marginalizados nos subterrâneos da vida política e social. É preciso converter a prática das catástrofes em simples deslocamentos. É preciso respeitar a territorialidade das idéias do semelhante.

Quando a abertura se iniciou, a campanha foi feita em torno do habeas corpus. Ou seja: para início de qualquer conversa democrática é preciso respeitar o corpo do adversário e sua liberdade de ação. Agora num plano mais adiantado é preciso libertar as idéias do constrangimento ideológico.

Poderemos realmente circunscrever um novo espaço político cultural brasileiro? Sem dúvida. Ele já está em elaboração. Certamente existem pressões terríveis para que isto não ocorra. A prática social da liberdade está-nos oferecendo a todos diversos exemplos de mudança e alteração pacífica do sistema. Estamos largando os cacoetes da esquerda e da direita, assim como já superamos historicamente as velhas classificações de "vanguarda" política e estética. Os marginais de todo o tipo (cultural, político e social) forcejam para ter o espaço à superfície dos fatos, que têm direito.

Há um comportamento novo em elaboração. Há uma nova linguagem em configuração superando as propostas políticas, sociais e estéticas de 1922, quando se definiu a ideologia dos tenentes, a esquerda comunista e a arte moderna no Brasil. Há muito também deixamos a década de 50. As décadas de 60 e 70 deixaram seus "sonhos" e "pesadelos". Os anos 80 podem ser uma etapa realmente nova.

O problema da passagem da ditadura à democracia é um problema espacial e um problema de linguagem. Largar a linguagem velha e o espaço velho. Largar os "lugares-comuns" e as fórmulas ideológicas arcaicas. Quem repete a linguagem velha não está falando, está sendo falado. A linguagem é o homem e o lugar que ele ocupa no mundo. Há uma década nova e uma nova geração procurando sua linguagem e seu espaço. Se não soubermos respeitar a territorialidade de cada um e estabelecer o convívio com os deslocamentos democráticos, ficaremos à revelia de catástrofes nem sempre previstas pelo computador.

Figueiredo e João Paulo II precisam do contato, como pingüim imperador

Affonso Romano de Sant'Anna é poeta, crítico e professor de Literatura Brasileira na PUC-RJ.

Geisel e Golbery são da espécie de não contato, como o falcão

HORTIGRANJEIROS
COMO GARANTIR BONS PREÇOS

Luiz Costa Ribeiro

UM dos mais poderosos instrumentos de política econômica para o desenvolvimento da produção agrícola ainda é o Sistema de Preços Mínimos e Estoques Reguladores que, no Brasil, é mantido pela CFP (Comissão de Financiamento à Produção) Banco do Brasil e Cibrazem.

Desenvolvido inicialmente nos Estados Unidos, através do CCC (Commodity Credit Corporation) e praticado hoje na maioria dos países ocidentais de economia de mercado, o referido sistema constitui um conjunto de medidas destinadas a manter os preços dos produtos agrícolas estabilizados em níveis pelo menos equivalentes a seus custos de produção.

Ao estimular a produção, evitar as flutuações da renda agrícola provocadas por oscilações bruscas de preços de mercado e regularizar a oferta nos períodos de entressafra, pela manutenção de estoques reguladores, o sistema permite, ainda, que Agências Governamentais determinem o grau de estímulo que pretendem conceder à expansão da oferta de determinado produto agrícola, fixando e anunciando, antes do período de plantio, o preço mínimo ao qual se disporá a adquirir aquele produto no período de safra.

As outras modalidades de crédito rural dependem de custosa fiscalização que, por ser raramente eficiente, permite desvios de aplicação muito importantes, de modo que apenas pequena parcela destes recursos vão promover a atividade agrícola. Ao contrário, o Sistema de Preços Mínimos constitui estímulo governamental mais efetivo que qualquer outro mecanismo de crédito rural, pois dele se beneficiam, exclusivamente, os produtores que de fato tiveram sucesso em produzir.

Os Produtos Hortigranjeiros

A razão pela qual o Sistema de Preços Mínimos, como praticado no Brasil, não se estendeu ainda aos produtos hortigranjeiros parece decorrer da sua alta perecibilidade que impede a manutenção de estoques reguladores a custos relativamente baixos (1), peça fundamental para viabilizar, financeiramente, a operação do sistema. (Nos períodos de preços de mercado deprimidos a CFP, através do Banco do Brasil, compra a preços mínimos os produtos agrícolas garantidos e estoca-os na Cibrazem, para revendê-los nas épocas de escassez e preços altos, estabilizando os preços de mercado, e simultaneamente, obtendo recursos para financiar sua própria atuação.)

Fosse possível conceber-se um sistema capaz de estabilizar, em níveis mínimos, os preços dos produtos hortigranjeiros, certamente as respostas em termos de elevação da produção seriam mais rápidas e efetivas do que as obtidas para qualquer outro produto agrícola, pelos seguintes motivos, entre outros:

— A maioria dos produtos hortigranjeiros, notadamente hortícolas (bulbos, tubérculos, raízes, frutos e folhas), são culturas de ciclo curto, o que significa que o prazo decorrido entre a decisão de plantá-las e a colheita é, em alguns casos, inferior a 90 dias.

— Trata-se de uma atividade típica de pequenas e médias explorações agrícolas, aliás a única capaz de assegurar níveis mínimos de remuneração à produção em menor escala. Isto já não ocorre com as culturas de cereais e grãos, como o milho, o trigo, a soja, o arroz e o feijão, que só se tornam rentáveis a partir de escalas importantes de exploração, inclusive por exigirem investimentos relativamente altos em mecanização agrícola e fertilização de solos.

— Via de regra, a produção hortigranjeira concentra-se na periferia das áreas metropolitanas ou de importantes centros urbanos consumidores, já por serem gêneros perecíveis que não suportam transportes a grandes distâncias, já porque o preço relativamente elevado da terra, nestas zonas periféricas da expansão urbana, exige culturas de alta rentabilidade por hectare cultivado, como é o caso dos produtos hortigranjeiros.

Dada assim a relativa facilidade de entrada de novos produtores no mercado, a rapidez com que pode expandir-se a área cultivada e as possibilidades de elevação da produtividade, mediante pequenos investimentos em práticas agrícolas simples, como adubação natural, rotação de culturas, tratos culturais mais intensos e pequenos dispositivos de irrigação, a ação de sustentação de preços de produtos hortigranjeiros, a nível do produtor, teria resposta dinâmica, com perspectivas de rápida elevação da produção.

Estas mesmas características da produção hortigranjeira, em pequenas e médias propriedades, indicam, também, que um sistema ou mecanismo de sustentação de preços de produtos hortícolas não poderá dispensar a participação de uma cooperativa de produtores hortigranjeiros.

Uma cooperativa voltada para o mercado

As experiências de criação de cooperativas de produtores hortigranjeiros (pelo menos as realizadas no Estado do Rio) não têm obtido o êxito esperado, no setor de comercialização da produção. Estas cooperativas têm-se dedicado, sobretudo, a atividade assistenciais a seus cooperados, através dos seus armazéns de venda de insumos agrícolas e bens de consumo rural. As tímidas tentativas feitas no setor de comercialização têm esbarrado em dificuldades decorrentes do pequeno porte das operações das próprias cooperativas, que não lhes permite gerar os recursos necessários para custear uma estrutura de comercialização eficiente. Esta estrutura é indispensável à implantação dos serviços de informações de mercado, previsão de safras, planejamento da produção dos cooperados e do próprio serviço de agenciamento das operações de comercialização, sem os quais a cooperativa não tem condições de voltar-se, efetivamente, para o mercado.

O próprio insucesso destas cooperativas em suprir estas funções gera o descrédito, por parte de seus cooperados, na sua capacidade de garantir, por longo prazo e a preços compensadores, o escoamento da sua produção, indispensável à sobrevivência do pequeno produtor. Este vê-se por isso compelido a entregar a sua produção a intermediários, mesmo que a preços inferiores. Tal é a dependência dos produtores ao intermediário que é comum emitirem notas de venda à vista, embora recebendo a prazo, na expectativa de que o intermediário retorne à região para colocação da sua produção futura.

Exista ou não na região de atuação da cooperativa um Mercado do Produtor, instalado e organizado pela CEASA, a situação da cooperativa não se altera, já que a sua atuação não se acha integrada às atividades do mercado. Verifica-se até a situação inversa, ou seja, a existência de um mercado do produtor organizado tem até dificultado a ação das cooperativas de hortigranjeiros no setor de comercialização, pela sua impossibilidade de competir, em igualdade de condições, com os intermediários instalados nos referidos mercados.

Mercado do produtor para os produtores

Na medida em que as pequenas cooperativas de produtores hortigranjeiros acham-se, na prática, ausentes do processo de comercialização, verifica-se uma situação em que reduzido número de compradores (intermediários) defrontam-se, no mercado do produtor, com elevado número de vendedores (pequenos produtores) que competem entre si para colocação de seus produtos. As leis da oferta e da procura, em mercado desta natureza (que os economistas chamam de oligopsônio), determinam um nível de preços imposto pelo comprador, muito inferior ao nível de preços de equilíbrio que se obteria num mercado de concorrência perfeita.

No mercado da CEASA, por sua vez, estes mesmos intermediários, em número relativamente pequeno, defrontam-se com elevado número de varejistas que competem entre si para compra de produtos hortigranjeiros. Aqui, novamente, as leis de mercado desta natureza (que os economistas chamam de oligopólio), vão determinar uma imposição de preços pelos intermediários, elevando os preços a nível do varejista.

Em conseqüência, os preços dos hortigranjeiros para o produtor acham-se continuamente aviltados, o que desestimula a produção, tornando a atividade pouco atraente, de modo que a oferta destes produtos não cresce na mesma proporção da demanda nos centros urbanos, que continua a aumentar por causa do crescimento demográfico e da elevação da renda urbana, de que resulta contínua elevação de preços para o consumidor final.

Em síntese, o aparente paradoxo: os preços de hortigranjeiros, a nível do consumidor, aumentam contínua e explosivamente, alimentando a inflação (os hortigranjeiros são os produtos que mais subiram de preços nos últimos anos, entre aqueles que compõem os itens de **alimentação** no índice de custo de vida) enquanto os preços, a nível do produtor, crescem lentamente, abaixo do ritmo de aumento dos custos de produção, desestimulando e estagnando a oferta, o que realimenta a inflação. É desnecessário lembrar que a inflação constitui um aumento descoordenado e descontrolado de preços que ocorre sempre que a demanda por determinados produtos cresce mais depressa que a sua oferta.

Se os aumentos de preços a nível do consumidor não chegam até os produtores para estimulá-los a produzir mais, é porque a rigidez dos mercados de intermediação transforma estes aumentos em ampliação das margens de comercialização dos intermediários. Como resolver o problema?

Um sistema de sustentação de preços a nível de produtor

A Cobal tem procurado solucionar o problema, comprando produtos hortigranjeiros diretamente nas zonas de produção para revendê-los, a preços mais acessíveis, nos centros urbanos, diretamente no varejo, através das redes de **Cadeias Voluntárias** (Rede Somar de Abastecimento), ou do **Varejão** da CEASA, ou ainda através de um novo programa, em implantação, o Pacom, destinado a abrir barracões de venda a varejo, nas favelas e zonas de baixa renda das áreas metropolitanas. Esta intervenção não pode ser permanente, ocorrendo quando, por motivos de especulação ou escassez aguda, determinado produto ou grupo de produtos sofre exagerada elevação de preços. A necessidade da Cobal deslocar-se até as zonas de produção, para adquirir produtos hortigranjeiros, constitui por si mesmo operação cara e que não estabelece vínculos permanentes com os produtores, capazes de animá-los a aumentar sua produção, apenas para atender a um comprador eventual

Um sistema de sustentação permanente de gêneros, a nível do produtor, pode ser estabelecido pela constituição de um tripé formado pela Cobal, cooperativa de produtos hortigranjeiros e mercado do produtor, capaz de estimular contínua e permanentemente a ampliação da oferta de hortigranjeiros, com efeitos extremamente benéficos sobre a inflação e provocando verdadeira revolução na produção de hortigranjeiros.

Para a articulação deste sistema é suficiente que a Cobal credencie cooperativas de produtores hortigranjeiros, previamente selecionados por sua importância relativa em cada zona de produção, como seu agente comprador. Para a Cobal, este credenciamento lhe garantirá efetiva presença nas zonas de produção e reduzirá seus custos de operação, na medida em que poderá dispensar os gastos para manutenção e deslocamento de equipes de funcionários para as zonas de produção, passando a utilizar-se da estrutura das próprias cooperativas. Este credenciamento poderá limitar-se a determinado grupo de produtos hortigranjeiros cuja produção deseje estimular, em dado período. Quotas e preços mínimos e máximos poderão, igualmente, ser estabelecidos por produto, visando a limitar ou ampliar o grau de estímulo desejável à sua produção.

Para exercer sua função de agente comprador da Cobal, a cooperativa atuará diariamente no pregão do mercado do produtor, adquirindo os produtos de produtores hortigranjeiros não cooperados (2) e concorrendo, em igualdade de condições, com os demais intermediários. A cooperativa poderá cobrar dos produtores uma taxa de comercialização semelhante à que cobra de seus cooperados (entre 5% e 10%), para cobrir os custos das operações de compra no mercado do produtor. Os produtos assim adquiridos pela cooperativa serão entregues à Cobal, diretamente na Ceasa ou nos seus demais postos de venda a varejo, a critério da Cobal, em função da situação de preços nesses diferentes mercados. Os custos de embalagem, transporte, estiva, Funrural etc., serão descontados do preço pago ao produtor, segundo a prática usual.

O sistema assim concebido propiciará as seguintes vantagens:

a) Para a Cobal:

— garantirá sua presença efetiva e permanente nas zonas de produção, com redução de custos operacionais, pois poderá valer-se das estruturas das próprias cooperativas;

— disporá de poderoso instrumento para estimular, através da ampliação das quotas de compra de seus agentes ou elevação dos preços mínimos a nível do produtor, a elevação rápida da produção do hortigranjeiro que apresentar sinais de escassez futura nos centros urbanos;

— deterá meio adequado de controle das margens de comercialização de intermediários e atravessadores, utilizando os mecanismos próprios da concorrência de mercado, sem necessidade de apelar para intervenções de eficiência precária, como o tabelamento de preços ou custosa fiscalização.

b) Para as cooperativas:

— serão conduzidas a voltar sua atuação para o mercado, sem abandonar suas atividades assistenciais a seus cooperados, passando a dispor de eficiente estrutura de comercialização;

— terão recursos suplementares para custear seus serviços de assistência técnica, previsão de safras e planejamento da produção, com meios adequados para orientar seus cooperados sobre o quê, quando e quanto plantar, para obter melhores preços;

— terão condições de ampliar, progressivamente, o número de seus cooperados na medida em que demonstrarem, pela eficiência de sua atuação, sua capacidade de garantir o escoamento da produção de seus atuais e futuros cooperados.

c) Para o produtor hortigranjeiro:

— terá a segurança de garantia de um preço mínimo para seus produtos, situado acima de seus custos de produção, podendo ampliar sua produção e até mesmo fazer pequenos investimentos para elevação da produtividade;

— disporá de um serviço de comercialização eficiente da sua produção, operado pela cooperativa local e garantido, dentro de limites aceitáveis, pela Cobal;

— poderá valer-se dos serviços de previsão de safra, informações de mercado e planejamento da produção para orientar suas decisões sobre o que, quanto, quando e como plantar, para ter segurança de preço e de escoamento da sua produção.

d) Para o consumidor urbano:

— a elevação da oferta de hortigranjeiros trará perspectivas concretas de redução dos níveis de elevação de preços destes produtos, a curto e médio prazos, de importância crescente nos seus hábitos de consumo e no seu orçamento familiar;

— a participação da Cobal no sistema, que passará a dispor de mecanismo eficiente de estímulo à ampliação da oferta, constituirá garantia suplementar de redução progressiva das crises tópicas de escassez de produtos hortigranjeiros;

— a progressiva implantação de serviços de previsão de safra, informações de mercado e planejamento da produção nas cooperativas garantirá ao consumidor urbano a possibilidade de encontrar no mercado produtos hortigranjeiros substitutos, nos períodos de entressafra, a preços compensadores.

Notas

(1) A opção de manter estoques através de armazenagem a frio assevera-se extremamente onerosa, o que inviabiliza a operação, salvo em condições excepcionais.

(2) Conforme prevê o Artigo 85, da Lei 5 764, de 16.12.71, combinado com o item IV da Resolução CNC nº 1, de 4.9.72.

Luiz Costa Ribeiro é economista e diretor-executivo do CEAG — Rio (Centro de Assistência Gerencial do Estado do Rio de Janeiro)

DILEMAS DE POLÍTICA ECONÔMICA

Antônio Carlos Lemgruber

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir alguns importantes dilemas da política macroeconômica — oito, na verdade — que se relacionam diretamente com o comportamento da economia brasileira neste início da década de 1980. Estes conflitos — vinculados à política monetária e fiscal, à política cambial e comercial, e ainda a questões ligadas aos subsídios e à correção monetária — evidenciam as difíceis escolhas que os mentores da política econômica são obrigados a fazer freqüentemente. São dilemas que se tornam ainda mais sérios em face dos graves problemas com que o país se defronta atualmente, sobretudo no que se refere à taxa inflacionária e ao balanço de pagamentos.

Política monetária

Na área monetária, um dilema sempre presente — mas que ficou exacerbado a partir de 1979 — diz respeito aos conflitos entre a expansão do crédito agropecuário e o controle dos meios de pagamento. Em princípio, cada 10% adicionais de acréscimo nos empréstimos do Banco do Brasil à agropecuária pressionam em cerca de 8,8% a expansão da base monetária e conseq"uentemente dos meios de pagamento. Em 1979, aqueles empréstimos cresceram 73%, a base monetária aumentou 84% e os meios de pagamento subiram 74%. Apenas o crédito de custeio agrícola elevou-se de 101%.

O dilema do crédito agrícola tornará a ganhar corpo em meados de 1980, a partir de junho/julho. A resolução do dilema não mais requer necessariamente que seja feita a opção entre uma forte contenção do crédito rural ou uma explosão monetária. Ao contrário, as metas podem ser conciliadas mediante o controle do crédito não agrícola ou o uso de recursos não monetários para financiar o crédito rural. Todavia, uma ou outra forma de conciliação implica certos custos, que se traduzem em pressões recessivas e de alta efetiva de taxas de juros para os demais setores da economia.

Ainda com relação à política monetária, outro conflito permanente — porém mais acentuado a partir de 1979 — é a questão do controle da taxa de juros e sua compatibilização com a contenção dos meios de pagamento. A preocupação em controlar as taxas de juros impede as autoridades monetárias de comandar a quantidade líquida de títulos públicos foi negativa em cerca de Cr$ 75 bilhões, como conseq"uência da decisão governamental de baixar as taxas de rentabilidade de LTN.

Recentemente, em maio último, tomou-se a decisão de elevar estas taxas para reativar o **open market**. Não obstante, o dilema dos juros permanece na medida em que o Governo se vê impossibilitado de atuar mais diretamente sobre as reservas bancárias livres, para não pressionar em demasia as únicas taxas de juros realmente livres na economia, que são as taxas de financiamento **overnight**.

Um dilema de política monetária bastante importante — sobretudo pela assimetria de seus efeitos — relaciona-se aos efeitos das reservas internacionais sobre os meios de pagamento. Em 1973, 1976 e 1978 — quando houve forte aumento de reservas — as pressões para expansão monetária foram intensas, se bem que o Governo procurasse esterilizar parcialmente os efeitos. Já em 1974/75 e agora novamente em 1979/80 — quando se verifica perda de reserva — a pressão monetária contracionista tem sido facilmente compensada por outros fatores de expansão.

De qualquer modo, os movimentos nas reservas internacionais — característicos de um regime de taxas controladas de câmbio e intenso movimento de capitais externos — dificultam a execução do controle da oferta monetária, não existindo ainda mecanismos satisfatórios para esterilizar seus efeitos. Os depósitos em moeda estrangeira — criados em 1977 e usados intensamente em 1978 e 1979 — só contribuíram para transferir pressões monetárias de um para outro período, culminando nos problemas do final de 1979 que motivaram o congelamento de grande parcela dos depósitos, os quais haviam atingido cerca de Cr$ 352 bilhões ou 79% da base monetária.

Câmbio e comércio

A questão da captação de empréstimos externos nos conduz a um quarto dilema de política econômica, relacionado à taxa de câmbio. Com efeito, a política cambial se defronta com o conflito entre estimular a captação de empréstimos externos (mediante baixas desvalorizações da moeda que não encareçam o custo externo de recursos) e entre estimular a balança comercial (mediante mais acentuadas desvalorizações para incentivar exportações e conter importações).

O dilema cambial ganhou maiores proporções em 1979, quando as taxas internas de juros passaram a ser controladas e as desvalorizações foram aceleradas, culminando no maxiajustamento de dezembro. E prosseguiu em 1980, com a prefixação da taxa cambial trazendo a certeza da desvalorização **nominal** e a incerteza da desvalorização **real**, numa clara opção pelo estímulo à captação de empréstimos em detrimento da balança comercial. Neste caso, em face de uma inflação incerta, o retorno a uma rígida política de desvalorização baseada no diferencial inflacionário entre o Brasil e o resto do mundo poderia aliviar o dilema cambial, desde que acompanhado de uma política interna de juros reais menos negativos — a ser processada pela liberação de taxas ou por mecanismos tipo IOF.

Ainda na área externa, encontramos o dilema difícil entre inflação e balança comercial. Medidas de política comercial ou cambial que objetivam a estimular exportações ou conter importações tendem a exercer impacto inflacionário. Uma desvalorização cambial, um aumento de tarifas, a concessão de subsídios à exportação — todas estas medidas tendem a estimular a oferta de exportações e desestimular a demanda de importações via preço, mas acabam certamente atuando direta ou indiretamente sobre os preços domésticos. Além destes efeitos diretos sobre os preços, vale recordar que o aumento de exportações e a redução de importações também podem influenciar os preços pelo lado monetário (variações de reservas) e pelos seus efeitos expansivos sobre o excesso da demanda sobre a oferta agregada.

A maxidesvalorização de dezembro/79 e o IOF sobre importações de abril/80 são exemplos típicos de medidas de política econômica que denotam uma preocupação mais acentuada em corrigir a balança comercial, mesmo que à custa de algum impacto inflacionário a curto prazo. Obviamente, tais medidas foram tomadas na suposição de que a balança comercial responde satisfatoriamente aos estímulos (ou desestímulos) de preços e também na suposição de que o seu impacto inflacionário seria neutralizado pela política monetária e fiscal restritiva. A neutralização, porém, não se verificou, o que pode acabar por exacerbar o dilema, ao acentuar os custos inflacionários e reduzir os benefícios sobre a balança comercial daquelas políticas.

Indexação e Subsídios

A discussão de problemas inflacionários nos traz a mais três dilemas, relacionados à política de indexação de salários e outros valores na economia, à questão dos subsídios e, finalmente, aos efeitos colaterais desfavoráveis da própria política antiinflacionária.

No que diz respeito à indexação ou correção monetária, tem-se naturalmente o dilema entre o ajustamento total ou parcial dos valores nominais na economia com base em taxas passadas de inflação. De um lado, a idéia da correção total apresenta o benefício de neutralizar os principais efeitos da inflação, porém revela defeitos ao impedir que a economia se ajuste adequadamente diante de "choques reais" (preços externos, más safras) e ao realimentar o próprio processo inflacionário. De outro lado, a correção parcial — num caso extremo, a ausência de correção — não apresenta todos os benefícios da indexação total mas nem tampouco os seus defeitos.

No Brasil, com um rápido interregno entre 1974 e 1975, a indexação total foi sendo substituída paulatinamente pela parcial, exceto para a política salarial, culminando na pré-fixação da correção monetária em 45% em 1980. Todavia, na política salarial, ganhou corpo a indexação total, sobretudo a partir de novembro/79. Sem dúvida, a indexação total dificulta em geral o processo de desaceleração inflacionária que podem ser geradas na economia com ajustamentos parciais (ou nulos) diante de uma inflação próxima de três dígitos.

Quanto aos subsídios, trabalho recente feito no Instituto Brasileiro de Economia revelou uma pressão conjunta de subsídios creditícios e diretos sobre a base monetária superior a Cr$ 250 bilhões. A permanência dos subsídios alimenta um déficit **permanente** nas contas governamentais, que certamente atua de forma inflacionária sobre a economia. Já a retirada dos subsídios — particularmente no caso dos derivados de petróleo e do trigo — implica em um efeito desfavorável sobre o nível de preços, se bem que de forma **temporária**. Há um nítido dilema nas relações entre subsídios e inflação. Mas, é plausível supor que os efeitos inflacionários **temporários** da eliminação dos subsídios sejam bem menos significativos, em comparação às pressões **permanentes** exercidas sobre a expansão monetária que resultam da manutenção daqueles subsídios.

De forma parcial, o Governo já iniciou — desde dez./ 79 — o processo de redução dos subsídios. Vale argumentar, porém, que o impacto antiinflacionário de longo prazo de uma eliminação total de subsídios seria tão intenso que talvez esta alternativa devesse ser analisada mais cuidadosamente, avaliando-se os seus custos que seriam: algum desaquecimento temporário da economia, alguns efeitos setoriais e regionais, e pressões sobre o nível de preços a curto prazo, atuando sobre a inflação **once-and-for-all**.

Inflação e desemprego

Resta, finalmente, comentar o dilema básico da política macroeconômica no mundo moderno: inflação ou desemprego. A teoria econômica sugere que existe a curto prazo um efeito real desfavorável como conseqüência de políticas econômicas de caráter antiinflacionário. Mesmo que estas políticas sejam anunciadas e exista credibilidade, o efeito real permanece — se bem que possa ser menor. Com efeito, uma desaceleração no crescimento dos meios de pagamento resulta, a curto prazo, em alguma desaceleração na taxa de crescimento do produto real na economia, em face da rigidez da taxa de inflação e das expectativas inflacionárias. Até que se verifique o ajustamento completo da inflação no sentido declinante e até que se ajustem as expectativas inflacionárias, a contenção dos meios de pagamento e das despesas governamentais tende a resultar temporariamente — com alguma defasagem — em um desaquecimento da economia, produzindo desemprego.

Este efeito desfavorável, porém, é — como ensina a teoria — temporário, sendo compensado numa etapa posterior. Assim, ao menor crescimento econômico em determinada fase da política antiinflacionária, corresponde depois um crescimento acima da média histórica. Uma evidência clara a respeito destes movimentos cíclicos na inflação e no crescimento está no Brasil em 1964-67 e 1968-73. Mais recentemente, os apertos monetários de 1974 e 1976 resultaram nas "recessões de crescimento" de 1975 e 1977.

Com toda certeza, o aperto monetário e fiscal necessário para trazer a inflação dos níveis atuais de 90-100% para, digamos, 40% em 1982 deverá trazer — como efeito colateral — uma sensível desaceleração na taxa de crescimento do produto real, que deverá aparecer nas estatísticas em 1981 mas deverá ter início já neste segundo semestre de 1980. É bastante provável que a combinação de 75%-80% de inflação ao final do ano com 50% de meios de pagamento e 45% de crédito bancário resulte num forte desaquecimento da economia, a despeito do fato daquelas metas terem sido amplamente anunciadas.

Deixando de lado discussões semânticas sobre recessão, pode-se dizer que o que deverá resultar no final de 1980 e em 1981 — como conseqüência da política antiinflacionária — será mais parecido com 1964-67 do que com 1975 ou 1977, isto é, um crescimento econômico quase nulo. Resta saber se — como já ocorreu diversas vezes — a política restritiva será abandonada (ou não seja sequer iniciada) e os anúncios não serão cumpridos. Vale dizer, porém, que o verdadeiro dilema está entre uma meia recessão hoje ou uma e meia recessão amanhã. Isto porque o reinício do **stop and go** nos próximos meses nos levaria certamente em 1981 a uma inflação de três dígitos e a um problema de credibilidade, que tornaria a adoção de uma política antiinflacionária em 1981 muito mais dolorosa do que já é em 1980.

Antônio Carlos Lemgruber é chefe do Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas e professor da Escola de Pós-Graduação do mesmo Instituto.

ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE

A NUCLEBRÁS TEME AS CRÍTICAS DOS COMPETENTES

Entrevista a José Nêumanne Pinto

Ativo defensor da independência brasileira em tecnologia, o físico Rogério Cezar de Cerqueira Leite cunhou o termo nucleocracia para definir os órgãos do Governo encarregados de gerir o Acordo Nuclear com a Alemanha Federal, do qual é um dos principais opositores, numa posição partilhada com praticamente toda a comunidade científica nacional.

Assegura que só depois de 2020 o Brasil realmente precisará de energia elétrica termonuclear, e mesmo assim se a economia crescer continuamente a 6% ao ano. Este seria um dos pontos fracos do programa nuclear, pois os técnicos brasileiros poderiam desenvolver tecnologia para as usinas nucleares em 20 anos, tornando desnecessário o acordo.

Entretanto, duvida que o Governo volte atrás, embora o programa nuclear seja "exageradamente oneroso e maléfico aos interesses do país". E pior: a nucleocracia estaria massacrando os esforços sérios de pesquisa — para ela, "é melhor que não exista ninguém com competência no Brasil, pois sempre essa competência será capaz de mostrar os erros.

O físico Rogério Cezar de Cerqueira Leite é professor da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e chefe dos editorialistas do jornal Folha de S. Paulo. **Também é especializado em música barroca.**

— A instalação das usinas nucleares da CESP em Peruíbe tornam cada vez mais irreversível o Acordo Nuclear Brasil-Alemanha Federal?

— Cada usina exige um novo contrato. Portanto, formalmente, essas duas usinas não significam que as últimas quatro do acordo sejam necessariamente implementadas. Mas se tem a indicação de que o Governo realmente pretende prosseguir com o Acordo, da maneira como ele foi estabelecido inicialmente.

— Essa indicação representou uma má surpresa para a comunidade científica brasileira?

— Certamente. A comunidade científica se colocou contra o Acordo Nuclear progressivamente, na medida em que ficaram evidentes algumas características maléficas ao interesse nacional. Em primeiro lugar, a questão de custos. Hoje se sabe que o reator está custando muito mais caro do que aquilo que havia sido anunciado em 1975, o que faz com que ele produza uma eletricidade entre quatro e cinco vezes mais cara do que aquela produzida no Estado de São Paulo pelas usinas hidrelétricas ainda em construção. Como também a comunidade científica, aos poucos, foi percebendo que o Acordo, da maneira como ele está sendo implementado, não conduz a uma independência tecnológica ou a um desenvolvimento da tecnologia nacional. Muito pelo contrário. Tem-se notado mais recentemente que o Acordo aumenta essa dependência. Vem aumentando a dependência em relação à tecnologia existente no exterior. Nessas condições, a comunidade científica e técnica vem questionando recentemente o Acordo.

— Diante disso, o que a comunidade científica tem a propor em relação ao Acordo Nuclear Brasil-Alemanha Federal?

— Cada vez mais os cientistas e engenheiros — esse pessoal sempre muito preocupado com o Acordo — se convencem de que a alternativa nuclear deve ser desenvolvida por um ângulo completamente oposto a este, isto é, voltamos a uma velha e antiga dicotomia que sempre existiu no meio nuclear brasileiro. Há aqueles que, por um lado, acham que devemos comprar equipamentos prontos da maneira aberta e declarada, como foi feito com Angra-1 ou de uma maneira disfarçada como está sendo feito com Angra-2, Angra-3, Peruíbe-1 e Peruíbe-2. Essa era uma facção que sempre existiu no Brasil, não é? Representa uma espécie de **entreguismo** tecnológico. E, por outro lado, um grupo mais significativo do ponto-de-vista científico, aliás o único que tem algum significado sob esse aspecto, sempre preferiu um esforço próprio, um trabalho honesto de pesquisa, desenvolvendo progressivamente a energia nuclear, obviamente usando todos os recursos intelectuais disponíveis no exterior. Ninguém pretende inventar a roda novamente, mas, muito pelo contrário, se aproveitar o máximo do que já foi feito no resto do mundo, inclusive trazendo técnicos, na medida do possível, fazendo tudo o que for necessário, num processo simultâneo de absorção e desenvolvimento da própria pesquisa. Ter um projeto de reatores, ter um projeto de reprocessamento e ter um projeto de desenvolvimento de técnicas intermediárias (desenvolver, por exemplo, a tecnologia de metais de grau nuclear, a tecnologia de instrumentação) são absolutamente necessários.

— A comunidade científica está preparada para enfrentar o desafio de desenvolver esses reatores tão logo eles se tornem necessários, com o aumento da demanda de eletricidade no país?

— Não seria tão fácil como foi na Alemanha, obviamente. Mas isso tudo poderia ser feito no Brasil, até deveria. E o pior de tudo é que, sem esse tipo de esforço, nós nunca seremos independentes quanto à tecnologia. Isso demora, apresenta algumas dificuldades. Não é tão fácil como fazer uma bomba atômica. Uma bomba atômica poderia ser feita pelo Brasil, da maneira como foi feita pela Índia. Reconheço que não estamos tão desenvolvidos como a Índia, mas fazer uma bomba atômica é relativamente fácil. Agora, fazer reatores realmente comerciais demoraria mais tempo. Vinte anos, talvez. Mas a gente teria um controle de toda a tecnologia por meio de um processo natural, que foi seguido por todos os países do mundo, e não se continuarmos tentando dessa maneira.

— Nesse prazo nós não precisamos da energia elétrica que seria produzida pelos reatores comprados à Alemanha?

— Eu estou convencido de que nós dispomos hoje de recursos hidrelétricos suficientes para o Brasil chegar ao ano 2020, se tivermos um desenvolvimento da atividade econômica, ou melhor, um aumento do Produto Nacional Bruto da ordem de 6% ao ano. Não se pode gastar mais energia do que é permitido pela atividade econômica. Isso seria jogar dinheiro fora, jogar energia fora. Admitindo que haja uma correspondência entre a atividade econômica e o consumo de energia, eu diria que o Brasil não poderá atingir um desenvolvimento econômico que justifique o dispêndio de toda a eletricidade de que dispomos, de natureza hídrica, antes de 2020 ou até 2030, qualquer coisa assim.

— O que temos hoje de recurso hidrelétrico permitiria ao Brasil atingir uma produção total (produto bruto) igual a duas vezes e meia, quase três, na realidade, o que produz a Alemanha Ocidental. Para o Brasil gastar tudo aquilo é preciso ter uma economia equivalente a três vezes a da Alemanha Ocidental hoje. Ou melhor ainda: o Brasil hoje tem à sua disposição recursos hidrelétricos que são **per capita** equivalentes ao que gastam os Estados Unidos em eletricidade, que, lá, vem de recursos hídricos, mas também de geração nuclear (uma parcela pequena) e, principalmente, de termoelétrica.

— Veja bem: o Brasil tem uma disponibilidade de recursos hídricos que lhe é suficiente para atingir o mais alto desenvolvimento econômico **per capita** conhecido hoje. É claro que é muito possível que os países citados como exemplos, quando o Brasil chegar a esse patamar, tenham-se desenvolvido mais um pouco. Mas eu acho que, como meta, como objetivo para o povo brasileiro, é suficiente o mesmo desenvolvimento, a mesma qualidade de vida, tanto quanto ela é proporcionada pela energia, que hoje caracterizam os países mais avançados da Europa Ocidental, América do Norte, Oriente (Japão), etc.

— Isso significa o seguinte: não precisamos de energia nuclear tão cedo. Indiscutivelmente não precisamos. É possível — e essa é minha opinião — que nós venhamos a precisar dela e a minha opinião é que o Brasil deve manter, como alternativa possível, a opção nuclear. Quer dizer: devemos, portanto, entrar no campo de pesquisas, acompanhar o desenvolvimento no mundo exterior, em países que hoje já precisam de energia nuclear, casos dos países europeus, que continuam gerando eletricidade a partir do petróleo e isso é caro e vem-se tornando crescentemente mais caro ainda. Eu acho que o Brasil deverá seguir o desenvolvimento desses outros países, porque certamente daqui a 40 anos a tecnologia de reatores será muito diferente, por ser uma tecnologia em permanente evolução, o que permite dizer que ainda está imatura a tecnologia nuclear (ou seja: ela ainda não deve ser aplicada em nível comercial em nível de escala).

— Mesmo que se esqueça a questão dos acidentes, de segurança, etc., não se pode esquecer o aspecto econômico: ninguém sabe calcular com exatidão, hoje, o custo de energia nuclear. O pessoal da CESP sabe calcular perfeitamente quanto custa uma hidrelétrica, mas, numa coisa tecnologicamente mais desenvolvida como a usina nuclear, o nível de certeza é tão baixo que, quando foi instalado o programa, falou-se num quilowatt instalado por 430 dólares e hoje se fala em 3 mil dólares. O próprio Governo tem falado isso. Veja bem: não são dados meus. São dados do Governo. Técnicos da Eletrobrás, da Furnas, etc., insistem em valores que vão de 2 mil 500 a 3 mil dólares, por quilowatt instalado. Isso em quatro, cinco anos, quando o dólar caiu na realidade muito pouco.

— Nos últimos cinco anos, o Brasil não teria descoberto suficientes reservas de urânio para resolver o problema da dependência externa do combustível nuclear, um dos aspectos mais criticados na época da assinatura do Acordo?

— Realmente, o Brasil, quando iniciou o programa nuclear, mostrando grande coragem, tinha apenas 11 mil toneladas de reservas conhecidas. Mas, por sorte, descobriu até hoje umas 200 mil toneladas, entre reservas medidas, inferidas, etc., o que permitiria a esses oito reatores operar até o fim de sua vida útil e até um pouquinho mais. Não permitiria, logicamente, que o Brasil passasse a vender urânio. Isso é uma outra loucura. Não temos urânio suficiente para isso. Temos urânio para alimentar cerca de nove reatores até o fim de sua vida. Eu falo da incoerência do Governo, não que isso seja desejável. O problema é que quando foi firmado o Acordo havia apenas 11 mil toneladas e só mais recentemente é que se começou realmente a descobrir um pouco mais de urânio. Isso mostra o nível de irresponsabilidade com que se mexeu no Acordo, um programa dessas dimensões, dessa ordem de grandeza.

— O senhor também atribui à irresponsabilidade a confecção do famoso relatório sobre "os inimigos do acordo núclear", preparado pelo SDI do Ministério das Minas e Energia?

— Quanto ao relatório, não vejo nele bem uma irresponsabilidade. Aquilo é outra coisa. Certamente ele não é representativo de uma mentalidade das mais abertas, das mais arejadas ou das mais modernas. O tom racista e inquisitório do relatório demonstra, sobretudo, uma certa falta de cultura de seu autor. Aliás, o português empregado no texto é deplorável. O que é pior desse relatório não é quem o escreveu. Esse tipo de pensamento existe em qualquer sociedade. E nem eu tenho preconceito contra esse tipo de pensamento. Acho apenas que ocorre por aí e a gente já está acostumado com isso. Minha preocupação é que esse relatório circulou durante mais de seis meses, teve sua existência reconhecida até por um ministro de Estado e nenhuma dessas pessoas ficou indignada com seu texto. Esse ministro não foi capaz de se indignar ou de impedir que aquilo continuasse circulando, mesmo tendo assumido uma posição importante no Governo. O Ministro poderia até ter uma atitude benevolente, como a que eu teria, por exemplo. Poderia chamar o autor e bater nas suas costas amigavelmente, dizendo: "Olha, rapazinho, não faça mais essas bobagens. Vá tratar de outros assuntos". Isso nem deveria estar circulando. Mas o problema é que existem alguns cientistas, ou melhor, ex-cientistas, no conjunto de pessoas que teriam manipulado esse tipo de documento e nenhum deles se revoltou, nenhum deles tomou qualquer iniciativa. Isso é mais deplorável: que um homem como esse continue como ministro de um país. Eu sei que não foi ele quem escreveu aquilo lá, mas ele conviveu com aquele documento e não o suprimiu.

— Eu acho que nem deveria ser questionada a pessoa ou tomada alguma iniciativa contra ela. Não é isso. O que deve ser questionado é que isso continue a fazer parte da vida dos homens públicos de certa importância na vida deste país. Isso, sim, é deplorável. Por outro lado, não consigo nem ficar irritado demais com esse relatório, a não ser com o Português, que, realmente, é muito ruim. Fora isso, ele não me aborrece demais. Já se sabe que fascistóides a gente vai sempre encontrar aqui e ali. Isso faz parte da vida, está dentro do aspecto da vida de qualquer sociedade. Em qualquer país do mundo, encontram-se indivíduos um pouco à esquerda, progressistas, de centro, equilibrados e também os de extrema direita. Isso faz parte do jogo. É natural que todos se exprimam — até mesmo os fascistóides. Mas o importante é que se torne um documento oficial, com aqueles tons preconceituosos. Isso faz até com que eu me pergunte se, como brasileiro, eu teria coragem de mostrar uma coisa daquelas fora do país.

Voltando à discussão original: ainda há espaço para a pesquisa nuclear no Brasil, apesar do Acordo?

— Infelizmente esse tipo de acordo, pela sua magnificência, pelo seu **entreguismo** inerente, etc., e da maneira como está sendo conduzido, com seu conteúdo interno imutável, inibe qualquer atividade própria de pesquisa. Na minha opinião, essa tentativa de reativar o **grupo do tório**, que foi massacrado pela Nuclebrás, tem como única finalidade dar uma satisfação ao público. Na realidade, a Nuclebrás não está minimamente interessada pelo **grupo do tório**. O urânio natural também não tem chance, porque é uma tecnologia divergente da escolhida. Eu acho que, na medida em que o Brasil fez essa escolha de um reator de urânio enriquecido com água comum, ele tem de ser coerente com essa escolha. O que deveria fazer, para consertar um pouco agora, seria um pouquinho de pesquisa na área de separação de isótopos por lasers, por exemplo, ou na de reprocessamento. Talvez fosse até o caso de se construir um reator de água pesada, para se aprender a produzir mais rapidamente outros produtos e a lidar com tais produtos, para poder fazer um reprocessamento mais decente, com controle. É preciso fazer uma série de programas de pesquisa na área, em tese, porque na prática não funciona, porque o sistema da Nuclebrás impede isso. Impede porque tem medo de atitudes críticas, tem medo de competência que possa ser crítica ao programa nuclear.

S. Paulo — Foto de Ariovaldo dos Santos

— A **nucleocracia** brasileira procurou alienar as universidades, eliminar os institutos de pesquisa e, nos próprios institutos, procurou reduzir qualquer capacidade técnica, e isso para não haver contestação. Para a **nucleocracia** é melhor que não exista ninguém com competência no Brasil, pois sempre essa competência será capaz de mostrar os erros. Seria formidável para a **nucleocracia** se José Goldemberg, Pinguelli Rosa, não existissem. Até hoje os jornais não teriam sequer de que se alimentar para levantar as questões.

— Quem primeiro falou nas questões econômicas do Acordo, por incrível que pareça, foi um cientista. Os primeiros a falar sobre questões de dependência também foram cientistas. Poderiam ter sido engenheiros. Depois engenheiros, inclusive do próprio sistema, começaram a levantar questões pertinentes. Engenheiros da Eletrobrás e ex-diretores da Nuclebrás vieram a público e expuseram seus pontos-de-vista.

— Tais pessoas estão convencidas de que esse programa é oneroso para o país, ou melhor, é, além de desnecessariamente oneroso, maléfico. Mas foi preciso que os cientistas e técnicos iniciassem a discussão, certo? A discussão foi iniciada na Sociedade Brasileira de Física, na SBPC, etc, e é por isso que o sistema não pode apoiar a pesquisa científica. Por quê? Porque ele é inerentemente falacioso. Há, necessariamente, qualquer coisa de errado lá dentro.

CADERNO DE
QUADRINHOS

Nº221 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 15 de Junho de 1980 **Não pode ser vendido separadamente**

PEANUTS®

Charlie Brown e sua patota

por SCHULZ

ARCA dos BICHOS de Addison

CEBOLINHA
MAURICIO

LIVRARIA
COMO FAZER AMIGOS EM 10 LIÇÕES

376
© 1980 MAURICIO DE SOUSA PROD.

OH! DESCULPE, CEBOLINHA!

Ô, CASCÃO! VOCÊ DEVIA OLHAR POR ONDE ANDA! DIACHO!
NÃO SE PODE NEM MAIS LER SOSSEGADO QUE VOCÊ JÁ VEM TLOMBAR COMIGO!

ÔPA!
EPA!

Ô, MÔNICA! MAS QUE MANIA DE FICAR NA FLENTE DA GENTE! TENHA MAIS CUIDADO, NÉ?

LÁ VAI O REI DO SQUEITE!

O CEBOLINHA ESTÁ BEM ANTIPÁTICO, NÉ?
É MESMO! DEPOIS QUE ARRANJOU AQUELE LIVRO PRA LER, VIROU UM GROSSO, UM CHATO DE GALOCHA!
EU NÃO SOU MAIS AMIGO DELE!
FIM

WALT DISNEY
MICKEY

ACHO QUE JÁ PASSAMOS POR AQUI.

POR QUE NÃO FEZ UM MAPA?
EU FIZ...

MAS ESQUECI EM CASA.

RUA 2... ONDE SERÁ A RUA 8?
ELM
Distributed by King Features Syndicate.

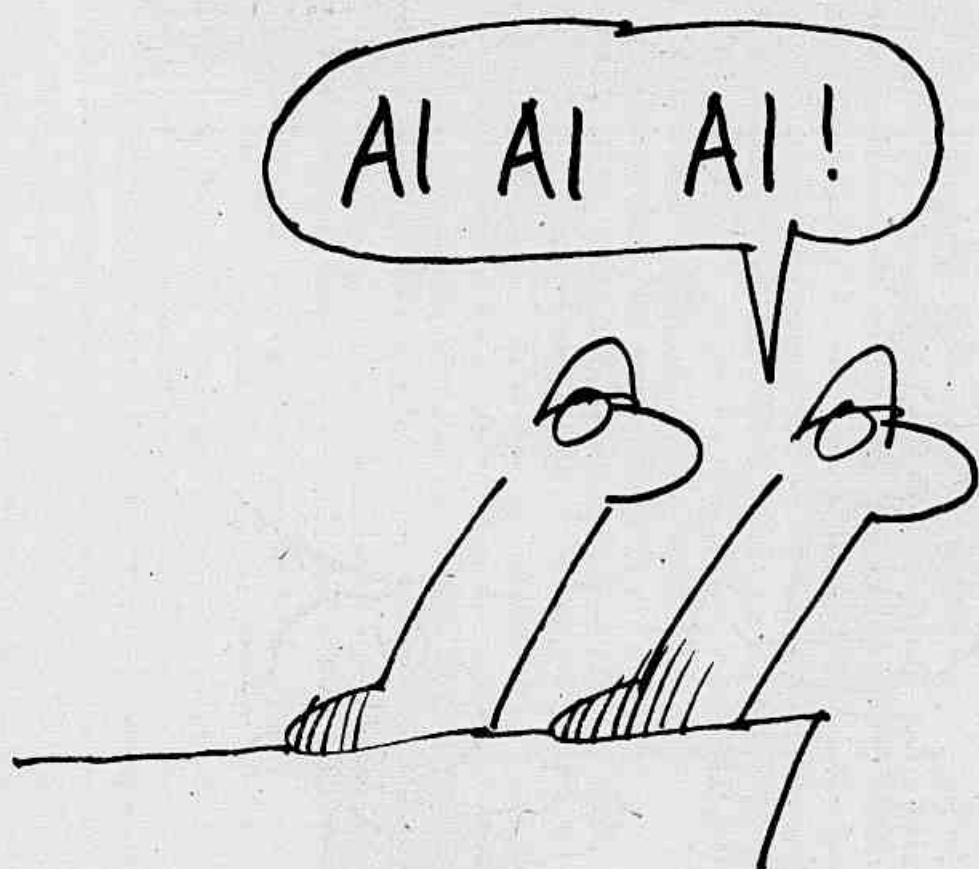
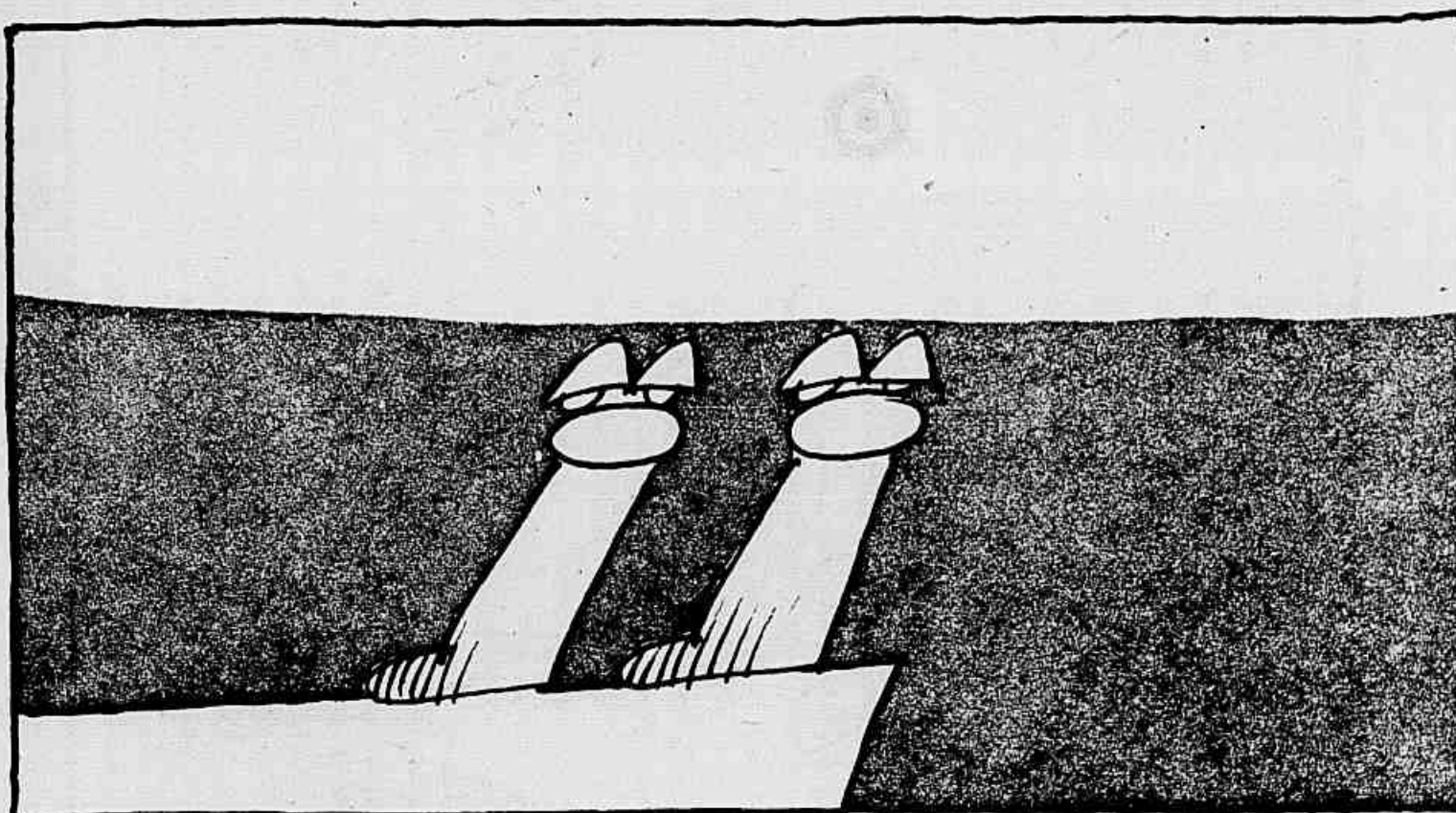
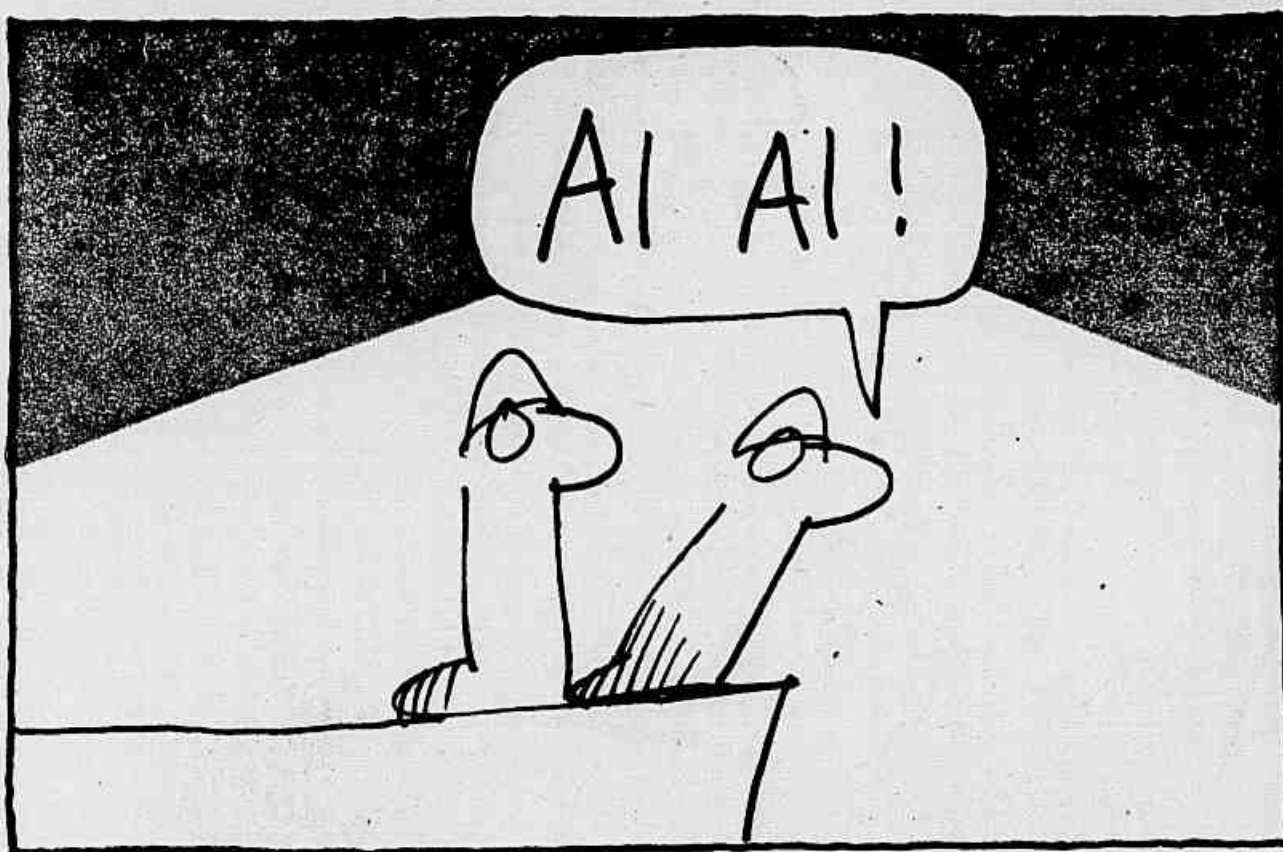
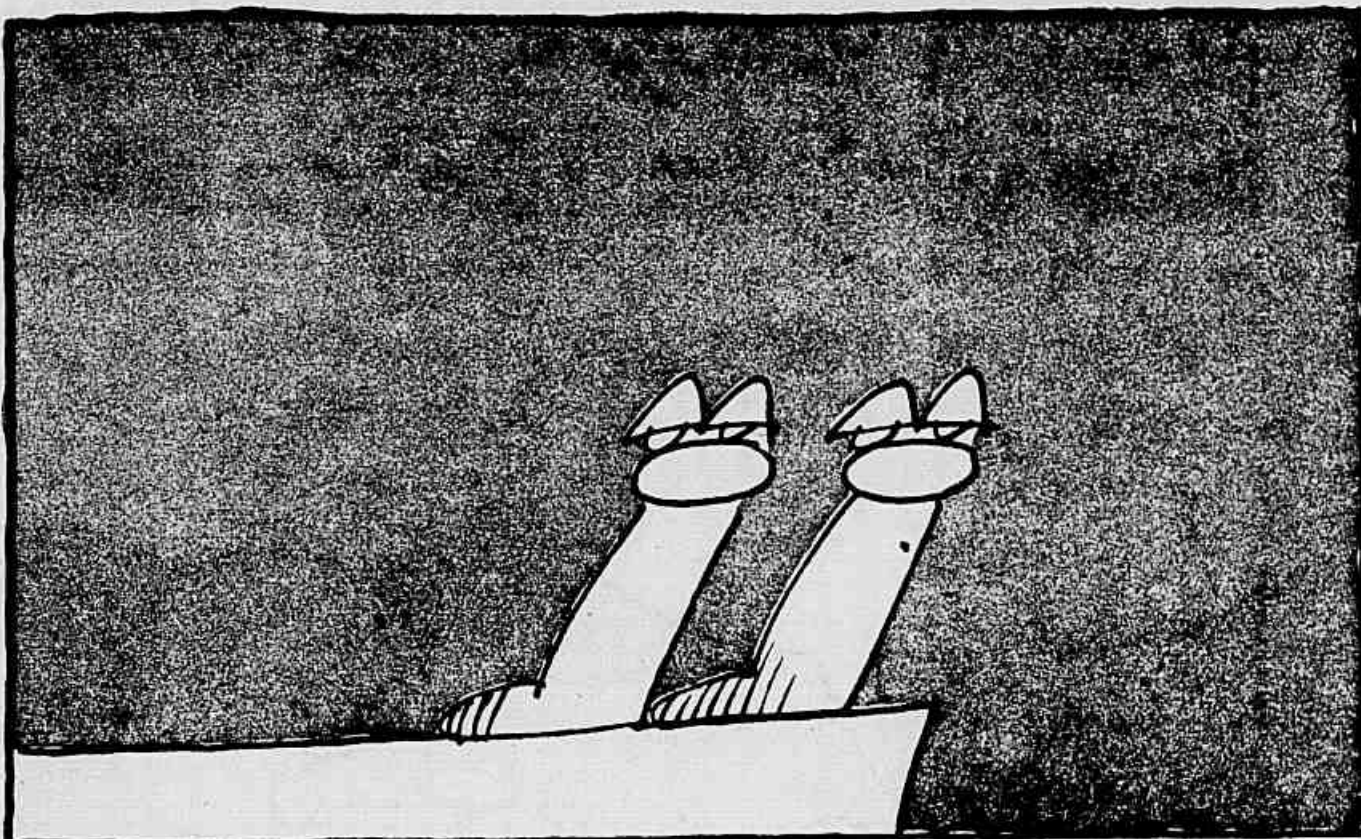
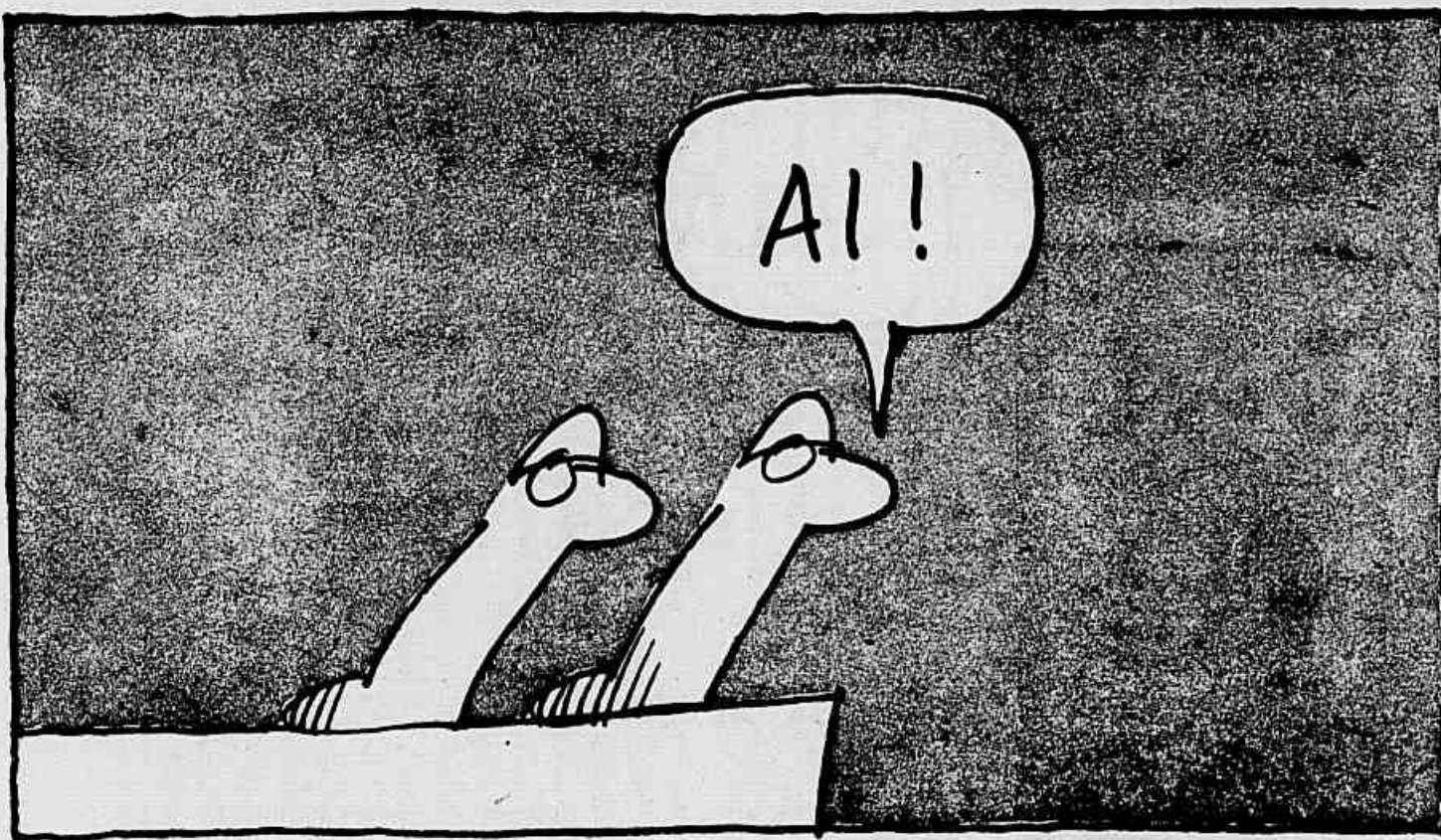
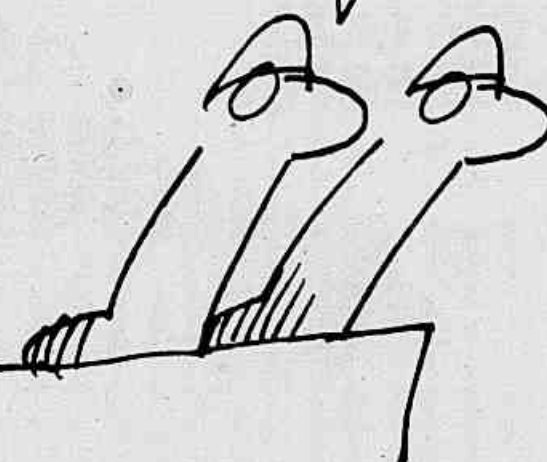
VAMOS ACABAR CHEGANDO ATRASADOS À FESTA.

EI, PERGUNTE ÀQUELE HOMEM!
CERTO.

RUA 8? SIGA POR AQUI...
3-9

... E VIRE À DIREITA!
OBRIGADO.

NUNCA MAIS PERGUNTO NADA A UM PINTOR.

VERISSIMO
AS COBRAS
80-24
VÊ SE ESSE ABISMO TEM ECO
AI!
AI AI!
AI AI AI!
EU SEI COMO VOCÊ SE SENTE!

Zezé e Cia

de MORT WALKER e DIK BROWNE

FÊMUR
HECTOR SAPIA
MARCIA B. DE MENEZES
14 ANOS
OLHA AÍ, ESSE É UM DESENHO QUE O LEITOR MANDOU.
PULGAS

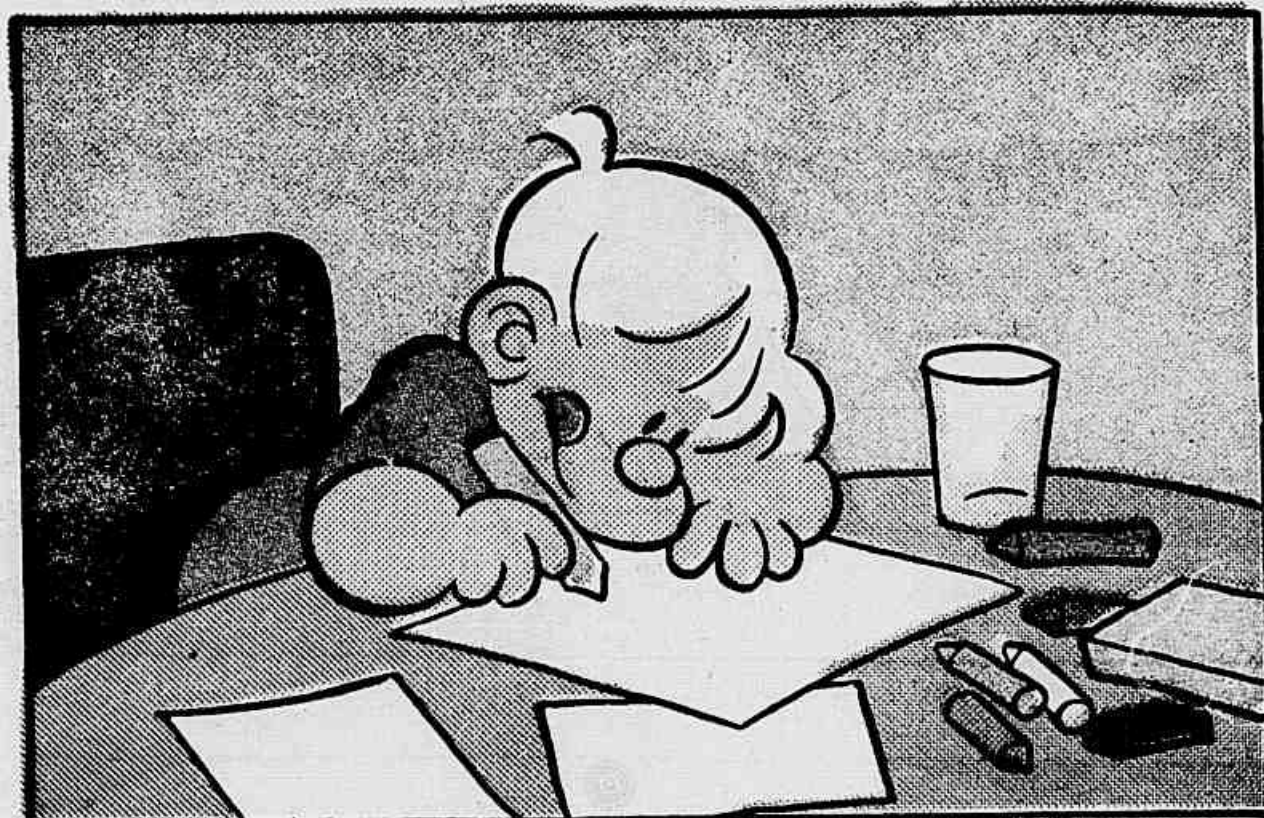
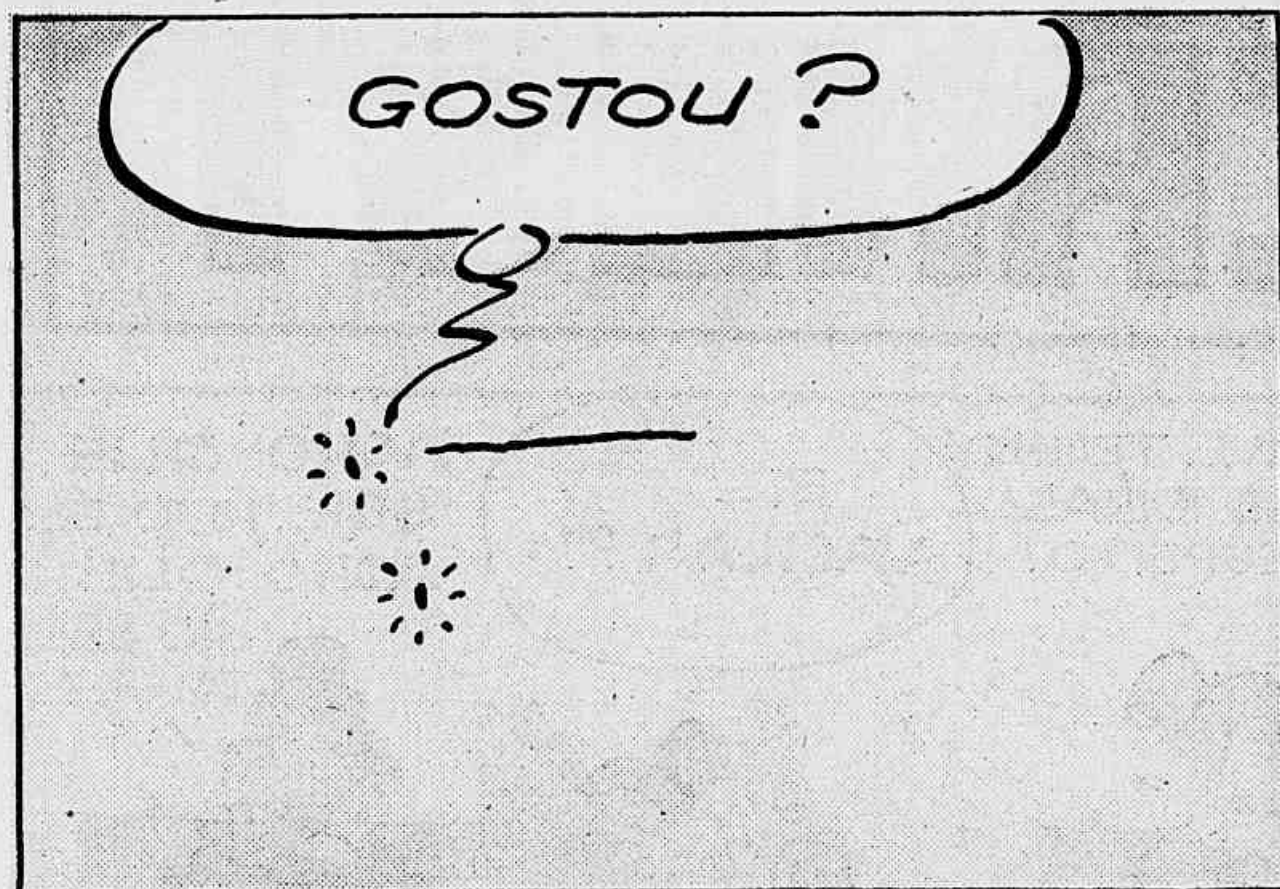
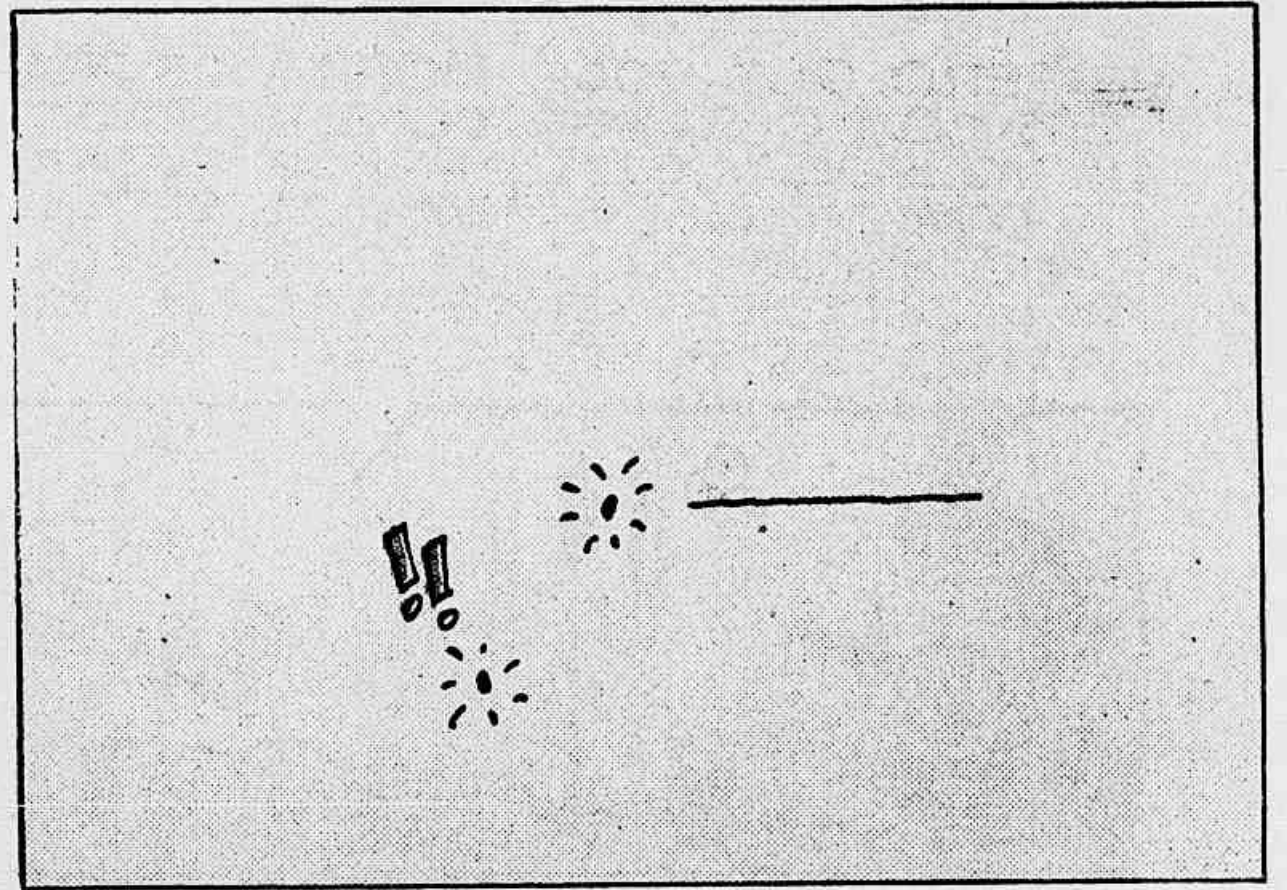
EU TAMBÉM QUERO FAZER O MEU DESENHO.

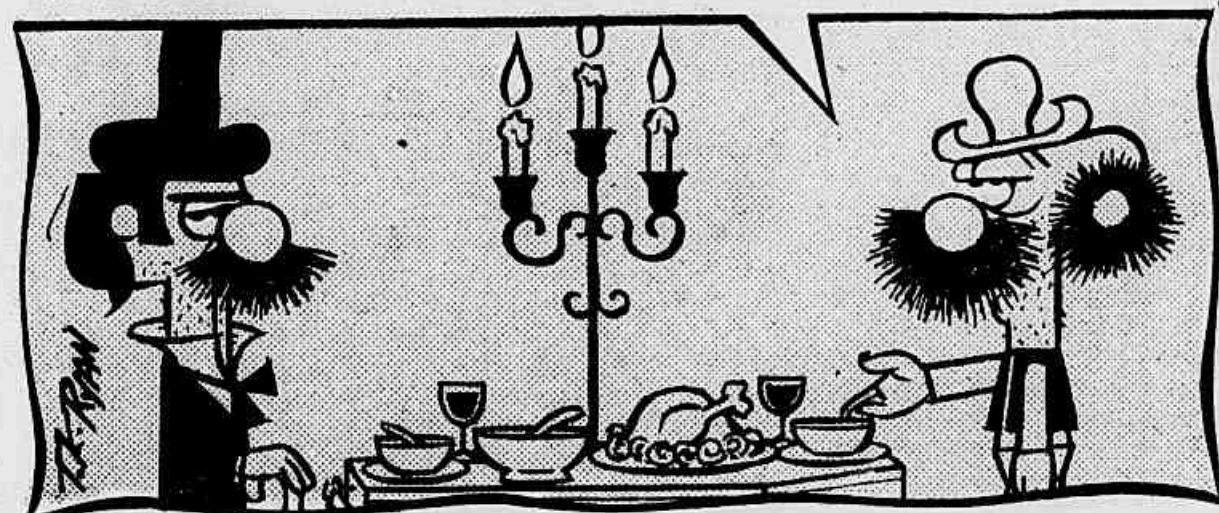
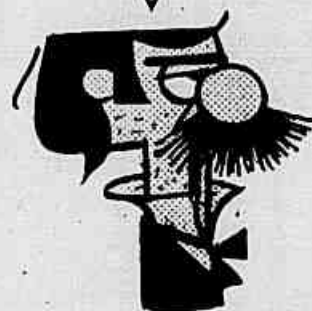
!!

GOSTOU ?

PUXA! NÃO SABIA QUE VOCÊ TINHA QUEDA PARA DESENHO!

SABE? PARA DESENHAR ASSIM, A GENTE TEM QUE TER JEITO.

É... EU GARANTO QUE JEITO É O QUE NÃO FALTA EM VOCÊ.
SAPIA
1 0 4

KID FAROFA de Tom K. Ryan ®

ESPERO QUE VOCÊ **MORRA** DE PRAZER COM O SABOR DO ENSOPADO DE TOUPEIRA... QUE APRECIE O MOLHO DE COGUMELOS FIRMEMENTE **SEPULTADO** EM UM SUCULENTO FRANGO... E AS AZEITONAS **ENTERRADAS** NUM **JAZIGO** DE PURÊ DE BATATA!

FRANK e ERNEST

O TETO PRECISA SER CONSERTADO.
HUM... ISSO VAI LEVAR VINTE MINUTOS...
E A TORNEIRA DA COZINHA ESTÁ VAZANDO.
MAIS DEZ MINUTOS.
E NÃO ESQUEÇA: VOCÊ PROMETEU CONSERTAR A PORTA DO ARMÁRIO...
MAIS MEIA HORA.
A PORTA DA FRENTE TAMBÉM.
HUM... MAIS UNS QUARENTA E CINCO MINUTOS.
VAMOS VER... UM TOTAL DE UMA HORA E QUARENTA E CINCO...
ESSE É O TEMPO QUE VAI LEVAR PARA FAZER TUDO?
NÃO.
YOUNG + RAYMOND 2-3
É O TEMPO QUE VOU DORMIR ANTES DE COMEÇAR A TRABALHAR.

© 1980 MAURICIO DE SOUSA PROD.

O MAGO DE ID
TUDO PARECE CALMO LÁ FORA.
ESPERO QUE CONTINUE ASSIM!

TODAS AS MINHAS BANDEIRAS BRANCAS ESTÃO NO TINTUREIRO!

O MORAL DA TROPA ESTÁ MUITO BAIXO, ALTEZA!
© Field Enterprises, Inc., 1980

QUE DEVO FAZER?

UM ELOGIO, DE VEZ EM QUANDO, DO PRÓPRIO REI, PODE ESTIMULAR OS COMBATENTES!
MUITO BEM.

QUEM É VOCÊ, SOLDADO?
UM SIMPLES GUARDA, ALTEZA!

VOCÊ NÃO É "UM SIMPLES GUARDA", SOLDADO! VOCÊ É PARTE INTEGRANTE DA SEGURANÇA DO CASTELO... UM PROTETOR E DEFENSOR DO REINO.

UM HOMEM COM UMA MISSÃO DA QUAL SE ORGULHAR!

ESTÁ BEM! QUAL É A SENHA, TAMPINHA?!

RITINHA
PIPAROTI
DAMIANA
PITA
É ISSO AÍ COLEGUINHA! VAMOS BRINCAR?

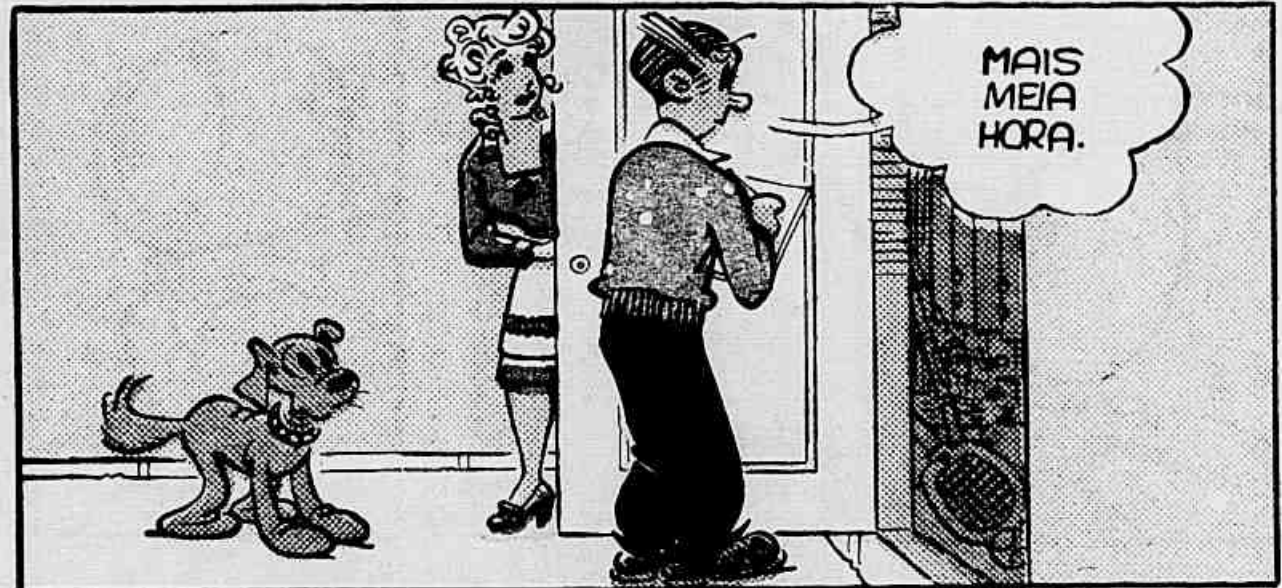
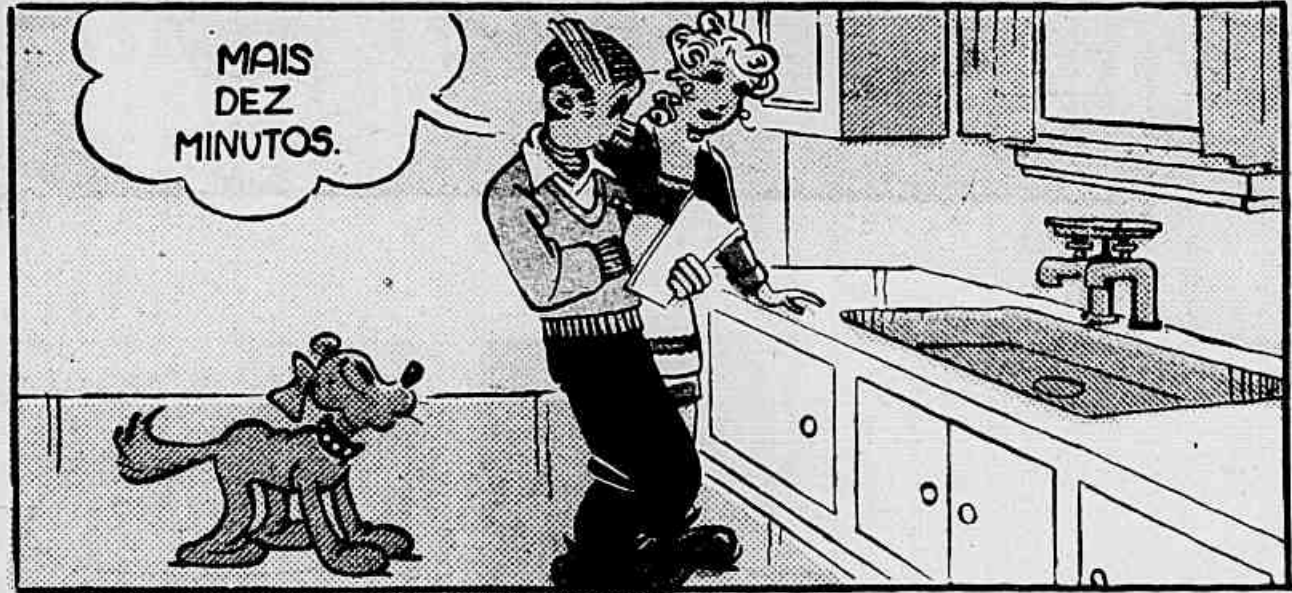
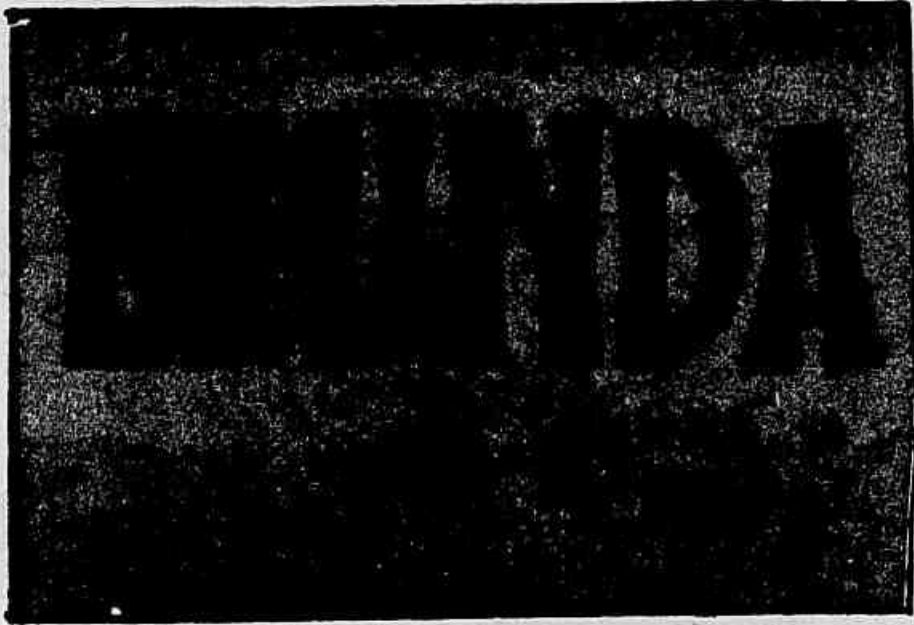
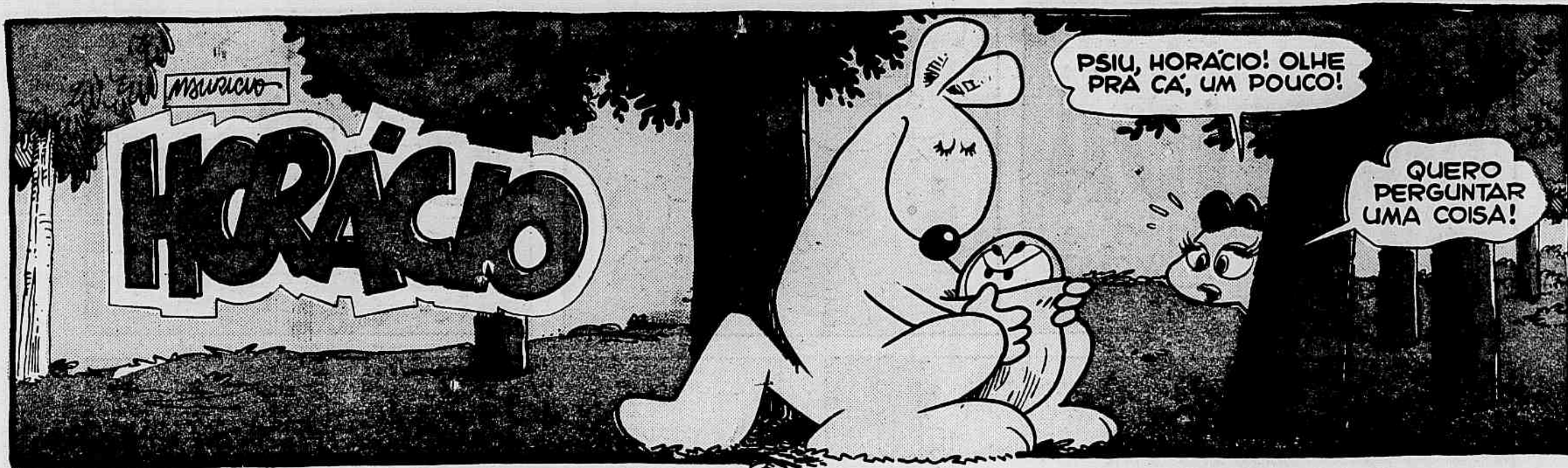
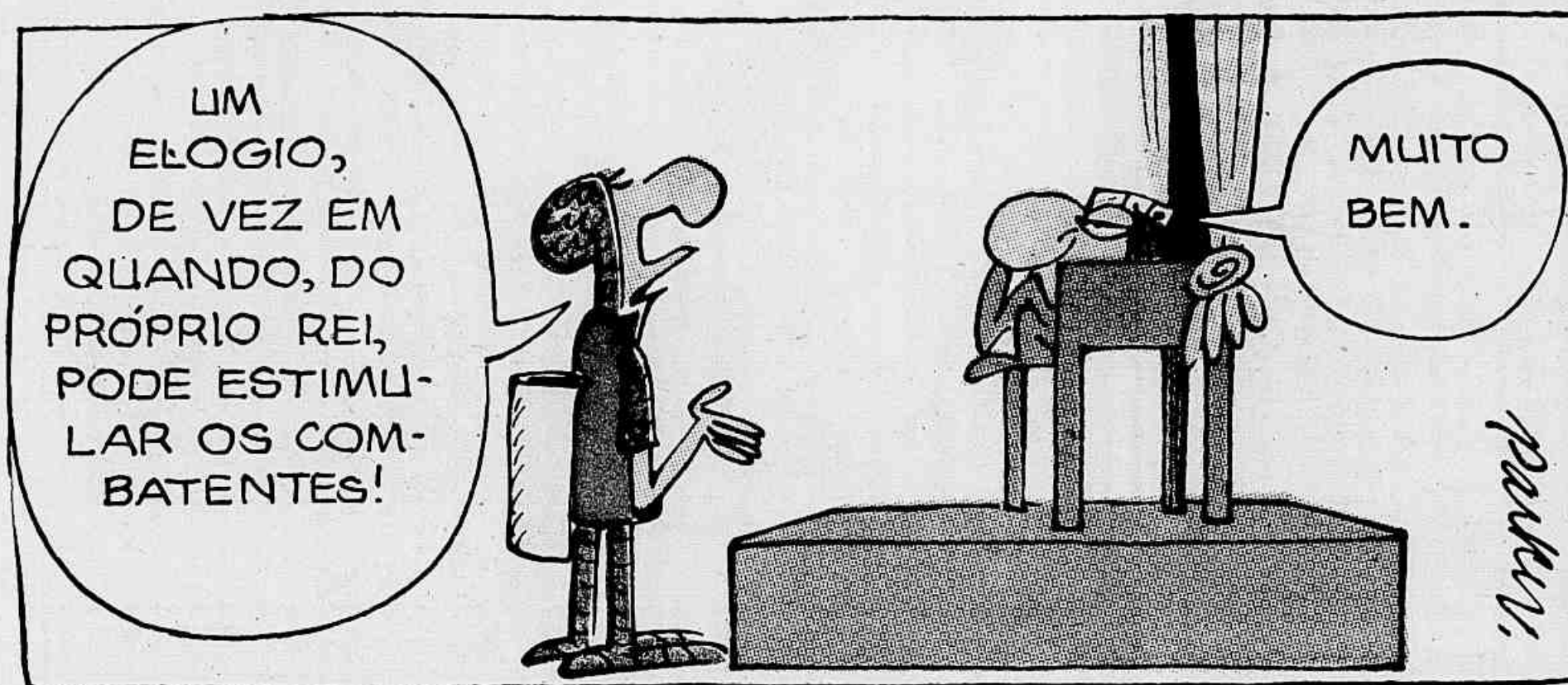
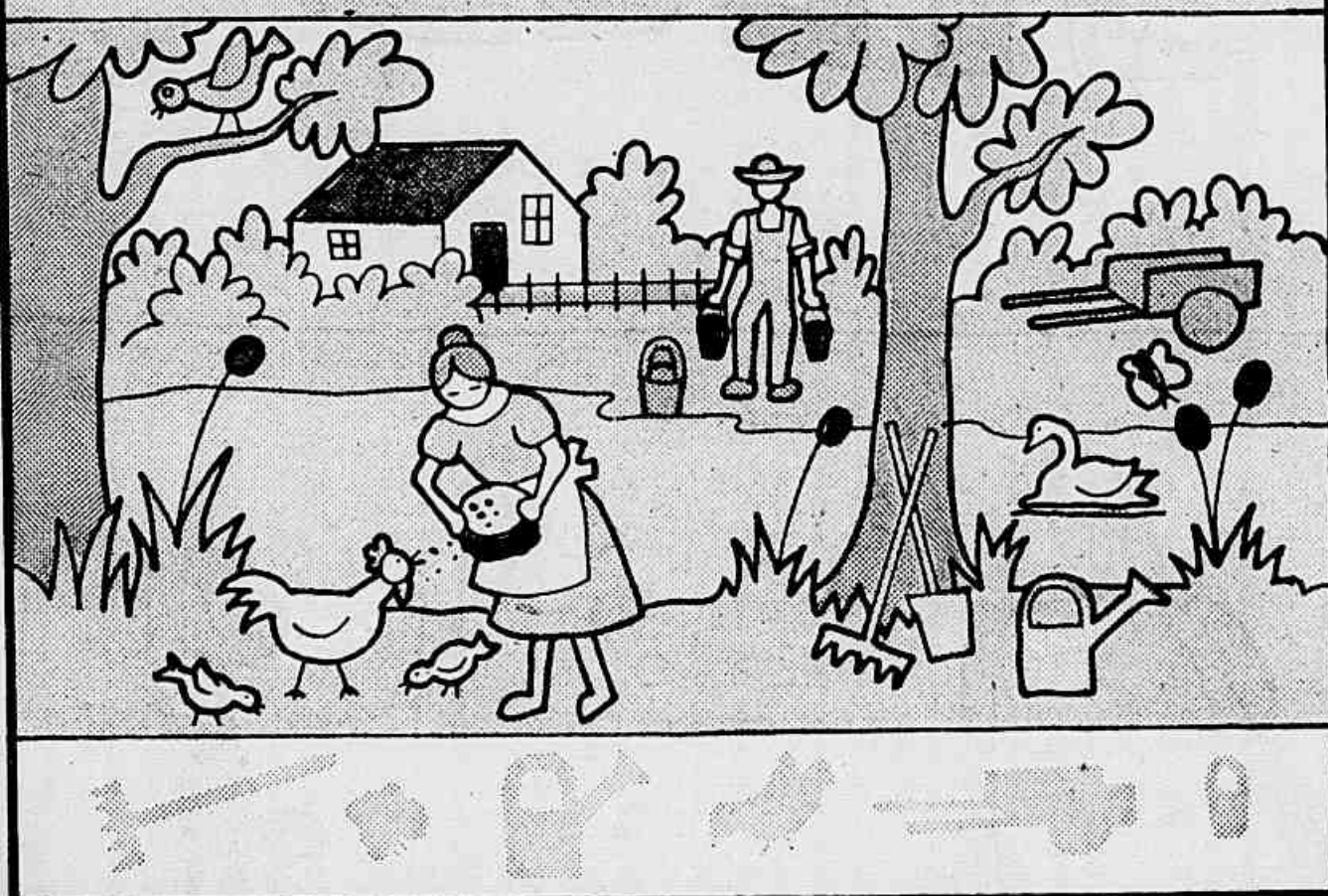
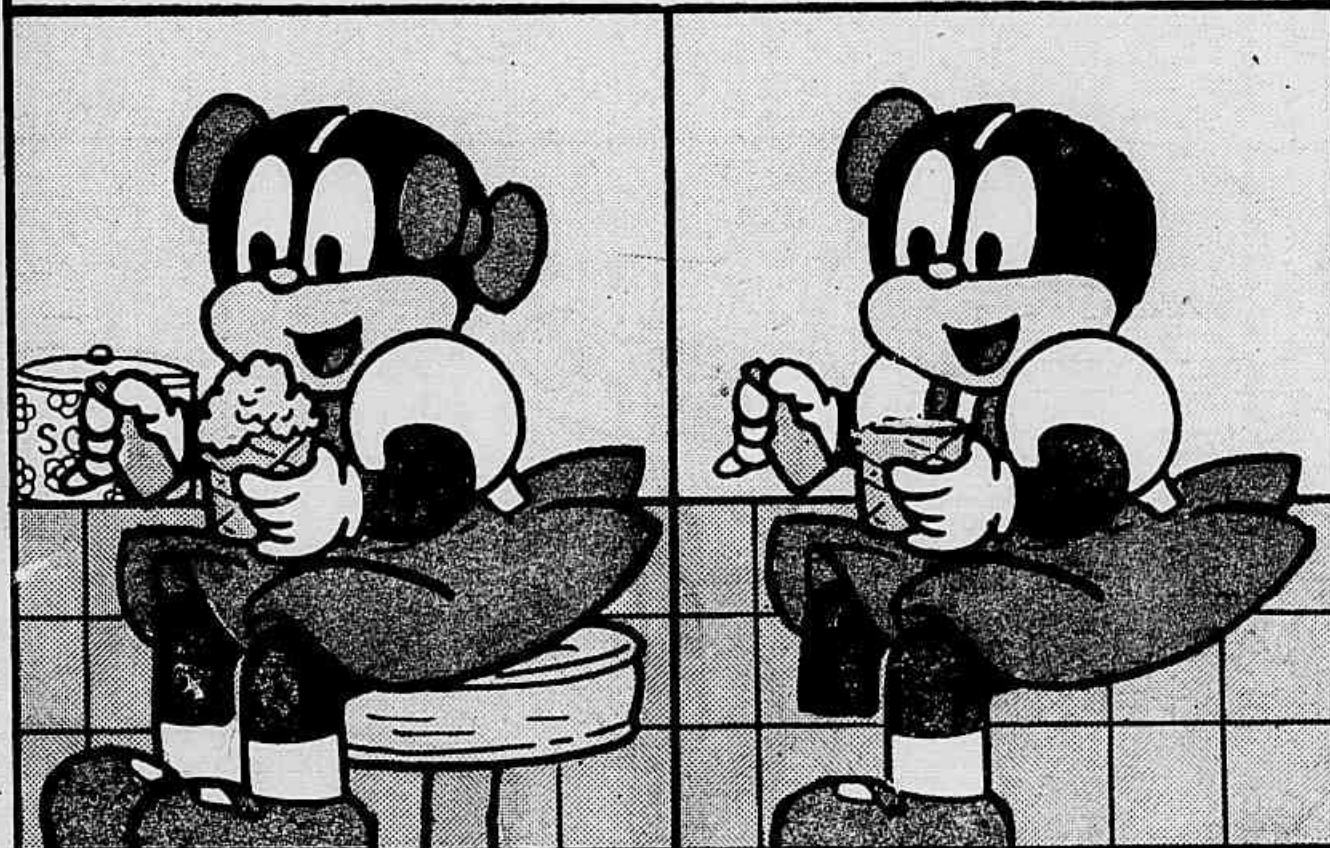
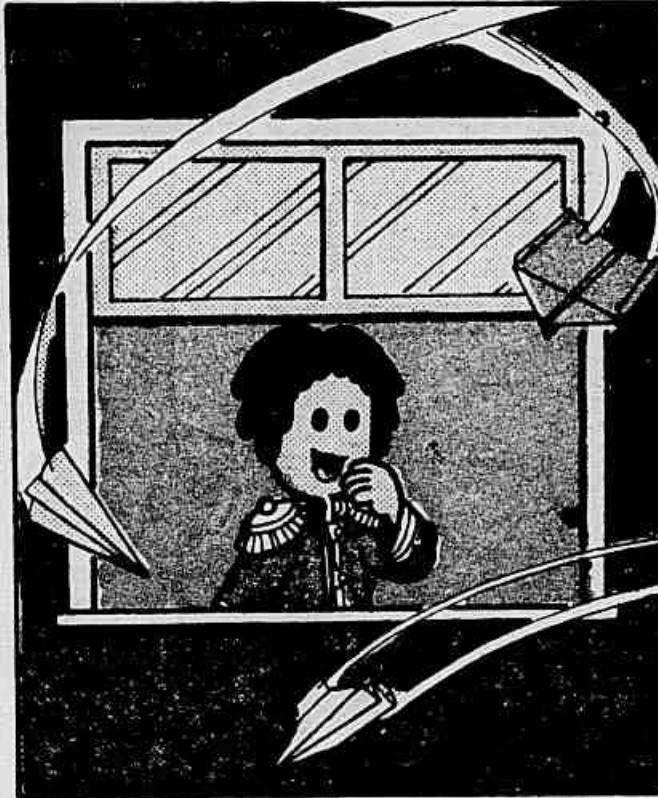
Daniel Azulay

O CIRCO LAMBE-LAMBE

O 14 E O 16. AMBOS DOS EM FORMA DE CATAMARÃ (CASCOS DUPLOS).

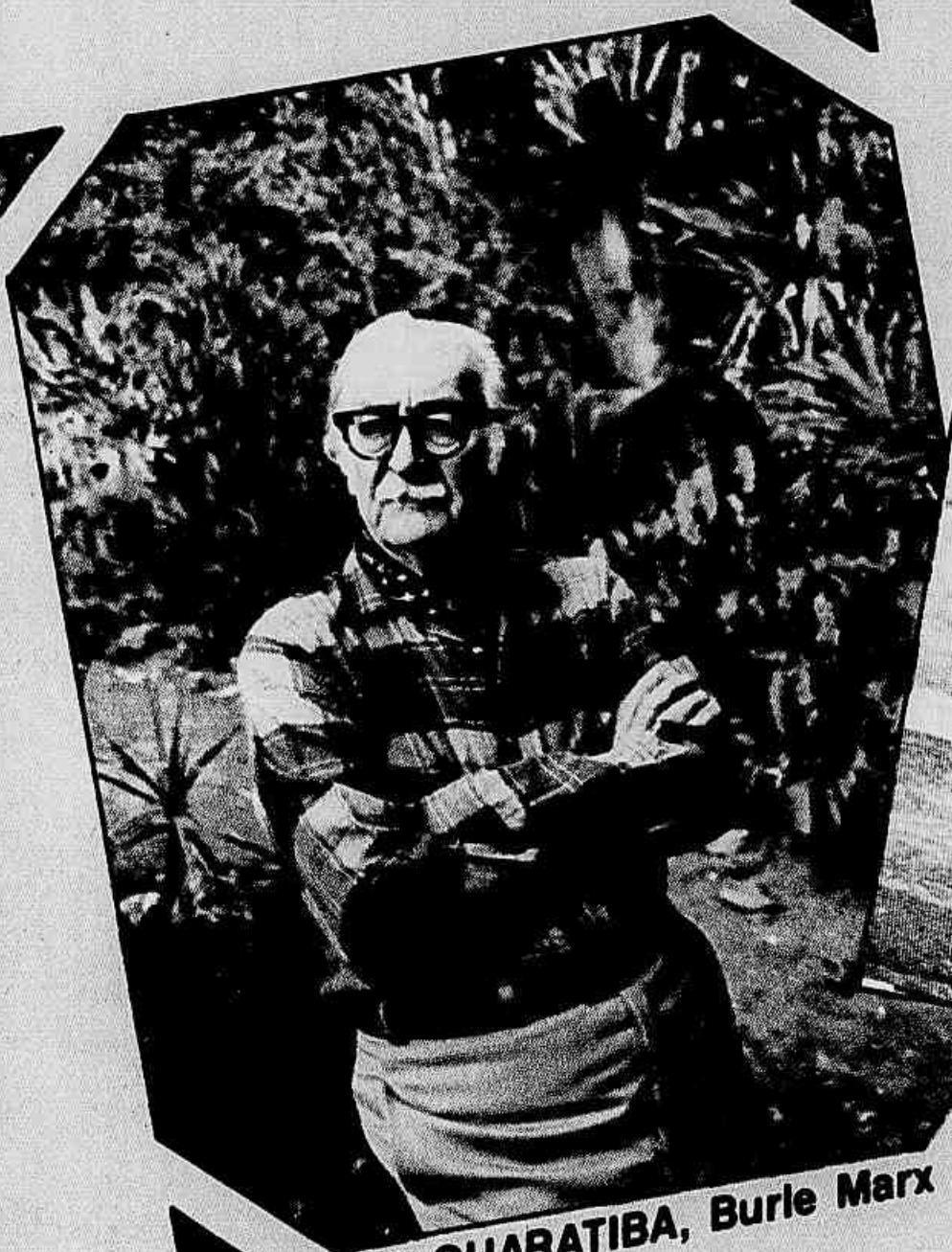
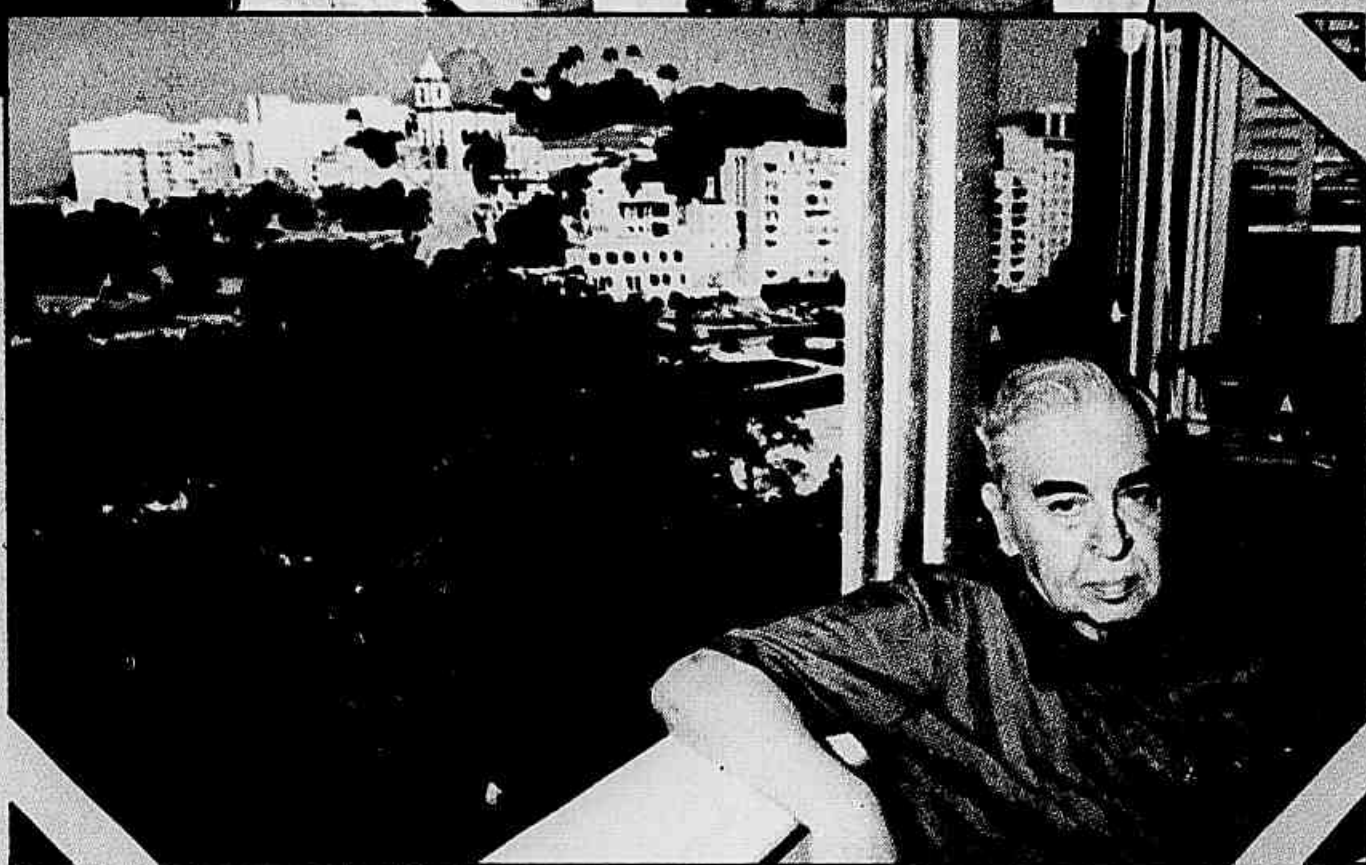
TESTE: QUAL DOS MODELOS COMPORTA MAIS DE UMA PESSOA NO COMANDO?

027

23

VAMOS PROCURAR OS OBJETOS QUE SE ENCAIXAM NAS FIGURINHAS EM PRETO?

EXISTEM CINCO DIFERENÇAS DE UM DESENHO PARA O OUTRO. VOCÊ SABE QUAIS SÃO?

RESP: 1 - LATA; 2 - SORVETE; 3 - FITA ESQUERDA
4 - BANCO; 5 - PÉ DIREITO

JORNAL DO BRASIL • Não pode ser vendida separadamente — Ano 5 — Nº 217

Revista do Domingo

COSME VELHO, Austregésilo de Athayde

IPANEMA, Maria Clara Machado

BARRA DE GUARATIBA, Burle Marx

"POR QUE MORO ONDE MORO"

GLÓRIA, Pedro Nava

Os bairros do Rio e seus devotos

Inega
O JEANS DE IPANEMA

Domingo
JORNAL DO BRASIL

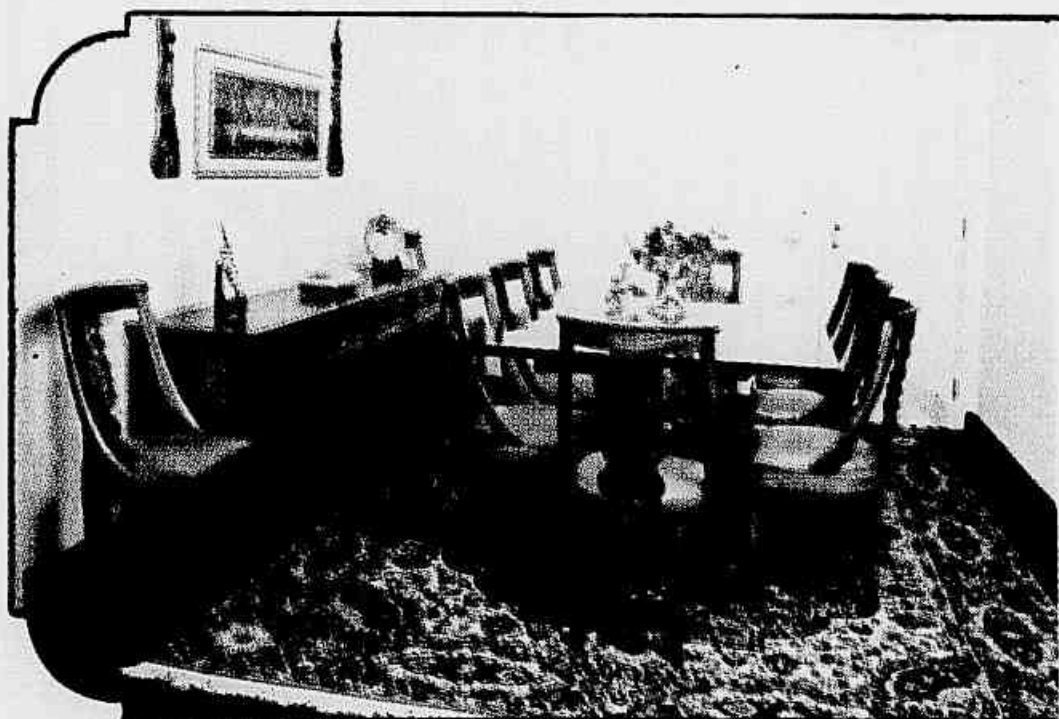
RIO, 15-06-80, ANO 5 — Nº 217

CAPA
Gente que ama seus bairros, fotos de Evandro Teixeira e Rogério Reis

Revista de Domingo figura no IVC (Instituto Verificador de Circulação), através do JORNAL DO BRASIL. Consulte as Notas Explanatórias.

Ohira, cerejeiras em flor

Moda, verão no inverno

Por trás do império das ilusões

Maria João leva Patrícia a São Paulo

Idas e vindas entre São Paulo e Rio, ao sabor de idéias e realizações, já se tornaram rotina na vida de Patrícia Santos Lima que agora penetra na área de roupas infantis com a sua loja Maria João, na capital paulista. A *navette* começou no Rio, em 1975, quando ela foi trabalhar na butique Daboukir, gerenciando a loja e prestando assessoria de moda à confecção. Depois abriu sua própria firma de produções e promoções, na qual, entre outras coisas, organizou o elenco de figurantes do filme *Piranhas Assassinas*, de Alex Ponti. O fim do casamento e da sociedade na firma com o ex-marido, levou-a a São Paulo e à primeira incursão no campo da moda. Mais uma vez no Rio, tempos depois, ei-la no jornal *Realce*, com o irmão e dois amigos. E embora esteja agora novamente em São Paulo, o Rio de Janeiro continua em seus projetos: "Tenho planos de abrir uma filial da Maria João na Barra da Tijuca" (GISELE PÔRTO) ■

EVANDRO TEIXEIRA

Patrícia Santos Lima, "planos para a Barra"

GERALDO VIOLA

Cristiane Torloni, "louco pode tudo"

Cristiane na tela após vários inícios

"Eu vou esperar a vida inteira pelo Buñuel e ele não vai *pintar*". Muito magra, com a frágil compleição de quem, ao mesmo tempo, cria dois gêmeos de um ano, luta contra o relógio e as limitações humanas para, de dia, gravar os capítulos da telenovela *Chega Mais* e, de noite, rodar com Bruno Barreto a versão para o cinema de *Beijo No Asfalto*, Cristiane Torloni explica sua antecipada e atribulada primeira incursão na tela prateada. Aos 23 anos, ela é a principal coadjuvante de *Ariela*, trama homossexual baseada em romance de Cassandra Rios e dirigida por John Herbert.

"Sempre é preciso tomar cuidado com Cassandra", diz Cristiane, enquanto o caminhão de gás quebra o silêncio na manhã da Barra da Tijuca, "porque é constante e grande o risco de qualquer empreendimento virar uma pornochanchada pura e simples." A convite de John Herbert, Cristiane aceitou o papel da psicóloga Mercedes, noiva de um dos primos de Ariela, por quem se acaba apaixonando. "Basicamente, é um filme de *suspense*, envolvendo mentiras que Ariela vai descobrindo em sua família. Mas é um início, um filme que fiz sem ter muita consciência do que, na verdade, seria o produto final. Um começo, né?"

O filme deve estrear em meados de julho, mas até lá Cristiane se ocupa do que chama seu melhor trabalho, a filmagem de *Beijo No Asfalto* a partir de texto de Nelson Rodrigues. Além da afinidade etária (o precoce Bruno está com 25 anos), Cristiane desfruta de excelente convivência profissional. "Há um respeito imenso na equipe, coisa profissional mesmo".

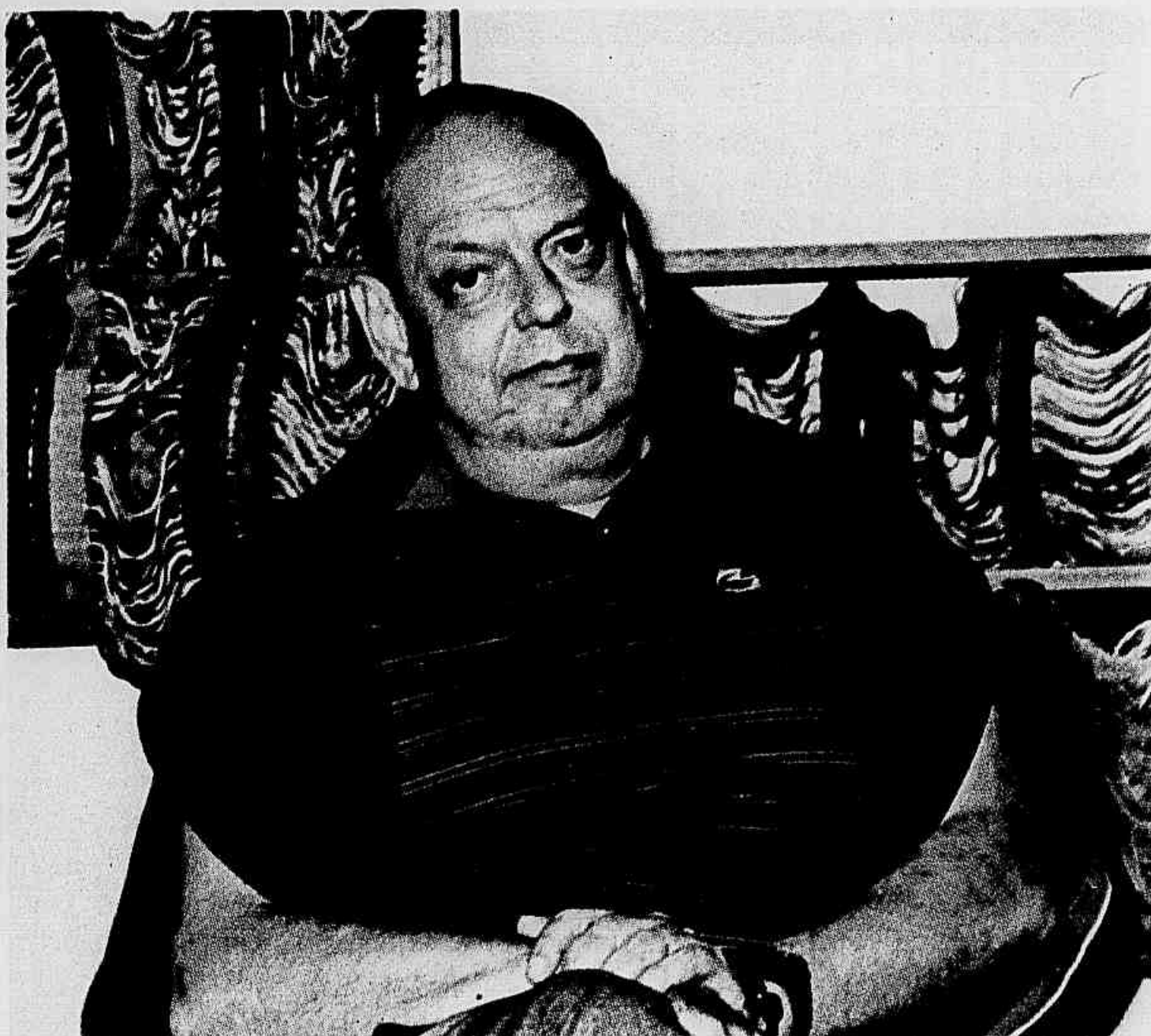
Filha de artistas — Monah Delacy e Geraldo Mateus — desde cedo Cristiane acostumou-se à vida em torno da cena ("era muito de freqüentar a casa de Tônia Carreiro e o TBC"), mas negava-se a trabalhar como atriz, "porque achava aquilo coisa de gente louca". Depois de pilotar *karts* e desistir de bolsa-de-estudos na França, onde se formaria oceanógrafa, aos 18 anos ela optou por um exílio voluntário em Nova Iorque, de onde retornaria mês e meio mais tarde decidida a ser atriz. "Essa ida foi muito importante porque fiquei sozinha comigo mesma. Eu e a neve. E se escolhi ser atriz foi porque gosto muito de mim. Nós, atores, somos loucos, podemos tudo. Para nós, códigos e regras são inexistentes; não existe ditadura no mundo que nos reprima, porque somos a representação física e emocional do mundo". (ZITO d' ÁVILLA) ■

Caio nutre com ímpeto a sua vibração

Os jacarés espalham-se pelo chão, sobem pelas paredes, estão sobre as mesas e escondidos nos vãos das estantes de literatura diversificada. A maioria é de gosto duvidoso, mas dá sorte. Tanta, que Caio de Alcântara Machado pode afirmar hoje em dia ser um homem realizado: "Amo a vida, tudo que vibra. Sempre fui apaixonado". Em casa, ele opta pelas esculturas. Deve ser mais agradável conviver com um Brancusi do que com um jacaré empalhado. Isso quando está na mansão do Jardim América, porque Europa, Ásia, África e Estados Unidos entram em sua agenda pelo menos umas 10 vezes por ano.

O homem das feiras no Brasil afirma ser difícil saber onde acabam os negócios e começa a pessoa. Se para alguns pode significar perda de identidade, com ele dá-se justo o contrário: "A compensação está no fator *one-show-man*". O sorriso é maroto e se mostra subitamente no rosto desse homem de 54 anos que se diz quatro vezes paulista: "Nasci no Estado de São Paulo, na Capital, Avenida Paulista, no Instituto Paulista". Formou-se em Direito mas aos 14 anos começou a trabalhar no cartório de protestos pertencente ao pai. Hoje, um de seus quatro filhos trabalha em sua organização,"mas sou contra, pois cada um deve ter vida própria". São mais de 800 funcionários dirigidos por quem considera o trabalho equivalente ao amor e leva "uma vida toda maluca", podendo *virar* até 20 horas numa feira e acordar placidamente às três da tarde.

"Paulista sou, há 400 anos", disse seu avô quando tomou posse na Academia Brasileira de Letras em 1933. Caio de Alcântara Machado dá de presente o discurso impresso e lembra que o termo *quatrocentão* é hoje pejorativo. Mas não invalida o fato de ter ele 400 anos. E tão súbito quanto seu sorriso podem variar os temas da conversa: "Sabe que este meu negócio é o paraíso das desquitadas? Todas querem vir trabalhar comigo. Misturam alhos com bugalhos. Eu pergunto simplesmente: Você já amou na sua vida? Elas esperam uma *cantada* mas não é nada disso. Só quem ama dá de si". Assim ele justifica o sucesso de suas feiras, iniciadas por uma Fenit e hoje desmembradas em oito ou 10 diferentes no Brasil e seis no exterior:"Mas a Fenit ficou como uma marca, espécie de gilete. Me perguntam de vez em quando: Quando será a Fenit de automóveis?" (MARIA LUCIA RANGEL) ■

EVANDRO TEIXEIRA

Caio Alcântara Machado, "paraíso das desquitadas"

Gustavo Magalhães, "exercícios de requinte em casas"

Gustavo aperfeiçoa o bem-morar

"Sempre fui um observador do conforto. Talvez tenha sido isto que me levou a construir estas casas." Em seu apartamento da Praia de Botafogo, cercado de móveis, plantas, objetos antigos, pinturas de várias escolas, tapetes raros e dezenas de fotografias, Gustavo Magalhães explica seu último projeto: uma série de quatro casas que está acabando de construir na Rua Prefeito João Felipe, em Santa Teresa.

Gustavo já trabalhou em vários ramos. De imóveis e seguros à importação, ("na época em que ainda se podia importar"). Mas se confessa um arquiteto frustrado. "Quando eu tinha 18 anos, meu pai fez tudo para que eu me formasse. Mas eu era preguiçoso demais." Atualmente, tem uma companhia de construção de casas populares. Mas o *hobby* que o apaixona é morar. E morar bem.

Durante 35 anos em duas casas alugadas — em Humaitá e no Largo do Boticário — foi aperfeiçoando este *hobby*. Na última, de onde saiu há dois anos para o apartamento de agora no Edifício Caparaó, exercitou até os limites do requinte suas habilidades e seu gosto. Construiu, derrubou, plantou, decorou e recebeu — principalmente recebeu — todo o Rio e quem por cá passava.

Mas a idéia da casa perfeita não o abandonava. "O Largo do Boticário", lembra, "foi o meu campo de aprendizagem." Há pouco mais de um ano, levando à prática várias idéias que vinha aperfeiçoando, lembrou-se de um terreno que tinha em Santa Teresa e começou a projetar. Em três meses, a concepção do conjunto estava pronta. Depois vieram os desenhistas, os calculistas, os construtores, e se não tivesse havido um incêndio no barraco de obras as quatro casas já estariam prontas.

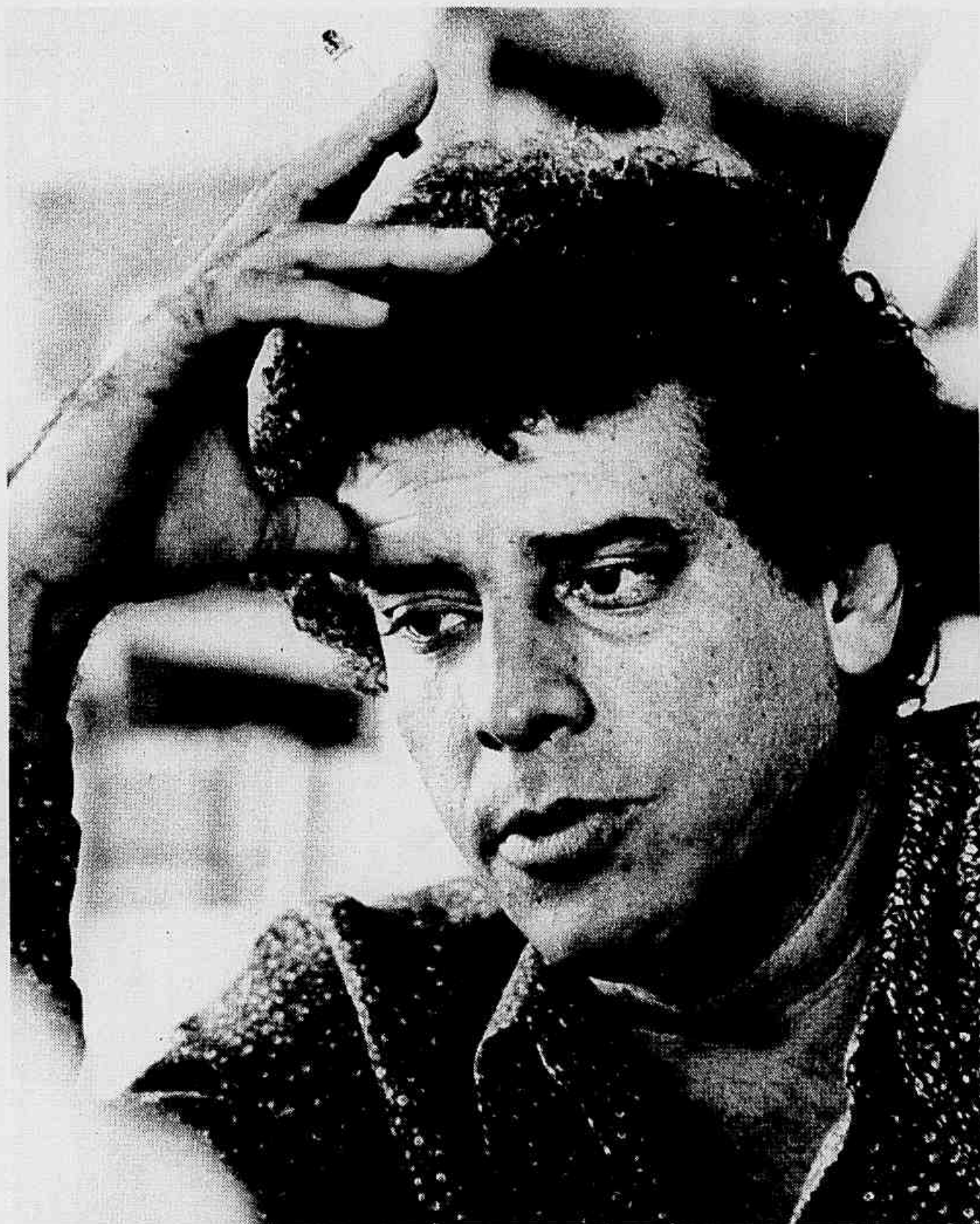
Nelas Gustavo mostra como acha que se deve morar. Antes de mais nada, com conforto. A parte de recepção é ampla e se abre para um pátio interno, com piscina. Os quartos são grandes. ("Nada mais horrível que estes quartinhos de apartamentos, onde mal se consegue entrar.") Os corredores foram banidos, cedendo lugar a salas íntimas, que podem servir também de hall ("para mim o hall de entrada é uma peça muito importante. É como se fosse a apresentação da casa"). A privacidade é resguardada com carinho. Cada quarto constitui um pequeno apartamento; a parte de serviço não se mistura com a social e, em nenhum ângulo, uma casa devassa as outras.

"O curioso", diz Gustavo, "é que hoje ninguém constrói mais casas para vender. Só apartamentos. E não é por uma questão de preço, pois os apartamentos chegam a preços incríveis. Eu poderia ter construído um bloco de apartamentos de dois andares. Preferi as casas. E o maior elogio que me fazem é dizer que nelas se tem vontade de morar." (M.A.) ■

Lindembergue e a liturgia com agogôs

Aos 16 anos, Lindembergue Cardoso trocou Livramento de Nossa Senhora, seu município no interior da Bahia, por Salvador: além de estudar, ia cumprir carreira no futebol. Mas os treinos no Esporte Clube Bahia não duraram muito. Ligado à música desde os nove anos, através da bandinha de sua cidade, ele começou a ganhar a vida na Capital ao teclado de um piano de boate. "Como não dava para acordar cedo, acabei abandonando o futebol".

Tanto melhor para a música. Lindembergue passeou mais uns tempos pela música popular, até mergulhar durante 10 anos em estudos de teoria, canto, instrumentos, regência e composição na Universidade Federal da Bahia, sob orientação de Ernst Widmer. Hoje, aos 40 anos, ele volta sempre aos institutos de música da UFBa e da Católica de Salvador para ensinar. E acaba de dar a última penada a seu Opus 65, já entregue para os ensaios.

GILDO LIMA

Lindembergue Cardoso, "nordestino e gregoriano"

Durante a celebração eucarística que o João Paulo II presidirá no Centro Administrativo da Bahia, dia 7 de julho, 500 vozes de corais diversos especialmente reunidos para a ocasião entoarão — contra o pano de fundo de um órgão, mais atabaques e agogôs — a sua *Missa João Paulo II*, a quarta que compõe. "O próprio título já é meio cordel", comenta Lindembergue, que semeou "temas melódicos e harmônicos baseados em modos nordestinos, de grande semelhança com o canto gregoriano" pelas cinco partes da obra: *Senhor*, *Glória*, *Santo*, *Bendito*, *Cordeiro*.

Eclético, o compositor apresenta-se agora em junho em Washington, num festival de teatro de marionetes. E explica assim as vantagens de ter trocado a música popular pela chamada erudita: "O músico popular vale-se muito de estimulantes: na minha época o álcool, hoje coisas mais pesadas. Na música erudita, é preciso estar lúcido e consciente, o que me permitiu deixar de beber". (ROBERTO GONÇALVES, Salvador) ■

Gian quer Papa vestido de terno

Colarinho e colete, paletó com quatro botões encobertos, lapela arrendondada, dois bolsos, tudo confeccionado em *cashemere* de pura lã, na cor manteiga, acompanhando calça do mesmo tecido e cor. O *clergyman* criado para o Papa Paulo VI serviria para João Paulo II vestir durante sua visita ao Brasil, respeitadas, naturalmente, as medidas. É, pelo menos, o que acha o *alfaiate/costureiro* (ele faz questão de frisar) Cristian Gian, nascido na Itália e há dois anos em Porto Alegre.

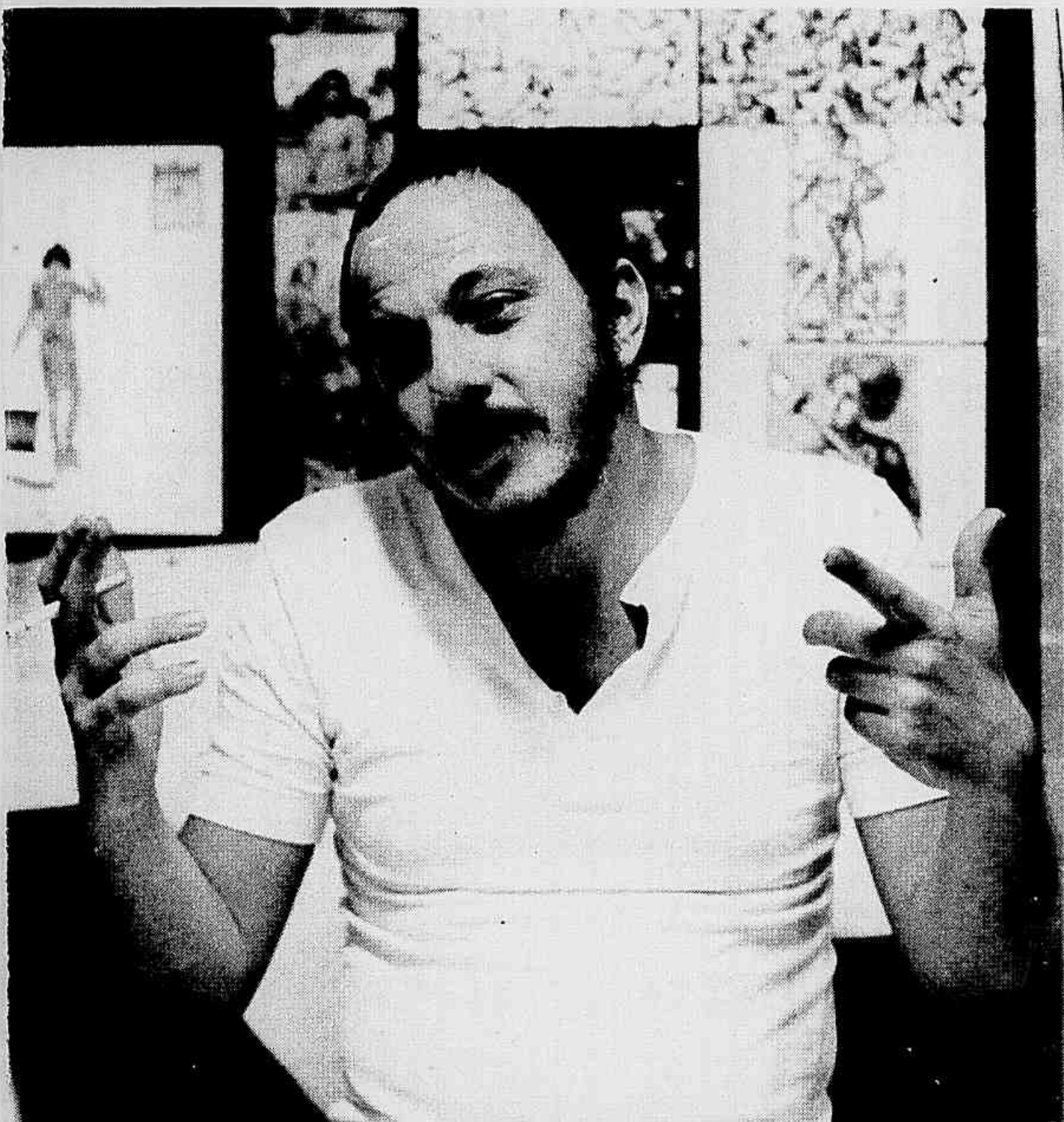
"Aconteceu em 1966, quando realizava-se em Roma o Concílio Ecumênico", explica. "Decidiu-se mudar os trajes dos padres e freiras e, entre os seis costureiros que apresentaram sugestões, a minha foi a escolhida. Pedi então ao Vaticano para fazer a roupa de viagem de Paulo VI. Deu certo, o Papa gostou". Cristian se define como "um costureiro clássico que nunca sai de moda", e nunca faz distinção de "sexo, tecido e estilo". E espera que a vinda de João Paulo II ao Brasil estimule o clero a vestir-se melhor, "de maneira mais adequada aos representantes de Deus". O que, segundo ele, se resumiria a uma calça cinza ou preta, "confeccionada em tecido leve e prático, com um paletó fechado na frente por quatro botões encobertos e lapela arredondada".

RUBENS BORGES

Cristian Gian, "representantes de Deus"

Na loja de Cristian Gian, o traje pode ser encomendado por Cr$ 5 mil.

Católico ("apostólico, romano"), o alfaiate conheceu João Paulo II em Ostia, na época da eleição de seu antecessor. "O Papa atual é uma pessoa comunicativa e esportiva", conta. Por isso, considera que em função das muitas viagens que o Sumo Pontífice tem feito, "melhor seria que usasse um *clergyman*, "mais prático para estar no meio do povo". Quanto à moda leiga atual, ele a considera "horrível", pois "a roupa tem de vestir o corpo e não o corpo entrar na roupa".

Em sua primeira estada no Brasil, Cristian Gian assinou durante sete anos, de 58 a 65, uma coluna semanal em *Ultima Hora*, em que prodigalizava conselhos sobre moda, maquilagem, postura e boas maneiras. E recorda, com orgulho, a fantasia que confeccionou para o carnaval de 1964: "Chamava-se Moisés-Miguel Angelo e tirou o primeiro lugar no Municipal do Rio em luxo e originalidade".(CLAUDIA NOCCHI, Porto Alegre) ■

Luiz Carlos Ripper, *"floresta da janela"*

ARI GOMES

Ripper, no verde, pensa em Guarani

Foi no cinema que o cenógrafo Luiz Carlos Ripper ganhou o domínio do espetáculo. Aliás, como ele gosta de lembrar, nasceu numa noite de sábado em frente ao Cine Metro Copacabana, onde naquela noite a fila era longa para ver *E o Ventou Levou*. Sem nunca perder o fôlego, Ripper passou da direção de arte de diversos espetáculos — sobretudo filmes — para a direção de cena. Depois de ganhar alguns autorizados cumprimentos pela direção de *El Dia Que Me Quieras*, do venezuelano José Ignacio Cabrujas ("Não somos nós que tocamos o piano; mas somos nós que dançamos"), ela agora volta à cenografia e figurinos. Prepara *O Guarani*, o projeto da Funarj no Municipal, a ser dirigido por Sérgio Brito.

Luiz Carlos Ripper sempre buscou elementos brasileiros em suas cenografias. "Para que consumir tanto?", pergunta ele, e argumenta: "Aqui no Brasil sempre vivemos o mito de que lá fora está a solução de todos nossos problemas". E, com seu militante pensar ecológico, evoca Carlos Drummond de Andrade quando fala de Itabira: "Uma cidade pequena e orgânica que de repente sucumbe em nome da modernidade".

Este tema o persegue; adversário das megalópoles, Ripper conseguiu encontrar uma floresta da janela de sua casa em Copacabana; mas trabalha no meio de uma outra, no Parque Lage, onde dá aulas no Inearte. Destes matagais interiores e exteriores já saíram as cenografias de *Capitu, Fome de Amor, São Bernardo, Xica da Silva, Azylo Muito Louco, Como Era Bom o Meu Francês*, para citar apenas alguns. E sairá também o visual de *O Guarani* — tema perfeitamente adequado às preocupações do cenógrafo. (ROSE ESQUENAZI) ■

Estilo

RAZÕES DOS QUE CULTIVAM SUAS RAÍZES NO RIO

Os bairros cariocas criam gostos e devoções, plurais como a cidade e sua gente

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU ■ FOTOS DE EVANDRO TEIXEIRA E ROGÉRIO REIS

Ser plural ainda é qualidade do Rio de Janeiro. Apesar da deformação de suas feições, apesar de um desordenado crescimento urbano, apesar de suas repetidas crises financeiras, o Rio é uma cidade capaz de abrigar magias e chamarizes variados, de oferecer condimentos específicos a cada gosto, a cada tradição.

Aos sabor dos desígnios do coração ou do cérebro, os cariocas — transplantados ou não — vão-se distribuindo no que Caetano Veloso chamou — "um gueto em torno da Lagoa Rodrigo de Freitas", cada um com sua razão determinada, cada um sob um feitiço diferente. Nelson Rodrigues, por exemplo, confessa-se fascinado até hoje pelo mar de Copacabana: "Acho que me afoguei em encarnações passadas." Maria Clara Machado perpetua a tradição de seu pai Aníbal levando a vida típica da *ipanemeira* que em dias antigos cruzava alegre a Visconde de Pirajá em sua bicicleta atrás do bonde que saía do Bar 20.

E existem aqueles que aliam as determinações estéticas a razões de ordem prática, como Madeleine Archer e sua casa no Flamengo a 10 minutos do trabalho em área considerada cartão postal potencial. Ou os que buscam mais fundo suas motivações, como Austregésilo de Athayde em sua casa cercada de memórias de Machado de Assis e Alceu Amoroso Lima. E até aqueles que vêm poesia pura na simples história de seu recanto, como Pedro Nava.

No cômputo geral, fica a prova de que o Rio de Janeiro não é um só território estanque e uniforme, mas uma série de cantos que se interligam pela geografia, pela história, pela inevitabilidade. Pequenas repartições que, juntas, formam o Rio amado e odiado, como convier a quem nele morar.

Justiça seja feita: parte da própria história da cidade poderia ser contada por alguns poucos de seus habitantes. O casal Gilda e João Saavedra, por exemplo, proprietário de uma das últimas casas que sobreviveram à modernização da Avenida Atlântica, poderia testemunhar, junto com Carlos Drummond de Andrade, a extinção das casas em Copacabana. Salomão Manela, sogro do ex-Prefeito Israel Klabin, podia, como ex-morador da Avenida Presidente Wilson, enunciar as vantagens — bizarras — de um apartamento no Centro da mesma forma que a família Peixoto de Castro saberá compor sua ode à Tijuca; e com a mesma verve com que o empresário Olavo Monteiro de Carvalho, um dos diretores do Grupo Monteiro Aranha, delinearia uma écloga a Santa Teresa, colina onde sua família mora há mais de quatro décadas.

Afinal todos moram nos vários *Rios*, no meio de um Rio de Janeiro que se transforma e está em muitos aspectos ainda de buço à mostra. Cada um a seu jeito, por seus motivos, está nele há tempo suficiente para tornar-se indissociável do bairro, da cidade, do Estado. No mínimo, porque moram onde moram.

Cosme Velho

"Existem duas razões básicas para eu morar aqui. Primeiro, são as sugestões literárias do bairro. Aqui nasceu e morreu Machado de Assis, aqui morou Marcos Rebello, aqui morou Alceu Amoroso Lima. Depois, nessa rua nasceu meu sogro, José Joaquim de Queiróz Jr. Por isso é natural que todas as evocações nos trouxessem — minha mulher e eu — ao Cosme Velho.

Eu pensava também, e muito, na paz do bairro, na abundância de árvores, dos grandes espaços — veja que em meu terreno existe até uma fonte de água mineral — e, sobretudo, no sossego necessário a meu trabalho de escritor.

Até que a comprei, em 1942, a casa havia estado desocupada por quatro anos, mas o abandono não preocupava, porque aqui ficava o paraíso que correspondia a meu desejo de viver cercado de árvores. Mas o Cosme

Velho começou a mudar principalmente a partir da inauguração do Rebouças, no Governo Carlos Lacerda.

Perdemos um bocado do silêncio, mas jamais abriremos mão desse pedaço de chão onde se criaram meus filhos, dessa massa de oxigênio que revitaliza o organismo. "

AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE — Escritor

Flamengo

" Aos 15 anos, eu morava no Flamengo e prometi a mim mesma: quando fosse gente, jamais moraria aqui. E olhe só onde estou. Depois de 10 anos morando em Nova Iorque, Índia e Paris, e seis anos em Copacabana, vim para esse prédio, há menos de dois anos.

Para quem trabalha no Centro da Cidade, como eu, é ótimo porque fica na metade do caminho de quem vem da Zona Sul, o que faz com que eu possa almoçar em casa com minha filha quase sempre.

Como vista, o Flamengo ainda é o cartão-postal do Rio, mas está longe daquele Flamengo arborizado abundante de minha infância; naquele tempo, quando havia apenas o primeiro aterro, existia uma fila dupla de árvores com uma raia de areia no meio para se andar a cavalo. Isso já acabou, mas o Flamengo continua bom para o meu temperamento.

Quando quero ir à praia, prefiro ir ao Leme, em vez de perder uma hora no engarrafamento indo para Ipanema; simplesmente me recuso a ir à praia em Ipanema. "

MADELEINE ARCHER
Relações Públicas

Largo do Boticário

"Eu não moro no Largo e, sim, no Beco do Boticário. Aqui, nesse edifício, era a casa de meu bisavô, José Joaquim de Queiroz, e desde pequena me acostumei ao lugar por visitas com meus pais. Há 20 anos moro aqui. Primeiro fui dona de um terço da casa, que foi dividida em pequenos apartamentos, e, aos poucos, fui aumentando, até que a casa ficasse meio labiríntica, de tantas divisões modificadas. Permaneceram, sim, os pés-direitos altíssimos, essa vista belíssima e esse barulho de rio. Às vezes chegam amigos e perguntam se não está chovendo, mas é o rio.

Nasci e me criei na Rua Marquês de Abrantes e só saí de lá quando minha casa virou uma ilha cercada de edifícios por todos os lados. Reencontrei a paz aqui. A tranqüilidade daqui é uma conveniência da qual não abro mão, apesar da dificuldade de compras e abastecimento. Ainda mais eu, que fui criada em casa e já morei em apartamento. Não há nada que se compare à sensação de morar numa casa de verdade."

BARBARA HELIODORA
Professora

Barra de Guaratiba

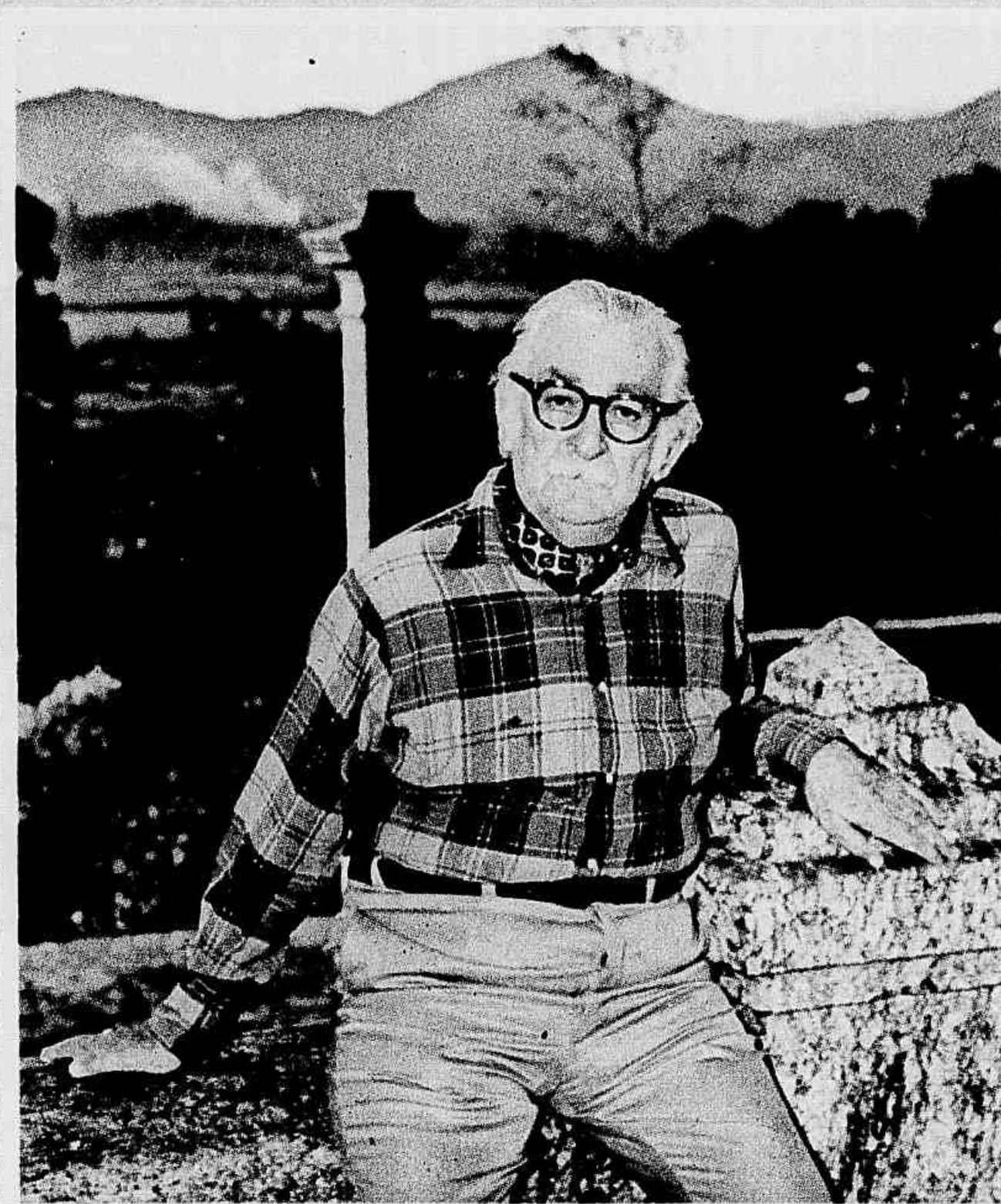
"Minha idéia inicial era achar um terreno que fosse farto em plantas, pedras e água. Eu morava, há 30 anos, dentro da antiga fazenda do Leme e, em 1949, achei esse terreno de 1 milhão de metros quadrados, comprei-o com meu irmão Zigfried, e achei que era o ideal. Meu irmão nunca foi muito de vir aqui, a não ser nos sábados e domingos. Ele prefere a cidade.

Mas era aqui que eu queria ficar, nesse terreno a 40 metros acima do nível do mar; era tudo que eu precisava para minhas plantas. Além disso, consigo aqui uma paz, um sossego para trabalhar, para pintar, para descansar, que não achei em nenhum outro lugar.

Há até 10 anos, isso era apenas casa de campo, que só era visitada nos fins de semana e, pouco tempo depois, foi sendo transformada em residência fixa. Hoje dou festas aqui, moro, trabalho, descanso, com essa linda vista da Barra de Guaratiba e uma capela do século XVII ao lado.

Na verdade, sempre fugi do tumulto, da cidade. Nasci em São Paulo e saí de lá em 1914, quando ainda não existiam arranha-céus. Saí do Leme quando ele começou a ficar muito agitado e estou aqui, sem planos de me mudar. Estou numa idade em que todo esse barulho, essa zoeira da cidade, deixa de ser um barato e passa a custar muito caro.

O Lúcio Costa diz até que sou o Senhor da Barra de Guaratiba. É um gozador."

BURLE MARX
Paisagista

imóveis em revista

ENGENHO DE DENTRO
ED. AVIGNON

VARANDA, 2 QTOS., GARAGEM, POR CR$ 1.806,00 MENSAIS.

Na Rua Daniel Carneiro, um apartamento com varanda e muito espaço, para você morar bem. TPV 224.

ANTECIPE-SE: JÁ ESTAMOS ACEITANDO RESERVAS.

FLAMENGO

NOVO, ENTREGA JÁ - Rua Marquês de Abrantes, 88; salão, 2 quartos com garagem. Prédio com salão de festas, playground, sauna, todo conforto para o lazer. Pequena entrada, saldo em 180 meses (pode usar o FGTS), informações no local até as 20 hs. inclusive aos sábados e domingos, ou na TECNILAR TVP-107.

TIJUCA

JUNTINHO À PRAÇA SAENS PEÑA - Rua Conselheiro Zenha, 58. Prédio de luxo em centro de terreno recuado com playground para a criançada. Apt.º 173 m², salão, 3 quartos, 2 banheiros, 1 suite, dependências e garagem. Perto de tudo. Financiamento em 180 meses. Informações diariamente no local até as 20 hs, ou na TECNILAR. TPV-126.

EM RUA TRANQÜILA E ARBORIZADA, JUNTO À SAENS PEÑA, sala com 2 ambientes, 2 quartos, cozinha, área, dependências, com garagem. Financiamento direto s/ comprovação de renda, ou através de financiamento em até 15 anos, podendo usar o FGTS. Construção VIMAR. Informações na TECNILAR. TVP-147.

MADUREIRA

A GRANDE CHACE COM PEQUENA ENTRADA E MENSALIDADE DE Cr$ 2.000,00 - Apt.º de sala, 2 quartos, dependências com garagem. Predio em centro de terreno cercado de jardins, no coração de Madureira, entrega em 05/01/82, Rua Firmino Fragoso, 101. Maiores detalhes no local ou na TECNILAR até as 20 hs, diariamente TPV-174.

BOTAFOGO

ÓTIMO 3 QTOS., SALÃO, 2 banheiros, copa-cozinha, área serv., depend. completas, vaga garagem. Prédio semi-novo, com recuo de 15 metros, em meio a jardins. Sol da manhã. Bom preço, com financiamento. Informações na TECNILAR. TPV 226.

GRANDE OFERTA

RUA ITACURUÇÁ, NOVO, 4 qt.ºs (1 suíte), salão c/ tábuas corridas, toilette, banh. soc., copa-coz., 2 qt.ºs empr. e 2 vagas garagem. Prédio centro terreno, esq. alumínio, vidros fumê, salão de festas, telefone interno, acab. de luxo. Infs. na TECNILAR. TPV-217.

RUA ITUVERAVA

JACAREPAGUÁ. CLUB PRIVADO PARA RECREAÇÃO/ COLÔNIA DE FÉRIAS DE GRANDES EMPRESAS.

Belíssima propriedade de 7.700 m² c/ 3 residências de luxo, casas de hóspedes e de caseiro, piscina, sauna, ducha escocesa, sl. repouso, vestiários, bar, cpo. futebol, quadra polivalente, área recreação, restaurante, churrasqueira, boate, garagem p/ 10 carros, jardins e árvores frutíferas. Marcar visita com a TECNILAR. TPV 220.

IPANEMA

Ponto nobre da VIEIRA SOUTO, construção da REAL ENGENHARIA, magnífica mansão suspensa com 260 m2 de área útil. Parte social com 120 m2, varandão com vista para a praia e o mar. Salão, living, sala, lavabo, galeria, 4 dormitórios com armário, 1 suite com 26 m2, 3 banheiros, sala de almoço, copa-cozinha, área de serviço, lavanderia, 2 quartos de criados com 5 m2 cada e 3 vagas de garagem. Visitas e maiores detalhes com a TECNILAR. TVP-223.

COSME VELHO

À RUA COSME VELHO, 625 - 1 ou 2 qtos., excelente localização, ótimo acabamento, somente 2 por andar. Prédio em centro de terreno, magnífica vista. Financiamento até 180 meses, podendo usar FGTS. Informações diariamente no local até 21 hs ou na TECNILAR TPV-149.

NA PRAIA DO FORTE, vista maravilhosa, de frente para o mar, pertinho do Malibu, junto à 13 de Novembro. Varanda, sala, 1 quarto, outro reversível, copa cozinha, área, dependências e garagem. Condições facilitadas, saldo até 120 meses, use seu FGTS. Maiores detalhes na TECNILAR. TPV-101.

AV. CANAL - PRAIA DAS DUNAS BAIRRO DO BRAGA. Ed Genus, sala, 2 quartos. dependências. Construção SYBETON, o mais barato de CABO FRIO em condições excepcionais. Reserve este de Cabo Frio para você, e curta suas férias pagando com seu FGTS. Informações na TECNILAR TPV-209.

MARINAS DO CANAL: UMA ILHA PARTICULAR, UM CAIS PRIVATIVO E TODA A BELEZA DOS CAMINHOS DO MAR DE CABO FRIO. Umas poucas áreas de 1.000 2 em ilha particular com cais privativo para a marina da sua propriedade. Você chega de carro por ponte de acesso a rua particular ou de barco pelo mar. No ponto mais nobre do canal de Cabo Frio, Próximo ao Clube Costa Azul e em frente à Moringa e à Ogiva. Completa infraestrutura de habitação, com luz e água encanada. Informações na TECNILAR TPV 206.

JACAREPAGUÁ

ESTRADA DO PAU FERRO, 255, trecho nobre, próximo ao comércio, com 2 varandas, 2 quartos, 1 suíte, 2 banheiros, dependências e garagem. Prédio de luxo em centro de terreno, apenas 4 por andar, salão de festas, playground, (construção com a qualidade MAROT SOAREZ). Também cobertura com 3 quartos em andar exclusivo, com 3 vagas. Financiamento em 15 anos pelo BANERJ, detalhes com a TECNILAR. TPV-177.

MÉIER

APTO. DE 1 OU 2 QTO.ºS, C/ GARAGEM, rua residencial próx. centro comercial Méier. Prédio centro de terreno fach. decorada, 2 elev, salão festas, playground. Entr. Cr$ 42.831,00 (2 qts). Rua Capitão Resende, esq. Com Miguel Fernandes. Infs. no local (incl. sáb e dom) até as 21 hs. ou na TECNILAR. TPV-180.

TIJUCA

ENTREGA JAN. PRÓX., salão, 3 qts (suite), varandas e 2 vagas garagem. Também coberturas duplex com piscina e solarium. Mensais, fixos, a partir de Cr$ 14.040,00. Na Rua Valparaíso, 82, o trecho mais nobre e residencial da rua. Informações diariamente, das 9 às 22 horas, no local ou na TECNILAR. TPV 218.

IMÓVEL EM DESTAQUE

ENTREGA IMEDIATA, NUMA RUA SUPER-TRANQÜILA, ÓTIMO APT.º NOVO, SALÃO, 3 QT.ºS (1 SUÍTE), 2 VARANDAS, 2 VAGAS GARAGEM. APENAS 170 MIL DE SINAL E MENSAIS, JÁ MORANDO, DE 24.246,00 C/ FINANC. DIRETO S/ COMPROV. RENDA. RUA ANTONIO PINTO DA MOTTA, 100 (ENTRADA PELA BARÃO DE ITAPAGIPE ENTRE BISPO E DELGADO DE CARVALHO). INFS. NO LOCAL (INCL. SÁB. E DOM.) DAS 9 ÀS 21 HS. OU NA TECNILAR. TPV 201.

GRAJAÚ - CASA PARA USO COMERCIAL, ÓTIMA P/ CLÍNICA OU MÉDIA EMPRESA

Ideal para uso comercial, excelente casa, ótimo estado, em centro de terreno, à Rua Eng. Richard, em área de 10 x 35 (350 m²). Construída em 2 pisos, tendo no térreo um salão mais uma sala, lavabo, cop-coz. e dependências e no andar sup. 3 salas c/ banh. (suítes), mais 1 sala e varanda. Nos fundos, 3 salas, 2 banh. depósito, estacion. p/ 4 carros. Marcar visita com a TECNILAR. TPV 216.

Vendas **tecnilar**

Rua do Carmo, 7/17.º andar
Tels.: 263-9422 / 221-1491
221-1494 / 242-0876
Walmir Ferreira - CRECI J-0984

A Central de Informações TECNILAR funciona diariamente das 8 às 20 h Sábados e domingos somente pelos tels. acima.

SGB

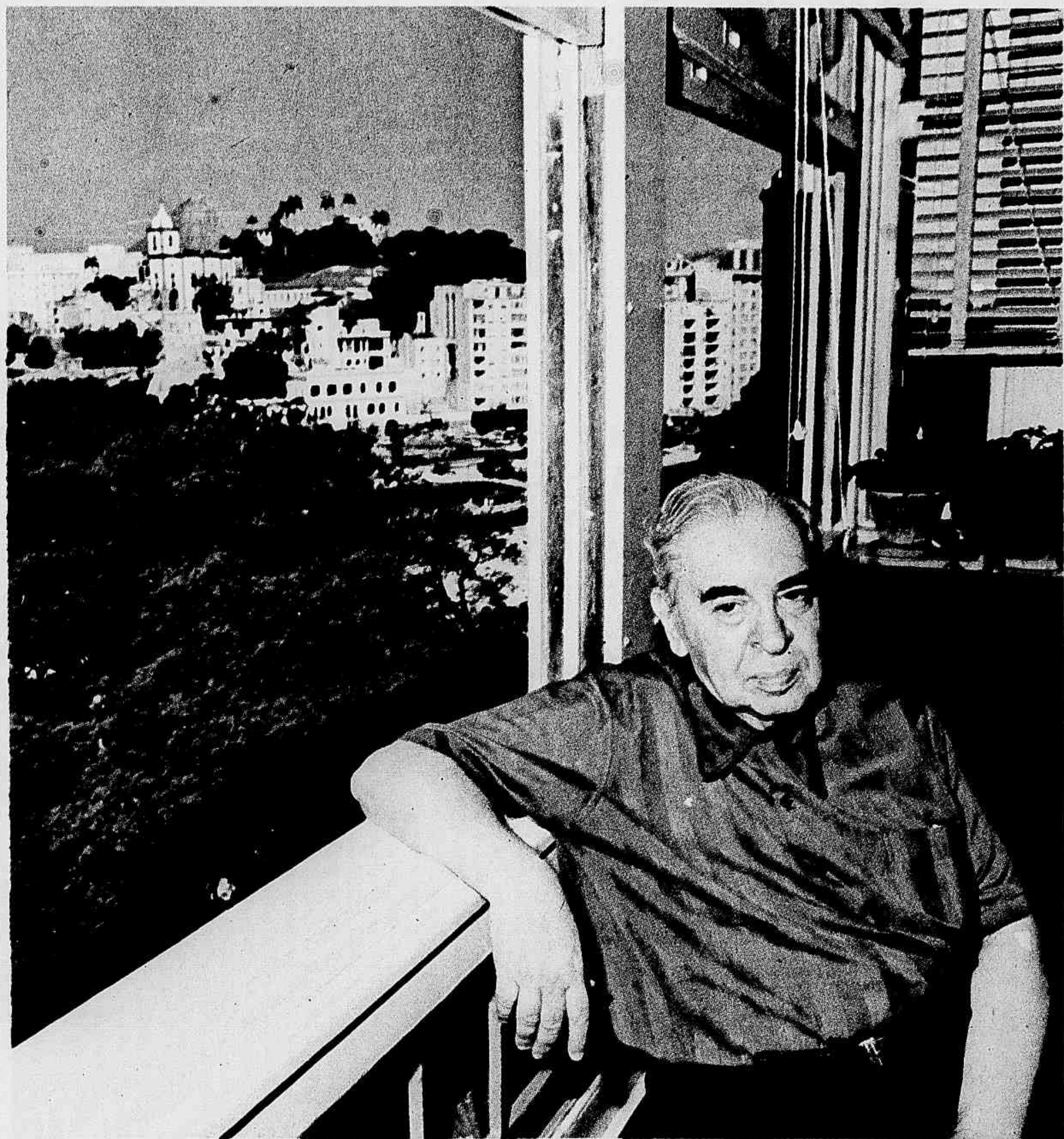
Com um anúncio a cores, nesta página, a Tecnilar vende rápido o seu imóvel.

Ipanema

"A minha vida inteira andei de bicicleta em Ipanema, desde o tempo em que morava com meu pai na Visconde de Pirajá. Era uma delícia, descíamos, eu e minhas amigas, a Pirajá de bicicleta, no ziguezague, no meio dos trilhos dos bondes. Chegávamos, às vezes, a apostar corrida na Visconde de Pirajá, veja você.

Daí que, quando saí da casa de meu pai Aníbal, eu queria continuar em Ipanema a todo custo. Isso foi há oito anos, quando começou a invasão de Ipanema, uma invasão que parece até coisa de insetos na plantação: de repente, todo mundo ficou com ciúmes de Ipanema e isso aqui ficou um transtorno só. Mas, mesmo assim, ainda existiam o mar e a Lagoa.

Hoje sou a dona do Jardim de Alá e mantenho minha rotina ipanemeira de ir à praia e passear muito com o meu cachorro. Moro sozinha, mas considero toda Ipanema minha família e reparto um pouco da tristeza do ipanemeiro que vê seu bairro transformado nessa loucura que é hoje. É claro que a Ipanema de agora pouco lembra o que era o bairro há 10 anos. Mas, acredite, de manhã, com os passarinhos cantando nessa árvore aí em frente, parece que ainda estou morando na boa Ipanema de antigamente."

MARIA CLARA MACHADO
Teatróloga

Glória

Quando me casei, há 38 anos, minha mulher já era proprietária desse apartamento e, desde então, pouca coisa mudou aqui. Sou muito tradicional e meticuloso. Não gosto sequer que mudem de lugar os objetos da casa. Talvez por isso, não compreendo mais o que significa sair daqui, embora hoje a Glória tenha deixado de ser um endereço como antigamente. Mesmo a contemporaneidade com 300 anos de Rio de Janeiro, mesmo com seu lado profundamente carioca, a Glória ficou perigosa.

Moro exatamente no fundo do recôncavo feito artificialmente para a atracação de pequenas embarcações; o cais é hoje a parede da garagem. Era um edifício exclusivamente residencial, mas agora é quase todo tomado por escritórios. Restaram apenas cinco famílias, incluindo a minha. Houve época em que, de minha casa, tinha uma das melhores vistas posteriores e laterais do mundo — quase 360 graus do Castelo e Santa Teresa.

Mesmo sendo carioca amador como Carlos Drummond de Andrade e Luis Jardim, falo na nomenclatura antiga do século que hoje choramos e estou preso definitavamente à Glória. É daqui para o cemitério.

PEDRO NAVA
Médico e escritor

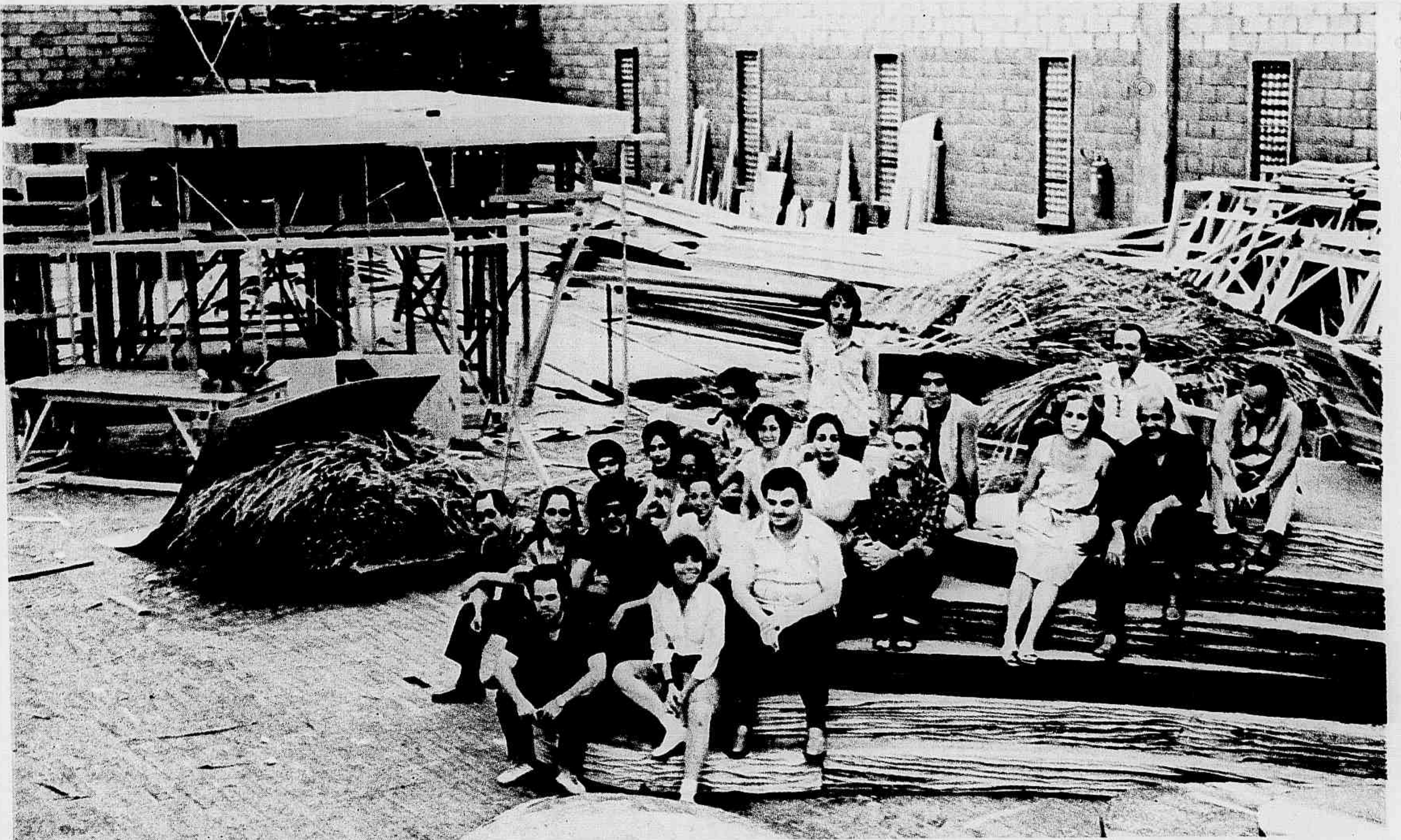
Lagoa

Antigamente eu morava numa vila que ligava a Avenida Atlântica à praça Serzedelo Correa, esquina de Siqueira Campos e, como minha casa ficava abaixo do nível do mar, sempre que havia ressaca o mar invadia a sala. Sempre morei na orla marítima ou perto dela e conheci as quatro gerações de edificações em Copacabana, dos chalés aos bangalôs, os edifícios de seis andares e, no pós-guerra, os edifícios com mais de 12.

Quando mudei-me para a Lagoa, em 1969, ainda não existiam esses gabaritos esquizofrênicos que variam de acordo com o humor dos prefeitos e já houve época, bem antes disso, quando era possível pescar na Lagoa — tainha, principalmente, que havia o ano inteiro — e

até nadar-se nela. O que hoje soa impossível. Para ter-se uma idéia da destruição da Lagoa, o espelho dágua foi reduzido a cerca de um terço do original. O Rio, como cidade, só sobrevive a si mesmo por sua rica vegetação; a vida urbana, coitada, essa torna-se cada vez mais decrépita.

O Rio difere de São Paulo porque não é um burgo podre sem história e, sim, um lugar constantemente humilhado e rebaixado. Como a Lagoa que, por vocação, era um viveiro de peixes — havia até uma colônia de pescadores, coisa de que muita gente se esquece — mas, em breve, o próprio problema da mortandade será resolvido. Ou porque não haverá mais peixe, ou porque não haverá mais Lagoa.

ANTONIO HOUAISS
Escritor

Operários da magia: carpinteiros, costureiras, escultores, pintores

Mestria

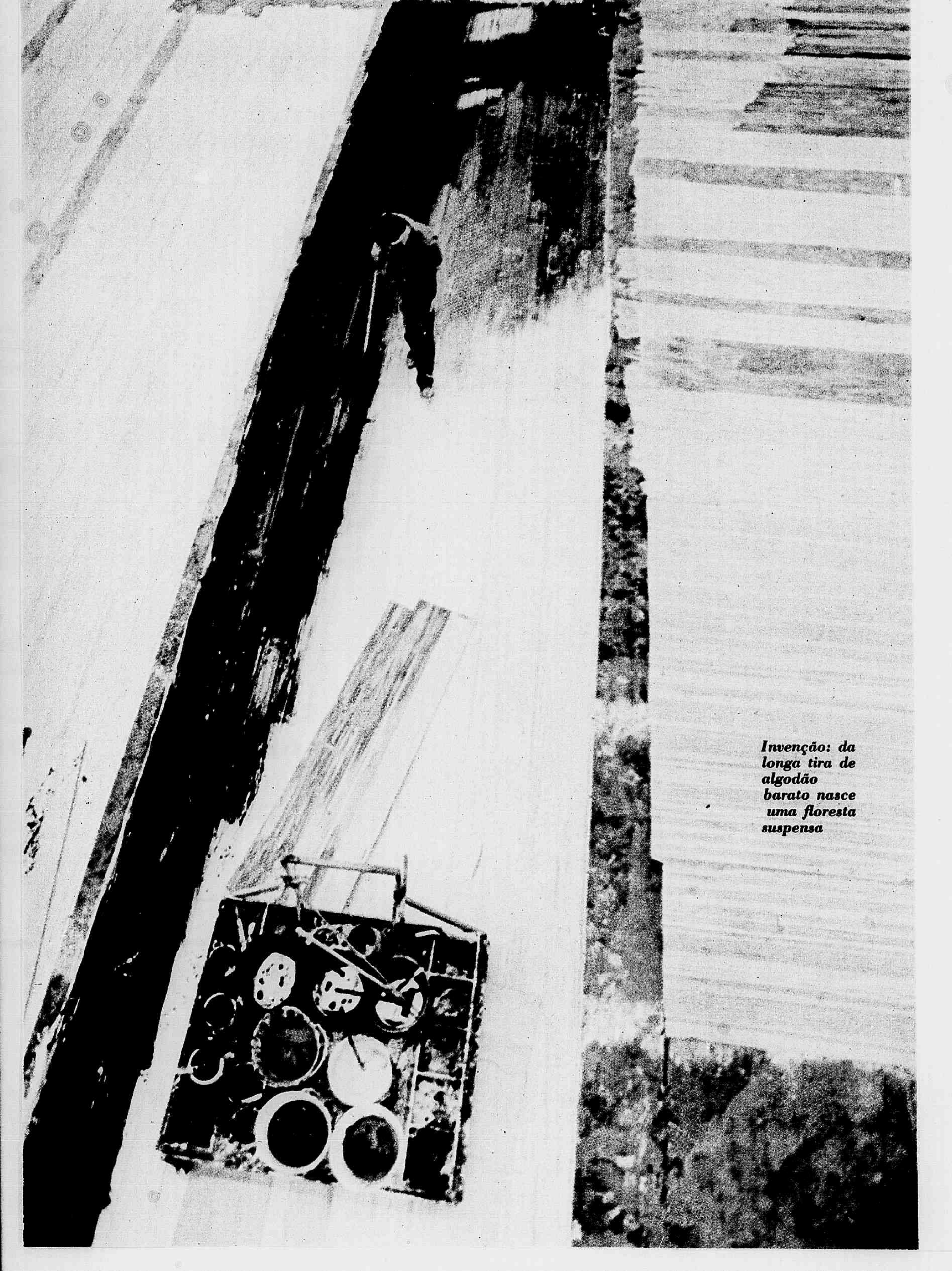
OS ARTISTAS DO LADO DO AVESSO

Numa sufocante oficina de Inhaúma, 122 artesãos fazem nascer castelos, tabas, bruxos e sílfides

Inventário: a arte tornada pano e madeira

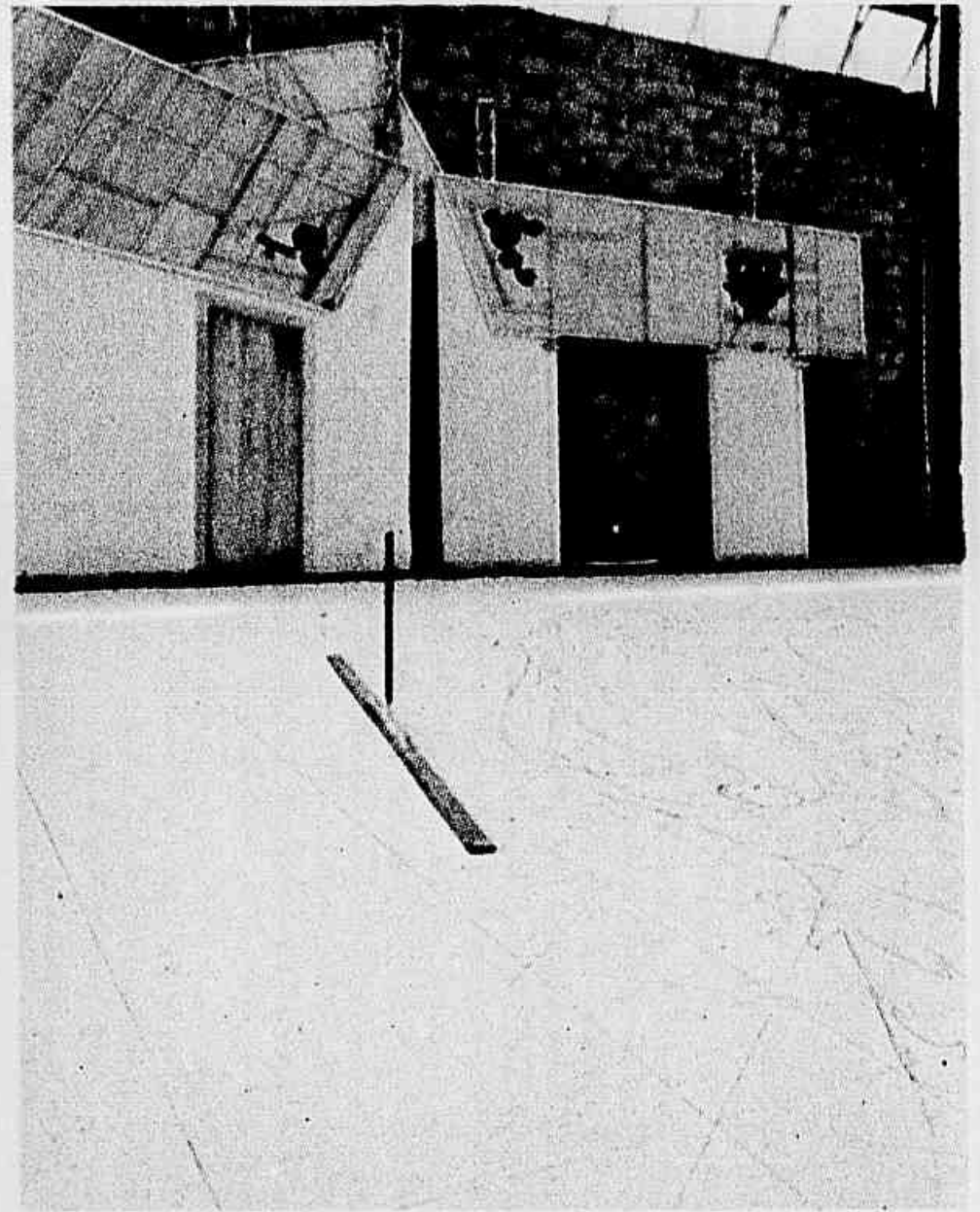
ANA MARIA BAHIANA
FOTOS DE ROGÉRIO REIS

O gigantesco anjo de pedra que guardava o Castelo dè Sant'Angelo é de isopor e ergue para o ar, inútil e triste, sua espada de fibra de vidro. O candelabro aristocrático é de fibra, também, cada braço enrolado em fita crepe recebendo os últimos retoques de tinta aerosol branca. Sobre as duas poltronas de vime do segundo ato da *Traviata* repousa um jacaré de *papiermachê*. O diretor, cenógrafo, figurista Luís Carlos Ripper está com uma vassoura na mão e um balde de tinta vinílica azul na outra — a seus pés, na longa tira de talagarça previamente molhada e enrugada, está nascendo uma abstração em verdes e anis, com o auxílio de mais outras duas vassouras solícitas e muitos, muitos baldes de tinta.

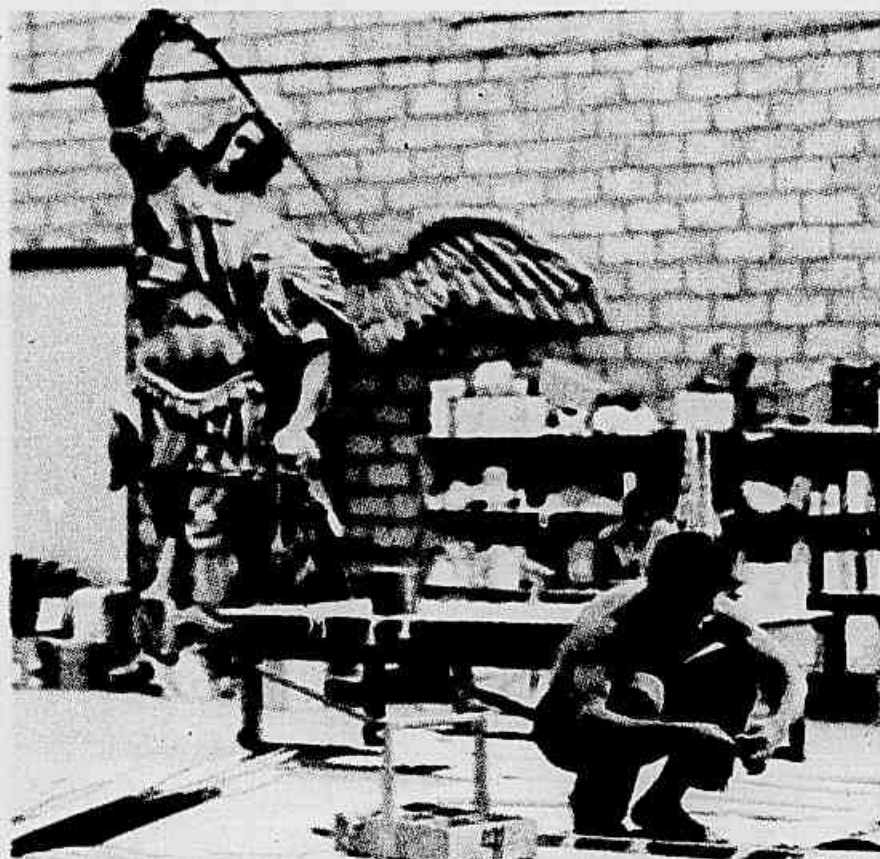
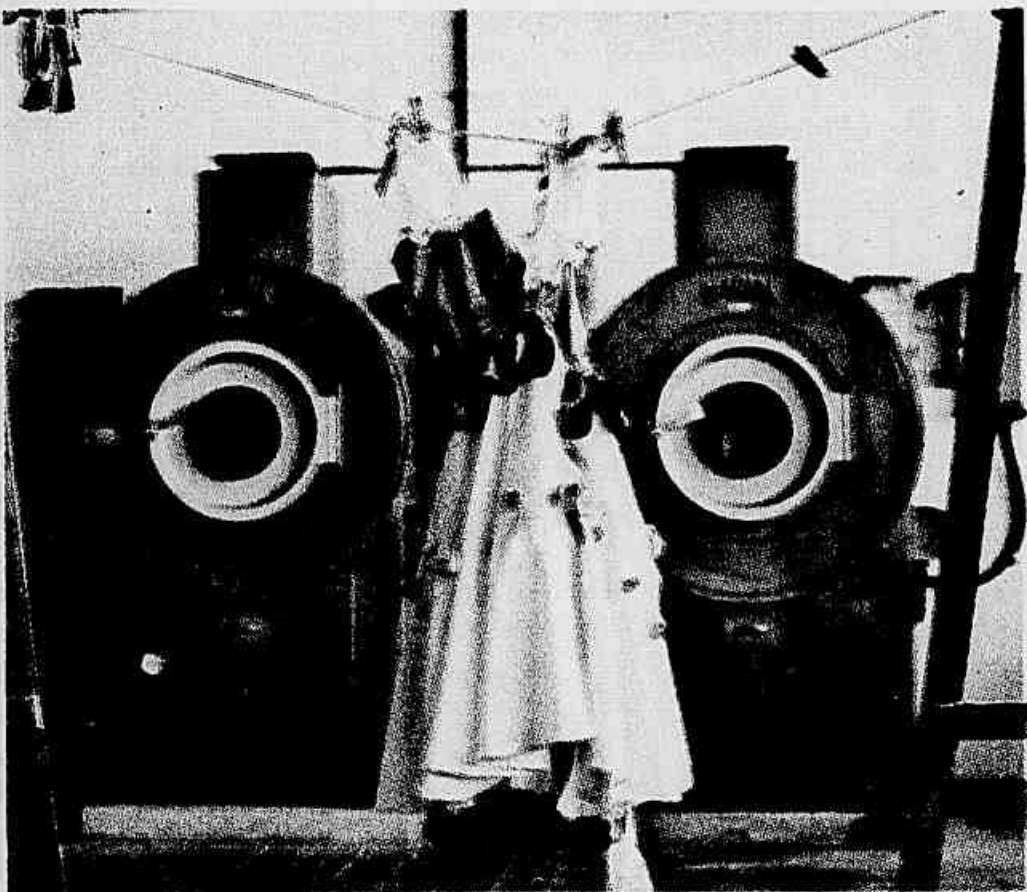
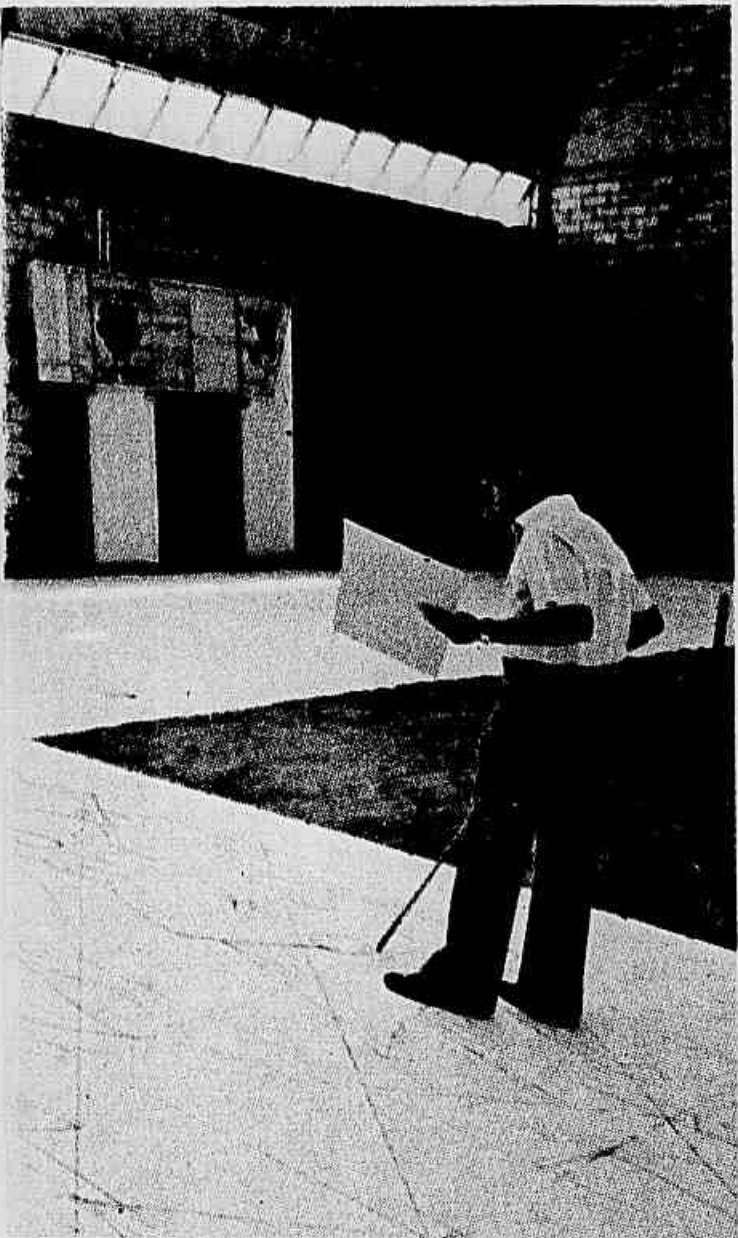
A substância dessa loucura é trabalho, e trabalho duro. Seu resultado final, magia. Em dois imensos galpões de tijolo e cimento, no sufocante subúrbio carioca de Inhaúma, 122 pessoas trabalham de segunda a sexta — ou de segunda a domingo, quando necessário — de oito às cinco e meia, para criar castelos, mandarins, cisnes, florestas, rainhas, salões principescos, choupanas, tabas, megeras e sílfides.

"Isto aqui é uma loucura", ri Tatiana Memória, enérgica e jovem do alto de seus anos, diretora da Central Técnica de Inhaúma, que fornece cenários, adereços e figurinos para os sete teatros da Funterj. "Tenho certeza que a pessoa que senta na platéia não tem a menor idéia do que realmente ela está vendo. Nem do trabalho que está envolvido em cada coisa daquelas".

A Central Técnica existe há três anos — nasceu com a reabertura do Municipal, conseqüência lógica da remodelação do teatro, que exigia a retirada das antigas oficinas, já congestionadas. Seus primeiros usuários foram os técnicos trazidos pelo cenógrafo argentino Oscar Figueroa, mas os dois grandes prédios só começaram a funcionar organizadamente uns seis meses depois, com a entrada em cena de Tatiana, ex-diretora de produção da Rede Globo e da TV Educativa. O fluxo de trabalho foi organizado: o pessoal foi

Invenção: da longa tira de algodão barato nasce uma floresta suspensa

Costurar para bailarina é fácil — repetição de corpos esguios

O pano de boca nasce do risco paciente -

Um zíper atrás resume a roupa compacta — truques de costureira

A contra-regra guarda invenções passadas

Solitários — o traje espera a fixação da nova cor, na tinturaria; o anjo de isopor monta guarda aos escultores da cenografia. Criativos — Divina e Domingo, peruqueiros, criam índios com cabelos de boneca.

— a precisão da cópia

— surrealismo espontâneo

Os materiais são plebeus: barbante, compensado, isopor. O segredo é talento, paciência e trabalho

dividido em duas equipes, a de apoio, que supervisiona e abastece todo o processo, e a de produção, "que faz", incluindo cenografia, adereçaria de cena, carpintaria, costura, acessórios de guarda-roupa, contra-regra, tinturaria, perucaria, maquilagem e manutenção técnica de som e luz. Preparou-se o arquivamento de cada produção — e, hoje, nas prateleiras da cenografia e nos armários do guarda-roupa, uma longa série de tabuletas monta guarda a todos os balés, óperas e peças que já passaram pelos palcos da Funterj.

E Inhaúma começou a se testar. "Nossa idéia, desde o início, era prestar serviços ao teatro. Não apenas aos teatros da Funterj, mas a qualquer um, ao particular também", explica Tatiana. "Só não fizemos isso até agora porque não sabíamos qual era nossa real capacidade de trabalho. A gente não ia fazer pros outros antes de saber se podíamos fazer pra nós, não é?"

Hoje Tatiana e sua equipe já sabem — em 50 dias, produziram os 270 trajes das 180 personagens da ópera *O Guarani*, e os intrincados cenários desenhados por Luís Carlos Ripper, com suas cortinas transparentes que abrem e fecham como íris humanas e sua mãe floresta de longas pernas em forma de escadaria. Foram 120 quilos de palha, 250 de barbante, 5 mil metros de sarrafo, 1.800 metros de tela. Ao mesmo tempo, confeccionaram os cenários e figurinos de quatro dos nove balés previstos para a temporada deste ano: *Les Yeux de Degas, Sarau de Sinhá, Le Boeuf Sur Le Toit* e *O Mandarim Maravilhoso*. Com algumas horas extras e muitos fins de semana, é claro, "mas agora sabemos nossa capacidade real — sem maiores sacrifícios, podemos fazer três grandes montagens, digamos tres óperas, ao mesmo tempo."

A mágica nasce longe dali — em alguma sala, no Centro da cidade, são escolhidos os cenógrafos e figurinistas das próximas produções. Desenhados cenários e figurinos, os 122 artistas desconhecidos de Inhaúma entram em cena. Tatiana,Sueli Mandel, diretora da divisão de apoio, e Luis Carlos Silva da divisão de produção reúnem-se com os elaboradores do projeto — cada detalhe é esmiuçado, desde a concepção global do aparato cênico até o tipo de renda a ser empregado nas golas dos trajes. "Alguns cenógrafos são ótimos, já me dão tudo explicadinho, detalhadinho", diz Tatiana. "Mas outros fazem só esboços, aparecem com as listinhas das cores nuns pedaços de papel... aí eu tenho de rezar para ser tudo bem fácil de fazer, para dar tudo certo, no tempo certo.

Uma detalhada maqueta do cenário é executada. Todos os envolvidos na produção tomam conhecimento dela, e Sueli providencia para que recebam resumos das obras em questão — no caso do *Guarani*, era possível ouvir as árias e a súmula do libreto reboando pelos alto-falantes internos dos galpões, nos primeiros dias de trabalho.

A partir daí, é um ofício de formigas: talento e paciência. Os 27 carpinteiros e meio-oficiais, seguindo as minuciosíssimas plantas que Luís Antônio Fernandes Correa, encarregado do setor, extrai do plano básico, transformarão materiais corriqueiros — compensado, sarrafo — em escadarias de ferro batido, frontões coloniais, castelos. "Só para *Norma* foram 1 200 chapas de compensado", Luis Fernando diz. E aponta com orgulho as enormes escadarias que agora recebem os coloridos oníricos previstos por Ripper para seu *Guarani*. "*Tá* vendo essas escadas? A gente calculou cada degrau desses. Tem que ser leve, pra poder se movimentar em cena, mas tem que ser resistente também, porque o coro inteiro vai subir aí".

Helder Fernandes, artista plástico em Portugal, há dois meses no Rio, riscará sobre a gigantesca tela de algodãozinho — 23 m de largura por 18 m de altura — o desenho que o cenógrafo previu, numa folha de papel normal, para pano de fundo ou de boca. O carvão na ponta do caniço de madeira, o cachimbo na boca, o desenho original na mão esquerda, servindo de guia, ele reproduz pacientemente cada detalhe, cada volteio caprichoso, cada arlequim que Gilberto Motta inventou para a alegoria de abertura de *Le Boeuf Sur Le Toit*. A anilina preta cobrirá os traços, e uma demão de tinta vinílica branca uniformizará o fundo da tela, preparando-a para a delicada pintura em castanhos e beges que o projeto inicial prevê. "Este trabalho está acabando", Helder suspira. "Que teatros hoje podem se dar a este luxo? Hoje tudo é mais simples, só uns praticáveis, umas construções, mais nada..." No galpão ao lado, imensas tiras de talagarça, celofane e algodão são estendidas no chão milimetrado, medidas, cortadas e tingidas pelos 11 funcionários que obedecem ao comando de Dorloff Pereira da Silva. A tinta é a vinílica, comum, de parede. O pincel, freqüentemente, é uma vassoura. Pelo menos ali, no chão borrado, o efeito final daquelas longas estradas delirantes em azul e verde é deslumbrante.

Na oficina dos fundos, sob a guarda do anjo de isopor — "foi todo esculpido num bloco só de isopor, uma loucura" — José Carlos Couto, escultor, trabalhará com seus nove ajudantes para tirar ouro, mármore, carne e madeira do papelão e do plástico. As cuias, moringas e raladores indígenas do *Guarani* parecem barro mas são fibra de vidro. Os pilões de sólida aparência são isopor revestido de pano. Plástico e papel prateado modelam o corpo de um peixe. As aguerridas lanças e os maciços tacapes são fibra de vidro, mas receberam uma estrutura de madeira por dentro, "*pra* dar consistência e fazer barulho quando os coristas baterem com eles no chão". A resistência, José Carlos explica, é fundamental. "Porque senão, no ensaio mesmo eles quebram, ficam imprestáveis." José Carlos afaga uma lança, caprichosamente enfeitada com penas e tiras de

Entre no negóc

Um fascinante Shopping Center com dezenas de lojas. 2 festivas praças internas. Modernas escadas rolantes. Ar refrigerado. Música. No melhor ponto de Madureira.

Majestoso Edifício Comercial. Salas para consultórios e escritórios. Todas de frente. Todas acarpetadas. No melhor ponto de Madureira.

Maravilhosa avenida coberta, com 4.000 m2 de vitrinas irresistíveis. Madureira inteira vai passar aqui.

Duplo acesso, tráfego em dobro. Aqui: entrada pela Av. Edgard Romero, em frente ao Mercadão. Ao lado do Viaduto.

O lojista isolado não tem mais futuro. A concentração de dezenas de lojas vendendo de tudo gera uma atração irresistível para uma multidão de compradores.
O Madureira Shopping Days surge no melhor ponto de Madureira - o maior centro de compras do Rio, onde se arrecada mais ICM do que em Copacabana. Lojas, salas e garagens privativas para seu uso próprio ou para locação. Entre no negócio de Shopping Center: o negócio que dá mais. Venha faturar, faturar, faturar.

Madureira Shopping Days

Madureir
Shoppin
Days

Todo dia um festival de com

Tatiana (maquete do Guarani *atrás) dirige loucuras em ritmo de fábrica*

Produção concluída, os artesãos assistem o ensaio geral. Mas seu trabalho não terminou, está recomeçando

palha, cópia fiel dos *croquis* de Ripper. "Sabe, nem todo mundo tem com essas coisas o cuidado que devia ter. Muito corista acha chato trabalhar com isso, joga de qualquer jeito num canto. Não imaginam o trabalho que dá."

Das diligentes máquinas de costura e dos dedos hábeis de 28 costureiros e cinco artesãs sairão os *tutus*, as tangas, as anquinhas, as armaduras. No setor de costura, os materiais são quase sempre de verdade — "casimira da melhor", exclama José Levi Pinto, encarregado da alfaiataria, mostrando uma casaca recém-concluída. Os truques estão na confecção. "Tem que ser tudo compacto, *pra* pessoa trocar de roupa em um minuto", Levi explica, com a alegria de quem descobriu o segredo da brincadeira, ele que passou 35 anos costurando "para a rua" e em dois anos de alfaiate "de palco" só conseguiu cortar dois ternos, "e mesmo assim porque eram para o Paulo Fortes, que fazia o americano da *Butterfly*."

"Compacto" quer dizer tudo numa peça só, com um zíper atrás. "É completamente diferente da roupa de rua", Levi diz. "Uma casaca vira uma peça de calça, paletó, com a frente do colete, a gola e os punhos costurados. E quimono de japonês? Japonês usa uma roupa em cima da outra, mas aqui a gente fez um quimono só, com as golinhas das outras roupas costuradas, aparecendo."

Problema é decifrar os econômicos *croquis* dos figurinistas. "A gente fica naquela dúvida", explica a chefe do setor de costura feminina, Maria de Lurdes Garcia. "Os desenhos são muito bonitos, mas o que é uma dobrinha assim, uma risquinha? Uma pence? Uma prega? A gente é que tem de descobrir." E ainda há a questão das medidas — num grosso livro que mora na seção de guarda-roupa estão anotadas as medidas de todos os solistas, coristas e figurantes do elenco fixo do Teatro Municipal. "Bailarino é fácil," Lurdes conta, "porque todos têm mais ou menos o mesmo manequim, a gente corta rápido. Mas, e corista? Tem gente alta, baixa, gorda, magra. E mudam a toda hora. Teve uma corista uma vez que era tão grande que a gente teve de emendar duas fitas métricas para tirar as medidas."

No andar de cima, as cores impossíveis de serem encontradas em lojas ou fábricas serão inventadas na tinturaria. E os argentinos Antonio Domingo Lopes, Divina Lujan Soares e Toni Ruggiero — herança da equipe de Figueroa — mais a brasileira Leda Pires Santana criarão chefes indígenas, druidas, fadas e demônios com maquilagem, barbante, aparas de madeira e fios de lã. A maquilagem sairá esboçada de sua oficina, mas só será executada nos camarins do teatro, com o auxílio de mais cinco assistentes. É até fácil — apesar da dificuldade de obter bom material nacional — se comparada com a tarefa de inventar cabelo onde não há cabelo. "O cabelo humano é um luxo, uma coisa caríssima, difícil de obter, tem de ser importado", diz Divina. "Então nós trabalhamos com os materiais mais diversos. Estes índios, por exemplo, estão sendo feitos com *nylon*, tipo cabelo de boneca. E já fizemos umas tranças lindas, para *O Trovador*, só com fios de lã comum, de tricô". "Nossa sorte", completa Domingo, "é que temos a distância a nosso favor. Há pelo menos 15 metros entre a primeira fila e o palco. Todo mundo jura que aquilo tudo, em cena, é de verdade".

Freqüentemente, muito freqüentemente, todas as áreas se tocarão. Os penachos que adornam as perucas dos índios foram executados na adereçaria. As trabalhosíssimas tangas de barbante e ráfia que as artesães do guarda-roupa executam recebem canudos de papel, cópias perfeitas de madeira, criadas na cenografia. As diáfanas cortinas de cena que a cenografia prepara incluem uma malha delicada de retalhos, vinda da costura.

Finalmente, a produção estará pronta. O cenário completo será armado no grande galpão que reproduz as medidas do palco e, peça por peça, a partir do chão, começará a *subir*, pelas mãos de seus próprios construtores. No ensaio geral, orgulhosos, os 120 e tantos artistas do lado do avesso verão o produto de sua paciência brilhar por uma, duas horas. "Não sei quantos deles gostam de ópera ou balé", diz Tatiana, "mas sei que eles apreciam, e muito, ver como seu trabalho se encaixou na obra toda". (E muitas vezes seu trabalho não terminou ali. Uma substituição de última hora pode representar a reelaboração de uma ou várias peças do figurino. E Divina recorda, não sem orgulho, o primeiro ato da *Butterfly* que a obrigava a ficar escondida num armário, em cena, para soltar a peruca da protagonista entre uma ária e outra).

"São pessoas ótimas, e grandes profissionais. Têm orgulho do que fazem", Tatiana diz com satisfação. "A idéia é fazer daqui um lugar de formação de mão-de-obra especializada, e produzir também para particulares, a um custo muito menor. Agora já conhecemos nossa capacidade, nosso ritmo de trabalho. Isso aqui trabalha em compasso de fábrica."

E não deixa de ser: quando soa o apito das cinco e meia, seus operários deixaram para trás, construído, um império de ilusão. ■

No Parque Shinjuku, centro de Tóquio, o casal Ohira (centro) recebe 1 mil 500 convidados ao hanami (festa da floraç

Ritual

DANÇA E PROTOCOLO SO

ão das cerejeiras) oficial, o mais concorrido

B AS CEREJEIRAS

TEXTO E FOTOS DE ANILDE WERNECK, Tóquio

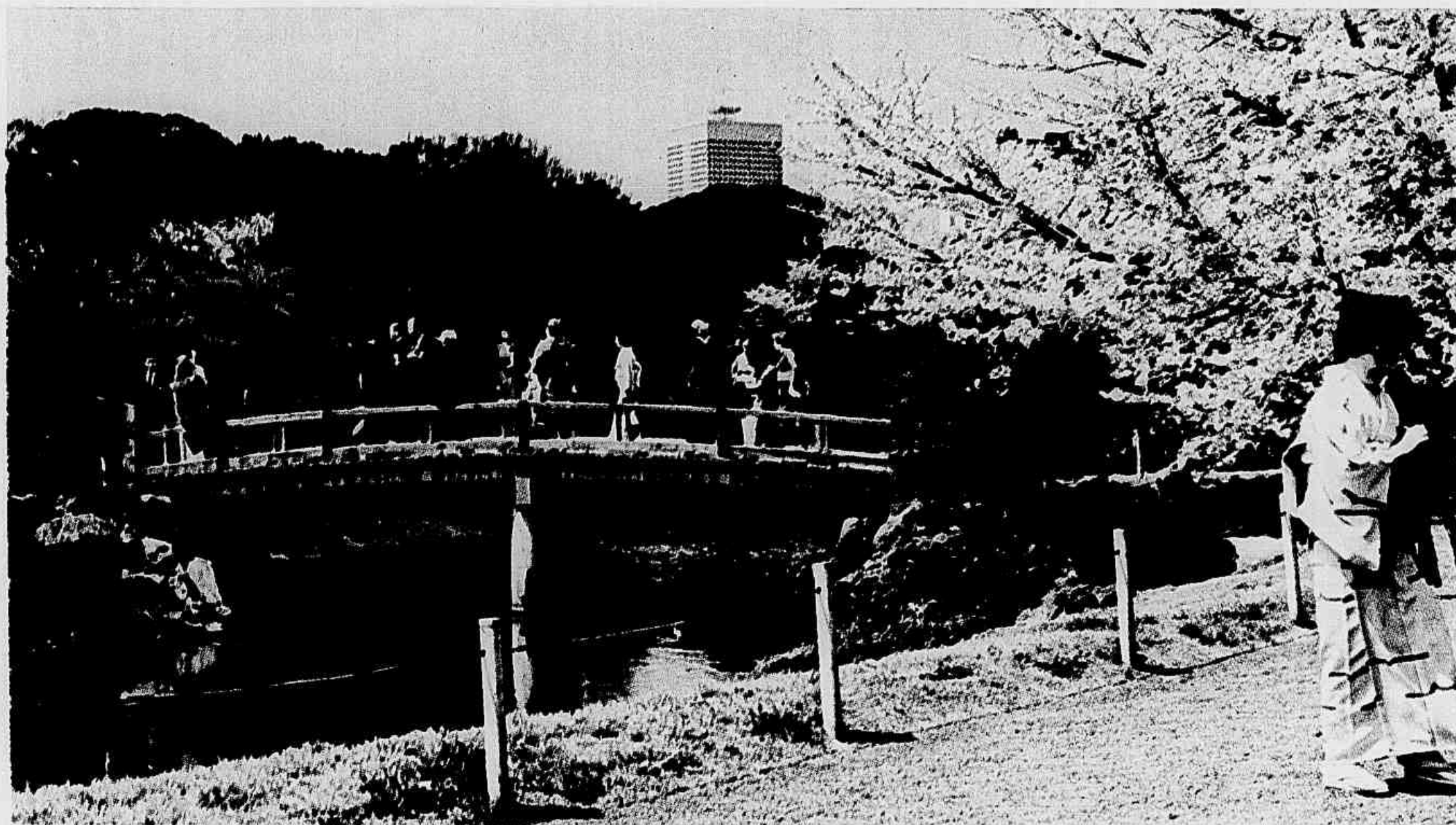
Na festa da floração, o "Premier" Ohira tentou ocultar um prematuro outono político

Pela expectativa que provoca e pela curta duração da alegria, o florescer das cerejeiras no Japão poderia ser por um brasileiro associado ao carnaval; embora mais hierática e solene, a festa não deixa de conter o mesmo tipo de espera: um ano inteiro, para quatro dias de beleza nos parques e montanhas. Resguardadas, é claro, todas as diferenças de expressão coletiva (não é à toa que os japoneses são os antípodas, em geografia e espírito).

O fato é que o *cherry blossoming* é orgulho nacional. Aqui se diz que não há outra floração igual em todo o mundo. Há séculos as cerejeiras em flor são música, poesia, pintura; marcam a época em que os japoneses se alegram, por mais ingênua, oriental e sutil que nos possa parecer essa composta manifestação de contentamento. Afinal, trata-se de um povo que não assobia nem canta, nem mesmo no chuveiro. E a cada primavera ele se solta, embalado a sakê e cerveja, sob as cerejeiras em flor.

A festa se chama *hanami* — literalmente, o apreciar as flores — e as flores no caso são só as da cerejeira, que tiveram seu significado ampliado através dos anos: não se faz *hanami* a não ser para a flor da cerejeira. E a reverência que a ela se devota é tanta que aqui não se planta a espécie frutífera; por isso os japoneses têm razão ao afirmar que o desabrochar das suas cerejeiras têm mais encanto que todas as primaveras européias.

No início de março, a agência de meteorologia começa a liberar o que pode ser considerada sua mais aguardada previsão: quando haverá a plena floração em cada parte do país; os jornais acionam seus repórteres, para que não deixem de registrar o surgimento dos primeiros brotos. E os comentaristas, mais

Durante três dias, um povo que não canta nem assobia celebra a primavera embalado por sakê e muita cerveja

O parque pertenceu a uma família rica antes de passar ao Estado

a gente da rua, demoram-se em conversas extensas sobre a estação; se está ou não atrasada em relação à do ano anterior; se haverá ou não uma fugaz onda de calor que precipite o desabrochar dos brotos numa determinada área. As revistas e televisões se somam à expectativa. E o japonês tem assunto para muitos dias.

Agora, todo o país tem mais assunto ainda. Pois nesta primavera tardia — o pleno desabrochar nos parques de Tóquio só ocorreu em fins de maio — o mais protocolar dos *hanamis*, o do Governo, chefiado pelo Primeiro-Ministro Masayoshi Ohira, marcou ao mesmo tempo o outono da carreira deste discreto servidor público. Como tantos de seus antecessores — Kakuei Tanaka, Takeo Miki, Takeo Fukuda — Ohira perdeu a confiança da Dieta, o Parlamento japonês, e em consequência, dissolveu a Casa (recurso constitucional do parlamentarismo clássico), convocando novas eleições para a próxima semana, dia 22.

O que não impediu a esplêndida pompa de seu esplêndido *hanami*, realizado no Parque Shinkuju, um dos mais bonitos de Tóquio. Não ventou nem choveu nos três primeiros dias mais esperados; as cerejeiras, na verdade, começaram a florescer este ano numa quinta-feira, mas quem deixou para festejar seu *hanami* no domingo, último dia, frustrou-se: só encontrou nos parques pétalas pelo chão: um vento inesperado acabou a festa um pouco mais cedo.

Mas o *Premier* Ohira — como aliás seus antecessores — detém a primazia dos *hanamis*. O do Governo é o mais concorrido, o mais cobiçado. E também o mais sofisticado. Convidam-se diplomatas e jornalistas estrangeiros, as personalidades japonesas também se espremem na fila de convidados. Este ano foram 1 mil 500 pessoas no Parque Shinkuju a levar os cumprimentos e saudações de primavera ao casal Ohira; entre elas, muitas levavam as despedidas, porque todos sabiam que os dias do Gabinete estão contados.

Há uma profusão de quimonos e trajes típicos; os mais coloridos são os dos dignitários indianos e africanos, que comparecem a caráter, respeitadas todas as normas do protocolo — que no Japão se reveste de um rigor extremo. Muitos, discretamente, contratam fotógrafos lambe-lambes, para que se registre com alacridade o aperto de mão dado ao Primeiro-Ministro.

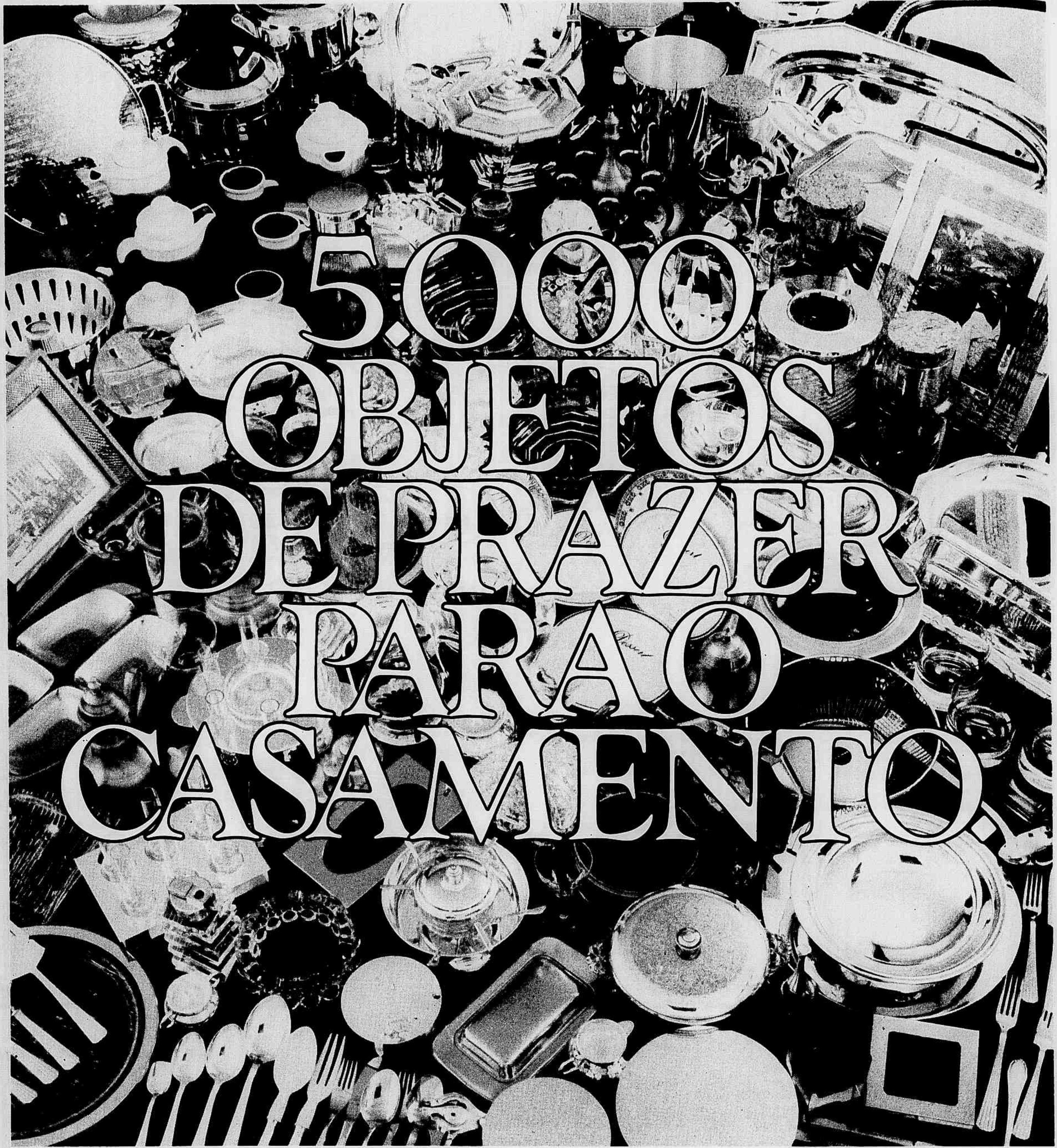
Em enormes barracas coloridas, armadas por todo o parque, cerca de 100 garçons serviram os convidados de Ohira, enquanto uma banda militar atacou, em arranjo de dobrado, antigas melodias americanas, todas com sonoridade dos anos 50. O parque, com quase 60 hectares de gramados, riachos, pontes e cerejeiras, era parte dos jardins da família Naito, no período de Edo. Posteriormente, passou à propriedade da Casa Imperial e foi transferido ao Estado durante a ocupação americana.

Masayoshi Ohira, os cabelos brancos penteados para trás, e sua mulher — a dois passos do marido, como manda a tradição, — além de diversos ministros do Gabinete, cumpriram impecavelmente seu papel protocolar. Nada na festa prenunciava a batalha política que está por se abrir com mais este volteio na dança dos Primeiros-Ministros, a que o país, aliás, já se habituou.

Ohira perdeu a confiança da Dieta nos fins de maio graças a uma ardilosa manobra de seus adversários dentro do próprio Partido Liberal Democrata, o PLD, criado em 1955 com base na fusão de duas correntes conservadoras. Desde então, o Partido domina o Poder, sem interrupções. Mas nunca conseguiu tornar-se uma estrutura homogênea, permanecendo uma espécie de frente atrás da qual se juntam diversas facções, nenhuma delas motivada por qualquer colaboração política ou ideológica, mas apenas devotadas à liderança de figuras carismáticas. Assim, além da facção de Ohira, existem os grupos dos ex-Primeiros-Ministros Fukuda, Miki e Tanaka, além da do antigo secretário-geral Nakasone. As duas primeiras e esta última uniram-se à Oposição para possibilitar o voto de desconfiança.

Ohira, entretanto, valendo-se do recurso clássico dos regimes parlamentaristas, não se demitiu, mas dissolveu o Parlamento, convocando as eleições gerais. Curiosamente, marcou para elas a data do *summit* econômico dos países industrializados do Ocidente, dia 22, quando deveria estar presente à sede da reunião, Veneza. Apoiado apenas pela própria corrente e a de Kakuei Tanaka — que foi forçado a renunciar depois do escândalo Lockheed — Ohira espera que voltem a florescer as cerejeiras em seu pomar político e que ele possa derrubar seus adversários, impondo-se ao resto do Partido. Pelo menos até dezembro, quando haverá eleições diretas das bases partidárias. Em 1978, ele conseguiu deslocar seu antigo adversário Fukuda apelando às bases.

Alheios às manobras de seus eleitos, os habitantes de Tóquio festejaram seus *hanamis* com entusiasmo, no Parque Shinkuju e também no Parque Ueno, em outro ponto da cidade. Ruidosos grupos de amigos e companheiros de trabalho (aqui o trabalho determina até a escolha da diversão), arranchados em piqueniques festivos, beberam, comeram, cantaram e dançaram sob as cerejeirars, animados por rádios e gravadores sofisticados. As câmaras funcionaram a plena carga, consumindo mais filme do que em qualquer outra época do ano — bem mais do que nas férias, porque este país ainda não conhece as férias de 30 dias. Ao fim dos três dias, uma nota de civilidade: não fica um resquício da festa; tudo é recolhido, ensacado e deixado em local apropriado.

As multidões não deixam de ter seus motivos: a cerejeira e suas flores, como os samurais, parecem tão eternas quanto o próprio Japão. São 247 variedades em todo o país que se diferenciam pelo formato da flor, número de pétalas e tonalidade. Embora fugazes, estas flores merecem sisuda atenção dos botânicos da terra — a começar pelo Imperador Hiroíto, ilustre membro de uma classe que as cultiva e delas cuida há mais de 12 séculos. ■

5.000 OBJETOS DE PRAZER PARA O CASAMENTO.

Você pode se deliciar com a nobreza da prata ou com a modernidade do aço. Há quem prefira o acrílico, a madeira ou a cerâmica. Outros ainda preferem a delicadeza da louça ou do cristal.
Isto não importa, porque a Rachel tem a maior variedade de objetos, para todos os prazeres. A Rachel é a maior especialista em tornar casamentos felizes - basta dizer que foi ela quem introduziu no Brasil a Lista de Casamento.
A Lista de Casamento da Rachel é completíssima. É um verdadeiro guia de felicidade pós-nupcial, onde você encontra os mais variados objetos de prazer.
Você escolhe os objetos que mais deseja e, depois,é só avisar os convidados que a Lista já está pronta na Rachel. E com direito a trocas, sem qualquer taxa.
Você casa, ganha os presentes, e parte para um casamento eternamente excitante.
A Lista de Casamento de Rachel é um grande afrodisíaco. Venha conhecê-la - o prazer será todo seu.

A 1ª da Lista

Figueiredo Magalhães 286,
Visconde de Pirajá 303,
Gonçalves Dias 56,
Praça Saens Peña 45,
Shopping Center Rio Sul
2º andar lojas 15 e 16

ESTRUTURAL

Da Mac Keen, o estilo tênis consagrando o branco e os tons pastéis na mistura do algodão e atoalhado nos conjuntos de shorts

Moda

LEVEZA ADOLESCENTE DEU O TOM NA INDÚSTRIA DO VERÃO

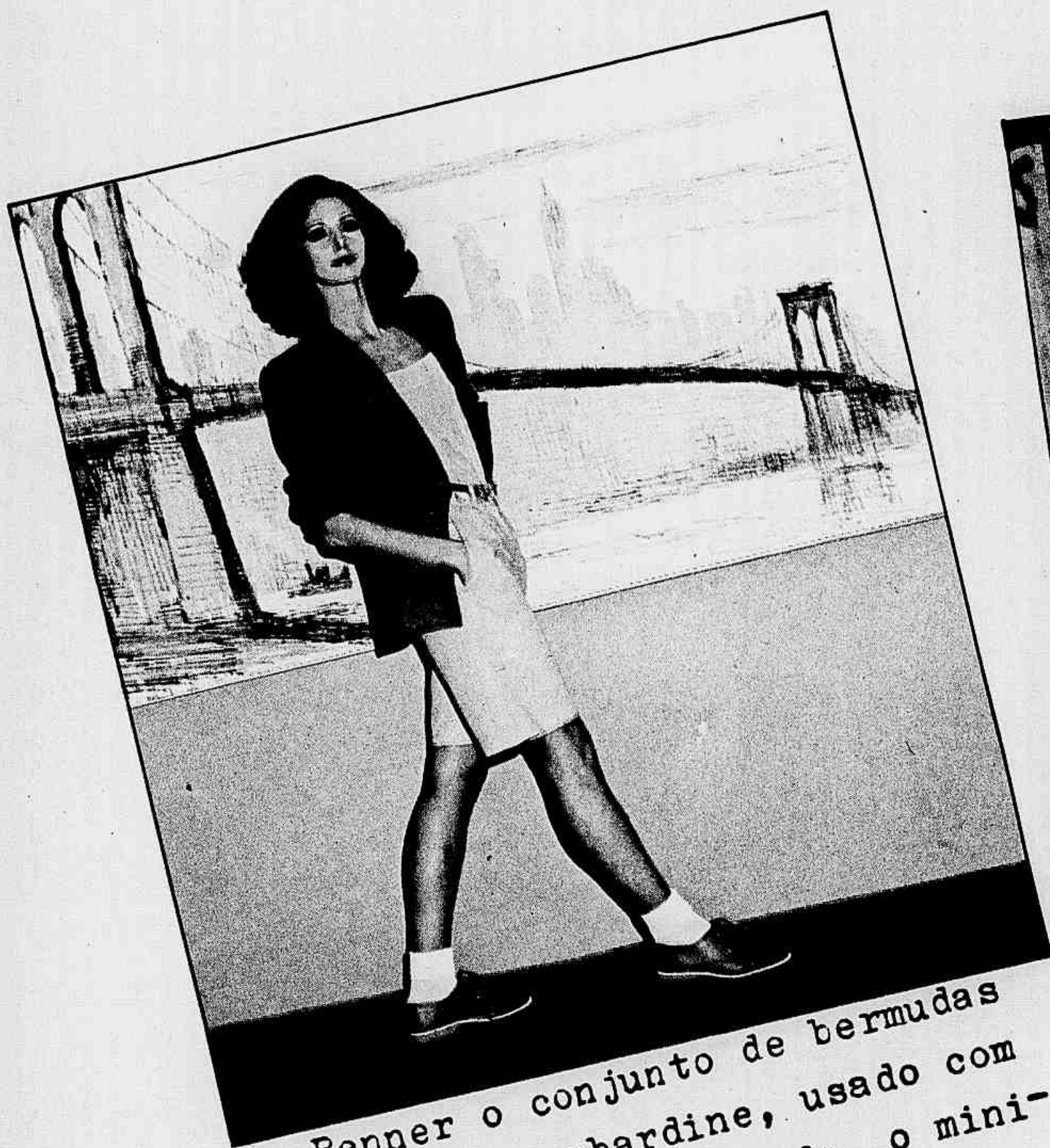
No inverno de São Paulo, uma atividade extenuante, mas sem inovações, fixou suavidades e alguma nostalgia

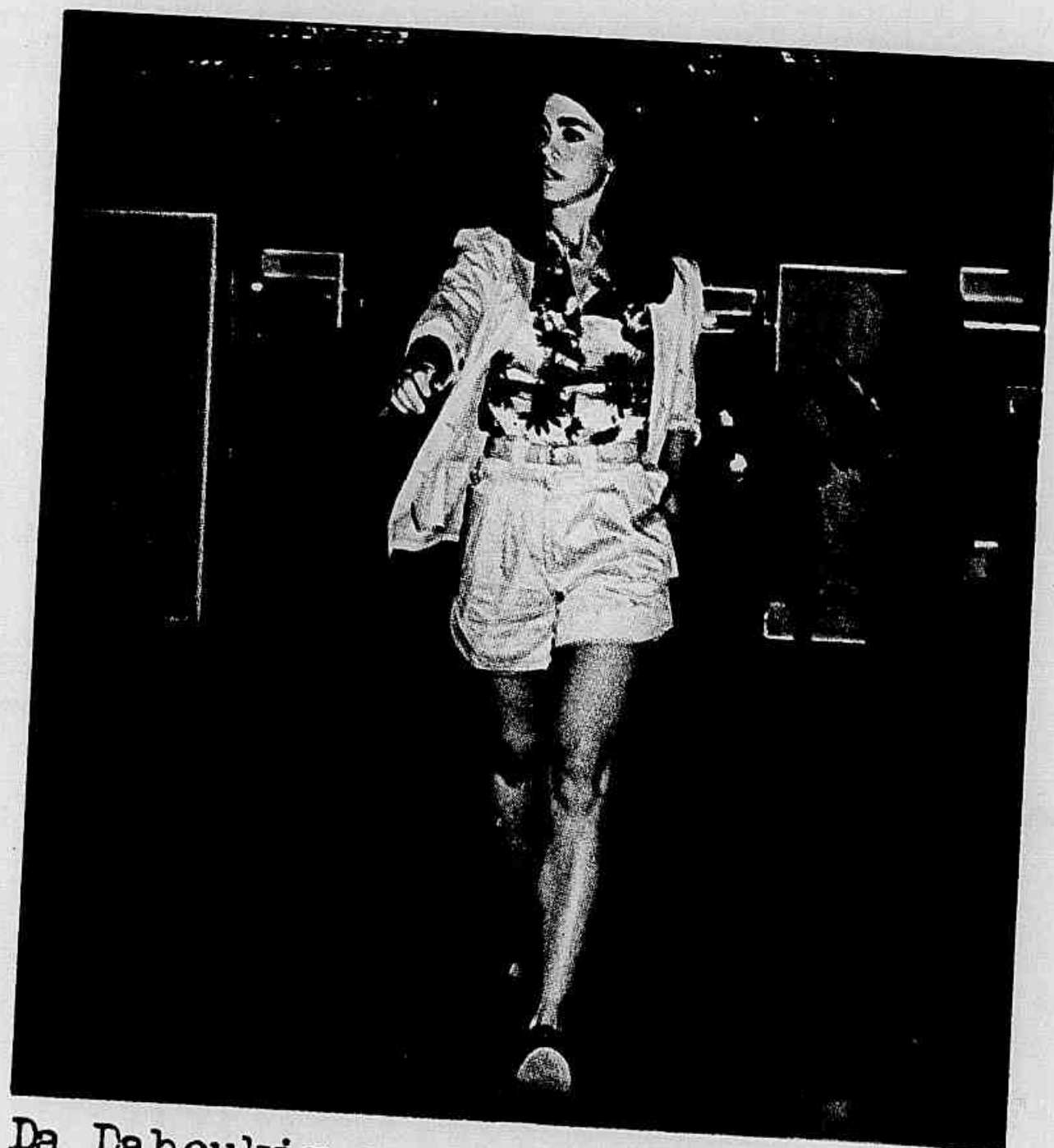
GISELA PÔRTO ■ FOTOS DE EVANDRO TEIXEIRA

Os jeans tradicionais de corte reto, com bolso chapado em modelos unissex, são eternos, como mostra a Mc Chad

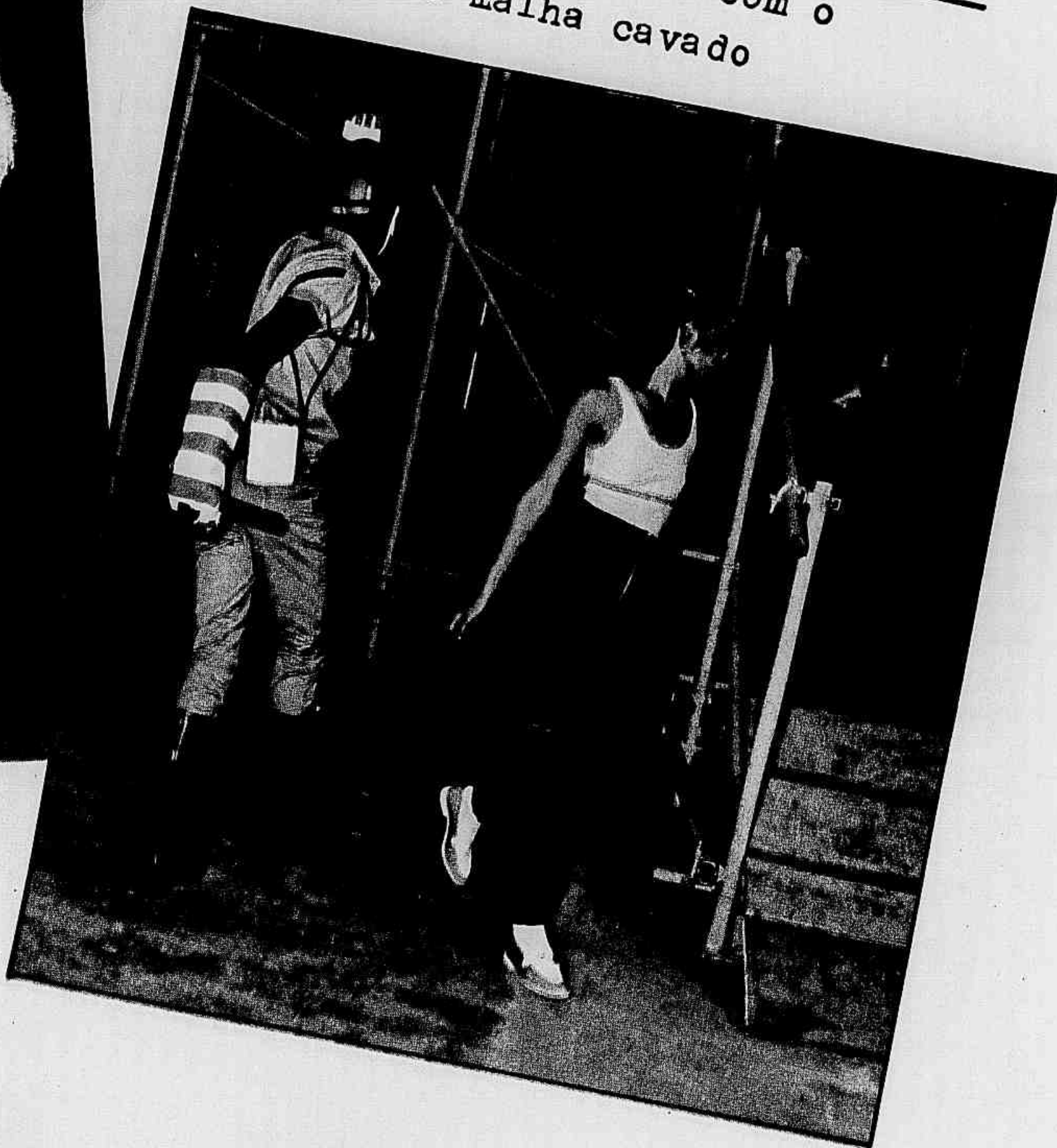
Para a noite, o brilho do lamê no macacão de Fiorucci. A Cianê mostra como usar a sua popeline no minitubo tomara-que-caia com blusão

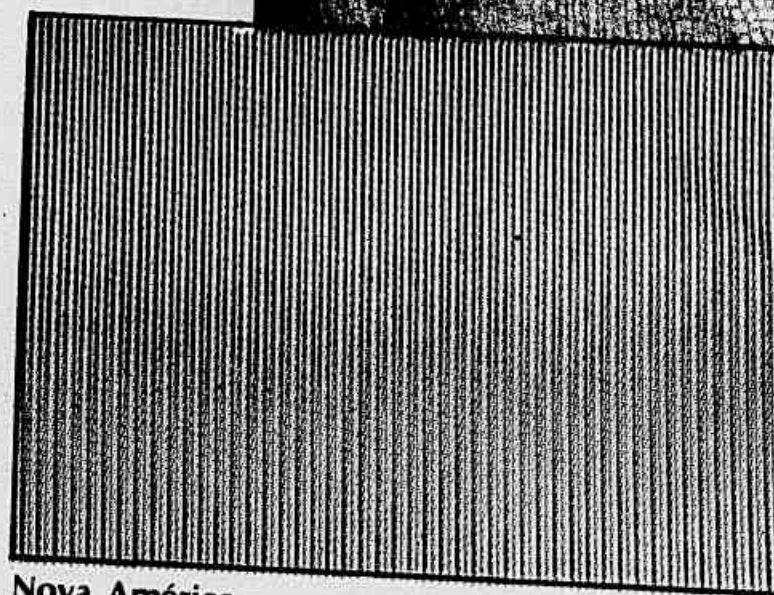
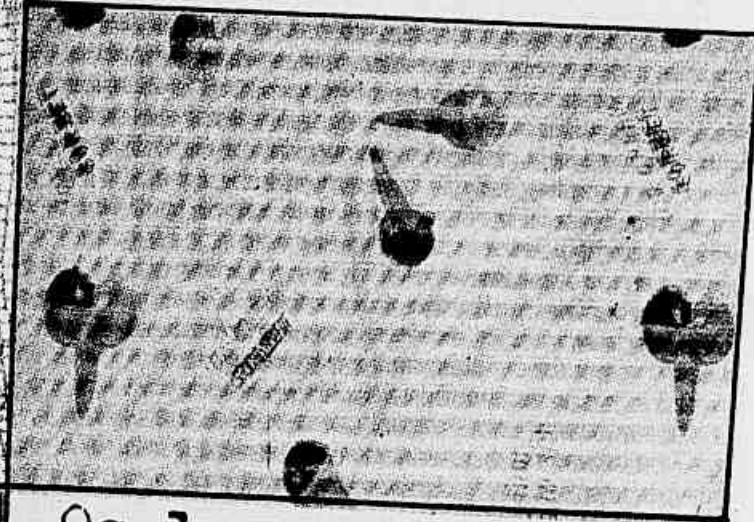
A moda para o próximo verão lembra uma taça de sorvete: gostosos tons pastéis, vestindo a mulher com a claridade do rosa-bebê, azul, verde e amarelo clarinho. Refrescantes são as bermudas, os shorts. Tomara-que-caia e frente única nos decotes. A nostalgia fica por conta dos vestidos tubos e das minis que invadirão o verão 80 exibindo as peles bronzeadas.

Os jeans continuam eternos, nos baggies que repensam a sua amplidão e nos lançamentos dos jeans colors - misturando o azul do índigo ao verde e amarelo, além dos colantes jeans-lycra. O retorno do safari-look vem quebrar a monotonia das cores pastéis trazendo as gamas de bege, cáqui e verde. E o branco ainda é a cor dominante.

Da Renner o conjunto de bermudas e *blazer* em gabardine, usado com *top* de lingerie. Ao lado, o mini-macacão em tecido Santista com sobre-saia no mesmo tecido

Calcado no branco surge o estilo tênis para as minis, *shorts* e bermudas em algodão, malha e atoalhados, usados com sapatos baixos e meias soquetes com toques de rosa ou azul claro. A estamparia graúda, de flores, escolhe tons mais quentes, como o vermelho para as camisas de mangas curtas e os vestidos. O *nylon*, os tecidos metalizados e o plástico fazem parte dos acessórios e dão um brilho especial aos modelos. Mas o tecido que mereceu maiores versões foi o *seersuckers* em listrinhas, quadrados, lisos ou estampados.

Da Daboukir o conjunto em popeline *glacé* verde alface: short com bainha virada e blusão sobre camisa de estampa graúda

O jeans-color em índigo da Santista na controlada amplidão do baggy 80 e detalhes de éclair colorido, combinando com o t-shirt de malha cavado

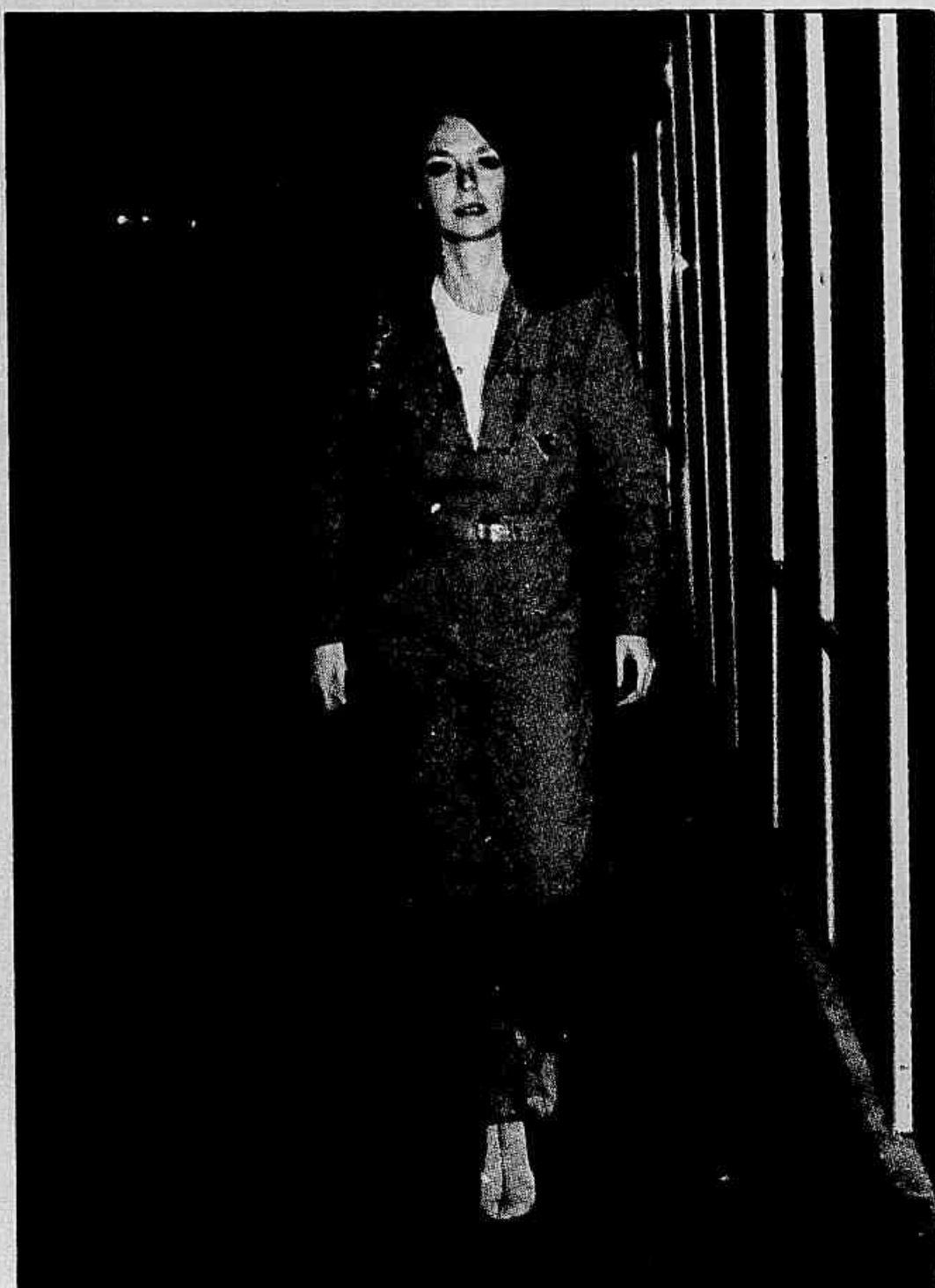
Em malha, o sucesso garantido de Fiorucci: mini pregueada com blusão de ombreiras. Da Villa Romana, o novo look do terno masculino

Santa Constância

Cianê

Nova América

Os lançamentos para o verão-80: tecido sintético imitando lézard e os seersuckers, estampado e com listras coloridas

Estilistas, produtores e manequins, gente que vive da moda, mostram a moda para viver o trabalho neste inverno

O manequim Monique Evans

Os estilistas José Augusto Bicalho e Beth Brício

Christiane Fleury, editora do *Noticiário da Moda*

Zezinho Khalil e Heloisa Domenato, da Fiorucci Rio

Suzete Aché, *Noticiário da Moda*

Hiluz Del Priore, da revista *Vogue*

Constanza Pascolatto, editora da revista *Claudia*

Os manequins Vicky Laus e Estela com Gigi Dourado

Carla Roberto, estilista

Sonia Mureb, da La Bagagerie

Vestir-se para enfrentar um dia inteiro de trabalho confinada num lugar onde as condições de conforto não são das melhores é uma verdadeira arte. E é nesta hora que os profissionais e os artistas do vestir bem mostram o que sabem, como aconteceu nesta última Fenit.
Durante sete dias, o Parque Anhembi não recebeu somente a visita de compradores, mas circularam por lá também todas as pessoas ligadas à moda no Brasil: estilistas, editoras, produtoras e manequins criaram um desfile à parte, fora das passarelas que exibiam o verão. O inverno paulista mostrou que o macacão ainda é o traje mais cotado para uma elegância confortável, seguido pelas calças compridas amplas com camisas, blazers ou suéteres.■

Este é um guia para ser guardado até o próximo domingo. Ele traz produtos e serviços que você e sua casa podem estar precisando.

Página de Serviço

ABAJURES

LE DETAIL - DECORAÇÕES
Cúpulas de Luxo - Art. p/Escritórios em Couros/Pirogravura
267-6475 - 287-2547. Fco. Sá, 31/2.º

ACADEMIAS DE DANÇA

CARMINHA ALONSO/BALLET/MÚSICA
260-8707. Av. Democráticos, 1949

ACADEMIAS DE MÚSICA

DO RE MI ...MÚSICA/DANÇA
260-5035. Ligia, 97 - Ramos

ACADEMIAS DE YOGA

YOGA LÉA MELLO
287-7048. Visc. Pirajá, 318/204

ADMINISTRADORAS

A IMOBILIÁRIA ZIRTAEB LTDA.
LOCAÇÕES ADM. CONDOMÍNIOS
221-4351 (KEY SYSTEM)
221-7992 (PBX). Alfândega, 108

ADM. ORION-CONDOMÍNIOS
LOCAÇÕES C/GAR. COMPRA - VENDA
255-7341.
Siqueira Campos, 225 - Loja A

EKASA S/A: AS ORDENS DO SÍNDICO C/ ATENDIMENTO PERSONALIZADO 24 HS. POR DIA
Matriz: PABX 244-0977
7 de Setembro, 98 - 5.º e 6.º
Barra: 399-2990 - 399-2121

IMOBILIÁRIA MELBA
244-3465. Trav. Paço, 23/11.º

ADVOGADOS

AMÉRICO ROMERO/M. CARRILHO
273-4116 - 234-7299 - 238-1381

ANGELA BUONOMO/VERA MENDES
242-2559 - 246-4180 BIP 9K8

CIVIL/COMERCIAL/SOCIETÁRIO
242-9179 - 262-4798. Centro

FALÊNCIAS E CONCORDATAS
392-8233 - 234-4081

MARIO ANI CURY
359-5750. E. Romero, 224/Madur.

ADVOGADOS - CAUSAS CÍVEIS

RODOLFO R. DE VASCONCELOS
284-3441. Saens Peña, 45 S/1508

ADVOGADOS - CAUSAS CRIMINAIS

ALVARO COSTA FILHO
222-0957 - 249-3320 (A Noite)

ADVOGADOS - CAUSAS TRABALHISTAS

ANNA BOGÉA
240-9508. E. Veiga, 35 S/1605

ADVOGADOS - DIREITO DE FAMÍLIA

ADVGS.: LITÍGIO-INVENTÁRIO
237-5052. Copacabana, 195 S/408

ADVOGADOS - DIREITO IMOBILIÁRIO

IMÓVEIS - LOCAÇÕES - CONTRATOS
262-2426 - 262-1790 - 262-2025

ADVOGADOS - INVENTÁRIOS

DR. EDMUNDO COELHO
221-3075. R. Branco, 133 S/604

ÁGUA-TRATAMENTO

ANÁLISE-CAIXAS/POÇOS/CONDOM.
273-8140 - 208-1545 - 208-2594

AMBULÂNCIAS - ALUGUEL

"PULLMAN" C/AR CONDICIONADO
MACA ESPECIAL P/ELEVADORES
236-1011 - 257-4132. Zona Sul
228-6170 - 228-2255. Z. Norte

ANTENAS

INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO
208-9570 (Visitas Grátis)

INSTALAÇÃO - VENDA - REVISÃO
392-3770. Est. Gabinal, 18-C

ANTIGUIDADES - COMPRA E VENDA

MOV. - PRATAS/LOUÇAS - QUADROS
274-6240. G. San Martin, 1219

APARELHOS DE SOM - CONSERTO

AKAI-ALTEC-PIONNER-SONY
236-2772. Copacabana, 807/603

AKAI/SONY/SANSUI/MARANTZ
247-6445. Visc. Pirajá, 86 SL 3

ASSIST.-TEC.-PIONEER-SANSUI
273-8005 - 273-7975

BUT SOUND/VENDA/MANUTENÇÃO
255-1792. Av. Copacabana, 978 S/S113

AQUECEDORES - CONSERTO

BOILER/CUMULUS E OUTROS
253-1349 - 396-2837 (2.ª/domg.)

IRMÃOS SILVA C/GARANTIA
201-1491. A. Cordeiro, 492 F.

AR CONDICIONADO - CONSERTO

CONT. MANUT.-GARANTIA TOTAL
230-4245. João Romariz, 167

MAQ. LAVAR/FOGÕES-GARANTIA
230-6366. Boa Viagem, 179-D

TELEMAQ-ASSIST. TÉCNICA
280-6349 - 230-8337. Roma, 310

ARMÁRIOS EMBUTIDOS

HERMAX MÓVEIS LTDA.
771-9301

MODULADO FAVO/FAB. ABOLIÇÃO
229-5389 - 399-0792 (Carrefour)

ARTISTAS E MÚSICOS-AGÊNCIAS

BIRA & CO.-SHOWS-FESTAS
710-2730 - 711-0700

ASSOALHOS - VITRIFICAÇÃO

SINTECO EM COR/BRILHO/FOSCO
236-1858. Copacabana, 500/910

AULAS PARTICULARES

"MATEMÁTICA" - "ESPECIALIZE-SE"
1.º, 2.º Grau/Vestibular/Concursos
286-7605 - 226-5835 - 266-7374

AUTO-ESCOLAS

RIO ROMA: RAPIDEZ/EFICIÊNCIA
235-7605. Bar. Ribeiro, 391 S/LJ

BOMBEIROS HIDRÁULICOS

GASISTA - NA HORA C/GARANTIA
238-0251 - 268-4637 - 258-5440

SUPER - TEC: NO DIA C/GARANTIA
274-9946 - 246-4180 BIP 2340

BOX PARA BANHEIROS

ACRÍLICO-BLINDEX-ESQUADRIA
238-0251 - 268-4637 - 258-5440

BBC-MULTIVIDROS DO BRASIL
223-5409. Camerino, 71 S/6

BOX EM ALUMÍNIO
359-7179 (Orç. S/Compromisso)

PERSIANAS COLUMBIA S/A.
PBX 264-9062. Dona Maria, 29

VICRAL VIDROS TEMPERADOS
FUMÊ-BRONZE-VERDE TRANSP.
268-9911 - 288-8796 - 288-7448
Barão Mesquita, 673 - Tijuca

BUFFETS

BUFFET CLASSE "A" ATEN./48 HS
Casa para Recepções
238-6852. Barão S. Franc., 322

CHURRASCARIA COSTA DO SOL
SALÕES PARA RECEPÇÕES
268-8357/9266. Av. Edson Passos, 4517 - Alto Boa Vista

J. CARVALHO/ALUGA MAT. FESTA
295-7866 (2.ª a Domingo)

CABELEIREIROS

CAROLINA CABELEIREIROS
255-2218. Santa Clara, 50/315

FERREIRA'S - SALÃO UNISSEX
390-9500. E. Romero, 81/212 - Madur.

STUDIO HEBÊ COIFFEUR MASCULINO/FEMININO E BOUTIQUE
265-4950 - 205-9695
Largo do Machado, 11 - 1.º Andar

CABELO - TRATAMENTO

HAIR CLUB DO BRASIL TRATAMENTO MASCULINO/FEMININO
Hair Treatment Contra Caspa, Seborréia, Micose e Queda dos Cabelos
255-0197 - 257-3753
Xavier da Silveira, 45/C04

HAIR REPLACE INTERNATIONAL
Queda - Seborréia - Revitalização e Reposição Capilar
255-0102 - 257-2517. B. Rib., 502/205

INST. LANE - QUEDA/SEBORRÉIA
232-4574. Pç. 15 Nov., 38-A

CAMAS HOSPITALARES - ALUGUEL

"A.M.E."-OXIGÊNIO-REMOÇÕES
CADEIRAS DE RODAS-MULETAS
236-1011 - 257-4132. Zona Sul
228-6170 - 228-2255. Z. Norte

DIA/NOITE/CAD. RODA/AMBULÂNCIA
261-7151 (2.ª a Domingo)

VENDAS CAMAS CAD. MULETAS
273-0742 (2.ª a Domingo)

CANIS

HOSPED. VENDA PASTOR - "GLEICE"
332-3786. Açuruá, 147 - Bangu

CARNE À DOMICÍLIO

SEM NENHUM CUSTO ADICIONAL
Carnes Excelentes ou Seu Dinheiro de Volta. Ligue
270-3991 (Entrega no Dia)

CINE FOTO - CONSERTOS

CANON - NIKON - OLYMPUS - FILM.
235-7046. Copa, 610/221 e 224

POLIMENTO LENTE/BINÓCULOS
Av. 13 de Maio, 47 Grupo 213

CORTINAS

ABA-FÁBRICA ROLÔ-PAINÉIS
273-6250 - 273-9605. A. Lobo, 100

ABC FÁBRICA ROLÔS - PAINÉIS
234-7431. Pedro Alves, 239 S/6

"ATENÇÃO": CORTINAS - ROLÔS PAINÉIS - VULCATEX - CAMURÇA
392-1246. Fieltex
E. Jacarepaguá, 7741 - Freguesia

CARLOS - FÁBR./ROLÔS - PAINÉIS
235-7948. Siq. Campos, 143/416

CHAUMIÈRE DECORAÇÕES
Rolôs e Painéis c/Garantia
268-1947 - 288-5749 (2.ª/Domingo)

LUNAR ROLÔS E PAINÉIS
Orç. Grátis Finan. 5 x S/Juros
224-8689 - 232-5495. E. Visconti, 18

OSTROWER ROLÔS E PAINÉIS "FIBERGLASS" E "BLACKOUT"
266-3068 - 266-7775
Marquês Abrantes, 178 Lj. D

STELLA CORTINAS E PAINÉIS
256-8983. Barata Ribeiro, 62

COZINHAS - REFORMA

BANHEIROS - FINANCIO TOTAL
238-0251. 268-4637. 258-5440

CRECHES

BABY SITTING/DEDO MINDINHO
295-9830. Otávio Corrêa, 384

CASTELO DA TURMA MIÚDA
710-5028. 710-3507. 7 Set., 157 - Nit.

CRECHE BAMBÁ - BARRA TIJUCA
399-4142. A. C. de Freitas, 46

CRECHE GABRIELA - GRAJAÚ
208-5804. 238-7283. 257-7848

ESCADA DO TEMPO - LEBLON
274-2544. Timóteo Costa, 538

DATILOGRAFIA - SERVIÇOS

A ANA IBM-INGL./PORT./ESPANH.
240-2228 e 262-3345 (2.ª a 6.ª)

A JATO - LIANE IBM/7 IDIOMAS
266-3393 (2.ª/6.ª) - 265-4700 (Dom.)

ADA - IBM TODOS OS IDIOMAS
205-1157. FLAMENGO (INCL. DOM.)

ELIANE SERVIÇOS EM GERAL
248-5592 (2.ª a Dom.)

FERNANDA: ATENDE C/RAPIDEZ
287-9178 (2.ª a Domingo)

TEREZA IBM ESF./IDIOM S/GER.
351-6003 (2.ª/Dom.)224-0675 (14 as 20)

DECORAÇÃO - ARTIGOS

77 - CORTINAS ESTOFADOS TEC.
227-7839. T. Melo, 77 - Ipanema

DEDETIZAÇÃO E DESINFECÇÃO

DEDETIZ. IMUNICAN - NO DIA
FEEMA 002675-000/2121
Rato, Cupim, Barata - 6 m. Garant.
223-4228 - 260-1113 (2.ª/Domg.)

DEDETIZADORA MEFAMO
P/O MESMO DIA C/GARANTIA
FEEMA 002298-6/2121
201-8643 (2.ª a Sábado)

IMUNILAR
(FEEMA 000352-9/2121)
Cupim - Barata - Rato - Traça Garantia 25 Anos de Tradição
295-1697 - 295-1647 - 295-1147

VENTANIA IMUNIZAÇÕES
FEEMA 000.564.2/2121
Baratas, Ratos, Cupim, Traças
252-1436. Vendas (Total Garant.)

DEPILAÇÃO DEFINITIVA

LIMP. PELE/REJUVEN. MÃOS/ROSTO
256-4671. 242.1801 (2.ª a Dom.)

STELA ELETROCOAGULAÇÃO
265-0130. L. Machado, 29/808

DESPACHANTES

CONTAD. LEGALIZ./ADM. IMÓVEIS
392-9699. 392-9371 (Incl. Dom.)

MARIO - LEGALIZ. DE FIRMAS
226-9854. 205-5898

DETETIVES PARTICULARES

INVESTIGAÇÕES SIGILOSAS
255-4158

ROQUE-INVESTIGAÇÕES SIGILOSAS
275-5390. Escritório Rio J.

DOCES E SALGADINHOS - ENCOMENDAS

BARTYRA-SERVIÇO COMP. BUFFET
201-0703 (2.ª a Domingo)

CELSO/SERV. COMPLETO P/FESTA
261-1192 (2.ª a Domingo)

JANTARES/SERVIÇO P/FESTAS
289-1243 - 269-7844 (2.ª a Dom.)

"KITUTES DA MAMÃE" TAMBÉM SERVIÇO COMPLETO DE BUFFET
Reservada Área ao Ar Livre
342-5504. Estrada Tindiba
Esquina Iriquitia - Taquara

"MARIA MOLE"
Serviço Completo p/Festas
286-5448. Vol. Pátria, 249-B

ELETRICISTAS

ALTA/BAIXA TENSÃO - MONT. PC
Aumento Carga-Legal. Light
393-7469. Fernando (2.ª a Dom.)

ELETRO LACERDA - ORÇ. S/COMPR.
Projeta/Instala/Comercial/Resid.
280-2448 - 342-4225 (2.ª/Domg.)

SUPER - TEC: NO DIA C/GARANTIA
274-9946 - 246-4180 BIP 2340

EMPREGADAS DOMÉSTICAS - AGÊNCIAS

AG. ALAN KARDEC - C/REFERÊNCIA
281-8699 - 289-3920 (2.ª/Domig.)

AG. ASSOCIAÇÃO STA. URSULA
Garant. Permanente - Taxa Fixa
751-3250 - 751-4392 (2.ª/Domg.)

AG. CIDADE - EMPR. C/GARANTIA
256-9968

AG. EMPREGADORA CRISELA
390-8940 - 350-5179

AG. GIRASSOL - EMPREG. C/GARANTIA
257-2011. B. Ribeiro, 391/810

AG. IDÔNEA: SEL. RIGOROSA
Da Garantia - Devolve a Taxa
240-7790. Sen. Dantas, 117/1933

C/GABARITO: MINEIRAS
1/2 Idade Recém Chegadas
350-7856 (2.ª a Domingo)

DIOMAR GOMES AG. COLOCAÇÕES
Garantia Taxa Por 1 Ano
232-4039 - 221-5810 (2.ª/Domg.)

EMPREITEIROS - REFORMAS DE IMÓVEIS

CASANOVA-PESSOAL ESPECL.
342-0316 (2.ª a Domingo)

CINAR CONSTRUÇÕES/PROJETOS
228-5724 - 228-8797 (2.ª a Dom.)

DINEL CONSTRUÇÕES LTDA.
Toda Área do Rio-Financio
350-4679 (2.ª a Domingo)

FACHADAS-BANHEIRO-COZINHA
201-4995 - 396-4264

ENFERMEIROS

ACOMPANHANTES - DIA E NOITE
Somente P/Adultos - C/Prática
252-9206. 232-1257 (2.ª Domg.)

ACOMPANHANTES - DIA E NOITE
Assistência Particular
260-7232 (2.ª a Domingo)

ALBA EQUIPE ENFERMEIRAS
Para: Adultos e Crianças
295-0218 (2.ª a Domingo)

ASPE - ENF. PART. DIA/NOITE
Aprov. P/Fiscaliz. Medicina
257-0956. 257-3462. 269-6628

PART. DIA/NOITE - ACOMPANH.
791-2195

ENXOVAIS

CAMA - MESA - BANHO - BORDADOS
CONFECÇÃO PRÓPRIA - V. CRED.
228-5106. Alte. Cochrane, 43
S. Peña, 45/335 - V. Pirajá, 281/209

ESCOLAS

JARDIM DE INFÂNCIA "NINHO"
287-0591. Abade Ramos, 66 - J. Bot.

"SORE" JARDIM MATERNAL
275-1800. Dona Delfina, 49

ESCOLAS DE ARTE

BOLO MODELAGEM - ARTESANATO
249-8094. Piauí, 123 Casa 1

ESPORTES -ARTIGOS

LOJA ADIDAS
257-2795. Xavier Silveira, 40-C

SPORT TICIANO
256-1948. Miguel Lemos, 25 B

ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO

A CARGA PESADA 4 X S/JUROS
201-4846 - 201-9610 (2.ª a Domingo)

A 2700,/M²: JANELA - BOX - 24 H.
289-5628 (2.ª a Domingo)

ALUMÍNIO URUBATÃO - BOX
284-0446 - 248-1876 (Luiz)

ANODIZAÇÃO PRÓPRIA: BOX
Janelas - etc./S. Entr./15 meses
229-1799 - 289-4398

ÁREAS - BOX - JANELAS - GLOBAL
289-9294. Goiás, 228

COMODORO: PORTA - JANELA - BOX
270-4838. Cardoso Moraes, 400

JONAF JANELAS - 4 X S/JUROS
280-3888

OZODRAC: ALUMÍNIO E FERRO
Box - Janela - Área - Porta - Etc.
359-7179 (Orç. S/Compromisso)

ESSÊNCIAS P/PERFUMES

PERFUMARIA COTIAS
224-5489. Buenos Aires, 184

ESTOFADORES

ALEMÃO LIDER NO RAMO
Fabricação e Reformas - Cortinas: Prontas ou Sob Medida Tapetes: Forrações em Geral
268--2175 - 268-9995 - 258-2424

CARDEAL DECORAÇÕES LTDA.
267-3241 - 228-2394 - Copa

RICARDO: REFORMA/FÁBRICA
258-5038. Br. Mesquita, 891 L.O

VERISSIMO: FABRICA/REFORMA
245-8517. Laranjeiras, 559

WILTON REFORMA: COURO/PANO
Couro Pinta/Encera Fica Novo
722-1284. Niterói (2.ª/Domg.)

FARMÁCIAS E DROGARIAS

ATENDE 2.ª/DOMINGO-ENTREGAS
225-0053 - 245-0388. Flamengo

BARKI-ENTREGAS 2.ª/DOMINGO
285-0249 - 225-5064. Flamengo

DIA/NOITE-FARMÁCIA DO LEME
275-3847. Prado Júnior, 237-A

DROGA SIX ENTREGA NA HORA
267-2677. Copacabana - Posto 6

DROGARIA VENEZA-ENTREGAS
A DOMICÍLIO ATÉ 24 HORAS
285-4926 - 265-9789 - 245-4949
Marquês de Abrantes, 79

FARM. HOMEOPÁTICA AYMORÉ
221-0573. 7 de Setembro, 219

FEIRA A DOMICÍLIO

HOME FOOD - ENTREGA NO DIA
Não cobramos taxas
234-7197 - 247-4776 (2.ª a Sáb.)

FESTAS INFANTIS - ORGANIZAÇÃO

BLOCO DA PALHOÇA - SHOW C/
BRINCADEIRAS MUSICAIS
259-1661.

CARRETA TEATRO BONECO
268-3128 (2.ª a Domingo)

CECÍLIA: DECORAÇÕES FESTAS
Enfeites • Doces • Bolos
235-0995

PALHAÇOS - MÁGICOS - VENTRIL.
BICHINHOS - BABY DISCOTHEQ.
240-7185 - 240-8200 - 258-0227
Álvaro Alvim, 37 - GR 1013

FIBRA DE VIDRO-FAB

FÁBRICA ROB BOATS
Artigos Náuticos-Financio
761-3858 - 275-5466 (2.ª/Domg.)

FILMAGENS

CASAMENTO/FESTA/DOCUMENT/ETC.
225-5174 - 225-1080 (2.ª a Dom.)

FINANCIAMENTOS

EMPRÉSTIMOS/VENDO TELEFONE
269-8198 (2.ª/Sábado)

FOTÓGRAFOS

REPORTAGEM - CASAMENTO - DOCUM.
223-3746. Uruguaiana, 212

FURADEIRAS ELÉTRICAS

ÚTIL NO LAR - PEÇA P/TEL. DE-
MONST. S/COMP. - A PRAZO C/GAR.
228-8131 - 228-5380 - 264-0709
Pref. Olímpio Melo, 2105-B

GELADEIRAS - CONSERTO

ATUAL: FRIG. - BRAST. - CONSUL - G.E.
284-7348. 28 de Setembro, 182

P/O MESMO DIA - C/GARANTIA
243-2454 Livramento, 87

GELO

À DOMICÍLIO DE 2.ª A DOMG.
EM: CUBOS - BARRAS - ESCAMAS
399-2227. Barra da Tijuca
394-4157/2503/5550 Z. Norte

GRADES PROTETORAS

BOX E ESQ. DE ALUMÍNIO
226-7484. Real Grandeza, 160

GRÁFICAS

ELF. SERV. GRÁFICOS - XEROX
295-1898 - 295-9397 - 295-7897

MINERVA - NOTAS FISCAIS
232-2144. Relação, 55/104

IMÓVEIS-COMPRA E VENDA

DJALMA CUNHA IMÓVEIS
Atendimento Justo/Perfeito
270-4292 - 270-3337 (2.ª/Domingo)

IMPERMEABILIZAÇÕES

BRASILUX/TERRAÇO/CX. D'ÁGUA
283-1858 (Sub-solo)

TERRAÇOS - CAIXAS - PISCINAS
Ideal Com. e Imperm. Ltda.
240-5138 - 240-6589

IMPRESSOS DE LUXO

ALDAN - CONVITES/ALTO RELEVO
223-1271 - 252-0271 - 243-3802

EDUMAR - CONVITES/CARTÕES
Para o Mesmo Dia/Calendários
243-2223. Conceição, 116-A

JANELAS DE ALUMÍNIO

ADEP-BOX/FORROS/FACHADAS
281-5949 - 289-5835 (A Noite)

LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

BRONSTEIN-A DOMICÍLIO
262-1366 - Centro/236-7805 - Copa

DIAC-DOMICÍLIO/MESMO DIA
294-1705. At. Paiva, 566/304

SHAFFER-ATEND. A DOMICÍLIO
257-3727. Copacabana, 542 S/908

LENTES DE CONTATO

SOLOTICA- GELAT. P/ASTIGMAT.
PINTADAS/MULTIFOCAL/CAB.
Origem Alemã Teste S/Compr.
262-4436. R. Branco, 156/1131

LIMPEZA DE CAIXA D'ÁGUA

RELAMPAGO AT. MESMO DIA
FEEMA 001.438-2/2121
248-4559 - 359-2684

LÍNGUA PORTUGUESA - ATUALIZAÇÃO

CURSO PROF. MÁRCIO ORTIZ
255-3822. Teatro Opinião

LUSTRES

O NOSSO BAZAR - LUSTRES E
ILUMINAÇÃO EM GERAL
288-0065 - 238-2391
Av. 28 de Setembro, 310
238-5884 - 238-3198
Barão de Mesquita, 608/610

MÁQUINAS DE COSTURA - CONSERTO

SINGER - VIGORELLI - ELGIN
Atende Domicílio - Incl. Z. Sul
254-3409. S. Costa, 58-A/Tijuca

MÁQUINAS DE ESCREVER-CONSERTO

MÁQ. VENEZA: VENDE-TROCA
Fazemos Contrato Manutenção
359-5916 - 359-8602 (2.ª/Sábado)

MÁQUINAS DE LAVAR - CONSERTO

ASSIST. TÉCNICA BRASTEMP
Serviço Aut. c/Garantia
264-3198 - 228-8186

AUTOR. BRASTEMP - FISPER
232-4421 - 232-6744 - 232-4718

BRASTEMP - BENDIX - KARINA
289-1001. Ramos da Fonseca, 19 LJ F

TELEMAQ - TODAS MARCAS C/GAR.
280-6349 - 230-8337. Roma, 310

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

FERRAGENS PLANALTO - MAT.
ELÉTRICO E HIDRÁULICO
234-1967 - 264-4999 - 248-1997
Ceará, 336 e 336-A

FINANCIO DIRETO S/AVAL
233-8179. Pres. Vargas, 446/901

LOJAS DANTAS - MATERIAIS
BRUTOS E DE ACABAMENTO
269-6847. Dias da Cruz, 638
390-0970. Carol. Machado, 352

TREVOLAJE - LAJE PRÉ-FABRI-
CADA A VISTA OU A PRAZO
331-3750. Av. Brasil, 33783

MENSAGEIROS DOMICILIARES

TOC-TENHA - 24HS. POR DIA
274-4747 - 274-9898

MESAS DE SOM E RACKS

JAMG SOM PROJETOS DE ME-
SAS DE SOM E VIDEO-TAPE
281-6007. Flack, 37-A

MOLDURAS

JOÁ MOLDURAS - LOJA/FÁBRICA
Todos Tipos - Bambu Exclus.
Cortiça - Montagem Posters
274-8249. Dias Ferreira, 242

MOTORISTAS PARTICULARES

OPALA 4 P. PARA TODOS SERV.
Peq. Viagens/Serviços/Passeios
208-0429 - 238-2451 (2.ª a Domingo)

MÓVEIS

AUSTRÍACOS/JANGADA MÓVEIS
243-2419. Barão S. Félix, 70

"BORGES FILHOS" - FÁBRICA
Linha Própria e Sob Medida
761-0471. Rod. Pres. Dutra. Km 11

PISCINA/VARANDA/CAMPO/PRAIA
Fábrica: Arm. Pronto/Sob Medida
391-2579. Amadeu Amaral, 41/65

MÓVEIS - LAQUEAÇÃO

AMPLILAR: NOVOS E REFORMAS
266-5993. Vol. Pátria, 416-A

MÓVEIS P/MÁQ. COSTURA

CASA VICTOR ENG.º NOVO
261-9291 - 722-1949

MÓVEIS SOB ENCOMENDA

FÁBRICA-PAGT.º A COMBINAR
Marcenaria em Geral
350-4022 (2.ª a Domingo)

"LAICA"/PROJETA/FÁBRICA/DECORA
Armários-Estantes-Cozinha
224-1334. Inválidos, 138 LJ. M

MUDANÇAS

MUDANÇAS BRUNO - PLANEJAMEN-
TO P/ESCRITÓRIOS - RESIDENC.
236-1573 - 252-5488 - 350-3877
350-1919

PAINÉIS CORTINADOS

FÁBRICA CORTINAS ROLÔS
PAINÉIS EM LONA TÉRMICA
273-9605 - 273-6250 - A. Lobo, 100

PAINÉIS FOTOGRÁFICOS

REVESTIMENTOS E DECORAÇÃO
245-3550. L. Machado, 29/1117

PAPEL DE PAREDE

CAMURÇA - TAPETE - VULCATEX
Preço S/Concorrente - Financio
229-1464 - 208-2254 (2.ª/Domg.)

"DECOR" - DECORA E REVESTE
257-7694 - 236-4847 (Orç. Grátis)

DOCELAR/PAINÉIS FOTOG./REV.
248-7175. S. Fco. Xavier, 90-A

PERSIANAS

DAMASCENO:CONSERTO/REFORMA
270-9381. Barreiros, 674-Fds.

PERSIANAS COLUMBIA S/A.
PBX 264-9062. Dona Maria, 29

PERSIANAS - CONSERTO

A. FRANCO-REFORMAS E NOVAS
252-5693. Itapiru, 315

ACESSÓRIOS/PEÇAS-PREMIER
258-7435. Pereira Nunes, 242

BADARÓ PERSIANAS
Consertos, Pinturas e Novas
281-3533 - 281-4509

GIRÃO:VENEZIANA/NOVA/REFORM.
252-2534 - 249-5896 (2.ª/Sábado)

PORTA SANFONADA/JAPONESA
238-0251 - 268-4637 - 258-5440

PRODECON: PERS./SANFONADA
351-2122. Estr. V. Carvalho, 55

PINTURA DE IMÓVEIS

A'DALMAS PINTURA/REFORMA
255-6124. Copacabana, 796/411

SINTEKO C/DESC. + CORTESIA
295-0963 (Reformas) 2.ª/Domingo

PISCINAS - EQUIP

AQUAFLOR - PISCINAS/SAUNAS
399-4900. 392-7930. Carrefour

BLUE SKY: EQUIP. CONSTRUÇÃO
Entrega Automática Cloro Líquido
399-3165. 399-4747 (Barra)

PLANTAS NATURAIS

PLANTIVA - VASOS - TERRAS
342-1062. Largo da Taquara

TROPIFLORA - VENDA - ALUGUEL
P/JARDINS E INTERIORES
310-1221. 310-1395. Grota
Funda. 1000 - I. de Guaratiba

PLANTAS ORNAMENTAIS - ALUGUEL

RODÍZIO MENSAL E JARDINS
236-0176. 275-7855. 237-0857

PORTAS COLONIAIS

SOB ENCOMENDA - MOV. BRASIL
234-8384. Costa Lobo, 93

PORTAS DECORATIVAS

FERRO/ALUMÍNIO - LUXO/FINANCIO
269-8647. Souza Cerqueira, 43

PROJETOS RESIDENCIAIS

LEGALIZAÇÃO E C/HABITE-SE
242-7491. E. Veiga, 41 S/603

PSICÓLOGOS

DR. CARLOS RODRIGUES
Problemas Sexuais-Fobias
267-6045. Av. Copacabana, 1226/1102

DRA. MÁRCIA-PSICODIAGNÓSTICO
Orientação Vocacional
269-9263 (2.ª a Domingo)

REFEIÇÕES À DOMICÍLIO

MASSAS: TABULEIRO A Cr$ 160,
275-3156. Zona Sul

REVESTIMENTOS

AZULEJOS - PISOS - TAPETES
201-4995 - 396-4264

IN-DECORAÇÕES - PAPEL/PAREDE
239-0349. A.M. Franco, 170-B

P/PISO - PAREDE - MAT. INÉDITO
274-7445. M.S. Vicente, 52/335

TAVARES DECOR. E CORTINAS
234-3833. S. Fco. Xavier, 342

ROUPAS - ALUGUEL

BOUTIQUE SOCIAL MODAS
TOILETTE E COMPLEMENTOS
VEST. NOIVA - CONFEC. - ALUGUEL
220-5283. Sen. Dantas, 44 S/2

MME. ROSA FAZ ALUGA VESTE
Noivas, Madrinhas, Alt. Cost.
265-1354. M. Assis, 5/202

STILE - RIGOR - SOCIAL/HOMEM
220-4497. A. Guanabara, 17/605

ROUPAS PROFISSIONAIS

ALFAIATARIA MAGAZIN LONDON
UNIFORMES CIVIS - MILITARES
233-2126. 1.º de Março, 155
256-4205. Barata Ribeiro, 354-D

SAUNAS - EQUIP

AQUAFLOR - PISCINAS/SAUNAS
399-4900. 392-7930. Carrefour

SEGURANÇA - SISTEMAS

INSTALA/CONSERTA/INTERFONES
228-5004 (Reformas)

PORTEIRO/PORTÃO ELETRÔNICO
Circuito Fechado de TV
252-9548 (Visitas Grátis)

SEGUROS

"PREDIL" CORRETORA SEGUROS
233-1022. Teófilo Otoni, 72

SOM - ALUGUEL

OSCAR-SOM/LUZ P/FESTAS
INSTALAÇÃO E CONSERTOS
246-4180. BIP 625 (2.ª a Dom.)

SOM P/AUTOMÓVEIS

A DOMICÍLIO - 2.ª DOM. - 24 HRS.
205-4718. 285-1275

TAPETES

"AVANTI" IND. DE TAPETES
Forrações Especiais S/Emendas
201-8798. Viúva Claudio, 329

TAPEÇARIA SUMARÉ
Forrações e Cortinas
Orçamentos a Domicílio
256-0892 - 256-9509 - 235-4409

TAPETES - CONSERTO

CASA JULIO/LAVA E CONSERTA
295-1545. 295-1445

TAPETES - LIMPEZA

ACAVAM-TAPETES/CORTINAS
287-4306 - 350-4150 (2.ª/Domingo)

ADELIMP LAVA/SECA LOCAL 2 HS.
257-2794 (2.ª a Dom.)

ALVA CORTAP-TAPETE/CORTINA
LAVA-TINGE-SECA LOCAL
205-7741 - 205-1897
Laranjeiras, 122

BOM JESUS CORTINAS/TAPETES
228-0801 - 232-5097 - 228-9456

TELEVISORES - CONSERTO

A TELE SERVICE DO BRAZIL
242-7381

ADMIRAL-SANYO-AUTORIZADA
ELETRÔNICA "EL ESPAÑOL LTDA."
295-3548 - 295-2144 - 295-2344
295-7894. Passagem, 146 LJ. 9

AGORA NA BARRA DA TIJUCA
Televisores e Antenas
Betamax Eng.ª de Vídeo/Ligue
399-6855. Condado de Cascais

AIRIS-SHARP/PHILCO/SANYO
258-5575 - 390-2334 (2.ª a Dom.)

ALVES-PHILCO-PHILIPS/SANYO
235-6484 - 256-2829. Z. Sul

AUT. PEREIRA LOPES IBESA
Sanyo a Cores Ass. Técnica
260-4481 - 260-8858 - 260-9260

AUTORIZ. SPRINGER ADMIRAL
246-5744. Assis Bueno, 23

BIRA: PHILIPS/PHILCO/SANYO, ETC.
267-2211 (Visitas Grátis)

DIA/NOITE TODAS MARCAS
351-3486. Major Conrado, 302

ELETR. AMERICANA: TV E SOM
226-2118 - 254-3112 (2.ª/Sábado)

PHILCO E OUTRAS MARCAS
252-5967 (Visitas Grátis)

PHILCO-PHILIPS-SEMP-ATUAL.
245-1949. C. Dutra, 59-D - Flam.

PHILCO-PHILIPS-TELEFUNKEN
269-1794 - 269-7197. Méier

TOLDOS E COBERTURAS

TOLDOS SÃO CRISTÓVÃO
289-4496. João Ribeiro, 105

TRAILLERS

FÁBRICA PINO QUENTE
Comercial - Turismo - Carretas
248-0988. 24 de Maio, 29 - BOX 9

TURISMO - AGÊNCIAS

GUANATUR - AGÊNCIAS
EMBRATUR 08048500.9
255-1271. Dias da Rocha, 16-A

LOTUS TURISMO - EXCURSÕES
EMBRATUR 080052900-6 CAT. A
240-2282. Sen. Dantas, 80 SL

VETERINÁRIOS

CLÍNICA VETERINÁRIA GÁVEA
PROF. JACINTHO MENDONÇA
246-2970. Inglês Souza, 176
286-5044. (Entrar Lopes Quintas)

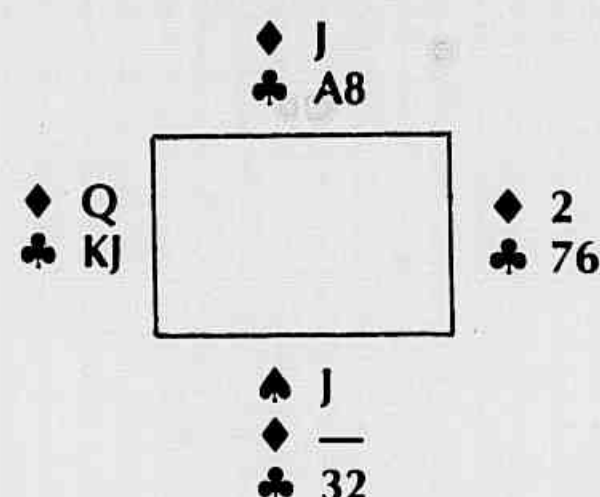
VIDRACEIROS

BRAGANÇA - MOLDURAS - VIDROS
247-1702. Gomes Carneiro, 131

VIDROS P/AUTOMÓVEIS

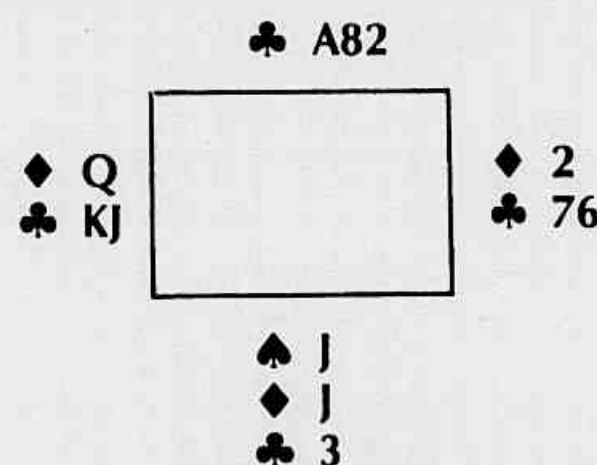
AEROPLEX
Na Hora e a Domicílio
255-4625. Barata Ribeiro, 266

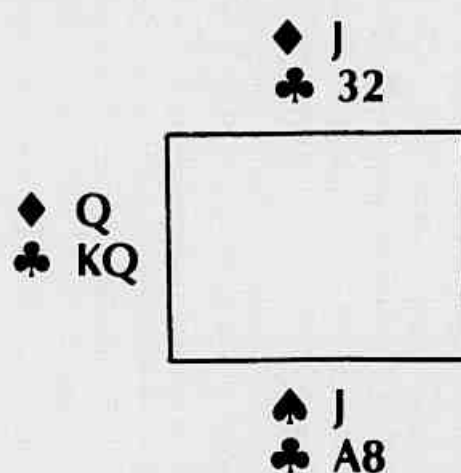
Bridge LIZZIE MURTINHO

"Squeeze" (II)

Voltando ao exemplo dado, vamos dar uma olhada nas ameaças. O J de ouros é uma ameaça de uma carta e o A8 de paus, uma ameaça de duas cartas. Experimente colocar a posição na mesa e vamos trocar um pouco as cartas: primeiro as de Este com Oeste. Não há mais *squeeze*, certo? O que foi que aconteceu?

Simplesmente as ameaças estavam antes do adversário que seria *squeezado* e você teve que baldar antes dele.

Se as duas ameaças estiverem na mesma mão, só um adversário poderá entrar em *squeeze* — o que estiver à direita da mão que tem as ameaças.

Tente uma nova troca; a posição fica assim:

O *squeeze* corre igualzinho. A única coisa que fizemos foi trazer uma das ameaças para a mão onde está a carta *squeezante*. Mas agora não há problema em trocar as mãos de Este com Oeste. Qualquer um dos dois entra em *squeeze*.

Se as ameaças estiverem divididas, podemos *squeezar* qualquer lado, mas não poderíamos nunca ter as duas ameaças do lado da *squezante* pois teríamos mais que uma perdedora.

Agora as ameaças estão divididas mas não há *squeeze*.

Tente descobrir o que aconteceu. O problema é de entradas. Não adianta nada o seu J de ouros ficar firme pois você não chega no morto.

Aprenda então a regra:

Só existe *squeeze* com pelo menos uma ameaça de duas cartas; ela deve estar do lado oposto da carta *squeezante* e ter uma entrada. A outra ameaça *squeezará* os dois lados se estiver do lado da *squeezante* e apenas o adversário da direita se estiver do lado da ameaça de duas cartas.

Áries

(21/3 a 20/4)

Vida diária: Vida profissional tranqüila. Novos contatos, novas idéias. Amigos (as) o levarão a participar de um projeto interessante. A imaginação estará fértil, e a intuição, acertada. *Amor*: Vênus em sêxtil traz excelentes perspectivas. Um novo contato será importante no futuro. Harmonia com Aquário e Virgem. *Pessoal*: O segredo do sucesso é saber improvisar. *Saúde*: Boa. *Nº*: 9. *Cor*: Verde. *Melhor dia*: Terça-feira.

Touro

(21/4 a 20/5)

Vida diária: Problemas. Urano está em oposição em seu tema. Isso não favorece o sucesso do que você empreender. Mas as finanças estão bem. Sorte para quem for secretário (a). *Amor*: Uma união baseada na mentira não tem possibilidade de sobreviver. A verdade aparecerá, cedo ou tarde. Harmonia com Capricórnio e Câncer. *Pessoal*: A teimosia leva a decisões erradas. *Saúde*: Indisposições passageiras. *Nº*: 6. *Cor*: Bege. *Melhor dia*: Sexta-feira.

Gêmeos

(21/5 a 21/6)

Vida diária: Semana ativa, dinâmica, muitos projetos novos, idéias e contatos. Possibilidade de uma viagem de negócios. Não se precipite: o acaso o (a) favorece. Boa sorte para massagistas e cabeleireiros (as). *Amor*: Finalmente a conquista de alguém que você sempre quis. Harmonia com Leão e Capricórnio. *Pessoal*: Saiba manter a calma em qualquer ocasião. *Saúde*: Boa forma. *Nº*: 7. *Cor*: Ocre. *Melhor dia*: Sábado.

Câncer

(22/6 a 22/7)

Vida diária: Sucesso para quem lida com o público. Os projetos serão favorecidos por pessoas influentes que o (a) admiram há muito. *Amor*: Semana importante. Favorece uma conversa franca com a pessoa amada e renova o entusiasmo numa ligação antiga. Harmonia com Touro e Leão. *Pessoal*: Divirta-se. O trabalho não é tudo. Não pense apenas em suas obrigações. *Saúde*: Excelente forma física. *Nº*: 10. *Cor*: Rosa. *Melhor dia*: Segunda-feira.

Leão

(23/7 a 22/8)

Vida diária: Dificuldades financeiras. Pequenos atritos no trabalho: respeite as opiniões alheias. Evite especulações e jogos de azar. Cuidado para quem for comerciante. *Amor*: Evite as discussões — podem se transformar em brigas sérias. Harmonia com Carneiro e Câncer. *Pessoal*: Não almeje o lugar de outra pessoa. *Saúde*: Faça esporte para manter a forma. *Nº*: 11 *Cor*: Preto e branco. *Melhor dia*: Quarta-feira:

Virgem

(23/8 a 22/9)

Vida diária: Semana tranqüila, sem maiores novidades. Aproveite para organizar sua vida e arrumar seus papéis e documentos. Tudo bem nas finanças. *Amor*: Acontecimentos inesperados animarão suas conquistas. Harmonia com Câncer e Aquário. *Pessoal*: Muita prudência. Cuidado com as crianças. *Saúde*: Perigo de intoxicação. Diminua ou corte o cigarro e as bebidas. *Nº*: 8. *Cor*: Bege. *Melhor dia*: Terça-feira.

Balança

(23/9 a 23/10)

Vida diária: Muita atenção — evite assinar documentos, empreender novas associações e começar negócios. Cuidado com as brigas no trabalho e os problemas legais. Finanças neutras, mas não especule. *Amor*: Tantas aventuras o(a) estão prejudicando. Harmonia com Leão e Touro. *Pessoal*: Não confunda originalidade com extravagância. *Saúde*: Vigie sua alimentação para não sair da linha. *Nº*: 4 *Cor*: Bege. *Melhor dia*: Domingo.

Escorpião

(24/10 a 21/11)

Vida diária: Recebimentos em dinheiro, satisfações materiais, alegria de viver. Harmonia com os colegas de trabalho, melhor para quem for secretário(a) ou contador(a). Estudos favorecidos. *Amor*: Cuidado para não enciumar a pessoa amada. Harmonia com Peixes e Balança. *Pessoal*: A boa intenção nem sempre evita o erro. *Saúde*: Nada de excesso. Mantenha um ritmo de vida regular. *Nº*: 3. *Cor*: Turquesa. *Melhor dia*: Sexta-feira.

Sagitário

(22/11 a 20/12)

Vida diária: Boas razões para voltar a ser otimista — surpresas no plano financeiro, propostas interessantes, muito sucesso. Tudo o que iniciar agora será bem sucedido, principalmente quem trabalha em indústria. *Amor*: Venus mal aspectada traz ciúmes e tensões. Harmonia com Carneiro e Câncer. *Pessoal*: Seja prudente acima de tudo. *Saúde*: excelente forma física. *Nº*: 6 *Cor*: Havana. *Melhor dia*: Quinta-feira.

Capricórnio

(21/12 a 20/1)

Vida diária: Finanças estáveis, pode fazer investimentos com segurança. Tranqüilidade no trabalho, tarefas do seu agrado. Sorte para os profissionais liberais. *Amor*: Com cuidado e paciência, a paz voltará às suas relações sentimentais. Harmonia com Peixes e Aquário. *Pessoal*: Tudo vai bem, mas atenção às suas palavras — elas podem ferir alguém. *Saúde*: Cuidado com problemas circulatórios. Nº 2. *Cor*: Lilás. *Melhor dia*: Sexta-feira.

Aquário

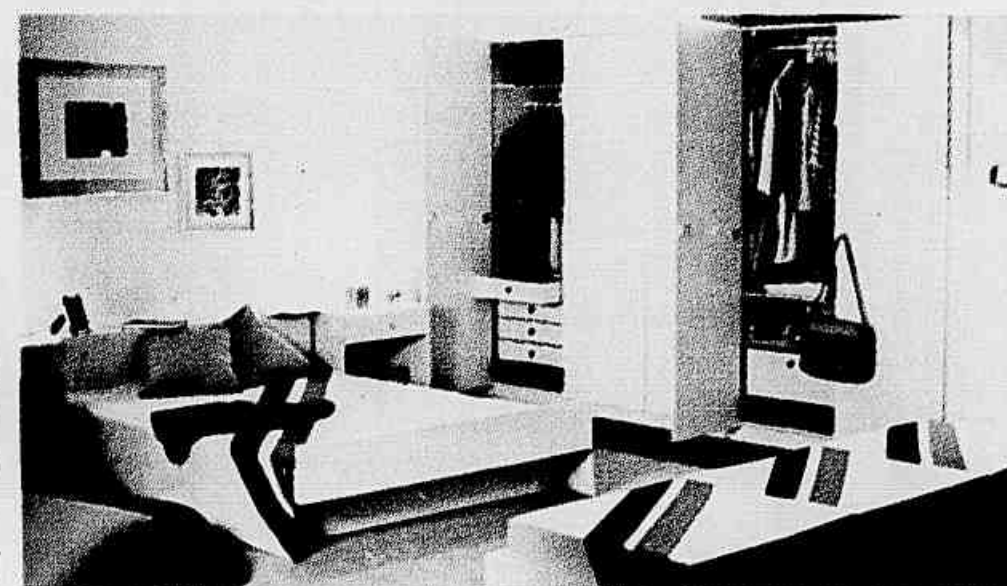
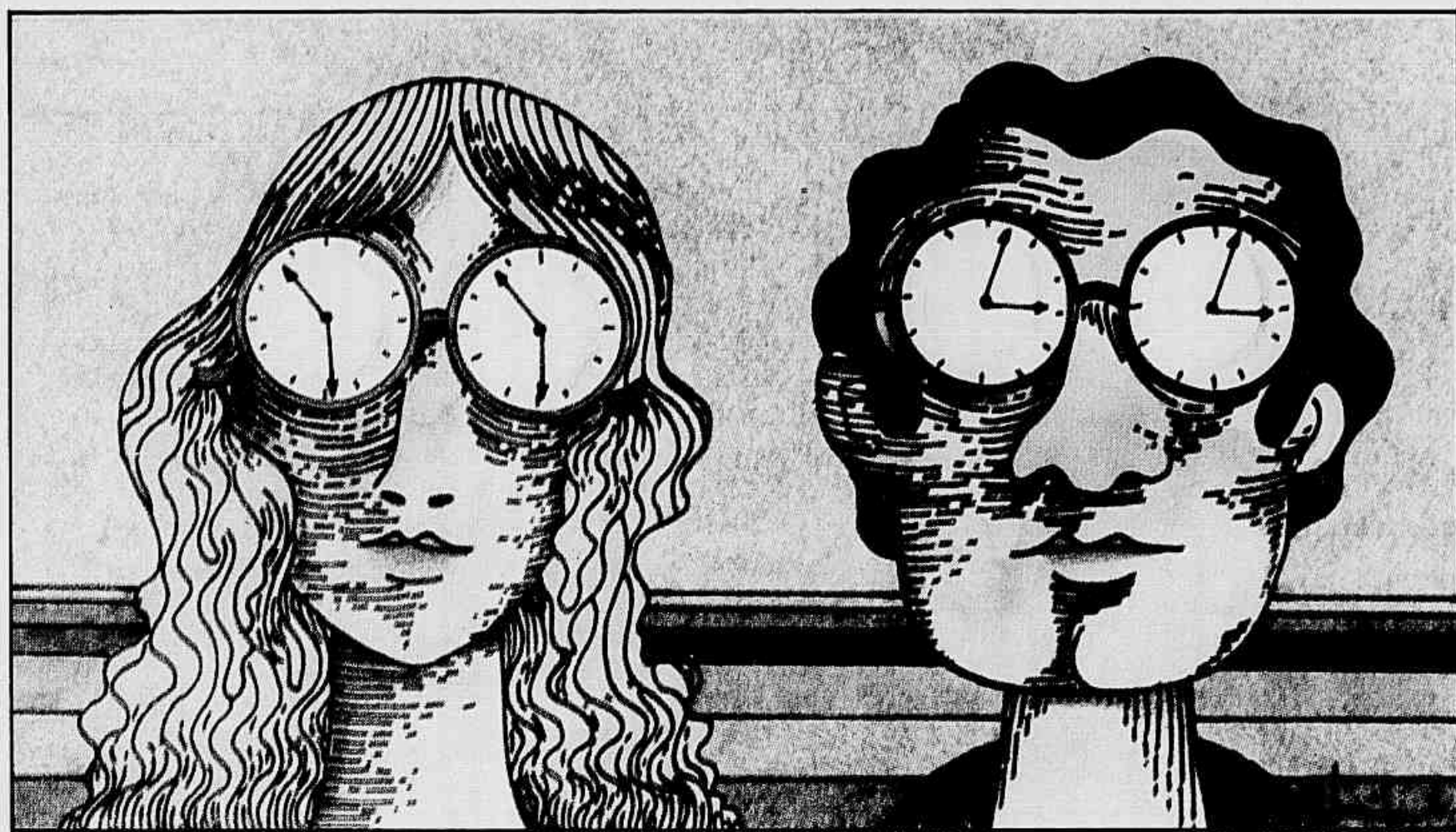
(21/1 a 18/2)

Vida diária: Boa semana, mas não especule e vigie as despesas. Os estudos e as viagens estão favorecidos. Sorte para quem trabalha no comércio. *Amor*: A intuição acertada garante sucesso na vida afetiva. Alegrias no lar. Harmonia com Carneiro e Virgem. *Pessoal*: Não recuse os convites de seus amigos. *Saúde*: Cuidado com seus intestinos. *Nº 5*. *Cor*: Laranja. *Melhor dia*: Segunda-feira.

Peixes

(19/2 a 20/3)

Vida diária: Nada será fácil esta semana, mas não desanime: um obstáculo pode ser um incentivo. Os estudos correrão bem, novas propostas surgirão. Sorte para os jornalistas e massagistas. *Amor*: Solteiros(as), evitem as aventuras — os riscos são grandes. Harmonia com Câncer e Leão. *Pessoal*: Desculpas não atenuam seus acessos de mau humor. *Saúde*: Descanse mais. *Nº*: 4. *Cor*: Azul. *Melhor dia*: Quinta-feira.

MIGUEL PAIVA

PESQUISA (II)

O homem vai abrir a porta. Tem uns 35 ou 36 anos. Mora sozinho num apartamento da Zona Sul. Na porta está uma moça — cabelo desgrenhado, sandálias de couro — com um gravador a tiracolo. O homem diz "Eu não recebo jornalista" e bate com a porta. A campainha toca de novo. O homem fica irritado. Desde que souberam das suas experiências que eles não o deixam em paz. É jornal. É televisão. É revista. Não adianta ele dizer que tudo que querem saber estará no seu livro, "Contra tempo". Eles não querem esperar. A campainha continua tocando. Ele abre a porta, pronto para dizer uns desaforos. Mas a moça não deixa ele falar. Grita:
— É pesquisa! É pesquisa!
— Mas não tem nada para pesquisar!
— Tem sim. Foi neste apartamento que morou o Jaime Ourinhos e eu...
— Morou, não. Mora.
— Como, mora?
— Eu sou o Jaime Ourinhos.
A moça faz uma cara de espanto. Diz:
— Você é descendente?
— Descendente de quem?
— Do Jaime Ourinhos?
— Eu *sou* o Jaime Ourinhos.
— Não, eu digo do velho Jaime Ourinhos.
O homem força a memória. Teve algum antepassado com o mesmo nome? Não teve. Pelo menos nenhum que merecesse pesquisa. De repente, se dá conta. É truque. Esses jornalistas...
— Já vi tudo. Você está querendo me confundir para poder entrar. Mas não vai entrar.
Ele começa a fechar a porta. A moça tranca a porta com o pé. Tem as unhas do pé pintadas de roxo.
— Espere. Espere! É pesquisa mesmo. Descobri que foi neste apartamento que Jaime Ourinhos escreveu seu livro e...
— Que livro?
— Como, que livro? O livro.
— Quem foi esse Jaime Ourinhos, afinal?
— Não vai me dizer que nunca ouviu falar no Jaime Ourinhos.
— Em mim eu já ouvi falar. No seu Jaime Ourinhos, não sei.
— No meu Jaime Ourinhos, não. No famoso Jaime Ourinhos. O homem que revolucionou a ciência com as suas experiências com o tempo. O homem que...
— Espere.
O homem sente, pela primeira vez, uma pontada de medo. Ou de excitação. Pergunta:
— Como é o título do livro?
— *Contra tempo*.
O homem prende a respiração. No seu espanto, nem nota que a moça entrou no apartamento, com o gravador ligado e o microfone na mão, e está falando com ele.
— O que é que você faz?
— Hein?
— O que é que você faz?
— Eu, ahn, faço experiências. Estou desenvolvendo uma teoria sobre a simultaneidade do tempo, sobre como vencer o tempo e a morte e...
— Mas isto foi exatamente o que o meu Jaime Ourinhos fez!
— E estou escrevendo um livro sobre as minhas experiências...
— Como é o título do livro?
— *Contra tempo*.
— Mas esse já tem! — exclama a moça.
E de repente ela também se dá conta de alguma coisa. Não sabe bem o quê. Ele continua:
— Na sua pesquisa, o que você já descobriu sobre Jaime Ourinhos?
— Bom, quase tudo. Falei com a mãe dele. Com colegas. Pesquisei tudo sobre o incidente na entrega do Nobel.
— Ele ganhou o Nobel de Física?
— Não. É por isso que houve o incidente.
— A mãe dele ainda está viva?
— Morreu este ano.
— E... ele? Já morreu?
— Já. Há uns 10 anos.
— Com que idade?
— Espera aí. Quem está fazendo a pesquisa sou eu.
— Você não está vendo o que aconteceu? Isto é a prova!
— Que prova?
— Que as minhas experiências estão certas! Estamos vivendo em dois tempos simultaneamente. Você no meu futuro, eu no seu passado. Eu sou o *seu* Jaime Ourinhos. Que mais você sabe sobre mim? Sobre o que vai acontecer comigo?
— Sei tudo sobre o Jaime Ourinhos. Menos o período em que ele passou neste apartamento, escrevendo o livro. Aliás...
— O quê?
— Foi aqui que...
— Continue!
— Ele estava irritado com a imprensa. Um dia uma jornalista bateu na porta e...
— E?
— E nunca mais foi vista.
— Como foi que ele explicou o desaparecimento dela?
— Disse que ela passara a viver em outro tempo. Que se intrometera nas suas experiências e acabara transportada para outro tempo...
— E acreditaram nele?
— Naquela época, estavam acreditando em tudo. Foi o desaparecimento da moça que tornou ele famoso. Por isso o seu livro foi um sucesso.
— Se a moça não tivesse desaparecido, ele não teria sido um sucesso?
— Bom, é difícil dizer...
— Mas é claro! Você é aquela moça. Você precisa desaparecer para que minhas experiências me tragam fama e fortuna!
O homem avança para a moça. Ela recua, sem largar o microfone. Diz:
— Só tem uma coisa...
— O quê.
— O Prêmio Nobel.
— O que é que tem?
— Ele só não ganhou porque havia dúvidas sobre o desaparecimento da moça. Senão teria ganho.
O homem pára. Precisa pensar naquilo. A moça aproveita para examinar o apartamento.
— Dá licença de dar uma olhada? Me diga uma coisa, você está em que altura do livro? Escreve à mão ou à máquina? Qual é sua rotina diária? Posso olhar a cozinha?

ADORN. O BRILHO NATURAL.
NOVO
Shampoo
Adorn
Cabelos Secos
NOVO
Shampoo
Adorn
Cabelos Normais
NOVO
Shampoo
Adorn
Cabelos Oleosos